Dr. Ragueb El Serjani

O QUE OS MUÇULMANOS OFERECERAM AO MUNDO

As **contribuições** dos **muçulmanos** à **humanidade**

Volume 1

Tradução: **Sheikh Ahmad Mazloum**



★★★
Ganhador do "Prêmio Mubarak" para Estudos Islâmicos

O QUE OS MUÇULMANOS OFERECERAM AO MUNDO

As **contribuições** dos **muçulmanos** à **humanidade**

Copyright © Armando Osman Mazloum

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

El Serjani, Ragueb
O que os muçulmanos ofereceram ao mundo : as contribuições dos muçulmanos à humanidade / Ragueb El Serjani ; tradução Sheikh Ahmad Mazloum. -- São Paulo : Ed. do Autor, 2017.

'Ganhador do 'Prêmio Mubarak' para Estudos Islâmicos'
ISBN: 978-85-923056-0-4

1. Islamismo - História 2. Muçulmanos I. Título.

17-01712 CDD-909.0917671

Índices para catálogo sistemático:

1. Islã : Civilização : História 909.0917671
2. Islamismo : Civilização : História 909.0917671

Dr. Ragueb El Serjani

Ganhador do "Prêmio Mubarak"
para Estudos Islâmicos

O QUE OS MUÇULMANOS OFERECERAM AO MUNDO

As **contribuições** dos **muçulmanos**
à **humanidade**

Volume 1

Tradução: **Sheikh Ahmad Mazloum**

SUMÁRIO

Introdução do Autor **9**

Parte 1 – A Civilização Islâmica entre as Civilizações Anteriores **21**
Primeiro Capítulo – As Civilizações Mundiais Quando do Surgimento do Islam 23
1 – A Civilização Grega 24
2 – A Civilização Indiana 27
3 – A Civilização Persa 29
4 – A Civilização Romana 33
5 – Os Árabes antes do Islam 38
6 – Uma Visão Geral sobre o Mundo antes do Islam 41
Segundo Capítulo – As Raízes e os Afluentes da Civilização Islâmica 43
1 – O Alcorão Sagrado e a Sunnah do Profeta 44
2 – Os Povos Islâmicos 47
3 – A Abertura Frente aos Outros 52
Terceiro Capítulo – As Particularidades da Civilização Islâmica 55
1 – A Universalidade 56
2 – A Unicidade 59
3 – A Moderação e o Equilíbrio 63
4 – A Gradação Moral 68

Parte 2 – As Contribuições dos Muçulmanos no Campo da Moral e dos Valores **71**
Primeiro Capítulo – No Assunto dos Direitos 73
1 – Os Direitos do Ser Humano 74
2 – Os Direitos da Mulher 78
3 – Os Direitos dos Serventes e Empregados 82
4 – Os Direitos dos Doentes e Pessoas com Deficiência (PCD) 86
5 – Os Direitos do Órfão, do Necessitado e da Viúva 89

6 – Os Direitos das Minorias 92
7 – Os Direitos dos Animais 96
8 – Os Direitos do Meio Ambiente 100
Segundo Capítulo – No Assunto das Liberdades 105
1 – A Liberdade de Crença 106
2 – A Liberdade de Pensamento 108
3 – A Liberdade de Expressão 110
4 – A Liberdade Pessoal 113
5 – A Liberdade de Posse 117
Terceiro Capítulo – No Assunto da Família 121
1 – Os Cônjuges 122
2 – Os Filhos 126
3 – Os Pais (A Pequena Família) 133
4 – Os Parentes (A Família Maior) 136
Quarto Capítulo – No Assunto da Sociedade 139
1 – A Irmandade 140
2 – A Solidariedade 144
3 – A Justiça 150
4 – A Misericórdia 154
Quinto Capítulo – Os Muçulmanos e as Relações Internacionais 159
1 – A Paz é o Princípio no Islam 160
2 – Os Tratados com os Não-Muçulmanos 163
3 – As Razões e os Objetivos da Guerra no Islam 170
4 – A Ética da Guerra no Islam 173

Parte 3 – A Fundação Científica 177
Primeiro Capítulo – O Islam e Uma Nova Visão Sobre a Ciência 179
1 – Não Existe Controvérsia entre a Ciência e a Religião 180
2 – A Universalidade da Questão Científica... Conhecimento ao Alcance de Todos 188
Segundo Capítulo – O Islam e a Mudança do Pensamento dos Cientistas 191
1 – O Sistema Experimental 192
2 – O Campo Prático 196
3 – As Equipes Científicas 198
4 – A Honestidade Científica 201
Terceiro Capítulo – A Fundação Educacional 207
1 – Al Katatib (As Escolas Alcorânicas) 209
2 – As Mesquitas 218
3 – As Escolas 228
Quarto Capítulo – As Bibliotecas na Civilização Islâmica 239

1 – Os Diversos Tipos de Bibliotecas 241
2 – A Biblioteca de Bagdá (Universidade Islâmica Avançada) 244
Quinto Capítulo – A Organização dos Sábios 255
1 – A Busca do Conhecimento e a Formação dos Sábios 256
2 – O Status dos Sábios no Governo Islâmico 264
3 – *Al Ijazah*... A Certificação, Primazia Islâmica e Imitação Ocidental 270

Parte 4 – As Contribuições dos Muçulmanos nas Ciências Mundanas 273
Primeiro Capítulo – O Desenvolvimento das Ciências Aplicadas 275
1 – A Medicina... As Contribuições dos Cientistas Muçulmanos para a Medicina 276
2 – A Física 282
3 – As Ciências Ópticas 292
4 – A Geometria 297
5 – A Geografia 303
6 – A Astronomia 315
Segundo Capítulo – O Invento de Novas Ciências 325
1 – A Química 327
2 – A Farmacologia 330
3 – A Geologia 336
4 – A Álgebra 346
5 – A Mecânica 350

Parte 5 – As Contribuições dos Muçulmanos no Assunto da Crença, Pensamento e Literatura 357
Primeiro Capítulo – As Contribuições dos Muçulmanos no Conceito de Crença 359
1 – Dentre as Crenças das Nações Anteriores 360
2 – O Monoteísmo e a Reforma do Conceito de Crença 365
Segundo Capítulo – O Desenvolvimento das Ciências Conhecidas 371
1 – A Filosofia 372
2 – A História 379
3 – A Literatura 388
Terceiro Capítulo – O Invento de Novas Ciências 395
1 – A Sociologia 396
2 – Ciências Específicas da Lei Islâmica 401
3 – Ciências Específicas da Língua 411

Introdução do Autor

Todo louvor pertence a Allah; O louvamos, rogamos Seu auxílio e Seu perdão. Pedimos refúgio n'Ele dos males de nossas almas e das más ações que cometemos. E que a bênção de Allah e Sua paz estejam com o profeta enviado como misericórdia para o Universo, com sua prole, companheiros e todos os que pregam a sua mensagem até o Dia do Juízo Final.

Sempre estive, e continuo, motivado a escrever sobre assuntos como a civilização islâmica, porque jamais se conseguirá compreender a caminhada da humanidade sem se compreender, analisar e se aprofundar no estudo desta nobre civilização. Isto não ocorre somente porque ela representa um elo importante entre os elos da história, não ocorre somente porque ela uniu civilizações antigas e modernas, mas sim porque as contribuições dos muçulmanos na história da humanidade são inúmeras e importantíssimas, de maneira que não podemos assimilar o que a humanidade alcançou em seu desenvolvimento em todos os aspectos sem estudar a civilização islâmica, e com todas as suas particularidades e minuciosidades, desde a época da profecia até a atualidade. Este é um período realmente incrível da história da humanidade!

A importância de se escrever sobre este assunto aumenta com a ampliação dos ferozes ataques dirigidos contra o Islam e os muçulmanos. Faz parte das cláusulas e mecanismos destes ataques acusar os muçulmanos de atraso e retrocesso, marcá-los pela dureza e selvageria, insinuar que a violência e o terrorismo são parte de sua educação e de suas qualidades. Muitos muçulmanos, diante dessas acusações, permanecem de braços cruzados, com a língua atada, sem a capacidade de responder com algo que convença, ou defender com algo que aquieta. Esse silêncio – em sua maioria – ocorre por causa de nossa grande ignorância sobre nossas origens, nossa história, sobre nossos princípios e nossa civilização.

E, além da ausência de conhecimento que prende nossos pensamentos, temos também o desânimo e a desesperança que dominam os

sentimentos dos muçulmanos, resultado de diversos fatores pelos quais a nação muçulmana passa em nossa época. Sem dúvida, o acompanhamento do mapa político do mundo islâmico estimula muitas tristezas no coração, da mesma maneira, a situação científica, cultural e econômica – até mesmo a situação moral – sofrem grave atraso que não é adequado a uma nação tão honrada como a nação islâmica. Isso deixa na alma efeitos negativos que a conduz a uma desesperança inaceitável, e a uma negligência que não é digna.

Nessas situações nos é imprescindível retornar às nossas origens, ler a nossa história, conhecer as razões de nossa liderança e pioneirismo, porque só se reformará as últimas gerações desta nação com aquilo que serviu para a primeira geração. Por isso, nós não estudamos a História e entendemos desta civilização apenas para conhecimento teórico ou para usar tal estudo nos debates acadêmicos, mas, sim, para almejamos a reconstrução e a reforma e fazer os muçulmanos retornarem ao caminho correto, assim como objetivamos apresentar ao mundo o nosso papel na caminhada da humanidade e a nossa virtude na vida humana, não para fazer mercê e mostrar ostentação, mas apenas para atribuir o direito aos seus devidos merecedores, e também para convidar para a melhor religião que construiu a melhor nação que já surgiu na humanidade.

Mesmo que o assunto seja muito atrativo, e mesmo que eu esteja entusiasmado para escrever sobre ele, eu não escondo do querido leitor que a escrita sobre este assunto foi muito difícil!

Esta dificuldade se deve a vários aspectos: a divergência dos pensadores e dos autores sobre o conceito de civilização; a amplitude das contribuições islâmicas não em dezenas, mas centenas de campos da ciência humana no grande período de tempo em que estamos pesquisando; falamos do esforço de mais de catorze séculos. Falamos de várias regiões que foram governadas pelos muçulmanos, nas quais eles produziram, desde a Andaluzia ao Ocidente até a China ao Oriente. Foram muitas as dificuldades que fizeram a correção e a mudança ocorrerem repetidamente nesta obra. Toda vez que planejava para organizar as partes e capítulos do livro, havia mudanças a se fazer, até chegar à versão que foi publicada. Creio que, se eu o examinasse de novo, iria revirá-lo novamente!

A maior dificuldade deste assunto é a divergência clara entre os pensadores sobre o conceito de civilização, e o que ela abrange de significados e elementos. A civilização no conceito dos mais antigos era apenas habitar a cidade, e a cidade para eles é oposto do deserto, como foi expressado por

Ibn Mandhur[1], por exemplo, que disse: "A civilização é habitar a cidade, e a cidade é o oposto do deserto"[2]. Porém, o significado se desenvolveu posteriormente e abrangeu o que a vida humana exige no sistema urbano e no seu desenvolvimento quanto à produção, às ciências, às artes, às leis, entre outros elementos, que são temas sem os quais a pessoa pode viver no deserto, mas embelezam a sua vida na cidade, ou seja, significa que não são necessidades da vida segundo este conceito. Isso levou Ibn Khaldun[3] a apresentar a civilização como: "Situações normais excedentes ao necessário de aspectos de construção, excedente que varia de acordo com a variedade regional e o número populacional"[4].

A origem da palavra "civilização" nos termos europeus tem o mesmo sentido. Em inglês, a palavra "*civilization*" vem do termo latim "*civis*", que significa o civil ou o habitante urbano[5]. Significa os que habitam na cidade. Em seguida, o termo se desenvolveu entre eles assim como se desenvolveu para outros, chegando a abranger as situações das pessoas dentro da cidade. Por isso, muitas vezes, o termo "civilização" é sinônimo de "urbano", com pequenas diferenças entre os dois sentidos.

Porém, essa origem linguística não reflete as opiniões dos pensadores e filósofos de maneira a entrarem em consenso. Eles tiveram opiniões diversificadas, que não refletem apenas uma diversificação linguística, mas também refletem diferença de pensamento, de metodologia, de moral e, ainda, de crença.

Entre os pensadores, há aqueles que observaram o próprio ser humano e consideraram que o desenvolvimento de sua conduta moral seja a civilização, e esta é, sem dúvida, uma bela opinião, que estima o valor do ser humano e o eleva acima da matéria, preocupa-se com o pensamento e o sentimento ao mesmo tempo. Entre estes, por exemplo: Malik ibn Nabii[6], que apresentou a civilização dizendo: "Ela é a pesquisa pensativa e a pesquisa

1 Ibn Mandhur: Abu Al Fadhl Muhammad ibn Mukrim ibn Ali, Jamal Addin ibn Mandhur Al Anssari Al Ruaifi'i Al Ifriqui (630 – 711 d.H. / 1232 – 1311 d.C.), grande imam na área da língua, nasceu no Egito (foi dito que nasceu em Trípoli), e serviu a repartição de redação no Cairo, em seguida, foi empossado juiz em Trípoli. Retornou ao Egito, onde faleceu. Veja: Al Zirikli: Al A'alam 7 / 108.

2 Ibn Mandhur: *Lisān al-'Arab* 4 / 196.

3 Ibn Khaldun: Abu Zaid Abdurrahman ibn Muhammad ibn Khaldun (732 – 808 d.H. / 1332 – 1406 d.C.), o filósofo, o historiador, o sociólogo. Nasceu e cresceu na Tunísia. Veja: Ibn Al Imad: Shuzhurat Al Zhahab 7/ 76 e Al Sakhawi: Al dhau' Allami' 4 / 145 – 149.

4 Ibn Khaldun: Al Muqaddimah 1 / 368, 369.

5 Taufiq Al Ua'i: *A civilização islâmica comparada à civilização ocidental*, p. 31.

6 Malik ibn Nabii (1905 – 1973): pensador argelino, um dos mais destacados pensadores islâmicos da era contemporânea, especializou-se na escrita sobre a civilização e renascimento islâmico. Viveu em Paris, Cairo e Argélia. Dentre as suas mais destacadas obras estão: *As condições do renascimento*, *A aparência alcorânica* e *A face do mundo islâmico*.

espiritual"[7]. Sayid Qutub[8] também se concentra neste sentido ao dizer: "A civilização é aquilo que é concedido à humanidade de entendimentos, valores e princípios que servem para liderar a humanidade"[9]. E antes deles, Alexis Carrel[10] conceituou a civilização de maneira semelhante: "São as pesquisas racionais e espirituais, e as ciências que servem a felicidade psicológica, moral e humanitária do ser humano"[11]. E Gustave Le Bon[12] também diz algo próximo: "A civilização é o amadurecimento das opiniões, princípios e crenças, e a mudança dos sentimentos do homem para melhor"[13]. Todos estes conceitos giram em torno da preocupação do homem por si mesmo e a dimensão do desenvolvimento de seus pensamentos e morais.

Entre os pensadores, há quem considera a civilização como a produção que a humanidade oferece a serviço do ser humano. Eles não observam o íntimo do ser humano, como os donos da opinião anterior, mas olham apenas para aquilo que o ser humano produziu em sua sociedade. Podem observar a sua produção de maneira geral em todos os campos, ou podem se preocupar apenas com um aspecto. O Dr. Hussain Mu'nis[14], por exemplo, opina que a civilização é "o fruto de todo esforço empenhado pelo ser humano para a melhoria das situações de sua vida, seja este esforço para chegar a este fruto intencional ou não intencional, seja este fruto material ou moral"[15]. Ele tem uma visão geral sobre o esforço do homem e sua produção. E Will Durant[16] especifica a produção humana no campo da

---

7 Malik ibn Nabii: *As condições do renascimento*, p. 33.

8 Sayyid Qutb (1906 – 1966): Escritor, literário e pensador islâmico. Tem nobres contribuições nos assuntos da literatura e do pensamento islâmico. Mesmo com todas as dificuldades que passou em sua vida, Allah o auxiliou no complemento de sua obra considerada uma joia imortal: "fi dhilal al Qur'an" (*Às sombras do Alcorão*). Também escreveu: *Islam, a religião mal compreendida*, *Os fundamentos da doutrina islâmica* e *Islam, a religião do Futuro* e outras obras.

9 Sayyid Qutb: Al musstaqbal lihazhad din (*O futuro é desta religião*), p. 56.

10 Alexis Carrel (1873 – 1944): Médico e pensador francês, vencedor do prêmio Nobel de medicina em 1912. Estudou na França e nos EUA. Ficou conhecido no mundo do pensamento com seu livro *O homem, esse desconhecido*.

11 Alexis Carrel: *O homem, esse desconhecido*, p. 57.

12 Gustave Le Bon (1841 – 1931): Orientalista francês. Fez estudos especializados em psicologia e sociologia. Dentre os seus principais livros: *A civilização árabe*, considerado um dos principais livros publicados na época moderna na Europa, que fazem justiça à civilização árabe islâmica.

13 Gustave Le Bon: *Psicologia das multidões*, p. 17.

14 Hussain Mu'nis (1911 – 1996): Professor de história na Universidade do Cairo, ex-membro da Academia de Língua Árabe, foi diretor da Academia de Estudos Islâmicos em Madrid, trabalhou como editor-chefe da revista egípcia *Al Hilal*. Tem várias obras sobre história e civilização em árabe, inglês, francês e espanhol.

15 Hussain Mu'nis: *A Civilização*, p. 13.

16 Will Durant (1885 – 1981): Famoso historiador americano. Entre as suas principais obras: *História da Civilização*, composto de 42 volumes, na qual ele escreveu sobre a história da civilização desde a sua origem até a época moderna.

cultura e pensamento e faz dos outros aspectos da vida fatores que resultam nesta produção. Ele diz: "A civilização é um sistema social que auxilia o ser humano no aumento de sua produção cultural com quatro elementos: as fontes econômicas, os sistemas políticos, as crenças morais e o acompanhamento das ciências e artes"[17].

E há quem vê a civilização com visão material e a considera dos assuntos de entretenimento, que resultam no conforto do ser humano e no facilitamento de sua vida. Desta maneira, eles não olham para o íntimo do ser humano, e não olham para as crenças e pensamento nem para a educação moral e princípios. Este último grupo se divide em dois tipos: os amantes da matéria, mergulhados na recusa dos princípios e valores como alguns dos principais fatores para a avaliação de uma nação ou sociedade. Estes são a maioria dos antirreligiosos, entre eles comunistas e capitalistas, que consideram a civilização e a urbanização sinônimos. O Dr. Ahmad Shalabi[18] escreve sobre o conceito de civilização para este grupo: "É o progresso nas ciências exatas e experimentais, como a medicina, a engenharia, a química, a agronomia, produção e inovações eletrônicas"[19].

E dentre os que fazem parte deste grupo, há os que recusam a moralidade com veemência, como por exemplo: Nietzsche[20] e outros filósofos que dizem: "A civilização é eliminar a justiça e a moral, e deixar a nossa natureza livre para fazer o que quiser, mesmo que isto resulte na caminhada sobre os cérebros...", até que chegam a dizer: "A moralidade é apenas invenção dos fracos para limitar o poder dos fortes, então, que declaremos guerra contra a moralidade!"[21]

No entanto, outro grupo dos materialistas – segundo seus escritos – não quiseram minimizar o valor da moralidade, apenas consideraram que a civilização é um termo absolutamente material que não tem relação com a conduta do ser humano. Isso se mostra claro nas palavras de Ibn Khaldun, por exemplo, que disse:

> A civilização é o aprimoramento da comodidade, o domínio de seus aspectos e o empenho nas artes que podem ser desenvolvidas, dentre

17 Will Durant: *História da Civilização*, 1 / 9.

18 Ahmad Shalabi: Um dos mais destacados historiadores egípcios na era contemporânea, formou-se em Dar Al Úlum e trabalhou como professor em várias universidades egípcias, árabes e islâmicas. Dentre as suas obras mais destacadas: *Enciclopédia da história Islâmica*, em dez volumes; *Enciclopédia da Civilização Islâmica*, em dez volumes.

19 Ahmad Shalabi: *A civilização islâmica*, 2 / 20.

20 Nietzsche (1844 – 1900): Filósofo e poeta alemão. Estudioso clássico, um dos mais principais ocidentais. Influenciou muitos dos filósofos, escritores e psicólogos no século XX. Entre os seus livros: *Assim falou Zaratustra* e *Além do bem e do mal*.

21 André Carsh: O Problema moral e os filósofos, p. 32.

> as profissões relacionadas à alimentação, ao vestuário, à construção, à mobília, aos utensílios e todas as situações da residência, e este aprimoramento requer muitas obras[22].

Sem dúvida, Ibn Khaldun não intencionou tirar a moral e os valores da civilização, porque ele confirma o papel evidente que a educação moral tem na construção das nações, porém – como citei – ele considera "civilização" um termo que qualifica a vida civil e o que a segue em seu desenvolvimento.

Assim sendo, existem muitos conceitos sobre o significado da civilização; isso significa que o assunto não tem consenso entre os sábios e pensadores. A razão disso pode ser a novidade do termo, por isso carrega significados variados para cada pensador. A razão desta falta de consenso também pode estar na divergência dos princípios e ideologias de cada escola do pensamento humano. Todos estes conceitos diferentes – que são contrários ou complementares – tornam o estudo sobre a civilização difícil, que precisa do empenho do pensamento de todos os participantes na pesquisa sobre a civilização.

Na minha opinião: a civilização é a capacidade do ser humano em estabelecer uma relação correta com o seu Senhor e com os humanos com os quais vive e também com o meio ambiente e todas as suas riquezas.

E creio que quanto mais esta relação se eleva, mais esta civilização progride e se desenvolve; e quanto mais esta relação diminui e enfraquece, mais o ser humano torna-se retrógrado.

Com isso, a civilização, segundo meu conceito, são três relações: é o resultado da interação entre o ser humano e o seu Senhor de um lado, e entre o ser humano e o restante das pessoas, com a variação de seus níveis e qualidades, por outro lado. E, em terceiro e último plano, entre o ser humano e o meio ambiente e todas as suas criaturas, incluindo animais, aves, peixes, árvores, terras, tesouros, entre outras criações existentes.

E o auge da civilização é o ser humano conseguir estabelecer a melhor relação nos três círculos, e o auge do atraso é o fracasso em todos eles. Esta relação é ordenada de cima abaixo, e o nível de civilização varia de uma sociedade para outra de acordo com a variação dessas relações agrupadas.

É claro neste conceito que existem sociedades civilizadas em uma área. Mais ainda: uma sociedade pode estar no auge da civilização numa área, enquanto está muito antiquada em outra esferas da civilização.

O ser humano que consegue submeter a matéria que existe ao seu redor para lhe proporcionar conforto e para lhe garantir felicidade inventa

22 Ibn Khaldun: *Al Muqaddimah*, 2 / 879.

equipamentos, desenvolve inovações e domina o uso de tudo isso sem ferir os outros elementos da natureza ou prejudicá-los – este ser é civilizado nesta relação, que é a relação do terceiro tipo, como citamos –, a relação do homem com o meio ambiente. No entanto, você pode encontrar o mesmo indivíduo civilizado negando a existência do Criador (exaltado seja) ou negligenciando a adoração a Ele e a dependência d'Ele conforme o exigido do ser humano para compor uma relação correta entre ele – como servo – e Deus – como Senhor e Criador. Desta maneira, este indivíduo é extremamente atrasado nesta área.

Por outro lado, esta pessoa pode até tratar bem seus filhos, pais, esposa e vizinhos, relacionar-se com eles com nobre conduta e elevados valores. Pode ser uma pessoa civilizada nesta área, porém, pode ter um mau relacionamento com o meio ambiente, não respeitar as aves ou os peixes, destruir, molestar, atirar e ultrapassar os limites, tornando-se retrógrado nesta área, e assim por diante.

Este indivíduo ainda pode ser civilizado em alguma destas áreas de um lado, e ser retrógrado na mesma área em outro lado! O ser humano que bem se relaciona com seus parentes, sua sociedade e sua nação é um indivíduo civilizado, porém, ele pode não ter uma boa relação com as outras sociedades humanas, ele não se relaciona com eles com a equidade com a qual se relaciona com seus familiares, nem com a compaixão que ele tem com a sua nação. Nesta situação, esta pessoa é retrógrada, e de acordo com a sua injustiça e corrupção se mede o seu atraso.

O indivíduo que inventa uma arma moderna é civilizado se a utilizar para se defender, para estabelecer a verdade e a justiça, para realizar a liberdade e a bondade. Porém, se ele utilizar esta arma moderna na injustiça e corrupção, ele é uma pessoa retrógrada, mesmo que tenha alcançado o auge da realização humana na tecnologia e inovação.

Com estas três medidas, iremos mudar muitas das nossas sentenças sobre as sociedades que vivem ao nosso redor. Os países que são denominados hoje civilizados, como por exemplo EUA, Grã Bretanha, França e outros, podem ser realmente civilizados no desenvolvimento do meio ambiente, no uso de suas riquezas, podem ser considerados civilizados na realização de alguns campos dos direitos do ser humano e dos animais, porém, podem ser retrógrados na realização de algumas regras morais dentro ou fora de suas sociedades. Portanto, aquele que mantém relacionamento fora do casamento – que resulta em grande corrupção na sociedade, libertinagem, mistura das descendências e perdição dos filhos – não pode ser considerado civilizado. Quem abandona seus pais e desliga os laços com

seus parentes não pode ser considerado civilizado. Aquele que ingere bebida alcoólica, negocia com juros, consome drogas, fundamenta os jogos de azar e regra a prostituição, também não pode ser considerado civilizado. Aquele que tem dois pesos e duas medidas, e lança a injustiça sobre os povos fracos e devora as riquezas dos mais fracos, também não pode ser considerado civilizado.

Estes povos também são extremamente retrógrados na relação com o Criador deles: quem recusa a ideia da divindade mesmo com a existência das mais evidentes provas da existência de Deus, Seu poder e Seu milagre não pode ser, de maneira alguma, considerado civilizado. Aquele que aceitou se prostrar a um ser humano ou a uma pedra ou a uma vaca, também não pode ser civilizado... e isto não significa que recusamos que eles sejam civilizados em outras áreas da vida, como a inovação de sistemas benéficos, equipamentos úteis para o ser humano, entre outras realizações. Porém, esta é uma importante área que deve ser considerada.

Com essas medidas, eu posso dizer, sem parcialidade ou agrado: a civilização islâmica é a única civilização no Universo que realizou e foi vencedora nas três relações, isto é, a civilização que tem uma ideia correta sobre o Criador (exaltado seja) e entende como adorá-Lo verdadeiramente, a civilização que fez da realização da boa conduta e moral um dos seus mais importantes papéis depois da adoração a Allah (exaltado seja). A civilização islâmica se relacionou em boa conduta com todos os membros de sua nação, seja próximo ou distante e, em seguida, ultrapassou os limites da própria nação, para se relacionar bem com todos os opositores, sendo a primeira nação a introduzir o termo "ética de guerra" para a humanidade, ou seja: os muçulmanos, mesmo em situação de guerra e de extrema discórdia com os outros, respeitam as regras morais e se relacionam com a civilidade que devem ter como muçulmanos. A civilização islâmica testemunhou a entrada de uma mulher no Inferno por ter prendido uma gata[23], também testemunhou a entrada de um homem no Paraíso por ter dado de beber a um cão. Em outra narração: uma prostituta que deu de beber a um cão[24]. A civilização islâmica contribuiu

23 É narrado por Abu Hurairah que o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) disse: "Uma mulher foi castigada por causa de uma gata, não a alimentou, não a deu de beber e não a deixou comer das folhas da terra". Al Bukhari (2236) e Muslim (2242).

24 É narrado por Abu Hurairah que o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) disse que: "Um homem viu um cão comendo a terra de tanta sede, o homem pegou sua bota e colheu água para ele até o satisfazer. Allah o recompensou e o introduziu no Paraíso". Al Bukhari (171) e Muslim (2244). Em outra narrativa de Abu Hurairah, o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) disse: "Enquanto um cachorro rodeava um poço quando estava a morrer de sede, uma das prostitutas dos filhos de Israel o observou, então tirou a sua meia e lhe deu de beber. Então, ela foi perdoada" (*Al Bukhari: Livro dos Profetas* (3280), e *Muslim: Livro da Paz* (2245).

diretamente para o desenvolvimento de várias ciências, como a medicina, a engenharia, a astronomia, a química, a física, a geografia, entre outras.

Deste ponto de vista, a civilização islâmica é a única que alcançou o auge do progresso em todas as áreas, enquanto outras civilizações têm deficiência em uma ou em várias áreas. A partir daqui, entendemos o dizer de Allah (exaltado seja): ***Sois a melhor nação que já surgiu para a humanidade*** (Ali Imran: 110). Isto não é um fato passageiro que não tem fundamento. Isto ocorreu porque com o sábio sistema islâmico, alcançamos a situação de uma sociedade desenvolvida e civilizada, que trouxe felicidade aos muçulmanos e aos não-muçulmanos, da qual se beneficiou toda a humanidade e, assim, nos tornamos a melhor nação.

Também somos os únicos que conhecemos as regras saudáveis, com as quais sentenciamos sobre o desenvolvimento ou atraso de um dos elementos da civilização. Muitos dos humanos adoram o que adoram, porém, a medida correta da adoração só existe entre os muçulmanos. Muitos dos humanos se relacionam com certas regras morais, mas podem divergir na definição desta moralidade e sua medida: o que é denominado justiça em uma sociedade pode ser considerado injustiça em outra, o que alguns consideram o auge da misericórdia, pode ser aos olhos dos outros o auge da rigidez, e a medida correta disto você só encontra no Islam, onde está a Lei que Deus (exaltado seja) preservou para os humanos.

Isto significa que a incumbência de sentenciar sobre as diversas sociedades no que diz respeito à civilização e atraso foi concedida à nação islâmica com o sistema que Deus revelou para ela. Entendemos este significado de forma clara no dizer de Allah (exaltado seja): ***E para que sejam testemunhas sobre os humanos*** (Al Hajj: 78). Portanto, nós testemunhamos que a sociedade romana foi civilizada em tal campo e foi retrógrada em outro campo, e também testemunhamos sobre a sociedade persa, indiana ou chinesa. Testemunhamos também sobres as sociedades europeias e americanas modernas, bem como sobre as sociedades que existirão até o Dia da Ressurreição. Ainda mais – e este é um fato incrível –, testemunhamos sobre as sociedades que antecederam a nação islâmica! Não vimos estas sociedades pessoalmente, porém, conhecemos as suas notícias com a informação do Criador (exaltado seja) no Alcorão Sagrado, e também através do Nobre mensageiro (a paz esteja com ele) na Sunnah. Entendemos isso do relato narrado por Abu Said Al Khudri, que disse:

> Disse o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele): "Noé chegará junto com a sua nação, e Allah dirá: "Transmitistes?". Noé responderá: "Sim,

> meu Senhor". Allah dirá para a nação de Noé: "Ele vos transmitiu?". Eles dirão: "Não, não chegou-nos nenhum profeta". Então, Allah dirá a Noé: "Quem testemunha para ti?". Noé dirá: "Muhammad (a paz esteja com ele) e sua nação". Então, testemunharemos que ele transmitiu. Este é o (significado do) dizer de Allah (exaltado seja): ***E assim, vos fizemos uma nação de centro para que sejam testemunhas sobre os humanos*** (Al Baqarah: 143)"[25].

Portanto, neste livro, nós não descrevemos uma civilização comum que tem similares ou semelhantes, nós descrevemos "a nação modelo", com a qual todas as sociedades devem se medir. Nós perceberemos isso ao ler as páginas deste livro, no qual não me esforcei em abranger tudo, porém isso é impossível. Citei apenas algumas introduções e abri algumas portas para adentrarmos num mar que não tem limitação, o mar da civilização islâmica.

Deve ser claro na história da civilização islâmica que o segredo de seu sucesso e vitória era a relação forte com o Livro de Deus (o Alcorão Sagrado) e com a Sunnah do mensageiro (os ditos, ações e biografia do profeta Muhammad, a paz esteja com ele), por serem as duas fontes que levaram à fortificação da relação do muçulmano com o seu Senhor, sua sociedade e seu meio ambiente. Nestas duas fontes estão as regras e leis minuciosas e definitivas, que garantem o estabelecimento de uma nação reta e elevada em todas as áreas, até mesmo as áreas materiais e as áreas de entretenimento, mostrando-se como uma firme legislação.

Sabemos que a história dos árabes não indicava, em nenhuma situação, que os árabes se tornarão líderes mundiais e fundadores da mais profunda civilização do mundo, não existe nenhuma justificação racional de sua liderança, progresso e inovação além de seu apego ao Islam e seus princípios. Omar despertou-se a isso ao dizer: "Éramos o povo mais humilhado, e Allah nos enobreceu (nos tornou fortes) com o Islam. E por mais que busquemos a nobreza fora daquilo com o qual Allah nos enobreceu, Ele nos humilhará"[26]. Aqui, podemos responder a uma pergunta que irá se repetir na mente de quem ler este livro, que é: se nós chegamos a esta situação extraordinária de progresso e desenvolvimento, então, por que chegamos à nossa situação de hoje, com todas as crises, problemas, declínio e atraso?!

---

25 Narrado por Al Bukhari: *Livro dos profetas* (3161).

26 Narrado por Al Hakim: *Al Mustadrak*, 1 / 130.

A resposta clara desta pergunta é que os muçulmanos abandonaram as razões de sua força, negligenciaram o Alcorão e a Sunnah, com tudo que estas duas fontes têm de regras e leis imortais. E ainda mais que isso, os muçulmanos foram atentados com o Ocidente, uma sedição que os fez procurar na civilização ocidental as razões da força e dos meios para o progresso. Eles não perceberam que a civilização ocidental, mesmo tendo se elevado em uma área, declinou em várias outras, e não perceberam que, ao fim de tudo, ela é uma produção de seres humanos, que acertam e erram. Porém, o Islam é uma Lei firme, que não possui falsidade nem erros.

Devemos confiar em nossa religião e Lei, devemos ter confiança prática que nos estimula a ter orgulho do Islam e ter força nele, que nos incentiva a nos elevar também sobre as outras civilizações humanas, não por ostentação e soberba, mas por convicção naquilo que temos em nossas mãos e por compaixão pelos que vivem ao nosso redor, pois os humanos podem cair em desastre – ou até mesmo desastres – sem perceberem, e não há salvação senão na civilização dos muçulmanos. Este significado esteve muito claro nas palavras de Gustave Le Bon, ao dar a sua opinião sobre a civilização islâmica:

> A civilização dos árabes muçulmanos introduziu as nações europeias selvagens ao mundo da humanidade. As universidades do Ocidente não conheceram fontes científicas além das obras dos árabes, foram eles que civilizaram a Europa material, racional e moralmente. A história não conhece uma nação que produziu o que eles produziram[27].

A pergunta que deve nos ocupar depois da leitura minuciosa e do estudo profundo deste livro é: o que devemos fazer depois de termos lido estas páginas e termos entendido este abençoado esforço que foi empenhado por nossos antecessores em todas as áreas?!

Esta é uma pergunta importantíssima. E esperamos que a resposta seja o início do caminho para retornarmos à nossa posição, que Deus quer para nós. Quanto à resposta, a deixo para o fim do livro, depois de terem se encantado em vossa viagem nas profundezas da história islâmica.

Então, vamos para as páginas do livro, e Allah é o auxiliador para a senda reta.

Dr. Ragueb El Serjani

27 Gustave Le Bon: A civilização árabe, p. 276.

Parte 1

A Civilização Islâmica entre as Civilizações Anteriores

A civilização islâmica salvou o mundo das trevas da ignorância, do atraso e da decadência moral e de valores que reinavam no mundo antes do Islam por vários séculos. E a civilização islâmica assimilou seus princípios e seus afluentes do Alcorão e da Sunnah e, posteriormente, com a sua abertura aos povos de todo o mundo, sem distinção de cor, raça ou língua. Existiam nesta civilização diversas características destacadas que a fizeram conquistar o posto de liderança no mundo, assim ela foi um bem para a humanidade. Iremos falar sobre isso através dos seguintes capítulos:

Primeiro Capítulo: As Civilizações Mundiais Quando do Surgimento do Islam
Segundo Capítulo: As Raízes e os Afluentes da Civilização Islâmica
Terceiro Capítulo: As Particularidades da Civilização Islâmica

Primeiro Capítulo

As Civilizações Mundiais Quando do Surgimento do Islam

As civilizações que o mundo viu antes do surgimento do Islam foram diversas. Cada uma dessas civilizações contribuiu com uma parcela para o desenvolvimento da humanidade, porém todas elas se conduziram em busca dos desejos e prazeres, logo se corromperam e foram injustas, assim sendo, mereceram a terrível decadência que ocorreu com elas. Foram sucedidas por uma civilização elevada, que herdou o que há de melhor nestas civilizações, fazendo surgir para nós uma civilização que tem gosto, cor e odor destacados, sob a sombra da qual todos viveram seguros e felizes. Esta é a civilização islâmica.

Através das seguintes pesquisas iremos conhecer a natureza destas civilizações:

1. A Civilização Grega
2. A Civilização Indiana
3. A Civilização Persa
4. A Civilização Romana
5. Os Árabes antes do Islam
6. Uma Visão Geral sobre o Mundo antes do Islam

1

A Civilização Grega

A civilização grega é considerada uma das mais destacadas das grandes civilizações antigas. Os gregos inovaram no campo da filosofia, ciências, literatura e artes. Destacaram-se, entre eles, vários sábios e escritores que foram grandes nomes do pensamento mundial: Sócrates[28], Platão[29], Aristóteles[30], entre outros que carregaram a preocupação de apresentar algumas realidades e estabelecer algumas medidas dentro de suas sociedades, através de seus pensamentos filosóficos e suas pesquisas sobre as manifestações e seus resultados.

Mesmo com todo desenvolvimento alcançado pela civilização grega no assunto da filosofia, pensamento e mesmo com a mentalidade genial à qual nenhuma outra civilização se equiparou antes dela, esta civilização começou a declinar gradativamente. As aparências desse declínio se esclarecem quando observamos algo do que os gênios gregos deixaram no auge de sua civilização.

De acordo com Platão, em sua teoria sobre a cidade perfeita, o estado ideal deveria ser dividido em três classes sociais: a dos filósofos, a dos guerreiros, a dos produtores. À classe dos filósofos cabe dirigir a república. Eles contemplam o mundo das ideias, conhecem a realidade das coisas, a ordem ideal do mundo e, por conseguinte, a ordem da sociedade humana. À segunda classe – a dos guerreiros – Platão estabeleceu um rigoroso

28 Sócrates: (469 – 399 a.C). Filósofo e mestre grego, nasceu e morreu em Atenas, é o primeiro sábio no campo da raciocínio, filosofia e lógica.

29 Platão: Seu verdadeiro nome é Aristócles (427 – 347 a.C). Filósofo e mestre grego, é considerado um dos principais pensadores da cultura ocidental, a ponto de a filosofia ocidental ser considerada rodapé de Platão. Entre as suas principais obras, está *A República*.

30 Aristóteles: (384 – 322 a.C). Filósofo grego, conhecido como "grande mestre". Foi um dos alunos de Platão e mestre de Alexandre, o grande. Escreveu sobre diversos assuntos, que incluem a lógica, física, poesia, biologia e formas de governo.

sistema que elimina totalmente a personalidade do indivíduo, os indivíduos do exército não têm direito a propriedade, nem a constituir família, não têm esposas nem filhos, e a mulher é um direito geral de todos os soldados e os filhos destas mulheres não conhecem seus pais e são considerados filhos do Estado. Quanto à terceira classe, a classe dos produtores, estes devem se esforçar para servir a classe dos governantes e a classe do exército, não têm nenhum direito. Os doentes não têm lugar na cidade de Platão, o Estado os expele para bem longe. Esta é a imagem da cidade perfeita de Platão[31].

E Aristóteles, o grande filósofo, pergunta se a natureza preparou pessoas escravas, então a escravidão se torna para essas pessoas uma atitude permitida e compatível, e ele responde positivamente, pois é imprescindível – de acordo com sua opinião – a existência de uma classe governante e outra governada. A classe superior deve governar a classe mais baixa, e a natureza normalmente – segundo sua opinião – concede ao escravo um corpo forte enquanto introduz no corpo do livre um raciocínio melhor e um pensamento mais maduro; então o homem livre torna-se pronto a governar, baseando-se na regra de que o pensamento controla o corpo. Aristóteles é contra o princípio da igualdade nos direitos naturais, ele crê que a natureza distinguiu alguns com o raciocínio, deu a outros a capacidade do uso dos órgãos do corpo, assim, a natureza faz os corpos dos indivíduos livres diferentes dos corpos dos escravos, concede aos escravos a força necessária para a realização dos trabalhos pesados, enquanto os corpos dos livres foram criados sem aptidão para inclinar sua composição à realização desses trabalhos pesados, porque a natureza prepara os livres apenas para os trabalhos da vida civil[32].

A este ponto chegou o pensamento grego, o qual todos valorizam e consideram uma das portas da sabedoria! Will Durant cita que os gregos não foram um bom exemplo na moralidade, e revela que isso se deve ao fato de a elevação de suas inteligências ter arrancado muitos deles de suas tradições morais, e ter feito deles indivíduos quase sem ética! Eles não davam preferência a ninguém em detrimento de si mesmos a não ser que fossem seus filhos, pouco sentiam peso na consciência, e nunca pensavam em gostar de seus vizinhos como gostam de si mesmos[33].

---

31 Ahmad Shalabi: *Enciclopédia da Civilização Islâmica* 1/45.

32 Ghanem Muhammad Saleh: *O Pensamento Político Antigo e Médio*, p. 109,110.

33 Will Durant: *História da Civilização*, 7/93 em diante.

Acrescente a isso – no caminho da decadência gradativa da civilização grega – o mergulho deles sobre os desejos e concupiscências e a corrida atrás dos prazeres, o que apressou a destruição da civilização deles. As relações sexuais se libertaram dos limites, fato que esgotou a vida dos adultos; os filósofos também admitiram a matança de crianças, argumentando que ameniza a pressão dos habitantes sobre os recursos de subsistência, e isso ocasionou a desabitação das cidades e a seca da terra.

Podemos dizer que a libertação dos limites morais e a tendência egoísta individual apressaram a destruição dos gregos. Menandro retratou em suas peças teatrais a vida ateniense como uma vida que gira em torno dos baixos assuntos, da sedução e do adultério e, assim sendo, o declínio foi natural[34].

34 Veja: Shauqi Abu Khalil: *A Civilização Árabe Islâmica*, p. 86.

2

A Civilização Indiana

A civilização indiana se constituiu no terceiro milênio antes de Cristo e teve grande tradição na história da humanidade. Idealizaram – conforme a maioria das opiniões – os nove números, tiveram virtude na trigonometria fazendo uso de meias cordas e fizeram as tabelas trigonométricas. Também foram conhecedores da medicina, matemática e astronomia[35].

No entanto, com toda prosperidade e glória alcançados pela civilização indiana, no século VI d.C. ela começou a dar passos em direção à ruína e decadência, especialmente nos assuntos religiosos, morais e sociais. Isso se deu por vários motivos e fatores.

Abu Al Hassan Al Nadawi[36] – representante da assembleia dos sábios da Índia – retrata isso ao falar sobre a situação da civilização indiana no século VI: "Todos os que escreveram sobre a história da Índia estão em consenso no fato de que a sua mais abominável fase religosa, moral e socialmente é a etapa que se inicia a partir do século VI cristão". Após Al Nadawi retratar a corrupção de crença entre eles, disse: "Surgiu na Índia o sistema de classes em seu mais horrível conceito, não é conhecido na história de nenhuma nação um sistema de classes mais duro, mais racista e mais humilhante contra a honra do ser humano que este sistema. Três séculos antes do nascimento de Jesus se desenvolveu na Índia a civilização Barha, quando foi estabelecido um novo decreto para a sociedade indiana. Nessa época, foi redigida uma lei civil e política que se tornou oficial e fonte religiosa na vida social e civil, conhecida hoje como "Manuchester". Esta lei divide o povo em quatro castas:

35 Veja: Will Durant: *História da Civilização* 3/238.

36 Abu Al Hassan Al Nadawi: Abu Al Hassan Ali ibn Abdul Hayi ibn Fakhr Addin Al Hassani (1914-1999 d.C.), sábio, divulgador combatente e literário destacado. Nasceu e morreu na cidade de Takia, na Índia. Dentre os seus principais livros: *O que o mundo perdeu com a decadência dos muçulmanos*.

1. Brahmanes: são os sacerdotes e religiosos;
2. Xátrias: são os guerreiros;
3. Vaixás: são os comerciantes e os agricultores;
4. Sudras: são os servos.

Esta lei concedeu à casta dos brahmanes exclusividades e direitos que os fizeram deuses. Nela consta que: "os brahmanes são os selecionados de Deus e são os reis das criaturas, tudo o que existe na Terra é posse deles, eles são as melhores criaturas e os senhores da Terra, podem pegar dos bens de seus servos sudras o que quiserem porque o servo nada possui, todos os seus bens são de seu senhor".

Quanto aos sudras (os excomungados) eram considerados na sociedade indiana – como decretava esta lei civil e religiosa – mais baixos que os animais, mais humilhados que os cachorros. A pena para o assassinato de um cachorro, gato, sapo, lagartixa, corvo, coruja ou um homem desta casta excomungada é a mesma[37].

Quanto à mulher na sociedade indiana[38], era considerada como serva; o homem chegava a perder sua mulher nos jogos, e havia casos em que a mulher tinha vários maridos. Se o marido de uma mulher morrer ela é considerada como uma mulher morta e enterrada, não casa e é alvo de humilhação e acusação. É transformada em serva na casa de seu marido morto e empregada dos cunhados, podendo até queimar a si mesma depois da morte de seu marido para escapar do castigo e infelicidade da vida![39].

Assim era a civilização indiana antes do Islam, repleta de evidente ignorância, baixa idolatria, injustiça social sem comparativo entre as nações e sem similar na história do mundo. Al-Biruni[40] citou algo deste assunto e fez fortes críticas a este sistema em seu livro sobre a Índia, denominado: *Um estudo crítico sobre o que a Índia tem, aceito pela razão ou refutado por ela,* quem quiser mais informações deve pesquisá-lo.

37 Veja: Will Durant: *História da Civilização* 3/164-168.

38 Sobre a situação da mulher na sociedade indiana, veja: *História da Civilização* 3/177-183.

39 Veja: Abu Al Hassan Al Nadawi: *O que o mundo perdeu com a decadência dos muçulmanos*, p. 68-76.

40 Al-Biruni: Abu Al-Rihan Muhammad ibn Ahmad Al-Biruni Al Khawarizmi (262 – 440 d.H. / 973 – 1047 d.C.), filósofo, matemático e historiador. Um dos notáveis cientistas de Khawarizm, famoso entre os reis de sua época. Veja: Al Suiuti: *Bughiat Al Wua't* 1/ 50, 51, e Al Zirikli: *Al A'alam* 5/314.

3

A Civilização Persa

Os persas estabeleceram um império amplo em suas fronteiras e uma civilização firme em seus alicerces. Dividiram com os romanos o governo do mundo civilizado. Sua civilização floresceu na época do governo sasanita, desde o século III a.C. e despontou na política, administração, guerras e nos aspectos de luxúria e conforto. Tinham o zoroastrismo como religião oficial e a língua *fahlawi*, conhecida por ser cheia de metodologias e sabedoria[41].

No aspecto da crença, na era antiga eles adoravam a Deus e prostravam a Ele, em seguida glorificaram o sol, a lua e as estrelas e os objetos do céu, igual a outros que o antecederam. Em seguida, surgiu Zoroastro (660-583 a.C.) como reformador social, que se dedicou em seu pensamento para a reforma dos idealismos religiosos de seu povo e disse: "A luz de Deus brilha em tudo que nasce e acende no Universo". E ordenou que se direcionasse na direção do sol e do fogo na hora da oração, porque a luz simboliza a divindade e ordenou que os quatro elementos não fossem impurificados: o fogo, o ar, a terra e a água. Em seguida, surgiram outros sábios que estabeleceram diversas leis para os zoroastrianos, proibiram a ocupação com ações que fazem uso do fogo, então resumiram seus trabalhos à agricultura e ao comércio, e a partir desta glorificação ao fogo, as pessoas se dirigiram a ele em suas orações e passaram a adorá-lo, tornaram-se adoradores dele mesmo, e construíam para ele estruturas e templos. Assim, todas as crenças e religiões se extinguiram, exceto a adoração ao fogo[42].

O fogo não revela aos seus adoradores nenhuma lei, nem envia mensageiro, nem se intromete nos aspectos de suas vidas ou pune a quem a

41 Abu Zaid Shalabi: *A História da Civilização Islâmica* e *Pensamento Islâmico*, p. 67.

42 Veja: Shahin Macarios: *História do Irã,* p. 221-224.

desobedece e aos criminosos, a religião para os zoroastrianos tornou-se rituais e tradições realizadas em lugares específicos em horários definidos. Porém, fora dos templos, em suas casas, nas assembleias de governo, em suas práticas na política e na sociedade, eles eram livres, agiam conforme seus caprichos e conforme desejavam os seus espíritos, concluíam os seus pensamentos ou inspiravam os seus interesses. Esse é o caso dos idólatras em toda época e em todo lugar[43].

De outro lado, a base da moral era instável e turbulenta desde muito antigamente, e as proibições de casamento por parentesco – aquelas sobre as quais as naturezas das pessoas moderadas concordavam sobre sua proibição e abominação – eram ponto de discórdia e discussão, a ponto de Yazdegerd II (que governou no fim do quinto século d.C.) se casar com sua própria filha e depois assassiná-la. Bahram Gobain (que reinou no século VI) era casado com sua irmã. O Dr. Arthur Christensen[44] diz em seu livro *O Irã na era dos Sasanitas*: os historiadores da era sasanita, como Jathias e outros, acreditam na existência do casamento dos iranianos com parentes íntimas, e existe na história dos sasanitas exemplos desses casamentos, que não era considerado um pecado para os iranianos, mas sim uma boa ação com a qual eles se aproximavam de Deus. O viajante chinês Huin Suinj apontou este casamento ao dizer: "Os iranianos casam-se sem exceção"[45].

E no terceiro século cristão surgiu Mani, cujo surgimento foi uma violenta resposta contra a tendência concupiscente que prevalecia no país. Então, ele traçou um caminho através do qual combatia essa concupiscência brutal, pregou a vida de celibatário e proibiu o casamento, para interromper a natalidade e apressar o fim da espécie humana. O rei sasanita Bahram o matou no ano 276 d.C., dizendo: "Este saiu pregando a destruição do mundo, então é obrigatório que a sua destruição tenha início antes que ele alcance algo do que pretende". Mani morreu, porém seus ensinamentos viveram até a época após a conquista islâmica[46].

---

43 Abu Al Hassan Al Nadawi: *O que o mundo perdeu com a decadência dos muçulmanos*, p. 63-64.

44 Arthur Christensen (falecido em 1945): Especialista em história do Irã e professor de estudos iranianos na Universidade de Copenhagen, considerado um dos melhores escritores sobre o Irã antes e depois do Islam.

45 Arthur Christensen: *O Irã na era dos Sasanitas*, transferido de Abu Al Hassan Al Nadawi: *O que o mundo perdeu com a decadência dos muçulmanos*, p. 56-57.

46 Idem, p. 42.

Em seguida, o instinto da natureza persa se rebelou sobre os censuráveis ensinamentos de Mani, e adotaram a pregação de Mazdak[47], que nasceu em 487 d.C. Este, por sua vez, declarou que os humanos nasceram iguais não havendo diferença entre eles, então devem viver iguais sem diferença entre eles. E levando em consideração que os egos zelam em preservar e guardar, entre outras coisas, os bens e as mulheres, então, para Mazdak, estes dois pontos são os que mais nos são obrigatórios para promover a igualdade e o compartilhamento neles. Al Shahristani[48] disse: "Licitou as mulheres e permitiu os bens tornando as pessoas sócias neles (mulheres e bens) assim como compartilham a água, o fogo e a mata espessa"[49].

Esta pregação obteve o apoio dos jovens, dos ricos e dos luxuosos, ganhou simpatia em seus corações e também a proteção da corte. Qubaz[50] a apoiou e foi ativo em sua difusão e sustento, a ponto de o Irã se mergulhar em desordem moral e corrupção nas concupiscências. Disse Al Tabari[51]:

> A casta baixa aproveitou isso, se agruparam ao redor de Mazdak e o apoiaram. Ganharam força e incomodaram as pessoas, a ponto de entrarem na casa de um homem e o dominarem em sua própria casa sobre suas esposas e seus bens sem ele conseguir se defender, fizeram Qubaz apoiar estes ataques ameançando tirá-lo do governo. Em pouco tempo, o homem não conhecia mais o seu filho, nem o filho conhecia seu pai, nem possuía nada do que usufruía[52].

Os czares, os reis persas, alegavam que um sangue divino corria em suas veias e que em suas naturezas havia elementos elevados sagrados. Os persas acreditaram nesta alegação e os elevaram ao nível dos deuses, dedicaram-lhes oferendas e creram que somente eles podiam vestir a coroa e coletar os impostos. Esse direito se transferia dentro da casa real de pai

---

47 Mazdak: Filósofo persa conhecido. Surgiu na época de Coesres Qubaz, pai de Anushruan (488 – 513 d.C.). Ele convidou Qubaz à sua ideologia e este aceitou; Anusharuan, por sua vez, leu as suas blasfêmias e o matou. Ele havia declarado as mulheres e as propriedades totalmente lícitas, tornando as pessoas sócias em tudo isso.

48 Al Shahristani: Abul Fath Muhammad ibn Abdul Karim ibn Ahmad Al Shahristani (479 – 548 d.H. / 1086 – 1153 d.C.). Um filósofo muçulmano, imam na ciência de al kalam, religiões e seitas. É apelidado "al afdhal"(o mais virtuoso). Nasceu e morreu em Shahristan. Veja: *Al Zirikli* 6/215.

49 Al Shahristani: *Al mila wa Al nihal* (*As religiões e seitas*) 1/248.

50 Qubaz ibn Fairuz: Um dos maiores reis sasanitas. Governou durante 43 anos (488 – 531 d.C.). Ele combateu o reinado de Al Kharaz e os romanos.

51 Al Tabari: Abu Já'afar Muhammad ibn Jarir Al Tabari (224 – 310 d.H. / 839 – 923 d.C.). Foi um imam em muitas artes, *tafssir, hadith, fiqh*, história e outras. Nasceu em Amul Tabaristan e morreu em Bagdá. Veja: Ibn Khillikan: Wafiyat Al A'aian 4/191, 192.

52 Al Tabari: *Tarikh Al Umam wal Muluk* (*A história das nações e reis*) 1/419.

para filho, ninguém competia com eles nisso, exceto um tirano injusto. Assim, respeitavam o reino e a herança dentro da casa real, sem almejar sua transferência nem querer outro rei em troca[53].

E havia uma larga cratera entre as castas da sociedade iraniana. O Dr. Arthur Christensen disse: "A sociedade iraniana se baseava na consideração da descendência e das profissões, e havia entre as castas da sociedade uma larga cratera sobre a qual não podia se constituir nenhuma ponte nem se ligar a nenhuma união"[54].

Assim era a civilização persa, marcada pela preocupação com os desejos carnais e a consideração da força bélica e da influência política, a consagração dos reis e sua divinização dentre as aglomerações do povo e suas castas.

53 Abu Al Hassan Al Nadawi: *O que o mundo perdeu com a decadência dos muçulmanos*, p. 58-59.

54 Arthur Christensen: *O Irã na era dos Sasanitas*, transferido da fonte anterior, p. 60.

4

A Civilização Romana

A civilização romana é considerada uma das maiores civilizações da Europa após a civilização grega. Esta civilização conheceu organizações administrativas e civis novas para a humanidade, exemplo disso é a lei que eles estabeleceram, que revela o conhecimento e a experiência aos quais chegaram o seus pensadores e filósofos. Encontramos na "lei civil" deles a ideia sobre a relação do indivíduo com a sociedade, e que o indivíduo tem de direitos e deveres.

Mesmo chegando a altos níveis em cidadania e civilização, mesmo alcançando uma força que a fez dividir o comando do mundo civilizado com os persas, a civilização romana antes do envio do profeta Muhammad chegou ao "fundo do poço" e se dirigiu aos mais baixos níveis de corrupção em todos os aspectos civilizados.

O Dr. Ahmad Shalabi resume a situação da civilização romana dizendo:

> Os romanos marcharam e conquistaram a Europa durante o segundo e primeiro século a.C., em seguida conquistaram a Síria em 65 a.C., depois o Egito em 30 a.C. Assim, as mais importantes regiões das civilizações da Europa e do Oriente se submeteram a Roma, essas regiões ficaram sujeitas ao governo romano em variados tipos de pressão e humilhação, que acabou com a força de invenção e pensamento, assim a chama do desenvolvimento foi extinta sob o arco da injustiça romana. E Roma não conseguiu carregar a chama da civilização para todas as regiões que se submeteram a ela, porque Roma nunca foi um dos centros de pensamento como era "Áin Chams" no antigo Egito, ou Atenas e Alexandria na época do florescimento da civilização grega, e com isso a atividade das civilizações pararam[55].

55 Ahmad Shalabi: *Enciclopédia da Civilização Islâmica,* 1/56.

Mesmo com o surgimento de Jesus (a paz esteja com ele), o sistema de governo romano permaneceu politeísta durante um longo período até a era de Constantino[56] (272-337 d.C.), que governou entre 306 d.C.e 337 d.C. Este imperador realizou uma série de ações com as quais fortificou o cristianismo, depois entrou no cristianismo em seus últimos dias de vida; foi batizado quando estava no leito da morte. Os homens da Igreja não ficaram satisfeitos com tudo o que Constantino concedeu ao cristianismo, e ainda estabeleceram em seu nome o que foi denominado "concessão de Constantino", um documento que publica que o imperador concedeu ao Papa amplas autoridades mundanas nos estados papais que foram fundados pelo Papa – Annaqqad comprovou por meios críticos minuciosos a falsidade deste documento. O importante é que a posição de Constantino quanto ao cristianismo fez os religiosos ambicionarem mais autoridade, que ultrapassava os assuntos da religião em direção aos assuntos mundanos. Os homens da Igreja tiveram sucesso nisso e, no fim do século IV, o bispo de Milão conseguiu contrariar algumas resoluções do Imperador Teodócio (que morreu em 395 d.C.) até obrigá-lo a retirá-las[57].

E desde o início do século V a Igreja controlou muitos assuntos, principalmente as tendências de pensamento no Império Romano. Tais pensamentos eram de raiz egípcia ou de tradições fenícias. Então, qual foi a posição da Igreja frente a essas tendências intelectuais e científicas? A sua posição se baseou nas seguintes considerações:

1. A Bíblia Sagrada contém tudo o que o ser humano necessita na vida mundana e na Vida Eterna. Por isso, deve ser unicamente a base das teorias e das crenças. E apenas os homens da Igreja têm o direito de interpretar os seus textos, e as pessoas devem aceitar estes textos e esta interpretação sem pensar nem confrontar;
2. Consequentemente, prevaleceu a crença de que tudo além da Bíblia Sagrada é falso, e não pode ser ponderado nem ensinado;
3. Os homens da Igreja são os representantes de Deus na terra, por isso podem castigar quem afrontar os seus pensamentos e recompensar quem os obedecer, exatamente como Deus faz com as pessoas;

56 Constantino I (272 - 337 d.C.): imperador romano cujo governo foi uma revolução na história do Cristianismo, ele impôs o Cristianismo sobre o Império Romano, ele foi quem convidou para o Concílio de Nicéia em 325 d.C, e construiu Constantinopla.

57 Veja: Ahmad Shalabi: *Enciclopédia da Civilização Islâmica*, 1/56-57.

4. O cristianismo se construiu sobre os milagres e singularidades que Jesus (a paz esteja com ele) operou. E faz parte da natureza dos milagres e das singularidades contrariar as regras da natureza e as bases científicas. Como os religiosos são totalmente devotos dos milagres e singularidades, eles tomaram este caminho e combateram as ciências porque elas contrariam os milagres;
5. Os textos cristãos se inclinaram ao abandono da vida terrena e à espera do reino dos céus sem se preocupar com o corpo, os bens e posses. E sendo que a maioria das ciências exatas difundidas no Oriente serviam à vida terrena, os pensamentos dos religiosos se direcionaram à oposição destas ciências[58].

Assim, a Igreja combateu variadas ciências, combateu os sábios e monopolizou algumas áreas da produção intelectual depois de submetê-las aos textos da Bíblia Sagrada; opôs-se a muitas ideias com veemência, entre elas a medicina, a matemática e a astronomia, alguns dos livros destas ciências foram eliminados e outros foram jogados em cavernas para que ninguém possa lê-los, até que o tempo os leve[59].

A Igreja permaneceu seguindo esta política por longos períodos. Quando chegou a época da liberdade e a Igreja não teve condições de queimar os livros ou prendê-los, emitiu resoluções que proibiam os cristãos de ler os livros, que segundo a opinião da Igreja, contrariam a religião conforme ela definiu, ou os livros que revelavam os defeitos da Igreja. Também emitiu uma resolução que estabelecia a apostasia de quem alegava a rotação da Terra, e assim, os homens da Igreja Cristã eliminaram a enorme revolução cultural formada pelo mundo durante vários séculos. Essas pessoas também se aproveitaram das religiões e as desviaram, tornando-as meios de ignorância e treva em vez de serem chamas de luz[60].

Por outro lado, ocorreu em torno da religião cristã e em seu núcleo discussões filosóficas, discussões baixas e estéreis que ocuparam o pensamento da nação, consumiram os raciocínios de seus filhos e devoraram a sua capacidade ativa. Muitas vezes, transformaram-se em guerras sangrentas, mortes, destruição e castigo; ataques, saques e assassinatos. As escolas, as igrejas e as casas foram transformadas em quartéis religiosos rivais, e as cidades foram lançadas em guerra civil. A maior aparência desta rivalidade

58 Idem 1/58-59.

59 Ibn Nabatah Al Masri: *Sarh Al Uiun*, p. 36. E Ibn Al Nadim: *Al Fihrast*, p. 333.

60 Ahmad Shalabi: *Enciclopédia da Civilização Islâmica*, 1/57-60.

religiosa é o que ocorreu entre os cristãos da Síria e do Império Romano e entre os cristãos do Egito, ou mais exatamente entre os melcanitas e entre os manuficitas. O lema dos melcanitas era a crença na duplicidade da natureza de Jesus, enquanto os manuficitas acreditavam que ele tinha uma só natureza, a divindade na qual a natureza humana de Jesus se diluiu. Essa rivalidade se intensificou nos séculos VI e VII a ponto de parecer uma guerra entre duas religiões rivais, ou uma guerra entre judeus e cristãos, cada grupo dizia para o outro: não estão embasados em nada[61].

E no aspecto social, a sociedade romana se compôs de senhores e escravos. Os senhores tinham todos os direitos garantidos, enquanto os escravos não tinham absolutamente nenhum direito civil. Na verdade, a lei romana hesitava em utilizar o termo "pessoa" para o escravo e, finalmente, saiu desta insídia denominando-o "ser não pessoal". Também contavam o escravo como um objeto, ele não tinha direito a posse, nem a herdar, ou a se casar legalmente, e seus filhos eram considerados filhos ilegítimos. Os filhos de uma serva também eram considerados ilegítimos mesmo que o pai fosse livre. O senhor tinha condições de cometer todo tipo de crime contra os escravos e escravas sem que eles tivessem direito a indenização legal; o escravo não podia processar quem o molestasse dentro dos tribunais, sendo que era direito do senhor do escravo processar quem molestasse seu escravo. Ele também podia bater nele, prendê-lo, sentenciar que ele devesse combater os animais selvagens, sujeitá-lo a morrer de fome, matá-lo com ou sem motivo sem ter sobre ele fiscalização alguma, exceto a fiscalização da opinião pública formada dos possuidores de escravos. Se um escravo fugisse e fosse capturado, era direito do seu senhor marcá-lo com fogo ou crucificá-lo. Augusto[62] se vangloriava por ter capturado trinta mil escravos fugitivos e crucificado cada um que não tinha dono que o buscasse. Se um escravo se revoltasse por alguma dessas ou outras ações cometidas por seu senhor e o matasse, a lei sentenciava que fossem mortos todos os escravos do senhor que foi morto. Quando Pedanio II foi morto em 61 d.C. e seus quatrocentos escravos foram condenados à morte, uma minoria dos órgãos do senado protestou contra esta sentença; um furioso grupo também pediu que a compaixão fosse usada, porém o Congresso

61 Abu Al Hassan Al Nadawi: *O que o mundo perdeu com a decadência dos muçulmanos*, p. 43.

62 Augusto César: conhecido como Augusto (62 a.C – 14 a.C), seu nome é Caio Júlio César Otaviano, era o único herdeiro de César, o ditador romano.

insistiu na aplicação da lei, crendo que o senhor só estará assegurado entre os seus escravos com a utilização de rigidez igual a essa[63].

Enfim, a lei romana concedeu aos senhores o direito de matar o seu escravo ou deixá-lo sobreviver. O número de escravos era altíssimo, a ponto de alguns dos historiadores romanos citarem que o número de escravos nos mamalik romanos era três vezes maior que o número de pessoas livres[64].

Quanto à situação da mulher nesta sociedade, um grande concílio que discutiu sobre os assuntos da mulher a considerou um ser que não tem alma e, que por isso, não herdará a Vida que é impura, que não pode comer carne, não pode rir, e a proibiram de falar a ponto de colocarem um cadeado de ferro em sua boca[65].

Como resultado disso tudo que citamos, a estrela da civilização romana começou a escurecer, a ponto de se diluírem as bases da virtude e se destruírem os alicerces da moralidade. Edward Gibbon retratou isso dizendo: "No fim do século VI o império chegou ao último ponto em decadência"[66].

63 Will Durant: *História da Civilização,* 10/370-371.

64 Ahmad Amin: *A Alvorada do Islam*, p. 88.

65 Ahmad Shalabi: *Comparação entre as religiões*, 2/188. E Afif Tayiarah: *O espírito da religião islâmica*, p. 271.

66 Edward Gibbon (1737-1794): historiador inglês, escritor do livro *Declínio e Queda do Império Romano.*

5
Os Árabes antes do Islam

Para distinguir a situação dos árabes após o surgimento da mensagem do Islam, tal época que antecedeu o Islam ficou conhecida como "*al jahiliah*" (época da ignorância), e a história árabe antes do Islam foi denominada "*attarikh al jahili*" (a história ignorante ou a história da ignorância), com tudo o que esta palavra revela de primitividade e atraso, porque retrocederam na civilização, sendo os últimos entre os povos que os rodeavam. A sua maioria viveu como tribos nômades em ignorância e desatenção, não tinham relações com o mundo externo, e o mundo externo não tinha ligação com eles, analfabetos, adoradores de ídolos, não tinham história rica e marcante[67].

Os árabes se destacaram entre as nações e povos mundiais naquela época ignorante com educação e habilidades com as quais foram únicos, como a linguística e a força de expressão, o amor pela liberdade e o orgulho, a cavalaria e a coragem, o entusiasmo em prol da crença, a franqueza no falar, destreza da memória, força de recordação, amor pela igualdade, força de vontade, cumprimento da promessa e responsabilidade. Se os árabes se destacaram nestas nobres qualidades, por outro lado, por causa da distância deles da época da profecia e dos profetas, também por causa da contração na Península Arábica e da força do apego à religião dos antepassados e às tradições de sua nação, sofreram grave decadência religiosa. Houve desprezível idolatria, cujo similar é difícil de ser encontrado em nações contemporâneas, doenças morais e sociais que fizeram deles uma nação de baixos valores morais, sociedade corrupta, estrutura humilhante, contendo os piores aspectos de uma vida ignorante e distante das benfeitorias das religiões[68].

67 Jauad Ali: *A história dos árabes antes do Islam em detalhes,* 1/37.

68 Abu Al Hassan Al Nadawi: *O que o mundo perdeu com a decadência dos muçulmanos*, p. 76,77.

No aspecto da religião, difundiu-se a adoração aos ídolos na Península Arábica, a ponto de existir em cada tribo e, em seguida, em cada casa um ídolo. O companheiro do profeta (a paz esteja com ele) Abu Raja' al-Atardi narra:

> Adorávamos uma pedra, então se encontrássemos uma pedra melhor, jogávamos a primeira e pegávamos a outra, se não encontrássemos pedra alguma juntávamos uma porção de terra e trazíamos ovelhas para ordenhá-las sobre a terra e, em seguida, circundávamos este ídolo[69].

Além dos ídolos de pedra, os árabes idolatravam os anjos, os gênios, as estrelas. Acreditavam que os anjos são filhas de Deus, então os tomavam por intermediários perante Deus e os adoravam. Fizeram dos gênios sócios com Deus e creram que tinham poder e influência e os adoraram[70].

O judaísmo era difundido nas regiões árabes; seus líderes tornaram-se senhores no lugar de Deus, decretavam sobre as pessoas e os julgavam até mesmo sobre os pensamentos da alma e os sussurros dos lábios. Tinham como preocupação angariar riquezas e liderança mesmo que a religião se perdesse e se difundisse a apostasia e a incredulidade. Quanto ao cristianismo, tornou-se uma idolatria difícil de ser entendida, criou uma espantosa mistura entre Deus e o ser humano, e não tinha nos íntimos dos árabes religiosos real influência[71].

No aspecto moral, ingerir bebidas alcoólicas era amplamente difundido e fortemente estabelecido a ponto de ocupar grande parte de seus poemas, de sua história e de sua literatura. Da mesma forma, os jogos de azar eram difundidos. Disse Qatadah: "Na jahiliah, o homem apostava sua família e a sua riqueza, triste e desolado, observava os seus bens nas mãos dos outros. Isto criava entre eles ódio e inimizade"[72].

As relações com juros eram muitos disseminadas entre os árabes e entre os judeus. Isto tornou-se comum entre eles, a ponto de dizerem: a venda é simplesmente igual aos juros. A natureza humana também decaiu na relação entre o homem e a mulher, o adultério tornou-se costume banal. O homem tinha namoradas, e as mulheres também detinham amantes sem casamento legal. Sobre o retrato do casamento naquela época, Áishah diz:

> A relação na época da *jahiliah* era de quatro tipos: **1**. o casamento conhecido hoje, onde o homem pede ao homem a sua filha (ou quem está sob sua responsabilidade), concede a ela o seu dote e casa-se com ela. **2**. o casamento no qual o homem dizia para sua mulher quando esta se purificasse do período menstrual: Envie a Fulano e peça a sua penetração (deite com ele). Então, o marido se distanciava dela até que a

69 Al Bukhari: *Kitab Al Maghazi* (*Livro de expedições*), (4117).

70 Abu Al Munzhir Hisham ibn Muhammad ibn Al Saib Al Kalbi: *Livro dos Ídolos*, p. 44.

71 Veja: Safyi Al Din Al Mubarakfuri: *Al Rahiq Al Makhtum*, p. 47.

72 Veja: Al Tabari: *Jami'Al Baian fi Ta'uil Al Qur'an* 10/573. E Al Adhim Abadi: *Aun Al Ma'bud* 10/79.

> gravidez se esclareça daquele homem ao qual ela buscou. Se a gravidez aparecer o marido deitava com ela se desejasse. Fazia isso almejando a esperteza da criança! Este casamento era denominado: casamento em busca da gravidez. **3**. o casamento no qual um grupo de menos de dez homens se reuniam com uma mulher, todos eles praticavam o ato sexual com ela. Então, quando ela engravidava e dava a luz a um filho, algumas noites depois enviava a todos eles para comparecerem – e nenhum podia se negar a reunir-se na presença dela – e dizia a eles: "Vós sabeis o que ocorreu, e ele é teu filho ó Fulano", indicava pelo nome quem ela desejasse e o filho era atribuído a ele e não podia negar. **4**. uma mulher colocava um estandarte na porta de sua casa, e vários homens deitavam-se com esta mulher que se prostituía e não negava a entrada de ninguém que viesse até ela. Ao engravidar e dar a luz a um filho, todos os homens eram reunidos e era convocado "al qafah" (especialistas que conhecem as semelhanças do filho ao seu pai através de sinais ocultos), em seguida, atribuíam o filho a quem eles sentenciassem, e era conhecido como seu filho sem poder negar[73].

Quanto à situação da mulher, Omar ibn Al Khattab a resumiu dizendo: "Juro por Allah, na *jahiliah* (época da ignorância), não considerávamos a mulher, até o dia em que Allah revelou sobre elas o que revelou". A mulher não tinha direito a herança, diziam: "Só nos herda quem carrega a espada e defende a honra". Se um homem morria, o seu filho o herdava, se não tivesse filho então seu pai, irmão ou tio, e as filhas e esposas destes eram unidas às filhas e esposas de quem morreu, tendo todas elas os mesmos direitos e deveres. A mulher não tinha direito algum sobre seu marido, o divórcio não tinha limite definido, a poligamia também não tinha número definido. Quando o homem morria e tinha esposa e filhos de outra mulher, o filho maior tinha mais direito sobre a esposa de seu pai que outras pessoas, ele a considerava uma herança igual aos outros bens de seu pai[74].

O ódio pelas crianças de sexo feminino chegou ao ponto de enterrá-las vivas, um dos mais hediondos costumes da jahiliah. E se a menina recém nascida se salvasse do enterro viva, geralmente esperava uma vida injusta. O Alcorão Sagrado apresentou esta situação quando Allah, o Altíssimo, disse: ***"E quando a um deles se lhe alvíssara o nascimento de uma filha, torna-se-lhe a face enegrecida, enquanto fica angustiado. Esconde-se do povo, por causa do mal que se lhe alvissarou. Retê-lo-á, com humilhação, ou soterrá-lo-á no pó? Ora, que vil o que julgam!"*** (Annahl 58-59).

Assim era a situação na Península Arábica antes do envio do mensageiro de Allah (a paz esteja com ele).

---

73 Al Bukhari: *Kitab Al Nikah* (*Livro sobre Casamento*), (4829). E narrado por Abu Daud (2272).

74 Veja: Muhammad Ahmad Ismail Al Muqdim: *A mulher entre a nobreza do Islam e a humilhação da jahiliyah*, p. 57.

6

Uma Visão Geral sobre o Mundo antes do Islam

Após observarmos as situações de algumas das grandes civilizações antes do Islam, faremos uma observação geral sobre a síntese da situação do mundo e da humanidade e sobre a condição da Terra antes do envio do profeta (a paz esteja com ele), observação com a qual concluímos quão extrema era a necessidade de o mundo ter a luz do Islam e sua civilização para a eliminação das trevas sobrepostas e para o distanciamento desta infelicidade das costas da humanidade!

Numa observação geral sobre a situação do mundo antes do Islam, o mensageiro (a paz esteja com ele) diz no *hadith* narrado por Íadh ibn Himar: "Allah observou o povo da Terra, e os odiou, tanto aos árabes como aos não árabes entre eles, exceto restos dos adeptos do Livro"[75].

A condição das pessoas chegou a um nível de decadência que resultou na ira e ódio de Deus. O uso do termo "restos" inspira arruinamento, ou seja, como se fossem ruínas de épocas remotas que não têm valor algum na realidade das pessoas. Por outro lado também, estes restos não representam sociedades completas, mas eram indivíduos enumerados.

Abu Al Hassan Al Nadawi detalhou isso ao dizer:

> Em suma, não havia na costa terrestre – antes do envio do mensageiro (a paz esteja com ele) – uma nação de bom caráter, nem uma sociedade baseada na moralidade e virtude, nem um governo baseado na justiça e na misericórdia, nem uma liderança construída em conhecimento e sabedoria, nem uma religião verdadeira herdada dos profetas[76].

75 Relatado por Muslim (2865), Ahmad (17519) e Ibn Hibban (654)

76 *O que o mundo perdeu com a decadência dos muçulmanos*, p. 91.

A situação era delicada e decadente no mundo humano em geral, a corrupção era generalizada em todos os aspectos da vida, político, econômico, social e religioso. O mundo estava mergulhado em forte escuridão, só era administrado pela ignorância, que o afogou num mar cheio de lendas e ilusões. Só era dirigido pelas concupiscências e ambições, as pessoas adoravam as pedras, o sol, a lua, o fogo, até mesmo os animais, dividiam-se em senhores e escravos, devoravam os bens dos órfãos, desligavam-se dos laços consanguíneos, suas relações se constituíam sobre o assassinato, roubo e saques, ostentavam por cometerem as indecências e os pecados. Não existia uma lei que governava, a não ser a lei da selva, pois o forte devorava o mais fraco e o rico escravizava o pobre, e todos juntos estavam em trevas das quais não encontravam final nem saída!

Tudo isso produziu um ser confuso e perdido, que não tem em seu coração senão o medo e a desconfiança, e não tem em sua mente senão a inatividade e as lendas... esta era a situação de um ser humano antes da civilização do Islam.

Esta era a situação do mundo antes do Islam, mais precisamente nos séculos V e VI d.C, as civilizações mundiais estavam ocultas do cotidiano e a situação estava à beira da desordem, como revela o Professor Denson:

> Nos séculos V e VI d.C. o mundo civilizado estava à beira da desordem porque as crenças que ajudavam a construir a civilização decaíram, e não havia ali o que é considerável e que podia substituí-las. E parecia, naquela época, que a grande civilização cuja construção custou quatro mil anos estava prestes a cair em divisão e decadência, e que a humanidade estava a retornar à situação na qual estava de selvageria, pois as tribos se combatiam e se matavam, não há lei nem organização. Quanto às leis que o cristianismo deixou promoviam a divisão e a destruição em vez de promover a união e a organização. Desta maneira, a civilização tornou-se igual a uma enorme árvore com muitos ramos, cuja sombra se alastrou pelo mundo inteiro, porém ficou a balançar, parada enquanto a podridão se evoluía nela até a raíz[77].

Esta situação permaneceu até que a alvorada da civilização islâmica esplandeceu, nasceu a sua luz para ser um presente para o ser humano... e uma orientação para a humanidade, conforme veremos adiante com a permissão de Allah.

---

77 *Emotions as the Basis of Civilization*, transferido de Ahmad Shalabi: *Enciclopédia da Civilização Islâmica* (a sociedade islâmica) 6/36-37.

Segundo Capítulo

As Raízes e os Afluentes da Civilização Islâmica

O surgimento do Islam foi como uma luz que acendeu e eliminou a escuridão de uma noite que caiu sobre um mundo abatido. Isso significava um novo começo para um novo mundo; este é o mundo da civilização islâmica, que se deu início no dia em que o Islam começou a iluminar os marcos da vida e alterar os aspectos intelectuais, políticos, legislativos, sociais e econômicos de todo o mundo. Assim, essa civilização se uniu ao Islam religiosa e politicamente, histórica e originalmente, evolucional e culturalmente.

De certo, essa civilização foi assimilada de fontes distintas, construiu-se sobre bases singulares, alimentou-se de ricos afluentes... cada um deles teve sua participação em sua criação, características e valores e sua influência na concessão desta civilização de maneira peculiar, fazendo uma diferenciação clara das civilizações anteriores. Gustave Le Bon observou isso ao dizer: "Os árabes criaram rapidamente uma nova civilização, muito distinta das civilizações que surgiram antes dela"[78].

Nos seguintes objetos de pesquisa, conheceremos as mais importantes fontes e tais afluentes, como segue:

1. O Alcorão Sagrado e a Sunnah do Profeta
2. Os Povos Islâmicos
3. A Abertura frente aos outros

78 Gustave Le Bon: *A civilização árabe*, p. 153.

1

O Alcorão Sagrado e a Sunnah do Profeta

O Alcorão Sagrado e a Sunnah são considerados absolutamente as duas mais importantes fontes da civilização islâmica, são as duas fontes básicas da civilização islâmica.

O Alcorão é o glorioso Livro de Allah revelado ao profeta Muhammad (a paz esteja com ele), sobre o qual Allah disse: ***"Um Livro, cujos versículos são precisos, em seguida, aclarados, da parte de um Sábio, Conhecido"*** (Hud:1). Ele é um livro cujos exemplos são lições para quem pondera sobre seus versículos, cujas ordens são uma orientação para quem os seguir. Allah detalhou nele as leis obrigatórias, e distinguiu nele entre o lícito e o ilícito, e repetiu nele as exortações e as histórias para a compreensão, propôs os exemplos e descreveu as histórias do incógnito (desconhecido). Disse o Altíssimo: ***"Nada negligenciamos no livro"*** (Al An'am: 38).

O Alcorão Sagrado é o estatuto da sociedade islâmica, abrangeu todo assunto pequeno ou grande, trouxe para a humanidade tudo o que contém o seu benefício e sua felicidade, e tudo o que ele decretou é estável e geral, para ser apto para toda época e todo lugar.

O Alcorão Sagrado foi revelado para definir com sua orientação o caminho da vida humana, nele reside o mistério da civilização islâmica e sua grandiosidade, pois ele é o Livro de Allah que ***"guia ao caminho mais reto"*** (Al Issrá: 9), ou seja, guia as pessoas ao melhor, o mais belo e o mais certo caminho em relação aos outros caminhos que existem. Ele também é o Livro ***"que não lhe alcança falsidade nem por sua frente nem por detrás, revelação de Sábio Louvado"*** (Fussilat: 42), então, ele é benéfico para a humanidade em todos os aspectos: espiritual, mental, social,

científico, intelectual, econômico, cultural, militar... e em seus ensinamentos está a felicidade da humanidade.

O Alcorão Sagrado contém as regras gerais e as leis diversas que organizam a relação do ser humano consigo mesmo, sua relação com seu Senhor, sua relação com sua sociedade e com seu semelhante. Convidou para o monoteísmo para a liberdade, irmandade e igualdade. Também organizou as relações em geral e organizou a sociedade sobre bases saudáveis que garantem a ela a segurança, a prosperidade e a felicidade.

Em seguida, Allah, exaltado seja, incumbiu ao Seu mensageiro (a paz esteja com ele) o esclarecimento daquilo que está citado no Alcorão em geral – sem especificação –, a explicação daquilo que nele está ambíguo, e a confirmação do que nele está suposto, isto para que o mensageiro (a paz esteja com ele) tenha junto da transmissão da mensagem o aspecto da especialidade e o nível da autorização a ele. Disse Allah, o Altíssimo: ***"E revelamos para ti a mensagem para esclarecerdes para os humanos o que lhes foi revelado e para que reflitam"*** (Annahl: 44). Assim, o Livro se tornou uma fonte, e a Sunnah um esclarecimento dele[79].

A partir daqui se esclarece a segunda fonte e base das bases e fontes da civilização islâmica, a nobre Sunnah Profética, a primeira fonte do Islam depois do Alcorão Sagrado. Então, o Alcorão é o estatuto que contém as bases e as regras básicas do Islam: suas crenças, suas adorações, suas éticas, suas relações, suas maneiras, e a Sunnah é o esclarecimento teórico e a realização prática do Alcorão em tudo isso.

É o sistema profético detalhado no ensino do Islam, na sua prática e na educação da nação conforme ele, no qual se caracteriza o dizer de Allah: ***"De certo, Allah fez mercê aos crentes ao enviar entre eles um mensageiro dentre eles, o qual recita para eles os Seus versículos, os ensina o Livro e a Sabedoria, mesmo que antes se encontrassem em claro desvio"*** (Ali Imran: 164). E isto está representado em seus dizeres, suas ações e suas permissões[80].

E dirigindo-se aos crentes, Allah disse: ***"E o que o mensageiro vos conceder, tomai-o; e o de que vos coibir, abstende-vos dele"*** (Al hachr: 7), então a Sunnah é um apêndice e uma explicação do Alcorão. Imran ibn Hussain narra que certo dia estavam a memorizar *al hadith*, então um homem disse: "Deixem disso e nos tragam o Alcorão". Então, Imran disse:

79 Al Qurtubi: *Al Jami'Li Ahkam Al Qur'an* 1/2.

80 Verifique: Dr. Yussuf Al Qardhaui: *Introdução para o conhecimento do Islam*, parte sob o título: "O Alcorão e a Sunnah, as duas fontes do Islam".

"Você é um tolo, você encontra no Livro de Allah a oração explicada detalhadamente? Você encontra no Livro de Allah o jejum explicado? O Alcorão estabeleceu isto, e a Sunnah o explicou"[81].

E assim, estas duas fontes assimiladas da revelação do Céu criaram uma sociedade exemplar e digna, e toda a humanidade jamais viu uma sociedade similar – conforme veremos em um dos capítulos deste livro:

> E quem observar a situação dos árabes antes do Islam e a situação deles depois do Islam e medir entre as duas situações, assimilará com facilidade que esta religião trazida por Muhammad (a paz esteja com ele) é a única coisa nova que ocorreu com eles, e que ele foi quem orientou a educação deles, purificou as suas almas, unificou as suas palavras, reformou as suas sociedades, elevou a posição deles e os fortificou, tornando-se com esta religião uma nação sábia depois de ignorante, correta depois de corrupta e genial depois de tola[82].

O Alcorão Sagrado e a Sunnah do profeta (a paz esteja com ele), portanto, são as duas fontes que formaram a civilização do Islam com aquilo que elas estabeleceram de ensinamentos no campo do conhecimento, crença, política, sociologia, educação, ética, assuntos femininos, relações exteriores e outros assuntos abrangidos pela civilização islâmica em todos os seus aspectos, ensinamentos através dos quais se alcança a felicidade do ser humano e de toda a sociedade humana.

81 Al Suiuty: *A Chave do Paraíso*, p. 59. E Al Sam'ani: *Adab Al Imlá wal Istimlá*, p. 10.

82 Abu Zaid Shalabi: *A História da Civilização Islâmica e Pensamento Islâmico*, p. 61.

2

Os Povos Islâmicos

O Islam publicou explicitamente e claramente a união entre todos os povos da terra, ao nível da verdade, do bem e da dignidade. Disse Allah, o Altíssimo: ***"Ó humanos, em verdade vos criamos de macho e fêmea e vos fizemos povos e tribos para conhecerdes uns aos outros. Em verdade, o mais digno perante Allah dentre vós é o mais temente"*** (Al Hujurat: 13).

Por isso, o Islam harmonizou-se entre diversos povos depois das conquistas islâmicas, que continham várias raças e diferentes nacionalidades, cada uma tinha a sua herança cultural e suas experiências culturais e científicas diversas. Esta foi uma razão para a formação de uma civilização única, onde existe variedade de talentos e energias humanas e naturais; esta é a civilização islâmica formada de vários povos.

As variadas experiências técnicas, culturais e científicas contribuíram – contribuições entre as quais alguns povos do mundo islâmico, entre eles os persas, turcos e outros usufruíram – na formação desta nova civilização islâmica, e participou – sob o estandarte do Islam – na construção de uma civilização humana sublime. Com base nisso, a variedade dos povos islâmicos foi considerada um afluente importante entre os elementos que enriqueceram a civilização islâmica e um fator importante entre os fatores de sua formação.

Se tomarmos a Pérsia como exemplo, quando Allah a conquistou para o Islam, os persas se misturaram com os muçulmanos e conheceram muito das benfeitorias da religião islâmica e de sua tolerância, que é uma religião de irmandade e igualdade, simpatia e compaixão, amor e desambição, por isso, entraram na religião de Allah em grupos, e procuraram aprender a língua árabe, pois ela é a língua da religião que amaram e abraçaram, para que ela os ajude em seu entendimento e reflexão[83].

83 Abu Zaid Shalabi: *A História da Civilização Islâmica e Pensamento Islâmico*, p. 67.

O amor deles pela religião e por sua língua foi um motivo para que eles zelassem por si mesmos. E assim, não passou muito tempo para que eles contribuíssem para o movimento científico e para a escrita, e se destacaram em ambos. E a civilização islâmica conquistou grandes benefícios com isso.

Existiam alguns termos que refletiam os aspectos da civilização, e não havia termo similar na língua árabe, então estes termos foram transferidos para a língua árabe e fizeram parte da sua construção. Dentre eles: "*diuan*", "*bimarsstan*";

O destaque de muitos dos persas nas ciências árabes e islâmicas, Al Hassan Al Bassri[84] se destacou na ciência do *hadith*, também Muhammad ibn Sirin[85], Abu Abdilléh Al Bukhari[86], entre outros. Eles tiveram grande virtude na transmissão do *hadith*. Na matéria do *fiqh,* destacaram-se Abu Hanifah[87] e Allaith ibn Sa'd[88], tiveram grande destaque. Na escrita se destacou Abdul Hamid Al Katib[89], Ibn Al Muqafa'[90] e outros. Foram destaque na poesia Basshar ibn Burd[91], Abu Nuas[92] e outros similares a eles. Estes

84 Al Hassan Al Bassri: Abu Said Al Hassan ibn Iassar Al Bassri (21 – 110 d.H./ 642 – 728 d.C.). Um dos grandes sábios dos *tab'in* (geração posterior à dos companheiros do profeta), reuniu todas as virtudes, entre conhecimento, desapego, piedade e adoração. Nasceu em Madinah e morreu em Bassrah. Veja: Ibn Khillikan: *Wafiyat Al A'aian* (*Óbitos dos Notáveis*) 2/69-72.

85 Muhammad ibn Sirin: Abu Bakr Muhammad ibn Sirin Al Bassri (33-110 d.H. / 653 – 729 d.C.). Um dos juristas da cidade de Bassra, conhecido pela piedade em sua época, tinha problema de surdez, e ficou conhecido por interpretar sonhos. Nasceu e morreu em Bassra. Veja: Ibn Khillikan: *Wafiyat Al A'aian* 4/181-182.

86 Al Bukhari: Abu Abdullah Muhammad ibn Ismail Al Bukhari (194 – 256 d.H./ 810 – 870 d.C.). Sheikh do Islam, imam dos memorizadores, escritor de *Al Jami'i Al Sahih* e *Al Tarikh*. Nasceu em Bukhara, cresceu órfão e morreu em Khartank, uma das cidades de Samarqand. Veja: *Wafiyat Al A'aian* 2/104-105.

87 Abu Hanifah: Abu Hanifah Al Nu'man ibn Thabit Al Kufi (80 – 150 d.H./ 699 – 767 d.C.), imam da escola hanafi, reuniu jurisprudência, adoração, piedade e bondade. Sua origem é da Pérsia, nasceu e cresceu em Kufah e morreu em Bagdá. Veja: Ibn Khillikan: *Wafiyat Al A'aian* 5/405-414.

88 Allaith ibn Sa'd: Abu Al Harith Allaith ibn Sa'd (94 – 175 d.H./713 – 791 d.C.), o Imam do povo do Egito em *fiqh* e *hadith*. Sua origem é de Asbahan, nasceu em Qalqashanda e faleceu no Cairo. Veja: Ibn Khillikan: *Wafiyat Al A'aian* 4/127,129.

89 Abdul Hamid Al Katib: Abdul Hamid ibn Iahya ibn Sa'd, famoso escritor eloquente. Era o escriba de Marwan ibn Muhammad, o último califa da dinastia omíada. Foi morto junto com ele em Bussir, no Egito no ano de 132 d.H./ 750 d.C. Veja: Ibn Khillikan: *Wafiyat Al A'aian* 3/228,229.

90 Ibn Al Muqafa': Abdullah ibn Al Muqafa' (106 – 142 d.H./ 724 – 759 d.C.) literato famoso por sua eloquência. Nasceu no Iraque e era zoroastra, e tornou-se muçulmano nas mãos de Issa ibn Ali (tio de Al Saffah). Foi morto por ordem de Al Manssur Al Ábbassi. Veja: Ibn Khillikan: *Wafiyat Al A'aian* 2/ 151 – 154.

91 Basshar ibn Burd: Abu Mu'azh Basshar ibn Burd Al Úqaili (95 – 167 d.H./ 714 – 783 d.C.), poeta famoso, viveu na época do califado omíada e abássida. Era cego e foi acusado de ateísmo e açoitado até morrer. Veja: Ibn Khillikan: *Wafiyat Al A'aian* 1/271 – 273.

92 Abu Nuas: Al Hassan ibn Hani ibn Abdul Awual (146 – 198 d.H./ 763 – 814 d.C.), o maior poeta do Iraque em sua época, era descarado, a maioria de seus poemas eram sobre vinho e elogio explícito. Veja: Al Baghdadi: *Khizanatul Adab* 1/168.

personagens introduziram muitos métodos, expressões e fantasias na literatura árabe e na poesia. Desta maneira, na era dos abássidas o movimento científico e a escrita se difundiram nas mais variadas ciências islâmicas, e também foram traduzidos vários livros para a língua árabe.

E igual às concessões dos povos da região da Pérsia, também foram transferidos para a civilização islâmica muitos conhecimentos dos indianos e de outros dos povos orientais civilizados através desta revolução científica[93].

Deve-se lembrar também que o destaque dos filhos destes novos povos islâmicos não ocorreu somente na religião e na língua, mas também se destacaram e foram magistrais nas ciências da vida, como por exemplo: a medicina, a astronomia, a álgebra, a engenharia e outras matérias. Isso enriqueceu a civilização islâmica de forma impressionante e influenciou diretamente na sua construção e formação, e não há prova maior de sábios como: Al Khawarizmi[94], Ibn Sina[95] e Al-Biruni.

Azzuhri[96] citou que Hisham ibn Abdul Malik[97] lhe disse:

> Quem se destaca em Makkah? Eu respondi: Átaá[98]. Disse: E no Iêmen? Eu disse: Tauss[99]. Disse: E na Síria? Eu respondi: Makhul[100]. Disse: E no Egito? Eu respondi: Iazid ibn Abi Habib[101]. E na Península?

93 Abu Zaid Shalabi: *A História da Civilização Islâmica e Pensamento Islâmico*, p. 67-68.

94 Al Khawarizmi: Abu Abdullah Muhammad ibn Mussa Al Khawarizmi (falecido depois de 232 d.H./ 848 d.C.), matemático, astrônomo e historiador do povo de Khawarizm. Al Ma'mun o encarregou de sua biblioteca e o encarregou de reunir os livros gregos e traduzi-los. Veja: Ibn Al Nadim: *Al Fihrast*, p. 383 e Al Zirikli: *Al A'lam* 7/116.

95 Ibn Sina (Avicenna): Abu Ali Al Hussain ibn Abdullah ibn Sina (370 – 428 d.H./ 980 – 1037 d.C.), o mestre filósofo, autor de obras na ciência da medicina, lógica, ciências naturais e religiosas. Nasceu numa das aldeias de Bukhara e morreu em Hamadan. Veja: Ibn Khillikan: *Wafiyat Al A'aian* 2/157-161

96 Azzuhri: Abu Bakr Muhammad ibn Muslim ibn Abdullah ibn Shihab Azzuhri Al Qurashi (58 – 124 d.H./ 678 – 742 d.C.), um dos fuqahá (juristas) e muhaddithin (estudiosos do *hadith*). Grande sábio da geração dos *tabi'in* (posterior à geração dos discípulos do profeta (a paz esteja com ele) em Madinah. Veja: Ibn Khillikan: *Wafiyat Al A'aian* 4/ 177,178.

97 Hisham ibn Abdul Malik: Hisham ibn Abdul Malik ibn Marwan (71 – 125 d.H./ 690 – 743 d.C.), um dos califas da dinastia omíada, foi empossado no califado após a morte de seu irmão Iazid em 105 d.H.. Era bom político, desperto em seus assuntos, agia pessoalmente. Veja: Al Zirikli: *Al A'lam* 8/86.

98 Átaá ibn Abi Rabah, nasceu no Iêmen e cresceu em Makkah. Jurista de confiança. Al Auza'i diz sobre ele: Jamais vi alguém mais piedoso a Allah do que Átaá. Morreu em Makkah no ano 115 d.H.. Veja: Ibn Sa'd: *Al Tabaqat Al Kubra* 5/467, Ibn Al Jauzi: *Sifat Al Safuah* 2/212 – 214.

99 Tauss ibn Kaissan: Al Iamani Abu Abdurrahman Al Himiari, servo de Buhair ibn Raissan Al Himiari. De origem persa. Ibn Hibban declarou sobre ele: era um dos adoradores do povo do Iêmen e um dos senhores da geração dos tabi'in. Morreu em 106 d.H.. Veja: Al Mizzi: *Tahzhib Al Kamal* 13/358 e Ibn Hajar: *Tahzhib Al Tahzhib* 5/9.

100 Makhul Al Shami: Abu Abdullah Al Dimishqui. Grande jurista, era do povo de Kabul. Morreu em 118 d.H., e foi dito que morreu em outra data. Veja: Ibn Sa'd: *Al Tabaqat Al Kubra* 7/453.

101 Iazid ibn Abu Habib: Abu Rajá Al Massri, era o mufti do povo do Egito em sua época, era sábio e inteligente. Morreu em 128 d.H. Veja: Ibn Hajar: *Tahzhib Al Tahzhib* 11/278.

> Eu respondi: Maimun ibn Mahran[102]. Disse: E Khurasan? Eu respondi: Al Dhahhak ibn Abi Muzahim[103]. E em Bassrah? Eu respondi: Al Hassan ibn Abi Al Hassan. E em Al Kufah? Eu respondi: Ibrahim Al Nakha'i[104]. Em cada um ele perguntava: é dos árabes ou dos estrangeiros? Respondia: dos estrangeiros. Ao terminar ele disse: ó Zuhri, os estrangeiros prevalecerão sobre os árabes até que se proferirá o sermão sobre os púlpitos e os árabes estarão debaixo deles. Eu disse: Ó emir dos crentes, é tão somente a ordem de Allah e Sua religião, assim, quem a preservar destacar-se-á, e quem a perder cairá[105].

A civilização islâmica foi, então, resultado de diversos povos do mundo islâmico, persas, romanos, gregos, indianos, turcos, andaluzes, tais povos que entraram sob a bandeira do Islam e formaram, por sua vez, uma fonte de força para este gigante corpo e aumentaram a eficácia do patrimônio da nação, de sua civilização e história difundida em larga escala.

Por isso, toda civilização podia se orgulhar com os gênios de uma só raça e de uma só nação, exceto a civilização islâmica; esta se orgulha com os gênios que a construíram sendo de todas as nações e povos sobre os quais o estandarte do Islam se elevou, o árabe contribuiu ao lado do persa: temos Abu Hanifah, Malik[106], Al Shafi'i[107] e Ahmad[108] (os sábios que dão nome às quatro escolas de jurisprudência islâmica). Por outro lado

---

102 Maimun ibn Mahran: Sua alcunha é Abu Ayub, faleceu em 116 d.H.. Veja Ibn Khayat: *Al Tabaqat*, p. 319, Ibn Hajar: *Tahzhib Al Tahzhib* 10/349.

103 Al Dhahhak ibn Muzahim: Abu Al Qassim Al d.Hahhak ibn Muzahim Al Balkhi Al Kharasani (falecido em 105 d.H./ 723 d.C.), sábio do *tafssir (mufassir)*, do *hadith (muhaddith)* e linguista. Educava crianças. Veja Al-Hamawi: *Mu'jam Al Udabá* 4/1452,1453, e Ibn Hajar: *Tahzhib Al Tahzhib* 4/ 397, 398.

104 Ibrahim Al Nakha'i: Abu Ímran Ibrahim ibn Iazid ibn Qais Al Nakha'i Al Kufi (46 – 96 d.H./ 666 – 815 d.C.). Um dos grandes *tabi'in* em integridade e em memorização do *hadith*. Morreu escondido de Al Hajjaj. Veja Ibn Sa'd: *Al Tabaqat Al Kubra* 6/ 270 – 284.

105 Ibn Kathir: *Al Ba'ith Al Hathith Sharh Ikhtissar 'Ulum Al hadith*, p. 42.

106 Malik ibn Anas ibn Malik Al Asbahi Al Himiari (93 – 179 d.H.): O imam da terra da hijrah (imam de Madinah) e um dos quatro grandes imams a quem é atribuída a escola malikita. Nasceu e faleceu em Madinah. Era sólido em sua religião, distante dos emires e dos reis. Musnad Al Muattá é uma de suas mais famosas obras. Veja Al Zhahabi: Siar A'alam Al Nubala 8/48, e Ibn Khillikan: *Wafiyat Al A'aian* 4/135, e Al Zirikli: *Al A'alam* 5/257.

107 Al Shafi'i: Abu Abdullah Muhammad ibn Idriss Al Qurashi (150 – 206 d.H.). Um dos quatro imams, o primeiro a compilar a ciência de *ussul al fiqh* (fundamentos da jurisprudência). Nasceu em Gaza e morreu no Egito. Veja Al Zhahabi: *Siar A'alam Al Nubala* 10/5.

108 Ahmad ibn Hanbal: Abu Abdullah Ahmad ibn Muhammad ibn Hanbal Al Shaibani (164 – 241 d.H.). O imam dos muhaddithin (estudiosos do *hadith*), escreveu Al Musnad e reuniu nesta obra o que não foi compilado por outros sábios. Foi relatado que ele memorizava um milhão de *hadiths*, era dos discípulo do imam Al Shafi'i e um de seus íntimos, o acompanhou até que Al Shafi'i mudou para o Egito. Nasceu e morreu em Bagdá. Veja Ibn Khillikan: *Wafiyat Al A'aian* 1/64.

encontramos Al Khalil[109] e Sibauaih[110] (senhores da língua árabe) e vários outros cujas origens e países se diversificaram e são gênios muçulmanos através dos quais a civilização islâmica apresentou os mais incríveis resultados do pensamento humano saudável[111].

Esta é a natureza da civilização islâmica, que fez dela um modelo único que iluminou o mundo com o conhecimento e a tolerância, e abrangeu todos os que vivem à sua sombra e criou, renovou, acrescentou e construiu.

109 Al Khalil: Abu Abdurrahman Al Khalil ibn Ahmad ibn Ámr Al Farahidi (100 – 170 d.H./ 718 – 786 d.C.) imam da ciência da gramática (nahw), criou a ciência de al árudh e foi o mestre de Sibauaih. Nasceu e morreu em Basra. Veja: Ibn Khillikan: *Wafiyat Al A'aian* 2/ 244 – 248.

110 Sibauaih: Abu Bishr Ámr ibn Uthman ibn Qunbur (148 – 180 d.H./ 765 – 796 d.C.) o imam dos gramáticos e o primeiro a detalhar a ciência da gramática árabe (al nahw). Nasceu em uma das aldeias da cidade de Shiraz, se mudou para Basra e acompanhou Al Khalil ibn Ahmad e o superou. Veja: Ibn Khillikan: *Wafiyat Al A'aian* 3/463 – 464.

111 Veja: Mustafa Al Siba'í: Min Raua'i Hadharatina (*Das maravilhas de nossa civilização*), p. 36,37 (adaptado).

3
A Abertura Frente aos Outros

Assim como os povos que entraram no Islam foram um afluente e um fator importante dentre os fatores de enriquecimento da civilização humana, a abertura frente às civilizações das nações anteriores e o benefício do que elas também traziam consigo foi um dos mais importantes elementos da civilização islâmica e um importante fator de seu enriquecimento.

Pela primeira vez na história da humanidade, os muçulmanos aplicam o princípio da abertura às outras civilizações, o proveito dos esforços dos antepassados. O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) é o pioneiro no uso deste sistema de abertura e desta visão não fanática. E quão é maravilhoso o seu conselho a Sa'd ibn Abi Waqqass para que ele vá procurar a cura com Al Harith ibn Kildah Atthaqafi, que era um médico idólatra! Ele não teve oposição alguma quanto a isso porque a medicina é, entre as ciências da vida, uma herança de toda a humanidade. É narrado por Sa'd: eu adoeci e o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) veio me visitar, colocou a sua mão sobre o meu peito a ponto de eu sentir o seu frescor em meu coração. Ele disse: "Você está doente, vá até Al Harith ibn Kildah irmão de Thaqif..., pois ele é um homem que faz uso da medicina. Deve pegar sete tâmaras de *ájuah* de Al Madinah, as espremer com seus caroços e te massagear com elas"[112].

E também foi maravilhoso o seu conselho a Zaid ibn Thabit para que aprenda a língua siriânica. A aprendeu em sessenta dias, e assim também aprendeu a língua persa e a língua romana.

Isso refletiu claramente na história dos muçulmanos, porque quando saíram da Península Arábica difundindo a mensagem do Islam, cuja difusão foram incumbidos de realizar a Oriente e a Ocidente, encontraram civilizações e não as apagaram nem as destruíram. Pelo contrário: esforçaram-se em

112 Abu Daud: *Livro da Medicina* (3875).

estudá-las e em se beneficiar delas, pegaram o que elas possuem de benefícios e aquilo que a religião admite, diferente da civilização grega que era fechada e somente para os seus cidadãos e só assimilava os seus sábios. Assim também era a civilização persa, a indiana, a chinesa, e talvez isso tenha permanecido até pouco tempo em algumas destas civilizações, como a chinesa e a indiana.

Porém os muçulmanos iniciaram muito cedo o movimento de tradução e transferência de conhecimentos dos outros. Khalid ibn Iazid Al Umaui[113] deu início a esse processo quando transferiu as ciências gregas para a língua árabe, em seguida, trabalhou no benefício e no desenvolvimento destas ciências, principalmente no campo dos remédios, medicina e equações químicas.

E quando o califado omíada se estabeleceu – e floresceu política e economicamente e herdou as ciências dos estrangeiros dentre os persas, romanos e outros depois da decadência de seus impérios – houve direcionamento para o movimento intelectual, então foram traduzidos muitos livros das civilizações anteriores, do idioma grego, persa e outros idiomas, e foram transferidas suas valiosidades em ciências para a língua árabe. Tal feito foi considerado um grande fato do ponto de vista civilizatório porque abriu uma janela pela qual os sábios árabes e muçulmanos tiveram acesso pela primeira vez ao que as outras etnias tinham de conhecimentos e ciências.

As ciências experimentais tiveram importante parcela entre estas ciências traduzidas, e no topo de todas elas está a medicina, pois a medicina islâmica no início desta época estava baseada nos conselhos do mensageiro (a paz esteja com ele) e nas ervas e plantas medicinais, na queimação, na flebotomia, *al hijamah* (extração de sangue por meio de ventosas – copos), na circuncisão e em algumas intervenções cirúrgicas simples. Quando os médicos muçulmanos e árabes começaram a conhecer a medicina grega através da escola de Alexandria e de Jundaissabur[114] se deu início a preocupação deles na tradução dos livros medicinais para a língua árabe[115]. Neste assunto, por exemplo, o médico judeu Massir Juai – considerado um dos principais tradutores do califa Maruan ibn Al Hakam (64-65h) naquela época – traduziu uma enciclopédia médica denominada "*al kunnash*"[116].

E o movimento de tradução cresceu muito na era do califado abbassida, principalmente na época do quinto califa Harun Arrashid (170-194 d.H.). Ele criou *baitul hikmah* (a casa da sabedoria) e zelou em preenchê-la com livros que

113 Khalid ibn Iazid Al Umaui: Abu Hisham Khalid ibn Iazid ibn Mu'awiah ibn Abu Sufian Al Umawi Al Qurashi, era um dos mais sábios do povo de Quraish, e tem abordagens sobre o engenho da química e da medicina. Morreu em Damasco em 90 d.H./ 708 d.C. Veja: Al Safadi: *Al Wafi bil Wafiyat* 13/ 164 – 166.

114 Uma cidade da província de Khuzistan, onde Sabur I aprisionava os romanos.

115 Veja: Ali ibn Abdullah Al Difá: *Os pioneiros da ciência da medicina na civilização árabe e islâmica*, p. 68.

116 Veja: Ibn Abu 'Ussaibah: Tabaqat Al Atibba 1/163, Shams Al Din Al Shahrazuri: *Tarikh Al Hukama*, p. 80.

foram transferidos da Ásia Menor e de Constantinopla. E assim também, o sétimo califa Al-Ma'mun (198-218 h), quem aumentou a atenção com *baitul hikmah*, multiplicou o prêmio estipulado para os tradutores e enviou comitivas para Constantinopla para trazerem o que puderem encontrar de livros gregos em todos os ramos do conhecimento. E quão eram grandiosos os tratados que os califas muçulmanos assinavam com os líderes de outros países, quando fazia parte dos termos do tratado em que os sábios muçulmanos pudessem ter acesso às bibliotecas das igrejas e dos palácios bizantinos para traduzirem os livros que estavam nestes lugares, e às vezes, trocavam prisioneiros por livros[117]!

Ibn Annadim[118] citou em seu livro *Al Fihrasat* cerca de setenta personagens entre tradutores e médicos, sábios e filósofos, engenheiros e astrônomos, isto nos séculos III e IV após a *hijrah*. A maioria deles era dos siriânicos ou muçulmanos, de origem persa e indiana. Isso indica a importância deste passo – que é a abertura com os outros e com as culturas antigas que existiam antes do Islam – e o esclarecimento de sua posição no enriquecimento e construção da civilização científica islâmica.

Também se deve lembrar aqui que esta abertura com os outros não foi uma abertura cega, mas era, em sua maioria, de acordo com os valores e princípios dos muçulmanos e o que a religião deles reconhece. Eles se abriram para a civilização grega, mas não tomaram suas leis e não traduziram a *Ilíada*, nem as maravilhas da literatura grega politeísta. Bastou-lhes o registro dos arquivos e a tradução das ciências naturais. Também se abriram para a civilização persa, porém evitaram os seus pensamentos destruidores e se beneficiaram – por exemplo – da literatura persa e das organizações administrativas que tinham. Também se abriram para a civilização indiana, porém deixaram de lado a sua filosofia e as suas religiões, estudaram a sua matemática e sua astronomia, memorizaram-nas e as desenvolveram adicionando muito a elas.

Acrescenta-se a isso que o benefício que os muçulmanos tiveram das outras civilizações é considerado uma vantagem que se conta para eles e não um defeito, porque significa a abertura da mente muçulmana e seu preparo para aceitar o que os outros possuem. A contribuição na caminhada da humanidade começa no último ponto que os outros chegaram e, em seguida, com o oferecimento de novidades – e é isso que iremos observar nos próximos capítulos, com a anuência de Allah – para se completar a caminhada iniciada nas civilizações anteriores.

---

117 Veja: Ibn Al Nadim: Al Fihrast, p. 243 e Muhammad Al Sadiq Afifi: *O desenvolvimento do pensamento científico entre os muçulmanos*, p. 39.

118 Ibn Annadim: Abul Faraj Muhammad ibn Ishaq Al Baghdadi (falecido em 438 d.H./ 1047 d.C.), historiador e literato. Era xiita e mu'tazili. Escritor de *Al Fihrast*. Veja: Ibn Hajar: *Lissan Al Mizan* 5/72, *Al Zirikli: Al A'alam* 6/29.

Terceiro Capítulo

As Particularidades da Civilização Islâmica

Toda civilização tem seus traços e particularidades que a representa e que a torna exclusiva entre as outras. Se a civilização grega ficou marcada pela exaltação da mente, a civilização romana ficou marcada pela glorificação da força e extensão do poder, a civilização persa ficou marcada pelo interesse pelos prazeres da carne, a força militar e o domínio político, a civilização indiana ficou marcada pela consideração da força espiritual. Portanto, a civilização islâmica também tem os seus traços e características exclusivas com as quais tornou-se singular entre as civilizações anteriores e posteriores. A civilização islâmica se construiu sobre uma mensagem celestial que é a mensagem do Islam – com tudo o que ela se caracteriza de humanidade, universalidade e absoluta unicidade na crença. Nas pesquisas a seguir se esclarecerão as mais destacadas particularidades da civilização islâmica:

1. A Universalidade
2. A Unicidade
3. A Moderação e o Equilíbrio
4. A Gradação Moral

1

A Universalidade

A civilização do Islam é marcada por seu amplo horizonte e por sua mensagem universal. Isso se esclareceu na publicação do Alcorão Sagrado sobre a unidade do tipo humano, mesmo com a diversificação de suas raças e nacionalidades, no dizer de Allah: ***"Ó humanos, em verdade vos criamos de macho e fêmea e vos fizemos povos e tribos para conhecerdes uns aos outros. Em verdade, o mais digno perante Allah dentre vós é o mais temente"*** (Al Hujurat 13). Assim, o Alcorão fez da civilização do Islam uma corrente na qual se associam todas as genialidades dos povos e nações sobre as quais a bandeira das conquistas islâmicas foi asteada[119].

A civilização do Islam é humanitária em sua tendência – como observaremos na última pesquisa deste capítulo –, universal em seu horizonte e expansão, não está vinculada a território geográfico, nem a raça humana, nem a alguma era da história, porém abrange todas as nações e povos, e seus efeitos se dirigem a todos os lugares e épocas. É uma civilização na qual todos os humanos usufruem de sua sombra, e todos aqueles a quem sua contribuição chegou aproveitam o seu calor, isto porque ela se construiu sobre o princípio de que o ser humano é a mais importante e mais honrada de todas as criaturas de Allah, e que tudo o que existe no Universo está submetido a ele. Todas as atividades humanas devem conduzir à sua felicidade e ao seu conforto, e toda ação cuja intenção é a realização deste objetivo é, em primeiro lugar, uma ação humanitária.

A gradação da universalidade reforça e consolida os valores da verdade, do bem, da justiça e da igualdade entre todas as pessoas, sem considerar as suas cores ou raças, porque esta civilização não crê na teoria

119 Mustafa Al Siba'i: *Min Raua'i Hadharatina (Das maravilhas de nossa civilização)*, p. 36.

da superioridade racial e não promove a discriminação racial. Então, a mensagem dele (a paz esteja com ele) foi uma misericórdia para todos os humanos, pois Allah, o Altíssimo, dirigindo-se ao Seu mensageiro, disse: ***"E não te enviamos senão como misericórdia para os humanos"*** (Al Anbiá: 107). E em outro versículo: ***"E não te enviamos senão para todas as pessoas"*** (Sabá 28). Por isso, a mensagem da civilização islâmica é uma mensagem universal, participa na sua realização toda raça, cor e língua.

Os ditos do mensageiro (a paz esteja com ele) e suas atitudes foram condizentes com esta visão alcorânica. Jabir ibn Abdullah Al Anssari disse: "O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) disse: 'Me foram concedidas cinco que jamais foram concedidas a nenhum profeta antes de mim: cada profeta era enviado para o seu povo em específico e fui enviado para todo o mundo...'"[120].

Sua biografia e suas ações foram uma prática do princípio da universalidade da mensagem, observemos a sua palavra dirigida ao seu povo:

> O líder não mente aos seus familiares. Juro por Allah! Se eu mentisse para todas as pessoas, não mentiria para vós! E se eu enganasse todas as pessoas, não enganaria a vós! Juro por Aquele que não há divindade além d'Ele que sou mensageiro de Allah para vós em específico e para as pessoas em geral[121].

Eis o mensageiro (a paz esteja com ele) publicando, desde o primeiro dia em que bradou a mensagem, a sua universalidade.

O mensageiro (a paz esteja com ele) também enviou seus embaixadores para César de Roma, para Chosroes da Pérsia, para Muqauquis (Ciros), o grande dos acópitas do Egito e para o rei da Etiópia... Esta é a sua carta enviada para Chosroes:

> Em nome de Allah, o Clemente, o Misericordioso. De Muhammad, o mensageiro de Allah, para Chosroes, o grande dos persas. A paz esteja com quem seguir a orientação, crer em Allah e em Seu mensageiro e testemunhar que não há divindade além de Allah, o Único, sem parceiros, e que Muhammad é Seu servo e Seu mensageiro. Te convido com o anúncio de Allah, pois eu sou o mensageiro de Allah para todas as pessoas, para admoestar quem estiver vivo e para que a palavra se firme

120 Al Bukhari: *Kitab Attaimmum* (328) e *Muslim*: Kitab Al Massajid ua Mauadhi' Al Salat (521).

121 Ali Ibn Burhan Al Din Al Halabi: *Al Sirah Al Halabiah (A Biografia de Halab)* 2/114, e Al Salihi: *Subul Al Huda wal Rashad* 2/322, e Ibn Al Athir: *Al Kamil fi Al Tarikh* 1/585.

> contra aqueles que são incrédulos. Torne-se muçulmano (submeta-se a Allah) e terá a paz, se recusar, carregará o erro dos zoroastrianos[122].

Esta é a primeira particularidade da civilização islâmica, ela é singular nesta característica entre todas as civilizações, tornando-se verdadeiramente uma nobre civilização mundial.

122 Al Tabari: *Tarikh Al Umam wal Muluk (A História das Nações e dos Reis)* 2/132, e Al Khatib Al Baghdadi: *Tarikh Bagdad (A História de Bagdá)* 1/132, e Al Muttaqui Al Hindi: *Kanzul Úmmal (O Tesouro dos Trabalhadores)* 11302.

2

A Unicidade

Dentre as características que destacam a civilização do Islam temos o fato de ela ter se constituído sobre o alicerce da unicidade absoluta a Deus, o Senhor da terra e do céu, ou seja, Allah, exaltado e altíssimo seja, é o Deus adorado com razão, é o Único, Aquele que não tem sócio em Seu decreto, não tem similar a Ele em Seu reino nem em Sua autoridade. Ele é Quem fortifica e Quem humilha, concede e dá, decreta para a Sua criação o que tem benefício e virtude em suas vidas. Todos os seres humanos são servos d'Ele, iguais no pertencer e no recorrer a Ele, sem intermédio humano ou sacerdotal. Todos eles devem obedecê-Lo e seguir Suas ordens, glorificado seja, e cumprir a Sua Lei revelada por Ele.

E o conteúdo desta alteza no entendimento da unicidade faz o ser humano sentir a sua nobreza pessoal, e que ele não se humilha a ninguém das criaturas de Allah e, a partir daí, o ambiente do trabalho e do pensamento lhe é propiciado com toda liberdade.

Assaiyd Sulaiman Annadawi[123] diz:

> A crença do monoteísmo trazida por Muhammad, o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele), é a crença que foi capaz de libertar o ser humano dos temores que dominavam o seu sentimento. Com o mérito desta crença, ele passou a não temer ninguém além de Allah, pois Allah submeteu ao ser humano o que parte da humanidade adorava... como: o sol, a terra, o rio, o mar... pois se desvaneceu perante ele o respeito de reinado e a majestade de governo dentro dos seres humanos, pois os deuses da Babilônia, Egito, Índia e Irã não parecem senão serviçais do ser humano,

123 Sulaiman Al Nadawi: (falecido em 1953 d.C.), um dos sábios muçulmanos do continente indiano, foi juiz em Bhubal e teve outros cargos científicos. Ele editou a revista *Al Ma'arif* e tem vários livros escritos em língua urdu e alguns foram traduzidos para a língua turca. A sua obra mais famosa é *A biografia do profeta*, em dez volumes.

> patrocinadores de seus interesses e guardiões de suas posses. Os deuses não empossavam estes reis, mas o ser humano que os elevava e os rebaixava. A sociedade humana que se submetia ao jugo dos deuses era uma sociedade corrupta, rasgada e dividida em castas governadas pelas tradições injustas, fez do ser humano quem é honrado e quem é baixo, este pertence à classe alta e este à classe baixa, este foi criado por "Brahma" – o maior dos deuses indianos – de sua cabeça, então se tornou honrado e servido, e aquele foi criado de seu pé, então se tornou simples e servo, e outro foi criado da mão do grande deus, então deve representar a classe média. E naturalmente, como resultado desta crença, a sociedade humana naquele momento se dividiu em partidos e níveis de acordo com as descendências e as linhagens, desconhecendo o mais simples significado de igualdade humana, de alteza do ser humano e de alcance de direitos por igual. O mundo naquela época era tão somente uma arena de conflitos, de ostentação de partidos e classes[124].

Em seguida, lembra a grandeza do Islam ao dizer:

> Quando o Islam chegou dissipou as trevas, as pessoas conheceram pela primeira vez a crença do monoteísmo e o significado da irmandade humana que reformou as trincas existentes e eliminou as medidas artificiais. Com esta crença, o ser humano entendeu o que lhe foi tirado de seu direito de igualdade, e a história é a melhor testemunha sobre o que esta crença tem de resultados positivos e eficazes, e a medida de sua influência na mentalidade das nações e povos que reconheceram – seja por agrado ou por desagrado – a virtude desta crença. Mesmo assim, muitos povos que não creem no princípio do monoteísmo desconhecem todos os seus significados e sua influência real na mudança dos pesos e medidas e ainda não possuem até a nossa época o princípio sincero da igualdade humana. Isto não significa que não verás mais as aparências do princípio sincero da igualdade humana somente em suas sociedades e reuniões, mas tu perderás também o princípio da igualdade em seus templos, onde os frequentadores se deparam com as bases de classificação das pessoas conforme os seus níveis (protocolo). Sem dúvida, os muçulmanos estão bem, pois conheceram este princípio treze séculos atrás graças à crença deles na unicidade de seu Senhor, o Altíssimo, o Poderoso. Eles se libertaram das medidas artificiais e dos níveis inventados, as pessoas frente ao Islam são iguais como os dentes

124 Sulaiman Al Nadawi: *Al Sirah Al Nabauyiah (A Biografia do profeta)* 4/523,524. Transferido de Abu Al Hassan Al Nadawi: *Al Islam wa Atharuhu fil Hadharah wa Fadhluhu ála Al Inssaniah (O Islam, seu impacto sobre a civilização e sua virtude sobre a humanidade)*, p. 24-27.

> de um pente, a cor ou a raça não os distingue, a nacionalidade não diferencia entre eles, todos pararam frente ao Senhor deles prostrados, humilhados e submissos, e nas relações em suas vidas são honrados e iguais, não há disparidade entre eles exceto na fé, e não há virtude para ninguém exceto na boa ação: ***"Em verdade, o mais digno perante Allah dentre vós é o mais temente"*** (Al Hujurat: 13)[125].

Portanto, esta unicidade – que exclusivamente os muçulmanos têm frente ao Criador do Universo – tem uma influência que se reflete claramente em sua civilização e em suas contribuições na história da humanidade. Isso se esclareceu através dos seguintes princípios:

- **A não divinização do governante:** esta teoria prevaleceu nas épocas e nas civilizações anteriores. Predominava a crença em que os governantes foram criados de elemento superior ao elemento do ser humano. Da negação dessa teoria nasceu – entre os muçulmanos – a possibilidade de cobrança do governante quando este erra ou é negligente, e nasceu a negação do respeito de reinado do ser humano e o temor somente a Allah, o Deus, o Governante Absoluto que estabelece para os humanos as Leis. Suas criaturas devem obedecer apenas às Suas ordens e aplicar as Suas Leis reveladas. Assim, o ser humano se sente honrado pessoalmente, pois não se humilha a nenhuma das criaturas de Allah, trabalha e pensa com liberdade e se dirige em seu trabalho e em seu pensamento para o agrado de seu Senhor, com a obra do bem e o evitar do mal. E não há um só versículo do Alcorão que não convida para o monoteísmo. Diz Allah, o Altíssimo: ***"Ó humanos, lembrei da graça de Allah sobre vós. Há outro criador além de Allah que vos sustenta do céu e da terra? Não há divindade além d'Ele. Pois, para onde se desviam?"*** (Fater: 3).
- **A igualdade entre os humanos:** não existe nobre nem simples, quem pertence a um nível alto nem outro a um nível baixo, não há intermediário humano ou sacerdotal. Todos foram criados por um só Deus, e adoram a um só Senhor, todos são iguais como os dentes de um pente. A cor, a nação ou outro não os distinguem exceto com a fé e o temor a Allah. Assim, existe a elevação do nível do ser humano e a libertação do domínio de seu

125 Idem.

irmão ser humano. O profeta (a paz esteja com ele) publicou este nobre princípio no sermão de despedida: "Ó humanos, vosso Senhor é um. E vosso pai (Adão) é um. Não há virtude de árabe sobre um não árabe, nem de não árabe sobre um árabe, nem de vermelho sobre um negro, nem de negro sobre um vermelho, exceto no temor a Allah..."[126].

- **A inexistência das imagens:** a libertação de todas as aparências politeístas, seja em seu aspecto antigo, representado pelas imagens e estátuas, seja em seu aspecto moderno, na forma de divinização do governante e da adoração de pessoas. Assim, o ser humano desta civilização não é humilhado por ninguém da criação de Allah, porém, unifica a Allah, exaltado e altíssimo, na obediência e na adoração.
- **A visão correta sobre o Criador, o Universo e o julgamento:** assim ocorre a sobrevivência na vida mundana e a construção deste Universo com o olho na Vida Eterna, a morada do julgamento e da recompensa.

Assim, a unicidade é uma das particularidades da civilização islâmica, fato que contribuiu para o aumento do nível do ser humano e para a sua libertação da tirania e para o direcionamento das visões a Allah, o Único, o Criador do Universo e seu Mantenedor.

126 Relatado por Ahmad (23536) e Al Tabarani (14444). Veja: *Majma'Al Zauaid* 3/266 e *Al Silsilah Al Sahihah* (2700).

3

A Moderação e o Equilíbrio

A moderação e o equilíbrio são das mais destacadas particularidades da civilização islâmica. Esta particularidade quer dizer mediar ou empatar entre dois extremos opostos, de maneira que um deles não influencie sozinho e expulse o extremo oposto, de maneira que um dos extremos não leve mais que o seu direito e domine o seu extremo injustamente. Esta é a moderação e equilíbrio dignos de uma mensagem universal e eterna, que veio para abranger todos os cantos do mundo e todas as épocas do tempo.

Assim, você vê a civilização islâmica unir a espiritualidade e a matéria, ou entre as necessidades do espírito e as necessidades da matéria, unir as ciências da religião e as ciências da vida, preocupar-se com a vida mundana como se preocupa com a Vida Eterna. Da mesma forma, une o idealismo e o realismo, e também, o equilíbrio entre os direitos e os deveres.

O significado do equilíbrio entre estes opostos é que se dê para cada extremo o seu espaço, e para cada um o seu direito com justiça, sem exagero nem negligência, sem tirania nem transgressão, assim como o Livro de Allah indicou ao dizer: ***"E o céu, Ele o elevou; e estabeleceu a balança. Para que, na balança, não cometais transgressão. E assim, cumpri o peso com equidade, e não defraudeis na balança"*** (Arrahman: 7-9).

Um exemplo para esclarecer isso: através da história das civilizações anteriores, ficou comprovado que, tanto os aspectos espirituais quanto os materiais, quando sozinhos, não servem como caminho para a felicidade do ser humano. O caminho da pura espiritualidade resulta no atraso, na anulação do desejo, do pensamento e das energias de trabalho, mata o lado humano da pessoa e prejudica os benefícios do Universo. Da mesma forma, o caminho do puro materialismo resulta na tirania, injustiça, escravidão e humilhação e no domínio insano das vidas, dos bens e das honras.

Aqui chegou a civilização eterna do Islam para casar e equilibrar entre as necessidades da alma e as necessidades da matéria, ou entre o materialismo e o espiritualismo humano. Assim, o espiritualismo disciplinado torna-se a base do materialismo disciplinado, aí o ser humano aproveita o desejo, a liberdade, o pensamento, o fruto dos esforços e do trabalho num círculo de crença e ética construídos sobre a justiça, a segurança, a estabilidade, a misericórdia e o amor[127].

Portanto faz parte do objetivo deste equilíbrio realizar a harmonia e a concordância entre a natureza humana e o objetivo mental, e assim também a harmonia total nos pensamentos do ser humano e suas imaginações, desejos e intenções.

E em relação à união entre as ciências da religião e as ciências da vida, o Islam construiu a sua nobre civilização sobre a abordagem da ciência, do conhecimento, da mente, da pesquisa, do experimento e da conclusão; pois considerou a vitalidade das ciências na construção do sistema de governo e da sociedade. Nesse aspecto, o Islam elogiou a ciência e os cientistas das mais variadas especialidades, que abrangem todo entendimento que beneficia o ser humano na realização de sua missão e papel na vida, que é a construção da terra e benefício de seus recursos e riquezas. Quero dizer com isso: a união entre as ciências da religião e as ciências da vida.

A palavra "*ílm*" (ciência, conhecimento) foi citada no Livro de Allah (o Alcorão Sagrado) e na Sunnah de Seu nobre mensageiro (a paz esteja com ele) absoluta, sem definição nem restrição, portanto, ela indica toda ciência beneficente que objetiva o bem da vida mundana e a construção da terra... e toda ciência que almeja o benefício das pessoas e o cumprimento saudável das obrigações da sucessão humana sobre este planeta. Este termo significa – na maioria das vezes – o conhecimento em seus dois lados, o religioso e o material (vital), e tudo que foi narrado de elogio aos sábios é para todo sábio que beneficiou as pessoas com o seu conhecimento, seja ele religioso ou material. A história da civilização islâmica expressou isso com extrema sinceridade – e o que apresentaremos nos próximos capítulos de contribuições e criações dos muçulmanos nas ciências materiais ou ciências da vida pode ser o melhor exemplo e melhor expressão desta união.

Esta abordagem equilibrada é diferente de tais civilizações onde a religião dominou as capacidades mentais e científicas e permaneceu proibindo o conhecimento e restringindo o pensamento e o uso da mente.

---

127 Muhammad Zhafarullah Khan: Al Hadharah Al Islamyiah bai Al Hadharat *(A civilização islâmica entre as civilizações)*. www.balagh.com/deen/ya1dbf66.htm

Em relação ao equilíbrio entre a vida mundana e a Vida Eterna, o argumento mais claro pode ser os versículos nos quais foi revelada a ordem do cumprimento da oração de sexta-feira. Disse Allah, o Altíssimo: ***"Ó vós que credes, quando se chama à oração de Sexta-feira, ide, depressa, para a lembrança de Allah, e deixai a venda. Isto vos é melhor. Se soubésseis! E quando a oração se encerrar, espalhai-vos pela terra e buscai algo do favor de Allah. E lembrai-vos de Allah, amiúde, na esperança de serdes bem-aventurados"*** (Al Jumuáh: 9-10).

Esta é a posição da civilização islâmica na união entre a vida mundana e a Vida Eterna. O versículo anterior esclarece que até mesmo no dia de sexta-feira temos o comércio e trabalho para a vida material antes da oração, em seguida, ir depressa para a recordação de Allah e para a oração, abandono da compra e da venda e ações similares das ocupações da vida. Na sequência, espalhar-se pela terra e procurar o sustento novamente após o término da oração, sem cair em desatenção da recordação de Allah amiúde em todas as situações, pois esta é a fonte do triunfo e do sucesso. "O favor de Allah" neste versículo significa: o sustento e o trabalho.

Em outro versículo que menciona o equilíbrio entre o trabalho para esta vida e o trabalho para o que há depois desta vida, Allah, exaltado seja, diz: ***"E buscai a Derradeira Morada no que Allah te concedeu"*** (Al Qassas 77). O Islam não exigiu do muçulmano ser um sacerdote num mosteiro, ou um adorador num retiro, rezando de noite e jejuando de dia, sem ter parte alguma na vida e sem que a vida tenha sorte dele também. Porém, exigiu do muçulmano que seja tão somente um ser trabalhador na vida, a construindo e percorrendo os lados da Terra, e procurando o sustento em suas fontes. Assim são os membros da civilização islâmica, trabalhadores para a vida mundana e para a Vida Eterna, buscando o bem e a felicidade nas duas vidas.

Também faz parte do equilíbrio com o qual a civilização islâmica se destacou: a união entre o idealismo e o realismo[128] de forma firme e maravilhosa. O Islam é uma religião idealista e, ao mesmo tempo, realista. Ele almeja sempre para os seus adeptos a perfeição e os nobres ideais, porém exige os meios e o esforço através deles, e não sobrecarrega as pessoas à toa. Por isso, é difícil separar o idealismo do realismo no Islam, que é tão somente uma lei completa para os humanos que ilumina para eles os caminhos do bem, e desenha para eles as bases de conduta e as regras de relações.

128 Veja: Jumu'a Ali Al Khauli: *O Idealismo e o Realismo no Islam* (revista da Universidade Islâmica de Madinah, número 44, p. 121-133).

No idealismo, a civilização islâmica zela pelo alcance do ser humano o mais elevado horizonte possível para alcançar um nível nobre e alto em facilidade, conforto e tranquilidade. E no realismo, a civilização islâmica leva em consideração as condições do ser humano e sua natureza, os limites de sua capacidade, a natureza de sua formação e a realidade de sua vida.

Na civilização islâmica, não existe tal idealismo imaginário que só existe no mundo dos sonhos, como o que Platão criou na cidade ideal, que é absolutamente distante da realidade do ser humano, dos instintos e tendências que o compõem e o defeito e limitação aos quais está sujeito.

Também não existe na civilização islâmica tal realismo que significa o contentamento com a situação qualquer que seja, ou que a civilização islâmica sujeite os seus princípios para concordarem com a vida como quer que ela esteja, ou para acompanharem o acontecido como quer que ele esteja. A civilização islâmica não chegou para se constituir conforme os caprichos das pessoas e suas leis, ou para se contentar com as suas situações deploráveis ou com as suas tradições tortuosas, mas chegou para cancelar todos os tipos de ignorância e suas leis, e para formar de si mesma uma organização exclusivamente dela, que pode parecer em partes com a situação das pessoas e pode não parecer.

E no equilíbrio entre o idealismo e o realismo, o Islam estabeleceu um limite mínimo ou um nível mínimo de perfeição, abaixo do qual não é permitido descer, porque este nível é imprescindível para a formação da personalidade do muçulmano de maneira razoável, e porque é o mínimo que se pode aceitar de um muçulmano para que este seja considerado um dos muçulmanos. Este nível foi estabelecido de maneira que a pessoa tenha o mínimo de preparo para fazer o bem e evitar o mal seja capaz de alcançá-lo e cumprí-lo. Este nível é composto das obrigações e das ilicitudes proibidas, e estas obrigações e proibições foram estabelecidas de maneira que cada um pode cumprir com o que elas exigem. E no caso de necessidades, a lei as considera e as mede conforme a medida necessária.

E ao lado deste nível obrigatório, o qual todo muçulmano deve alcançar, a lei islâmica estabeleceu outro nível mais alto e mais amplo, incentivou e amabilizou as pessoas em alcançá-lo. Este alto nível abrange os atos aconselháveis e os variados tipos de adoração que o Islam incentivou e abrange também os atos detestáveis que o muçulmano deve evitar e dos quais deve se distanciar.

Porém o alcance deste nível alto necessita de grande esforço que não é possível a todas as pessoas, mas depende de talentos especiais e preparo particular, com o qual se destacam uma rara minoria entre as pessoas. Por

isso, o Islam não fez este alto nível obrigatório sobre todos, mas os traçou para eles e, em seguida, os deixou conforme suas capacidades... ***"Allah não impõe a alma alguma senão o que é de sua capacidade"*** (Al Baqarah: 286) e aceita de todos o que cada um cumpre conforme o seu esforço... ***"E, para cada um desses, haverá escalões, segundo o que fizeram"*** (Al An'am: 132), (Al Ahqaf: 19).

Quanto ao último equilíbrio que queremos mencionar, é o equilíbrio entre direitos e deveres. A civilização islâmica vê que todo direito de um indivíduo ou grupo é um dever sobre outrem. Sendo assim, os direitos dos governados são, tão somente, deveres sobre os governantes; os direitos dos locatários são, tão somente, deveres sobre os proprietários; os direitos das crianças são, tão somente, deveres sobre os pais; e assim, através do cumprimento dos deveres são considerados os direitos.

O Islam prega a realização do equilíbrio nos direitos e deveres entre o indivíduo e o grupo para equilibrar a tendência individual e os interesses da sociedade. O ser humano não é uma unidade vital independente do restante dos indivíduos da sociedade, mas deve viver dentro do círculo da sociedade, trocar mutuamente benefícios e interesses e criar relações. E a partir destes vínculos nasceram os direitos e deveres que a lei islâmica organizou.

Assim a civilização do Islam foi marcada com o equilíbrio e a moderação.

4

A Gradação Moral

A educação moral é considerada a cerca protetora da civilização islâmica e é a base sobre a qual foi construída. Os princípios dos valores e da educação se envolvem em todas as organizações da vida e nas suas variadas atividades, seja na conduta pessoal, ou na conduta social, política ou econômica. O mensageiro do Islam (a paz esteja com ele) foi enviado para completar a boa conduta e para aperfeiçoá-la. Ele disse: "Fui enviado tão somente para aperfeiçoar as nobres condutas"[129]. Com estas palavras o mensageiro (a paz esteja com ele) definiu o objetivo de seu envio e como ele pretende aperfeiçoar as condutas nobres dentro de sua nação e entre todas as pessoas, e quer que a humanidade se relacione com a lei da boa conduta, acima da qual não existe lei alguma.

No governo, na ciência, na legislação, na guerra, na paz, na economia, na família... os princípios morais foram levados em consideração na civilização islâmica, seja na legislação seja na prática, e alcançou alta e distante posição, que não foi alcançada por nenhuma civilização nem antigamente nem atualmente. A civilização islâmica deixou marcas neste assunto que merecem admiração e que fazem dela a única, entre as civilizações, que garantiu a felicidade da humanidade, uma felicidade pura e sem nenhuma mancha de infelicidade[130].

O mais importante neste assunto é o fato de somente a revelação ser a fonte da educação moral na civilização islâmica. Por isso, ela possui valores fixos e ideais altivos que servem a todo ser humano, seja qual for sua nacionalidade, sua época, seu lugar e seu tipo. Ao contrário da moralidade

129 Relatado por Al Hakim, da narração de Abu Hurairah (4221) e Al Baihaqi em Al Sunan Al Kubra (20571). Veja: *Al Silsilah Al Sahihah* (45).

130 Mustafa Al Siba'i: Min. Raua'i Hadharatina *(Das Maravilhas de Nossa Civilização)*, p. 37.

teórica, onde a fonte é a mente humana limitada ou aquilo no qual as pessoas entram em acordo na sociedade, denominado "costume", por isso a educação e a moral aqui mudam de acordo com a sociedade e de acordo com o pensador.

Também, a fonte de obrigatoriedade na ética islâmica é apenas o sentimento do ser humano que Allah o policia, e na moralidade teórica a fonte de obrigatoriedade é apenas a consciência, ou o sentimento de obrigação, ou as leis que obrigam. Esta gradação moral é considerada um selo de segurança que garante a continuação da civilização e sua permanência, e ao mesmo tempo impede os seus desvios e seu tropeço.

O aspecto humano é um dos mais destacados aspectos da civilização islâmica, ou seja, o ser humano é a pedra angular desta humanidade, é a sua base sob a qual se oculta a preservação da nobreza e dos interesses dele, sendo considerado o sucessor encarregado de construir a vida e produzir a civilização. Por isso, foi mencionada repetidamente no Alcorão Sagrado a confirmação da honra e do privilégio do ser humano. Disse Allah, o Altíssimo: ***"E com efeito, honramos os filhos de Adão e levamo-los por terra e mar e demo-lhes por sustento das cousas benignas, e preferimo-los, nitidamente, a muitos dos que criamos"*** (Al Issrá: 70).

Allah concedeu a nobreza a todos os humanos por igual, isso porque a essência do ser humano é uma só desde a sua criação, e as várias diferenças entre os humanos não mudam em nada a sua essência, todas as pessoas foram criadas de uma só fonte. Esta nobreza que Allah deu ao ser humano exclusivamente, entre todos os seres, tem dimensões variadas: é uma proteção divina para o ser humano que envolve o respeito de sua mente, sua liberdade e sua vontade, envolve também o seu direito à segurança de sua pessoa, sua posse e sua descendência.

Com estas particularidades, a civilização islâmica torna-se dona de características peculiares; ela é universal, baseia-se na unicidade absoluta de Allah, o Senhor do Universo, é marcada pela moderação e equilíbrio assim como é marcada pela gradação moral. Dessa maneira, ela não é uma civilização nacional, nem racial e nem é contra a natureza humana.

Estas características exclusivas da civilização islâmica adquirem o caráter de permanência e continuação dos princípios da religião islâmica, porque nascem dela, e são unidos a ela. Assim, essas características são como uma joia valiosa que não muda e não se altera, mesmo que as situações mudem e mesmo que ocorram novidades.

Parte 2

As Contribuições dos Muçulmanos no Campo da Moral e dos Valores

A educação moral e os valores representam o aspecto significativo ou espiritual na civilização humana, também é a essência e a base sobre a qual se baseia qualquer civilização. Ao mesmo tempo, garante o mistério de sua permanência e sua firmeza no decorrer da História e das gerações. Quando este aspecto um dia se ausenta indica o término do calor emocional do ser humano, que é o espírito da vida e da existência. Assim a misericórdia terá abandonado o seu coração, sua consciência e seu coração terão se enfraquecido no cumprimento de sua missão, e não saberá mais a realidade de sua existência, muito menos a realidade de sua pessoa. Permanecerá amarrado com algemas materiais sem conhecer como se desamarrar delas nem como se salvar.

Infelizmente, as civilizações anteriores – como observamos anteriormente – e as atuais não tiveram grande contribuição nem papel proeminente neste aspecto. Os sábios e pensadores do Ocidente testemunham isso. O escritor inglês Goody diz:

> A civilização moderna não tem equilíbrio entre a força e a conduta, a conduta está muito atrasada em relação à ciência. As ciências naturais nos deram uma força tremenda, porém a utilizamos com mente de crianças e de selvagens... a degeneração está no erro do ser humano no entendimento de sua real posição no Universo, na sua recusa ao mundo dos valores, que abrange os valores do bem, da verdade e da beleza[131].

131 Anuar Al Jundi: Muqaddimat al Úlum wal Manahij 4/770.

E Alexis Carrel diz: "Na civilização moderna pouco testemunhamos indivíduos a seguir exemplos morais, contudo, a beleza da conduta supera a ciência e a arte, pois é a base da civilização"[132].

E na realidade, esse aspecto – o aspecto da moral e dos valores – só teve o seu direito cumprido na civilização dos muçulmanos, a qual se construiu basicamente nos valores e na conduta, e seu mensageiro foi enviado exclusivamente para aperfeiçoar as nobres condutas e para completá-las, após elas se diluírem, dispersarem-se e serem negligenciadas entre as nações e as civilizações.

Estas condutas e valores nunca foram resultado do desenvolvimento intelectual durante o passar dos tempos, mas foram revelações feitas por Allah, exaltado seja, e decretadas pelo mensageiro do Islam, Muhammad (a paz esteja com ele), portanto a fonte delas é a legislação islâmica há quinze séculos.

Nesta parte apresentamos uma pequena parcela das contribuições dos muçulmanos no aspecto da conduta e valores, que traduz a essência da civilização humana. Nosso objetivo não é abranger, mas apenas abrir páginas, nem explicar e detalhar, mas apenas destacar e iluminar. Faremos isso conforme segue:

Primeiro Capítulo: No Assunto dos Direitos
Segundo Capítulo: No Assunto das Liberdades
Terceiro Capítulo: No Assunto da Família
Quarto Capítulo: No Assunto da Sociedade
Quinto Capítulo: Os Muçulmanos e as Relações Internacionais

132 Alexis Carrel: *O homem, esse desconhecido*, p. 153.

Primeiro Capítulo

No Assunto dos Direitos

Nietzsche, um filósofo alemão, diz: "Os fracos incapacitados devem ser dizimados! Este é o primeiro princípio dos princípios de nosso amor pela humanidade! E devem ser ajudados nessa eliminação"[133].

Porém a filosofia e a lei do Islam jamais se desviaram dos valores e da moral esta filosofia foi representada no reconhecimento de uma série de direitos que abrangeu todos os seres humanos, sem distinção de raça, cor ou língua e abrangeu também o seu meio, com o qual se relaciona. E foi representada também pela proteção do Islam a esses direitos com a autoridade da lei, com a garantia de sua aplicação e com a imposição de punições a quem cometer infração contra este direitos.

Os mais importantes direitos se esclarecem através das seguintes pesquisas:

1. Os Direitos do Ser Humano
2. Os Direitos da Mulher
3. Os Direitos dos Serventes e Empregados
4. Os Direitos dos Doentes e pessoas com deficiência (PCD)
5. Os Direitos do Órfão, do Necessitado e da Viúva
6. Os Direitos das Minorias
7. Os Direitos dos Animais
8. Os Direitos do Meio Ambiente

133 Copiado de Al Ghazali: Rakaíz Al Iman bain Al Áql wa Qalb *(As bases da crença, entre o raciocínio e o coração)*, p. 318.

1

Os Direitos do Ser Humano

O Islam tem uma visão sublime sobre o ser humano, cheia de nobreza e grandeza a partir do dizer de Allah, altíssimo seja: ***"E com efeito, honramos os filhos de Adão e levamo-los por terra e mar e demo-lhes por sustento das cousas benignas, e preferimo-los, nitidamente, a muitos dos que criamos"*** (Al Issrá: 70). Esta visão deu aos direitos humanos no Islam particularidades e características distintas. Entre as mais importantes temos a abrangência dos direitos políticos, econômicos, sociais e intelectuais... também são gerais para todos os indivíduos, muçulmanos e não-muçulmanos, sem distinção de cor, raça ou idioma. Eles também não estão sujeitos à anulação ou alteração, porque estão vinculados aos ensinamentos do Senhor do Universo.

O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) decretou isso no sermão de despedida, que foi como um decreto universal dos direitos humanos ao dizer: "... Vossos sangues e bens são sagrados entre vós como o sacramento deste vosso dia, neste vosso mês, neste vosso país até o dia em que encontrareis ao vosso Senhor..."[134]. Este sermão confirmou uma série de direitos, dentre os mais importantes: o direito à vida, à posse, ao zelo pela honra, entre outros.

O profeta (a paz esteja com ele) enobreceu a posição da pessoa humana em geral ao lembrar a obrigação de se preservar o maior direito do ser humano, o direito à vida. Ao ser perguntado sobre os grandes pecados disse: "a idolatria... o assassinato de uma pessoa.."[135]. O termo "pessoa" é geral e abrange todo ser que é morto ilegalmente.

134 Narrado por Al Bukhari da narração de Abu Bakrah (1654) e Muslim (1679).

135 Narrado por Al Bukhari da narração de Anas ibn Malik (2510), Al Nasa'i (4009) e Ahmad (6884).

Em seguida, o mensageiro (a paz esteja com ele) foi além ao decretar a obrigação da preservação da vida da própria pessoa ao proibir o suicídio, dizendo: "Quem se lançar de uma montanha e matar a si mesmo estará no fogo do Inferno, se lançará nele eternamente. Quem ingerir veneno e matar a si mesmo estará a ingeri-lo no fogo do Inferno eternamente. Quem se matar com um ferro, seu ferro estará em sua mão a furar a sua barriga no fogo do Inferno eternamente"[136].

O Islam também proibiu toda ação que fere o direito à vida, seja para amedrontar, humilhar ou agredir. Hicham ibn Hakim disse: "Ouvi o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) dizer: 'Allah castiga os que castigam as pessoas na vida mundana'"[137].

Após enobrecer o ser humano de maneira geral, e decretar o sacramento do sangue, da honra, dos bens e o direito à vida, também confirmou o direito à igualdade entre todas as pessoas, entre os indivíduos e os grupos, entre as raças e os povos, entre os governantes e os governados, entre as autoridades e o povo, sem limites nem exceções, sem diferença na legislação entre o árabe e o não árabe, nem entre o branco e o negro, nem entre governador e governado, porém a diferenciação entre as pessoas acontece com o temor a Allah. Disse o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele): "Ó humanos, vosso Senhor é Um, e vosso pai (Adão) é um. Todos vós são descendentes de Adão, e Adão é da terra. O mais nobre entre vós para Allah é o mais temente. O árabe não tem virtude sobre o estrangeiro, a não ser pelo temor"[138]. Vejamos o seu relacionamento (a paz esteja com ele) com o princípio da igualdade para perceber a sua grandeza (a paz esteja com ele). Abu Umamah disse:

> Abu Zhar insultou a Bilal em sua mãe e disse: Filho da negra. Então, Bilal foi ao encontro do mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) e o informou. O profeta (a paz esteja com ele) ficou nervoso e Abu Zhar chegou e não percebeu, então o profeta (a paz esteja com ele) deu as costas a ele. Abu Zhar disse: só pode te ter feito virar a face para mim alguma informação que te chegou ó mensageiro de Allah! O profeta (a paz esteja com ele) disse: "Tu insultastes a Bilal em sua mãe?! E disse também: "Juro por Quem revelou o Livro a Muhammad, ninguém tem

136 Narrado por Al Bukhari (5442), e Muslim (109).

137 Narrado por Muslim, o capítulo da Virtude, boas maneiras e participar dos laços de parentesco (2613), Abu Daud (3045) e Ahmad (15366).

138 Narrado por Ahmad (23536). Shu'ayb Al Arna'ut disse que sua transmissão é correta; Al Tabarani: Al Mu'jam Al Kabir (14444). Al Albani disse: "Correto". Veja: *Al Silsilah Al Sahihah* (2700).

> privilégio sobre mim exceto com a boa ação, todos vós sois iguais ao prato de uma balança[139]" [140].

A justiça é outro direito que está ligado à igualdade. Das maravilhas narradas neste assunto temos o dizer do mensageiro (a paz esteja com ele) a Ussamah ibn Zaid quando este foi intervir por uma mulher da tribo de Makhzum que roubou: "Juro por Quem a alma de Muhammad está em Sua mão! Se Fátimah filha de Muhammad roubar cortarei a sua mão"[141].

O profeta (a paz esteja com ele), em busca de justiça, também proibia a recusa do direito do indivíduo por auto defesa. Dizia: "O dono da verdade tem o que dizer..."[142]. E disse para quem é empossado no governo ou na sentenciação entre as pessoas: "... Quando os rivais sentarem à tua frente, não sentencie até ouvir do outro assim como ouvistes do primeiro, pois é mais provável que se esclareça para ti a justiça"[143].

E outro direito unicamente exclusivo da lei islâmica, que não foi citado por nenhuma lei humana nem por nenhum tratado dos tratados dos direitos humanos: o direito a suficiência, cujo significado é que cada indivíduo que vive dentro dos limites do país islâmico tenha condições de alcançar o que lhe basta das necessidades da vida, de maneira que tenha uma vida honrada e se realize para ele um nível decente para o sustento. Este direito difere do limite da pobreza mencionado pelas leis humanas, que significa o limite mínimo para a sobrevivência do ser humano[144].

Este direito se realiza com o trabalho, se o indivíduo for incapaz, então com o zakat (o tributo e doação), se o zakat for incapaz de abastar os necessitados, o orçamento do governo deve suprir esta necessidade. O mensageiro (a paz esteja com ele) expressou isso ao dizer: "... Quem deixar bens ou filhos, então para mim e sobre mim"[145]. Em seguida, confirmando este direito, disse: "Não crê em mim quem dorme satisfeito enquanto seu

---

139 Ou seja, todas as pessoas são iguais, assim como o prato da balança é próximo de seu conteúdo.

140 Narrado por Al Baihaqi: Shu'ab Al Iman (5135).

141 Narrado por Al Bukhari da narração de 'Aisha (que Allah esteja satisfeito com ela), no capítulo dos profetas (3288), e Muslim, o capítulo de Al Hudud (punições prescritas pelo Islam) (1688).

142 Narrado por Al Bukhari, capítulo de Al Wakalah (2183), e Muslim, o capítulo de Al Mussaqah (1601).

143 Narrado por Abu Daud com a autoridade de Ali ibn Abu Talib, capítulo do Poder Judiciário (3582), Al Tirmizhi (1331) e Ahmad (882).

144 Ver: Khadija Al Nabarawi: Mawsu'at Huquq Al Insan fi Al Islam *(Enciclopédia dos direitos humanos no Islam)*, p. 505-509.

145 Narrado por Al Bukhari (4503) e Muslim (867).

vizinho está faminto ao seu lado e ele conhece sua situação"[146]. E elogiou dizendo:

> Os assh'áriin (os indivíduos da tribo de Bani Ash'ár), quando deixam viúvas em uma guerra, ou o alimento de suas famílias é escasso na cidade, unem tudo o que tem num só tecido e o dividem por igual entre eles num só recipiente. Então eles são de mim e eu sou deles[147].

Os direitos humanos chegam ao auge de sua grandeza quando estão relacionados com os direitos dos civis, dos prisioneiros durante as guerras, porque durante as guerras prevalece o espírito de vingança e maus tratos, não o espírito humanitário e de misericórdia. Porém o Islam teve um sistema humanitário regido pela misericórdia e, nesse assunto, o mensageiro (a paz esteja com ele) diz: "Não matem crianças, nem mulheres nem idosos"[148].

Isto é algo sobre que o Islam legislou e estabeleceu como direitos humanos na Terra. Em geral, esses direitos refletem a visão humanitária que é o espírito da civilização dos muçulmanos.

146 Narrado por Al Hakim (7307) e Al Tabarani em sua obra *Al Mu'jam Al Kabir* (750). Narrado também por Al Baihaqi em *Shu'ab Al Iman* (3238). Veja: *Al Silsilah Al Sahihah* (149).

147 Narrado por Al Bukhari (2354) e Muslim (2500).

148 Narrado por Muslim (1731) e Al Tabarani (4313).

2

Os Direitos da Mulher

O Islam envolveu a mulher com grande cuidado e atenção, a elevou e a valorizou, concedeu-lhe nobreza e bom relacionamento sendo filha, esposa, irmã e mãe. O Islam estabeleceu, inicialmente, que a mulher e o homem foram criados de uma só fonte, por isso as mulheres e os homens no aspecto humano são iguais. Disse Allah, o Altíssimo: ***"Ó humanos, temei a vosso Senhor, Que vos criou de uma só pessoa e desta criou sua mulher, e de ambos espalhou pela terra numerosos homens e*** mulheres" (Annissá: 1). E existem vários outros versículos que esclarecem a eliminação do Islam o princípio da distinção entre o homem e a mulher nos valores humanos comuns.

Partindo destes princípios e negando os costumes da *jahiliyah* (época pré-islâmica) e das nações anteriores no assunto da mulher, o Islam chegou para defender a mulher e para colocá-la em um nível jamais alcançado em nenhuma nação ou religião anterior nem em nação posterior, estabelecendo para ela – como mãe, irmã, esposa e filha desde catorze séculos atrás – direitos reivindicados ainda hoje pela mulher ocidental.

O Islam estabeleceu inicialmente que as mulheres se igualam aos homens no valor e na posição, o fato de serem mulheres não as diminui. O mensageiro (a paz esteja com ele) disse sobre isso, decretando um princípio importante: "Em verdade, as mulheres são irmãs dos homens"[149]. Também é narrado sobre ele que recomendava o respeito às mulheres permanentemente, dizia aos seus companheiros: "Tratem bem as mulheres..."[150]. Esta

149 Relatado por Al Tirmizhi: Capítulo de Al Taharah (purificação) (113), Abu Daud (236), Ahmad (26.238), Abu Ya'la (4694).

150 Narrado por Al Bukhari (4890) e Muslim (1468).

recomendação se repetiu no sermão de despedida, quando ele falava a milhares de pessoas da sua nação.

Se pretendemos esclarecer o que o Islam estabeleceu de bases para a elevação e enobrecimento da mulher, devemos primeiro perceber inicialmente a situação da mulher nas "ignorâncias" antigas e modernas[151], para vermos a real escuridão que ela viveu e ainda vive. A partir daí, esclarece-se para nós a real situação e posição da mulher sob a sombra dos ensinamentos do Islam e da civilização islâmica.

Se os árabes – como antecedemos no primeiro capítulo – enterravam suas filhas as privando do direito à vida, temos o Alcorão Sagrado sendo revelado criminalizando e proibindo tal ato: ***"E quando a filha, enterrada viva, for interrogada, por que delito fora morta"*** (Attakwir: 8-9). O profeta (a paz esteja com ele) também fez deste crime um dos maiores pecados. Ibn Mass'úd disse:

> Perguntei ao mensageiro de Allah (a paz esteja com ele): Qual pecado é maior? Ele disse: "Que tu associes com Allah um parceiro sendo que Ele te criou". Eu disse: e em seguida? Ele disse: "Que mates o teu filho temendo que ele divida o teu sustento contigo". Eu disse: e em seguida? Ele disse: "Que cometas adultério com a mulher de teu vizinho"[152].

Este assunto no Islam não se limita a dar à mulher somente o direito à vida, mais ainda, o Islam incentivou a benfeitoria a ela quando pequena. Disse o mensageiro (a paz esteja com ele): "Quem for responsável por estas meninas e for benfeitor para com elas, elas lhes serão uma barreira do fogo"[153].

Em seguida, o mensageiro (a paz esteja com ele) ordenou ensiná-las dizendo: "Todo homem que tiver uma menina e a ensinar com perfeição, e a educar com perfeição... terá duas recompensas"[154]. E o profeta (a paz esteja com ele) dedicava um dia para a exortação das mulheres e as ordenava a obediência a Allah, altíssimo seja[155].

---

151 Mencionamos este assunto quando falamos sobre as civilizações anteriores.

152 Narrado por Al Bukhari, capítulo de Al Adab (comportamento) (5655), Al Tirmizhi (3182) e Ahmad (4131).

153 Narrado por Al Bukhari (5649) e Muslim (2629).

154 Narrado por Al Bukhari (4795).

155 Abu Said Al Khudri disse: algumas mulheres solicitaram ao profeta para fixar um dia para elas, enquanto os homens estavam tomando todo o seu tempo. Então, ele prometeu-lhes um dia de aulas para exortá-las e ordená-las. Narrado por Al Bukhari, capítulo de Al Ilm (conhecimento) (101), e Muslim, o capítulo da Virtude, boas maneiras e participar dos laços de parentesco (2633).

Quando a menina atravessa a idade da puberdade e torna-se adolescente, o Islam já lhe dá o direito de aceitar ou recusar um possível pretendente para o casamento, não permite que ela se case com um homem a quem não deseja. Sobre isso, o mensageiro (a paz esteja com ele) disse: "A mulher que já foi casada tem mais direito sobre si que o seu tutor, e a virgem deve ser perguntada e sua permissão é o seu silêncio"[156]. E disse: "A mulher que já foi casada não pode ser casada até ser consultada, e a mulher virgem não pode ser casada até lhe ser pedida a permissão". Disseram: "Ó mensageiro de Allah, e como é a sua permissão?" Disse: "Que faça silêncio"[157].

E quando torna-se esposa, a lei islâmica incentiva o bom trato e boa convivência, levando em consideração que a boa convivência com a mulher é uma prova da nobreza do homem e da generosidade de sua natureza. Incentivando isso, o mensageiro (a paz esteja com ele) disse: "Se o homem dá água para sua mulher beber é recompensado"[158]. E alertando, diz: "Eu constranjo a quem faz perder o direito dos dois fracos: o órfão e a mulher"[159].

O mensageiro (a paz esteja com ele) era um exemplo prático neste assunto, era de extrema ternura e bondade com sua família. Al Assuad Annakhaí narra que perguntou a Áíshah sobre o que o profeta (a paz esteja com ele) fazia junto de sua família. Ela disse: "A ajudava no trabalho doméstico, então, se chegasse a hora da oração, partia para a oração"[160].

E se a mulher detestar o seu marido e não suportar viver com ele, o Islam lhe concedeu o direito à separação. Ibn Ábbass disse:

> A mulher de Thabit ibn Qaiss veio até o profeta (a paz esteja com ele) e disse: Ó mensageiro de Allah, não reclamo sobre Thabit em religião nem conduta, porém receio a incredulidade. O mensageiro de Allah então disse: "Então, queres anular a tua residência com ele?". Ela respondeu: "Sim". Então, o profeta (a paz esteja com ele) o ordenou que se separasse dela[161].

---

156 Narrado por Muslim (1421).

157 Narrado por Al Bukhari (4843).

158 Narrado por Ahmad na autoridade de Ibn Al Írbadh ibn Sariyah (17195). Veja: Sahih Al Targhib wa Al Tarhib (Livro do incentivo e intimidação) (1963)

159 Narrado por Ibn Majah (3678) e Ahmad (9664). Shu'aib Al Arna'ut disse que sua transmissão é forte. Al Hakim (211), e disse que o *hadith* é correto conforme as condições exigidas por Muslim. Al Zhahabi disse em Al Talkhis: De acordo com as condições de Muslim. Al Baihaqi (20239). Al Albani disse: "Correto".. Veja *Al Silsilah Al Sahihah* (1015).

160 Narrado por Al Bukhari capítulo, de wa Al Jama'ah Al Imamato (644), Ahmad (24.272), e Al Tirmizhi (2489).

161 Narrado por Al Bukhari, capítulo de Al Talaq (divórcio) (4973) e Ahmad (16.139).

Podemos adicionar ao que antecedeu o fato de o Islam ter estabelecido poder financeiro individual para a mulher exatamente igual ao homem: ela pode vender, comprar, alugar, outorgar, dar e não tem limitação sobre ela enquanto ela goza de suas faculdades mentais, baseando-se no dizer de Allah, o Altíssimo: ***"Então, se percebeis neles maturidade, entregai-lhes suas riquezas..."*** (Annissá: 6).

Quando Ummu Haní bint Abi Talib deu proteção a um homem politeísta e seu irmão Ali ibn Abi Talib queria matá-lo, o profeta (a paz esteja com ele) sentenciou a favor de Ummu Haní e deu a ela o direito de oferecer proteção na guerra ou na situação de paz aos não-muçulmanos e disse: "Protegemos a quem tu proteges ó Ummu Haní"[162].

Assim vive a mulher muçulmana, cara, nobre, protegida sob a sombra dos ensinamentos do Islam e sob a nobre civilização islâmica.

162 Narrado por Al Bukhari sobre a autoridade de Um Hani bint Abu Talib: Capítulo de Al Jiziah (3000), e Muslim: Capítulo de Salat Al Mussafirin (orações dos viajantes) (336).

3
Os Direitos dos Serventes e Empregados

O Islam enobreceu os serventes e empregados, deu-lhes assistência e reconheceu os seus direitos pela primeira vez na história – quando o trabalho em algumas leis antigas significava escravidão e dependência e em outras leis significava humilhação e desonra –, objetivando com isso o estabelecimento da justiça social e proporcionar uma vida digna para eles. A biografia do mensageiro (a paz esteja com ele) é o melhor testemunho da grandeza da visão da civilização islâmica sobre os empregados e é um reconhecimento dele aos seus direitos.

O profeta (a paz esteja com ele) ordenou os empregadores a tratarem os seus empregados de forma nobre, a terem compaixão e reconhecimento por eles, e a não sobrecarregá-los com trabalhos acima de suas capacidades. Disse o profeta (a paz esteja com ele):

> Vossos irmãos são vossos empregados, Allah os deixou sob vossas mãos, assim, quem tiver o seu irmão subordinado a ele que o alimente daquilo com o qual se alimenta, e que o vista daquilo que veste, e que não os encarreguem aquilo que não suportam, e se os encarregarem auxilie-os[163].

O profeta (a paz esteja com ele) declarou: "Vossos irmãos são vossos empregados", para elevar o nível de empregado para o nível de irmão! Isso jamais ocorreu em uma civilização anterior.

163 Narrado por Al Bukhari, capítulo de Al Iman (fé) (30), e Muslim, o capítulo de Al Aiman wa Al Nuzhur (juramentos) (1661).

O mensageiro (a paz esteja com ele) também obrigou o empregador a pagar o trabalhador e empregado o salário equivalente ao seu empenho sem injustiça ou atraso. Disse: "Concedam ao empregado o seu salário antes de secar o seu suor"[164].

O Islam também alertou sobre a injustiça contra os trabalhadores, o profeta (a paz esteja com ele) disse no *hadith* narrado da palavra do Senhor da Glória, exaltado seja: "Disse Allah, o Altíssimo: 'Eu serei rival de três no dia da ressurreição... e um homem que contratou um empregado, usufruiu dele e não lhe deu o seu salário'"[165]. Para que todo indivíduo que cometeu injustiça contra um trabalhador ou empregado saiba que Allah é Conhecedor do que fez e rival dele no dia da ressurreição.

Também é dever do empregador não sobrecarregar excessivamente o trabalhador de maneira a prejudicar a sua saúde e torná-lo incapaz de trabalhar. Sobre isso, o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) disse: "Aquilo que tu amenizares de trabalho sobre o seu servente tornar-se-á recompensa para ti em tua balança"[166].

Dentre os direitos considerados uma marca iluminada na lei islâmica, temos o direito de humildade para com ele, sobre isso o profeta (a paz esteja com ele) incentiva: "Não se ostenta quem seu servente come junto com ele, monta sobre o asno no mercado e amarra a ovelha e ordenha o seu leite"[167].

A vida do profeta (a paz esteja com ele) foi uma aplicação daquilo que ele dizia, por isso Áíshah narra: "Jamais o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) bateu algo com sua mão, nem uma mulher, nem um servente..."[168].

Também observamos o profeta (a paz esteja com ele) dizer a Abu Mass'úd Al Anssari quando este espancava seu servo: "Fique sabendo, Abu Mass'úd, que Allah tem mais poder sobre você do que você sobre o jovem". Abu Mass'úd disse:

> Olhei e vi que era o profeta (a paz esteja com ele) e disse-lhe: "Ó mensageiro de Allah, ele é livre pela causa de Allah". O mensageiro (a paz

164 Narrado por Ibn Majah, da narração de Abdullah Ibn Omar (2443). Al Albani disse: correto. Veja: Mishkat Al Masabih (2987). *Mishkat Al Masabih* (em itálico).

165 Narrado por Al Bukhari sobre a autoridade de Abu Hurairah, capítulo de Al Buiu'(vendas) (2114), Majah Ibn (2442), e Abu Ya'la (6436).

166 Narrado por Ibn Hibban sobre a autoridade do Amr ibn Huraith (4314), e Abu Ya'la (1472). Salim Hussain Assad disse: seus transmissores são de confiança.

167 Narrado por Al Bukhari: Al Adab Al Mufrad 2 / 321 (568) e Al Baihaqi: Shu'ab Al Iman (8188). Al Albani disse: correta, veja: *Sahih Al Jami'*(5527).

168 Narrado por Muslim, capítulo de Al Fada'il (qualidades) (2328), de Abu Daud (4786) e Ibn Majah (1984).

> esteja com ele) disse: "Se você não fizesse isso, seria envolvido pelo fogo", ou disse "tocado pelo fogo"[169].

Bater, espancar ou chutar, tudo isso é uma humilhação para o servo recusada por Allah e por Seu mensageiro (a paz esteja com ele). Por isso, a pior punição para o senhor intransigente é que ele seja privado imediatamente de sua posse, esta é a grandeza do Islam e da civilização islâmica. E este é Anas ibn Malik, o servente do mensageiro de Allah, faz um testemunho de verdade e sinceridade dizendo:

> O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) era a melhor pessoa em conduta, certo dia, me enviou num serviço. Eu disse: "Juro que não vou" e tinha em meu íntimo ir cumprir o que o profeta de Allah (a paz esteja com ele) me ordenou. Então, saí para passar pelos meninos que brincavam no mercado e eis o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) segurando-me por meus ombros atrás de mim, olhei para ele e estava a rir e, então disse: "Ó Unais, vá para onde te ordenei". Eu disse: "Sim, eu vou, ó mensageiro de Allah". Ao fazer esta narração, Anas disse: "Juro por Allah! Eu servi a ele sete ou nove anos, não conheço que tenha dito a mim por algo que fiz: por que fez tal e tal, nem por algo que deixei de fazer: por que não fez tal e tal"[170].

E ainda, o mensageiro (a paz esteja com ele) se preocupava na assistência aos seus serventes a ponto de zelar em casá-los. Rabi'áh ibn K'áab Al Asslami disse:

> Eu servia ao profeta (a paz esteja com ele) e ele certo dia me disse: "Rabi'áh, você não quer casar?" Eu disse: "Não, ó mensageiro de Allah, não quero casar, não tenho com que manter uma mulher e não quero que nada me ocupe de ti". Então, ele me deixou e, depois disso, disse-me: "Rabi'áh, você não quer casar?" Eu disse: "Não, ó mensageiro de Allah, não quero casar, não tenho com que manter uma mulher e não quero que nada me ocupe de ti". Então, ele me deixou. Em seguida, revisei o meu íntimo e disse: "Juro por Allah, ó mensageiro de Allah, o senhor é mais conhecedor do que me beneficia na vida mundana e na Vida Eterna. E eu dizia dentro de mim: "Se ele me perguntar pela terceira vez, responderei que sim". Então, ele me disse pela terceira vez:

169 Narrado por Muslim, capítulo de Al Iman (1659), Abu Daud (5159), Al Tirmizhi (1948), Ahmad (22.404), Al Bukhari: *Al Adab Al Mufrad* 1 / 264 (173), e Al Tabarani: *Al Mu'jam Al Kabir* (683).

170 Narrado por Muslim, capítulo de Al Fada'il (2310), e Abu Daud (4773).

> "Rabi'áh, você não quer casar?" Eu, então, respondi: "Sim, ó mensageiro de Allah, ordene-me o que quiser, ou o que lhe agrada". Ele disse: "Vá até família de Fulano, num bairro dos Anssar..."[171].

A grandeza da civilização islâmica no trato aos serventes e trabalhadores também se manifesta quando vemos a misericórdia do profeta (a paz esteja com ele) com seus serventes se estendendo para abranger até mesmo os que não creem no Islam. Um menino judeu que trabalhava como seu servo adoeceu gravemente, o profeta (a paz esteja com ele) o visitava repetidamente até quando se aproximava da morte, o profeta (a paz esteja com ele) o visitou e sentou frente à sua cabeça e o convidou para o Islam. O menino olhou para o seu pai perguntando, então, seu pai disse: "Atenda a Abul Qassim (o profeta)". O menino tornou-se muçulmano e, em seguida, sua alma saiu. O profeta (a paz esteja com ele) saiu da casa dizendo: "Louvor a Allah, que o salvou através de mim do Inferno"[172].

Estes são apenas alguns direitos dos serventes e trabalhadores que o Islam decretou e que o nobre mensageiro do Islam (a paz esteja com ele) aplicou com palavras e na prática, numa época em que só era conhecida a injustiça, a opressão e a tirania... para expressar verdadeiramente a que nível chegaram a civilização islâmica e os muçulmanos em alteza, grandeza e humanidade.

171 Narrado por Ahmad (16.627), Al Hakim (2718), que disse: este é um *hadith* correto, de acordo com as condições de Muslim, e Al Taialisi (1173). Narrado por Al Bukhari: Capítulo de Al Jana'z (funerais), (1290).

172 Narrado por Al Bukhari: Capítulo de Al Jana'z (funerais), (1290).

4

Os Direitos dos Doentes e Pessoas com deficiência (PCD)

O Islam e a civilização islâmica têm uma visão especial a respeito da assistência aos enfermos e às pessoas com deficiência (PCD). Tal visão tem início no alívio oferecido a eles em algumas obrigações religiosas, como lemos no dizer de Allah, altíssimo seja: "***Não há falta sobre o cego e não há falta sobre o coxo e não há falta sobre o enfermo nem sobre vós mesmos...***" (Annur: 61), (Al Fath: 17). E tem fim com a transmissão da esperança em seus íntimos e com a consideração de seus direitos físicos e psicológicos.

Quando o profeta (a paz esteja com ele) ouvia sobre algum doente, se apressava em visitá-lo em sua casa, mesmo com suas muitas preocupações e ocupações. Esta sua visita não era custosa ou forçada, porém ele sentia a sua obrigação perante este doente... como não, se foi ele quem tornou a visita ao doente um de seus direitos? Disse o profeta (a paz esteja com ele): "Os direitos do muçulmano sobre o muçulmano são cinco:... e a visita ao doente..."[173].

O profeta (a paz esteja com ele) – que é o educador e o exemplo – aliviava a crise e a doença do enfermo, mostrava para ele – sem simulação – sua solidariedade com ele, seu zelo e seu amor por ele. Assim alegrava aquele enfermo e sua família. Sobre isso, Abdullah ibn Omar diz:

> Sa'd ibn Úbadah reclamou uma doença, então o profeta (a paz esteja com ele) veio visitá-lo junto com Abdurrahman ibn Áuf, Sa'd ibn Abi Uaqqass e Abdullah ibn Mass'úd. Quando entrou, o encontrou junto de sua família e disse: "Ele morreu?". Disseram: "Não, ó mensageiro de Allah". Então o profeta (a paz esteja com ele) chorou e, ao vê-lo chorar

173 Narrado por Al Bukhari, capítulo de Al Jana'iz (funerais) (1183), e Muslim, capítulo de Al Salam (saudação) (2162).

> todos choraram junto com ele. Então, ele disse: "Vós não ouvis? Em verdade, Allah não castiga por causa da lágrima do olho nem por causa da tristeza do coração, mas castiga por esta (se falar o incoveniente)" – e apontou para a sua língua – "ou tem misericórdia"[174].

O profeta (a paz esteja com ele) também fazia preces pelo doente e lhe dava a boa notícia de que terá recompensa em consequência da doença que o atingiu, e assim, aliviava a situação do doente e o fazia se contentar com ela. Ummul Álaá[175] narra que o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) a visitou quando estava doente e disse: "Tenha a boa nova ó Ummul Álaá, pois Allah elimina com a doença do muçulmano os seus erros assim como o fogo elimina a escória do ouro e da prata"[176].

O mensageiro (a paz esteja com ele) também zelava em aliviar a dor do enfermo e não sobrecarregá-lo. Jabir ibn Abdullah disse:

> Saímos em viagem, quando então, uma pedra atingiu um homem e rachou sua cabeça. Quando dormia teve um sonho molhado (precisava se banhar), então perguntou aos seus companheiros: "Vocês veem alguma autorização para mim em realizar *taiammum* (ablução virtual)?". Disseram: "Não temos autorização para ti sendo que você é capaz de encontrar água". Ele se banhou e morreu. Quando chegamos na presença do profeta (a paz esteja com ele) ele foi informado do acontecido e disse: "O mataram, que Allah os mate. Deviam perguntar, pois a pergunta é a cura da ignorância. Lhe bastava fazer o *taiammum* e amarrar sobre o seu ferimento um pano e, em seguida, passar a mão molhada sobre ele e banhar o resto de seu corpo"[177].

E ainda, o profeta (a paz esteja com ele) atendia a necessidade do enfermo e caminhava com ele até servir suas necessidades. Uma vez, uma mulher que tinha certo distúrbio mental veio até o profeta (a paz esteja com ele) e disse: "Ó mensageiro de Allah, eu preciso de ti". Ele disse: "Ó Umm Fulan, veja que caminho deseja para que eu sirva a tua necessidade". Então permaneceu com ela no caminho até que ela supriu sua necessidade[178].

---

174 Narrado por Al Bukhari, capítulo de funerais (1242), e Muslim, o capítulo de funerais (924).

175 Ummul Álaá: abraçou o Islam e jurou lealdade ao profeta (a paz esteja com ele). É tia de Hakim ibn Hizam. Veja: Ibn Al Athir, *Asad Al Ghabah* 7 / 405, e Ibn Hajar Al Asqalani: *Al Isabah* 8 / 265 (12.176).

176 Narrado por Abu Daud, o capítulo de Al Jana'iz (3092). Al Albani disse correta, veja: *Sahih Al Jami*' (7851).

177 Narrado por Abu Daud, o capítulo de Al Taharah (purificação) (336), Ibn Majah (572), Ahmad (3057), Al Darmi (752), Al Darqutni (3), e Al Baihaqi em Al Sunan Al Kubra (1016). Al Albani disse: Correto. Veja: *Sahih* Al Jami '(4362).

178 Narrado por Muslim sobre a autoridade de Anas ibn Malik, capítulo de Al Fada'il (2326), Ahmad (14.078) e Ibn Hibban (4527).

O profeta (a paz esteja com ele) também deu ao enfermo e às pessoas com deficiência (PCD) o direito ao tratamento, porque a saúde do corpo externa e internamente é um dos objetivos do Islam, por isso, o profeta (a paz esteja com ele) disse aos beduínos quando estes perguntaram a ele sobre a terapêutica: "Procurem a cura ó servos de Allah, pois Allah não pôs uma doença sem que tenha posto um remédio para ele, exceto a velhice..."[179].

O profeta (a paz esteja com ele) não recusou o tratamento de uma mulher muçulmana a um homem muçulmano. Ele permitiu que Rufaydah – uma mulher da tribo de Aslam – medicasse Sa'd ibn Mu'az quando ele foi ferido na batalha de Al-Khandaq. Ela (que Allah esteja satisfeito com ela) atendia os feridos e se colocou a serviço dos muçulmanos necessitados[180].

De forma prática, o profeta (a paz esteja com ele) tratava Amr Ibn Al-Jamuh (que Allah esteja satisfeito com ele) de forma especial. Amr era um homem de necessidades especiais. Ele tinha uma perna manca. Ele tinha quatro filhos, que costumavam participar em batalhas com o profeta (a paz esteja com ele). No dia de Uhud, Amr expressou seu desejo de ir para o campo de batalha, mas seus filhos queriam que ele permanecesse em casa. Ele foi para o profeta (a paz esteja com ele) e lhe disse: "Meus filhos querem me impedir de sair contigo. Mas, por Deus, eu desejo pisar com esta minha perna manca no Paraíso". O profeta (a paz esteja com ele) respondeu: "Deus te ausentou. O combate não lhe é obrigatório" e disse aos seus filhos: "Qual é o problema se vocês permitirem, pode ser que Deus o abençoe com o martírio?". Amr foi para a batalha com o profeta (a paz esteja com ele) no dia de Uhud e ali foi morto. Então, o profeta (a paz esteja com ele) disse:. "Por Deus, entre vós, há pessoas que se jurarem por Deus, Ele vai cumprir o seu juramento, entre eles está Amr Ibn Al-Jamuh. O vi pisar no Paraíso com sua perna manca"[181].

Assim era a situação dos doentes e pessoas com deficiência (PCD) na civilização islâmica.

---

179 Abu Daud, o capítulo de Al Tib (medicina) (3855), Al Tirmizhi (2038) e disse que um *hadith* bom e correto, Ibn Majah (3436) e Ahmad (18.477). Shu'ayb Al Arna'ut disse que a transmissão deste *hadith* é correta e seus homens são confiáveis. Al Albani disse: "Correto". Veja: *Ghayat Al Maram* (292).

180 Narrado por Al Bukhari, Ibn Hisham Al Adab Al Mufrad 1 / 385 (1129), Al Sirah Kathir Al Nabawiyah 2 / 239, e Ibn Al Sirah Al Nabawiyah 3 / 233. Al Albani disse que a transmissão deste *hadith* é correta e todos os seus homens são de confiança. Veja: *Al Silsilah Al Sahihah* (1158).

181 Narrado por Ibn Hibban na autoridade de Jabir ibn Abdullah, capítulo de falar do profeta sobre as qualidades de seus companheiros (7024). Shu'ayb Al Arna'ut disse que sua transmissão é boa. Narrado também por Ibn Sayid Al Nas: Uyun Al Athar 1 / 423, e Al Salihi Al Shami: Subul Al Huda wal Al Rashad fi Sirat Khayr Al Ibad 4 / 214.

5
Os Direitos do Órfão, do Necessitado e da Viúva

A lei islâmica se distinguiu por preservar os direitos dos órfãos, dos pobres e das viúvas, guardou-lhes sob a segurança e assistência da sociedade muçulmana com sua solidariedade para com eles moral e materialmente. Allah, exaltado e altíssimo seja, ordenou a misericórdia para com o órfão dizendo: ***"Então, quanto ao órfão, não o oprimas"*** (Addhuha: 9). E ordenou a concessão do direito do pobre determinado por Allah, exaltado seja, dizendo: ***"E concede ao parente seu direito, e ao necessitado e ao viajante. E não dissipeis teus bens exageradamente"*** (Al Issrá: 26).

E como aumento ao apoio do direito dos pobres e das viúvas, o mensageiro (a paz esteja com ele) incentivou a nação em geral a caminhar no suprimento de suas necessidades, ele elevou o valor de quem zela pelos assuntos deles a um nível inimaginável. Disse o profeta (a paz esteja com ele): "Quem supre as necessidades da viúva e do pobre é igual ao combatente pela causa de Allah, ou o que reza de noite e jejua de dia"[182]. Portanto que recompensa e que prêmio são maiores que isso?

O mensageiro (a paz esteja com ele) também incentivou a benfeitoria ao órfão prometendo grande recompensa, alicerçando assim os direitos dos órfãos na assistência e na manutenção. Disse o profeta (a paz esteja com ele): "Eu e o mantenedor do órfão estaremos no Paraíso como estes dois" e indicou o dedo indicador e o dedo médio[183].

Mais ainda, a bondade e a misericórdia para com o órfão chegou a um nível que incentivou os indivíduos de sua nação a juntarem os órfãos

182 Relatado por Al Bukhari da narração de Abu Hurairah: Capítulo de Annafaqat (as pensões) (5038), e Muslim (2982)

183 Relatado por Al Bukhari da narração de Sahl ibn Sa'd (5659), e Muslim (2983).

aos seus filhos. Disse o profeta (a paz esteja com ele): "Quem unir um órfão a dois pais muçulmanos em seu alimento e bebida até ser independente, lhe será garantido o Paraíso absolutamente"[184].

Podemos observar que o sistema islâmico não olha para os órfãos, pobres e viúvas como pessoas que necessitam somente os requisitos da vida material, mas olha para eles como seres humanos que foram privados do amor e da compaixão. Por isso, o profeta (a paz esteja com ele) recomendou aos seus companheiros a terem compaixão com os pobres e com os órfãos e a aliviá-los. Isto transparece quando o mensageiro (a paz esteja com ele) disse a um homem que veio reclamar a dureza de seu coração: "Gosta que o teu coração amoleça e que você alcance a tua necessidade? Tenha compaixão para com o órfão, passe a mão em sua cabeça e o alimente de teu alimento e teu coração amolecerá e alcançará a tua necessidade"[185].

Por outro lado, a lei islâmica advertiu quanto à injustiça contra os órfãos e a quem devora de seus direitos. Sobre isso, o profeta (a paz esteja com ele) diz: "Evitem as sete destruidoras... e a devora dos bens do órfão"[186].

E mais que isso, o Islam incentivou a doação ao pobre e ao órfão. Disse o profeta (a paz esteja com ele): "... e esta riqueza é verde e doce[187], bem-aventurado é o muçulmano de posse que concede dela ao pobre, ao órfão e ao viajante..."[188].

E no aspecto moral, o Islam vai muito além disso, quando o profeta (a paz esteja com ele) reclama do banquete para o qual só comparecem os ricos e não são convidados os pobres e os órfãos. Disse o profeta (a paz esteja com ele): "Execrável é o banquete para o qual são convidados os ricos, e são deixados os pobres. E quem não atende ao convite está a desobedecer a Allah e ao Seu mensageiro"[189].

E mais grandioso que isso tudo é vermos o profeta (a paz esteja com ele), enquanto governante, considerando-se responsável pela assistência aos órfãos, pobres e necessitados ao publicar: "Eu tenho mais prevalência

184 Ahmad (19047), Al Bukhari em Al Adab Al Mufrad 1/41 (78), Al Tabarani em Al Mu'jam Al Kabir (670) e outros.

185 Ahmad (7566) e Al Baihaqi em Al Sunan Al Kubra (6886) e outros.

186 Al Bukhari, da narração de Abu Hurairah em Kitab Al Uassaia (livro das recomendações) (2615) e Muslim em kitab Al Iman (livro da crença) (89).

187 Esta é uma assemelhação que indica o desejo, a inclinação e o zelo por ele, igual à fruta verde e desejada, porque o verde é desejado em vez do extremamente maduro, e o doce é preferido em vez do azedo. E se as duas características (verde e doce) se unem, a admiração é maior. Veja: Ibn Hajar Al Ásqalani, *Fath Al Bari* 3 / 336.

188 Al Bukhari, da narração de Abu Said Al Khudri (1396), Annassaí (2581) e Ahmad (11173).

189 Al Bukhari, da narração de Abu Hurairah: Kitab Al Nikah (Livro do Casamento) (4882), e Muslim (1432).

sobre os crentes no Livro de Allah, assim sendo, qualquer um de vós que deixou uma dívida ou família necessitada, convoquem-me, pois eu sou o seu responsável...”[190].

O profeta (a paz esteja com ele) era o mais rápido entre as pessoas na aplicação do que dizia. Abdullah ibn Abi Aufa narra que o profeta não menosprezava e não se ostentava em andar com a viúva e o pobre e suprir suas necessidades”[191].

E assim, o Islam preservou grandes direitos, materiais e morais, para os órfãos, para as viúvas e para os pobres, de maneira a transformar a situação deles na humanitária civilização islâmica.

190 Al Bukhari: Kitab Al Faraídh (Livro da Herança) (6364), e Muslim, da narração de Abu Hurairah (1619).

191 Annassaí: Kitab Al Jumu'ah (Livro sobre a sexta-feira) (1414), Al Darimi (74), Ibn Hibban (6423). Shu'aib Al Arnaut disse: Sua corrente é correta conforme as condições de Muslim. Al Tabarani também o compilou em *Al Saghir* (405). E Al Albani disse: “Correto”. Veja: Mishkat Al Massabih (5833).

6
Os Direitos das Minorias

Sob a sombra da lei islâmica, a minoria não-muçulmana dentro da sociedade muçulmana ganhou direitos e privilégios que jamais uma minoria conquistou em qualquer outra lei ou em qualquer outro país. Isto ocorreu porque a relação entre a sociedade muçulmana e a minoria não-muçulmana foi regida pela diretriz divina expressa no dizer de Allah, o Altíssimo: ***"Allah não vos coíbe de serdes blandiciosos e equânimes para com os que não vos combateram, na religião, e não vos fizeram sair de vossos lares. Por certo, Allah ama os equânimes"*** (Al Mumtahanah: 8).

Este versículo definiu a base ética e legislativa com a qual os muçulmanos devem tratar aos outros, a benevolência e a justiça a todos que não declaram hostilidade. Essas eram bases desconhecidas pela humanidade antes do Islam, e depois do Islam a humanidade viveu por séculos sofrendo pela ausência delas. Até os dias de hoje a humanidade procura aplicar tais bases nas sociedades modernas e quase não consegue chegar à sua realização, por causa dos caprichos, do fanatismo e do racismo.

A partir daí, a lei islâmica garantiu para as minorias não-muçulmanas vários direitos e privilégios; talvez o mais importante seja a liberdade de crença, baseando-se no dizer de Allah, o Altíssimo: ***"Não há imposição na religião"*** (Al Baqarah: 256). Isso se refletiu na carta do mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) enviada aos adeptos do Livro do Iêmen, na qual o convidou para o Islam: "... e algum judeu ou cristão que tornar-se muçulmano é considerado dos crentes, e será seu dever o que é dever deles. E quem permanecer no judaísmo ou cristianismo não será perseguido..."[192].

192 Abu Ubaid: Al Amual, p. 28; Ibn Zinjwih, Al Amual, 1 / 109; Ibn Hisham Al Sirah Al Nabawiyah, 2 / 588; Ibn Kathir, Al Sirah Al Nabawiyah, 5 / 146. Ibn Hajar Al Asqalani disse: Ibn Zinjwih narrou em Al Amual

A lei islâmica não poderia deixar os não-muçulmanos desfrutarem da liberdade de crença sem estabelecer regras que protegessem suas vidas, considerando-os humanos que têm direito à vida e à existência. Sobre isso, o profeta (a paz esteja com ele) disse: "Quem matar um *mu'áhid*[193] não sentirá o odor do Paraíso"[194].

E também advertiu sobre a injustiça ou a censura de seus direitos e fez de sua nobre pessoa um rival contra quem os agredir. Disse o profeta (a paz esteja com ele): "Quem injustiçar um *mu'áhid* ou censurá-lo em seu direito, ou o sobrecarregar acima de sua capacidade, ou tomar algo dele sem sua permissão, eu lhe serei rival no dia da ressurreição"[195].

Entre as posições admiráveis do profeta (a paz esteja com ele) neste assunto temos o que ocorreu com os Anssar em Khaibar, quando Abdullah ibn Sahl Al Anssari foi morto. Esse assassinato ocorreu na terra dos judeus, e a probabilidade maior era que o assassino fosse um dos judeus. Contudo não havia nenhuma prova dessa suspeita, por isso o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) não puniu os judeus, apenas propôs que eles dessem juramento de que não cometeram o crime! Sahl ibn Abi Hathmah narra que um grupo de seu povo foi até Khaibar, espalhou-se por suas terras e encontrou um deles morto. Disse para quem em cujas terras foi encontrado: "Vós matastes nosso companheiro!". Responderam: "Não o matamos e nem soubemos quem o matou". Então, o grupo foi até o profeta (a paz esteja com ele) e disse: "Ó mensageiro de Allah, viemos até Khaibar e encontramos um de nossos companheiros morto". O profeta (a paz esteja com ele) disse: "Deixem o maior entre vós falar". E disse também: "Trouxeram prova sobre quem o matou?" Responderam: "Não temos prova alguma". O profeta (a paz esteja com ele) disse: "Então eles prestam juramento". Disseram: "Não aceitamos o juramento dos judeus". Então o profeta (a paz esteja com ele) detestou perder o sangue do morto

sobre a autoridade de Al Nadr ibn Shumayl sobre a autoridade de Awf sobre a autoridade de Al Hassan, veja: Al Talkhis Al Habir, Ibn Hajar Al Asqalani, 4 / 315.

193 Mu'áhid: É um termo utilizado geralmente para "Ahl Al Zhimmah", que são os judeus e cristãos que vivem sob a proteção de um governo muçulmano, ou qualquer não-muçulmano pacífico, que não combate os muçulmanos. Veja: Ibn Al Athir: Al Nihaiah fi Gharib Al Hadith wal Athar 3/613.

194 Narrado por Al Bukhari sobre a autoridade de Abdullah ibn Amr, o capítulo de Al Jiziyah (2995), Abu Daud (2760), e Al Nasa'i (4747).

195 Narrado por Abu Daud, o capítulo de Al kharaj (tributo) (3052) e Al Baihaqi (18.511). Al Albani disse: "Correto". Veja: Al Silsilah Al Sahihah (445).

sem vingança e os indenizou com cem camelos retirados das doações da Casa da Moeda"[196].

Neste episódio, o profeta (a paz esteja com ele) fez o que ninguém pode imaginar... ele pagou a indenização retirada dos bens dos muçulmanos para amenizar a consternação dos Anssar sem injustiçar os judeus. Portanto, os governantes muçulmanos devem se responsabilizar pelo encargo para que uma punição baseada em suspeita não seja aplicada sobre um judeu!

A lei islâmica também garantiu o direito de proteção dos bens dos não-muçulmanos proibindo que sejam tomados ou dominados sem direito, sendo proibido roubá-los ou danificá-los, entre outras ações que se classificam como injustiça. Isso ocorreu na prática na época do profeta (a paz esteja com ele) quando ele decretou para o povo de Najran: "E o povo de Najran e seus cortesãos têm a proteção de Allah e a promessa de Muhammad, o profeta, mensageiro de Allah, sobre os seus bens, religião e mosteiros e tudo o que possuem debaixo de suas mãos, seja pouco ou muito..."[197].

Mais admirável que isso é o direito da minoria não-muçulmana de ser sustentada pelos cofres do estado – Casa da Moeda – quando alguém deles for incapaz, idoso ou pobre. Isso se baseia no dizer do mensageiro (a paz esteja com ele): "Todos vós sois pastores, e cada pastor é responsável por seu rebanho"[198], considerando-se que eles são considerados parte do povo, exatamente igual aos muçulmanos, e o Estado é responsável por eles perante Allah, exaltado seja.

Sobre isso, Abu Úbaid[199] narrou em *Al Amual* que Said ibn Al Mussayib[200] disse: "O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) fez uma doação a uma casa dos judeus, e esta é conduzida a eles (até hoje)"[201].

---

196 Narrado por Al Bukhari, capítulo de Al Diyat (Indenizações) (6502), e Muslim, o capítulo de Al Qasamah wa Al Muharibin wa Al Qisas wa Al Diyat (1669).

197 Narrado por Al Baihaqi, Dala'il Al Nubuwah (evidências da profecia), capítulo de Wafd Najran (Najran delegação) 5 / 485; Abu Yussuf Al Kharaj, p. 72; e Sa'd Ibn, Al Kubra Al Tabaqat1 / 288.

198 Narrado por Al Bukhari sobre a autoridade de Abdullah ibn Omar, o capítulo de Al Itq (libertação) (2416), e Muslim, o livro de Al Imarah (1829).

199 Abu Úbaid: Abu Úbaid Al Qasim ibn Salam Al Harawi (157-224 d.H., 774-838 d.C.), um estudioso sênior do *hadith*, da literatura e jurisprudência islâmica. Ele nasceu em Harat e frequentou o ensino lá. Ele viajou para Bagdá e Egito e morreu em Makkah. Veja: Al Zhahabi, *Siyar A'lam Al Nubala* 10/490-492.

200 Said ibn Al Mussayib: Abu Muhammad ibn Said Al Hazan Mussayyib ibn Al Qurashi (13-94 d.H., 634-713 d.C.), o mestre da nova geração dos companheiros do profeta, viveu em Madinah e foi uma das sete autoridades de *hadith* e jurisprudência em sua época. Ele também era famoso pela sua piedade e ascetismo. Veja: Ibn Sa'd, Al Tabaqat Al Kubra 5/119-143.

201 Narrado por Abu Ubaid em *Al Amwal,* p. 613. Al Albani disse que sua transmissão é boa na autoridade de Ibn Said Al Mussayib. Veja: *Tamam Al Minnah*, p. 389.

Também expressa a grandeza do Islam e a humanidade da civilização islâmica a atitude que é narrada pelos livros de biografia do profeta (a paz esteja com ele), quando um féretro passou à frente do profeta (a paz esteja com ele) e ele se levantou. Então lhe foi dito: "É um judeu!". Então ele disse: "Não é uma alma?"[202].

Assim são os direitos das minorias não-muçulmanas no Islam e na civilização islâmica. Sua diretriz básica é: o respeito a toda alma humana enquanto esta não comete injustiça ou hostilidade.

202 Narrado por Muslim na autoridade de Ibn Qays Sa'd e ibn Sahl Hunayf, capítulo de Al Jana'iz (funerais) (961) e Ahmad (23893).

7

Os Direitos dos Animais

O Islam tem uma visão real sobre os animais em geral, uma visão baseada em sua importância na vida, seu benefício para o ser humano e sua cooperação com ele na construção do Universo e continuação da vida. Prova disso é que várias suratas do Alcorão Sagrado foram denominadas com nomes de animais, como por exemplo: surata da vaca, dos gados, da abelha, etc.

O Alcorão Sagrado textualizou a nobreza do animal, o esclarecimento de sua importância e a definição de sua posição ao lado do ser humano. Disse Allah, o Altíssimo:

> ***E os rebanhos, Ele os criou. Neles, tendes calor e proveitos, e deles comeis. E tendes neles beleza, quando ao anoitecer, os fazeis voltar aos apriscos, e quando, ao amanhecer, os levais para pascer. E eles carregam vossas cargas para um território, a que não chegaríeis senão com a dificuldade das almas. Por certo, vosso Senhor é Compassivo, Misericordiador*** (Annahl 5-8).

Não molestar os animais é um de seus mais importantes direitos que foram estabelecidos pela lei islâmica. Jabir narra que o profeta (a paz esteja com ele) passou por um asno que tinha sido marcado em sua face e disse: "Que Allah amaldiçoe quem o marcou"[203]. E Abdullah ibn Omar disse: "Allah amaldiçoa quem esquarteja um animal"[204]. Isto significa que molestar o animal, castigá-lo, não ter amabilidade com ele, tudo isso é considerado um crime na visão da lei islâmica.

---

203 Relatado por Muslim: Capítulo sobre veste e adorno (2117). Al Bukhari (5196), Annassaí (4442) e Al Darimi (1973).

204 Al Bukhari (5196), Annassaí (4442) e Al Darimi (1973).

No decreto dos direitos dos animais, a lei do Islam também proibiu aprisionar o animal e fazê-lo passar fome. O mensageiro (a paz esteja com ele) disse: "Uma mulher foi castigada por causa de um gato, não o alimentou, e nem o deixou comer dos insetos da terra"[205]. E Sahl ibn Al Hanzhaliah disse: "O mensageiro de Allah passou por um camelo cujas costas já tocavam em sua barriga, então ele disse: 'Temam a Allah sobre estes animais... utilizem-nos como montaria enquanto íntegros e se alimentem deles enquanto íntegros'"[206].

O profeta (a paz esteja com ele) também ordenou que o animal seja utilizado na missão para a qual foi criado e definiu o objetivo principal do uso dos animais dizendo: "Cuidado para não tomarem das costas de vossos animais púlpitos, pois Allah os submeteu a vós para vos carregar para um território a que não chegaríeis senão com a dificuldade das almas"[207].

Também foi estabelecido pela lei islâmica como um dos direitos dos animais a proibição de se tomar o animal como alvo para distração. Ibn Omar passou por alguns garotos de Quraish que ergueram um pássaro e todos o apedrejavam. Então, disse a eles: "Allah amaldiçoa quem faz isso, o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) amaldiçoou quem toma algo que tem alma como alvo"[208].

E dentre os mais importantes direitos estabelecidos para o animal temos a obrigação de ter compaixão e carinho por ele. Esse direito está inserido no dizer do mensageiro (a paz esteja com ele):

> Quando um homem estava num caminho e sentiu forte sede encontrou um poço, desceu nele e bebeu. Em seguida, saiu e encontrou um cão a arquejar e lamber a terra de sede. O homem disse: "Este cão chegou a sentir sede igual à que eu senti". Desceu ao poço novamente e encheu sua meia de água, a segurou em sua boca e subiu para dar água ao cão. Allah agradeceu-lhe perdoando-lhe os seus erros. Os companheiros do profeta (a paz esteja com ele) disseram: "Ó mensageiro de Allah, nós temos recompensa sobre (o bom trato para com) os animais?" Ele respondeu: "Em todo ser vivo vós tendes recompensa"[209].

205 Al Bukhari (2236) e Muslim (2242).

206 Abu Daud (2548), Ahmad (17626), Ibn Hibban (546) e outros.

207 Abu Daud (2567) Al Baihaqi (10115). Al Albani disse: Correto. Veja: *Al Silsilah Al Sahihah* (22).

208 Al Bukhari (5196) e Muslim (1958).

209 Al Bukhari (5663) e Muslim (2244).

E Abdullah ibn Omar disse:

> Nós estávamos com o mensageiro de Allah em uma viagem e ele saiu para uma de suas necessidades, quando então observamos um pássaro com dois fihotes. Nós pegamos seus filhotes. O pássaro ficou a sobrevoar-nos e, quando o profeta (a paz esteja com ele) chegou, disse: "Quem amedrontou ela com seus filhotes? Devolvam-nos a ela"[210].

A lei islâmica também ordenou que seja escolhido para os animais os pastos férteis. Se não houver, devem ser transferidos para outro lugar. Sobre este direito, o profeta (a paz esteja com ele) diz:

> Allah, bendito e exaltado seja, é Terno e ama a ternura, se agrada por ela, e auxilia nela como não auxilia na hostilidade. Portanto, ao montar estes animais, os façam descer em seus devidos locais, assim se a terra for seca montem-nos enquanto estiverem saudáveis...[211].

A lei islâmica ainda fez obrigatório outro nível mais alto e mais caro que a misericórdia no trato dos animais: o bom trato e o respeito de seus sentimentos. A mais nobre implementação desta conduta está representada na proibição do mensageiro (a paz esteja com ele) de se castigá-los durante o abate para se alimentar de sua carne, seja o castigo físico – arrastando-os de má forma para o abate ou utilizando ferramenta de má qualidade – seja o castigo psicológico – fazendo-os avistar a faca, reunindo assim, mais de uma morte para o animal!

Shaddad ibn Auss disse:

> Memorizei duas coisas do mensageiro de Allah (a paz esteja com ele): Allah decretou a benfeitoria sobre todas as coisas, assim, se matardes mateis com benevolência, e se abaterdes abateis com benevolência. Afineis vossas lâminas e fazeis descansar o animal abatido[212].

E Abdullah ibn Ábbass narra que um homem deitou uma ovelha que ele desejava abater e ficou a afiar a sua lâmina. Então o profeta (a paz

210 Abu Daud (5268) e Al Hakim (7599). Al Albani classificou como autêntico. Veja: Al Silsilah Al Sahihah (25).

211 Al Muwattá (1767). Al Albani classificou como autêntico. Veja: Al Silsilah Al Sahihah (682).

212 Relatado por Muslim (1955), Abu Daud (2815) e Al Tirmizhi (1409).

esteja com ele) disse: "Tu queres matá-la duas vezes. Por que não afinastes sua lâmina antes de deitá-la?"[213].

Assim é o direito do animal no Islam, ele merece desfrutar de segurança, conforto e tranquilidade enquanto estiver num ambiente no qual tremula a civilização islâmica.

213 Al Hakem (7563) e Al Albani disse: correto. Ver: Al Silsilah Al Sahihah (24).

8

Os Direitos do Meio Ambiente

Allah criou o meio ambiente puro, saudável, beneficente, o submeteu para o ser humano e fez obrigatória a necessidade de preservá-lo, assim como o convidou a pensar sobre os sinais de Allah no Universo, que foi criado na melhor forma. Disse Allah, o Altíssimo: ***"Então, não observam eles o céu, acima deles, como o edificamos e o aformoseamos, e como não há fresta alguma nele? E a terra, estendemo-la e, nela, implantamos assentes montanhas e, nela, fazemos germinar toda espécie de esplêndidos casais de plantas"*** (Qaf: 6-7).

A partir daqui nasceu uma relação de amor e carinho entre o indivíduo muçulmano e o meio ambiente que o rodeia, entre seres inanimados e seres vivos. Assim, esse indivíduo percebeu que a preservação do meio ambiente é um benefício para ele em sua vida porque ele terá uma vida feliz; e em sua eternidade, onde terá a grande recompensa de Allah.

A visão do profeta (a paz esteja com ele) sobre o meio ambiente confirma essa visão alcorânica que abrange o Universo e que se baseia no fato da existência de uma relação fundamental e um vínculo de benefício mútuo entre o homem e os elementos da natureza, cujo ponto de partida é a crença em que se o homem fizer mal uso de um elemento dos elementos da natureza ou exagerar em seu uso, o mundo inteiro será prejudicado diretamente.

Por isso, a lei islâmica estabeleceu uma diretriz geral para todos os humanos que vivem na face da Terra, que significa não criar qualquer dano a este Universo. Disse o profeta (a paz esteja com ele): "Não é permitido dano nem prejuízo..."[214].

---

214 Relatado por Ahmad da narração de Ibn Abbas (2719), Shu'aib Al Arnauti disse "bom". Al Hakim (2345) e disse "correto" em termos de transmissão de acordo com as condições de Muslim, porém, ele não o compilou.

Em seguida, seguiram-se uma série de legislações islâmicas que proíbem a poluição do meio ambiente ou sua destruição. Disse o mensageiro (a paz esteja com ele): "Evitem as três maldições: fazer necessidades nos recursos, à beira da estrada e à sombra"[215].

O mensageiro (a paz esteja com ele) fez do desviar a moléstia do caminho um dos "direitos do caminho". Abu Said Al Khudri narra que o profeta (a paz esteja com ele) disse: "Cuidado com o sentar nos caminhos". Disseram: "Nós precisamos, são tão somente as nossas reuniões, nas quais conversamos". Então o profeta (a paz esteja com ele) disse: "Se se recusardes e só aceitardes sentar-se, então dei ao caminho o seu direito". Então perguntaram: "E qual é o direito do caminho, ó mensageiro de Allah?". Respondeu: "... e evitar a moléstia..."[216]. Este é um termo abrangente a tudo o que prejudica as pessoas que usam as ruas e os caminhos.

Mais que isso, o mensageiro relacionou a recompensa e a preservação do meio ambiente. Ele disse: "Me foram apresentadas as ações da minha nação, as boas e as más, dentre as suas boas ações: a moléstia que é tirada do caminho, e entre as suas más ações: o excremento dentro da mesquita sem ser enterrado"[217].

Em seguida, ordena claramente a limpeza das casas, dizendo: "Allah é Puro e ama a pureza, Limpo e ama a limpeza... limpem vossos quintais, não se assemelhem aos judeus"[218].

Quão maravilhosos são estes ensinamentos e regras que incentivam uma vida pura e livre de todo tipo de poluentes, preservando assim o conforto do ser humano psicológico e da saúde.

Em outra imagem mais clara e expressiva sobre o incentivo da preservação do meio ambiente e de sua beleza, temos a resposta do mensageiro (a paz esteja com ele) a um de seus companheiros quando foi perguntado: "Faz parte da ostentação que a minha veste seja agradável e meu calçado seja agradável?". Então, o mensageiro (a paz esteja com ele) disse: "Allah é belo e ama a beleza, a ostentação é negar a verdade e ludibriar as

215 Veja: Al Azim Abadi: *Aoun Al Ma'bud* 31/01.

216 Al Bukhari de Abu Said Al Khudri: Kitab Al Mazalim (Livro de queixas) (2333), Muslim: Kitab Al Libas wa Al Zinah (Livro de vestes e ornamentos) (2121).

217 Relatado por Muslim da narração de Abu Zhar: *Livro sobre mesquitas e lugares de oração* (553), Ahmad (21589), Ibn Majah (3683).

218 Relatado por Al Tirmizhi da narração de Sa'd Ibn Abi Waqqas (2799), Abu Ya'la (790), Al-Albani disse: "Correto". Veja: *Mishkat Al Masabih* (4455).

pessoas"[219]. E sem dúvida que faz parte da beleza a preservação das aparências do meio ambiente criado por Allah brilhante e alegre.

Também vemos na recomendação do profeta (a paz esteja com ele) pelo amor dos bons odores, sua difusão e presentear as pessoas e o enfeite do meio ambiente com eles, combatendo assim a poluição: "Quem lhe for oferecido almíscar (perfume) não deve recusá-lo, porque é de peso leve e de agradável odor"[220].

Faz parte da grandeza do Islam em suas leis quanto ao meio ambiente também: o incentivo à cultura e ao plantio. Disse o mensageiro (a paz esteja com ele): "Todo muçulmano que planta uma semente terá uma recompensa (*sadaqah*) para ele toda vez que alguém se alimentar dela, e toda vez que alguém roubar dela, e toda vez que algum animal comer dela, e toda vez que um pássaro comer dela, e toda vez que alguém a diminuir"[221]. Em outra narração: "até o dia da ressurreição".

É parte da grandeza do Islam o fato de a recompensa de tal plantação – que beneficia o meio ambiente e quem nele vive – alcançar a pessoa enquanto houver benefício dela, mesmo que esta plantação seja transferida para a posse de outra pessoa, ou o plantador faleça!

A lei islâmica também indicou os benefícios alcançados pela vivificação da terra árida, fazendo do plantio de uma árvore ou de uma semente ou do irrigar da terra sedenta uma ação virtuosa e benevolente. Disse o mensageiro (a paz esteja com ele): "Quem vivificar uma terra morta, terá a recompensa dela, e toda vez que os animais e pássaros se alimentarem dela isto lhe será uma recompensa"[222].

No Islam, a economia da água e a preservação de sua limpeza são dois assuntos importantíssimos, porque a água é um dos mais importantes recursos naturais do meio ambiente. Eis que o mensageiro (a paz esteja com ele) aconselhou a economia no uso da água mesmo quando a água é abundante. Abdullah ibn Omar narra que o profeta (a paz esteja com ele) passou por Sa'd[223] quando ele se abluía e disse: "Que esbanjamento é este ó

---

219 Relatado por Muslim da narração de Abdullah Ibn Ma'sud: livro Al Iman, capítulo ordenando não sentir orgulho (91), Ahmad (3789) e Ibn Hiban (5466).

220 Relatado por Muslim da narração de Abu Hurairah (2253), Al Tirmizhi (2791).

221 Relatado por Muslim da narração de Jabir Ibn Abdullah: Mussaqah livro, o capítulo sobre a virtude de plantio e cultivo (1552) e Ahmad (27401).

222 Al Nassaí, da narração de Jabir Ibn Abdullah (5756), Ibn Hiban (5205), Ahmad (14310), E Shu'aib Al Arnaut disse: *hadith Sahih* (correto).

223 Sa'd Ibn Abi Waqqas ibn Wuhaib Al Zuhri: Um dos dez citados como moradores do Paraíso, e o último deles a morrer. Veja: Ibn Al Athir: *Usd Al Ghabah* 2 / 433, Ibn Hajar Al Askalani: *Al Isabah* 3 / 73 (3196).

Sa'd?". Ele disse: "Na ablução há esbanjamento?". O profeta (a paz esteja com ele) disse: "Sim, mesmo que esteja num rio corrente"[224]. O profeta (a paz esteja com ele) também proibiu a poluição das águas ao proibir a pessoa de urinar na água parada[225].

Esta é a visão do Islam e da civilização islâmica sobre o meio ambiente. Tal visão de crença no meio ambiente que interage, integra-se e coopera – através de seus diversos aspectos – de acordo com as Leis de Allah no Universo que Ele criou na melhor forma. E é dever de todo muçulmano preservar esta beleza.

224 Ibn Majah (425), Ahmad (7065). Al Albani disse: "Bom". Ver: *Al Silsilah Al Sahihah* (3292).

225 Relatado por Muslim da narração de Jabir Ibn Abdullah (281), Abu Daud (69), Al Tirmizhi (68).

Segundo Capítulo

No Assunto das Liberdades

As liberdades foram reconhecidas como um princípio revelado do céu com o advento do Islam, para que o povo da terra se eleve e a humanidade se desenvolva. No Islam, estas liberdades jamais foram o resultado do desenvolvimento da sociedade ou da revolução exigida pelos privados delas, como é o caso em muitas nações modernas.

Isto é o que iremos esclarecer nas seguintes pesquisas:

1. A Liberdade de Crença
2. A Liberdade de Pensamento
3. A Liberdade de Expressão
4. A Liberdade Pessoal
5. A Liberdade de Posse

1

A Liberdade de Crença

Numa diretriz básica explícita no que diz respeito à liberdade religiosa ou à liberdade de crença no Islam, Allah, altíssimo seja, diz: ***"Não há imposição na religião. Com certeza, distingue-se a retidão da depravação"*** (Al Baqarah 256). O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) – e os muçulmanos depois dele – jamais ordenaram alguém a se tornar muçulmano forçosamente. Também não obrigaram as pessoas a demonstrarem ser muçulmanas para fugir da morte ou do castigo. Como poderiam fazer isso sendo que eles sabem que o Islam da pessoa induzida não tem nenhum valor nas leis da Vida Eterna, para a qual todo muçulmano trabalha?!

Foi relatado sobre o motivo da revelação do versículo anterior que Ibn Ábbass disse:

> Algumas mulheres cujos filhos recém-nascidos não sobreviviam prometiam: se o filho sobreviver irá fazê-lo judeu. Então, quando a tribo de Banu Annadhir (uma tribo judia) foi expulsa havia entre eles alguns filhos dos *ansar*, que disseram: "Não vamos deixar os nossos filhos". Então, Allah (exaltado seja) revelou: ***"Não há imposição na religião..."*** (Al Baqarah: 256)[226].

O Islam tornou o assunto da crença ou sua ausência fator relacionado à escolha da pessoa e sua convicção pessoal íntima. Disse Allah, o Altíssimo: ***"Quem quiser que creia e quem quiser que descreia"*** (Al Kahf: 29). O Alcorão Sagrado chamou a atenção do profeta (a paz esteja com ele) para esta realidade: Disse Allah, o Altíssimo: ***"Acaso, tu induzirás as pessoas para serem muçulmanas"*** (Yunus: 99). E disse também: ***"Não és, sobre eles, dono absoluto"*** (Al Ghashiah: 22). E disse: ***"Então,***

226 Abu Daud (2682). Veja: Al Wahidi: *Razões da revelação do Alcorão* p. 52, e Al Suiuti, Lubab Al Nuzul, p. 37. Al Albani disse: "Correto", veja: *Sahih wa Da'if Sunnan Abu Daud* 6 / 182.

se recusarem-se, não te enviamos custódio sobre eles. Te cabe, tão somente, a transmissão" (Asshura: 48). Assim, esclarece-se que o estatuto dos muçulmanos reconhece a liberdade de crença, e recusa categoricamente a indução de alguém para tornar-se muçulmano[227].

O reconhecimento da liberdade religiosa significa o respeito da pluralidade religiosa, fato que ocorreu na prática quando o profeta (a paz esteja com ele) reconheceu a liberdade religiosa no primeiro estatuto de Madinah, quando admitiu que os judeus formam com os muçulmanos uma só comunidade. Também, na conquista de Makkah, quando o mensageiro (a paz esteja com ele) não obrigou Quraish a aceitar o Islam, mesmo sendo capaz e vitorioso, porém disse-lhes: "Podem ir, porque sois livres"[228]. E seguindo o profeta (a paz esteja com ele), o seu segundo sucessor, Omar ibn Al Khattab deu aos cristãos habitantes de Jerusalém a segurança "sobre suas vidas, igrejas, cruzes. Nenhum deles pode ser molestado e não pode ser induzido por causa de sua religião"[229].

Ainda mais, o Islam garantiu a liberdade de diálogo religioso quando construído sobre base objetiva, distante de polêmicas ou ironias com os outros. Sobre isso, Allah, exaltado seja, diz: ***"Convoque ao caminho de teu Senhor, com a sabedoria e a bela exortação, e discute com eles, da melhor maneira"*** (Annahl: 125). O diálogo entre os muçulmanos e os não-muçulmanos deve se basear nestes tolerantes princípios; o Alcorão direcionou esse convite para o diálogo aos adeptos do Livro, dizendo: ***"Dize: Ó adeptos do Livro, venhais para uma palavra em comum entre nós e vós para que não adoremos senão a Allah e não tomemos uns aos outros por senhores em vez de Allah. se recusarem-se, testemunhai que somos muçulmanos"*** (Ali Ímran: 64). Isso significa que se o diálogo não chega a um resultado, então cada um tem a sua religião, com a qual está convicto. Isto está expresso no último versículo da surata *al kafirun*, que foi selada com o dizer de Allah (exaltado seja) na pessoa de Muhammad (a paz esteja com ele): ***"Tendes a vossa religião e eu tenho a minha"*** (Al Kafirun: 6)[230].

---

227 Veja: Mahmud Hamdi Zaqzuq: *Realidades islâmicas na resposta às campanhas para lançar dúvidas (sobre o Islam)*, p. 33.

228 Ibn Hisham: Al Sirah Al Nabawiya (A biografia do profeta) 2 / 411, e Al Tabari: Tarikh Al Umam wal Muluk *(História das nações e dos reis)* 2 / 55, e Ibn Kathir: Al Bidaiah e Al Nihayah (O princípio e o fim) 4 / 301.

229 Veja: Al Tabari: *História das nações e dos reis* 3 / 105.

230 Mahmud Hamdi Zaqzuq: *Realidades islâmicas na resposta às campanhas para lançar dúvidas (sobre o Islam)*, p. 85, 86.

2

A Liberdade de Pensamento

O Islam garantiu a liberdade de pensamento, o que ficou explicitamente claro quando o mesmo convocou para o uso da razão e do pensamento em todos os cantos do Universo, com seu céu e sua Terra, e incentivou isso com abundância. É parte dessa convocação o dizer de Allah, exaltado seja: ***"Dize: Apenas, exorto-vos a uma única questão: a vos manterdes, diante de Allah, de dois em dois ou de um em um, em seguida a refletirdes"*** (Sabá: 46). E disse também: ***"Acaso, não caminharam eles, na terra, e tiveram corações com que razoassem, ou ouvidos com que ouvissem? Pois, por certo, não são as vistas que se enceguecem, mas se enceguecem os corações que estão nos peitos"*** (Al hajj: 46).

O Islam ainda atribuiu a falha àqueles que desempregam suas capacidades mentais e sentimentais no cumprimento de sua missões, e os condenou a um nível mais baixo que o nível dos animais irracionais. Disse Allah, o Altíssimo: ***"Eles têm mentes com as quais não pensam, e têm olhos com os quais não veem, e têm ouvidos com os quais não ouvem. Estes são como os gados, porém são ainda piores. Estes são os desatentos"*** (Al A'raf: 179).

E o Islam promoveu uma feroz campanha contra os que seguem as ilusões e as conjecturas. Disse Allah, o Altíssimo: ***"Não seguem senão as conjecturas. E, por certo, as conjecturas de nada valem diante da verdade"*** (Annajm 28). Também foi contra os que imitam os antepassados ou os líderes sem observar se estão em verdade (se têm razão) ou em falsidade; degradou-os dizendo: ***"E disseram: Senhor nosso! Obedecemos a nossos senhores e a nossos magnates, então, eles desviaram-nos do caminho"*** (Al Ahzab: 67).

O Islam se baseia nas provas racionais para comprovar a crença islâmica, por isso, os sábios muçulmanos dizem que "a razão é a base da

transmissão (da revelação)". Portanto a questão da existência de Allah se constitui com a comprovação do raciocínio, a questão da profecia de Muhammad (a paz esteja com ele) também se firmou através do raciocínio inicialmente, em seguida, os milagres comprovaram a autenticidade de sua profecia. Isto é o respeito do Islam pelo raciocínio e pensamento.

O pensamento no Islam é considerado uma obrigação religiosa, não é permitido ao muçulmano abandoná-lo em qualquer situação. O Islam abriu extremamente as portas para a utilização do pensamento nos assuntos religiosos para ser possível a busca de soluções legais para tudo o que se renova de questões na vida. Os sábios muçulmanos denominaram este assunto *de al ijtihad* (empenho e diligência particular para a solução das questões que não têm texto específico), com o significado de se apoiar no pensamento para a extração das leis religiosas[231].

Al Ijtihad – que materializa a liberdade de pensamento no Islam – teve grandiosa influência no enriquecimento dos estudos da lei islâmica entre os muçulmanos e no encontro de soluções rápidas para as questões que não tinham similar na primeira época do Islam. A partir desse esforço, nasceram as famosas escolas de entendimento religioso islâmico (*mazhahib al fiqh*), e o mundo islâmico vive conforme os seus ensinamentos até os dias de hoje.

Assim é o apoio do muçulmano sobre o seu raciocínio e pensamento – no que é duvidoso e confuso para ele dos assuntos de sua vida e sua religião, daquilo que não tem texto religioso específico – que é o primeiro pilar na posição racional firme do Islam. Esta posição é considerada a base sobre a qual os muçulmanos construíram sua civilização florescente durante a história do Islam[232].

231 Veja: Mahmud Hamdi Zaqzuq: *Realidades islâmicas na resposta às campanhas para lançar dúvidas (sobre o Islam)*, p. 53.

232 Mahmud Hamdi Zaqzuq: *O ser humano é legatário de Deus – O pensamento é uma obrigação*. Artigo publicado no jornal Al Ahram, a edição 1 de Ramadan 1423, novembro de 2005.

3
A Liberdade de Expressão

A liberdade de opinião significa o direito do indivíduo de escolher o que ele opina em um dos assuntos gerais ou individuais, a expressão e apresentação desta opinião aos outros. Este é o direito do indivíduo de expressar seus pensamentos e sentimentos conforme sua escolha e vontade enquanto não houver agressão contra o direito alheio.

A liberdade de opinião, conforme este significado, é um direito garantido ao muçulmano porque a lei islâmica o confirmou. E ninguém tem o poder de vetar ou negar o que a lei islâmica estabeleceu. Ainda mais, a liberdade de opinião é uma obrigação do muçulmano da qual ele não pode abrir mão, porque Allah, exaltado seja, fez-lhe obrigatório dar o bom conselho e ordenar o bem e proibir o mal, e ele não pode cumprir essas obrigações religiosas se não desfrutar do direito de expressar a opinião. Assim a liberdade de opinião é um meio para o cumprimento destas obrigações, e aquilo sem o qual não se alcança o que é obrigatório, torna-se obrigatório.

O Islam permitiu a liberdade de opinião em todos os assuntos mundanos, como os assuntos públicos e sociais. Um exemplo que expressa isso é o que ocorreu com Sa'd ibn Mu'ázh e Sa'd ibn Úbadah quando o mensageiro (a paz esteja com ele) os consultou sobre a trégua com Ghatafan em troca de um terço dos frutos de Madinah para eles (Ghatafan) quebrarem a aliança com os partidos.

Abu Hurairah disse: Al Harith Al Ghatafani veio até o profeta (a paz esteja com ele) e disse: Ó Muhammad, reparta os frutos de Madinah ao meio. O profeta (a paz esteja com ele) disse:

> Al Harith Al Ghatafani veio até o profeta (a paz esteja com ele) e disse: "Ó Muhammad, reparta os frutos de Madinah ao meio". O profeta (a paz esteja com ele) disse: "Só depois de consultar os Sa'ds". Então o

> profeta (a paz esteja com ele) enviou para Sa'd ibn Mu'ázh, Sa'd ibn Úbadah, Sa'd ibn Arrabií, Sa'd ibn Khaithamah e Sa'd ibn Mass'úd e disse: "Eu soube que os árabes estão a vos combater com um só arco (estão todos unidos no combate contra vós). E Al Harith quer que vós repartais os frutos de Madinah com ele. Então, se quiserdes pagueis a ele este ano até poderdes observar este vosso assunto". Disseram: "Ó mensageiro de Allah, esta é uma revelação do céu? Se for, nos entregamos à ordem de Allah. Ou é conforme sua opinião e sua vontade? Então, somos seguidores de sua vontade e opinião. E se estás querendo apenas nos manter vivos, pois juramos por Allah! Tu nos vês e a eles em pé de igualdade, não obterão de nós uma só tâmara"[233].

E dentre os textos que ordenam o bom conselho, a ordem do bem e a proibição do mal: o dizer de Allah (exaltado seja): ***"E os crentes e as crentes são aliados una aos outros. Ordenam o conveniente e coíbem o reprovável"*** (Attaubah: 71). E o dizer do mensageiro (a paz esteja com ele): "A religião é o bom conselho". Disseram: "Para quem, ó mensageiro de Allah?". Disse: "A Allah, ao Seu Livro, ao Seu mensageiro e aos líderes dos muçulmanos e ao seu povo em geral"[234].

Al Imam Al-Nawaui[235] disse na explicação deste *hadith*: "Quanto ao conselho aos líderes dos muçulmanos é cooperação com eles na verdade, a obediência a eles nela, ordená-los a verdade e proibi-los de contrariá-la, alertá-los com tolerância e informá-los aquilo ao qual estão desatentos e não lhes foi transmitido dos direitos das pessoas"[236].

O mensageiro (a paz esteja com ele) disse: "Que o homem não seja impedido pelo prestígio das pessoas de falar uma verdade se a conhecer"[237]. E disse também: "O melhor *jihad*[238] é uma palavra justa na presença de uma autoridade tirana"[239].

---

233 Narrado por Al Tabarni: Al Mu'jam Al Kabir (5416), Al Haithami disse: Al Bazzar e os homens de Al Tabarni incluem Muhammad Ibn Ámr e seu *hadith* é bom. E o resto de seus homens são confiáveis. Veja: *Muja'mah Al Zawa'id e Manba Al Fawa'id* 6 / 119, e Ibn Al Qa'im: *Zad Al Ma'ad* 3 / 240.

234 Relatado por Muslim da narração de Tamim Al Dari: Kitab Al Iman (Livro da Crença) (82), Abu Daud (4944) e Nissai (4197) e Ahmad (16982).

235 Al-Nawaui: Ele é Abu Zakariya Yahia ibn Sharaf Al-Nawaui, Muhie Al Din (631-676 d.H./1233-1277 d.C.). Mestre em *fiqh* e *hadith*, nasceu e morreu em Nawa, na Síria e é nomeado a ela. Seus livros famosos incluem: *Al Minhaj fi sharh Sahih Muslim, Riyadh Al Salihin*. Veja: *Al Bidaiah wal Nihayah* 13/278, Al Zirikli: *Al A'lam* 8 / 149.

236 Al Nawaui: Al Minhaj 2 / 38.

237 Narrado por Al Tirmizhi (2191) e Ibn Majah (3997). Veja: *Al Silsilah Al Sahihah* (168).

238 O melhor *jihad* (empenho) é uma palavra justa na presença

239 Narrado por Al Tirmizhi (2174), Abu Daud, (4344), Annassaí (4209) e Ibn Majah (4011).

E a obrigação da ordem do bem e da proibição do mal exige que eles usufruam de liberdade de opinião. E se Allah os ordenou essa obrigação, então, quer dizer que lhes concedeu a liberdade de expressar suas opiniões no que eles veem que é bem ou mal e no que devem ordenar e proibir. Assim também, a obrigação da consulta da parte da autoridade exige que aqueles que são consultados estejam usufruindo desta liberdade para expressar suas opiniões.

A liberdade de opinião foi aplicada durante a história islâmica de maneira admirável. Um exemplo é o companheiro do profeta (a paz esteja com ele) Al Hubab ibn Al Munzhir, quando os muçulmanos estavam em Badr ele expressou sua opinião pessoal contrariando a opinião do profeta (a paz esteja com ele), e o profeta (a paz esteja com ele) seguiu a sua opinião. Os companheiros do profeta (a paz esteja com ele) também opinaram na ocasião da blasfêmia (*al ifk*), alguns deles opinaram que o profeta (a paz esteja com ele) devia se desquitar de sua esposa Áishah, porém, o Alcorão a inocentou. E outras muitas ocasiões em que os companheiros e quem os sucedeu expressavam suas opiniões.

E se a liberdade de se expressar a opinião é dos direitos estabelecidos na lei islâmica, não é permitido molestar a pessoa porque ela expressou sua opinião, porque a lei lhe permitiu isso. Uma mulher respondeu a Omar ibn Al Khattab enquanto ele fazia um sermão no púlpito sobre a questão do dote, ele não a proibiu e reconheceu que ela estava certa, e disse: "Uma mulher acertou e Omar errou!"[240].

Ao usar o seu direito de expressar a opinião, o muçulmano deve procurar ser responsável, honesto e verdadeiro, dizer aquilo que ele acha verdade mesmo que esta verdade seja difícil para ele, porque o objetivo da liberdade de opinião é expressar a verdade e o correto e fazê-lo chegar ao conhecimento do ouvinte, e não camuflar e esconder a realidade. Também deve intencionar o bem com a publicação de sua opinião, sem almejar se exibir, confundir quem tem razão, misturar a verdade com a falsidade, negar os direitos das pessoas, aumentar os defeitos das autoridades ou diminuir seu méritos, menosprezar suas posições e publicar seus defeitos, agitar o povo contra eles para ganhar alguma coisa.

Assim é a liberdade de opinião conforme o reconhecido pela lei islâmica. Desta maneira, ela é um meio importante dos meios de progresso da civilização, e também é um meio de expressão pessoal.

240 Veja: Al Qurtubi: *Al Jami' li Ahkam Al Qur'an* 5 / 95.

4

A Liberdade Pessoal

O Islam chegou para devolver a honra às pessoas – de variadas nacionalidades e cores –, assim, igualou entre todos os humanos e fez do temor a Allah a razão de distinção entre eles. Depois da conquista de Makkah, o mensageiro (a paz esteja com ele) destruiu as diferenças de cor e raça, e eliminou terminantemente o racismo quando elevou Bilal ibn Rabah acima da *Kaabah* (Casa Sagrada) para bradar a palavra do monoteísmo e, antes disso, ele irmanizou entre seu tio Hamzah e seu servo Zaid.

O mensageiro (a paz esteja com ele) publicou na peregrinação de despedida esses princípios, dizendo: "Vós sois filhos de Adão, e Adão é da terra. Nenhum árabe é melhor que um não árabe, nenhum negro é melhor que um vermelho e vice-versa, exceto pela piedade"[241]. Assim, ocorreu a convocação para a liberdade pessoal e para a eliminação da escravidão.

Inicialmente, as pessoas são livres e não são escravas, porque são atribuídas a um só pai e consideradas livres por causa da natureza de seu nascimento... o Islam determinou esta diretriz numa época em que as pessoas eram escravizadas e experimentaram variados tipos de humilhação e escravidão!

A humanidade, antes do surgimento do Islam, viveu sob o domínio de sociedades e civilizações manchadas por sistemas opressivos de cidadania, baseadas na visão tribal de horizonte estreito e na distinção de classes gritante que divide os grupos humanos em classes variadas, eleva-se à cúpula dessas classes os livres que usufruem de todos os direitos de soberania e autoridade, e os escravos são esmagados – são destituídos de direitos e à sobrevivência digna – debaixo dela sem misericórdia ou piedade.

E o Islam chegou incentivando os crentes a libertar os escravos de maneira beneficente, denominou esta libertação de bênção e perdão

241 Relatado por Ahmad (23536), Al Tabarani (14444) e Al Baihaqi (4921).

e considerou-a das mais nobres ações. Convocou os crentes a libertarem os escravos com suas riquezas particulares, fez da libertação do escravo uma expiação para a sua injustiça ou agressão e uma expiação para vários erros, como: o assassinato culposo (sem intenção de matar); *azzhihar* (um tipo de desquite); o descumprir do juramento; quebrar o jejum no mês de Ramadan. Também ordenou o auxílio dos escravos que solicitassem um "contrato de libertação" e fez da libertação dos escravos um dos canais onde o *zakat* deve ser investido. E também libertou a mulher que tem um filho com seu senhor depois de sua morte.

Podemos resumir a sábia estratégia do Islam no tratamento deste problema humano em três pontos:

1. Barrou as fontes de escravidão e as proibiu, exceto a escravatura de guerra;
2. Expandiu os canais de libertação;
3. Protegeu os direitos do escravo depois de sua libertação.

A lei islâmica incentivou a emergente sociedade islâmica a libertar os escravos, prometendo grande recompensa na Vida Eterna. Abu Hurairah narra que o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) disse: "Quem libertar um escravo, Allah libertará por cada órgão dele um de seu órgãos do fogo do Inferno, até mesmo seu órgão sexual por seu órgão sexual"[242].

O profeta (a paz esteja com ele) também incentivou a libertação das servas e o casamento com elas. Abu Mussa Al Asshári narra que o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) disse: "Todo homem que tiver uma serva, a ensinar perfeitamente e a educar perfeitamente e, em seguida, a libertar e casar-se com ela terá duas recompensas..."[243]. O mensageiro (a paz esteja com ele) casou-se com Safiah bint Huiai ibn Akhtab e fez de sua libertação seu dote[244].

E as recomendações do mensageiro (a paz esteja com ele) a favor dos escravos foi uma das chaves de reabilitação da sociedade para aceitar a sua libertação. Ele incentivou o bom trato para com eles mesmo que seja nos termos e expressões utilizadas. Disse o profeta (a paz esteja com ele): "Não dizei: meu servo e minha serva. Todos vós sois servos de Allah, e

242 Al Bukhari: Livro das expiações dos juramentos (6337) e Muslim: Livro da virtude da libertação (1509).

243 Al Bukhari: Livro do Casamento (4795).

244 Al Bukhari: Livro das Batalhas (3965) e Muslim: Livro do Casamento (1365).

todas as vossas esposas sois servas de Allah. Mas dizei: Meu menino e minha menina"[245].

O Islam também tornou obrigatória a alimentação e veste dos servos igual à alimentação e veste dos donos da casa, e que não seja encarregados daquilo que não são capazes de fazer. Jabir ibn Abdullah narra que o profeta (a paz esteja com ele) recomendava a bondade para com os servos e dizia: "...os alimentem do que vós comeis, e os vistam de vossas vestes, e não castigueis a criação de Allah, exaltado seja,..."[246]. Entre outros direitos que fizeram dos escravos seres humanos que têm dignidade que não pode ser agredida.

E em outra etapa importante, o Islam fez da libertação dos escravos uma punição contra quem os agride, para se transferir na sociedade à etapa da libertação real. Abdullah ibn Omar bateu em um servo dele, o chamou e observou marcas em suas costas e, então, disse-lhe: "Eu te fiz sentir dor?". O menino respondeu: "Não". Abdullah disse: "Então, tu és livre". Em seguida, tomou algo do chão e disse: "Não terei recompensa por ele nem pelo peso disso. Eu ouvi o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) dizer: 'Quem agredir um servo seu sem merecer punição ou o bater, sua expiação será a sua libertação'"[247].

O Islam também fez da pronúncia da libertação uma expressão que obriga a aplicação imediata. Disse o mensageiro (a paz esteja com ele): "Três coisas, sua seriedade é séria e sua brincadeira é séria: o desquite, o casamento e a libertação"[248].

A libertação dos escravos também foi considerada no Islam um dos meios de expiação dos erros e pecados. Isso é uma ação direta para a libertação do maior número possível deles, porque os pecados não cessam, todo ser humano é errante. Sobre isso, o mensageiro (a paz esteja com ele) disse:

> Todo muçulmano que libertar um indivíduo muçulmano, ele lhe será uma libertação do fogo, cada órgão dele representará um órgão dele. E todo indivíduo muçulmano que libertar duas mulheres muçulmanas, elas lhe serão uma libertação do fogo, cada órgão delas representará um órgão dele. E toda mulher muçulmana que libertar uma mulher

245 Al Bukhari da narração de Abu Hurairah (2414) e Muslim (2249).

246 Muslim (1661), Ahmad (21521) e Al Bukhari em Al Adab Al Mufrad 1/76.

247 Muslim (1657), Abu Daud (5168) e Ahmad (5051).

248 Musnad Al Harith (503). Relatado por Al Baihaqi da narração de Omar ibn Al Khattab 7/341.

muçulmana esta lhe será uma libertação do fogo, cada órgão dela representará um órgão dela[249].

O Islam também deu aos escravos a possibilidade de retomarem sua liberdade com *al mukatabah*, que significa um contrato de libertação, a libertação do servo lhe é concedida em troca de um valor tratado com o seu senhor. A base é a liberdade, e a escravidão é uma ocorrência posterior, por isso, o Islam tornou obrigatório o auxílio a esta pessoa no pagamento de sua libertação. E o profeta (a paz esteja com ele) foi o exemplo neste auxílio, ele pagou por Juairiah bint Al Harith o que ela prescreveu e casou-se com ela. Quando os muçulmanos ouviram sobre o casamento do profeta (a paz esteja com ele) com ela, libertaram os prisioneiros que tinham em suas mãos e disseram: "São parentes do mensageiro de Allah (a paz esteja com ele)" e foram libertados por sua causa cem famílias de Banil Musstaliq[250].

Mais ainda, a libertação dos escravos é um dos canais que merecem receber da doação do *zakat* (que é obrigatório no Islam). Disse Allah, o Altíssimo: ***"As doações são, apenas, para os pobres e os necessitados e os encarregados de arrecadá-las e aquele, cujos corações estão prestes a harmonizar-se com o Islam e os escravos, para serem libertos..."*** (Attaubah: 60).

E é narrado que o mensageiro (a paz esteja com ele) libertou 63 pessoas, Áíshah 69 pessoas, Abu Bakr libertou muitas pessoas, Al Ábbass libertou 70 servos, Othman libertou 20, Hakim ibn Hizam libertou 100, Abdullah ibn Omar libertou 1000, Abdurrahman ibn Áuf libertou 30 mil pessoas[251].

Esta política islâmica teve sucesso na alta diminuição do comércio de escravos e, em seguida interrompeu-se completamente. E nas últimas eras islâmicas o Islam elevou os escravos da escravidão para o auge da autoridade política e militar, e o melhor exemplo disso é o governo dos mamelucos (*al mamalik*), que controlou uma grande parte dos territórios muçulmanos durante cerca de trezentos anos! Isto, sem dúvida, não tem fato similar na história do mundo.

---

249 Muslim (1509), Attirmizhi (1547) e Ibn Majah (2522).

250 Al Salihi Al Shami: Subul Al Huda wal Rashad 11/210, Al Suhaili: Al Raudh Al Anif 4/18 e Ibn Kathir: Al Sirah Al Nabauiah 3/303.

251 Al Kattani enumerou esses dados em seu livro: *Al Taratib Al Idariah* p. 94,95.

5
A Liberdade de Posse

O mundo antigo e o mundo atual se intrigou no assunto da posse[252], em consequência disso, nasceram várias opiniões e ideias. Existiu o comunismo, que desperdiçou o valor do indivíduo e sua liberdade, pois ninguém pode possuir terras, fábricas, propriedades ou outros meios de produção. É sua obrigação trabalhar como empregado do estado que possui todas as fontes de produção e as dirige. E também proíbe que ele possua um capital mesmo que seja ilícito!

Também temos o capitalismo, que se baseia no sacramento da liberdade de posse para o indivíduo, pode possuir o que desejar, multiplicar o que possui com o que quiser, o gastar como quiser, tudo sem limites citados para os meios de sua posse, multiplicação e gasto e sem qualquer direitos para a sociedade neste assunto.

E entre o extremismo do capitalismo no assunto da posse individual e o extremismo do comunismo na anulação desta posse, e entre o que os dois sistemas contêm de defeitos e grandes prejuízos, temos o Islam com um caminho mediano que une entre o interesse do indivíduo e do grupo, permitindo a posse individual com o estabelecimento de limites definidos para a proteção dos outros, da mesma maneira, proibiu o direito de posse sobre alguns itens definidos levando em consideração os direitos das pessoas, e tornando-os de posse pública. Isto significa que o Islam reconheceu a liberdade de posse para o indivíduo e a liberdade de posse pública com moderação e equilíbrio.

O Islam deu ao indivíduo o direito de possuir algumas coisas e se beneficiar delas de maneira particular e definida, porque isso é parte da

252 A posse significa a propriedade do homem, de algo ou de aquisição do mesmo e sua capacidade para distribuir e fazer uso dela quando não há proibições legais para tal.

natureza humana e é uma das particularidades da liberdade, ainda mais, das particularidades da humanidade, e também porque esse direito é a motivação mais forte para o aumento e a melhoria da produção. O Islam também fez deste direito uma regra básica da economia islâmica, e em seguida, organizou seus resultados naturais de preservação e manutenção da posse de tudo que pode ocorrer de roubo, saque e apropriação indébita. Estabeleceu punições duras contra quem o ataca, tudo isso para garantir este direito e para impedir tudo o que pode ameaçar o indivíduo em seu direito legal. O Islam também organizou outras consequências sobre este direito, que são: o poder de compra, venda, aluguel, hipoteca, doação, testamento entre outros tipos de relações lícitas.

O Islam também não deixou a propriedade particular absoluta e sem limites, mas decretou condições para possuir bens e que não confronte com os direitos dos outros, como por exemplo: a proibição dos juros, da fraude, do suborno, do monopólio entre outras ações que confrontam e fazem-se perder os interesses do grupo. Esta liberdade não difere entre homem e mulher, como é confirmado pelo dizer de Allah, exaltado seja: ***"Aos homens há uma porção do que lograram e às mulheres há uma porção do que lograram"*** (Annissá: 32).

Dentre estas condições também estão: a continuação do investimento da riqueza, porque em sua desativação prejudica o interesse de seu dono e a construção da riqueza da sociedade. O cumprimento do *zakat* quando esta riqueza atinge o valor mínimo e conclui um ano, porque o *zakat* é um dever sobre a riqueza.

Em seguida, ocorre a propriedade pública no Islam, aquela que é domínio da grande sociedade humana ou de alguns de seus grupos e cuja utilização de seus benefícios é de todos os indivíduos. A utilização do indivíduo só acontece porque ele é um órgão neste grupo, sem que ele tenha exclusividade definida em parte desta propriedade. Temos como exemplo disso: as mesquitas, os hospitais públicos, as ruas, os rios, os mares. Tudo isso é considerado de propriedade pública e é gasto em interesses públicos, e o governante ou quem o representa não tem o direito de controlá-lo, mas é seu dever administrá-lo e direcioná-lo corretamente, de maneira a realizar os interesses da sociedade muçulmana.

O Islam definiu os meios de aquisição da posse e proibiu outros meios além deles. Estabeleceu dois aspectos para os meios de posse individual:

- **O primeiro aspecto:** os bens possuídos, ou seja, possuídos anteriormente. Estes bens só são transferidos da posse de seus

donos para outros através de razão legal, como a herança, o testamento, a concessão, o contrato, a doação, etc.

- **O segundo aspecto:** os bens lícitos, ou seja, que não foram possuídos anteriormente por pessoa específica. Estes bens só são possuídos pelo indivíduo com uma ação que resulta na sua propriedade e posse, como por exemplo: a revitalização de terras abandonadas, a caça, a extração do que há na terra de tesouros, a definição de autoridade competente uma parte da terra a um indivíduo.

E quanto aos aspectos dos meios de propriedade pública no Islam, estes são muitos, dos mais importantes:

- **O primeiro aspecto:** os recursos naturais públicos, que são utilizados por todas as pessoas no Estado sem nenhum esforço ou trabalho, como a água, o mato, o fogo e seus adjacentes.
- **O segundo aspecto:** os recursos protegidos, aqueles que são protegidos pelo Estado para o interesse da população, como os túmulos, os departamentos públicos, os erários, as doações, etc.
- **O terceiro aspecto:** os recursos sobre os quais ninguém colocou a mão, ou alguém colocou a mão, porém a abandonou por longo tempo, como a terra abandonada[253].

E para a preservação da propriedade, Allah, exaltado seja, ordenou a guarda dos bens. Da mesma forma, a lei islâmica preservou a liberdade de posse com o estabelecimento de punições, igual ao corte da mão do ladrão, entre outras.

Esta posse deve ser fruto do lícito e puro, e não pode ser à custa dos outros. Assim, os órfãos não podem ser ludibriados e levados os seus bens, nem os pobres e necessitados podem ser explorados e devorados os seus bens através dos juros, nem através dos jogos de azar que causam a inimizade dentro da sociedade e a desintegração entre os seus indivíduos. Allah, o Altíssimo, disse: ***"E não devoreis, ilicitamente, vossas riquezas, entre vós"***(Al Baqarah: 188), e disse também: "***Ó vós que credes, não devoreis, ilicitamente, vossas riquezas, entre vós, exceto exista comércio de comum acordo entre vós"*** (Annissá: 29).

253 Veja: *A liberdade* no site www.islamtoday.com, link: http://www.islamtoday.net/toislam/11/11.3.

Se a posse acontecer através de meio ilegal, o Islam não a reconhece e não a protege, e ordena que seja tirada das mão de seu detentor e devolvida ao seu proprietário original, como os bens roubados ou apreendidos, e se não tiverem proprietário são colocados na Casa da Moeda.

O Islam também definiu os meios de riqueza e os meios de desenvolvimento da riqueza através de restrições e atos legais, e não reconheceu o desenvolvimento resultante de meio ilegal e ilícito, como o que é resultado da venda com juros, ou da venda de bebidas alcoólicas e drogas, ou abertura de casa de jogos. Também tornou obrigatória uma parte definida para o interesse do grupo, que é representada pelo *zakat* e outras doações, pela proibição de se fazer testamento acima de um terço preservando o direito dos herdeiros sob o teto de dois terços.

Da mesma maneira, o Islam restringiu o gasto da riqueza com o equilíbrio no gasto, sem extravagância nem negligência. Disse Allah, o Altíssimo: ***"E os que, quando despendem seus bens, não os esbanjam nem restringem, mas seu dispêndio está entre isso, ajustado"*** (Al Furqan: 67). E também restringiu o gasto da riqueza naquilo que a lei islâmica proibiu, e o restringiu com a permissão de destituí-la (pela autoridade competente) quando necessário por causa do interesse público, com a indenização de seu dono justamente, por exemplo: a desapropriação de uma propriedade para ampliar uma rua pública[254].

Os indivíduos dentro de um governo islâmico usufruíram deste sistema único e reto – sejam muçulmanos ou não-muçulmanos – a ponto de conseguirem ter muitas riquezas, e a ponto de Bakhtishuú ibn Gibraíl, o médico de Al Mutawakkil (o décimo califa abássida), que era cristão e era respeitado por ele, se equiparar ao califa na veste, na boa situação e abundância de riqueza[255], e ao mesmo tempo, esses indivíduos usufruem daquilo que a propriedade pública oferece a eles.

Esta é a liberdade de posse no Islam, é um direito garantido a todos, porém com a condição de não prejudicar o interesse público, nem o interesse individual ou pessoal dos outros.

254 Al Huqail: *Os Direitos Humanos* p. 57.

255 Mustafa Al Sibai: *Dentre as maravilhas da nossa civilização* p. 68.

Terceiro Capítulo

No Assunto da Família

A família muçulmana representa o bloco fundamental na sociedade islâmica, é a fortaleza desta sociedade e o castelo de sua segurança e tranquilidade.

O Islam zelou pela família grandiosamente, estabeleceu um sistema minucioso e firme, no qual revelou os direitos e deveres de cada um de seus indivíduos, organizou as relações conjugais, a pensão, a herança, educação dos filhos, direitos dos pais, e também plantou entre todos eles o amor, o carinho e a misericórdia. Isto porque a fortificação da família e a organização da conduta de seus componentes são fortificação para a sociedade e organização de seu movimento, e difusão dos valores humanos e sociais elevados entre os seus filhos. Assim, o Islam eleva a sociedade de maneira civilizada, sem similar na história, e a distancia da desordem e da decadência moral e perda da descendência.

Os marcos desta maneira civilizada no campo da educação e valores no assunto da família se esclarece através das seguintes pesquisas:

1. Os Cônjuges
2. Os Filhos
3. Os Pais (A Pequena Família)
4. Os Parentes (A Família Maior)

1
Os Cônjuges

A família está alicerçada sobre dois importantes pilares que são a base de sua formação: o homem e a mulher, ou seja, o marido e a esposa. Eles são a base da formação da família, da procriação e da descendência da humanidade da qual se forma a nação e a sociedade. Allah, o Altíssimo, diz: ***"Ó humanos, temei a vosso Senhor, Que vos criou de uma só pessoa e desta criou sua mulher, e de ambos espalhou pela terra numerosos homens e mulheres"*** (Annissá: 1). E disse também: ***"E Allah vos fez mulheres de vós mesmos e vos fez, de vossas mulheres, filhos e netos, e deu-vos por sustento das cousas benignas..."*** (Annahl: 72).

O Islam teve alto zelo por estes dois pilares básicos, estabelecendo uma lei firme para as relações conjugais, e delineou limites claros para cada um deles, o que tem de direitos e de deveres e dividiu as missões entre os dois para que cada um cumpra sua missão de maneira completa na construção da família, e na contribuição na construção da sociedade humana em toda sua extensão.

Inicialmente, decretou o assunto do casamento, e objetivou por trás disso a preservação da espécie humana e o fornecimento de indivíduos íntegros que sucedem na terra e cumprem a responsabilidade da construção e reconstrução que são o dever da sucessão nela. Também objetivou a proteção do indivíduo e da sociedade da promiscuidade e da degradação moral, a ponto de o mensageiro (a paz esteja com ele) dizer aos jovens: "Ó jovens, quem de vós tiver condições que case, pois lhe será mais propício para o acatar do olhar e para guardar o sexo. E quem não puder, deve jejuar, pois isso lhe será uma barreira"[256].

256 Al Bukhari, da narração de Abdullah Ibn Ma'sud: Kitab Al Nikah (Livro do Casamento) (4779), e Muslim: Kitab Al Nikah (Livro do Casamento): (1400).

E quando alguns jovens pensaram em se desocupar totalmente para a adoração e abandonar a união às mulheres, o mensageiro (a paz esteja com ele) os repreendeu e proibiu esta atitude. Isto ocorreu na história narrada por Anas ibn Malik:

> Três rapazes vieram até as casas das esposas do profeta (a paz esteja com ele) para perguntarem sobre a adoração do profeta (a paz esteja com ele). Quando foram informados acharam aquilo pouco para eles e disseram: onde estamos nós em comparação ao profeta (a paz esteja com ele), lhe foi perdoado o que antecedeu e o que sucedeu de seus erros? Um deles disse: eu irei rezar a noite permanentemente. O outro disse: eu irei jejuar e jamais quebrar um dia de jejum. E o outro disse: eu me manterei afastado das mulheres e jamais casarei. O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) chegou até eles e disse: "São vocês que falaram tal e tal? Juro por Allah, que eu sou mais devoto e piedoso a Allah que todos vós, porém jejuo e me alimento, rezo e descanso, e contraio matrimônio com as mulheres. Assim, quem recusar a minha tradição não é dos meus"[257].

A humanidade tem colhido amargos frutos em razão deste pensamento curto por parte dos que aderiram à vida monástica e proibiram o casamento, a ponto de os sensatos na Europa acharem que a vida celibatária só produz a corrupção sob a escuridão, e a terem proibido após quinze séculos de experiências de perturbação e desordem porque muitos sacerdotes acabaram por cometer a pedofilia com meninos e meninas, fato que se difundiu na Europa e na América, resultando no pedido de afastamento ou expulsão de centenas de sacerdotes. A Igreja se perturbou e temeu os horrores destes desvios e crimes sexuais, sendo que a nossa religião poupou-nos de tudo isso e nos aliviou de miseráveis experiências e de amargas dores[258].

O Islam também objetivou através do casamento a obtenção da tranquilidade psicológica para o indivíduo, fazendo-o extrair o que ele carrega sentimentos e emoções que o levam a dar e produzir. O casamento também é considerado um refúgio para ambos os cônjuges, um une-se ao outro intimamente e é um excelente consolo na hora da solidão, e um companheiro na hora da estranheza. Disse Allah, o Altíssimo: ***"E dentre Seus sinais, está que Ele criou, para vós, mulheres, de vós mesmos, para vos tranquilizardes junto delas, e fez, entre vós, afeição e misericórdia. Por***

257 Al Bukhari: Livro do Casamento, (4776) muçulmano: Livro do Casamento, (1401).

258 Veja: Muhammad Ibn Ahmad Ibn Salih: *Direitos humanos no Alcorão e na Sunnah e suas aplicações na Arábia Saudita*, p. 134.

certo, há nisso sinais para um povo que reflete" (Arrum: 21). Com estes três pilares mencionados no versículo (a habitação, o amor e a misericórdia) se realiza a felicidade conjugal que o Islam pretendeu.

Allah, o Altíssimo, ordenou cada um dos cônjuges a bem escolher (a aperfeiçoar a escolha) de seu companheiro dizendo: ***"E casai os solteiros, dentre vós, e os íntegros, dentre vossos servos e vossas servas"*** (Annur: 32). E disse o profeta (a paz esteja com ele) ordenando o esposo a escolher uma esposa virtuosa e dotada de religião: "Uma mulher é pedida em casamento por quatro razões: por causa de sua riqueza, sua descendência, sua beleza e sua religião. Portanto, conquiste a dotada de religiosidade e vencerá"[259]. E disse também, ordenando a esposa a escolher o seu esposo conforme o mesmo peso e medida: "Se vos pedir quem vos agrada sua religiosidade e sua conduta casem-no, se não o fizerdes acontecerá uma tentação na terra e um extensa corrupção"[260].

E sem dúvida que essa escolha e essa medida terá retorno benéfico sobre a sociedade humana, pois assim criará uma geração íntegra que é o fruto desses cônjuges íntegros, para viver em seguida, numa família cheia de amor e compaixão que vive sob a sombra dos princípios e valores morais islâmicos.

E já que o contrato de casamento é um dos contratos de máxima importância, é necessário que seja antecedido de introduções que preparam para este casamento e garantam a sua permanência e continuação. A lei islâmica não se preocupou com os antecedentes de nenhum contrato além deste, deu grande atenção ao contrato de casamento e estabeleceu regras especiais para ele. Estes antecedentes são conhecidos como *al khitbah*, que é a etapa que objetiva o entendimento e a aproximação, e permite aos dois lados conhecer um ao outro melhor, e sob a luz dessa etapa se define a continuação do projeto de casamento ou a desistência.

A lei islâmica também exige para a validez do contrato de casamento: a obrigação de sua publicação, porque ele tem grande importância na visão do Islam por causa daquilo que ele realiza de interesses religiosos e mundanos, portanto, seu assunto deve transparecer e ser transmitido para impedir as desconfianças e suspeitas.

O Islam também cercou o contrato de casamento com a mais firme das garantias, que garante a felicidade dos dois cônjuges, e traz o bem para

---

259 Al Bukhari, da narração de Abu Hurairah: Livro do Casamento (4802), Muslim: Livro de Aleitamento Materno (1466).

260 Al Tirmizhi (1004), Ibn Majah (1967), Al Hakim (2695) Al Albani declarou ser um *hadith hassan* (bom). Veja: Al Silsilah Al Sahihah (1022).

as famílias de ambos, fez dos homens responsáveis pelas mulheres pelo que cada um possui de competências e capacidades. Disse Allah, o Altíssimo: ***"Os homens têm autoridade sobre as mulheres, pelo que Allah preferiu alguns a outros, e pelo que despendem de suas riquezas"*** (Annissá: 34). E por causa desta responsabilidade, o Islam tornou o dote obrigatório sobre o marido e o tornou um direito da esposa. Disse Allah, exaltado seja: ***"E concedei às mulheres os seus dotes"*** (Annissá: 4). Também estabeleceu entre seus direitos o mantimento, que quer dizer tudo aquilo que a mulher necessita de alimento, veste, habitação e tratamento entre outras necessidades. Também é direito dela a convivência com conveniência, como foi mencionado por Allah, exaltado seja: ***"E convivei com elas com conveniência. E se as odiais, pacientai, quiçá, odieis algo, em que Allah faz existir muito benefício"*** (Annissá: 19). Em contrapartida, o Islam deu ao homem o direito de obediência, um dos mais importantes direitos dele sobre a esposa.

E assim, o Islam deu a cada um dos cônjuges direitos sobre o outro e deveres que deve cumprir perante ele. E lhes pediu a boa convivência, a equidade no tratamento e a cooperação na vida conjugal entre eles. Em seguida, traçou o caminho correto para o tratamento daquilo que pode surgir entre ambos de discórdia e problemas, e por fim, permitiu o divórcio quando é impossível para o casal cumprir com os limites de Allah e viver conforme o traçado pelo Legislador no relacionamento conjugal[261].

261 Veja: Muhammad ibn Ahmad ibn Salih: *Direitos humanos no Alcorão e na Sunnah e suas aplicações na Arábia Saudita*, p. 135-138.

2
Os Filhos

Os filhos no Islam são o floreio da vida terrena e seu enfeite, são a alegria da alma e o deliciar dos olhos. O Islam tem zelo exclusivo pelos filhos, por isso, a lei islâmica estabeleceu direitos e deveres para os filhos em relação aos pais.

A primeira imagem da vida que se forma no espírito do filho está influenciada pelo ambiente de seus pais. Aprendemos isso pelo que é narrado da palavra do profeta (a paz esteja com ele): "Todo recém-nascido nasce na fitrah (estado natural), então seus pais o fazem judeu, cristão ou zoroastriano"[262]. Portanto, os pais têm grande influência na religião e na conduta dos filhos, por isso a virtude dos filhos e o futuro da nação depende muito da integridade dos pais. Baseando-se nisso, os direitos dos filhos antecedem o nascimento, onde temos a escolha da mulher virtuosa e do pai virtuoso, como esclarecemos anteriormente.

Depois de os cônjuges serem guiados para a boa escolha de seu respectivo parceiro, vem o direito da criança de ter a proteção contra o Satanás. Isto é demonstrado pelo profeta ao recomendar a prece antes do ato sexual. Ibn Ábbass narra que o profeta (a paz esteja com ele) disse: "Quando alguém de vós se unir à sua esposa diz: 'Em nome de Allah, ó Allah nos evite o Satanás, e evite o que nos der (de filho) o Satanás'" e for decretado entre vós um filho, ele não o prejudicará"[263].

E quando torna-se um feto dentro do útero materno o Islam lhe dá o direito a vida, pois a lei islâmica proíbe o aborto do feto porque é uma responsabilidade depositada por Allah em seu útero. Este feto tem direito a vida, por isso não é permitido lesá-lo ou prejudicá-lo. A lei islâmica o

262 Al Bukhari da narração de Abu Hurairah (6226), e Muslim (22).

263 Al Bukhari (4767), e Muslim (1434).

considera uma pessoa que não pode ser morta ao se passarem quatro meses de gestação e for soprado o espírito nele, e tornou obrigatória a indenização (*addiah*) sobre quem matá-lo. Al Mughirah ibn Shu'ubah disse: "Uma mulher atingiu outra mulher grávida com um pilar e a matou junto com seu feto". Levaram o caso até o profeta (a paz esteja com ele), e um homem da família da assassina disse: "Pagaremos indenização de quem não come nem bebe e nem veio ao mundo?". O profeta (a paz esteja com ele) disse: "Sotaque igual o sotaque dos beduínos[264]" [265]. E sentenciou a libertação de um escravo[266] e o tornou obrigatória sobre a tribo da mulher.

A Lei islâmica também permitiu a quebra do jejum durante o mês de Ramadan para a mulher grávida como proteção da saúde do feto, assim como permitiu a prorrogação da punição do adultério até que o feto nasça e conclua o período de amamentação.

Quanto à fase pós-nascimento, o Islam estabeleceu para os filhos regras relacionadas ao seu nascimento, entre elas:

1. A recomendação de se alegrar com a boa notícia em seu nascimento, conforme foi mencionado por Allah sobre o nascimento de João Batista filho de Zacarias (a paz esteja com ambos): ***"Então, os anjos chamaram-no enquanto orava, de pé no oratório: "Allah alvíssara-te o nascimento de Yahia (João Batista), confirmador de um Verbo de Allah, e será senhor, e casto, e profeta entre os íntegros"*** (Ali Imran: 39). Esta boa nova é igual para o sexo masculino e feminino, sem diferença alguma entre eles.
2. Fazer o *azhan* (chamamento para a oração) em seu ouvido direito e a *iqamah* (chamado para a realização da oração) em seu ouvido esquerdo, seguindo o exemplo do profeta (a paz esteja com ele), que fez o *azhan* no ouvido de Al Hassan ibn Ali (seu neto) quando ele nasceu. É narrado por Ubaidullah ibn Abi Rafií que seu pai disse: "Eu vi o mensageiro de Allah (a paz esteja com

264 Os estudiosos dizem que: "O profeta criticou a frase dita por este homem por duas razões: primeiro, porque ele se opôs à lei de Deus e queria anulá-la. E segundo, porque ele dissimulou e fingiu o seu discurso. Os dois aspectos são considerados impróprios. Veja: Al-Nawaui: Al Minhaj Fi Sharh Sahih Muslim Ibn Al Hajjaj 11/178.

265 Al Bukhari: Kitab At Tib (Livro de Medicina) (5426), Muslim (1682), Abu Daud (4568), Annassaí (4825), Ibn Hibban (6016), e autenticado por Al Albani.

266 Veja: Al-Nawaui: *Al Minhaj Fi Sharh Sahih Muslim ibn Al Hajjaj (O Sistema na Interpretação da Coletânea de Muslim ibn Al Hajjaj)* 11/175, 176.

ele) fazer o *azhan* para a oração no ouvido de Al Hassan ibn Ali quando Fátima deu a luz a ele"[267].

3. A recomendação de se fazer *tahnik* com tâmaras[268], como fez o profeta (a paz esteja com ele). É narrado que Abu Mussa[269] disse: "Nasceu um filho meu, então o trouxe até o profeta (a paz esteja com ele), ele lhe deu o nome de Ibrahim e lhe fez *tahnik* com tâmara, fez preces a ele para abençoá-lo e o devolveu a mim"[270].
4. Raspar o cabelo de sua cabeça e doar o equivalente ao seu peso em prata. Nisso há benefícios para a saúde e para a sociedade. Dentre os benefícios para a saúde: a abertura dos poros da cabeça, retiras as moléstias, e isto pode ser uma retirada de pelos fracos para nascerem em seu lugar pelos fortes. E quanto ao benefício social, este está na doação do peso do cabelo em prata, carrega o significado da solidariedade social e geração de alegria para os mais pobres. Sobre isso é narrado por Muhammad ibn Ali ibn Al Hussain: "Fátima, filha do mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) pesou os cabelos de Al Hassan e de Al Hussain e doou o seu peso em prata"[271].
5. O direito a uma denominação com bom nome. É obrigação dos pais escolher para o recém-nascido um bom nome com o qual será chamado entre as pessoas, um nome que lança o conforto sobre a alma e a tranquilidade no coração. O mensageiro (a paz esteja com ele) detestava a palavra "*harb*" (guerra) e não gostava de ouvi-la. É narrado que ele disse: "Os nomes mais queridos para Allah: Abdullah e Abdurrahman. E os nomes mais

267 Narrado por Abu Daud (5107).

268 Significa colocar tâmaras mastigadas na boca do recém-nascido. Estudos científicos médicos provaram que a maioria ou todos os recém-nascidos precisam de açúcar (glicose) logo depois do nascimento. O percentual de glicose é baixo no sangue de recém-nascidos, e a tâmara contém uma quantia muito elevada de açúcar. Portanto, dar tâmara derretida para o recém-nascido o protege, com a permissão de Allah, da elevação de falta de açúcar, e é um milagre médico científico, pois a humanidade não conhecia os perigos da baixa de glicose no sangue do recém-nascido. Para obter mais informações sobre os aspectos deste milagre, veja: Dr. Muhammad Ali Al Bar: Artigo "O cuidado com a infância no Islam": introduzir tâmara mastigada na boca de uma criança recém-nascida e seu milagre científico. Organização Internacional de Estudos dos Milagres Científicos no Alcorão e na Sunnah. Link: http://www.nooran.org/O/4/4O11.htm

269 Abu Mussa Al Ashaari: Abdullah ibn Qais ibn Salim ibn Hadhar ibn Harb ibn Amer, companheiro do profeta Muhammad. O profeta o nomeou como governador de Zubaid e Aden. E era o governador de Kufa. Veja: Ibn Sa'd: At Tabaqat Al Kubra (O Livro das principais classes) 4 / 105, e Al Zhahabi: Siar A'lam Al Nubala'a (As Vidas das nobres figuras) 2 / 380.

270 Al Bukhari: Kitab Al Aqiqah (sacrifício na ocasião do nascimento da criança) (5045), e Muslim: Kitab Al Adab (boas maneiras) (3997).

271 Relatado por Malik em *Al Muwata, Kitab Al Aqiqah (sacrifício na ocasião do nascimento da criança)* (1840).

verdadeiros: Harith e Hammam. E os nomes mais horríveis: Harb e Murrah"[272].

E é narrado por Ali:

> Quando Al Hassan nasceu lhe dei o nome de Harb. Então, o profeta (a paz esteja com ele) chegou e disse: "Deixem-me ver o meu filho. Que nome deram-lhe? Eu disse: Harb. O profeta (a paz esteja com ele) disse: "Porém, ele é Hassan". E quando nasceu Al Hussain lhe dei o nome de Harb. O profeta (a paz esteja com ele) chegou e disse: "Deixem-me ver o meu filho. Que nome deram-lhe?" Eu disse: Harb. O profeta (a paz esteja com ele) disse: "Porém, ele é Hussain". E quando nasceu o terceiro eu lhe dei o nome de Harb, então o profeta (a paz esteja com ele) chegou e disse: "Deixem-me ver o meu filho. Que nome deram-lhe? Eu disse: Harb. O profeta (a paz esteja com ele) disse: "Porém, ele é Muhassin", e disse em seguida: "Lhes dei os nomes dos filhos de Harun: Shabbar, Shabir e Mushabbir"[273]. Também, entre os direitos dos filhos depois do nascimento:

6. *Al áqiqah*, que é o abate de um cordeiro pelo *recém-nascido* no sétimo dia. É regrada como *sunnah muákkadah*, e é um gesto de felicidade e alegria por este recém nascido. O profeta (a paz esteja com ele) foi perguntado sobre *al áqiqah* e disse: "Não gosto da desobediência (*úquq*), e quem tiver um *recém-nascido* e desejar abater (um cordeiro) por ele que o faça para o menino duas ovelhas e para a menina uma ovelha"[274].
7. O direito à amamentação (ao leite materno). A amamentação é uma ação que tem seu influência a longo prazo na formação física, emocional e social na vida do ser humano enquanto recém-nascido e, em seguida, criança. Isto foi compreendido pela Lei islâmica, que estabeleceu como dever sobre a mãe amamentar o seu filho durante dois anos completos, tornando-se um dos direitos da criança. Disse Allah, o Altíssimo: ***"E as mães amamentam seus***

272 Abu Daud (4950), Annassaí (3568), Ahmad (19054), Al Bukhari, em seu livro Al Adab Al Mufrad (O Livro de Boas Maneiras) (814).

273 Ahmad (769), Malik (660), Ibn Hibban (6958), Al Hakim (4773) e Al Bukhari em Al Adab Al Mufrad (O Livro de Boas Maneiras) (823).

274 Abu Daud: Kitab Adhahaya (Livro dos Sacrifícios), capítulo Aqiqah (sacrifício na ocasião do nascimento) (2844), Ahmad (6822). Veja: *Al Silsilah Al Sahihah* (1655).

> ***filhos, por dois anos inteiros. Isso, para quem deseja completar a lactação. E impende ao pai o sustento e o vestir delas, convenientemente"*** (Al Baqarah: 233).

As pesquisas médicas e psicológicas modernas comprovaram que o período de dois anos é necessário para o desenvolvimento da criança saudavelmente do aspecto médico e psicológico[275], ainda que a graça de Allah e Sua generosidade não tenham esperado os resultados das pesquisas e experiências científicas feitas nos laboratórios de psicologia, mas se antecederam a isso tudo. Assim, observamos a extensão da atenção da lei islâmica com a amamentação e sua determinação em torná-la um direito da criança, porém cabe ressaltar que este dever não é exclusivo da mãe, pois há uma responsabilidade que recai sobre o pai. Essa responsabilidade está representada na obrigação de abastecer a mãe com alimentação e veste para ela poder se dedicar para a assistência e alimentação de seu filho. Assim, ambos cumprem a sua missão dentro do círculo que a lei islâmica traçou a cada um deles, preservando o benefício da criança cuja assistência e proteção foram encarregados de cumprir, sendo que isso deve ocorrer dentro dos limites de suas capacidades e condições. Disse Allah, o Altíssimo: ***"Allah não impõe a alma alguma senão o que é de sua capacidade"*** (Al Baqarah: 286).

8. O direito à criação e ao mantimento. A lei islâmica fez obrigação dos pais a assistência aos filhos, a preservação de suas vidas e saúde e sustento. Disse o profeta (a paz esteja com ele): "Todos vós sois pastores e sois responsáveis por vossos rebanhos. O governante é pastor e é responsável por seu rebanho, o homem dentro de sua família é pastor e é responsável por seu rebanho, a mulher na casa de seu esposo é pastora e é responsável por seu rebanho, e o servo na riqueza de seu patrão é pastor e é responsável por seu rebanho..."[276].
9. O direito à boa educação e ao ensino dos assuntos necessários da religião. Mostrando uma maneira prática na educação aos filhos, o mensageiro (a paz esteja com ele) diz: "Ordenem vossos filhos

275 A amamentação natural deve ser de pelo menos doze meses, mas é melhor seguir as recomendações da Organização Mundial de Saúde para o aleitamento materno por dois anos inteiros. Veja: Hassan Shamsi Basha: "Aleitamento materno por dois anos inteiros", um artigo no link: http://dvd4arab.maktoob.com/showthread.php?t/60832

276 Al Bukhari, de Abdullah Ibn Omar: Kitab Al Ítq (Livro de libertação), (2416) e Muslim (1829).

a oração com sete anos, e batam-nos por causa dela aos dez anos. E dividam entre eles nos leitos"[277]. Allah também nos ordenou proteger a nós e aos nossos filhos do fogo do Inferno no dia da ressurreição, dizendo: ***"Ó vós que credes, protegei a vós e às vossas famílias do fogo cujo combustível serão as pessoas e as pedras"*** (Attahrim 6).

10. Além disso, é obrigatória a assistência emocional aos filhos, através da benfeitoria e misericórdia a eles, animando-os e brincando com eles. Sobre isso, é narrado que o mensgeiro (a paz esteja com ele) beijou Al Hassan ibn Ali quando Al Aqraá ibn Habiss estava com ele. Então, Al Aqraá disse: "Tenho dez filhos, e nunca beijei nenhum deles". Então, o mensageiro (a paz esteja com ele) olhou para ele e disse: "Quem não tem misericórdia, não se terá misericórdia com ele"[278].

Shaddad ibn Al Had narra que o seu pai disse: O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) saiu ao nosso encontro na oração do *magrib* ou do *íshaá* carregando Hassan ou Hussain.

> O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) saiu ao nosso encontro na oração do magrib ou do íshaá carregando Hassan ou Hussain. O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) se adiantou, colocou-o no chão e fez o *takbir*, iniciando a oração e, durante a oração fez uma prostração muito demorada, então, levantei a minha cabeça e vi o menino sobre as costas do mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) quando ele estava prostrado, então retornei à minha prostração. Quando o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) finalizou a oração, as pessoas disseram: "Ó mensageiro de Allah, o senhor fez uma prostração muito longa durante a oração a ponto de pensarmos que ocorreu algo ou está sendo revelado algo a ti". O profeta (a paz esteja com ele) disse: "Nada disso aconteceu, mas o meu filho montou sobre mim, e detestei apressá-lo antes dele concluir o que queria"[279].

277 Abu Daud: Kitab Al Salat (Livro de Oração) (495), Ahmad (6689), Al Hakim (708). Al Albani disse: Este é um hadith autêntico. Veja: Sahih Al Jami' (4026).

278 Al Bukhari: Kitab Al Adab (Livro de Boas Maneiras), o capítulo ter misericórdia sobre o menino, beijando e acariciando-o (5651), e Muslim: "Kitab Al Fadha'il (Livro das Virtudes), o capítulo Misericórdia profeta com as Crianças (2318).

279 Annassaí (1141), Ahmad (27.688), Al Hakim (4775) e foi autenticado por al Zhahabi. Ibn Khuzaima (936), Ibn Hibban (2805).

E Anas ibn Malik narra que o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) disse: "Eu entro na oração desejando alongá-la, mas ouço o choro do menino, então abrevio a minha oração pelo que conheço da intensidade do sentimento de sua mãe por causa de seu choro"[280].

Além disso, a boa educação e a assistência dedicadas às meninas têm importância exclusiva, a ponto de o mensageiro (a paz esteja com ele) multiplicar a recompensa de quem bem educa exclusivamente as meninas. Disse o profeta (a paz esteja com ele): "Quem cuidar de duas meninas até atingirem a idade da puberdade virá no dia da ressurreição eu e ele" e uniu entre seus dedos[281].

Assim sendo, os filhos tiveram direitos garantidos pelo Islam, os quais superaram todos os regulamentos e leis do ser humano em sua abrangência e etapas. Isto ocorreu porque o Islam zelou pelos filhos em todas as etapas de suas vidas, quando fetos, lactentes, crianças, jovens, até chegarem à etapa de adultos, homens e mulheres, ainda mais, zelou por eles antes de serem fetos nos úteros de suas mães, através da escolha correta de seus pais e mães... Isso tudo com o objetivo de formar homens e mulheres certos para uma sociedade onde predomina a moral e os valores civis nobres.

280 Al Bukhari (677), Ibn Majah (989), Ibn Khuzaimah (1610), Ibn Hibban (2139), Abu Ya´la (3144) e Al Baihaqi em seu livro *Shu´ab Al Iman* (11054).

281 Muslim: Capítulo das virtudes, boas maneiras e união dos laços de parentesco (2631), Al Tirmizhi (1914), Al Hakim (7350) e Al Bukhari em seu livro *Al Adab Al Mufrad* (894).

3

Os Pais (A Pequena Família)

Os pais aqui são os cônjuges após Allah ter os agraciado com filhos. Agora eles têm filhos e descendência, cansaram por causa deles, passaram noites em claro para lhes garantir conforto, deram-lhes os seus direitos e propiciaram a eles meios de sobrevivência, que já citamos anteriormente.

Então, como forma de devolver o favor e reconhecer a boa ação e recompensar a benfeitoria com benfeitoria, o Islam decretou uma série de direitos para os pais sobre os filhos, principalmente quando idosos e enfraquecidos, quando Allah concedeu-lhes a benfeitoria, o carinho e a obediência a eles, exatamente como eles agiram com seus filhos quando estes eram pequenos.

Dos mais importantes direitos dos pais temos o direito à benevolência, obediência e benfeitoria. Não existe ninguém que teve maior gesto de benfeitoria que os pais, exceto Allah, exaltado seja. Por isso, Allah uniu entre a benfeitoria e a boa assistência a eles com a adoração e sinceridade a Ele dizendo: ***"E teu Senhor decretou que não adoreis senão a Ele, e decretou benevolência para com os pais. Se um deles ou ambos atingem a velhice, junto de ti, não lhes digas: "Ufa", nem os maltrates, e dize-lhes dito nobre. E baixa a ambos a asa da humildade, por misericórdia. E dize: "Senhor meu! Tem misericórdia deles, como quando eles cuidaram de mim, enquanto pequeno"*** (Al Issrá: 23-24).

Foi dirigida a ordem de respeito a eles e a proibição de desobedecê-los, mesmo que seja com o ferimento de seus sentimentos com o termo "ufa" como indicação de aborrecimento com eles. E Allah, exaltado seja, não elogiou a humilhação e não aceitou de seus servos que ocorra a humilhação entre eles, exceto no caso dos pais. Disse Allah, o Altíssimo, no último versículo citado: "***e baixe a ambos a asa da humildade, por misericórdia"***.

E a maior benevolência ocorre na situação de velhice, um deles ou ambos, que é a situação da fraqueza física e mental que pode resultar na incapacidade, então, Allah (exaltado seja) nos ordenou dizer a eles uma fala nobre e se dirigir com suave discurso como forma de misericórdia e benfeitoria junto com a prece para que Allah tenha misericórdia deles assim como eles nos trataram com misericórdia na infância, na época da fraqueza. Também devemos fazê-los ouvir amiúde frases de agradecimento, o qual Allah citou junto ao Seu agradecimento ao dizer: ***"E recomendamos ao ser humano benevolência aos seus pais, sua mãe carrega-o, com fraqueza sobre fraqueza, e sua desmama se dá aos dois anos; e dissemo-lhe: "Sê agradecido a Mim, e a teus pais. A Mim será o retorno"*** (Luqman: 14).

A benevolência aos pais é uma das maiores portas do bem. Foi-nos relatado no *hadith* que Abdullah ibn Mass'úd perguntou ao profeta (a paz esteja com ele): "Que ação é mais querida para Allah?". O profeta (a paz esteja com ele) disse: "A oração em seu devido horário". Ele disse: "E em seguida, qual?". O profeta (a paz esteja com ele) respondeu: "Em seguida, a benevolência aos pais". Ele disse: "E em seguida, qual?". O profeta (a paz esteja com ele) então respondeu: "A luta pela causa de Allah"[282].

E Abdullah ibn Ámr ibn Al Áss narra que um homem veio até o profeta de Allah (a paz esteja com ele) e disse:

> Eu te dou voto de fidelidade para a *hijrah* e para o empenho pela causa de Allah almejando a recompensa da parte de Allah. O profeta (a paz esteja com ele) disse a ele: "Você tem seus pais vivos?". Disse: "Sim, todos os dois". Ainda disse-lhe: "Almejas a recompensa de Allah?". Disse: "Sim". Disse o profeta (a paz esteja com ele): "Então, retorne aos seus pais, e aperfeiçoe o seu companheirismo"[283]. E em outra narração: "Pois, por eles se empenhe"[284].

Entre os mais grandiosos direitos dos pais estabelecidos pelo Islam temos o que foi narrado no *hadith* de Jabir ibn Abdullah, no qual um homem disse ao profeta (a paz esteja com ele): "Ó mensageiro de Allah, eu tenho riqueza e filhos, e o meu pai quer devorar a minha riqueza". Então, o profeta (a paz esteja com ele) disse: "Tu e tua riqueza são de teu pai"[285].

---

282 Al Bukhari: Kitab Al Adab (Livro de Boas Maneiras) (5625), e Muslim: Kitab Al Iman (Livro da Crença) (137).

283 Muslim: Kitab Al Birr Was Silah wal Adab (O livro das virtudes, boas maneiras e união dos laços de parentesco), capítulo Birr al Walidayn (obediência aos pais) (6), Abu Daud (2528), Annassaí (4163), Ahmad (6490) e Ibn Hibban (419).

284 Narrado por Al Bukhari (2842), Muslim (2549) e Ibn Hibban (419).

285 Narrado por Ibn Majah (2291), Ahmad (6902) e Ibn Hibban (410).

Abu Hatim ibn Hibban[286] disse: "significa que o profeta (a paz esteja com ele) repreendeu o tratamento de seu pai como trata os estranhos, e o ordenou ter benevolência e carinho com ele no dizer e na prática juntamente a ponto de fazer chegar o seu dinheiro a ele, por isso disse: "Tu e tua riqueza são de teu pai". Não significa que a riqueza do filho é propriedade do pai em sua vida sem o consentimento do filho"[287].

Os textos narrados no assunto da benevolência e o bom tratamento aos pais e a advertência de desobedecê-los são incontáveis, e expressam o empenho da lei islâmica para a preservação dos valores essenciais para que não sejam violados.

286 Abu Hatim Ibn Hibban Al Busti: Seu nome completo é Abu Hatim Muhammad Ibn Hibban Ibn Ahmad (morreu em 354 d.H./965 d.C.), historiador, estudioso e geógrafo. Ele nasceu e morreu em Bust, Sijistan. Al Sahih Musnad Como é um de seus livros sobre *hadith*. Veja: Al Subki: As Classes Shafiya 3 / 131.

287 Sahih Ibn Hibban (Coleção de sahih Ibn Hibban) 2 / 142.

4

Os Parentes (A Família Maior)

Uma das grandiosas características que o Islam trouxe é que a família não se restringe ao limite dos pais e seus filhos, mas se expande para abranger todos os que têm vínculo sanguíneo e todos os parentes entre irmãos, irmãs, tios paternos, tias paternas, tios maternos, tias maternas, seus filhos e filhas. Todos esses têm direito à benevolência e união dos laços incentivados pelo Islam e considerados das virtudes básicas. Também promete as maiores recompensas pelo cumprimento deste dever, assim como adverte os que rompem com estes laços com grande castigo, assim, quem os ligar Allah o ligará, e quem os romper Allah o romperá.

O Islam estabeleceu regras e leis que acarretam a permanência dos laços fortificados entre esta família expandida, inclusive os parentes, que devem viver em clima de cooperação e união. Estas regras também originaram o sistema de pensão, o sistema de herança, o sistema indenizatório (*al áqilah*), que significa a distribuição da obrigação da indenização no caso do assassinato culposo (sem intenção) ou assassinato similar ao doloso entre os parentes do assassino[288].

A união dos laços sanguíneos (*silatur rahim*) quer dizer – a princípio – a benfeitoria a estes parentes e fazer chegar a eles todo bem que a pessoa puder, e evitar todo mal deles. Abrange a visitação deles, perguntar sobre as condições deles, presenteá-los, doar aos necessitados entre eles, visitar os que estão enfermos, atender ao convite deles, recebê-los com hospitalidade, honrá-los e enobrecê-los. Essa união também abrange a participação com eles em seus momentos felizes e a solidariedade a eles no momentos tristes, entre outras ações que aumentam e fortificam os vínculos entre os membros desta sociedade menor.

288 Veja: Yussuf Al Qaradawi: *O Islam, a civilização do futuro*, p. 185.

Portanto esta é uma grande oportunidade de benfeitoria, com a qual se confirma a união da sociedade islâmica e sua coesão, e se preenchem os espíritos de seus membros com o sentimento de conforto e tranquilidade, porque o indivíduo fica distante da solidez e do isolamento e tem certeza de que seus parentes o cercam com carinho e auxílio e o abastecem com ajuda na hora da necessidade.

Allah, o Altíssimo, ordenou a benfeitoria para com os parentes, que são os que têm vínculo uterino cuja ligação é um dever ao dizer:

"E adorai a Allah e nada Lhe associeis. E tende benevolência para com os pais e os parentes e os órfãos e os necessitados e o vizinho aparentado e o vizinho estranho e o companheiro achegado e o viajante e o que vossas direitas possuís. Por certo, Allah não ama quem é presunçoso, arrogante" (Annissá: 36).

Allah, o Altíssimo, também fez da união desses laços motivo para a união de Seu laço para quem nela se esforçou e deu sequência à sua benfeitoria. É narrado por Abdurrahman Ibn Áuf que ele ouviu o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) dizer: "Disse Allah: 'Eu sou o Misericordioso *(Arrahman)*, e ele (o vínculo de parentesco) é *arrahim*, o fiz derivada do meu nome. Quem o ligar Eu o ligarei, e quem o romper Eu o romperei'"[289].

O mensageiro (a paz esteja com ele) também deu a quem unir os seus laços de parentesco a boa notícia da expansão de sua riqueza e bênção em sua vida. Anas ibn Malik narra: "Ouvi o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) dizer: 'Quem desejar que o seu sustento se estenda, ou sua vida seja prorrogada, que ligue os laços de parentesco'"[290].

Os sábios interpretaram este aumento da bênção nos anos da vida como a orientação para a obediência, a construção do tempo com aquilo que beneficia na Vida Eterna, e a proteção deste tempo para que não se perca com outras atividades[291].

Em contrapartida, os textos expressaram a advertência de não se cometer o rompimento dos laços de parentesco e o considerou um grande pecado, porque divide as relações entre as pessoas e difunde a inimizade e o ódio e provoca a desintegração da união familiar entre os parentes. Disse Allah, o Altíssimo, alertando contra a maldição e a perda da visão material e espiritual: ***"Então, se voltásseis as costas, quiçá, semeásseis a***

289 Abu Daud: Kitab Al Zakat (Livro de Zakat) (1694), Ahmad (1680), Ibn Hibban (443), Al Hakim (7265) e disse: Este é um *hadith* autêntico.

290 Al Bukhari (1961) e (5639) e Muslim (21).

291 Al-Nawaui: *Al Minhaj Fi Sharh Sahih Muslim Ibn al Hajjaj (a abordagem na interpretação da coletânea de Muslim ibn Al Hajjaj)* 16/114.

corrupção na terra e cortásseis vossos laços consanguíneos? Esse são os que Allah amaldiçoou, então, Ele os ensurdeceu e lhes encegueceu as vistas" (Muhammad: 22-23).

Jubair ibn Mut'ím narra que o mensageiro de Allah disse: "Quem rompe os laços uterinos não entrará no Paraíso"[292]. E o rompimento dos laços uterinos significa o abandono da união, da benfeitoria e da benevolência para com os parentes. E são muitos os textos que indicam a gravidade deste pecado.

Tudo isso forma uma sociedade coesa, cooperativa e harmoniosa, onde se cumpre o dizer do mensageiro de Allah (a paz esteja com ele): "O exemplo dos crentes no amor mútuo, solidariedade e misericórdia é igual a um só corpo, quando um órgão sente uma dor todo o corpo sente a febre e o mal-estar"[293].

292 Al Bukhari: Kitab Al Adab (Livro de Boas Maneiras) (5638), e Muslim (19).

293 Al Bukhari: Kitab Al Adab (Livro de Boas Maneiras), (5665), e Muslim (2586).

Quarto Capítulo

No Assunto da Sociedade

A sociedade islâmica é a grande família que é ligada pelos laços de amor, solidariedade, cooperação e misericórdia. É uma sociedade divina, humana, moral e equilibrada, onde os seus membros convivem com as nobres condutas, e se relacionam com justiça e consulta. Onde o adulto tem misericórdia do menor, o rico tem compaixão com o mais pobre, o forte pega pela mão do mais fraco. Esta sociedade é igual um só corpo: quando um órgão sente uma dor todo o corpo a sente, e igual à construção que se fortifica mutuamente. Nas seguintes pesquisas expressaremos os principais elementos e bases da sociedade islâmica:

1. A Irmandade
2. A Solidariedade
3. A Justiça
4. A Misericórdia

1
A Irmandade

Lee Atwater[294], uma das referências destacadas da administração do presidente Reagan[295], escreveu na revista *Life* (mês de fevereiro de 1991): "... A minha doença me ajudou a perceber que o que estava perdido na sociedade estava perdido dentro de mim também: um pouco de amor e carinho, e um pouco de irmandade..."[296].

A irmanização ou a irmandade é um dos mais esplêndidos valores humanos que o Islam estabeleceu para a proteção do sistema social. Ela é que faz da sociedade uma união coesa, é um valor que não existe em qualquer sociedade, nem antigamente nem atualmente. Ela significa que as pessoas vivam na sociedade amando uns aos outros, auxiliando uns aos outros, inter relacionados, reunidos pelo sentimento de uma só família, cuja parte dela ama a outra parte e a fortalece, cada um sente que a força de seu irmão é uma força para si, e que a fraqueza dele é uma fraqueza para si, e que ele é pouco sozinho, mas é forte junto de seus irmãos[297].

Muitos são os textos que indicam o requinte deste valor e demonstram a sua importância e influência na construção da sociedade islâmica. Os textos também incentivaram tudo que fortifica a irmandade e proibiram tudo que a enfraquece. Allah, o Altíssimo, determinando a relação da irmandade com a crença, disse: ***"Os crentes são tão somente irmãos"*** (Al

294 Lee Atwater (1951 – 1991): Conselheiro político e estratégico do partido republicano americano, foi conselheiro político do presidente Reagan e do presidente Bush pai.

295 Ronald Reagan (1911 – 1989): 40º presidente americano no período (1981 – 1989). Era um ator coadjuvante fracassado antes de iniciar sua vida política. Foi um presidente querido e popular. Foi reeleito com maioria absoluta em 1984.

296 Transferido de Abdul Hayi Zallum: *O Novo Império do Mal*, p. 397.

297 Yussuf *Al Qaradawi*: *Malamih Al Mujtama'Al Muslim Allazhi Nanshuduhu (As marcas da sociedade muçulmana que almejamos),* p. 138.

Hujurat: 10). Esta determinação ocorre sem consideração de raça, cor ou descendência. Desta maneira, uniram-se e se irmanizaram Salman, o persa; Bilal, o abissínio; e Suhaib, o romano aos seus irmãos árabes.

O Alcorão Sagrado também caracterizou esta irmandade como uma graça de Allah: ***"E lembrai-vos da graça de Allah para convosco, quando éreis inimigos e Ele vos pôs harmonia entre os corações, e vos tornastes irmãos, por Sua graça"*** (Ali Imran: 103).

E eis o mensageiro (a paz esteja com ele), depois de sua imigração a Madinah – quando se deu início a sociedade muçulmana – iniciou, imediatamente após a construção da mesquita, com a irmandade entre os *muhajirin* (imigrantes) e os *anssar* (socorredores). O Alcorão Sagrado registrou essa irmandade que deu o magnífico exemplo de amor e harmonia. Disse Allah, o Altíssimo: ***"E os que habitaram a morada e abraçaram a fé, antes deles, amam os que emigraram para eles, e não encontraram em seus peitos cobiça do que lhes foi concedido. E preferem-nos a sim mesmos, mesmo estando em necessidade"*** (Al Hachr: 9).

E demonstrando uma imagem desses esplêndidos exemplos de amor e desprendimento por causa dessa irmandade, um irmão dos *anssar* oferece ao seu irmão a metade de sua riqueza e uma de suas duas esposas, para ele desquitar-se dela! Anas ibn Malik narra que Abdurrahman ibn Áuf chegou a Madinah, então o profeta (a paz esteja com ele) "irmanizou" entre ele e Sa'd ibn Arrabií Al Anssari. Este ofereceu para dividir sua família e sua riqueza com ele pela metade. Então, Abdurrahman disse: "Que Allah abençoe a tua família e a tua riqueza. Me guie ao mercado..."[298].

Por causa da grande missão da irmandade na construção da sociedade, a advertência de Allah sobre toda ação que possa comprometer a irmandade muçulmana é clara e evidente. Por isso, disse Allah, o Altíssimo, proibindo a arrogância e a zombaria: ***"Ó vós que credes, que um grupo não escarneça de outro grupo – quiçá, este seja melhor que aquele –, nem mulheres de mulheres – quiçá estas sejam melhores que aquelas..."*** (Al Hujurat: 11). Também proibiu a exposição dos defeitos e a ostentação com a descendência, dizendo: ***"E não vos difameis mutuamente, e não vos injurieis com apelidos depreciativos. Que execrável a designação de perversidade, depois da fé! E os que não se arrependem, esse são os injustos"*** (Al Hujurat: 11). Também proibiu a maledicência, a fofoca e

298 Al Bukhari: kitab fadhaíl Al Sahabah (Livro das Virtudes dos Sahabah) (3722), Al Tirmizhi (1933), Annassaí (3388) e Ahmad (129990.

a desconfiança, que são dos piores fatores de destruição das sociedades. Disse Allah, o Altíssimo:

"Ó vós que credes, evitai muitas das conjecturas. Por certo, uma parte das conjecturas é pecado. E não vos espieis. E não faleis mal, uns dos outros, pelas costas. Algum de vós gostaria de comer a carne de seu irmão morto? Pois, odiá-la-íeis! E temei a Allah. Por certo, Allah é Remissório, Misericordiador" (Al Hujurat: 12).

E se ocorrer um desentendimento ou distanciamento, o Islam buscou incentivar tudo que une entre os corações e fortifique a união através do convite à conciliação entre os oponentes. O profeta (a paz esteja com ele) disse: "Quereis que vos informe um nível melhor que o nível do jejum, oração e doação?! Disseram: "Sim, ó mensageiro de Allah". Disse: "A conciliação! E a discórdia aniquila"[299].

Ainda mais, o Islam permitiu a mentira para a conciliação entre dois oponentes porque isso dá força para a sociedade muçulmana e evita que ela se divida. O profeta (a paz esteja com ele) disse: "O mentiroso não é aquele que concilia entre as pessoas, difundindo o bem ou dizendo o bem"[300].

Além disso, o Islam dispôs sobre a irmandade uma série de direitos e deveres que são cumpridos por todo muçulmano de acordo com esta relação, sendo ele encarregado de cumpri-los considerando-os uma dívida sobre a qual será julgado e uma responsabilidade que deve ser realizada. O profeta (a paz esteja com ele) esclareceu isso ao dizer:

> Não invejais uns aos outros, não incentiveis o mal e a discórdia, não odieis uns aos outros, não dei as costas uns aos outros, que ninguém venda sobre a venda de outro (vender anulando a venda de outra pessoa), e sejais, servos de Allah, irmãos. O muçulmano é irmão do muçulmano, não o injustiça, não o desaponta, não o menospreza; a piedade está aqui – e apontou ao seu coração três vezes –, suficiente maldade tem quem menospreza seu irmão muçulmano. Todo muçulmano perante outro muçulmano é sagrado: seu sangue, seus bens e sua honra[301].

Sobre o dizer do profeta (a paz esteja com ele): "e não o desaponta", os sábios disseram: "O desapontamento é deixar de auxiliar e apoiar, e

299 Abu Daud: Kitab Al Adab (4919), Al Tirmizhi (2509), Ahmad (27548). Autenticado por Al Albani, veja: Sahih Al Jami'(2595).

300 Al Bukhari da narração de Um Kalthum bint Úqbah: Kitab Al Sulh (Livro da Conciliação) (2546), e Muslim: Kitab Al Birr Was Silah wal Adab (O livro das virtudes, boas maneiras e união dos laços de parentesco) (2605).

301 Muslim, da narração de Abu Hurairah: Kitab Al Bir Was Silah wal Adab (O livro das virtudes, boas maneiras e união dos laços de parentesco) (2564), Ahmad (7713) e Al Baihaqi em sua obra Al Sunan Al Kubra (11830).

significa: se ele pedir o seu auxílio para a defesa de uma injustiça e tarefa similar, é seu dever auxiliá-lo se ele puder, e não tiver um argumento legal"[302].

É narrado por Anas que o mensageiro Allah (a paz esteja com ele):

> Socorra o seu irmão, seja ele injusto, seja injustiçado". Um homem disse: "Ó mensageiro de Allah, o socorrerei se estiver sendo injustiçado. Mas se estiver sendo injusto, como irei socorrê-lo?". O profeta (a paz esteja com ele) respondeu: "O proíbe de ser injusto. Este é o seu socorro"[303].

Então, conseguimos encontrar uma sociedade humana que é forte o bastante para obrigar cada indivíduo a andar por causa da necessidade de seu irmão? A apoiá-lo se for injustiçado? A impedi-lo de cometer a injustiça se for injusto?

Isto só ocorre na sociedade muçulmana, onde existe este alto nível de irmandade e unidade de sentimento, onde cada indivíduo trabalha para aliviar a angústia de seu irmão e solucionar os seus problemas, tem com ele atitude de apoio e auxílio, nunca atitude de inveja e ódio e sempre está munido de positivismo. Assim, a irmandade é a base e o título da construção e da coesão da sociedade muçulmana.

302 *Al Minhaj Fi Sharh Sahih Muslim Ibn Al Hajjaj (O Sistema na Interpretação da Coletânea de Muslim Ibn Al Hajjaj)* 16/120.

303 Al Bukhari: Kitab Al Ikrah (Livro da Coesão) (6552), Al Tirmizhi (2255), Ahmad (11967) e Al Darimi (2753).

2

A Solidariedade

A lei do Islam obriga os seus adeptos a fazerem predominar entre eles a cooperação e a solidariedade em seus sentimentos, bem como nas necessidades materiais. Desta maneira, estas características são na religião como uma construção blindada que se autossustenta. Assim disse o profeta (a paz esteja com ele), da narrativa de Abu Mussa Al Ash'ári: "O crente para o crente é como a construção blindada que se autossustenta"[304]. Ou como um só corpo, que quando um de seus órgãos sente dor todo o corpo a sente, assim como disse o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele)[305].

Assim sendo, a solidariedade social no Islam não é resumida ao beneficiamento material, mesmo que este seja um pilar básico dentro dela. A solidariedade muçulmana ultrapassa este limite chegando a todas as necessidades da sociedade, individual e em grupo, material, sentimental ou intelectual, no sentido mais expansivo desses entendimentos. Assim, esta solidariedade contém todos os direitos básicos dos indivíduos e grupos dentro da nação.

Todos os ensinamentos do Islam confirmam a solidariedade conforme o seu entendimento mais amplo entre os muçulmanos. Por isso, você percebe que a sociedade muçulmana não conhece o individualismo, o egoísmo ou o negativismo, mas conhece tão somente uma sincera irmandade, uma generosa concessão e uma permanente cooperação para a virtude e para a piedade[306].

---

304 Al Bukhari: Kitab Al Adab (Livro de Boas Maneiras) (5680), Muslim: Kitab Al Bir Was Silah wal Adab (A Livro da Virtude, boas maneiras e unir os laços de parentesco) (2585).

305 Al Bukhari: Kitab Al Adab (Livro de Boas Maneiras) (5665), Muslim: Kitab Al Birr Wa Silah wal Adab (O Livro da Virtude, boas maneiras e unir os laços de parentesco) (65).

306 Ver: Mohamed Al Dassuqi: "A Fundação religiosa e seu papel no desenvolvimento da comunidade muçulmana, série de questões islâmicas", edição n º (46), divulgado pelo Conselho Supremo para Assuntos Islâmicos, Primeira Seção, p. 5.

E a solidariedade social no Islam não abrange apenas os muçulmanos pertencentes à nação muçulmana, mas abrange todos os seres humanos de diversas religiões e crenças que vivem dentro desta sociedade. Disse Allah, o Altíssimo: ***"Allah não vos coíbe de serdes blandiciosos e equânimes para com os que não vos combateram, na religião, e não vos fizeram sair de vossos lares. Por certo, Allah ama os equânimes"*** (Al Muntahanah: 8). Isto ocorre porque a base da solidariedade é a nobreza do ser humano, da qual Allah (exaltado seja), diz: ***"E, com efeito, honramos os filhos de Adão e levamo-los por terra e mar e demo-lhes por sustento das cousas benignas, e preferimo-los, nitidamente, a muitos dos que criamos"*** (Al Issrá: 70).

E dentre os versículos abrangentes no assunto da solidariedade e da interligação entre os membros da sociedade: ***"E ajudai-vos mutuamente na bondade e na piedade. E não vos ajudeis no pecado e na agressão. E temei a Allah. Por certo, Allah é Veemente na punição"*** (Al Maídah: 2). Al Qurtubi[307] disse: "É uma ordem para toda a criação para cooperarem na virtude e na piedade, ou seja, que um auxilie o outro"[308]. E Al Mawardi[309] disse: "Allah recomendou a cooperação na virtude e a uniu ao temor a Ele porque no temor há o agrado de Allah, e na virtude há o agrado das pessoas, assim quem unir entre o agrado de Allah e o agrado das pessoas terá concluído sua felicidade e difundido sua graça"[310].

O Alcorão Sagrado mencionou explicitamente que há, sobre os bens dos ricos, um direito definido que é distribuído para os necessitados. Disse Allah (exaltado seja): ***"E aqueles em cujas riquezas há um direito conhecido para o pedinte e para o necessitado"*** (Al Maárij 24-25). E Allah, o Altíssimo, que legalizou este direito, o definiu e o esclareceu, e não deixou isso para a generosidade dos ricos e benfeitores, nem conforme o que os seus espíritos envolvem de misericórdia e o que os seus corações carregam de disposição para a virtude, benfeitoria e amor pela boa ação[311].

---

307 Al Qurtubi: Muhammad Ibn Ahmad Al Anssari el Al Khazraji Qurtubi Al Maliki, é um dos maiores intérpretes, autor do conhecido: *Al Jami' Li Ahkam Al Qur'an*. Ele morreu em 1273. ver: Al Zirikli: *Al A'alam*, 5 / 322.

308 Ver: Al Qurtubi: *Al Jami' Li Ahkam Al Qur'an*, 6/46, 47.

309 Al Mawardi (364-450 a.H / 974-1058 a.C) é Abul Hassan Ali Mohamed Ibn Habib, chamou o supremo cádi (juiz no tribunal da Sharia). Ele era uma autoridade na jurisprudência, os fundamentos e interpretação. Atuou como juiz em diversas cidades. Entre sua produção são Adab al Dunia wal Din *(Boas Maneiras da vida e da Religião)*, Al Ahkam Sultaniya *(Os Princípios de Governo)*. Veja: Al Zhahabi: Siyar A'alam Al Nubala'a *(Biografias de figuras nobres)* 18/65, e Al Zirikli: as nobres figuras 4 / 327.

310 Veja: Al Mawardi: Adab al Din wal Dunia *(Boas Maneiras da Religião e da Vida Mundana)*, p. 196, 197.

311 Hussain Hamid Hassan: *A Solidariedade Social na Sharia islâmica*, p. 8.

Os versículos do Alcorão também definiram quem são esses necessitados. Disse Allah, o Altíssimo:

"As doações são tão somente para os pobres e os necessitados e os encarregados de arrecadá-las e aqueles, cujos corações estão prestes a harmonizar-se com o Islam e os escravos, para serem libertos, e os endividados e os combatentes no caminho de Allah e o viajante. É preceito de Allah. E Allah é Onisciente, Sábio" (Attaubah: 60).

Aqui percebemos a importância do *zakat* em sua abrangência à maioria dos membros da sociedade, sendo considerado a primeira fonte básica para suprir o assunto da solidariedade e da cooperação; ele é o terceiro das obrigações do Islam, e não é aceito o Islam sem ele. Ele purifica o espírito de quem doa, portanto é um benefício para quem doa antes de ser um benefício para quem o recebe. Disse Allah, o Altíssimo: ***"Toma de suas riquezas uma esmola, com que os purifiques e os dignifiques"*** (Attaubah: 103). Sem dúvida, assim como o zakat arranca do espírito de quem dá o zakat o zelo, a mesquinhez e a escassez, arranca do espírito do pobre que o merece o ódio e o rancor contra os ricos, e cria um clima de harmonia, amor, cooperação e compaixão entre os membros da sociedade na qual esta obrigação é cumprida.

A Lei permite à autoridade que pegue dos bens dos ricos aquilo que basta para suprir a necessidade dos pobres, de cada um conforme sua capacidade financeira. Não é permitido numa sociedade muçulmana que alguns durmam satisfeitos de barriga cheia enquanto seu vizinho está faminto, a sociedade em geral dever participar para garantir a subsistência, como disse o profeta (a paz esteja com ele): "Não crê em mim quem dorme satisfeito enquanto seu vizinho está faminto ao seu lado e ele tem conhecimento dele"[312]. O imam Ibn Hazm[313] disse sobre isso: "É uma obrigação dos ricos em toda região sustentar os seus pobres, e a autoridade deve os obrigar a fazer isso. Se os bens do zakat e outras riquezas dos muçulmanos não forem suficientes, então se institui para os pobres o alimento necessário, a veste para o verão e o inverno e residência que os abrigue da chuva, do verão, do sol e dos olhos dos que passam na rua"[314].

---

312 Narrado por Al Hakim (7307), Al Tabarani em Al Mu´jam Al Kabir (750), Al Baihaqi em Shu´ab Al Iman (3238) e Al Bukhari em Al Adab Al Mufrad (112). Veja: Al Silsilah Al Sahihah (149).

313 Ibn Hazm Al Andaluzi: Abu Muhammad Ali ibn Ahmad ibn Said Adhahiri (384-456 d.H./994-1064 d.C.) é um dos maiores líderes religiosos islâmicos. Ele era uma autoridade na jurisprudência, seguidor de Daud Adhahiri que acreditaram na interpretação superficial dos textos sagrados. Veja: Al Safadi: *Al Wafi bil Wafiyat* 20/93.

314 Ibn Hazm: Al Muhalla 6 / 452, edição (725).

A visão do Islam sobre a solidariedade material não chega apenas ao limite da subsistência dos necessitados, mas ultrapassa esse limite até a realização da suficiência. Isso se mostrou claro no dizer do emir dos crentes, Omar ibn Al Khattab: "Repitam a doação para eles, mesmo que um deles chegue a ter cem camelos"[315].

Dentre os dizeres do profeta (a paz esteja com ele) que revelam a virtude da solidariedade na sociedade muçulmana, seu incentivo e importância no Islam, temos o que é narrado por Abu Mussa Al Ash'ári:

> Disse o profeta (a paz esteja com ele): "Os *assh'áriin* (os indivíduos da tribo de Bani Ash'ár), quando deixam viúvas em uma guerra, ou o alimento de suas famílias é escasso na cidade unem tudo o que têm num só tecido e o dividem por igual entre eles num só recipiente. Então eles são de mim e eu sou deles"[316].

Ibn Hajar disse: "Ou seja, eles estão ligado a mim"[317]. E este é o auge da honra do muçulmano.

E Abdullah ibn Omar narra que o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) disse: "O muçulmano é irmão do muçulmano..."[318].

Al-Nawaui disse: "Isso mostra a virtude do auxílio ao muçulmano, do alívio de sua angústia e de se cobrir seus defeitos, e faz parte do alívio da angústia aquele que a alivia com sua riqueza, seu conhecimento ou seu auxílio, e aparentemente, também entra nesse caso quem a alivia com sua opinião e orientação"[319]. Este é o significado da solidariedade na sociedade muçulmana.

Portanto ela significa que os indivíduos da sociedade trabalhem para assegurar o seu grupo, que todo capaz e autoridade seja um patrocinador em sua sociedade lhe estendendo a benfeitoria, que todas as forças humanas na sociedade se encontrem na preservação dos interesses dos indivíduos, na defesa contra os males e, em seguida, na defesa contra os danos que podem atingir a construção social e sua constituição sobre bases saudáveis[320]. Também significa as pessoas viverem umas com as outras em

315 Idem.

316 Narrado por Al Bukhari (2354) e Muslim (2500)

317 IIbn Hazm: Al Muhallah 6/452.

318 Narrado por Al Bukhari (2310) e Muslim (2580).

319 Al-Nawaui: Al Minhaj Fi Sharh Sahih Muslim Ibn Al Hajjaj *(O Sistema na Interpretação da Coletânea de Muslim Ibn Al Hajjaj)* 16/135.

320 Muhammad Abu Zuhra: Solidariedade Social no Islam, p. 7.

situação de união e interrelação entre os indivíduos e o grupo, e entre cada ser com seu irmão[321].

O profeta (a paz esteja com ele) também considerou o auxílio aos necessitados e o sentimento de responsabilidade em relação aos membros da sociedade um maneira de doação pessoal. Da narração de Abu Zhar:

> O profeta (a paz esteja com ele) disse: Sobre todo indivíduo em todo dia em que o sol nasce há uma esmola dele para si mesmo". Eu disse: "Ó mensageiro de Allah, como posso doar se não temos riquezas?" Disse o profeta (a paz esteja com ele): "Porque dentre os tipos de doação... você orientar o cego, você fazer o surdo entender, você guiar quem te pede guia se souber o lugar de sua necessidade, você andar com a força de seus próprios pés para auxiliar o desesperado que clama por auxílio, você elevar com a força de teus braços junto com o fraco, tudo isso são portas de doação de ti para ti mesmo..."[322].

Valores como esses são considerados sinais proeminentes de uma sociedade civilizada, nas quais o Islam foi pioneiro, antes de todos os sistemas e leis, até que esses assuntos tivessem importância depois disso. Pois, quem ouvia antigamente sobre a orientação do cego e sobre o entendimento do surdo-mudo?

E o profeta (a paz esteja com ele) advertiu sobre a negligência dos capazes em atender as necessidades das pessoas. Ámr ibn Murrah disse a Muáuiah: "Todo imam (autoridade) que fecha sua porta para o pobre e necessitado, Allah fechará as portas do céu para a sua necessidade"[323]. Disse Ámr: "Então, Muáuiah elegeu um homem para as necessidades das pessoas".

E Jabir ibn Abdullah e Abu Talhah Al Anssari ouviram o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) dizer:

> Todo indivíduo muçulmano que desaponta um indivíduo muçulmano numa situação em que seu respeito e sua honra são violados, Allah irá o desapontar numa situação em que ele gosta de Seu apoio. E todo indivíduo muçulmano que apoia um indivíduo muçulmano numa situação

321 Abdul Aal Ahmad Abdul Aal: *Solidariedade Social no Islam*, p. 13.

322 Narrado por Ahmad (21.522) e Shu'ayb Arna'out al disse: *Sua atribuição é certa*, e Ibn Hibban (3377), e Al Baihaqi, em seu livro *Os Poderes da Fé* (7618), e Annasaí: Al Sunan Al Kubra (9027). Veja: Sahih Al Jami' (4038).

323 Al Tirmizhi (1332), Ahmad (18.062), Abu Ya'la (1565), corrigido por Al Albani, veja: Al Silsilah Al Sahihah (5685).

> em que seu respeito e sua honra são violados, Allah irá o apoiar numa situação em que ele gosta de Seu apoio[324].

E nas palavras dos sábios muçulmanos sobre esses valores, aprendemos sentenças dignas de espanto e admiração. Elas estabelecem que é obrigação do muçulmano tentar evitar o dano que está a atingir uma pessoa, é obrigatório cortar a oração para atender o grito de um desesperado, ou quem está se afogando ou num incêndio, deve salvá-lo de tudo que o sujeite à morte. Se este indivíduo for capaz e não tiver mais ninguém além dele igualmente capaz uma obrigação individual. E se tiver quem seja capaz igual a ele torna-se um obrigação comunitária (*kifaiah*). E isso é um objeto de consenso entre os sábios[325].

Sendo assim, a solidariedade é um dos pilares essenciais da sociedade muçulmana, abrange vários aspectos de cooperação e participação no preenchimento das lacunas, é representada pelo oferecimento de auxílio, proteção, apoio e conforto. Tudo isso até quando a necessidade de quem precisa for suprida, a preocupação do aflito for eliminada, o ferimento do ferido for cicatrizado e quando todo o corpo for curado totalmente das dores e doenças.

---

324 Relatado pelo Al Tabarani em Al Mu'jam Al Kabir (4735), Al Mu'jam Al Aussat (8642), Abu Daud (4884), Ahmad (16415), e Al Baihaqi em seu livro Shu'ab Al Iman (Os Ramos da Fé) (7632). Corrigido por Al Albani. Veja: Sahih Al Jami' (5690) e Al Jami' Al Saghir (10.627).

325 Al Khatib Ashirbini: Muhtaj Al Mughni 05/04, e Ibn Qudama: Al Mughni 7 / 515, 8 / 202.

3
A Justiça

A justiça é considerada um dos valores humanos essenciais que o Islam trouxe e estabeleceu como uma dos elementos da vida individual, familiar, social e política, a ponto de o Alcorão Sagrado fazer da justiça o objetivo de todas as mensagens celestiais. Disse Allah, o Altíssimo: ***"Com efeito, enviamos Nossos mensageiros com as evidências, e por eles, revelamos o Livro e a balança para que os homens observem a equidade"*** (Al Hadid: 25). Não existe retratação maior do valor da justiça que indicá-la como o objetivo principal do envio dos mensageiros e da revelação dos Livros. Com a justiça, foram revelados os Livros e foram enviados os mensageiros, e com a justiça se constituíram os céus e a terra[326].

E numa confirmação clara e explícita da realização e prática da justiça mesmo que odiemos quem iremos julgar, Allah, exaltado seja, diz: ***"Ó vós que credes, sede constantes na justiça, testemunhando por Allah, ainda que contra vós mesmos, ou contra os pais e os parentes"*** (Annissá: 135). E diz também: ***"Ó vós que credes, Sede constantes em servir a Allah, sendo testemunhas com justiça. E que o ódio para com um povo não vos induza a não serdes justos. Sede justos, isso está mais próximo da piedade. E temei a Allah. Por certo, Allah do que fazeis, é Conhecedor"*** (Al Maídah: 8).

Ibn Kathir[327] disse: "Ou seja, que o ódio de um grupo não vos faça ser injustos com eles, porém, usem a justiça para todos, sejam amigos ou inimigos"[328].

---

326 Yussuf Al Qaradawi: *As marcas da sociedade muçulmana que almejamos*, p. 133.

327 Ibn Kathir: Abu Al Fida Ismail Ibn Kathir Al Dimashqi (701-774 d.H. / 1302-1373 d.C.). Foi um grande sábio, memorizador do Alcorão, historiador e jurista. Nasceu em Basra, na Síria, e morreu em Damasco. Al Bidaia wla Nihaia (O Princípio e o Fim) é um de seus vários livros. Veja: *Al Hussaini, Zhail Tazhkirat Al Huffaz*, p. 57, 58.

328 Ibn Kathir: Tafssir Al Qur'an Al Ádhim (*A Interpretação do Magnífico Alcorão*) 2 / 43.

Portanto a justiça no Islam não se influencia com amor ou ódio, assim, a justiça não distingue descendência e linhagem, nem valor e dinheiro, também não distingue entre muçulmano e não-muçulmano. Porém, todos os residentes em terras islâmicas devem usufruir da equidade, sejam muçulmanos ou não-muçulmanos, por mais que haja amor ou discórdia entre estes e aqueles.

Quando Ussamah ibn Zaid tentou interferir a favor de uma mulher da tribo de Bani Makhzum, uma mulher de descendência, para que sua mão não fosse cortada pelo crime de furto, o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) ficou intensamente nervoso e, em seguida, fez um eloquente sermão na qual esclareceu o sistema judiciário islâmico e como nivelou entre todos os membros da sociedade, governadores e governados. Dentre as palavras do profeta (a paz esteja com ele) neste sermão: "O que destruiu os povos que viveram antes de vós foi, tão somente, o fato de que quando um nobre roubava o deixavam, e quando um fraco roubava cumpriam a pena sobre ele. Juro por Allah! Se Fátimah filha de Muhammad roubar, cortarei a sua mão"[329].

O Imam Ahmad compilou a narração de Jabir ibn Abdullah, que disse: Allah concedeu a conquista de Khaibar ao mensageiro de Allah (a paz esteja com ele), que fez permanecer os seus habitantes (judeus) como estavam, e dividiu a colheita entre eles. Então, o profeta (a paz esteja com ele) enviou Abdullah ibn Rawahah para avaliar a produção agrícola deles para a sua divisão, de acordo com o tratado após a conquista de Khaibar. Os judeus tentaram subornálo para ser transigente com eles. Então, Abdullah lhes disse:

> Por Deus, são as criaturas que mais odeio, matastes os profetas de Allah e mentiram sobre Allah, porém, o meu ódio por vocês não me levará a ser injusto com vocês. Avaliei vinte mil *wassaq* de tâmaras. Se quiserdes, é vosso. E se quiserdes, é meu". Disseram: "Com isso foram criados os céus e a Terra. Aceitamos"[330].

Mesmo com o ódio de Abdullah ibn Rawahah contra os judeus, ele não cometeu injustiça contra eles, ainda mais, publicou explicitamente para

329 Al Bukhari: Kitab Al Anbiá (Livro dos profetas) (3288), e Muslim: Kitab Al Hudud (Livro de punições prescritas), (1688).

330 Musnad Ahmad (Coleção de hadith de Ahmad) (14996), Ibn Hibban (5199) e Shuayb Al Arna'ut disse: Sua atribuição é certa, Al Baihaqi: Al Sunan Al Kubra (7230), Al Tahawi: Sharh Ma'ani al Aathar (interpretação dos significados das Tradições) (2856), Abdel Razzaq: Al Mussannaf (os classificados) (7202), e foi corrigido por Al Albani, veja: Ghayat Al Maram (459).

eles que não cometerá injustiça contra eles, e de qualquer parte das tâmaras que eles quiserem levar lhes será permitido.

Essa é a justiça no Islam, é a balança de Allah na Terra. Através dessa justiça se faz chegar ao mais fraco e ao injustiçado os seus direitos e se estabelece ao dono da verdade que ele chegue ao seu direito pelo caminho mais curto e mais fácil. A justiça é um dos valores que surgem da crença islâmica em sua sociedade, pois todas as pessoas na sociedade muçulmana têm direito à justiça e direito de tranquilidade à justiça.

E se o Islam ordenou a justiça que não conhece o sentimentalismo e não se influencia com amor e ódio – a justiça com todas as pessoas, como vimos nos primeiros versículos –, ele inicialmente, ordenou a justiça da pessoa consigo mesma quando ordenou o muçulmano a equilibrar entre a justiça consigo mesmo, a justiça com o seu Senhor e os direitos dos outros. Isso transparece na palavra do profeta (a paz esteja com ele) quando ele reconheceu que Salman tinha razão quando disse ao seu irmão Abuddardá (que cometeu injustiça contra sua esposa ao abandoná-la e manter-se em jejum de dia e rezando de noite): "Ao teu Senhor tens um direito sobre ti (para cumprir), e a ti mesmo tens um direito sobre ti, e à tua família tens um direito sobre ti. Portanto dê a cada um o seu direito"[331].

E o Islam ordenou a justiça no dizer. Disse Allah, o Altíssimo: ***"E, quando falardes, sede justos, ainda que se trate de parentes"*** (Al An'ám: 152). Também ordenou a justiça na sentença. Disse Allah, o Altíssimo: ***"Por certo, Allah vos ordena que restituais os depósitos a seus devidos donos. E quando julgardes entre os homens, que julgueis com justiça"*** (Annissá: 58). Também ordenou justiça na conciliação. Disse Allah, o Altíssimo: ***"E se duas facções dos crentes pelejam, reconciliai-as. E, se uma delas comete transgressão contra a outra, combatei a que transgride, até que ela volte para a ordem de Allah. Então, se ela volta, reconciliai-as, com a justiça, e sede justos. Por certo, Allah ama os justos"*** (Al Hujurat: 9).

E à medida que o Islam ordenou a justiça e a incentivou, também proibiu a injustiça e a combateu com veemência, seja a injustiça da pessoa a si mesma ou aos outros, principalmente a injustiça dos fortes contra os fracos, dos ricos contra os pobres e dos governantes contra os governados. E quanto mais fraca é a pessoa, a injustiça contra ele é mais pecaminosa[332]. No *hadith qudssi* (palavra de Allah relatada pelo profeta): "Ó meus servos,

331 Al Bukhari: Kitab Al Sawm (Livro do jejum) (1832), Al Tirmizhi (2413).

332 Veja: Yussuf Al Qaradawi: *Marcas da comunidade muçulmana que almejamos*, p. 135.

eu proibi a injustiça a Mim, e a fiz proibida entre vós, portanto não cometei injustiças entre vós"[333]. E o mensageiro (a paz esteja com ele) disse a Muázh: "... e tema a prece do injustiçado, porque não há barreira entre esta prece e Allah"[334]. E disse também:

> Três não lhe serão recusadas as suas preces: o jejuador até quebrar o jejum, o governante justo, e a prece do injustiçado, Allah a eleva acima das nuvens e lhe abre as portas do céu, e o Senhor diz: pela minha glória e majestade, irei te fazer triunfar, mesmo que depois de um tempo[335].

Assim é a justiça... a balança de Allah na sociedade do Islam.

333 Relatado por Muslim da narração de Abu Zhar: Kitab Al Bir Was Silah wal Adab (O livro das virtudes, boas maneiras e união dos laços de parentesco) (2577), Ahmad (21.458), Al Bukhari em Al Adab Al Mufrad (490), Ibn Hibban (619), Al Baihaqi em seu livro Shu'ab Al Iman (Ramos da Fé) (7088) e Al Sunan Al Kubra (11283).

334 Al Bukhari: "Kitab Al Maghazi (O Livro de expedições militares chefiadas pelo profeta) (4000), e Muslim:" Kitab al Eman (Livro da Fé) (27).

335 Al Tirmizhi: Kitab Ad Da'wat (Livro das Súplicas) (3958), e disse: "Este é um *hadith* correto", Ibn Majah (1752), Ahmad (8030).

4

A Misericórdia

A primeira coisa que chama a atenção no Livro de Allah – que é o estatuto dos muçulmanos e a mais importante fonte legislativa – é que todas as suas suratas – exceto a surata Attaubah – têm início com *al bassmalah* (Em nome de Allah, o Clemente, o Misericordioso), que contém as qualidades de Allah: o Clemente, o Misericordioso (*Arrahman, Arrahim*). Não é segredo para ninguém que o início de todas as suratas com esses adjetivos tem a sua indicação clara sobre a importância da misericórdia na Lei islâmica. Também não é segredo para ninguém que o significado dos termos *Arrahman* e *Arrahim* são muito próximos (os quais traduzimos como "o Clemente", "o Misericordioso"), e os sábios têm muitos detalhes e várias opiniões sobre a diferença entre os dois termos[336]. Era possível que Allah (exaltado seja) unisse esse adjetivo da misericórdia a outro de Seus adjetivos, como por exemplo: o Grandioso (*Al Ádhim*), o Sábio (*Al Hakim*), o Oniouvinte (*Assami*) ou o Onividente (*Al Bassir*). Era possível unir entre a misericórdia e outro adjetivo que carregue um significado que desempenhe um equilíbrio para o leitor, para que o adjetivo da misericórdia não o envolva. O exemplo disso são os nomes de Allah: o Invencível (*Al Jabbar*) e o Dominador (*Al Qahhar*).

Porém, a união entre esses dois adjetivos próximos (em seu significado) no início de todas as suratas do Alcorão Sagrado dá uma claríssima impressão: a característica da misericórdia tem prioridade, incontestadamente, sobre todas as outras características, e o lidar com a misericórdia é a base que jamais desmorona e não fraqueja frente às outras bases além dela.

336 Ibn Hajar: Fath Al Bari, 13/358, 359.

Esse significado é confirmado pelo fato de a primeira surata do Alcorão Sagrado[337], que é *Al Fatihah* (A Abertura), ter sido iniciada com *al bassmalah* – que tem os dois adjetivos *Arrahman* e *Arrahim* como todas as outras suratas e, em seguida, observamos que a surata tem os dois adjetivos repetidos no meio da mesma surata. Esse início do Alcorão Sagrado exatamente com esta surata (*Al Fatihah*) também tem a sua significância clara. Sabemos que é obrigação do muçulmano ler *Al Fatihah* em todas as genuflexões (*rak'áh*) das orações diariamente. Isso significa que a pessoa repete o termo *Arrahman* no mínimo duas vezes, e repete o termo *Arrahim* no mínimo duas vezes, assim lembra a misericórdia de Allah (exaltado seja) quatro vezes em cada uma das genuflexões da oração. Isto significa que o servo repete a característica da misericórdia todos os dias 68 (sessenta e oito) vezes durante as 17 (dezessete) genuflexões que representam as orações obrigatórias que o muçulmano reza. Isso nos dá uma boa imagem da extensão da celebração dessa sublime característica: a misericórdia.

Tal fato também revela muitos dos dizeres do mensageiro (a paz esteja com ele) nos quais ele descreve a misericórdia do Senhor do Universo. Dentre esses dizeres:

> Da narração de Abu Hurairah, disse o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele): "Allah fez uma escrita antes de criar a criação: 'A minha misericórdia prevalece sobre a minha ira', então isto está escrito com Ele acima do Trono"[338].

Essa é uma publicação clara de que a misericórdia antecede a ira, e que a amabilidade antecede a austeridade.

Além disso, Allah, exaltado seja, enviou o mensageiro de Islam como misericórdia para a humanidade e como misericórdia para todo o Universo. Disse Allah: ***"E não te enviamos senão como misericórdia para o Universo"*** (Al Anbiá: 107). O profeta (a paz esteja com ele) traduziu isso em sua pessoa e em seu relacionamento com seus companheiros e com seus inimigos por igual. Ele incentivou e estimulou que a pessoa se caracterize com esta nobre conduta e nobre valor, dizendo: "Allah não tem

337 O ordenamento das suratas do Alcorão Sagrado é *tauqifi*, ou seja: Allah revelou ao Seu mensageiro (a paz esteja com ele) para organizar o Alcorão na ordem que conhecemos hoje, sendo que as suratas e versículos foram revelados em ordem diferente. Veja: Abu Abdullah Zarkashi: *Al Burhan fi Úlum Al Qur'an (O Argumento nas Ciências do Alcorão)* 1 / 260.

338 Al Bukhari: Kitab Al Tauhid (Livro do Monoteísmo) (7115), e Muslim: Kitab Al Taubah (Livro do arrependimento) (2751), e Al Bukhari: Livro começo da criação (3022).

misericórdia de quem não tem misericórdia das pessoas"[339]. O termo "as pessoas" nesse texto é um termo geral que abrange a todos, sem considerar raça ou religião. Os sábios disseram sobre isso: "Isto é geral, abrange a misericórdia para com as crianças e outros"[340]. Ibn Battal[341] disse:

> Este texto tem um incentivo para o uso da misericórdia com todas as criaturas, entra nesse caso o crente e o descrente, os animais (irracionais) sejam os que têm dono e os que não tem, e faz parte da misericórdia a rotina de lhes dar alimento e bebida, amenizar a carga e abandonar a agressão[342].

Em outro hadith, o mensageiro (a paz esteja com ele) fez um juramento: "Juro por Aquele em cuja mão está a minha alma! Allah não põe Sua misericórdia senão sobre um misericordioso". Disseram: "Ó mensageiro de Allah, todos nós somos misericordiosos". Ele disse: "Não é a misericórdia de um de vós com o seu companheiro. Mas tem misericórdia de todas as pessoas"[343]. Portanto, o muçulmano tem misericórdia das pessoas em geral, crianças, mulheres e idosos, muçulmanos e não-muçulmanos. O profeta (a paz esteja com ele) também disse: "Tendes misericórdia de quem está na terra, assim, quem está no céu terá misericórdia de vós"[344]. O termo "quem" abrange tudo o que existe na Terra.

Assim é a misericórdia na sociedade dos muçulmanos, tal valor moral prático que expressa a compaixão do ser humano com o seu irmão ser humano. É uma misericórdia que ultrapassa o ser humano com as suas variadas raças e religiões até o animais irracionais, até os rebanhos, pássaros e insetos!

Conforme mencionado anteriormente, o profeta (a paz esteja com ele) declarou que uma mulher entrou no Inferno porque foi rude com um gato e não teve misericórdia dele. Disse o profeta (a paz esteja com ele): "Uma mulher entrou no Inferno por causa de um gato que ela amarrou, não o alimentou e não o deixou comer dos bichos da Terra"[345].

---

339 Al Bukhari: Kitab Al Tauhid (6941), e Muslim: Kitab Al Fadhaíl (Livro das Virtudes) (2319).

340 Al Minhaj Fi Sharh Sahih Muslim Ibn Al Hajjaj (O Sistema na Interpretação da Coletânea de Muslim Ibn Al Hajjaj) 15/77.

341 Ibn Battal: Khalaf ibn Ali ibn Abdul Malik ibn Battal, também conhecido como Ibn Al lajam. Foi um grande estudioso, tinha muito conhecimento e compreensão, ótima letra e memória excelente. Explicou Sahih Al Bukhari em vários volumes. Morreu em 449 d.H. Veja: Al Zirikli: *Al A'lam* 4 / 85, e Al Zhahabi: *Siar A'Alam Annubala* 18/47.

342 Al Mubaarakfuri: Tuhfat Al Ahwuazhi bi sharh jamií Al Tirmizhi, 6 / 42.

343 Musnad Abu Yala (4258), e Al Baihaqi: Shu'ab Al Iman (11 060).

344 Al Tirmidhi da narração de Abdullah ibn Amr (1924) e Ahmad (6494), e Al Hakim (7274) e outros.

345 Al Bukhari: O Livro do início da criação (3140), e Muslim: Livro de arrependimento (2619).

Ele também declarou que Allah (exaltado seja) perdoou um homem que teve misericórdia por um cão. Disse o profeta (a paz esteja com ele):

> "Quando um homem estava num caminho e sentiu forte sede encontrou um poço, desceu nele e bebeu. Em seguida, saiu e encontrou um cão a arquejar e lamber a terra de sede. O homem disse: 'Este cão chegou a sentir sede igual à que eu senti'. Desceu ao poço novamente e encheu sua meia de água, a segurou em sua boca e subiu para dar água ao cão. Allah agradeceu-lhe, perdoando-lhe os seus erros. Os companheiros do profeta (a paz esteja com ele) disseram: 'Ó mensageiro de Allah, nós temos recompensa sobre (o bom trato para com) os animais?'. Ele respondeu: 'Em todo ser vivo vós tendes recompensa'"[346].

Ainda mais, o mensageiro (a paz esteja com ele) declarou que as portas do Paraíso se abriram para uma adúltera que teve misericórdia por um cachorro em seu coração! Disse o mensageiro (a paz esteja com ele): "Enquanto um cachorro rodeava um poço quando estava a morrer de sede, uma das prostitutas dos filhos de Israel o observou, então tirou a sua meia e lhe deu de beber. Então, ela foi perdoada"[347].

Um indivíduo pode se surpreender: o que é um cão morrendo de sede perto do crime de adultério?! Porém, a realidade reside por detrás da ação: é a misericórdia que está no coração do ser humano, conforme a qual ocorrem as suas ações e seu trabalho e a extensão de sua marca e valor na sociedade humana em geral.

O Islam também pregou a misericórdia com o animal irracional, para que esse não passe fome ou seja sobrecarregado acima de sua capacidade! Com extrema misericórdia, o profeta (a paz esteja com ele) passou na frente de um camelo tomado pela fraqueza e disse: "Temam a Allah sobre estes animais mudos... montem-nos íntegros e se alimentem deles íntegros"[348].

E um homem disse: "Ó mensageiro de Allah, eu tenho misericórdia da ovelha quando vou abatê-la". Então, o profeta (a paz esteja com ele) disse: "Se tiverdes misericórdia da ovelha, Allah terá misericórdia de ti"[349].

O Islam também ultrapassa o limite da misericórdia com os animais para a misericórdia com os pequenos pássaros, dos quais o ser humano não se beneficia como se beneficia com os outros animais. Você observa o

346 Al Bukhari (2234) e Muslim (2244).

347 Al Bukhari: Os Livros dos Profetas (3280), e Muslim: Livro da Paz (2245).

348 Narrado por Abu Daud (2548), Ahmad (17662) e outros.

349 Ahmad (15630), Al Hakim (7562) e Al Tabarani (15716). E Al Albani. Veja: Sahih Al Targhib wal Tarhib (2264).

profeta (a paz esteja com ele) dizer sobre um passarinho: "Quem matar um passarinho em vão, ele reclamará no dia da ressurreição: 'Ó Senhor, Fulano me matou em vão, e não me matou para um benefício!'"[350].

Os historiadores narram que durante a conquista do Egito, uma pomba desceu sobre a tenda de Ámr ibn Al Áss (o grande líder muçulmano que liderou a conquista do Egito) e construiu seu ninho em cima da tenda. Quando Ámr queria partir viu essa pomba, não quis expulsá-la ao desmontar a tenda, então deixou a tenda, e as construções se multiplicaram ao redor da tenda. Assim se formou a cidade de Fustat (que significa "tenda").

Ibn Abdil Hakam[351] narra sobre a biografia do califa probo Omar ibn Abul Áziz, que ele proibiu que se faça os cavalos correrem, exceto por necessidade; escreveu a um de seus responsáveis pelas plataformas que não carregue ninguém com carga pesada e que não bata com "martelo" de ferro; e escreveu para o seu governador no Egito: "Fui informado que há camelos cargueiros no Egito, e que cada camelo é carregado com um mil *ratl*, quando receberdes esta minha mensagem, não quero ser informado que um camelo é carregado com mais de seiscentos *ratl*"[352].

Assim é a misericórdia na sociedade muçulmana, que se apoderou dos corações de seus membros e filhos, assim você os vê tendo compaixão com o fraco, tendo dor por causa do triste e do necessitado, tendo pena do doente, mesmo que seja um animal irracional. Com estes corações vivos e misericordiosos a sociedade se purifica, evita a criminalidade e se torna uma fonte de benfeitoria, virtude e paz ao seu redor e para quem está ao seu redor.

350 Annassaí (4446), Ahmad (19 488), e Ibn Hibban (5993) e outros.

351 Ibn Abd Al Hakam: (187 d.H. – 257 d.C.), Muhammad ibn Abdullah ibn Abd Al Hakam, Abu Al Qasim, um historiador e jurista maliki. Nasceu e morreu no Egito. Veja: Al Zirikli: *Al A'alam* 3 / 282.

352 Ver: Ibn Abd Al Hakam: A Biografia de Omar ibn Abdul Aziz, 1 / 141. A medida citada (ratl) corresponde a aproximadamente 450 gramas atuais se considerado o "ratl egípcio". Portanto, essa medição pode variar dependendo do país.

Quinto Capítulo

Os Muçulmanos e as Relações Internacionais

Os sistemas dentro da civilização islâmica não se resumiram a tratar dos assuntos dos muçulmanos e dos assuntos dos não-muçulmanos apenas dentro do espaço administrado por governantes muçulmanos, mas se preocupou também em organizar a relação dos muçulmanos com outros povos e estados. Neste assunto, a civilização islâmica teve fundamentos e princípios sobre os quais devem se construir essas relações, tanto na situação de paz como na situação de guerra por igual. Em tais situações transparece a grandeza da civilização islâmica e sua humanidade prevalece nas alturas.

Podemos alcançar parte disso através dos seguintes temas:

1. A Paz é o Princípio no Islam
2. Os Tratados com os Não-Muçulmanos
3. As Razões e os Objetivos da Guerra no Islam
4. A Ética da Guerra no Islam

1

A Paz é o Princípio no Islam

A paz realmente é a base no Islam. Allah, exaltado seja, ordenou aos seus servos que creem n'Ele e em Seu mensageiro: ***"Ó vós que credes, entrai na paz, todos vós, e não sigais os passos de Satanás. Por certo, ele vos é inimigo declarado"*** (Al Baqarah: 208). A paz aqui significa "o Islam"[353], o Islam foi nominado com o termo "paz" porque é uma paz para o ser humano, é paz para ele em sua pessoa, em sua casa, em sua sociedade, com quem está ao seu redor. O Islam é a religião da paz.

Não é à toa que a palavra "Islam" é derivada de "*Assilm*" (paz); vemos que a paz é um dos mais destacados princípios islâmicos, e podemos dizer que é absolutamente o mais destacado princípio. Ainda mais, o termo "paz" pode chegar a ser um sinônimo do próprio nome do Islam considerando-se a raíz linguística[354].

Portanto a paz no Islam é situação original que prepara para a cooperação, amizade e difusão do bem entre as pessoas em geral. E se os não-muçulmanos conservarem a situação de paz, eles e os muçulmanos, na visão do Islam, são irmãos na humanidade. A segurança é estável entre os muçulmanos e os outros além deles, não por concessão ou tratado, mas é estável conforme a base de que o princípio é a paz e não ocorreu uma agressão aos muçulmanos que possa destruir esta base[355].

Em seguida, é obrigação dos muçulmanos construir relações de afeto e amor com adeptos de outras religiões e com os povos

353 Veja: Ibn Kathir: *Tafssir Al Qur'an Al Ádhim (A Interpretação do Magnífico Alcorão)* 1/565.

354 Veja: Muhammad Al Sadiq Afifi: *Al Islam wal Álaqat Al Dauliyah (O Islam e as Relações Internacionais)* p. 106, e Dhafir Al Qassimi: *Al Jihad wal Huquq Al Duliyah fil Islam (O Jihad e os Direitos Internacionais no Islam)* p. 151.

355 Mahmud Shaltut: *Al Islam, Áqidah ua Shari'ah (O Islam, Crença e Lei)*, p. 453.

não-muçulmanos, de acordo com esta irmandade humana e a partir do nobre versículo: ***"Ó humanos, por certo, Nós vos criamos de macho e fêmea, e vos fizemos nações e tribos para que vos conheçais uns aos outros"*** (Al Hujurat: 13). Porque a pluralidade desses povos não ocorre para a rivalidade e destruição, mas é um convite para a amizade, o afeto e o amor[356].

Vários outros versículos do Alcorão que ordenam a paz com os não-muçulmanos – se esses mostrarem prontidão e inclinação à conciliação e à paz testemunham este direcionamento – testemunham esse direcionamento pacífico dos muçulmanos. Disse Allah, o Altíssimo: ***"E, se eles se inclinam à paz, inclina-te, também, a ela, e confia em Allah"*** (Al Anfal: 61). Este versículo comprova categoricamente o amor dos muçulmanos pela paz e a preferência deles: a paz em vez da guerra. Portanto, sempre que um inimigo se inclinar para a pacificação, os muçulmanos a aceitam enquanto não houver por detrás disso a perda de seus direitos ou o desrespeito de suas vontades.

Assuddi[357] e Ibn Zaid[358] disseram: "O significado do versículo é: se eles te convidarem para a conciliação aceite"[359]. E o versículo que sucede esse versículo mostra o zelo do Islam para a realização da paz mesmo que os inimigos demonstrem a paz e ocultem a traição. Allah, exaltado seja, diz dirigindo a palavra ao Seu nobre mensageiro: ***"E se desejam enganar-te, por certo, Allah bastar-te-á. Ele é Quem te apoiou com a Sua vitória e com os crentes"*** (Al Anfal: 62). Ou seja, Allah providenciará a tua suficiência e a tua proteção[360].

O mensageiro (a paz esteja com ele) considerava a paz um dos assuntos pelo qual o muçulmano deve zelar em manter e rogava a Allah que a concedesse a ele. Ele dizia em sua prece: "Ó Allah, te peço o bem-estar na vida mundana e na Vida Eterna..."[361]. Certo dia, ele fez

---

356 Veja: Subhi Al Salih: Al Nudhum Al Islamiyah, Nash'atuha wa Tatawruha *(Os Sistemas Islâmicos, Sua Origem e Seu Desenvolvimento)*, p. 520.

357 Assuddi: Ismail ibn Adburrahman Assuddi (falecido em 128 d.H./ 745 d.C.). É um *tabií* (geração posterior à geração dos companheiros do profeta – a paz esteja com ele), sua origem é do Hijaz (Península Arábica) e viveu em Kufa (no Iraque). Ibn Tagribardi disse sobre ele: "Dotado de tafssir e biografia, era um imam conhecedor dos acontecimentos e das histórias das pessoas". Veja: Annujum Azzahirah 1/390.

358 Ibn Zaid: Abdurrahman ibn Zaid ibn Aslam (falecido em torno de 170 d.H./ 786 d.C.). Sábio do *fiqh*, *hadith* e *tafssir*. Escreveu vários livros, entre os quais: *Annassikh ual manssukh*, *Al Tafssir*. Morreu no início do califado de Harun Al Rashid. Veja: Ibn Al Nadim: Al Fihrast 1/315.

359 Veja: Al Qurtubi: *Al Jami' Li Ahkam Al Qur'an*, 4/398,399.

360 Verifique sobre este significado em Al Qurtubi: *Al Jami' Li Ahkam Al Qur'an* 4/400.

361 Abu Daud: Kitab Al Adab (Livro da Educação) (5074), Ibn Majah (3871), Ahmad (4785) e outros.

um sermão entre os seus companheiros e disse: "Não desejais o encontro do inimigo, e peçam a Allah o bem-estar. Mas, se os encontrardes persevereis (tenhais paciência)"[362]. O profeta também odiava a palavra *harb* (guerra)[363].

362 Al Bukhari: Kitab Al Jihad wal Siar (2804) e Muslim: Kitab al Jihad wal Siar (1742).

363 Abu Daud: Kitab Al Adab (4950), Annassaí (3568), Ahmad (19054) e outros. Veja texto na página 124.

2

Os Tratados com os Não-Muçulmanos

A partir do princípio da paz, ocorreram os tratados dos muçulmanos com os outros além deles, através dos quais os dois grupos – muçulmanos e não-muçulmanos – entram numa etapa de paz, trégua ou acordo.

E se a base no relacionamento é a paz, então os tratados são feitos para o término de uma guerra casual e para o retorno à situação pacífica permanente; ou para a declaração da paz e para a firmação de seus pilares, para não haver depois desse tratado a possibilidade de agressão, exceto haja uma anulação do tratado[364].

E durante extensas épocas, os estados governados por muçulmanos exerceram a assinatura de acordos e tratados com estados não-muçulmanos. Esses acordos contêm os compromissos, regras, condições e princípios diversos, de maneira a representar um desenvolvimento da lei internacional islâmica.

E os tratados são os acordos ou compromissos assinados pelo Governo Islâmico com outros estados nos casos de paz e de guerra, sendo que o tratado neste segundo caso (de guerra) é denominado reconciliação ou pacificação, na qual é determinado um acordo para o fim da guerra. Allah, o Altíssimo, diz: ***"E, se eles se inclinam à paz, inclina-te, também, a ela, e confia em Allah"*** (Al Anfal: 61).

E dentre os tratados que foram assinados entre os governos islâmicos e outros estados: o tratado firmado pelo mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) com os judeus de Al Madinah quando da sua chegada à cidade. Foi escrito neste tratado: os judeus gastam junto com os crentes

364 Muhammad Abu Zahra: *Al Álaqat Al Dauliyah fil Islam (As Relações Internacionais no Islam)*, p. 79.

enquanto forem opositores, e os judeus de Bani Áuf são uma só nação junto com os crentes. Os judeus têm a sua religião e os muçulmanos têm a sua religião, têm seus servos e suas pessoas, exceto quem cometer injustiça e erro, este não estará a destruir senão a si mesmo e à sua família. E os judeus de Bani Annajjar, Bani Al Harith, Bani Saídah, Bani Jashm, Bani Al Auss, Bani Asshatibah, todos o mesmo direito de Bani Áuf, e a corte dos judeus são iguais a eles. Sobre os judeus cabem os seus gastos, e sobre os muçulmanos cabem os seus gastos, e entre eles há o dever de combater quem combater este tratado, e entre eles cabem o bom conselho e a virtude sem perversidade. Nenhum indivíduo será perverso com seu aliado, e o apoio deve ser para o injustiçado. O vizinho é como a própria pessoa, não deve sofrer dano nem perversidade, e Allah está sobre o mais piedoso e virtuoso conteúdo deste tratado. Entre eles, é obrigação combater quem invadir *Iathrib*, e se forem convidados a uma conciliação, todos conciliam...[365].

Esse tratado mostra que foi assinado para a confirmação da situação de paz entre os judeus e os muçulmanos, assim como é uma segurança a eles para garantir que não ocorrerão guerras, esse tratado também manifesta que foi feito para "o estabelecimento da boa vizinhança e para a firmeza das bases da justiça. É observado também que este tratado tem um texto claro sobre o apoio ao injustiçado, é um compromisso justo para o estabelecimento da paz e sua firmação com justiça e apoio ao mais fraco"[366].

Os livros da biografia do profeta (a paz esteja com ele) narraram vários outros "tesouros" que são exemplos destes tratados. Dentre eles, por exemplo: o tratado firmado pelo mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) com os cristãos de Najran, no qual foi escrito:

> Najran e sua comitiva têm a proteção de Allah e a palavra de Muhammad, o profeta, sobre suas pessoas, sua religião, suas terras, seus bens, seus ausentes e seus presentes, suas tribos e seguidores... e tudo o que está sob as suas mãos, seja pouco ou muito...[367].

O profeta Muhammad (a paz esteja com ele) também fez um acordo com Bani Dhamurah[368], cujo líder naquela época era Makhshi ibn Ámr Adhumari. Também se comprometeu com Bani Mudlij, que viviam na

365 Veja: Ibn Hisham, *Al Sirah Al Nabauiyah* 1/503,504 e Ibn Kathir, *Al Sirah Al Nabauiyah* 2/322,323.

366 Muhammad Abu Zahra: *Al Álaqat Al Dauliyah fil Islam (As Relações Internacionais no Islam)*, p.81.

367 Al Baihaqi: *Dalail Al Nubuwah (Evidências da Profecia)* 5/485, e Abu Yussuf: Al Kharaj, p. 82, e Ibn Sa'd: Al Tabaqat Al Kubra 1/288.

368 A tribo de Bani Dhamurah é uma tribo árabe descendente de Adnan, vive na região de Uidan, no oeste de Al Madinah Al Munauwarah.

região de Ianbuú, isso ocorreu no mês de *jumada al ula* do segundo ano após a *hijrah*[369]. Também fez o mesmo com as tribos de Juhainah, que são grandes tribos que habitam a região noroeste de Al Madinah Al Munawarah[370].

Também, entre os tratados islâmicos: o tratado do emir dos crentes Omar ibn Al Khattab com o povo de Jerusalém[371].

Observando esses e outros tratados percebemos que os muçulmanos tentam conviver num ambiente de tranquilidade e pacífico com os seus vizinhos, e que jamais se empenharam combater ninguém, mas sempre preferiram a paz em vez da guerra, e a conciliação em vez da discórdia.

Os muçulmanos estabeleceram regras e condições que garantem que os tratados estejam de acordo com a Lei Islâmica e de acordo com o objetivo pelo qual foram permitidos. O grande imam sheikh Mahmud Shaltut[372] diz:

> O Islam, quando dá aos muçulmanos a liberdade de estabelecer tratados – por interesses que eles têm – impõe para a validez do tratado três condições:

1. Que não fira a sua lei básica e sua regra geral, na qual se constitui a personalidade islâmica. Sobre isso é narrado o dizer do profeta (a paz esteja com ele): "Toda condição que não está no Livro de Allah é inválido"[373]. Significa que o Livro de Allah o recusa e o condena. Através desta condição, o Islam não reconhece a legalidade de um tratado no qual a personalidade islâmica é violada, e abre aos inimigos uma porta que os proporciona a incursa contra sentidos islâmicos, ou enfraquece a posição dos muçulmanos com a divisão de suas fileiras e com o rompimento de sua unidade;
2. Que seja construída sobre o aceite de ambas as partes. Portanto o Islam não reconhece o valor de um tratado criado sobre a base da opressão, do domínio e sob o ataque de aviões de guerra. Esta é uma condição ditada pela natureza do contrato. Se é obrigatório o aceite num contrato de venda de uma certa mercadoria: ***"Mas é lícito existir comércio de comum acordo***

369 Veja: Ibn Hisham: *Al Sirah Al Nabauiyah* 3/143.

370 Ibn Sa'd: *Al Tabaqat Al Kubra* 1/272.

371 O texto deste tratado é relatado por Al Tabari: Tarikh Al Umam wal Muluk 2/449,450.

372 Mahmud Shaltut (1310 – 1383 d.H./ 1893 – 1963 d.C.). Sábio jurista e interpretador do Alcorão, egípcio nascido em Buhaira. Se formou em Al Azhar e foi nomeado reitor da faculdade de Shari'ah e, em seguida, Sheikh do Azhar em 1958 d.C.até a sua morte.

373 Al Bukhari: *Kitab Al Shurut (Livro das Condições)* (2584), e Muslim: Kitab Al Ítq (1504), e Ibn Majah sob a narração de Áíshah (2521).

entre vós"(Annissá: 29). Então, como será o caso do tratado, sendo que este tratado, para a nação, é um contrato de vida ou morte?

3. Que o tratado seja evidente em seus objetivos e claro em seus termos, define os deveres e os direitos de maneira a não deixar espaço para interpretações e brincadeiras com os seus termos. Os tratados dos países civilizados – que alegam se empenhar na defesa da paz e dos direitos humanos – só foram atingidos pelo fracasso e foram uma causa das sucessivas calamidades mundiais por este caminho, o caminho da ambiguidade e do entorse na composição dos tratados e na definição de seus objetivos. Alertando sobre estes tratados, Allah, exaltado seja, diz: ***"E não tomei vossos juramentos por engano, entre vós, pois, tropeçaria o pé após haver sido firme, e experimentaríeis o mal, por haverdes afastado os homens do caminho de Allah"*** (Annahl: 94). *Addakhl* (traduzido aqui como engano) significa o engano oculto que entra em algo e o corrompe[374].

Os versículos do Alcorão e os ditos do mensageiro (a paz esteja com ele) confirmaram a obrigação do cumprimento do compromisso. Dentre os versículos, temos o dizer de Allah, o Altíssimo: ***"Ó vós que credes, sede fiéis aos compromissos"*** (Al Maídah: 1). E disse também: ***"E sede fiéis ao pacto de Allah"*** (Al An'ám: 152). Disse ainda: ***"E sede fiéis ao compromisso"*** (Al Issrá: 34). E muitos outros versículos que indicam este grandioso significado.

É narrado por Abdullah ibn Ámr que o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) disse: "Quatro qualidades, quem as possuir será um puro hipócrita: quando fala mente, quando promete descumpre, quando faz um acordo trai e quando discute agrava. E quem tiver uma destas qualidades tem uma qualidade de hipocrisia até abandoná-la"[375]. E da narração de Anas: disse o profeta (a paz esteja com ele): "Todo traidor terá um estandarte no dia da ressurreição"[376]. E também disse: "Quem tiver um tratado entre ele e um grupo não deve descumprir um termo nem firmá-lo até que o seu tempo vença, ou deve estendê-lo em igualdade de condições"[377].

E foi compilado por Abu Daud que o profeta (a paz esteja com ele) disse: "Quem cometer injustiça contra um indivíduo (com que foi feito um tratado), ou o menosprezar, ou o sobrecarregar acima de sua capacidade,

374 Taufiq Ali Uahbah: *Al Mu'ahadat fil Islam (Os tratados no Islam)*, p.100,101.

375 Al Bukhari: Kitab Al Jiziah wal Muada'ah (3007) e Muslim: Kitab Al Iman (48).

376 Al Bukhari: Kitab Al Jiziah wal Muada'ah (3015) e Muslim: Kitab Al Jihad wal Siar (1735).

377 Abu Daud (2759), Al Tirmizhi (1580) e Ahmad (19544). Autenticado por Al Albani. Veja: *Sahih Al Jami'* (6480).

ou pegar algo dele sem seu consentimento, eu serei seu adversário no dia da ressurreição"[378].

E a maioria dos sábios – mesmo sendo da opinião deles que o *jihad* (o combate pela causa de Deus) se faz com o líder íntegro e com o líder corrupto – opinam que o *jihad* não é feito com o líder que não se compromete com o cumprimento dos tratados. E contrariando a lei internacional na civilização moderna, nós muçulmanos cremos que a alteração das circunstâncias não é uma desculpa para o descumprimento do tratado. Até mesmo se os muçulmanos não tiverem condições em certas circunstâncias de cumprir com os compromissos, eles devem levar em consideração os compromissos da outra parte. Sobre este tema temos a famosa história da conquista do líder muçulmano Abu Úbaidah ibn Al Jarrah sobre a cidade de Himss, que cobrou *al jiziah* (imposto) de seus habitantes. Em seguida, ele precisou se retirar da cidade, então devolveu *al jiziah* que havia recolhido dos habitantes e disse:

> Devolvemos os vossos bens porque fomos informados sobre os grandes exércitos que estão se reunindo (para atacá-los), e vocês colocaram como condição que nós os protejamos, e nós não temos condições de fazer isso... devolvemos a vós o que tínhamos pego de vós, e nós continuamos no compromisso e no que foi escrito entre nós e vós se Allah nos conceder a vitória sobre eles[379].

Os exemplos desse tipo são muitos na história islâmica, portanto, a alteração das circunstâncias e o interesse nacional não justificam a quebra do compromisso. Assim também, o fato de os muçulmanos se verem em uma posição forte em relação à outra parte não justifica a quebra do compromisso. Um texto claro é mencionado no Alcorão Sagrado mostra isso: ***"E sede fiéis ao pacto de Allah, quando já o pactuastes, e não desfaçais os juramentos, após haverem sido firmados, uma vez que, com efeito, fizestes a Allah vosso Fiador. Por certo, Allah sabe o que fazeis"*** (Annahl: 91). Deve se levar em consideração também que essa rigidez sobre os muçulmanos na questão do cumprimento dos compromissos ocorreu numa época e num ambiente nos quais essa regra não existia[380].

Esta é a lei do Islam nos tratados que o governo muçulmano assina com outros governos para preservar a paz. Nós somos responsáveis por

---

378 Abu Daud (3052). Autenticado por Al Albani. Veja: *Sahih Al Jami'* (2655).

379 Abu Yussuf: Al Kharaj, p. 81.

380 Salih ibn Abdurrahman Al Hussain: Al Álaqat Al Dauliyah baina Manhaj Al Islam wal Manhaj Al Hadhari Al Mu'assir *(As Relações Internacionais entre o Sistema do Islam e o Sistema Civilizado Moderno)*, p. 51.

cumpri-los, por conservá-los e por não descumpri-los exceto no caso de descumprimento por parte do inimigo. Porém, se o inimigo não descumprir e não auxiliar a ninguém contra os muçulmanos, eles devem cumprir porque Allah (exaltado seja) disse: ***"Exceto com os idólatras, com os quais pactuastes, em seguida, em nada eles vos faltaram e não auxiliaram a ninguém contra vós; então completai o pacto com eles até o seu termo"*** (Attaubah: 4).

O Sheikh Mahmud Shaltut diz: "O cumprir do tratado é uma obrigação religiosa, sobre a qual o muçulmano é interrogado no que é entre ele e entre Allah. E a falta deste cumprimento é considerado perfídia e traição"[381].

Com isso, o Islam se antecedeu a todas as outras nações com as suas legislações no campo do regramento dos tratados internacionais. Ainda mais, o Islam se destacou entre elas (as outras nações) em sua justiça e sua tolerância com os seus inimigos. E o mais importante é que este pioneirismo ocorreu na prática e não foi apenas teórico. A prova disso tudo são os tratados que os muçulmanos assinaram com seus inimigos, inicialmente na época do mensageiro (a paz esteja com ele), passando pela época dos sucessores probos e, em seguida, outras épocas islâmicas que sucederam.

Quanto à seguridade do mensageiro, a lei islâmica foi muito clara nesse assunto. Os textos explícitos e as ações do profeta (a paz esteja com ele) comprovam que não é permitido matar os mensageiros seja qual for a situação. Os sábios muçulmanos tornaram obrigatório ao líder muçulmano fornecer proteção ao mensageiro, garantir que ele usufrua do direito de liberdade de crença e que ele cumpra com suas funções com total liberdade[382].

Como consequência da garantia de proteção da pessoa do mensageiro, não é permitido capturá-lo e fazê-lo prisioneiro. Também não é permitido entregá-lo ao seu país se ele for solicitado por seu Estado e se ele recusar-se a se entregar, mesmo que o território muçulmano seja ameaçado com guerra, porque a sua entrega é considerada uma traição contra ele e porque ele usufrui de proteção no território muçulmano[383].

A missão do mensageiro tem um papel significativo na conciliação, na aliança ou na prevenção de uma guerra, por isso todos os meios e materiais devem estar à sua disposição, não para a sua pessoa, mas para o

381 Mahmud Shaltut: *O Islam, Crença e Lei*, p. 457.

382 Veja: Ibn Hazm: *Al Muhalla* 4/307.

383 Abdul Karim Zaidan: *Al Shari'ah Al Islamiyah wal Qanun Al Dauli (A Lei Islâmica e a Lei Internacional)*, p. 169.

cumprimento de sua missão, pois ele expressa a palavra de quem o enviou mesmo que tenha outra opinião sendo que ele aceitou cumprir esta missão. E a pessoa a quem ele foi enviado deve considerar esta situação.

Abu Rafií narrou:

> Quraish me enviou ao profeta Muhammad (a paz esteja com ele). Quando o vi, o Islam entrou em meu coração, então eu disse: "Ó mensageiro de Allah, juro que jamais retornarei a eles". Então, o profeta (a paz esteja com ele) disse: "Eu não descumpro o pacto e não aprisiono os mensageiros. Retorne a eles, então, se houver em seu coração o que há agora, então retorne (para nós)"[384].

Al Haithami[385] compilou em seu livro *Majmaá azzauaid ua manbaá al fauaid* uma série de *hadiths* (dizeres do profeta – a paz esteja com ele) sob um título denominado: "A proibição de se matar os mensageiros". Entre esses textos:

> A narração de Abdullah ibn Mass'úd. Ele disse quando matou Ibn Annauahah: Este e Ibn Uthal foram até o profeta – a paz esteja com ele) sendo mensageiros de Mussailamah al Kazhab. O profeta (a paz esteja com ele) disse-lhes: "Vós testemunhais que eu sou mensageiro de Allah?". Eles disseram: "Testemunhamos que Mussailamah é mensageiro de Allah". O profeta (a paz esteja com ele) disse: "Se eu matasse algum mensageiro cortaria os pescoços desses dois"[386]. Al Haithami disse: "Então se tornou uma tradição que os mensageiros não podem ser mortos"[387].

Desta maneira, o Islam se antecedeu às sociedades ocidentais por mais de 1400 anos no estabelecimento de regras humanas e civilizadas para os mensageiros; essas sociedades não reconheceram essa regra até muito pouco tempo![388].

---

384 Abu Daud: Kitab Al Jihad (2758), Ahmad (23908). Shu'aib Al Arnaut disse: "É um *hadith* autêntico".

385 Ibn Hajar Al Haithami: Abul Hassan Ali ibn Abu Bakr ibn Sulaiman Al Shafi'i Al Masri (735 – 807 d.H./ 1335 – 1405 d.C.). Hafidh (memorizador), muhaddith (estudioso do *hadith*). Seu livro mais famoso foi: *Majma' Al Zauaid wa Manba'Al Fauaid*. Veja: Al Zirikli: Al A'alam (Os notáveis) 4/266.

386 Abu Daud (2761), Ahmad (3708) e outros.

387 Al Haithami: *Majma' Al Zauaid wa Manba'Al Fauaid* 5/378.

388 Veja: Suhail Hussain Al Qatlaui: *A Diplomacia do profeta (a paz esteja com ele), um estudo comparativo com a lei internacional atual*, p. 182.

3
As Razões e os Objetivos da Guerra no Islam

Como antecedemos, a paz é a base no Islam. O profeta (a paz esteja com ele) ensinava os seus companheiros e os educava dizendo: "Não desejais o encontro do inimigo, e peçam a Allah o bem-estar..."[389].

Portanto, o muçulmano, conforme a natureza de sua educação moral através do Alcorão Sagrado e da Sunnah do profeta (a paz esteja com ele), detesta o assassinato e a destruição, assim sendo, ele não inicia uma guerra contra ninguém, porém se empenha em evitar o combate e o derramamento de sangue através de todos os meios possíveis. Lemos nos versículos do Alcorão Sagrado o que confirma bem esse significado. A permissão do combate só ocorreu após os muçulmanos serem atacados, foi declarada a guerra contra eles, e neste caso, é necessária a autodefesa e a defesa da religião, do contrário, isto é uma covardia na ética e uma falha na determinação. Allah, exaltado seja, diz: ***"É permitido (o combate) aos que são combatidos, porque sofreram injustiça. – E, por certo, Allah, sobre seu socorro, é Onipotente. Esses são os que, sem razão, foram expulsos de seus lares, apenas porque disseram: "Nosso Senhor é Allah""*** (Al Hajj: 39-40). O motivo da guerra é claro neste versículo: os muçulmanos foram injustiçados e expulsos de seus lares sem razão.

E Allah, exaltado seja, diz também: ***"É combatei pela causa de Allah os que vos combatem, e não cometais agressão. Por certo, Allah não ama os agressores"*** (Al Baqarah: 190). Al Qurtubi disse:

389 Narrado por Al Bukhari (2804) e Muslim (1742).

> Este é o primeiro versículo que foi revelado sobre a ordem do combate. E não há dúvida que o combate era proibido antes da *hijrah* com o dizer de Allah: ***"Revida o mal com o que é melhor"*** (Fussilat: 34) e com o dizer de Allah: ***"Então, indulta-os e tolera-os"*** (Al Maidah: 13) e outros versículos similares que foram revelados em Makkah. Então, quando o profeta (a paz esteja com ele) imigrou para Al Madinah, foi ordenado a combater[390].

Também observamos que a ordem de combate aqui é tão somente para a luta contra quem iniciou o combate, e não é contra o pacífico. Lemos a confirmação veemente deste significado no próprio versículo: ***"e não cometais agressão"***, e em seguida, a advertência aos crentes: ***"porque Allah não ama aos transgressores"***. Portanto, Allah não gosta da agressão, mesmo que seja contra os não-muçulmanos, nisso há uma grande diminuição do dimensionamento da guerra, e contém grande parcela de misericórdia para com toda a humanidade.

E Allah, exaltado seja, também diz: ***"E combatei os idólatras, a todos eles, assim como combatem a todos vós"*** (Attaubah: 36). O combate aqui é restrito; de acordo com o combate e reunião deles contra nós torna-se obrigatória a nossa reunião contra eles[391]. E o motivo de combate contra todos os idólatras é o fato de todos eles nos combaterem, a partir daí, não é permitido ao muçulmano combater quem não o combate, exceto por uma clara razão, como por exemplo: roubo, saque ou violação dos direitos dos muçulmanos, ou por causa de uma injustiça cometida contra alguém e os muçulmanos querem eliminar esta injustiça, ou porque proíbem os muçulmanos de difundirem a sua religião ou de fazê-lo chegar aos outros.

Em um versículo similar ao anterior, Allah, o Altíssimo, diz: ***"Será que vós não combatereis um povo que violou seus juramentos e intentou fazer sair (de Makkah) o mensageiro, e eles vos iniciaram (com a guerra) pela primeira vez. Receai-los? Então, Allah é mais Digno de que O receeis, se sois crentes"*** (Attaubah: 13). Quer dizer com os "que descumpriram os seus juramentos": os habitantes de Makkah, que foram a razão da saída do profeta de Makkah, por isso a saída foi atribuída a eles. E é dito também: tiraram o mensageiro de Al Madinah para combater os habitantes de Makkah por causa do descumprimento que ocorreu da parte deles.

---

390 Veja: *Al Qurtubi: Al Jami'Li Ahkam Al Qur'an* 1/718.

391 Veja: *Al Qurtubi: Al Jami'Li Ahkam Al Qur'an* 4/474.

Al Hassan disse: ***"e eles vos iniciaram" com a guerra "a primeira vez"*** ou seja, descumpriram o pacto e apoiaram Bani Bakr contra Khuzaáh. E também é dito que significa: iniciaram com o combate no dia de Badr, porque o mensageiro (a paz esteja com ele) saiu para encontrar a caravana e, quando eles conquistaram a caravana podiam se retirar, mas eles se recusaram e chegaram a Badr prometendo se embriagar ao festejar a vitória no combate contra os muçulmanos.... Entre os significados: eles terem feito o mensageiro (a paz esteja com ele) sair significa: proibi-lo de realizar o *hajj*, a *úmrah* e o *tauaf* (circundar a *Kaabah*), este é o início deles[392]. E independentemente de quando realmente ocorreu a iniciação (do combate), a causa do combate para os muçulmanos é clara: o fato de os seus inimigos terem iniciado o combate contra eles.

Essas são as causas e as motivações que levam os muçulmanos para a guerra. E a realidade dos muçulmanos na época dos califas probos, depois da morte do mensageiro (a paz esteja com ele) confirma isso, pois os muçulmanos em suas conquistas não guerrearam ou mataram todos os idólatras que os afrontaram nestas conquistas, pelo contrário: só combateram aqueles que os combateram dentre os exércitos dos territórios conquistados, e deixavam o restante dos idólatras livres em suas religiões.

Essas são – como observamos – causas e motivações que não podem ser negadas por uma pessoa justa, nem podem ser reclamadas por uma pessoa neutra. Essas causas abrangem a defesa contra a agressão, a autodefesa, a defesa da família, da nação e da religião. Também abrangem a asseguração da religião e da crença para os crentes a quem os incrédulos tentam desviar de sua religião, a proteção da missão religiosa para que esta seja transmitida para todas as pessoas e, por fim, a disciplina dos que descumprem o pacto[393]. Quem no mundo nega causas e motivações iguais a essas para a guerra?!

392 Veja: *Al Qurtubi, Al Jami' Li Ahkam Al Qur'an* 4/434.

393 Veja: *Anuar Al Jundi: Bimazha Intassaral Musslimun (Com o que os muçulmanos venceram?)* p. 57-62.

4

A Ética da Guerra no Islam

A boa conduta, o carinho, a misericórdia com o mais fraco, a tolerância com o vizinho e o parente, toda nação realiza isso em tempos de paz, por mais que tenha se aprofundado na barbárie. Porém o bom tratamento na guerra, o carinho com os inimigos, a misericórdia com as mulheres, com as crianças e com os idosos, a tolerância com os derrotados, não é toda nação que pode fazer isso, não é qualquer líder militar que consegue se caracterizar com esses adjetivos. A vista de sangue gera sangue, a inimizade conflagra o fogo do rancor e da ira, a euforia da vitória embriaga os conquistadores e os faz cair nos mais horríveis tipos de vingança e retaliação. Esta é a história dos países antigos e modernos, ainda mais, é a história do ser humano desde quando Caim matou seu irmão Abel: ***"Quando fizeram ambos oferenda a Allah, e foi aceita a de um deles, e não foi aceita a do outro. Disse este: "Certamente, matar-te-ei". disse aquele: "Allah aceita, apenas, a oferenda dos piedosos""*** (Al Maidah: 27). E aqui, a história põe a coroa da imortalidade sobre os líderes de nossa civilização, militares e civis, conquistadores e governadores, porque entre os grandiosos de todas as civilizações nossos líderes foram únicos na humanidade misericordiosa e justa nas batalhas mais quentes e eliminatórias, nos tempos mais escuros, que levam à vingança, retaliação e derramamento de sangue. E eu juro, se a história não relatasse este exclusivo milagre na história da ética militar de maneira verídica que não deixa margem para dúvidas, eu diria que esta é uma lenda e uma fábula que não existe na Terra![394].

Se a paz é a base no Islam, e se a guerra foi legislada no Islam por causa dos motivos e objetivos que citamos, então, o Islam não deixou a guerra assim à toa, sem restrições ou lei. O Islam estabeleceu regras para a

394 Mustafa Al Sibai: *Min. Raua'i Hadharatina (Das maravilhas da nossa civilização)*, p. 73.

guerra que limitam tudo o que a acompanha, com isso tornou a guerra regrada com a ética e não a deixou conduzida pelos desejos. Da mesma forma, tornou a guerra contra os tiranos e agressores, não contra os inocentes e pacificadores. As mais destacadas destas regras éticas estão representadas no que segue:

É proibido matar mulheres, idosos e crianças: o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) recomendava aos líderes dos exércitos a temer a Allah e a estar convicto de que Ele observa, para incentivá-los a cumprir a ética nas guerras. Temos como parte desta recomendação que o profeta (a paz esteja com ele) ordenava evitar a matança de crianças. Buraidah narra que o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) quando designava um líder sobre um exército ou uma legião, lhe recomendava pessoalmente o temor a Allah e o bem em relação a quem estava com ele entre os muçulmanos. E dentre o que ele dizia: "... e não matem nenhuma criança..."[395]. E na versão de Abu Daud: "O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) dizia: 'Não matem nenhum idoso, nem criança, nem menor, nem mulher..."[396].

É proibido combater os sacerdotes: quando o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) enviava seus exércitos, dizia-lhes: "Não matem os habitantes dos monastérios"[397]. A sua recomendação ao exército que se dirigiu a Mu'tah foi: "Lutem em nome de Allah e pela causa de Allah, combatam quem descreu em Allah, lutem e não defraudem, não traiam, não abusem dos cadáveres, não matem crianças, mulheres, idosos e nem matem os isolados em seus monastérios"'[398].

É proibido trair: o profeta (a paz esteja com ele) se despedia dos exércitos recomendando-lhes: "... e não traiam"[399]. Esta recomendação não foi feita para o relacionamento dos muçulmanos com os próprios muçulmanos, mas foi feita para a relação com o inimigo que conspira contra eles, reuniram-se para combatê-los e estão a se dirigir para combatê-los! A importância deste assunto para o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) chegou ao ponto de ele se isentar do que fazem os traidores, mesmo que sejam muçulmanos e mesmo que o traído seja incrédulo. O profeta (a paz

395 Muslim: Kitab Al Jihad (1731).

396 Abu Daud: Kitab Al Jihad (2614), Ibn Abi Shaibah, 6 / 483. Al Baihaqi: *Al Sunnan Al Kubra* (17932).

397 (381).

398 Muslim fez referência ao *hadith*, sem mencionar a história de Mu'tah em Kitab Al Jihad wal Siar, o capítulo da delegação de líderes e conselhos de ética da guerra (1731). Abu Daud (2613), Al Tirmizhi (1408), Al Baihaqi (17935).

399 Muslim: Kitab Al Jihad wal Siar, o capítulo da delegação de líderes e conselhos de ética da guerra (1731), Abu Daud (2613), Al Tirmizhi (1408), Ibn Majah (2857).

esteja com ele) disse: "Quem assegurar um homem em sua vida e depois o matar, eu estou em rompimento com o assassino, mesmo que o morto seja um incrédulo"[400]. O valor do cumprimento da palavra se enraizou nos espíritos dos companheiros do profeta (a paz esteja com ele). É narrado que Omar ibn Al Khattab, durante o seu governo foi informado que um dos combatentes disse a um inimigo persa: "Não tema" e, em seguida, o matou. Omar escreveu para o líder do exército:

> Fui informado que alguns de vossos homens buscam o inimigo e, quando se protege atemorizado na montanha, este homem lhe diz: "Não tema". Então ele o alcança e o mata. Juro por Aquele em cuja Mão está a minha alma! Quando for informado que alguém fez isso, cortarei o seu pescoço[401].

É proibido corromper na terra: as guerras dos muçulmanos não foram guerras de destruição como são as guerras contemporâneas, onde os combatentes dos não-muçulmanos zelam em exterminar todas as manifestações de vida em seus adversários. Os muçulmanos sempre tiveram forte empenho em conservar as construções em todos os lugares, mesmo que seja no país de seus inimigos. Isto se esclarecer explicitamente nas palavras de Abu Bakr Assiddiq quando recomendou os seus exércitos que se dirigiram para conquistar a Síria. Dentre as palavras narradas neste conselho: "... E não corrompam na terra...", esta é uma abrangência grandiosa a todo assunto louvável. Também foi narrado em sua recomendação: "Não afoguem nem queimem uma tamareira, não matem um animal, não cortem uma árvore frutífera, não destruam um monastério..."[402]. Estes são detalhamentos que esclarecem o que significa a recomendação de não se corromper na terra, para que o líder do exército não pense que a inimizade de um grupo permite alguns aspectos de corrupção. Portanto, a corrupção, em todos os seus aspectos é um assunto rejeitado no Islam.

O gasto para o prisioneiro: gastar por causa do prisioneiro e auxiliá-lo é uma das ações pelas quais o muçulmano é recompensado, isso ocorre por causa de sua fraqueza e rompimento com sua família e seu povo, e por causa de sua extrema necessidade de ajuda. O Alcorão Sagrado

400 Al Bukhari: Al Tarikh Al Kabir, 3 / 322. Ibn Hibban (5982). Al Bazzar (2308). Al Tabarany em *Al Muajam Al Kabir* (64) e em *Al Muajam Al Saghir* (38).

401 Al Muwatta, da narração de Yahya Al Leithi (967), Al Baihaqi: *Ma'refat Al Sunnan Wal Athar (O conhecimento da Sunnah e Tradições)* (5652).

402 Al Baihaqi: Al Sunan Al Kubra (17904). Al Tahawy: Sharh Mushkil Al Athar, 3 / 144. Ibn Assakir: Tarikh Dimashq (Histórico de Damasco) 2 / 75.

uniu a probidade prestada a ele com a probidade prestada aos órfãos e pobres: ***"E cedem o alimento – embora a ele apegados – a um necessitado e a um órfão e a um cativo"*** (Al Inssan: 8).

É proibido torturar e esquartejar: o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) proibiu a mutilação, Abdullah ibn Zaid disse: "O profeta (a paz esteja com ele) proibiu o roubo e o abuso"[403]. Ímran ibn Hussain também disse: "O profeta (a paz esteja com ele) nos incentivava a doação, e nos proibia o abuso"[404]. Mesmo com o que ocorreu na batalha de Uhud, quando os idólatras cometeram abuso contra Hamzah, tio do profeta (a paz esteja com ele), ele não alterou o seu princípio e, mais ainda, ele ameaçou os muçulmanos perigosamente se eles abusarem dos cadáveres dos inimigos. Ele disse: "Quem terá castigo mais veemente no dia da ressurreição será um homem que foi morto por um profeta, ou um homem que matou um profeta, um líder de um desvio (imam d.Halalah) e um homem que mutilar um cadáver"[405]. E não foi relatado na história do mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) uma só ocorrência que diz que os muçulmanos abusaram do cadáver de alguém de seus inimigos.

Esta é a ética militar para os muçulmanos... tal ética não cancela a honra na rivalidade ou a justiça no relacionamento, nem a humanidade na guerra ou no pós-guerra.

---

403 Al Bukhari: Kitab Al Madhalim (Livro de Reclamações) (2342). Musnad Al Taialissy (1070). Al Baihaqi: Al Sunan Al Kubra (14452).

404 Abu Daud: Kitab Al Jihad,(2667). Musnad Ahmad (20010). Ibn Habban (5616). Abdul Razzaq (15.819). Al Albani disse: Sahih (autêntico). Veja: Irwaa Al Ghalil (2230).

405 Ahmad (3868). Shuayb Al Arna'ut disse ser bom. Al Tabarani em Al Kabir (10497). Al Bazzar (1728). Al Albani disse: Sahih (autêntico). Veja: Al Silsilah Al Sahihah (281).

Parte 3

A Fundação Científica

A civilização islâmica ofereceu ao mundo uma série de organizações e fundações que se destacaram pela precisão, organização e oferecimento de tudo o que é novo para a humanidade. A fundação científica islâmica foi uma das maravilhas da civilização islâmica, seja no aspecto organizacional seja no aspecto prático. Por isso, é nossa obrigação dedicar uma parte exclusiva sobre esta nobre fundação, o que iremos abordar através dos seguintes capítulos:

Primeiro Capítulo: O Islam e Uma Nova Visão Sobre a Ciência
Segundo Capítulo: O Islam e a Mudança do Pensamento dos Cientistas
Terceiro Capítulo: O Sistema Educacional
Quarto Capítulo: As Bibliotecas na Civilização Islâmica
Quinto Capítulo: A Organização dos Sábios

Primeiro Capítulo

O Islam e Uma Nova Visão Sobre a Ciência

O mundo testemunhou várias civilizações antes do Islam, que ficaram famosas com claras contribuições em mais de uma área científica. Como por exemplo: as civilizações romana, persa, chinesa, indiana, egípcia, entre outras. Com tudo isso, apenas o Islam adicionou entendimentos e princípios essenciais que mudaram a visão do mundo completamente. Podemos mencionar alguns deles nos seguintes temas:

1. Não Existe Controvérsia entre a Ciência e a Religião
2. A Universalidade da Questão Científica... Conhecimento ao Alcance de Todos

1

Não Existe Controvérsia entre a Ciência e a Religião

A primeira realidade que surgiu quando o anjo Gabriel desceu ao mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) pela primeira vez é que esta nova religião (o Islam) se baseia na ciência e rejeita os desvios, os delírios e as ilusões suma e detalhadamente. Essa realidade se estabeleceu quando a primeira revelação se constituiu de cinco versículos que falam aproximadamente sobre uma só questão: conhecimento. Disse Allah, o Altíssimo: ***"Lê em nome de teu Senhor, que criou. Que criou o ser humano de uma aderência. Lê, e teu Senhor é O mais Generoso, Que ensinou a escrever com o cálamo. Ensinou ao ser humano o que ele não sabia"*** (Al Álaq: 1-5).

Essa primeira revelação é considerada incrível em diversos aspectos: é incrível porque Allah (exaltado seja) escolheu um definido assunto entre outros milhares de assuntos contidos no Alcorão Sagrado. Deu início com este assunto sendo que o mensageiro (a paz esteja com ele) a quem o Alcorão é revelado é analfabeto, não sabe ler nem escrever. Desta maneira, tornou-se evidente que este primeiro assunto é a chave para o entendimento dessa religião, é a chave para o entendimento desta vida, e ainda mais, para o entendimento da Vida Eterna, para a qual todas as pessoas irão se dirigir.

Em seguida, essa revelação é incrível porque fala sobre uma questão à qual os árabes não davam muita importância naquela época. Os mitos e falsidades é que controlavam suas vidas desde o seu início até o seu fim, então, precisavam do conhecimento em todas as áreas, exceto na área da eloquência e poesia, que era o campo no qual os árabes se destacaram. Por isso, o Alcorão Sagrado foi revelado – e isso é o mais incrível –, e assim os desafiou no assunto em que eram excelentes, convidando-os

ao conhecimento e à excelência em todas as áreas, inclusive esta que eles dominam.

Portanto, o surgimento do Islam foi como uma revolução científica real num ambiente que não se familiarizou e não se acostumou com o espírito da ciência, a ponto de a etapa que antecede a revelação dos primeiros versículos do Alcorão ser conhecida como *al jahiliah* (época da ignorância). A característica de ignorância está relacionada ao que é antes do Islam, em seguida, chegou o Islam para iniciar o conhecimento e para iluminar o mundo com a luz da orientação divina. Disse Allah, o Altíssimo: ***"Buscam, então, o julgamento dos tempos da jahiliah (ignorância)? E quem melhor que Allah, em julgamento, para um povo que se convence da verdade?"*** (Al Maidah: 50). Portanto, nesta religião não há espaço para a ignorância, as conjecturas, a dúvida ou as incertezas.

E não foi apenas o início deste livro milagroso (o Alcorão Sagrado) que falou sobre o conhecimento, sobre o seu valor e importância. Esse tema foi um sistema fixo neste estatuto eterno, a ponto de quase todas as suratas falarem sobre o conhecimento, seja de forma direta ou de forma indireta. Eu fiquei muito surpreso quando pesquisei quantas vezes foi citada a palavra "*ílm*" (conhecimento, ciência) e seus derivados no Alcorão Sagrado. Encontrei – sem nenhum exagero – que ela se repetiu 779 vezes, ou seja, uma média de aproximadamente sete vezes em cada surata!

Isso sobre a palavra "*ílm*" com sua tríplice raiz (ع ل م), pois existem várias outras palavras que indicam o conhecimento, mas não foram citadas com a sua pronúncia, como por exemplo: *al iaqin* (a convicção), *al huda* (a orientação), *al áql* (o raciocínio), *al fikr* (o pensamento), *annadhar* (a visão), *al hikmah* (a sabedoria), *al fiqh* (o entendimento), *al burhan* (a prova), addalil (a prova), *al hujjah* (o argumento), *al aiah* (o sinal), *al bayinah* (a evidência), entre outros significados que estão incluídos sob o significado do conhecimento e o incentivam. Quanto à Sunnah do profeta (a paz esteja com ele), é praticamente impossível enumerar quantas vezes esta palavra foi citada.

Também percebemos que a importância do Alcorão com a questão do conhecimento não nasceu apenas nos primeiros instantes de sua revelação. Isso ocorreu desde o início da criação do próprio ser humano, como foi citado pelos versículos do Alcorão Sagrado: Allah criou a Adão e o tornou sucessor na terra, ordenou os anjos a prostrarem a ele, o enobreceu e o elevou, em seguida citou para nós e para os anjos a razão dessa nobreza e dessa elevação, e definiu como razão: "o conhecimento". Disse Allah, o Altíssimo:

"E quando teu Senhor disse aos anjos: "Por certo, farei na terra, um califa". Disseram: "Farás, nela, quem nela semeará a corrupção e derramará o sangue, enquanto nós Te glorificamos, com louvor, e Te sagramos?" Ele disse: "Por certo, sei o que não sabeis". E Ele ensinou a Adão todos os nomes, em seguida, expô-los aos anjos e disse: "Informai-Me dos nomes desses, se sois verídicos". Disseram: "Glorificado sejas! Não temos ciência outra senão a que nos ensinaste. Por certo, Tu, Tu és O Onisciente, O Sábio". Ele disse: "Ó Adão! Informa-os de seus nomes". E, quando este os informou de seus nomes, Ele disse: "Não vos disse que, por certo, sei do Invisível dos céus e da terra, e sei o que mostrais, e o que ocultáveis?". E quando dissemos aos anjos: "Prostrai-vos diante de Adão"; então, eles prostraram-se, exceto Iblis (o Satanás), se recusou e se ensoberbeceu e foi dos infiéis" (Al Baqarah: 30-34).

A partir daqui, não foi um exagero o mensageiro (a paz esteja com ele) ter mencionado que a vida mundana inteira não tem valor algum – porém ela é amaldiçoada – exceto se ela for enfeitada com o conhecimento e com a recordação de Allah. O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) disse: "A vida mundana (*addunia*) é amaldiçoada, é amaldiçoado o que há nela, exceto: a recordação a Allah e o que está relacionado a ela, ou um sábio, ou um aprendiz"[406].

Isso tudo teve uma influência de longo prazo no Governo Islâmico posteriormente, que criou uma ampla atividade científica nos diversos campos da ciência e conhecimento, uma atividade cujo similar jamais ocorreu na história, fato que fez os governos regidos pelo islam conquistarem grande progresso civil nas mãos dos cientistas muçulmanos e fornecer ao patrimônio humano uma maravilhosa munição científica, à qual todo o mundo ficará devendo.

E se fizermos uma comparação entre a importância da ciência no Islam e sua importância no cristianismo alterado encontraremos que a Igreja na Idade Média era completamente contra a ciência; a Igreja Cristã, desde o seu início em Roma se isolou das culturas grega e romana. A civilização romana estava a morrer quando vieram os ataques dos góticos, sendo que quando a Igreja Católica Oriental atingiu o auge de sua força lançou uma perseguição contra os filósofos e os sábios politeístas e fechou a escola de Atenas, combateu com mão de ferro a filosofia grega em Alexandria. A Igreja opinava que o único caminho para a purificação da alma é o seu

406 Relatado por Al Tirmizhi: Kitab Al Zuhd (Livro do Desprendimento) (2322), Al Darimi (322), Al Tabarani em Al Aussat (4072) e outros.

caminho a Deus, e a perdição é a procura da realidade fora da Bíblia Sagrada, o pensamento e a pesquisa em assuntos mundanos[407].

A orientalista alemã Sigrid Hunke[408] confirma esta realidade ao comparar a ciência na visão do Islam e a ciência na visão do Cristianismo na Europa Ocidental durante a Idade Média. Ela lembrou como o mensageiro (a paz esteja com ele) recomendou a todo crente – seja homem ou mulher – a buscar o conhecimento, e fez disso uma obrigação religiosa. Ele via na profundeza de seus seguidores no estudo das criaturas e suas maravilhas um meio para o conhecimento do poder do Criador, chamando a atenção deles para as ciências de todos os povos. Em seguida, concluiu, dizendo: "Completamente contrário a isso, o apóstolo Paulo perguntou confirmando: 'O Senhor não chamou o conhecimento mundano de tolice?'"[409].

Da mesma forma, ela mencionou a definição de Santo Agostinho[410] sobre o eixo do conhecimento. Ele disse: "Quanto ao Senhor e o Espírito, eu desejo conhecê-los, portanto, a busca da verdade é a busca por Deus, e isto não requer auxílio externo, e a única fonte para este conhecimento é a Bíblia Sagrada"[411].

E Sigrid Hunke também esclareceu como a situação deles chegou ao ponto de considerarem quem defende uma nova ideia científica – a Terra ser circular, por exemplo – apóstata desviado, e usou como prova as declarações de Lactâncio[412], o mestre da Igreja, quando ele comentou as alegações de alguns cientistas sobre a Terra ser circular. Ele disse, perguntando e condenando:

> Isso é possível? É possível as pessoas ficarem loucas a esse ponto, e entrar em suas mentes que os países e as árvores ficam pendurados do outro lado da Terra, e que os pés das pessoas estão acima de suas cabeças?!. Quem se convence ou aceita uma interpretação científica sobre

407 Nadia Husni: *Al Ílm wa Manahij Al Bahth (O conhecimento e os sistemas de pesquisa)*, p. 13.

408 Dr. Sigrid Hunke: (1913 – 1999) Orientalista alemã, nasceu em Hamburgo, estudou as ciências da religião, religião comparativa, filosofia, psicologia e jornalismo. Tornou-se doutora em 1941. Visitou vários países árabes. Entre as suas obras: *O sol dos árabes brilha sobre o ocidente* e *Deus não é assim (tradução livre)*.

409 Sigrid Hunke: O sol dos árabes brilha sobre o ocidente, p. 369.

410 Santo Agostinho: (354 – 430 d.C.) Uma das mais importantes personalidades da história do Cristianismo indiferente de suas seitas. Cresceu cristão no norte da África, tornou-se maniqueísta e depois retornou ao Cristianismo. Foi sendo promovido até tornar-se bispo. Alguns historiadores o consideram uma personalidade marcante na história do Cristianismo.

411 Sigrid Hunke: *O sol dos árabes brilha sobre o ocidente*, p. 370.

412 Lactâncio, o africano: Um dos mais conhecidos santos cristãos, nasceu e cresceu na África na segunda metade do século III cristão. Conhecido como o defensor do Cristianismo, tentou comprovar o Cristianismo através da filosofia e lógica. O Imperador Constantino o designou tutor de seu filho mais velho.

> as ocorrências da natureza é amaldiçoado, quem explica razões naturais para o surgimento de um planeta ou para o transbordamento de um rio está em desobediência ao Senhor. Ainda, aos que explicam cientificamente a cura de um pé quebrado ou o aborto de uma mulher, isso tudo são castigos de Deus ou do Satanás, ou são milagres que estão além do nosso alcance![413].

E assim, ocorreu um conflito entre a religião e a ciência na Europa, que paralisou o movimento científico na metade do século XVI cristão, e este conflito não teve fim senão com o início do renascimento científico, com a revolução científica europeia e com o golpe contra a Igreja.

Dentre os exemplos disso: em 1543 d.C., Nicolau Copérnico[414] chegou à conclusão de que o sol é o centro do sistema solar (heliocentrismo) e não a terra, como se acreditava antes (teoria geocêntrica). Essa conclusão científica foi uma catástrofe na Europa, a Igreja a recusou com a medida das "realidades" evangélicas e viu que esta conclusão contraria as suas crenças porque a Terra, após deixar de ser o centro do Universo, transforma-se em um pequeno ponto em todo este Universo. Essa conclusão não é simplesmente uma descoberta científica, mas é um duro golpe contra a crença cristã que diz que Deus se encarnou nesta Terra para dar a salvação aos seus habitantes. Eles não assimilam como esta Terra pode se transformar num pequeno objeto em meio a outros objetos maiores que ela, mais grave ainda, como pode girar em torno do sol.

Por isso, a teoria do geocentrismo se adequava de maneira racional ao dogma que estabelecia que todas as coisas foram criada para o benefício dos seres humanos. Agora, estes seres humanos sentiam que cambaleavam em cima de um pequeno planeta, cuja história abreviou-se em apenas um parágrafo regional das notícias do Universo... Quando as pessoas pararam para pensar sobre os significados dessa nova teoria devem ter se perguntado sobre a verdade da crença que diz que o Criador deste imenso e organizado Universo enviou o seu filho para morrer neste planeta de médio tamanho. Pareceu que toda a bela poesia cristã "sumiu como fumaça" (como citou Goethe[415] mais tarde) sob o toque deste sacerdote polonês. E a astronomia que diz que a terra gira em torno do sol obrigou as pessoas

413 Sigrid Hunke: *O sol dos árabes brilha sobre o ocidente* (tradução livre), p. 370.

414 Copérnico: Nicolau Copérnico (1473 – 1543 d.C.). Nasceu na cidade de Torun, na Rússia. Estudou na Polônia e concluiu seus estudos na Universidade de Bolonha na Itália. Era hábil astrônomo. É considerado o primeiro a formar a teoria do heliocentrismo e a teoria de que a Terra gira em torno de sol.

415 Goethe: (1739 – 1832) Um dos mais destacados literários alemães, ele se influenciou com o pensamento literário árabe. Tem um poema cujo título é "a emigração" e "conjunto de poesias orientais de um poeta ocidental".

a imaginarem o Criador novamente de foram menos estreita no horizonte e de forma menos carnal, e assim, a religião enfrentou o maior desafio da história[416]!

Copérnico, então, foi perseguido e não teve força para confrontar a violenta oposição que teve e viveu distante, morreu no mesmo ano em que sua obra foi publicada depois do entusiasmo de um de seus fãs e depois de adicionar algumas alterações com as quais ele admitia que a sua teoria é apenas uma série de conjecturas sujeitas a erro[417]. Mas quando Giordano Bruno[418] adotou a teoria de Copérnico, oitenta anos depois de sua morte, considerando-a uma realidade, a inquisição se apressou em proibir a leitura do livro de Copérnico[419] e condenou Bruno – que havia desenvolvido as opiniões de Copérnico e lhe adicionado mais detalhes – a ser queimado vivo em público[420]. As ideias de Copérnico formaram o início e a base das ideias de Galileu[421], e por causa delas ele foi julgado próximo dos setenta anos de idade. Neste julgamento, ele foi humilhado até que desistiu claramente de todas as suas ideias. Em seguida, foi condenado à prisão por período indeterminado e foi obrigado a ler os sete salmos de expiação diariamente durante sete anos[422].

Essa é a ponta do iceberg; os exemplos desse tipo são muitos e não param apenas nos julgamentos de Copérnico e Galileu e outros que citamos, mas expandiram a formação da inquisição contra os sábios. Esse tribunal realizou o seu trabalho de forma completa de maneira que, em um período de dezoito anos – desde 1481 até 1499 d.C. – condenou 10220 pessoas a serem queimadas vivas, 6860 pessoas à forca publicamente, e 79023 pessoas a punições variadas[423]. Também proferiu decisões que proibiam a leitura dos livros de Galileu, de Giordano Bruno e Newton[424] (por

416 Will Durant: *História da Civilização*, 27/138 – 139.

417 Idem 27/ 131 – 134.

418 Bruno: Giordano Bruno (1548 – 1600), um dos mais famosos filósofos ocidentais italianos na época do renascimento europeu, seu pensamento é considerado uma mistura de filosofia, sufismo e feitiçaria. Sua preocupação espiritual e sua crítica intelectual o fez duvidar dos ensinamentos da Igreja. Por isso, o supremo tribunal da Inquisição o condenou a pena de morte em 1600 d.C., e foi queimado vivo em Roma.

419 Will Durant: *História da Civilização*, 27/138.

420 Veja a história de Bruno em: *História da Civilização*, 27/288 – 300.

421 Galileu: (1564 – 1642 d.C.), estudioso astrônomo e físico italiano. Era chamado de fundador das ciências experimentais modernas. A Igreja Romana o convocou duas vezes para investigar a verdade sobre o seu apoio à teoria de Copérnico. Em 1633, a Igreja o condenou à prisão perpétua.

422 Veja a história de Galileu em: *História da Civilização*, 27/ 264 – 280.

423 Al Imam Muhammad Abduh: "A Perseguição no Cristianismo e no Islam". Artigo publicado na *Revista Al Manar*, quinto volume, p. 401.

424 Newton: Isaac Newton (1642 – 1727) estudioso matemático e astrônomo inglês, descobriu a teoria da gravidade da Terra, também descobriu os mistérios da luz e das cores, e elaborou o cálculo variacional e o método

ter proposto a lei da gravitação universal) e ordenavam a queima de seus livros. O Cardinal Ecmenio queimou oito mil livros manuscritos em Granada porque eram contrários às opiniões da Igreja[425]!

Essa terrível e escura realidade foi vivida pela Europa durante longos séculos e foi denominada idade das trevas, também denominada Idade Medieval, que perdurou cerca de mil anos. Essa realidade fixou nas mentes dos sábios (a exemplo de Descartes[426] e Voltaire[427]) e das pessoas em geral a ideia de que não há esperança na busca do conhecimento e na invenção científica a não ser com a destruição da autoridade da Igreja, com a eliminação da religião completamente dos corações e com a adoção do ateísmo – em todos os sentidos da palavra. Então publicaram explicitamente a oposição às Escrituras Sagradas, como a Torá e o Evangelho, porque elas contém o que contraria as realidades científicas e porque creram que a religião – como viram realmente – persegue a ciência e os cientistas, o que se caracteriza como limitação da inteligência. Em seguida, pregaram a defesa da mente na oposição aos textos principais, argumentando que a mente pode alcançar as realidades científicas e pode distinguir entre o bem e o mal.

Após a Revolução Francesa, a Assembleia Nacional Francesa apoiou esta libertação ao emitir decisões no ano de 1790 d.C., que foram um verdadeiro golpe contra a Igreja, nas quais dissolveram os padres e freiras e obrigaram os homens da Igreja a se submeterem à lei civil. Começou então, a nomear os líderes da Igreja em vez do Papa. E em 1905 d.C., o governo francês reconheceu a lei que divide a religião do governo embasando-se na distinção entre eles e publicou a neutralidade do Estado frente à religião, sendo outro golpe que incentivou os opositores da Igreja a fazerem juramento de fidelidade ao povo, ao reino e à nova lei civil. Em seguida, se sucederam as decisões abrangendo os países da Europa, reduzindo assim o papel da Igreja na tentativa de domínio dos assuntos da ciência e da política

---

de integração por partes.

425 Mani'ibn Hammad Al Juhani: *Enciclopédia Fácil sobre Religiões e Seitas e Partidos Contemporâneos*, 2/604.

426 Descartes: René Descartes (1596 – 1650) Filósofo e matemático francês que muitas vezes é chamado de pai da filosofia moderna. Ele fundou a geometria analítica e foi o primeiro filósofo a caracterizar o Universo material segundo a matéria e o movimento.

427 Voltaire: (1694 – 1778) Um dos mais famosos escritores e filósofos franceses e de maior influência. Seu livro Cândido (1759) é considerado a mais conhecida de suas obras e foi traduzida para mais de cem idiomas.

e para se resumir completamente à prática de exortações e cânticos dentro de quatro paredes[428]!

A religião islâmica nunca foi como a Igreja, nunca se opôs ou se colocou como obstáculo no caminho dos muçulmanos rumo à ciência, seja na área teórica, seja na área prática. Do contrário, convidou ao conhecimento e o incentivou, dando à mente total liberdade e absoluta contemplação e reflexão, distanciando-se da influência dos hábitos, desejos e caprichos. Como não faria isso, sendo que Allah enobreceu a mente ao dirigir a expressão a ela e ao fazê-la a base da responsabilidade!

Desta maneira, houve uma enorme diferença entre o pensamento islâmico baseado na liberdade de pensamento e na relação entre Allah e entre o servo sem intermediário – tal pensamento que eleva a mente e dirige a palavra a ela – e entre o pensamento cristão na Idade Medieval, que apreende a liberdade de pensamento e coloca a autoridade canônica entre os servos e entre o Senhor. Isso esclarece completamente porque a civilização europeia no Ocidente precisou de mil anos para começar a se desenvolver gradativamente para, em seguida, construir seu renascimento sobre os ombros dos muçulmanos, sendo que ela tinha boas oportunidades de começar dois ou três séculos antes da civilização árabe islâmica[429].

428 *Enciclopédia Fácil de Religiões, Seitas e Partidos Contemporâneos*. Assembleia Mundial da Juventude Islâmica. Capítulo sob o título: "Os Católicos".

429 Veja Sigrid Hunke: *O sol dos árabes brilha sobre o ocidente* (tradução livre), p. 372,373.

2

A Universalidade da Questão Científica... Conhecimento ao Alcance de Todos

Antes do Islam, os sábios estavam isolados do povo, e havia uma grande cratera entre eles e o povo. Os sábios na Pérsia, em Roma, na Grécia viviam absolutamente isolados, discutiam e debatiam entre si e herdavam o conhecimento entre si enquanto o povo vivia em total ignorância e completa distância de todas as formas de conhecimento, porém o Islam foi muito diferente!

O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) veio para dizer com todas as letras: "A busca do conhecimento é obrigação de todo muçulmano"[430]. Assim, a questão tornou-se uma obrigação religiosa e tornou-se uma questão popular obrigatória a todos, pois todos devem buscar o conhecimento para tornarem-se – todos – aprendizes, sem exceção de nenhum homem e de nenhuma mulher.

O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) também realizou a aplicação prática deste sistema quando aceitou libertar os prisioneiros capturados na Batalha de Badr se cada um deles ensinasse dez habitantes de Al Madinah Al Munawarah a ler e escrever. Foi uma ideia civilizada totalmente desconhecida no mundo naquela época, até mesmo séculos depois daquela época.

O Islam ordenou seus adeptos a fazerem da questão do conhecimento uma questão básica em suas vidas e os ordenou elevar a posição dos sábios ao nível citado pelo mensageiro de Allah (a paz esteja com ele):

430 Ibn Majah (224), Abu Ia'la (2837), Al Suiuti em Al Jami'Al Saghir (7360). Veja: Sahih Al Jami' (3913).

> Aquele que percorrer um caminho à procura do conhecimento, Allah lhe facilitará o caminho ao Paraíso; os anjos inclinam suas asas para o procurador do conhecimento por agrado pelo que faz; e tudo quanto existe nos céus e na terra, até mesmo os peixes na água, imploram a Allah o perdão para o sábio; a virtude do sábio sobre o adorador é como a virtude da lua sobre os outros planetas; e os sábios são os herdeiros dos profetas, e os profetas não deixaram nem moedas de ouro nem de prata, mas deixaram o conhecimento, e quem o conquistar estará conquistando algo valioso[431].

Este movimento científico popular continuou depois da morte de mensageiro (a paz esteja com ele) e surgiram seus maravilhosos efeitos e manifestações que eram considerados sonhos em relação aos europeus. Basta citar aqui três manifestações deste movimento científico popular fundado pelo Islam:

1. As bibliotecas públicas: com base neste estímulo e incentivo que se tornou um princípio da religião, os muçulmanos fundaram as bibliotecas públicas, abertas para todas as pessoas, que podiam ler gratuitamente e copiavam o que desejavam de páginas de variadas ciências. Ainda mais, os grandes califas e emires recebiam nestas bibliotecas estudantes de variados países e custeavam os seus gastos de seu dinheiro particular. Estas bibliotecas existiram em abundância em todas as cidades do mundo islâmico[432], das quais as mais importantes eram: Bagdá, Córdoba, Sevilha, Cairo, Jerusalém, Damasco, Trípoli, Al Madinah, Sanaá, Fass e Qairawan;
2. O surgimento de reuniões de estudo enormes: antes do Islam, não existia entre os sábios quem falasse com o povo, porém, após o surgimento desta nobre religião difundiram-se os círculos de conhecimento em todo o mundo islâmico, cuja quantidade de alunos chegava a números inimagináveis; a reunião de Ibn Al Jauzi[433] por exemplo, era assistida por mais de cem mil pessoas! Todos eram do povo, assim também eram os conselhos de Al Hassan Al Bassri, Ahmad ibn Hanbal, Asshafií, Abu Hanifah,

431 Abu Daud: Kitab Al I'lm (Livro do Conhecimento) (3641), Al Tirmizhi (2682), Ibn Majah (223) e outros.

432 Iremos abordar isso num capítulo exclusivo sobre o ensino e as bibliotecas na civilização islâmica.

433 Ibn Al Jauzi: Abu Al Faraj Abdul Rahman ibn Ali ibn Muhammad Al Qurashi Al Tamimi (510 – 592 d.H.). Jurista da escola *hanbali*, historiador considerado uma enciclopédia. Escreveu livros em várias ciências e artes. Nasceu e morreu em Bagdá. Veja: Al Zhahabi: Siar A'alam Al Nubala 21/365.

Al Imam Malik. Às vezes, dentro de cada mesquita havia mais de uma oficina de ensino ao mesmo tempo. Uma ensinava a interpretação do Alcorão (*attafssir*), a outra, o entendimento da religião (*al fiqh*), a outra ensinava a ciência dos ditos proféticos (*al hadith*), e a quarta oficina ensinava a crença (*al áqidah*), e a quinta oficina ensinava a medicina, e assim por diante;

3. Considerar o gasto no conhecimento como uma doação e uma adoração a Allah, exaltado seja: isso fez os ricos da população muçulmana gastarem suas riquezas na construção das escolas e nas casas de ciência, e ainda estabeleciam os erários para o auxílio dos estudantes, para a construção de bibliotecas e para desenvolvimento das escolas. Assim, o gasto em prol da ciência e do conhecimento tornou-se uma das portas de benfeitoria para os ricos também, e não só para os sábios.

E assim, a questão do conhecimento era geral e pública, importava e pertencia a todos. A busca do conhecimento é obrigação de todo muçulmano, então, difundiram-se as bibliotecas e multiplicaram-se as reuniões e oficinas de conhecimento e eliminou-se grande parte do analfabetismo!

Segundo Capítulo

O Islam e a Mudança do Pensamento dos Cientistas

Como observamos na parte anterior, o Islam surgiu com uma nova visão sobre o conhecimento, diferente das visões existentes nas civilizações anteriores. A situação não se limitou a isso, porque essa nova visão científica dirigiu os muçulmanos e os impulsionou para a descoberta de fundamentos científicos essenciais, considerados parte central da pesquisa científica e que também não existiam antes!

Podemos indicar alguns destes princípios e fundamentos nos seguintes temas:

1. O Sistema Experimental
2. O Campo Prático
3. As Equipes Científicas
4. A Honestidade Científica

1

O Sistema Experimental

O sistema científico experimental sóbrio na pesquisa é baseado na contagem, na visão, na experiência e na representação. O alcance desse sistema é considerado uma enorme adição islâmica na caminhada da ciência no mundo.

É um sistema totalmente diferente do que havia entre os gregos, os indianos e outros. Essas civilizações, muitas vezes, abastavam-se com a suposição de teoria sem tentar prová-las cientificamente. Geralmente, eram matérias teóricas que não tinham aplicação na maioria das vezes, mesmo que fossem teorias verdadeiras. Isso resultava numa grande confusão entre as teorias verdadeiras e as teorias falsas. Até que os muçulmanos criaram a maneira experimental no uso dos dados científicos e universais ao seu redor, o que resultou na criação das regras do sistema científico experimental, ao qual a ciência moderna ainda segue.

Os muçulmanos aplicaram o sistema experimental sobre as teorias anteriores sem considerar o nome do dono da teoria, por mais que fosse famoso, o que resultou na descoberta de muitos erros herdados pelos cientistas durante sucessivos séculos.

Portanto os muçulmanos não faziam apenas a crítica e teste das teorias antigas, mas muitas vezes, faziam novas suposições, em seguida, as testavam até que esta suposição se tornasse uma teoria – se for provada a sua proximidade da realidade. Em seguida, testavam a teoria até que se provasse para eles finalmente que ela se tornou uma realidade e não é mais uma teoria. E em busca disso, eles faziam muitos testes, sem cansar nem enjoar.

Entre os cientistas muçulmanos que tiveram longa tradição nesta área, estão Jabir ibn Hayian[434], Al-Khawarismi, Al-Razi[435], Al-Hassan ibn Al-Haitham (Alhazen)[436], Ibn Al-Nafis[437], e muitos outros.

Jabir ibn Hayian, considerado o sheikh dos químicos, declarou: "O primordial na química é a experimentação. Aquele que não pratica a experimentação nunca dominará a química"[438]. Em seu livro *Al Khauass al kabir (As propriedades)*, no primeiro artigo, disse: "Citamos nestes livros somente as propriedades do que vimos, e não do que ouvimos ou nos foi dito e lemos, após termos examinado e experimentado. O que é verdade citamos e o que é falso recusamos, e o que nós extraímos também medimos com as condições deste povo"[439].

Por isso, Jabir é considerado o primeiro a introduzir o experimento científico e laboratorial no sistema de pesquisa científica cujas regras ele fundamentou. Às vezes, ele denominava o experimento como habilidade. Ele dizia: "Quem é hábil é sábio de verdade, e quem não é hábil não é sábio. e te basta que a habilidade em todas as ciências o fato de que o cientista hábil aprimora, e o não hábil prejudica!!"[440]

Assim, Jabir deu um passo muito mais largo que os cientistas gregos antes dele no estabelecimento da experimentação como base do trabalho, e não a reflexão silenciosa. Qadri Toqan disse: "Jabir se destaca entre os outros cientistas porque é o primeiro a fazer experiências sobre base prática, esta é a base que seguimos hoje nos laboratórios. Ele incentivou a preocupação com o experimento com observação precisa, e também estimulou o cuidado e não precipitação declarando: o dever de quem se ocupa com

---

434 Jabir ibn Hayian: Abu Mussa Jabir ibn Hayian ibn Abdullah Al Kufi (falecido em 200 d.H./ 815 d.C.), filósofo, químico, era conhecido como Al Sufi. É do povo de Kufa, original de Kharasan e falecido em Tus. Veja: Ibn Al Nadim: *Al Fihrast*, p. 498 – 503 e Al Zirikli: *Al A'alam* 2/103.

435 Al-Razi: Abu Bakr Muhammad ibn Zakaria Al-Razi (251 – 313 d.H./ 865 – 925 d.C.), o médico filósofo. Nasceu em Rayi e faleceu em Bagdá. Entre os seus livros: *Al haui fi al tib (O Abrangente em Medicina)*. Veja: Ibn Al Nadim: Al Fihrast, p. 415 – 417 e Al Safadi: *Al Wafi bil Wafyat* 3/62.

436 Al Hassan ibn Al Haitham (Alhazen): Abu Ali Muhammad ibn Al Hassan ibn Al Haitham (354 – 430 d.H./ 965 – 1039 d.C.). É chamado Ptolomeu segundo. Grande sábio, matemático, engenheiro e médico. Nasceu em Basra e faleceu no Cairo. Veja: Ibn Abu U'ssaibi'ah: *U'iun al Anba* 3/372-376 e *Kahalah: Mu'jam al Muállifin* 9/225,226.

437 Ibn Al-Nafis: Ála Al Din Ali ibn Abu Al Hazm Al Qarshi (falecido em 687 d.H./ 1288 d.C.). O mais sábio em medicina em sua época. Sua origem é de uma cidade chamada Qarsh, nasceu em Damasco e morreu no Egito. Veja: Ibn Al Imad: *Shuzhurat Al Zhahab* 5/400,401.

438 Jabir ibn Hayian: *Kitab Al Tajrid*. Citado em uma série de escritos revisados e publicados por Holemyard com o título: Escritos de Química do Sábio Jabir ibn Hayian, Paris 1928.

439 Jabir ibn Hayian: *Kitab Al Khawass Al Kabir*, p. 232.

440 Jabir ibn Hayian: *Kitab Al Sab'in*, p. 464.

a química é trabalhar e fazer experiências, o conhecimento só é alcançado através das experiências"[441].

E Al-Razi pode ser o primeiro médico no mundo a fazer uso desse sistema experimental, através das experiências com animais, principalmente os macacos, para o ensaio de novos métodos de tratamento antes de serem aplicadas no ser humano. Este é um sistema científico magnífico que só foi aprovado pelo mundo há pouco tempo. Ele declarou em sua abordagem: "Quando o fato que nos afronta está em contradição com a teoria predominante, é um dever aceitar o fato, mesmo que todos tenham seguido as teorias predominantes apoiando os famosos cientistas"[442]. Ele determina que todo mundo pode ficar fascinado com as opiniões dos grandes e famosos cientistas e parar em suas teorias, porém, às vezes, o experimento contraria a teoria. Aqui, nós devemos recusar a teoria – mesmo que seja formulada por famosos cientistas – e aceitar o experimento e a realidade, iniciar a sua análise e se beneficiar com ela.

Também, por causa da abordagem experimental, os livros de Alhazen estão cheios de críticas contra as teorias de Euclides[443] e de Ptolomeu[444]. Ele esclareceu resumidamente como ele concluiu através de seu pensamento qual é a maneira exemplar para a pesquisa, a qual ele seguiu. Alhazen disse:

> Iniciamos a pesquisa com a observação dos seres e com a verificação das condições das coisas visíveis, com a distinção das propriedades das moléculas, e selecionamos com raciocínio indutivo o que diz respeito à visão no caso do avistar, o que é constante e não muda, é aparente e não se suspeita através dos sentidos, em seguida, subimos gradativamente e ordinariamente na pesquisa e nas medidas com a crítica das iniciações e com reserva nos resultados. E fazemos do uso da justiça o nosso objetivo em tudo que analisamos e verificamos, e não o seguir dos caprichos, e buscamos a verdade em tudo que distinguimos e criticamos, e não a tendência às opiniões dos outros[445].

441 Qadri Toqan: *Maqam Al Áql índ Al Árab (O status do raciocínio entre os árabes)*, p. 217, 218.

442 Ibn Abu U'ssaibi'ah: *Tabaqat Al Atibba (Classificação dos Médicos)* 1/77,78.

443 Euclides: (325 a.C. – 265 a.C.) Matemático grego considerado fundador da geometria. Seu livro mais conhecido é o *Livro dos Elementos.*

444 Ptolomeu: Cláudio Ptolomeu (83 – 161 d.C.) O mais conhecido dos astrônomos gregos. É um astrônomo, matemático e filósofo. É conhecido como Ptolomeu, o sábio. Há divergências se ele é grego ou egípcio. Seu livro mais famoso é *Almagesto*, um famoso tratado de astronomia.

445 Ibn Al Haitham: *Al Manazhir*, revisão do Dr. Abdul Hamid Sabra, p. 62.

Portanto, em suas pesquisas, Alhazen fez uso da análise e da semelhança, e em algumas pesquisas deu atenção à representação. Esses são elementos das pesquisas científicas modernas. E Alhazen – sendo um dos sábios muçulmanos que fundaram o método experimental – não só se antecedeu a Francis Bacon[446] em seu método de experimentação pelo raciocínio indutivo, mas se sobrelevou a ele, e tinha horizonte mais amplo e pensamento mais profundo, mesmo que ele não tenha trabalhado a filosofia teórica, como fez Bacon.

O professor Mustafa Nadhif[447] vai além disso e declara: "Mais ainda, Alhazen se aprofundou em seu pensamento a um extremo mais profundo do que podemos imaginar a princípio, ele assimilou aquilo que foi declarado por Mike e por Karl Pearson[448] e outros filósofos contemporâneos do século XX, e compreendeu o modo correto da teoria científica e compreendeu o seu correto emprego conforme o significado moderno"[449].

Alguns escritores muçulmanos ainda consideraram que a escrita não é precisa se não for antecedida de experiências. Al Jaldaki[450] (cientista e químico do século VIII *hijri* (século XIV cristão) disse sobre Al Tughraí[451] (químico famoso falecido em 513 d.H.): "Ele era um homem extremamente inteligente, porém fez poucas experiências. Isso faz de suas escritas imprecisas"[452].

Desta maneira, os muçulmanos chegaram ao método científico experimental, através do qual a humanidade aprendeu como chega à realidade científica com confiança e habilidade, longe das hipóteses, ilusões e caprichos.

---

446 Francis Bacon: (1561 – 1626 d.C.) Filósofo, estadista e escritor inglês. É conhecido no Ocidente como o fundador da ciência experimental baseada na observação e conclusão e como o filósofo que recusou a lógica aristotélica.

447 Mustafa Nadhif: (1893 – 1971). Um dos mais destacados sábios egípcios no século XX. Especializou-se em medicina e física e tinha grande interesse pelo patrimônio científico da civilização islâmica, e deu atenção exclusiva ao patrimônio de Al Hassan ibn Al Haitham. Foi um dos primeiros que exigiram a "arabização" das ciências.

448 Karl Pearson: (1857 – 1936). Advogado e matemático inglês. É conhecido como o criador da estatística aplicada. Fundou o primeiro departamento de estatística aplicada no mundo na faculdade de Londres em 1911.

449 Qadri Toqan: *Maqam Al Áql ind Al Árab (O status do raciocínio entre os árabes)*, p. 223.

450 Al Jaldaki: (falecido depois de 742 d.H./ 1341 d.C.) Izzuddin Ali ibn Muhammad ibn Aidmor Al Jaldaki. Químico e filósofo. Sua cidade natal é Jaldak, em Kharasan. Entre os seus livros: *Kanz Al Ikhtissas fi Ma'rifat Al Khawass*. Veja: Haji Khalifa: *Kashf Al d.Hunun* 2/1512 e Al Zirikli: *Al A'alam* 5/5.

451 Al Tughraí: Abu Ismail Al Hussain ibn Ali ibn Muhammad Al Asbahani (453 – 513 d.H./ 1061 – 1119 d.C.). Literato e experiente no engenho da química. Nascido em Asbahan, foi nomeado na repartição de redação e no ministério e foi morto. Veja: Ibn Khillikan: *Wafiyat al A'aian* 2/185-190 e Al Safadi: *Al Wafi bil Wafiyat* 12/268,269.

452 Ibn Abu U'ssaibi'ah: *Tabaqat Al Atibba (Classificação dos Médicos),* p. 218.

2

O Campo Prático

O campo prático é considerado um novo método que surgiu na época dos muçulmanos, principalmente se a civilização islâmica for comparada à civilização grega neste método.

Muitas vezes, os cientistas antigos antes do Islam criavam diversas teorias, que eram muitas vezes verdadeiras e geniais. Porém, a maioria delas – mesmo sendo verdadeiras e precisas – ficava apenas no papel e nos volumes de enciclopédias, e não tinha uma aplicação prática dentro da realidade das pessoas. Isso é o que queremos dizer com "o campo prático nas ciências", onde há a prática das teorias com o que serve e beneficia a humanidade, até mesmo se for nos meios de diversão.

A partir do princípio da construção e reforma da Terra, os muçulmanos começaram a transformar toda teoria verdadeira em uma ação útil, com a qual se realiza o bem para as pessoas.

Dentre os exemplos disso: os filhos de Mussa ibn Shakir[453] inventaram ferramentas de irrigação, ferramentas de elevação da água para os topos das montanhas, inventaram relógios precisos, e se apoiaram para todas essas invenções em teorias antigas e adicionaram teorias formadas por eles. Tais teorias os fizeram beneficiar suas sociedades, bem como a humanidade inteira, em vez de se dedicarem somente ao pensamento!

453 Mussa ibn Shakir: Pai de três filhos conhecidos como filhos de Mussa. Em sua tenra idade, ele era um bandido, mas arrependeu-se e serviu de Al Ma'mun. Ele aprendeu a astrologia e astronomia. Ele morreu (em 200 d.H. / 815 d.C., aproximadamente), enquanto seus filhos ainda eram jovens. Eles trabalharam em Bait Al Hikmah e foram espertos. Veja: Ibn Al Anbari: *Mukhtasar Al Duval*, p. 264, e Al Zirikli: *Al A'lam* 7 / 323.

Assim também fez Al Zahrawi[454]. Inventou um grande número de ferramentas cirúrgicas. Ele, por exemplo, ensinava teoricamente que: se o remédio se mistura ao sangue diretamente tem influência mais rápida. Como resultado desta teoria, ele inventou a injeção para fazer, realmente, o remédio chegar mais rápido[455].

Outros exemplos: Ibn Al Baitar[456], que introduziu mais de oitenta remédios úteis no campo da medicina[457]. Jabir ibn Hayyan usou algumas equações químicas para inventar uma capa para a chuva que não se afetava com a água, e para inventar o papel anti-inflamável (que não se queima) para a escrita de informações muito importantes[458].

E podemos perceber ainda o valor das pesquisas dos cientistas muçulmanos ao observar as várias teorias filosóficas compostas pelos cientistas gregos que não se tornaram realidade e, consequentemente, não se beneficiaram delas e nem a humanidade se beneficiou delas.

454 Al Zahrawi: Ele é Abu Al Qasim Khalaf ibn Abbas Al Zahrawi Al Andaluz (morreu em 427 d.H. / 1036 d. C). Ele era um médico e cientista. Ele foi o primeiro a escrever sobre a cirurgia e os primeiros a ligar a artéria para estancar hemorragias. Ele nasceu em Al-Zahra (perto de Córdoba). Veja: Ibn Bashkwal: *Al Silah* 1 / 264, e Al Zirikli: *Al A'lam* 2 / 310.

455 Jalal Mazhar: *Hadaratul Islam wa Atharuha fil Al Taraqi Al Alami (A civilização do Islam e seu Impacto sobre o Desenvolvimento Mundial)*, p. 331, 332.

456 Ibn Al Baitar: Ele é Abu Muhammad ibn Abdullah Ahmad Al Maliqi (morreu em 646 d.H. / 1248 d.C.), o mestre de botânicos e herbários. Ele é o autor do livro intitulado: *Al-Adwiyah Al Mufradah*. Ele morreu em Damasco. Veja: Al Kutubi, *Fawat Al Waftyat* 2 / 159, 160.

457 Al Maqarri: *Nafh Al Tib*, 2 / 692.

458 Gustave Le Bon: *Hadarat Al Arab (A Civilização Árabe)*, p. 475, 476.

3
As Equipes Científicas

As equipes científicas também foram um novo princípio com o qual os muçulmanos transformaram o estilo e maneira de pensamento dos sábios anteriores. Pela primeira vez na história, os muçulmanos formaram uma equipe científica completa, que tem mais de um cientista em mais de uma área, para extraírem para nós um trabalho completo e útil que não poderia dar a luz senão com o apoio em mais de uma especialização científica.

É atribuído aos filhos de Mussa ibn Shakir (Muhammad, Al Hassan e Ahmad) a proeza de serem a primeira e mais famosa equipe científica coletiva na história. Todos eram cientistas, Muhammad era especialista em engenharia, Ahmad em astronomia e Al Hassan em mecânica. Juntos escreveram o livro *Al Hial,* no qual se mostrou o espírito de equipe científica de maneira direta, e se materializou o princípio do trabalho coletivo embasado na participação e cooperação. Este livro, de seu início ao seu fim, fala a linguagem coletiva.

Sobre isso: "Muhammad, Al Hassan e Ahmad disseram: a primeira figura: queremos esclarecer como fazemos um copo que despeja uma medida de bebida ou água, se for adicionado uma medida de um átomo de bebida ou água, tudo o que tem nele se derramará"[459]. "E queremos mostrar como fazemos uma jarra que tem um cântaro aberto, quando a água é colocada nela nada sai do cântaro, e se pararmos de colocar a água sai do cântaro, e se volta a colocar água, ela é barrada de novo, e se paramos de colocar, a água sai, e assim fica..."[460]. "E queremos mostrar como

459 Filhos de Mussa ibn Shakir: *Kitab Al Hial*, revisão de Ahmad Yussuf Hassan e outros. Centro de Patrimônio Científico Árabe, 1981. Introdução do revisor.

460 Idem, p. 9.

fazemos duas espumantes, uma que espuma como uma canal e outra que espuma como uma íris um certo tempo..."[461]

Há muitos outros exemplos que refletem a mentalidade madura dos filhos de Mussa ibn Shakir como uma equipe integrada científica. Tais exemplos também refletem a importância e o valor do trabalho em equipe no campo científico.

Não há dúvida de que essa integração e combinação de várias especializações entre esses irmãos levou à descoberta de fatos científicos que eram difíceis de serem descobertos sem trabalho em equipe, isso só pode ser alcançado com a participação de mais de um cientista de diversas especialidades. Esses fatos incluem o cálculo exato do diâmetro da Terra, e a fabricação do astrolábio gigante, que permite aos astrônomos calcular o movimento das estrelas com grande precisão.

Esse assunto não se limitava a esta destacada equipe, porém se repetiu em várias ciências. Encontramos cooperação notável entre médicos, farmacêuticos, botânicos e zoólogos, e também entre geólogos, geógrafos e astrônomos, e assim por diante.

Isso aconteceu com o famoso médico Al-Razi entre os seus alunos. Ibn Al-Nadim fala sobre ele:

> Al-Razi foi um médico ímpar no seu tempo. Ele tinha o conhecimento de antigos cientistas, especialmente a medicina. Ele costumava viajar. Costumava ser rodeado por seus alunos, e estes eram seguidos de seus alunos, e estes de seus alunos, e assim, era rodeado de vários círculos de estudantes. Quando algum homem doente chegava, descrevia sua doença para o primeiro que encontrava, se este não souber a resposta, o homem passa para os alunos do segundo círculo e assim por diante, até que finalmente, quando todos os outros tinham falhado a fornecer uma resposta, o caso do homem chegava até Al-Razi, que então, se pronunciava sobre a questão. Al-Razi foi um homem muito generoso, com um comportamento humano para com seus pacientes, e caridoso com os pobres e doentes. Ele costumava dar-lhes tratamento integral, sem cobrar nenhuma taxa[462].

Então, os alunos de Al-Razi formaram equipes científicas, cada um deles dava a sua opinião sobre um determinado assunto até chegarem a uma conclusão. Enquanto isso, Al-Razi costumava ouvir, acompanhar e

461 *Kitab Al Hial*, p. 356.

462 Ibn Al Nadim: *Al Fihrast*, p. 356.

corrigir as suas opiniões, e em seguida, participava com eles nas questões difíceis e as simplificava para eles.

Isso não se limitou somente à ciência da vida, mas também observamos as equipes científicas nas áreas da religião. Os conselhos religiosos se reuniam para discutir uma determinada questão, buscando a ajuda de um grande grupo de estudiosos nas áreas do Alcorão, *Al hadith, Al fiqh, Al áqidah*, entre outras ciências, enriquecendo assim o movimento científico e o desenvolvendo rapidamente.

4

A Honestidade Científica

A honestidade científica também é considerada um novo princípio que só ficou conhecido depois do surgimento do Islam. Com a ausência de religião e moral ninguém hesitaria em atribuir as várias descobertas para si com a finalidade de lucro e fama.

A honestidade científica requer o respeito aos direitos intelectuais e científicos e a atribuição dos empenhos e descobertas aos seus donos, porém a comunidade científica muçulmana sofreu muito com o roubo de suas pesquisas e descobertas e com a sua atribuição a estudiosos ocidentais que nasceram dezenas ou centenas de anos mais tarde.

Não é segredo para ninguém hoje o roubo hediondo que ocorreu ao nosso grande estudioso Ibn Al-Nafis, o descobridor da circulação pulmonar, que gravou sua descoberta com precisão em seu livro *Sharh Tashrih Al-Qanun (Ilustração da Anatomia da Lei)*. Porém, este fato foi ocultado durante longos séculos, e foi atribuído posteriormente ao médico inglês William Harvey[463], que estudou a circulação do sangue mais de três séculos após a morte de Ibn Al-Nafis. As pessoas acreditavam nessa ilusão até que o médico egípcio Muhyi-Al-Din Al-Tatawi esclareceu a verdade.

Em 954 d.H.(1547 d.C.), o médico italiano Albago traduziu seções do livro de Ibn Al-Nafis *Sharh Tashrih Al-Qanun* para o latim. Esse médico permaneceu por quase 30 anos na província de Al-Ruha e dominou o idioma árabe para traduzir do árabe para o latim, e a seção sobre a circulação de sangue no pulmão era uma das seções traduzidas, porém essa tradução foi perdida. E é ponto de consenso que um estudioso espanhol

463 William Harvey: (1578 – 1657 d.C.) Médico inglês, é conhecido no Ocidente como o descobridor da circulação pulmonar e do trabalho do coração como um bombeador.

chamado Servet, que nada tinha a ver com a medicina e estudou na Universidade de Paris teve acesso ao que Albago traduziu do livro de Ibn Al-Nafis. No entanto, ele foi expulso da universidade por ser suspeito em sua crença e foi deslocado entre as cidades até que, finalmente, foi queimado até a morte juntamente com a maioria de seus livros no ano 1065 d.H.(1553 d.C.). No entanto, alguns de seus livros ficaram ilesos, entre os quais a tradução do livro de Ibn Al-Nafis sobre a circulação do sangue. Os pesquisadores então acreditaram que esta descoberta da circulação do sangue foi feita pelo estudioso espanhol e por Harvey após ele. Esta crença permaneceu até 1343 d.H.(1924 d.C.), quando o médico egípcio Dr. Muhyi-Al-Din Al-Tatawi corrigiu esse equívoco e devolveu o direito ao seu proprietário. Al-Tatawi encontrou uma cópia do manuscrito do livro de Ibn Al-Nafis na biblioteca de Berlim, ele preparou um doutorado sobre ele, e desenvolveu uma área dessa grande obra, que é o tema da circulação sanguínea. Ele obteve seu doutorado em 1343 d.H.(1924 d.C.).

Seus professores e supervisores ficaram atordoados com a tese. Eles se surpreenderam ao ler o seu conteúdo e quase não acreditaram! Por não conhecerem a língua árabe, eles enviaram uma cópia da tese do orientalista alemão Dr. Meyerhof[464], que residia no Cairo, e pediram a sua opinião sobre a tese de Al-Tatawi. Meyerhof apoiou Al-Tatawi e em uma de suas pesquisas sobre Ibn Al-Nafis, Meyerhof disse:

> O que me impressionou é que algumas frases básicas de Servet foram semelhantes, porém idênticas às de Ibn Al-Nafis, que foram traduzidas literalmente. Isso significa que Servet, que era um clérigo liberal e não era um médico, mencionou a circulação pulmonar igual à menção de Ibn Al-Nafis, que viveu mais de um século e meio antes dele.

Então, Meyerhof informou George Sarton[465] sobre o fato que ele descobriu sobre Ibn Al-Nafis, e Sarton publicou este fato na última parte de seu famoso livro *A História da Ciência*[466]!

---

464 Max Meyerhof: (1291 – 1363 d.H./ 1874 – 1945 d.C.) Orientalista e médico oftalmologista alemão. Aprendeu a língua árabe e visitou o Egito em 1903 d.C. e viveu lá, morreu no Cairo. Teve interesse exclusivo pela medicina e farmacologia na civilização islâmica.

465 George Sarton: (1884 – 1956) Um dos mais proeminentes historiadores do mundo, de origem belga. Especialista em ciências naturais e matemática. Lecionou em universidades americanas e na Universidade Americana em Beirute. O mais famoso de seus livros é *A História da Ciência.*

466 Veja: Muhammad Al Sadiq Áfifi: *O desenvolvimento do pensamento científico entre os muçulmanos*, p. 208, e Ali Ibn Abdullah Al Difaa: *Os pioneiros da medicina na civilização islâmica*, p. 451.

Aldo Mieli[467] leu as duas versões e disse: "Ibn Al-Nafis tem uma descrição da circulação pulmonar idêntica ao de Servet, suas palavras correspondem completamente às palavras de Servet. Portanto, a descoberta da circulação pulmonar deve ser atribuída a Ibn Al-Nafis, não a Servet ou Harvey"[468].

Plágios desse tipo e a prática da desonestidade científica contra os estudiosos muçulmanos não são poucos. Basta-nos enumerar os seguintes fatos:

- A ciência da sociologia foi atribuída ao judeu francês Durkheim[469], enquanto o estudioso muçulmano Ibn Khaldun foi quem descobriu e fundou essa ciência – como será explicado;
- As leis do movimento foram atribuídos a Isaac Newton, enquanto os dois estudiosos muçulmanos Ibn Sina e Ibn Hibatullah Malka[470] descobriram essas leis – como será explicado mais adiante;
- No livro de Roger Bacon[471], conhecido como *Cepus Majus* encontramos um capítulo inteiro (o capítulo cinco), que era nada mais que uma tradução literal do livro de Ibn Al Haitham, intitulado *Al-Manazhir*. Em seu livro, Bacon nunca mencionou o autor original do artigo.

Isso tudo aconteceu com os muçulmanos, mas os muçulmanos tinham uma abordagem diferente, que é a honestidade científica e a atribuição do esforço e do crédito a seus criadores. Esse hábito fez com que eles nunca alegassem uma descoberta científica sendo que esta era de outros cientistas de outras civilizações. Ao contrário, seus livros estão repletos

467 Aldo Mieli: (1879 – 1950) Orientalista italiano. Escritor do livro *A ciência entre os árabes e seu impacto no desenvolvimento mundial*.

468 Veja: Ali Abdullah Al Difá: *Os pioneiros da medicina na civilização islâmica*, p. 451.

469 Durkheim (1858 – 1917): sociólogo francês, lecionou Sociologia na Universidade de Bordô e em Sorbonne em Paris. No Ocidente, é conhecido como fundador da sociologia.

470 Hibatulllah ibn Malka: Abu Al Barakat Hibatullah ibn Ali ibn Malka Al Baladi (falecido em 560 d.H./ 1165 d.C.). Conhecido como Auhad Al Zaman (o singular de sua época), médico habitante de Bagdá. Era judeu e tornou-se muçulmano no fim de sua vida. Estava a serviço de Al Mustanjid Billah Al Ábbassi e teve alta posição junto a ele. Veja: Ibn Abu U'ssaibi'ah: *U'iun al Anba* 3/313 – 316 e Al Zirikli: *Al A'alam* 8/74.

471 Roger Bacon (1214 – 1292 d.C.): filósofo e estudioso inglês, considerado uma das proeminentes personalidades no progresso das ciências na Idade Média. Ficou conhecido no Ocidente como fundador das ciências experimentais e como um dos primeiros pesquisadores no estudo da ciência da óptica.

de nomes de cientistas dos quais citaram, como Hipócrates[472], Galeno[473], Sócrates, Aristóteles e outros. Os muçulmanos deram o devido apreço e estima a estes cientistas de forma clara e jamais esqueceram o nome de algum deles, mesmo que a sua contribuição para o livro fosse pequena.

Por exemplo, os filhos de Mussa ibn Shakir citaram em seu livro *Ma'rifat Misahat Al-Ashkal Al-Basitah wa Al-Kurriyah (A Aprendizagem do Espaço das Formas Simples e Esféricas):*

> Tudo o que descrevemos em nosso livro é trabalho nosso, exceto o conhecimento da diferença entre a circunferência e o diâmetro, que é trabalho de Arquimedes[474], e exceto o conhecimento da colocação de dois montantes entre outros dois montantes para chegar a uma só proporção, que é o teorema de Menelau[475] [476].

Você também pode ver o que o famoso médico muçulmano Abu Bakr Al-Razi disse em seu livro *Al-Hawi*, um dos maiores livros da história da medicina: "Eu tenho reunido neste livro frases e sinais da indústria da medicina, que eu extraí dos livros de Hipócrates, Galeno, Ormasus e outros médicos antigos, e outros mais modernos, como Paulo, Aaron, Hunain ibn Ishaq[477], Yahya ibn Masawayh[478], e outros"[479].

Além disso, encontramos na biblioteca islâmica livros de cientistas estrangeiros traduzidos em cópias separadas e atribuídas aos seus autores. Os estudiosos muçulmanos, muitas vezes comentaram essas obras,

---

472 Hipócrates filho de Heráclito (460 a.C– 355 a.C): apelidado de pai da medicina, uma das mais famosas personalidades científicas na história, aprendeu a medicina com seu pai e tornou-se hábil médico. A ele é atribuída a ideia do juramento feito pelos médicos.

473 Galeno (130 – 200 d.C.): médico grego, um dos mais proeminentes médicos da história, considerado um dos fundadores da anatomia.

474 Arquimedes (287 a.C. – 212 a.C.): estudioso naturalista e matemático, um dos maiores matemáticos da era antiga, considerado pai da geometria.

475 Menelau: viveu em meados do primeiro século cristão, um dos sábios gregos da geometria, tem obras que tiveram grande atenção da parte dos muçulmanos, como trabalhos sobre triângulos esféricos e sobre astronomia.

476 Filhos de Mussa ibn Shakir: *Ma'rifat Misahat Al-Ashkal (a aprendizagem do espaço das formas), escrita de Nassir Al Din Al Tussi*, p. 25.

477 Hunain ibn Ishaq: Abu Zaid Hunain ibn Ishaq Al Ábbadi (194 – 260 d.H./ 810 – 873 d.C.) médico, historiador e tradutor do povo de Al Hairah, no Iraque. Tinha conhecimento da língua grega, sirianica e persa. Teve contato com o califa Al Ma'mun, que o designou para a repartição de tradução. Veja: Ibn Annadim: *Al Fihrast*, p. 409 e Ibn Abu U'ssaibi'ah: *U'iun al Anba* 2/128-138.

478 Yahya ibn Masawayh (João): Abu Zakaria Iuhanna ibn Masawayh, médico hábil de origem siriânica, árabe de criação. Serviu a Al Rashid, Al Ma'mun e outros até a época de Al Mutawakkil, tratando-os e aos seus doentes. Morreu em Samarrá em 243 d.H./ 857 d.C. Veja: Ibn Annadim: *Al Fihrast*, p. 411 e Ibn Abu U'ssaibi'ah: *U'iun al Anba* 2/109-122

479 Ibn Abu U'ssaibi'ah: *U'iun al Anba fi Tabaqat Al Atibba* 1/70.

sem interferir no texto a fim de preservar a ideia do autor, sem distorção. Por exemplo, o estudioso muçulmano Al-Farabi[480] fez comentários sobre o livro *A Metafísica,* de Aristóteles.

Essa honestidade científica honrosa foi realmente uma das maiores virtudes dos estudiosos muçulmanos e um dos fundamentos mais importantes através do qual os muçulmanos mudaram o método e a maneira de pensar dos estudiosos anteriores. Isso é importante principalmente para as pessoas das nações modernas, porque não conhecem a história dos seus antepassados. Portanto, era muito fácil roubar suas pesquisas, não fosse a dimensão moral profunda dos estudiosos muçulmanos.

480 Al Farabi: Abu Nasr Muhammad ibn Muhammad ibn Tarkhan Al Farabi (260 – 339 d.H./ 874 – 950 d.C.), o turco sábio, o maior dos filósofo muçulmanos. Nasceu em Farab e morreu em Damasco. Veja: Ibn Khillikan: *Wafyiat Al A'aian* 5/153 – 156.

Terceiro Capítulo

A Fundação Educacional

As fundações educacionais ajudaram no desenvolvimento e avanço da civilização islâmica. Essas fundações abrangeram todas as faixas etárias, iniciando-se pelos *kuttab* (escolas alcorânicas) e chegando às academias científicas. Em todo o mundo islâmico foram fundados institutos, universidades, faculdades, observatórios e grandes bibliotecas. Todas essas fundações eram centros de pesquisa, aprendizagem e autoria intrínseca.

Sem dúvida, o surgimento do Islam foi como uma verdadeira revolução científica num ambiente que não estava habituado ao espírito do conhecimento, a ponto de a etapa que antecede a revelação das primeiras palavras do Alcorão ser conhecida como *al jahiliah* (época da ignorância). A característica de ignorância está relacionada ao que é antes do Islam, em seguida, chegou o Islam para iniciar o conhecimento e para o mundo ser iluminado com a luz da orientação divina.

O surgimento do Islam se associou ao convite ao ensino desde o início da revelação, portanto, a mensagem não teve início com o convite ao cumprimento das adorações – em seu significado particular, entre jejum, oração, peregrinação e doações –, nem com a citação dos pilares do Islam e as bases de sua construção, nem com a declaração do sistema de relação econômica, nem com os fundamentos da vida política e seus componentes, nem com a declaração dos valores morais, nem mesmo com a explicação dos pilares da crença. A revelação teve início, tão somente, com a chave e núcleo de tudo isso, teve início – como citamos anteriormente – com "Leia"[481].

481 Dr. Qutub Mustafa Sanu: *Os sistemas educacionais chegados na África*, p. 17.

Por isso, é imprescindível haver lugares para o ensino, nos quais os estudantes possam aprender e encontrar os sheiks e estudiosos, nos quais serão formados círculos de conhecimento e debates, num clima que se adequa com a vida científica. Podemos apresentar algumas dessas fundações educacionais que foram centros de ensino na civilização islâmica conforme as seguintes pesquisas:

1. Al Katatib (As Escolas Alcorânicas)
2. As Mesquitas
3. As Escolas

1
Al Katatib
(As Escolas Alcorânicas) [482]

Al Katatib são dos mais antigos centros de ensino para os muçulmanos, e é narrado que os árabes o conheciam antes do Islam, mas numa escala muito limitada. O status do *kuttab* nos primeiros séculos da *hijrah* era muito alto, pois preparava para o início do ensino superior: "*Al kuttab* se assemelhava ao ensino fundamental em nosso tempo, e foi tão grande que Ibn Hawqal[483] contou trezentos *kuttab* numa só cidade das cidades da Sicília"[484].

O objetivo da criação dos *katatib* (escolas alcorânicas) esteve representado no ensinar das crianças muçulmanas a ler, escrever e memorizar o Alcorão. O profeta (a paz esteja com ele) deu grande importância ao ensino das crianças e dos jovens, é narrado que o profeta sentenciou que cada prisioneiro de Badr fosse solto se "ensinasse dez jovens a escrever, nesse dia, Zaid ibn Thabit aprendeu a escrever em um grupo dos Anssar"[485].

As crianças nos *katatib* eram ensinadas a respeitar a língua árabe, principalmente se escrevessem os versículos do Alcorão Sagrado ou os ditos do profeta (a paz esteja com ele) em suas tábuas. Foi dito a Anas ibn Malik, o nobre companheiro do profeta (a paz esteja com ele) (falecido em 93 d.H.):

---

482 *Al katatib* é o plural de *kuttab*: é o local de aprendizado das crianças. Veja: Ibn Mandhur: *Lisan Al Arab,* termo *"kataba"* 1/698.

483 Ibn Hawqal: Abu Al Qasim Muhammad ibn Hawqal (morreu em 350 a.H.), geógrafo, viajante e historiador. Seu livro mais famoso é o *Al Ta'liq wa Al Tanqih li Kitab Al Masalik wa Al Mamalik li Al Ustukhri*. Veja: Al Zirikli: Al A'lam 6 / 111.

484 Mustafa Al Siba'i: *Min. Rawa'i Hadharatina*, p. 100.

485 Al Suhaili: *Al Rawd Al Anif* 3 / 135.

> Como eram os educadores na época dos imams Abu Bakr, Omar, Uthman e Ali (Allah esteja satisfeito com eles)?. Anas disse: "Um professor costumava ter uma jarra, e cada menino trazia água pura, a derramavam na jarra para apagar e limpar as suas tábuas". Anas completou: "Então, eles cavavam um buraco no chão para derramar a água e este resto secava." Eu disse: "Você acha que eles ficavam com manchas de tinta?". Ele disse: "Não há problema, e não limpavam com os pés, mas sim com uma toalha ou algo parecido". Eu disse: "O que acontece com o que os meninos escrevem na escola sobre outras questões?". Ele disse: "Qualquer menção a Deus não é apagada com o pé, e não há problema em apagar outras palavras que não são do Alcorão"[486].

Essa maravilhosa imagem revela o respeito que havia nos íntimos das crianças daquela época, respeitavam a língua árabe ao escrever a revelação divina, escolhiam água pura para apagá-la e cavavam na terra para derramar a água de modo que o escrito nas tábuas se tornasse seco[487].

Haviam famosos professores nas escolas alcorânicas, como a Al-Hajjaj ibn Yussuf Al-Thaqafi [488], que costumava receber pão[489] como taxa de ensino. Al-Dahhaak ibn Muzahim também foi professor em uma escola alcorânica em Kufa, ele tinha três mil alunos[490]! Em seu livro Mu'jam Al-Udaba, Yaqut Al-Hamawi[491] relata que a escola corânica de Abu Al-Qasim Al-Balkhi tinha três mil alunos, e era muito espaçosa para esse número, por isso Al-Balkhi precisava andar de burro para supervisionar todos os seus alunos[492].

Muitos líderes jurisprudentes e eruditos aprenderam em *al katatib* quando pequenos. Al Imam Al-Shafi'i diz sobre o estágio da escola alcorânica na sua infância. "Eu era órfão, e minha mãe me mandou para uma escola alcorânica. Quando eu memorizei o Alcorão, entrei na mesquita e sentava com os sábios"[493].

---

486 Ibn Sahnun: *Adab Al Mu'allimin (Código de conduta dos professores)*, p. 40, 41.

487 Ver Akram Al Omari: *Al Asr Khilafah Al Rashidah (Era do Califado Ortodoxo)*, p. 281.

488 Al Hajjaj ibn Yussuf Al Thaqafi: Ele é Abu Muhammad Al Hajjaj ibn Yussuf ibn Al Hakam Al Thaqafi (40-95 d.H./660-714 d.C.), um grande comandante, rapaz inteligente e pregador. Abdul Malik atribuiu-lhe o governo de Makkah, Madinah, Al Taif e depois o Iraque. Ele nasceu e cresceu em Al Taif e morreu em Wasit (entre Kufa e Basra). Veja: Al Safadi: *Al Wafi bi Al Wafiyat* 11/236-241, e Al Zirikli: *Al A'lam* 2 / 168.

489 Ibn Khillikan: *Wafiyat Al A´ian* 30/02

490 Al Zhahabi: *Al Ibar* 1/ 94.

491 Yaqut Al-Hamawi: Ele é Abu Abdullah Shihab Al Din ibn Yaqut Abdullah Al Rumi (574-626 d.H./1178-1229 d.C.), historiador de confiança, um dos geógrafos mais importantes. Seus trabalhos mais famosos incluem: Mu'jam Al Buldan (léxico dos países), e Irshad Al ARIB. Veja: Killikan Ibn: *Wafiyat Al A´aian* Al-6 / 128.

492 Yaqut Al Hamawi: *Mu'jam Al Udaba (Dicionário dos Literários),* 1 / 491.

493 Ibn Abd Al Bar: *Jami Bayan Al Ilm wa Fadluh (Coletânea da Ciência e sua Virtude)* 1 / 473.

Al katatib surgiram na Síria logo depois da conquista islâmica, onde os filhos dos conquistadores receberam a sua educação. Adham ibn Muhriz Al-Bahili Al-Himssi[494] diz: "Eu sou o primeiro muçulmano nascido em Hims, e o primeiro a levar uma tábua em que foram escritos os versos do Alcorão, quando eu frequentava *al kuttab* para aprender Alcorão".[495] O famoso juiz de Basra, Iyas Ibn Mu'awiyah Al-Muzani[496], também frequentou a escola alcorânica na região da Síria.

Os pais eram preocupados em mandar seus filhos para os professores hábeis, que tinham experiência na educação das crianças. Entre esses professores: Al-Musslim ibn Al-Hussain ibn Al-Hassan Abu Al-Ghana'im (falecido em 544 d.H.), sobre quem Ibn Assakir disse: "Ocupou-se na educação de meninos, e teve uma boa reputação nesta matéria. Tinha renome no domínio do ensino e na habilidade em cálculo, a ponto de seus clientes serem muitos"[497].

E os príncipes e califas respeitavam os professores e educadores e seguiam as suas opiniões por respeito a eles. Por isso, os professores eram muito respeitados por todas as pessoas. Certa vez, Harun Al-Rashid convocou Malik ibn Anas para que seus dois filhos, Al-Amin e Al-Ma'mun ouvissem sua aula, mas Malik recusou e disse: "O conhecimento deve ser atendido em vez de atender" (Devemos nos dirigir até o conhecimento, e não é o conhecimento que deve se dirigir até nós). Harun lhe enviou uma nova mensagem e disse: "Vou mandá-los para assistir a sua aula com seus alunos". Malik disse: "Na condição de que eles não devem atravessar os pescoços das pessoas e devem sentar-se no final das linhas de estudantes (não devem se anteceder aos outros por serem filhos do califa, mas devem sentar igual aos outros, no final da fila quando chegarem). Então, eles presenciaram a classe com essa condição[498]."

As mulheres também participaram na disseminação da educação nas escolas do Alcorão desde muito cedo. Abd-Rabbuh ibn Sulaiman disse: "Um Al-Dardá escreveu em minha tábua quando me ensinava: 'Aprendam

494 Adham ibn Muhriz: ele é Adham ibn Muhriz ibn Usaid Al Bahili (cerca de 100 d.H./718 d.C.), pertence à geração que se seguiu os companheiros do profeta, cavaleiro, grande comandante militar e poeta da cidade de Hims. Ele era o maior cavaleiro das terras sírias em sua época. Veja: Al Zirikli: *Al A'lam* – 1 / 282.

495 Ibn Badran: *Tahzib Tarikh Dimashq Al Kabir li Ibn Assakir (Edição da Grande História de Damasco por Ibn Assakir)* 2 / 367.

496 Ibn Badran: Idem 3 / 180.

497 Ibn Assakir: *Tarikh Madinat Dimashq (História da Cidade de Damasco)* 58/74.

498 Ibn Assakir: Idem 8 / 269.

a sabedoria quando pequenos, para praticarem-na quando grandes"'. Ela também disse: "Cada um colhe o bem ou o mal que ele plantou[499]."

Os currículos de ensino no mundo islâmico não eram unificados, havia diferenças entre as regiões. Esses currículos incluíam Alcorão, leitura, escrita, episódios históricos, algumas regras religiosas, poesia, alguns princípios da matemática e algumas regras da língua árabe. Uma criança costumava passar cinco ou seis anos no máximo em *al kuttab* (na escola alcorânica), a partir da idade de cinco ou seis anos. Durante este período, a criança memorizava todo o Alcorão, ou parte dele. Quando a criança termina seu estudo e memoriza o Alcorão, o professor o examina, e se a criança passa no exame é feita uma celebração por causa da conclusão do Alcorão (*al khitmah*)[500]."

Por causa da importância da educação das crianças, muitos estudiosos e escritores muçulmanos se preocuparam com a educação infantil e com o estabelecimento de princípios educacionais importantes que auxiliam professores e pais no ensino de seus filhos. Por exemplo, o proeminente erudito muçulmano Al Imam Abu Hamid Al-Ghazali[501] dedicou um capítulo, em seu precioso livro *Ihyá Ulum Al-Din (Reviver as ciências da religião)*, intitulado "O esclarecimento da forma de educar as crianças na idade jovem, disciplinando-as e melhorando a sua moral". Neste capítulo, Al-Ghazali disse:

> Esteja ciente de que a forma de educar os filhos é uma das coisas mais importantes, e as crianças são uma responsabilidade confiada aos pais, seus corações puros são pedras preciosas sem nenhuma impressão e imagem. Esse coração está disposto a absorver tudo o que lhe é impresso, e tende o que lhe é ensinado, se lhe for ensinado a bondade e for acostumado nela, crescerá nisso e, portanto, vai ser feliz neste mundo e na Derradeira Vida, e seus pais e todo professor e educador terão participação em sua recompensa. E se ele for acostumado ao mal, e for negligenciado, será infeliz e se destruirá, e seus tutores serão responsáveis por ele.

Como resultado da habilidade de alguns desses professores e de educadores, alguns deles foram promovidos a cargos do Estado até que se

499 Ibn Assakir: Idem 70/158.

500 Ver: Rahim Kazim Muhammad Al Hashimi e Awatif Muhammad Al Arabi: *Al Hadarah Al Arabiah Al Islamiah (Civilização Árabe Islâmica),* p. 147-149.

501 Al Ghazali: Ele é Abu Hamid Muhammad ibn Muhammad ibn Muhammad Al Ghazali Al Tussi (450-505 d.H/1058-1111 d.C.), intitulado Hujjat Al Islam, estudioso Shafi'i, o filósofo sufi. Ele nasceu e morreu em Al Tabaran em Khurasan. Veja: Killikan Ibn: *Wafiyat Al A´aian* – 4/216/218, e Al Subki: *Tabaqat Al Shafi'yah* 6/191-211.

tornaram ministros, como Ismail ibn Abdul-Hamid, que ensinava os meninos e depois se tornou um ministro de Marwan ibn Muhammad[502], assim como Al-Hajjaj ibn Yussuf Al-Thaqafi, que se tornou primeiro-ministro de Abd-Al-Malik ibn Marwan.

Muitos desses professores recebiam salário para educar os meninos. É admirável sabermos que o Sheikh Abdullah Al-Ta'udi (falecido em 580 d.H.), da cidade de Fez, no Marrocos "ensinava os meninos, mas ele costumava cobrar dos filhos dos ricos e, em seguida, revertia o dinheiro para os filhos dos pobres!".[503]

O tempo de estudo em *al katatib* era identificado pelos sinais naturais. O nascer do sol era o marco do início do dia escolar, e era prorrogado ou reduzido, dependendo do horário do nascer do sol e da chamada da oração do *assr* (tarde)[504].

As crianças eram ensinadas nas mesquitas, mas isto não era uma regra. Certa vez, houve ruído em demasia nas mesquitas por causa das crianças em 483 d.H., então "foi solicitado um decreto religioso proibindo os professores dos meninos de ensinar nas mesquitas para preservar as mesquitas, e foi expedido um decreto com a proibição...".[505]

Quanto ao descanso e férias escolares, observou-se que os muçulmanos se preocuparam em dar aos meninos um descanso após a exaustão causada pelo estudo. Ibn Al-Haj Al-Abdari – um dos estudiosos *maliki* em Fez, no Marrocos (falecido em 737 d.H.) – diz: "Isto é recomendável, por causa do dizer do profeta (a paz esteja com ele): 'Relaxem os corações, uma hora depois da outra'"[506]. Se eles descansarem dois dias por semana, eles estarão ativos nos dias restantes[507]. E há dias de folga nos dias de festas e em casos de doença, vento, tempestades, frio e chuva intensa.

Se um professor está ausente em situações de emergência ele deve contratar alguém para substituí-lo se a sua ausência não continuar por muito tempo... Além disso, se ele viaja, ele deve encontrar alguém para substituí-lo se sua viagem é inevitável por um ou dois dias ou próximo disso. Mas

---

502 Ibn Kathir: *Al Bidaiah wa Al Nihaiah (O início e o fim)* 10/60.

503 Abu Al Abbas Al Nassiri: *Al Istiqsa li Akhbar Duwal Al Maghreb Al-Aqsa (Relatório de notícias dos países do Extremo Oeste)* 2 / 210.

504 Hassan Al Abd: *Al Tarbiyah Al Islamiya fi Al Qarn Al Rabi Al hijri (A educação islâmica no 4º século islâmico),* p. 185.

505 Ibn Kathir: *Al Bidaiah wa Al Nihaiah* 12/168.

506 Musnad Al Shihab Al Qada'i (629), e Al Asbahani: Hilyat Al Awliya 3 / 104. É fortificado pelo *hadith*: "Ó Hanzalah, uma hora, e outra hora", narrado por Muslim (2750).

507 Ibn Al Haj Al Abdari: *Al Madkhal (A Introdução)* 2 / 321.

se sua viagem dura muito tempo ou se teme não estar de volta logo, por algum motivo, como acidentes, isto não lhe é permitido[508].

Em sua viagem a Damasco, Ibn Jubair[509] descreveu-nos o progresso da educação sistemática de crianças lá. Ele relatou que o ensino do Alcorão para crianças em todo os países do Oriente foi baseado em doutrinação. Às crianças eram ensinadas a caligrafia através da escrita de poemas e outros, como forma de evitar o desrespeito ao Alcorão ao escrevê-lo e apagá-lo. Na maioria dos países, os professores de Alcorão não eram professores de caligrafia também. Os professores de caligrafia tinham boa reputação neste respeito, por causa do domínio da caligrafia e porque não tinham outra ocupação e dedicavam seus esforços ao ensino, e as crianças também se dedicavam à aprendizagem, por isso foi fácil para as crianças seguirem o exemplo de seus educadores[510].

Assim, a educação das crianças nas escolas do Alcorão atingiu seu maior nível. Os muçulmanos conheceram o sistema de divisão de temas de estudo, e encarregavam um professor especializado para cada disciplina. Os orientais tinham grande preocupação em melhorar a habilidade de escrita de suas crianças, e isso foi destacado por Ibn Jubair como uma das características mais importantes do sistema de educação no oriente islâmico.

O sistema de educação das crianças no Oriente continuou a usar o mesmo sistema contado por Ibn Jubair em 580 d.H. Percebemos que Ibn Battuta[511], em sua famosa viagem, relatou o que Ibn Jubair havia relatado 150 anos antes. Falando sobre os professores da Mesquita dos Omíadas em Damasco, Ibn Battuta disse:

> Havia um grupo de professores de Alcorão, cada um deles encostava-se num dos pilares da mesquita para ensinar os meninos. Eles não escreviam o Alcorão em folhas por respeito ao Livro de Deus, mas apenas recitavam. Além do professor de Alcorão havia o professor de caligrafia, que os ensinava a escrever poesias e outros. Então, os meninos

508 Hassan Husni Abd Al Wahab: *Muqadimat Kitab Adab Al Mu'allimin (Introdução do livro: A conduta dos professores),* p. 57, e Ali ibn Naif Al Shahud: *Al Hadarah Al Islamiah bain Asalat Al Madi wa Amal Al Mustaqbal (A civilização islâmica entre a originalidade do passado e as perspectivas para o futuro),* p. 38.

509 Ibn Jubair: Ele é Abu Al Hussain ibn Muhammad Ahmad ibn Jubair Al Andalussi (540-614 d.H./1145-1217 d.C.), viajante e homem de letras que visitou o Oriente três vezes, numa das quais ele compôs o seu livro *"Viagens de Ibn Jubair"*. Ele nasceu em Valência e morreu em Alexandria. Veja: Al Zirikli: *Al A'lam* 5/319-320.

510 Ibn Jubair: *Viagens de Ibn Jubair*, p. 245.

511 Ibn Battuta: Ele é Abu Abdullah Muhammad ibn Abdullah ibn Muhammad Al Tanji (703 – 779 d.H/1304-1377 d.C.), um viajante e historiador. Ele nasceu e cresceu em Granada e visitou muitos países. Ele foi morto em Marrakech. Veja: Al Zirikli: *Al A'lam* 6 / 235.

> passavam da educação para a escrita e, assim, eles tinham uma boa caligrafia, porque o professor de caligrafia só ensinava esta matéria[512].

Note-se que as crianças aprendiam o Nobre Alcorão nas mesquitas, e em seguida, aprendiam a caligrafia para aprender a ler e escrever corretamente.

Quanto à disciplina das crianças batendo-as, os estudiosos desenvolveram um conjunto de regulamentos neste aspecto, o que significa que os muçulmanos se preocuparam com a educação e disciplina dos filhos desde muito cedo. Ibn Muflih Al-Maqdisi (falecido em 763 d.H.) relatou em seu livro *Al-Adab Al-Shar'iyah (As Educações Religiosas)* que "o estudioso muçulmano Abu Abdullah (Ahmad ibn Hanbal) foi questionado sobre a surra de um professor a um menino. Ibn Hanbal disse: 'Que o faça de acordo com os seus erros, e deve evitar bater ao máximo, e se a criança é pequena e irracional, ele não pode bater'"[513]

Muitos jurisprudentes, estudiosos, educadores e professores advertiram contra os exageros e uso de artifícios em bater em crianças ou tratá-las cruelmente. Al-Abdari disse:

> Seja cauteloso sobre o ato de alguns professores nesta época (século oitavo islâmico), que usam ferramentas para atingir os meninos, como paus de amêndoas secos, galhos de tamareiras, chicotes e outras similares que eles inovaram. Isso é demais e não é digno de memorizadores do Nobre Alcorão, tal como indicado no *hadith* que diz: "Aquele que memorizar o Alcorão parece ter a profecia entre os seus ombros, porém não é revelado a ele"[514]. O professor deve ensinar caligrafia e o entendimento das questões como ele os ensina a memorizar o Alcorão. Assim, os meninos terão a capacidade de memorização e compreensão, algo que os ajuda a ler os livros e entender as questões[515].

As funções das escolas alcorânicas *(al katatib)* não abrangiam apenas a educação e o ensino, mas também tinham um papel social muito importante. Os muçulmanos não permitiram que houvesse isolamento e barreiras entre as escolas do Alcorão e a sociedade. Assim, as escolas do Alcorão interagiram com a sociedade e participaram de sua vida diária.

---

512 Ibn Battuta: *Viagens de Ibn Battuta*, p. 87.

513 Ibn Muflih: *Al Adab Al Shar'iyah (As Educações Religiosas)* 2 / 61

514 Narrado por Al Hakim (2028), que disse: é um *hadith* correto, porém não foi compilado por Al Bukhari e Muslim.

515 Ibn Al Hajj Al Abdari: *Al Madkhal* 2 / 317.

Se um estudioso que beneficiou as pessoas com o seu conhecimento, um presidente que beneficiou o seu país com suas opiniões e trabalho, ou um príncipe que foi justo em suas decisões, se um desses morresse, as escolas alcorânicas eram fechadas e os estudos eram suspensos no dia da sepultamento, a fim de participar da calamidade pública, manifestar condolências e prestar homenagem ao interesse público[516].

Quando o governante do Egito, Ahmad ibn Tulun[517], ficou muito doente, os professores do Alcorão no Egito decidiram ir para o deserto junto com seus meninos para invocar a Deus para curar Ibn Tulun[518].

Os professores zelaram em envolver as crianças nos assuntos públicos que afligem a sociedade. Ibn Sahnun[519] diz:

> Se há seca, e o governante ora por chuva, é recomendável que os professores levem os meninos que sabem rezar para invocar a Deus por chuva. Foi-me dito que quando o povo do profeta Yunus (a paz esteja com ele) tiveram a certeza da punição, eles saíram com os seus filhos para invocar a Deus[520].

É notório que os educadores cuidaram da saúde dos meninos nas escolas do Alcorão. Eles aconselharam qualquer criança doente a se isolar de seus colegas para que a doença não se espalhe entre eles. Ibn Al-Haj Al-Abdari diz: "Se um dos meninos se queixa de uma dor nos olhos ou qualquer órgão do corpo, e sua dor é reconhecida como real, o professor deve enviá-lo para casa e não deixá-lo sentar-se na classe"[521], de modo a deixar que sua família cuide dele e trate-o, para que não ocorra a propagação de doenças infecciosas entre os meninos.

Era solicitado aos professores das escolas do Alcorão que impedissem os meninos de comer alimentos e doces oferecidos por vendedores ambulantes. "Os professores não permitiam que os vendedores parassem na livraria para vender para os meninos, pois os meninos seriam

---

516 Husni Hassan Abd Al Wahab: *Muqadimat Kitab Adab Al Mu'allimin li Ibn Sahnun (Introdução ao livro de código de conduta dos professores,* autoria de Ibn Sahnun) p. 57.

517 Ahmad ibn Tulun: (morreu em 270 d.H.), o governador na Síria e Egito. Al Mu'taz Billah lhe atribuíu o governo do Egito. Ele era justo, benevolente, corajoso, modesto e de boa conduta. Verificava as coisas pessoalmente, construia os países e verificava os assuntos do seu povo. Ele amava os estudiosos. Veja: Al Safadi: Al Wafi bi Al Wafiyat 1 / 870.

518 Ibn Al Jawzi: *Al Muntazim* 5 / 73.

519 Ibn Sahnun: Ele é Abu Abdullah Muhammad ibn Abd Al Salam (Sahnun) ibn Said ibn Habib Al Tanukhi (202-256 d.H./817-870 d.C.), jurisprudente da escola maliki. Teve muitas obras. Veja: Al Zirikli: *Al A'lam* 6 / 204.

520 Ibn Sahnun: *Adab Al Mu'allimin*, p. 111

521 Ibn Al Haj Al Abdari: *Al Madkhal* 2 / 322.

prejudicados ao comprar deles"[522]. Os professores foram tão cuidadosos que "encarregaram um médico para vir à escola todos os meses"[523].

A preocupação e zelo da civilização islâmica pelas crianças desde a época do profeta (a paz esteja com ele) revela que esta civilização não faz distinção entre velhos e jovens. Esta civilização soube que as crianças de hoje são os líderes de amanhã, por isso trabalhou para educá-los correta e beneficamente, através da criação de *al katatib* (escolas do Alcorão), que são como as escolas primárias em nosso tempo. Nobres estudiosos se formaram nestas escolas, sábios que forneceram ao mundo conhecimentos úteis e, a partir daí, a prosperidade e o progresso.

522 Ibn Al Haj Al Abdari: Idem 2 / 313.

523 Abd Al Ghani Mahmud Abd Al Ati: *Al Ta'lim fi Misr Zaman Al Aiubin wa Al-Mamalik (A Educação no Egito na época dos Ayubis e mamelucos)*, p. 145, e Muhammad Munir Sa'd Al Din: Pesquisa intitulada "Dawr Al Kuttab wa Al Masajid ind Al Muslimin" *(O Papel das Escolas de Alcorão e das Mesquitas para os Muçulmanos)*, p. 3.

2

As Mesquitas

A história da educação na sociedade islâmica está intimamente associada à mesquita, ela é o principal centro de difusão da cultura islâmica e é um dos principais pontos de ensino. O mensageiro (a paz esteja com ele) fez da mesquita de Al Madinah um local de estudo, onde ele se reunia com os seus companheiros, recitava para eles o que lhe era revelado do Alcorão e ensinava-lhes as regras da religião em palavras e atos. A mesquita permaneceu cumprindo a sua missão na época dos califas probos e continuou assim na época do reinado dos Omíadas e dos Abássidas e, posteriormente, quando os cientistas interpretavam os versos do Alcorão Sagrado, e os *muhaddithun* (compiladores dos dizeres do profeta – a paz esteja com ele) narravam os ditos do mensageiro de Allah (a paz esteja com ele). Entre eles Imam Malik ibn Anas. Assim também era a Mesquita de Damasco, um importante centro cultural, no qual se formavam oficinas de ciência[524], e tinha vários pontos usados pelos alunos para copiar e ler. Al Khatib Al-Baghdadi[525] tinha um grande círculo no qual ensinava, e no qual as pessoas se reuniam para ouvi-lo todos os dias"[526].

Os companheiros do profeta (a paz esteja com ele) tinham círculos de conhecimento (reuniões de aprendizagem) na mesquita do profeta (a paz esteja com ele). Makhul narra que um homem disse: "Estávamos sentados no círculo de Omar ibn Al Khattab na mesquita de Al Madinah

524 Abdullah Al Mashukhi: *Mawqif Al Islam Al wa Kanisah min Al Ilm (a posição do Islão e da igreja sobre o conhecimento)*, p. 54.

525 Al Khatib Al Baghdadi: Ele é Ahmad ibn Ali ibn Thabit Al Baghdadi (392-463 d.H./ 1002-1072 d.C.), um proeminente historiador, conhecer a literatura, escrevendo poesia, e os interessados em leitura e escrita. Uma de suas obras é *Tarikh Bagdá (A história de Bagdá)*. Veja: Ibn Al Imad: *Shazarat Al Zahab (pedaços de ouro)* 3/311-313.

526 Ahmad Shalabi: *Tarikh Al Tarbiyah Al Islamiya (História da educação islâmica),* p. 91.

discutindo as virtudes do Alcorão, então foi citado o assunto da maravilha de 'Em nome de Allah, o Clemente, o Misericordioso'"[527].

E Abu Hurairah tinha um círculo na mesquita do profeta (a paz esteja com ele), onde ensinava o *hadith* (os ditos) do mensageiro de Allah (a paz esteja com ele). Esta reunião refletia a amplitude da memória de Abu Hurairah e seus sentimentos sinceros para com o profeta (a paz esteja com ele). Um homem se encontrou com Muáuiah e disse:

> Passei por Al Madinah, e encontrei Abu Hurairah sentado na mesquita e ao redor dele um círculo de pessoas para as quais ele falava. Ele disse: O meu íntimo Abul Qassem me disse... em seguida ele refletia e chorava. Em seguida, voltou a dizer: "O meu íntimo, o profeta de Allah Abul Qassem me disse..." e chorou. Então, se levantou![528].

Abu Ishaq Assubaií qualificou a organização científica das reuniões do companheiro do profeta (a paz esteja com ele) Al Baraá ibn Ázib dizendo: "Sentávamos na reunião de Al Baraá, um atrás do outro"[529]. Este é um texto que também nos indica o tamanho deste círculo. E também, das reuniões conhecidas naquela época na mesquita do profeta (a paz esteja com ele), temos a reunião de Jabir ibn Abdullah Al Anssari[530].

Muázh ibn Jabal tinha uma reunião famosa na mesquita de Damasco. Abu Idris Al Khaulani a qualificou dizendo: "Entrei na mesquita de Damasco, encontrei um jovem de face iluminada e de longa quietude. E vi as pessoas ao seu redor, quando divergiam em alguma questão seguiam a sua opinião. Eu perguntei sobre ele e me foi dito: 'Este é Muázh ibn Jabal'"[531].

Por isso, as reuniões de ciência nas mesquitas eram iguais à organização de ensino superior atualmente. E todos os grupos da sociedade islâmica zelavam em procurar o conhecimento, até mesmo os sábios e a elite compareciam a esses pontos de ensino. Ibn Kathir citou que quando Ali ibn Hussain entrava na mesquita ultrapassava as pessoas até poder sentar na reunião de Zaid ibn Asslam, então Nafií ibn Jubair ibn Mut'ím disse-lhe: "Que Allah te perdoe! Tu és senhor entre as pessoas e o senhor de Quraish, chega passando pelos círculos dos sábios para sentar com

527 Ibn Assakir: *Dimashq Madinat Tarikh*, 7 / 216.

528 Al Zhahabi: *Siyar A'lam Al Nubala (biografias de figuras proeminentes)* 2 / 611.

529 Al Khatib Al Baghdadi: *Al Jami li Akhlaq Al Rawi wa Adab Al Sami' (A Conduta do Narrador e o Comportamento do Ouvinte)* 1 / 174

530 Akram Al Omari: *Asr Al Khilafah Al Rashidah*, p. 278.

531 Al Faswi: *Al Ma'rifah wa Al Tarikh (O conhecimento e a história)*, 2 / 185.

este servo negro?!" Ali ibn Hussain respondeu: "O homem sentasse tão somente onde se beneficia, e o conhecimento é buscado onde estiver"[532].

Muitas reuniões ficaram famosas na história islâmica, a mais famosa reunião na Mesquita Sagrada era a de Abdullah ibn Ábbass. Quando ele morreu, esse círculo de ensino passou para Átaá ibn Abi Rabah[533].

A idade do professor não era considerada nestas reuniões, porém era observado o seu conhecimento e sua devoção. Al Hafizh Al Fassaui (falecido em 280 d.H.) cita que um dos participantes das reuniões científicas nas mesquitas disse: "Conheci esta mesquita e o que ela tem de círculos científicos, *al fiqh* (entendimento da religião) só era citado no círculo de Musslim ibn Iassar. E havia junto com ele pessoas que eram maiores que ele, porém este círculo era atribuído a ele"[534].

Os professores às vezes solicitavam quem tinha experiência e conhecimento profundo. Ibn Assakir[535] cita que viu Abu Idris Áizhullah ibn Abdullah Al Khaulani[536] na época de Abdul Malik ibn Marwan, enquanto se lia e se ensinava o Alcorão nas reuniões da mesquita em Damasco, Abu Idris sentava-se frente a uma de seus pilares. Sempre que passavam por um versículo que tem prostração o solicitavam para que ele o recitasse. Eles faziam silêncio enquanto ele recitava, fazia a prostração e eles faziam a prostração com ele. Às vezes, fazia doze prostrações e, quando terminavam a leitura, Abu Idris falava[537].

Não ficamos tão admirados com esta história ao sabermos que Abu Idris Al Khaulani era o homem mais sábio na matéria de leituras do Alcorão em Damasco, por isso, os professores em Damasco se constrangiam de ler um versículo de prostração enquanto Abu Idris estava ao lado deles ouvindo. Eles o faziam participar em suas aulas como forma de homenageá-lo, engrandecer o seu conhecimento e se beneficiar dele.

Por causa da fama destas reuniões, muitos alunos se dirigiam até elas de todo o mundo islâmico. O círculo de Nafií ibn Abdurrahman Al

---

532 Ibn Kathir: *Al Bidaiah wa Al Nihayah*, 9 / 124.

533 Idem, 9 / 337.

534 Al Faswi: *Al Ma'rifah wa Al Tarikh (o conhecimento e a história)* 2 / 49.

535 Ibn Assakir: Ele é Abu Al Qasim Ali ibn Al Hassan ibn Hibatullah Al Dimashqi (499-571 d.H/1105-1176 d.C.), historiador e viajante. Ele foi o estudioso sênior do *hadith* na região da Síria. Um de seus livros é *Tarikh Dimashq Al Kabir (A Grande História de Damasco)*. Veja: Al Zhahabi: *Siyar A'lam Al Nubala* 21/405.

536 Abu Idris Al Khawlani: Ele é A'izhullah ibn Abdullah ibn Amr Al Khawlani Al Awdi Al Dimashqi (80 d.H./630-700 d.C.), *tabi'i* (geração que sucedeu a geração dos companheiros do profeta), jurisprudente, foi o pregador de Damasco na era de Abdul Malik. Veja: Al Zirikli: *Al Alam* 3 / 239.

537 Ibn Assakir: *Tarikh Madinat Dimashq* 26/163.

Qarií[538] na mesquita do mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) era um dos mais famosos na leitura e ensino do Alcorão. Os alunos vinham de todas as partes. Al Imam Uarsh Al Massri[539] relata a sua experiência na reunião do Imam Nafií na mesquita do profeta (a paz esteja com ele):

> Saí do Egito para recitar (o Alcorão) frente a Nafií. Quando cheguei a Al Madinah fui à mesquita de Nafií, então, vi que é impossível ler para ele tamanha é a quantidade dos alunos, e ele só ouvia de trinta alunos. Então, eu sentei atrás do círculo e perguntei a uma pessoa: "Quem é a pessoa mais próxima de Nafií?". Respondeu: "O maior dos *jaáfariin*". Eu disse: "Como posso chegar até ele?". Respondeu: "Eu vou contigo até a sua casa". Então, fomos até a casa dele, um homem idoso saiu, e eu disse: "Eu sou do Egito, vim para ler para Nafií e não consegui chegar até ele, e fui informado que tu és das pessoas que tem mais crédito com ele, gostaria que tu fosses o meu caminho até ele". O homem disse: "Sim, com toda honra". Ele vestiu seu turbante e foi conosco até Nafií, que tinha duas alcunhas (Abu Ruaim e Abu Abdilléh) com qualquer que fosse chamado atendia. O Jaáfari disse: "Esta é minha intercessão a ti, veio do Egito, não veio a comércio e nem para o *hajj*, veio exclusivamente para ler (o Alcorão)". Ele respondeu:" O que acha que irei ter da reação dos filhos dos *muhajirin* e dos *anssar*? O homem disse: "Encontre uma saída para ele". Nafií perguntou: "Você pode dormir na mesquita?". Eu disse: "Sim". Então, dormi na mesquita e, quando era o horário da alvorada, Nafií chegou e disse: "O que fez o forasteiro?". Eu disse: "Estou aqui, que Allah tenha misericórdia de ti". Ele disse: "Você tem prioridade na leitura". Eu tinha uma bela voz e era de boa leitura, quando iniciei minha voz preencheu a mesquita do mensageiro de Allah (a paz esteja com ele), li trinta versículos e, quando ele fez um sinal, parei. Um jovem se levantou e disse: "Professor – que Allah te conceda a glória – nós estamos contigo, e este homem é forasteiro, e viajou apenas para ler frente a ti, eu quero ceder o meu décimo (*úshr*) a ele". O professor disse: "Sim, com toda honra". Então, eu li mais um décimo, e outro garoto se levantou e disse igual ao primeiro, então eu recitei e sentei e, quando não havia mais ninguém que tinha recitação para fazer, ele me disse: "Leia". Então, ele ouviu de mim cinquenta versículos, e continuei a ler para

538 Nafií Al Qarií: Ele é Nafi ibn Abdul Rahman ibn Abu Na'im Al Madani Al Qarií (morreu em 169 d.H./785 d.C.), um dos sete proeminentes leitores do Alcorão.

539 Warsh: Ele é Uthman ibn Said ibn Uday Al Misri (110-197 d.H/728-812 d.C.), um leitor sênior Alcorão, originalmente de Al Qayrawan. Ele nasceu e morreu no Egito. Veja: Al Zirikli: *Al A'lam* 4 / 205.

> ele de cinquenta em cinquenta até que li várias vezes o Alcorão inteiro antes de sair de Al Madinah [540].

Esse relato desse esforçado aluno conhecido como Al Imam Uarsh nos dá uma clara imagem dos círculos científicos no segundo século após a *hijrah*, uma imagem cheia de empenho, suportar de dificuldades durante a viagem do Egito para Al Madinah para aprender a recitação do Imam de Al Madinah, Al Imam Nafií. Da mesma forma, esse relato também reflete a relação sincera cheia de respeito e apreço entre o professor e os seus alunos e, também, define que o dia letivo no círculo do Imam Nafií tinha início logo depois da oração da alvorada.

As reuniões científicas eram muitas por causa da especialização de cada reunião em uma ciência. Algumas reuniões também eram muito numerosas, fato que chamava a atenção de quem se dirigia até elas. Isso ocorreu com o Imam Abu Hanifah Annu'man, que disse:

> Eu nasci no ano oitenta, realizei o *hajj* com meu pai no ano noventa e seis, quando tinha dezesseis anos. Quando entrei na Mesquita Sagrada vi uma grande reunião. Perguntei ao meu pai: "De quem é esta reunião?". Ele disse: "É a reunião de Abdullah ibn Juz'Al-Zubaidi, companheiro do profeta (a paz esteja com ele)". Então, me adiantei e ouvi ele dizer: "Ouvi o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) dizer: 'Quem buscar o conhecimento da religião de Allah, Allah lhe bastará a sua preocupação, e o sustentará por onde não supõe...'"[541].

Na mesquita de Bagdá havia mais de quarenta reuniões, e todas se reduziram à reunião do Imam Asshafií por causa de seu amplo conhecimento. Azzajjaj[542], um sábio linguístico conhecido, narra que quando Asshafií chegou a Baghdad (Bagdá) havia na mesquita quarenta ou cinquenta e algumas reuniões. Ele sentava em cada reunião e dizia: "Disse Allah", "disse o mensageiro de Allah" (a paz esteja com ele) enquanto eles diziam: "Nossos companheiros disseram". Até que não sobrou na mesquita outra reunião além da dele[543].

Assim também aconteceu no Egito, onde Al Imam Asshafií se encontrava com os alunos na mesquita de Ámr ibn Al Áss.

---

540 Al Zhahabi: *Ma'rifat Al Qurra Al Kibar ala Al Tabaqat wa Al A'sar* 1 / 154, 155.

541 Ibn Al Najjar, Al Baghdadi: *Zhail Tarikh Baghdad (suplemento da história de Bagdá)* 1 / 49.

542 Al Zajjaj: Ele é Abu Ishaq ibn Ibrahim Al Surri ibn Sahl (241-311 d.H/855-923 d.C.), estudioso da gramática e da língua. Ele nasceu e morreu em Bagdá. Um de seus livros é *Ma'ani Al Qur'an (significados do Alcorão)* Veja: Al Safadi: *Al Wafi bi Al Wafiyat* 5 / 228.

543 Al Mazzi: *Tahzib Al Kamal* 24/375.

Além disso, algumas mesquitas ficaram famosas por ensinarem variadas ciências, e alguns professores se especializavam no ensino em tais ciências, e as autoridades também nomeavam alguns professores. Era do direito do povo se opor às reuniões científicas que não eram compatíveis com a sociedade e com a situação pela qual passava entre infortúnios e acontecimentos, porque a prioridade de chamar a atenção das pessoas sobre a realidade delas e sobre aquilo que os beneficia no momento é mais importante que qualquer outra coisa. Ahmad ibn Said Al Umaui disse:

> Eu tinha um círculo científico quando estava em Makkah, os literários se reuniam comigo na Mesquita Sagrada quando, certo dia (durante o califado de Al Muhtadi – falecido em 256 d.H.), enquanto estávamos a discutir algo sobre gramática e nossas vozes se elevaram, um homem muito simples parou diante de nós, nos observou e disse:
> *Não tens vergonha ó fontes de ignorância, estai ocupados com isso e as pessoas estão com a mais alarmante das preocupações.*
> *Vosso imam está morto e preso, e a nação islâmica tornou-se dividida,*
> *E vós permaneceis a discutir em voz alta, sobre poemas e gramática.*
> O homem saiu e nós nos dispersamos amedrontados pelo que ouvimos, e memorizamos este poema[544].

A razão desse poema foi que esse homem queria chamar a atenção dos sábios e cientistas sobre o que estava acontecendo na sociedade. Havia uma grande luta na capital, Bagdá, entre os líderes turcos e entre a autoridade do califado, que era liderado por Al Muhtadi, então ele queria que todos participassem fortemente nas ocorrências da sociedade ao redor deles.

As reuniões de Abul Ualid Al Baji[545] ficaram famosas em todas as regiões da Andaluzia depois de sua viagem ao Oriente, quando ele ganhou uma personalidade de memorizador e *muhaddith* (relator dos ditos do profeta (a paz esteja com ele), e se qualificou merecidamente para ser o imam dos *muhaddithin* na Andaluzia, ficou famoso e foi convidado a debater com Ibn Hazm sobre a escola *maliki*. Ele residiu em Andaluzia e lecionou em Sevília e em Murcia. Ele mesmo disse: "Naquela época, eu tinha uma reunião na mesquita do local onde eu residia, onde se reuniam comigo para estudar Al muattá...". Uma grande multidão também ouviu dele *sahih al Bukhari* em Dania, e no mês de rajab (463 d.H.) em Zaragoza, e no ano 468 d.H.

544 Al Khatib Al Baghdadi: *Tarikh Baghdad* 4 / 557, 558.

545 Abu Al Walid Al Baji: Ele é Sulayman ibn Khalaf ibn Said Al Tajyi Al Qurtubi (403-474 d.H./1012-1081 d.C.), um estudioso, *muhaddith* (estudioso do *hadith*) e *faqih* (jurista) *maliki* sênior jurisprudenciais. Ele é natural de Badajoz. Nasceu em Beja, na Andaluzia. Assumiu o poder judiciário. Veja: Al Ziriklii: Al A'lam – 3 / 125.

na mesquita de *Rahbat al Qadhi,* em Valência, e em outras cidades. Dos fatos que destacam a posição de Abul Ualid Al Hafidh: a competição dos alunos do *hadith* do Oriente e do Ocidente e sua corrida para aprender com ele. Muitos deles viajavam até ele de regiões muito distantes, isso sem contar as regiões mais próximas dentro e fora de sua cidade: Sevilha, Lisboa, Randa, Valência, Baghdad, Tudela, Aleppo, Daniah, Tartushah, Toledo, Al Kufah, Lurqa, Málaga, Sagunto, Murjiq, Murcia...[546].

As mulheres tiveram um papel no ensino, nas reuniões de aprendizagem nas mesquitas. As fontes históricas registraram dezenas de professoras que tiveram sessões especiais. Um Al-Darda, cujo nome é Hujayman bint Huyay, teve uma sessão na mesquita de Damasco. Ela narrou sob a autoridade de Abu Al-Dardá, Salman Al-Farisi e ibn Fudalah ibn Ubaidah (que Allah esteja satisfeito com eles). Abdul-Malik ibn Marwan aprendeu com ela e assistia às suas aulas regularmente, mesmo depois de se tornar califa.

> "Ele costumava sentar-se no final da mesquita em Damasco. Ela disse a ele: "Ouvi dizer que você começou a beber vinho após a adoração e cultos". Ele disse: "Sim, por Deus, e eu bebia sangue também". Então, um menino, que ele mandou fazer algo, voltou. Marwan disse: "O que te atrasou? Que Allah te amaldiçoe!". Um Al-Dardá disse: "Não faça isso, ó emir dos crentes, eu ouvi Abu Al-Dardá dizer: 'Eu ouvi o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) dizer: 'O amaldiçoador não entrará no Paraíso'"[547].

Ibn Battuta disse também que ele aprendeu Sahih Muslim na Mesquita dos Omíadas em Damasco com a sheikh professora Zainab bint Ahmad ibn Abdul-Rahim (falecida em 740 d.H.). Ele também teve um certificado da professora Aisha bint Muhammad ibn Muslim Al-Harrani (falecida em 736 d.H.), que ensinava o livro de *Fada'il Al-Awqat (As virtudes dos tempos)*, de autoria de Al-Imam Al-Bayhaqi[548].

Estudantes de todos os lugares frequentavam estas mesquitas, onde todos os meios foram fornecidos para que eles continuassem seus estudos e se dedicassem neles. Eles eram pagos, tinham alojamentos construídos exclusivamente para eles[549]. Dentre estas mesquitas, que eram semelhantes às universidades atuais:

---

546 Sulayman ibn Khalaf Al Baji: *Al Ta'dil wa Al Tajrih* 1 / 106.

547 Ibn Kathir: *Al Bidaiah wa Al Nihayah* 9 / 66.

548 Ibn Battuta: *Viagens de Ibn Battuta*, p. 70, Al Safadi: *Al Wafi bi Al Wafyat* 16/348.

549 Ver: Abdullah Al Mashukhi: *Mawqif Al Islam wa Al Kanisah min Al Ilm*, p. 54.

- **Mesquita dos Omíadas** em Damasco. Foi construída por Al--Walid ibn Abdul-Malik. Havia diferentes sessões nesta mesquita. A jurisprudência *maliki* tinha um canto, bem como a *shafi'i*. Al-Khatib Al-Baghdadi também teve uma sessão na mesquita, onde ele ensinava *hadith*. As aulas ministradas na mesquita não se limitaram à ciência religiosa, mas também incluiu língua, literatura, aritmética e astronomia.
- **Mesquita de Amr Ibn Al-As** em Al-Fustat, no Egito. Tinha mais de quarenta sessões de aprendizagem, frequentada por alunos para o estudo e pesquisa. Havia a aula de Al-Imam Al--Shafi'i. Em meados do século islâmico quarto, o número de sessões realizadas na mesquita atingiu cento e dez, alguns dos quais foram reservados para mulheres. Em seguida, surgiu o sistema de Ijazah (certificados). Este sistema permitiu que os alunos usassem os livros de seus mestres depois do certificado, para relatar os pontos de vista de seu mestre[550].
- **Mesquita Al-Azhar**, a sua construção foi concluída em 361 d.H. e se tornou uma referência para estudantes de países islâmicos. Os califas atribuíram várias doações para Al-Azhar e nomearam diversos professores de diversas especializações científicas. Como resultado da grande fama da Mesquita Al-Azhar e por causa das facilidades encontradas pelos seus alunos, estudantes de todos os lugares frequentaram a mesquita. O número de alunos que frequentavam a mesquita em 818 d.H./1415 d.C. – de acordo com Al-Maqrizi[551] – chegou a setecentos e cinquenta, incluindo os estrangeiros[552], estudantes da parte rural do Egito e marroquinos. Cada grupo deles tinha um lugar especial nomeado por eles. A mesquita continuou a ser um centro científico brilhante, transmitindo a sua mensagem ao longo da história, onde muitos estudiosos se graduaram e muitas obras foram escritas. Foi verdadeiramente uma escola para a ciência e seu povo[553].

---

550 Rahim Kazim Muhammad Al Hashimi e Awatif Muhammad Al Arabi: *Al Hadarah Al Arabiyah Al Islamiya*, p. 150.

551 Al Maqrizi: Ele é Taqi Al Din Ahmad ibn Ali Al Maqrizi (766-845 A.H), historiador sênior egípcio, viveu na era dos mamelucos. Alguns de seus livros famosos: *Al Suluk li Ma'rifat Dwal Al Muluk (A forma de conhecer os Estados dos reis),* e *Al Mawa'iz wa Al I'tibar bi Zikr Al Khutat wa Al Athar,* conhecido como *Khutat Al Maqrizi (Planos de Al Maqrizi).*

552 Ibn Kathir: *Al Bidaiah Wa Al Nihayah* 11/310.

553 Ver: Abdullah Al Mashukhi: *Mawqif Al Islam wa Al Kanisah min Al Ilm*, p. 57.

- **Mesquita de Al-Zaytunah**, na Tunísia. Foi construída na época dos califas omíadas. O fundador da Mesquita de Al--Zaytunah foi o emir Ubaidullah ibn Al-Habhab, que foi nomeado governador do Norte de África por Hisham ibn Abdul-Malik. A mesquita teve muitas expansões em 250 d.H./864 d.C., quando Ziyadatullah ibn Al-Aghlab (na época da dinastia *Al Aghalibah*) ampliou a mesquita. A mesquita tinha um status elevado no que diz respeito ao ensino dos diferentes tipos de ciência, que foram ensinados por investigadores seniores, como Abd-Al-Rahman ibn Ziyad Al--Ma'afiri[554], que era um erudito sênior de *hadith*, Abu Said Al-Sahnun Tanukhi, Al-Imam Al-Maziri[555] e outros[556].

Estudantes de todos os lugares frequentaram essa mesquita na busca de conhecimento, onde livros de interpretação do Alcorão, *hadith*, *fiqh* (jurisprudência) e língua foram estudados. Al-Hasha'ishi[557] descreve a situação da educação na Mesquita Al-Zaytunah dizendo que todos os tipos de ciência foram ensinados lá, e dizia-se que perto de quase todos os pilares na mesquita havia um professor. E a biblioteca da mesquita incluiu mais de duzentos mil livros[558].

- **A Mesquita de Al-Qarawiyin**. Foi construída em Fez, no Marrocos, na era da dinastia Idrissi em 245 d.H./ 859 d.C. Em 322 d.H./934 d.C., o emir Ahmad ibn Abu Bakr Al-Zanati ampliou a mesquita. No início do sexto século islâmico, a mesquita foi ampliada novamente, até que ganhou uma reputação excelente. A mesquita tinha um status científico elevado, e alunos de todos os lugares buscavam o conhecimento nela. A mesquita

554 Ibn Abdul Rahman Zyad (Ibn An'am): Ele é Abdul Rahman ibn Ziad ibn An'am Al Ma'afiri Al Ifriqi (75-161 d.H/694-778 d.C.). Ele era conhecido por ousar com reis. Nasceu e cresceu em Barqa, e assumiu a magistratura em Al Qayrawan por duas vezes.

555 Al Maziri: Ele é Abu Abdullah Muhammad ibn Ali ibn Omar Al Maziri (453-536 d.H/1061-1141 d.C.), um estudioso da *hadith*, jurisprudenciais, e homem de letras. Um de seus livros é: *Nuzum Al fi Fara'id Ilm Al A'qa'id (Livro sobre a Fé)*. Veja: Al Zhahabi: *Tazkirat Al Huffaz (lembrete de estudiosos hadith*) 1 / 52, e Kahalah: *Mu'jam Al Mu'allifin (léxico de escritores)* 11/32.

556 Ver Muhammad ibn Uthman Al Hasha'ishi: *Tarikh Al Jami Zaytunah (A história da mesquita de Al Zaytunah),* p. 36.

557 Al Hasha'ishi: Ele é Muhammad ibn Uthman Al Hasha'ishi Fadil Al Sharif (1271-1330 d.H./1855-1912 d.C.), da Tunísia. Estava interessado em examinar os livros na biblioteca de Al Zaytunah mesquita. Veja: Al Zirikli: *Al A'lam* 6 / 263.

558 Ver Abdullah Al Mashukhi: *Mawqif Al Islam wa Al Kanisah min Al Ilm*, p. 56.

tinha um orçamento especial, como resultado das doações concedidas para além dos fundos doados por príncipes e outros. Como resultado da grande fama da mesquita, estudantes de outros países, inclusive da Europa, frequentaram este instituto científico. É citado que o Bispo Gerber[559], que mais tarde se tornou o Papa Silvestre II de Roma (em 999-1003 d.C.), estudou na Mesquita Al-Qarawiyin depois que ele estudou na Universidade de Córdoba[560].

559 Ver Abd Al Hadi Al Tazi: *Ahada Ashra Qarnan fi Jami'at Qazwin (Onze séculos na Universidade do Mar Cáspio)*, p. 19.

560 Ver Al Abdullah Mashukhi: *Mawqif Al Islam wa Al Kanisah min Al Ilm*, p. 56.

3
As Escolas

A civilização islâmica passou a conhecer as escolas desde o quinto século islâmico (depois da *hijrah*). A razão disso foi o alto número de sessões de aprendizagem que lotavam as mesquitas. A mesquita de Al-Azhar foi a primeira mesquita a ser transformada em uma escola em 378 d.H. E assim, as escolas encheram as cidades do mundo islâmico desde o seu oriente ao seu ocidente, sendo constituídas com as numerosas doações concedidas pelos ricos, entre eles líderes, estudiosos, comerciantes, reis e príncipes.

Na verdade, as escolas na civilização islâmica são tão antigas quanto à civilização em si. Ibn Kathir mencionou nos eventos que ocorreram em 383 d.H. que o ministro Abu Nasr Sabur ibn Ardashir[561] tinha comprado uma casa em Al-Karkh (no Iraque). Renovou a casa e mudou um monte de livros para ela e a tornou *uaqf* (doação) para o uso dos jurisprudentes. Chamou-a Casa do Conhecimento. E creio (Ibn Kathir) que esta é a primeira escola concedida aos estudiosos. Esta escola foi aberta muito tempo antes de *annizhamiyah*[562].

Como extensão à propagação das escolas, foi construída a primeira escola em Damasco em 391 d.H. por Shuja'-Al-Dawlah Sadir ibn Abdullah[563] e foi chamada Escola Al-Sadiriyah[564]. Depois disso, o leitor do Alcorão de Damasco, Rash' ibn Nazif[565], fundou a Escola Rasha'iyah em cerca de 400

561 Sabur ibn Ardashir: Ele é Abu Nasr Sabur ibn Ardashir (morreu em 416 d.H.), era ministro de Baha Al Dawlah Abu Nasr ibn Adud Al Dawlah. Ele era um ministro sênior, generoso, respeitoso e amável. Ele tinha uma casa de educação em Bagdá. Veja: *Al Zhahabi: Siyar Al A'lam* 17/387, e Ibn Khillikan: *Wafiyat Al A´aian* 2 / 354.

562 Ibn Kathir: Al Bidayah wa Al Nihayah 11/312.

563 Sadir ibn Abdullah: Fundador da Escola Al Sadiriyah, que está localizada no portão oeste da Mesquita dos Omíadas. Ele fundou a escola em Damasco em 491 d.H. Veja: Ibn Assakir: *Tarikh Dimashq* 52/46.

564 Abd Al Qadir Al Nu'aymi: *Al Daris fi Tarikh Al Madaris (pesquisador da história das escolas)* 1 /413.

565 Rash' ibn Nazif: Ele é Abu Al Hassan Rash' ibn Nazif ibn Masha'allah Al Dimashqi (370-444 d.H./980-1052 d.C.), leitor do Alcorão, erudito, original de Al Maárra "Arraiolos", estudou no Egito, Síria e Iraque e viveu em Damasco. Veja: Al Zirikli: *Al A'lam* 21/03.

d.H. Portanto, os alunos deixaram as sessões de aprendizagem, que eram realizadas nas mesquitas, para aprenderem em lugares destinados ao estudo de uma ciência específica, onde eles e seus professores recebiam dinheiro e lhes eram garantidos todos os meios de educação[566].

No início, geralmente, essas escolas eram particulares, em seguida, a instituição do governo e califado se responsabilizou por sua criação e administração. Isso começou na época do famoso ministro Nizam-Al-Mulk Al Tussi[567], quando as escolas se tornaram públicas, a fundação do governo as financiava e contratava os professores para lecionar nelas.

Esse ministro concedeu à civilização islâmica o que imortalizou o seu nome e superou toda a sua obra no mundo da governança e da política. Ele fundou várias escolas em todos os cantos do país. Essas escolas foram atribuídas a ele e foram nomeadas *al madaris annizamyiah* (em árabe: escolas regulares). São consideradas o primeiro tipo de instituições científicas e escolas regulares na história do Islam. As escolas regulares foram concebidas para o estudo da jurisprudência islâmica e *hadith*. Era fornecido aos alunos dessas escolas meios de subsistência e de ensino. Os estudantes tinham direito a alimento e muitos deles tinham salários mensais nessas escolas.

Como resultado do enstusiasmo de Nizam-Al-Mulk e de seu interesse na criação de escolas em diferentes regiões, as regiões do Iraque e de Khorasan foram preenchidas com dezenas de escolas. Foi dito que havia uma escola em cada cidade no Iraque e em Khorasan. Ele construía escolas mesmo em lugares remotos. E toda vez que ele encontrava um estudioso que se destacava e tinha extremo conhecimento, construía uma escola para ele e a tornava erário (*uaqf*), estabelecendo uma biblioteca, onde os alunos estudavam gratuitamente. Além disso, os alunos pobres recebiam um salário definido proveniente das receitas atribuídas a essas escolas[568].

Uma das principais escolas estabelecidas por Nizam-Al-Mulk foi a Escola Nizami em Bagdá, cuja construção começou em 457 d.H. e foi concluída em 459 d.H[569]. O interesse do califa abássida nessa escola o levou a nomear o corpo docente pessoalmente. Nela se lecionava jurisprudência, *hadith* e outras ciências afins. Figuras proeminentes do pensamento e da cultura lecionaram

---

566 Arif Abd Al Ghani: *Nizam Al Ta'lim ind Al Muslimin (Sistema de educação dos muçulmanos)*, p. 89.

567 Nizam Al Mulk Al Tussi: Ele é Abu Ali Al Hassan ibn Ali Al Tussi, também conhecido como Nizam Al Mulk (408-485 d.H/1018-1092 d.C.), original de Tus, trabalhou na política, teve contatos com Sultan Alb Arslan, que o nomeou ministro. Ele estabeleceu a grande escola em Bagdá e em outras cidades. Veja: *Al Zhabah*: 19/94 *A'lam Siyar Al Nubala e Al Zirikli: Al A'lam* 2 / 202.

568 Ver Mustafa Al Siba'i: *Min. Rawa'i Hadaratuna (Das maravilhas da nossa civilização),* p. 103, 104.

569 Ibn Kathir: *Al Bidaiah wa Al Nihayah* 12/92.

nesta escola, tais como Hujjat Al-Islam Abu Hamid Al-Ghazali, autor do livro *Ihyá Ulum Al-Din (Reviver as ciências da religião)*[570], enquanto o imam Abu Al--Máali Al-Juwayni[571] era professor na Escola Nizami em Nissabur.[572]

Essas escolas, que se espalharam em Bagdá, Isfahan, Nissabur e Marw, contribuíram para consolidar as bases do Islam sunita e defendê--lo das várias heresias e seitas desviadas que se espalhavam naquela época. Nizam-Al-Mulk costumava gastar trezentos mil dinares por ano nas escolas, jurisprudentes e estudiosos. Quando o sultão Seljúcida Mulk Shah discutiu esse assunto com ele, Nizam-Al-Mulk, o ministro sábio, disse: "Allah te deu e me deu através de ti o que Ele não me deu a nenhuma de suas criaturas. Então, não devemos compensá-Lo por isto gastando trezentos mil dinares para os estudiosos de Sua religião e para os memorizadores de Seu Livro?"[573].

A propagação das escolas na civilização islâmica desde o século quarto islâmico (correspondente ao décimo século cristão) demonstra a primazia da civilização islâmica na difusão do conhecimento entre as diferentes classes da sociedade, algo que as civilizações do Oriente e do Ocidente não conheciam antes. Naquela época, a Europa tinha muito pouco conhecimento. A Igreja ainda monopolizava as razões do conhecimento e, como resultado disso, os europeus viviam na escuridão, ignorância, atraso e conflitos de moagem entre várias tribos, principalmente as tribos germânicas, que ora lutavam contra o Estado Romano e, ora lutavam contra as outras tribos. O sistema de castas também era santificado na Europa, o que resultou na decadência e na negligência do sistema educacional europeu[574].

Incrivelmente, o movimento educacional não foi afetado até mesmo em períodos de fraqueza política e militar do Governo islâmico, mas, ao contrário, a Escola de Al-Mustansiriyah foi construída em 631 d.H./1233 d.C., enquanto os tártaros naquela época estavam varrendo o mundo oriental islâmico, suscitando uma ameaça direta ao califado abássida, que atingiu o grau mais baixo de fraqueza. No entanto, essa escola imortal foi criada nessa situação. Comentando sobre essa escola, Ibn Kathir (que Allah tenha misericórdia dele) disse:

---

570 Idem, 12/169.

571 Abu Al Ma'ali Al Juwayni: Ele é Abd Al Malik ibn Abdullah ibn Yussuf Al Juwayni (419-478 d.H./1028-1085 d.C.), Abu Al Ma'ali ibn Rukn Al Islam, Abu Muhammad Al Juwayni, o imam das duas mesquitas sagradas, o orgulho do Islam, e o líder absoluto de todos os imams. Veja Taqi Al Din Al Sayrafini: *Al Muntakhab (Seleção)* 1 / 361.

572 Ibn Al Jawzi: *Al Muntazim* 9 / 167.

573 Abd Al Hadi Muhammad Rida: *Nizam Al Mulk*, p. 651.

574 Ver Yuhan Huyzinga: *Idmihlal Al Usur Al Wusta (A Decadência da Idade Média),* p. 175.

Nenhuma escola similar foi construída antes desta escola. As quatro escolas doutrinárias do Islam eram ensinadas lá, cada denominação tinha sessenta e dois jurisprudentes, quatro palestrantes, um professor para cada escola, um estudioso de *hadith*, dois leitores de Alcorão, dez ouvintes, um médico-chefe, dez muçulmanos que se ocupavam com a ciência da medicina, e um escritório para os órfãos. Era fornecido a todos pão, carne, doces e salário. Na quinta-feira, no quinto dia do mês de Rajab, eu assisti às aulas lá e o califa Al-Mustansir compareceu pessoalmente junto com os estadistas, os príncipes, ministros, juízes, acadêmicos, sufis e poetas. Nenhum deles perdeu a ocasião. Um grande banquete foi realizado e todas as pessoas comeram e também foi levada comida para todas as casas de leigos e da elite em Bagdá. Foi concedido dinheiro a todos os professores, participantes, a todo o Estado, acadêmicos e palestrantes. Foi um dia memorável. Poetas elogiaram o califa com belos poemas. Ibn Al-Sa'i[575] mencionou esse acontecimento em seu registro de história detalhadamente. A escola Shafi'i foi ensinada pelo Imam Muhyi-Al-Din Abu Abdullah ibn Fadlan[576]; a escola Hanafi foi ensinada pelo Imam Rashid-Al-Din Abu Hafs Omar ibn Muhammad Al-Farghani[577]; a escola Hanbali foi ensinada pelo Imam Muhyi-Al-Din Yussuf ibn Al-Shaykh Abu Al-Faraj ibn Al-Jawzi[578], que foi substituído por seu filho Abdul-Rahman[579] para ensinar no lugar dele quando se ausentava para a transmissão de mensagens aos reis da época; a doutrina Maliki era ensinada naquele dia por Sheikh Abu-Al-Hassan Al-Maghribi Al-Maliki, que também lecionava por substituição até a nomeação de outro Sheikh. A escola foi dotada de estoques de livros, cuja quantidade e qualidade (de escrita e de volumes) jamais alguém ouviu falar antes[580].

---

575 Ibn Al Sa'i: Ele é Abu Talib Ali ibn Anjab ibn Abdullah (593-674 d.H./1197-1275 d.C.), um grande historiador, nasceu e morreu em Bagdá. Ele era o guardião dos livros da escola Al Mustansiriyah. Al Al Jami fi Mukhtasar Al Unwan wa Tarikh Uyun Al Siyar uma de suas obras. Veja Al Zirikli: *Al A'lam* 4 / 265.

576 Ibn Fadlan: Ele é Muyi Al Din Abu Abdullah ibn Fadlan Al Baghdadi Al Shafi, professor na escola Al Mustansiriyah, juiz-chefe, estudioso Shafi'i destacado, viajou para Khorasan e teve debates com seus estudiosos. Ele morreu em Shawwal (631 d.H./1233 d.C.). Veja Al Safadi: *Al Wafi bi Al Wafiyat* 5 / 132.

577 Al Farghani: Ele é Omar ibn Muhammad ibn Al Hussain ibn Abu Omar ibn Muhammad ibn Abu Nasr Al Andakani. Ele morreu em 632 d.H. Veja Ibn Abu Al Wafa Al Qurashi: *Al Jawahir Al Madiyah fi Tabaqat Al Hanafiyah (Figuras proeminentes da escola Hanafi)* 2 / 662, 663.

578 Yussuf ibn Al Jawzi: Ele é Muhyi Al Din Yussuf Ibn Jawzi Al Qurashi Al Al Baghdadi (580-656 d.H./1185-1258 d.C.), filho do acadêmico sênior Abu Al Faraj ibn Al Jawzi, estudou com seu pai e outros, assumiu a magistratura em Bagdá, e as supervisão dos erários. Ele foi morto juntamente com seus três filhos nas mãos dos tártaros. Veja Al Zirikli: *Al A'lam* – 8 / 236.

579 Abdul Rahman ibn Yussuf ibn Abdul Rahman ibn Ali ibn Al Jawzi: Ele morreu mártir junto com seu pai. Ele foi morto em Bagdá, quando Hulagu entrou em Bagdá em 656 d.H./1258 d.C.quando tinha ultrapassado cinquenta anos. Ele compôs uma coleção de poesias. Veja Kahalah: Mu'jam Al Mu'allifin – 5 / 200.

580 Ibn Kathir, *Al Bidaiah wa Al Nihayah* – 13/139, 140.

As escolas também se espalharam notadamente durante a dinastia aiúbida. A criação dessas escolas teve como objetivo erradicar a doutrina xiita, que estava enraizada no Egito desde a dinastia ubaidi que precedeu a dinastia aiúbida. Assim, a fundação do Governo se interessou na construção de escolas de diversas especialidades em todo o Egito. Outro fato incrível é que Saladino estabeleceu essas escolas com o objetivo de divulgar a virtude, a justiça e a segurança entre as pessoas. Contando os acontecimentos do ano 566 d.H., Ibn Al-Athir[581] disse: "Havia uma delegacia de polícia chamada Al-Ma'una no Egito, em que os acusados eram presos. Saladino a destruiu, construiu uma escola para a doutrina Shafi'i em seu lugar, e removeu todos os sinais de opressão que existiam ali"[582]. Saladino foi o primeiro a se preocupar na construção de escolas na história islâmica do Egito. Ele construiu as escolas Al-Salahiyah, Al-Nassiriyah e Al-Qamhiyah[583].

Os príncipes, os ricos e os comerciantes também competiam na construção e doação de escolas para garantir a continuação das escolas e a participação dos estudantes nelas. Muitíssimas pessoas transformaram suas casas em escolas, fizeram de seus livros e edifícios doação e erário público para os alunos. Assim, as escolas aumentaram de maneira surpreendente no Oriente. O viajante andaluz Ibn Jubair se surpreendeu com as inúmeras escolas que viu no oriente e os rendimentos abundantes de seus erários. Então, ele chamou os ocidentais para viajarem ao oriente para estudar. Ele disse:

> Se multiplicaram as fundações destinadas aos estudantes nos países do Oriente, especialmente Damasco. Assim, quem, dentre os filhos do Ocidente, procura o sucesso, deve viajar para esses países, lá ele irá encontrar muitas coisas que o apoiam e o incentivam na busca do conhecimento, a primeira dessas coisas é a desocupação da mente do assunto do sustento[584].

Um dos fatos que comprovam a competição dos sultões e príncipes na construção e manutenção das escolas: o Sultan Ibrahim ibn Muhammad ibn Mas'ud, o sultão de Ghazni e dos arredores da Índia, nunca construía uma casa para si mesmo antes de construir uma escola e cuidar dela![585]

---

581 Ibn Al Athir: Ele é Abu Al Hassan Ali ibn Muhammad ibn Abd Al Karim Al Jazari (555-630 d.H./1160-1233 d.C.), historiador conhecedor, nascido em Jazirat ibn Omar e morreu em Mossul. Um de seus livros é *Al Kamil fi Al Tarikh (O completo na história).* Veja Al Zhahabi: Siyar *Al A'lam* 22/354-356.

582 Ibn Al Athir: *Al Kamil Fi Al Tarikh,* 10/31, 32.

583 Al Maqrizi: *Al Mawa'iz wa Al I'tibar* 5 / 173.

584 Ibn Jubair: *Viagens de Ibn Jubair,* p. 258.

585 Ibn Kathir: *Al Bidaiah wa Al Nihayah* 12/157.

As mulheres na civilização islâmica também tinham o direito de construir escolas para beneficiar os filhos e filhas dessa civilização. Rabi'ah bint Khatun Aiyub – irmã de Saladino – construiu a escola Al-Sahibiyah para o ensino da doutrina Hanbali no sopé do Monte Qassioun em Damasco.[586]

Descrevendo as escolas em Bagdá, Ibn Jubair diz: "O número de escolas em Bagdá é de cerca de trinta, todas elas estão localizadas na zona oriental. Todas elas parecem palácios magníficos. A maior e mais famosa entre elas é a Escola Nizamiah, que foi construída por Nizam-Al-Mulk e foi reformada em 504 d.H. Essas escolas têm grandes erários e imóveis, cujos ganhos são encaminhados para os jurisprudentes acadêmicos, e também é concedido aos alunos o que os sustenta"[587].

Quanto ao Egito, Ibn Battuta descreve o número de suas escolas, dizendo: "Ninguém é capaz de contar as escolas no Egito por causa de seu altíssimo número".[588] Al-Maqrizi relatou que havia mais de setenta escolas no Egito.[589]

Descrevendo a situação das escolas no mundo muçulmano naquela época, Butrus Al-Bustani[590] narra que (Hulam) disse:

> Os árabes tinham escolas de ciências avançadas, distribuídas desde Bagdá até Córdoba. Eles tinham dezessete faculdades, a mais famosa era a Escola de Córdoba, que tinha uma biblioteca contendo 600 mil volumes. Eles estudavam gramática, poesia, história, geografia, astronomia, química, matemática e medicina... Eles também tinham uma escola primária ao lado de cada mesquita onde ensinavam a ler e escrever[591].

Nota-se aqui também que o estudo nessas escolas não se limitou à ciência religiosa, mas as ciências naturais também foram ensinadas, como medicina, engenharia e matemática. Além disso, havia escolas especiais, onde essas ciências eram ensinadas. A este respeito, Hulam diz: "Havia escolas especiais para as ciências naturais, e a medicina era ensinada nos hospitais."[592]

As escolas primárias eram muitas na Andaluzia, mas eram cobradas taxas pelo ensino e, por isso, o califa omíada Al-Hakam II (falecido em

---

586 Idem, 12/317.

587 Ibn Jubair: *Viagens de Ibn Jubair,* p. 205.

588 Ibn Battuta: *Viagens de Ibn Battuta,* p. 20.

589 Veja: Al Khutat Al Maqriziyah 2/362/400.

590 Butrus Al Bustani: Butrus ibn Bulus ibn Abdullah ibn Karam Al Bustani (1819-1883 d.C.), um cientista que participou de várias ciências, nascido em Al Dibiyah no Líbano. Veja Kahalah: Mu'jam Al Mu'alllifin – 3 / 48.

591 Da'irat Al Ma'arif (a enciclopédia) 6 / 161, 162, citado por Abdullah Al Mashuki: *Mawqif A Islam wa Al Kanisah min Al Ilm*, p. 59.

592 Idem.

366 d.H.) adicionou vinte e sete escolas para educar os filhos dos pobres gratuitamente. Assim como os meninos, as meninas costumavam ir para a escola. Professores independentes lecionavam no ensino superior dentro destas escolas. Os programas que foram a espinha dorsal da Universidade de Córdoba foram desenvolvidos durante o reinado do califado omíada na Andaluzia e também foram estabelecidas outras faculdades em Granada, Toledo, Sevilha, Murcia, Almería, Valencia e Cádiz[593].

E os príncipes e sultões do Marrocos deram grande atenção à construção de escolas. Vale ressaltar que as escolas construídas pelos *murabitun* nas cidades e nas áreas rurais, especialmente na região de Sus, formaram um grupo de cientistas brilhantes em diversas especialidades, que os elevou para as fileiras dos intelectuais no mundo islâmico. Havia cerca de quatrocentas escolas na região de Sus. Em seu livro *Sus Al-Álimah (A sábia Sus),* Mohamed Al-Mokhtar Al Susy[594] falou de cerca de cinquenta destas escolas[595]. Ele também mencionou outras cem escolas em seu livro *Madaris Sus Al-Átiqah (As antigas escolas de Sus)*[596].

As tribos sustentavam essas escolas destinando um décimo de algumas de suas culturas agrícolas e os lucros de algumas de suas propriedades para pagar a manutenção e o provisionamento destas escolas e os custos de educação. As tribos de Sus competiam na construção de escolas nas montanhas e nas planícies, e cada tribo tinha uma escola ou até mesmo duas ou três escolas. Entre as mais proeminentes escolas que foram construídas na época dos *murabitun*, além do que já foi mencionado, temos as escolas de Ceuta. Havia ainda várias outras escolas em Tânger, Aghmat, Sijilmasa, Tlemcen e Marrakech. Essas escolas combinavam o conhecimento de Kairouan e a renomada cultura da Andaluzia, fazendo surgir grandes estudiosos, como Al-Qadi `Iyadh[597] e Abu Al-Walid Ibn Rushd[598], o autor

593 Will Durant: *História da Civilização*, 13/306.

594 Mukhtar AlSusy: Muhammad Al Mukhtar ibn Ali ibn Ahmad Al Al Alighy Susy (1318-1383 d.H./1900-1963 d.C.), historiador, pesquisador, escritor e poeta. Ele era conhecido como o Ministro da Coroa. Seus livros incluem *Al Ma`sul fi Tarikh Sus*. Veja: Al Zirikli, *Al A'lam*, 7 / 93.

595 Muhammad Al Mukhtar Susy: *Sus Al `Alimah*, p. 154-167.

596 Muhammad Al Mukhtar Susy: *Madaris Sus Al `Atiqah (As antigas escolas de Sus)*, p. 93-134.

597 Al Qadi `Iyadh: Abu Al Fadl `Iyadh ibn Mussa ibn` Iyadh Al Yahsuby Al Sabty (476-544 d.H./1083-1149 d.C.). Ele foi o principal estudioso do seu tempo em *hadith*, linguística, gramática, história e linhagens dos árabes. Foi nomeado juiz de Ceuta (onde nasceu) e, em seguida, Granada. Ele morreu em Marrakech. Veja: Ibn Khillikan, *Waftyat Al A'aian*, 3 / 483, 485.

598 Ibn Rushd (Averroes), Abu Al Walid Muhammad ibn Ahmad ibn Rushd Al Qurtubi (de Córdoba) (520-595 d.H/1126-1198 d.C.), um renomado filósofo, conhecido como Ibn Rushd neto. Ele nasceu em Córdoba e morreu em Marrakech. Veja: Al Zhahabi, *Siyar `Alam Al Nubala*, 21/307-309, e Ibn Al `Imad, *Shadharat Al zhahab*, 4 / 367.

de Al-Muqaddimat Al-Awail lil-Mudawwanah, Al-Bayan wa Al-Tahsil, e outros livros valiosos[599].

Deve-se ressaltar que os alunos destas escolas, no Oriente e no Ocidente, não arcavam com os custos de alimentação e alojamento. Assim, o sistema de cidades universitárias era conhecido na civilização islâmica centenas de anos antes do Ocidente. Em 721 d.H., o sultão da dinastia mariniah no Marrocos, Sultan Abu Said Uthman ibn Ya'qub (falecido em 731 d.H.) ordenou a construção da "escola nova em Fez". Ela foi construída com a melhor e mais bem conceituada maneira de construir, e os estudantes foram organizados para a recitação do Alcorão, os acadêmicos foram dispostos para o ensino, e foram destinados salários e materiais mensais, e muitas propriedades tornaram-se erários para cobrir as despesas desta escola, almejando recompensa de Allah e a Sua satisfação[600].

Abu Said foi um dos sultões da dinastia merínida que mais se empenharam na construção de escolas. Em 723 d.H., no início do mês de *sha´ban*, ele ordenou a construção da "Grande Escola" ao lado da Mesquita de Qarawiyin em Fez. A escola é hoje conhecida como Escola Al-Attarin. Ela foi construída pelo sheikh Abu Abdullah Muhammad ibn Qasim Al-Mizwar. Sultan Abu Said compareceu junto com um grupo de estudiosos e filantropos para supervisionar pessoalmente o início da construção dessa escola. Ela foi considerada uma das grandes maravilhas de todos os países da época, nenhum rei construiu uma escola igual antes desta. Foi um projeto maravilhoso, onde foram canalizadas algumas fontes da região, proporcionando água corrente para a escola. Ele a encheu de alunos, nomeou um *imam* regular, *muezhinin* (os que fazem os chamados para as orações) e funcionários a cargo da escola. Ele também designou jurisprudentes para o ensino. Todos ganhavam salário e disposição acima do suficiente. Comprou também algumas propriedades e as doou para a escola, buscando a recompensa de Allah[601].

A era dos mamelucos também ficou muito conhecida pelo grande número de escolas que foram construídas na época. Os sultões e príncipes mamelucos competiam na construção de escolas religiosas e científicas. Foram verdadeiros artistas em sua construção e arquitetura e, além disso, nomeavam os melhores estudiosos e líderes nestas escolas. "O sheikh Izz

599 Al Hassan Al Sa'ih: *Al Hadarah Al Maghribiyah (A Civilização marroquina)*, 2 / 64.

600 Abu Al Abbas Al Nassiry: *Al Istiqsa fi Akhbar Duwal Al Maghrib Al Aqsa (História das dinastias marroquinas)*, 3 / 111, 112.

601 Idem.

Al-Din Abdul-Aziz ibn Abdul-Salam[602] ensinou na Escola Al-Salihiyyah, em Bayna Al-Qasrain"[603] em 650 d.H., e também Taqiy Al-Din ibn Bint Al-Aazz[604] ensinou na mesma escola em 680 d.H. Siraj Al-Din Al-Bulqini[605] lecionou na Escola Al-Nassiriyah, em 779 d.H., o grande estudioso e historiador Abdul-Rahman Ibn Khaldun na escola Al-Qamhiyyah em 786 d.H., e outros grandes estudiosos durante toda a história dos mamelucos[606].

Os estudiosos, juristas e sultões, e o povo em geral costumavam inaugurar as escolas com grandes festas. Em 661 d.H., Sultan Al-Zahir Baybars inaugurou a Escola de Al-Zahiriyyah, em Bayna Al-Qasrain, após ter sido concluída.

Compareceram os recitadores do Alcorão e os principais estudiosos de cada *mazhab* (escola) em seus departamentos. O ensino da jurisprudência *hanafi* foi atribuído a Al-Sadr Majd Al-Din Abdul-Rahman ibn Al-Sahib Kamal Al-Din ibn Al-Adim, o ensino da jurisprudência *shafi'i* foi atribuído a Taqiy Al-Din Muhammad ibn Al-Hassan ibn Ruzain. O jurista Kamal Al-Din Al-Mahaly foi designado para o ensino da recitação do Alcorão, e Sheikh Sharaf Al-Din Abdul-Mu'min ibn Khalaf Al-Dumyaty foi designado para a ciência do *hadith*. As aulas foram anunciadas, toalhas de mesa foram esticadas, e Jamal Al-Din Abu Al-Hassan Al-Jazzar[607] recitou um poema, juntamente com alguns outros poetas, incluindo Al-Siraj Al-Warraq e Sheikh Jamal Al-Din Yussuf ibn Al-Khashab, e todos eles foram premiados. Foi um dia memorável. O sultão deu à escola uma estante de livros valiosos. Foi construída uma biblioteca para os viajantes ao seu lado e estabeleceu para os órfãos muçulmanos deste departamento pão todos os dias e roupas no verão e no inverno[608].

Alguns príncipes mamelucos construíam escolas ao lado de suas casas, apenas porque amavam as escolas e desejavam difundir o conhecimento entre

602 Al Izz ibn Abdul Salam: Abdul Aziz ibn Abdul Salam Al Dimashqy (577-660 d.H./1181-1262 d.C.), apelidado de Izz Al Din, conhecido como o Sultão dos Sábios. Ele era um jurista Shafi'i, que chegou ao posto de Ijtihad (empenho individual). Ele nasceu e cresceu em Damasco e assumiu o poder judiciário, no Egito. Entre as suas obras: *Al Tafsir Al Kabir*. Veja Al Zirikli: *Al A'alam*, 21/04.

603 Al Maqrizi: Al Suluk, 5 / 485.

604 Taqiy Al Din ibn Bint Al A'azz: Muhammad ibn Ahmad ibn Abdul Wahab ibn Khalaf Al Ala'i (falecido em 695 d.H./1296 d.C.), Al Qadi Shihab Al Din ibn Al Qadi Alaa Al Din ibn Al Qadi Al Qudat Taj Al Din, conhecido como Ibn Bint Al A'azz, Asshafi´i Al Masri. Veja Al Fasy: *Hail Al Taqiyid fi Ruwat Al Sunan wa Al Asanid*, 1 / 52.

605 Siraj Al Din Al Bulqini: Abu Hafs Omar ibn Ruslan ibn Salih Al Kanani (724-805 d.H./1324-1403 d.C.), um estudioso do *hadith*. Ele nasceu em Bulqinah, oeste do Egito, e aprendeu no Cairo. Ele assumiu o poder judiciário de Al Sham (Síria) em 769 d.H. e morreu no Cairo. Veja: Al Zirikli: Al A'lam 5 / 46.

606 Al Maqrizy, Al Suluk, 4 / 347, 5 / 163.

607 Al Jazzar: Yahya ibn Abdul Azim ibn Yahya ibn Muhammad (601-679 d.H./1204-1280 d.C.), um poeta egípcio. Veja: Al Zirikli: *Al A'alam*, 8 / 153.

608 Al Maqrizy, Al Suluk, 03/02.

seus familiares e vizinhos. Em 730 d.H. o príncipe Ala Al-Din Al-Maghlatay Jammaly[609] construiu uma escola ao lado de sua casa, perto de Darb Milukhia no Cairo. Ele também deu grandes doações para o sustento da escola[610].

Além do ensino, algumas escolas mamelucas serviam como tribunais de justiça para analisar crimes graves. Isso aconteceu com um criminoso cruel chamado Ibn Sab' quando os juristas *shafi'i* o condenaram à prisão, contrariando os juristas *maliki* que o condenaram à morte. Esse julgamento ocorreu na Escola Al-Salihiyyah, em Al-Bayna Qasrain em 791 d.H.[611].

Havia escolas especializadas nas ciências experimentais e aplicadas, incluindo a medicina e suas ciências, como a Escola Al-Zahiriyyah Al-Barraniyyah, em Damasco, que atraía os maiores cientistas especializados nesta ciência. Em 724 d.H., o médico de renome na época Najm Al-Din Abdul-Rahim ibn Al-Shahham Al-Mussaly[612] foi levado para ensinar na escola depois que ele havia aprendido a medicina e suas artes na terra do Uzbequistão durante uma viagem científica que durou vários anos[613].

A Escola Al-Dakhwariyyah, que fica ao sul da Mesquita dos Omíadas em Damasco, é uma das mais célebres escolas e faculdades de medicina na Síria, foi fundada em 621 d.H. pelo famoso médico damasceno Al-Muhadhab Al-Dakhwar Abdul-Rahim ibn Ali Hamid[614], chefe de medicina que criou um erário para doações nesta escola. O renomado médico Ibn Abu Usaibi'ah[615] disse: "Ele era médico e estudioso singular em sua época. Ele tornou-se merecidamente o chefe de medicina em sua época, empenhou-se nas pesquisas até que ele superou os estudiosos de sua época, e conquistou proximidade dos governantes"[616].

---

609 Maghlatay: Abu Abdullah Ala Al Din Maghlatay ibn Qulaij ibn Abdullah Al Misry Al Hanafy (1290-1361 d.H/689-762 d.C.). Ele foi um crítico dos estudiosos do *hadith* e linguistas. Escreveu mais de cem livros, incluindo um comentário sobre Sahih Al Bukhari. Veja Al Zirikli: *Al A'lam*, 7 / 275.

610 Al Maqrizy, *Al Suluk,* 3 / 133.

611 Al Maqrizy, *Al Suluk,* 5 / 241.

612 Abdul Rahim ibn Al Shahham Al Musly: Najm Al Din ibn Al Shahham Al-Shafi'i (653-730 d.H.). Ele aprendeu a jurisprudência e, em seguida, viajou para Damasco e foi o Shaykh líder de Khanqah Al Qasrain. Era estudioso da escola Shafi'i e da medicina. Veja Ibn Hajar Al Asqalani: *Al Durar Al Kaminah fi A 'yan Al Mi'at Al Thaminah (As joias ocultas nas biografias do século 8),* 3 / 150.

613 Al Nu `Aimy: *Al Daris fi Tarikh Al Madaris (História da Educação),* 1 / 261.

614 Muhadhab Al Din Al Dakhwar: Abdul Rahim ibn Ali ibn Hamid Al Dakhwar (565-628 d.H./1170-1230 d.C.). Ele nasceu e cresceu em Damasco e contactou o Rei Al A´adil Al Ayubi. De seus livros *Al Junainah (O Jardim),* em medicina, e *Mukhtasar Al Aghany lil Asfahany (Súmula de Al Aghany de autoria de Al Asfahany).* Veja: Al Zirikli: Al A'lam, 3 / 0347.

615 Ibn Abu Usaibi `ah: Abu Al Abbas Ahmad ibn Al Qasim ibn califa (596-668 d.H./1200-1270 d.C.), um médico e historiador, autor de *Uyun Al Anba` fi Tabaqat Al Attiba (Notícias das biografias das camadas dos médicos).* Ele morreu em Sarkhad, na Síria. Veja Muhammad Al Khalily: *Udaba' Al Attiba (Os Escritores Médicos)*, 1 / 52.

616 Ibn Abu Usaibi`ah: *Uyun Al Anba' fi Tabaqat Al Attiba*, 4 / 318.

Algumas escolas no Egito eram como uma universidade de diferentes especialidades e departamentos. Exemplo disso é a Escola Al-Mansuriyyah, criada pelo Sultão do Egito Al-Mansur Qalawun Al-Alfy em Bayna Al-Qasrain, no Cairo. Era dividida para o ensino a todas as escolas de jurisprudência *(Mazhahib fiqhyiah)*, cada *mazhab* teve seu próprio estudioso e seu lugar definido. Também foi designado um departamento para o ensino das ciências médicas, um departamento para o ensino do *hadith* e do *tafsir* (exegese do Alcorão). "Somente os principais e considerados estudiosos eram nomeados para ensinar essas disciplinas."[617]

Alguns livros históricos se empenharam em fazer o inventário das escolas mencionadas em cada país separadamente. Abdul-Qader ibn Muhammad Al-Nu`Aimi Al-Dimashqi (de Damasco, falecido em 927 d.H.) escreveu seu famoso livro *Al-Daris fi Tarikh Al-Madaris (História das Escolas),* que inclui os seguintes capítulos: Escolas de Alcorão, Escolas de *hadith*, Escolas do Alcorão e *hadith* juntos, Faculdades de Medicina, Khanqahs (albergues para Sufis), Rabats (hotéis para mulheres mais velhas, viúvas, divorciadas, etc), Zawyas (pequenas mesquitas), Turbahs (cemitérios), Mesquitas e Jauam'i (Mesquitas Maiores). Quanto ao seu estilo, ele menciona o nome e a localização da escola, a biografia de seu fundador, seus erários (doações), e os nomes e as biografias dos professores que ensinaram na escola até a época do autor. Este livro mencionou apenas as escolas de Damasco.

Al-Maqrizy fez o mesmo em seu livro enciclopédico *Al-Maua´izh wal I´tibar fi zhikr Al-Khutat wal Athar*, que oferece um excelente serviço aos pesquisadores, pois ele menciona as escolas do Cairo na eras Ayyubi e mameluca[618].

O empenho dos muçulmanos na criação de escolas em todas as regiões da sociedade muçulmana demonstra que essa civilização considerou o fato de que a ciência é a base para qualquer progresso. Mais ainda, esta civilização ofereceu ao mundo um exemplo único na difusão do conhecimento entre os ricos e os pobres, os velhos e os jovens, homens e mulheres, até que chegasse ao topo do progresso científico ao longo de vários séculos.

---

617 Al Maqrizy: *Al Mawa´izh wa Al I`tibar,* 3 / 480.

618 Ver Fathia Al Nabarawy: *Tarikh Al Nuzhum wa Al Hadarah Al Islamiyah (História dos Sistemas e da civilização islâmica)*, p. 224

Quarto Capítulo

As Bibliotecas na Civilização Islâmica

Não é de se estranhar que os califas muçulmanos se preocupem em criar as bibliotecas públicas e reúnam nelas os livros árabes e os livros traduzidos de outras línguas. Isso ocorre porque o Islam – como observamos – incentivou a ciência, pregou o conhecimento, a aprendizagem e a iluminação das mentes com a leitura e a escrita, assim como incentivou a ativação do raciocínio com os assuntos da vida.

Na verdade, a história das bibliotecas no Islam é uma parte inseparável da história da civilização árabe islâmica e do pensamento islâmico. Essa civilização se elevou com a elevação do pensamento, o ajudou a progredir e amadureceu junto com ele. A história dos livros para os muçulmanos é básica e é muito importante para a investigação do desenvolvimento do conhecimento humano entre eles. Nenhuma nação superou os muçulmanos no amor aos livros e na atenção prestada às bibliotecas e ao conhecimento em geral. As bibliotecas são um dos meios de difusão do conhecimento mais importantes ao longo de todas as épocas, elas se difundiram amplamente na era islâmica tornando-se um dos frutos da eternizada civilização islâmica. As etapas pelas quais as bibliotecas passaram são as etapas da civilização islâmica de um modo geral[619].

A civilização islâmica conheceu vários modelos de bibliotecas. Conheceremos estes modelos através das seguintes pesquisas:

1. **Os Diversos Tipos de Bibliotecas**
2. **A Biblioteca de Bagdá (Universidade Islâmica Avançada)**

619 Veja Said Ahmad Hassan: *Anua´ Al maktabat fil ´alamain Al árabi wal islami (Os tipos de Bibliotecas no mundo árabe e muçulmano)* p. 2.

1

Os Diversos Tipos de Bibliotecas

Vários tipos de bibliotecas foram conhecidos na civilização islâmica, um fenômeno que nunca havia sido observado em qualquer outra civilização. Essas bibliotecas prevaleceram em todas as regiões do território islâmico, principalmente nos palácios dos califas, escolas, *al katatib*[620] e mesquitas. Também havia bibliotecas nas capitais islâmicas e nos vilarejos remotos e áreas distantes, fato que reflete o forte amor das pessoas desta civilização pelo conhecimento.

Os tipos de bibliotecas que foram conhecidos na civilização islâmica incluem:

- **1. As Bibliotecas Universitárias:** entre as bibliotecas mais famosas da civilização islâmica, uma das mais importantes foi a biblioteca de Bagdá (Casa da Sabedoria), a qual citaremos no próximo objeto de pesquisa.
- **2. As Bibliotecas Particulares:** este tipo foi amplamente difundido em todas as regiões do mundo muçulmano, como a biblioteca do califa Al-Mustansir[621]; a biblioteca de Al-Fath ibn Khaqan, "que costumava andar com um livro pendurado em sua manga e olhava nele"[622], a biblioteca do renomado Ibn Al--Amid, o primeiro-ministro na dinastia Buwayh. O famoso historiador Ibn Miskawayh afirmou que ele tinha sido bibliotecário de Ibn Al-Amid. Ele relata que um ladrão invadiu a casa de Ibn Al-Amid e roubou-o, e este último foi melancolicamente

620 Al Katatib: uma escola islâmica para o ensino fundamental de Alcorão e de língua árabe para as crianças.

621 Ibn Kathir: *Al Bidaiah wa Al Nihayah (O Princípio e o Fim)*, 13/186.

622 Al Zhahabi: *Tarikh Al Islam (História do Islam)*, 18/375.

deprimido, pensando que sua biblioteca foi roubada com o restante dos objetos roubados. Ibn Miskawayh conta que esta biblioteca tinha muitos livros e tinha grande valor no coração de seu dono. Ele diz: Ibn Al-Amid gostava muito de seus livros, nada estava mais perto de seu coração do que eles. Os livros eram em grande número, incluindo todos os ramos do conhecimento e das artes, foram colocados em uma centena de estantes. Quando ele me viu, perguntou-me sobre os livros, eu disse que eles não foram tocados, então, ele ficou aliviado e disse:... "Eu testemunho que você é de boas maneiras. Quanto aos outros cofres, eles podem ser substituídos, mas este (os livros) não pode ser substituído". Por fim, vi seu rosto alegre. Ele disse: "Leve-os amanhã cedo para tal lugar". E eu fiz, e todos os livros foram os únicos objetos de suas propriedades que se salvaram.[623] Houve também a biblioteca de Al-Qadi (juiz) Abu Al-Mutrif, que "reuniu livros que jamais alguém conseguiu reunir em sua época na Andaluzia."[624]

- **3. As Bibliotecas Públicas:** as bibliotecas públicas são as instituições culturais nas quais se preserva o patrimônio cultural e as experiências da humanidade, para ser acessível a pessoas de todas as classes, raças, idades, profissões e culturas. Dentre os exemplos deste tipo de bibliotecas: a Biblioteca de Córdoba, fundada pelo califa omíada Al-Hakam Al-Mustansir (350 d.H./ 961 d.C.), em Córdoba. Ele também nomeou profissionais bibliotecários, secretários e um grande número de encadernadores. A biblioteca foi o foco de atenção de cientistas e estudantes na Andaluzia, e inspirou os europeus que migraram para obter o conhecimento. Ela teve 44 índices, cada um dos quais era de 20 trabalhos, indicando apenas os nomes dos livros[625]. Houve também a biblioteca de Banu Ammar em Trípoli (na Grande Síria). Em busca de livros, agentes eram enviados de todo o mundo muçulmano para trazer as obras e adicioná-las à biblioteca, onde 85 escribas foram empregados para copiar os livros de dia e de noite.

623 Ibn Miskawayh: *Tajarib Al Umam (As Experiências das Nações),* 6 / 286.

624 Al Zhahabi: *Tarikh Al Islam (História do Islam)*, 28/61.

625 Ibn Al Abar: *Al Takmilah li Kitab Al Silah*, 1 / 190.

- **4. As Bibliotecas Escolares:** a civilização islâmica prestou especial atenção à criação de escolas para a educação de todas as pessoas. As bibliotecas foram anexadas a essas escolas, uma coisa natural para completar esse progresso e prosperidade. Em geral, no Islam, as escolas têm sido difundidas nas cidades do Iraque, Síria, Egito e outros países, com as bibliotecas anexadas à maioria delas. Nur Al-Din Mahmud construiu uma escola em Damasco e em anexo uma biblioteca, e assim fez Salah Al-Din (Saladino). Al-Qadi Al-Fadil, ministro de Saladino, fundou uma escola no Cairo e a denominou Al-Fadiliyyah, onde ele depositou cerca de 200 mil livros, que ele tinha pego das livrarias do Ubaidis. Yaqut Al-Hamwy declarou várias escolas com enormes bibliotecas abertas a todos na cidade de Marw[626].
- **5. As Bibliotecas das Mesquitas:** este tipo de bibliotecas é considerado o primeiro a surgir na história do Islam, porque as bibliotecas surgiram no Islam com a fundação das mesquitas, como a biblioteca da Mesquita de Al-Azhar e a biblioteca da Grande Mesquita de Kairouan[627].

As despesas das bibliotecas, em geral, eram financiadas pelos erários criados para a manutenção dessas bibliotecas. O Estado designava certas doações para gerar lucros em prol de tais bibliotecas e algumas pessoas ricas e filantropos também formavam estes erários para ajudar na manutenção das bibliotecas[628].

626 Ribhy Mustafa Alian: *Al Maktabat fi Al Hadarah Al Arabiyyah Al Islamiya (As Bibliotecas na Civilização Árabe Islâmica),* p. 134.

627 Ver: Sa `id Ahmad Hassan: *anwa` Al Maktabat fi A lA`alamayn Al Araby wa Al Islamy (Os tipos de bibliotecas no mundo árabe e muçulmano)*, p. 18-78, (adaptado).

628 Muhammad Hussain Mahasneh: *Adwa ala ''Tarikh Al Ulum `inda Al Muslimin (Luzes sobre a História das Ciências entre os muçulmanos)*, p. 161.

2

A Biblioteca de Bagdá (Universidade Islâmica Avançada)

As bibliotecas científicas islâmicas tiveram influência significativa sobre o crescimento e desenvolvimento da civilização humana, até que esta apareceu em sua imagem atual. Mas uma das mais famosas bibliotecas, sem dúvida, foi: a biblioteca "Casa da Sabedoria" em Bagdá, que foi o maior local de conhecimento do mundo sem o menor exagero, e um dos tesouros científicos produzidos pelo pensamento islâmico no passado, juntamente com outras bibliotecas em outros países islâmicos. Embora seu papel tenha caído no esquecimento, foi equivalente a uma universidade científica internacional, um destino para os estudantes de diferentes raças e religiões do Oriente e do Ocidente para estudar várias disciplinas da ciência em vários idiomas. Sua luz permaneceu iluminando o caminho para a humanidade por aproximadamente cinco séculos, até que foi destruída pelos tártaros.

A Biblioteca de Bagdá foi fundada pelo califa abássida Abu Já'afar Al-Mansur, em Bagdá, a capital do califado abássida. O califa Abu Já'afar Al-Mansur estabeleceu um edifício separado onde ele colecionava livros preciosos e raros, alguns escritos em árabe, e outros traduzidos para o árabe de diferentes idiomas. Quando o califa Harun Al-Rashid (governou de 170-193 d.H.), que foi um dos maiores e mais citados califas abássidas na história, tomou posse, ele se empenhou em restaurar os livros e manuscritos escritos e traduzidos – que eram mantidos no Palácio do Califado depois de terem sido amontoados uns sobre os outros –, em reorganizá-los e colocá-los em um prédio separado adequado para acomodar um maior número de livros e estar aberta a todos os estudiosos e alunos. Assim, ele estabeleceu uma

espaçosa casa, para a qual ele transferiu todos estes tesouros inestimáveis e chamou esta casa de "Bait Al-Hikmah" (A Casa da Sabedoria), em reconhecimento à sua nobre missão, que se desenvolveu mais tarde e se tornou a mais famosa academia científica conhecida na história[629]. O maior desenvolvimento ocorrido na Biblioteca de Bagdá foi durante o reinado do califa Al-Ma'mun, que conseguiu trazer até ela os grandes tradutores, escribas, e autores estudiosos. Ele também enviou missões científicas para o Império Romano. E isso teve o maior impacto sobre o crescimento desta universidade científica única[630].

Assim, a Casa da Sabedoria surgiu como uma biblioteca particular, e depois se tornou um centro de tradução. Em seguida, um centro de pesquisa e escrita, e, em seguida, uma instituição de ensino onde se realizavam aulas e havia a concessão de graus acadêmicos. Mais tarde, um observatório astronômico foi anexado a ela. Portanto, esta Casa foi dividida em várias seções:

A Biblioteca

A seção de biblioteca é encarregada de recolher os livros de todo o mundo, organizando-os em prateleiras e manipulando-os a quem solicitar. Uma seção de escrita e encadernação foi anexada à seção de biblioteca para encadernação, cópia e reparação dos livros. As maneiras de fornecimento de livros para a Casa da Sabedoria eram muitas, entre elas: a compra. O califa Al-Ma'mun enviava missões para a Constantinopla para trazer livros de todos os tipos e, às vezes, ele mesmo viajava para comprar livros e enviá-los para a Casa da Sabedoria. Outra forma era a concessão. Os califas enviavam delegações a países estrangeiros, que os presenteavam com livros que eles possuíam. Às vezes, Al-Ma´mun aceitava *jiziah* (imposto dos não-muçulmanos que vivem em um território islâmico) em livros de quem deveria pagá-la! Ele também trazia centenas de escribas, comentaristas e tradutores de todas as línguas para a arabização dos livros das suas línguas originais. Entre estas maneiras, também temos a criação e autoria. Assim, havia diferentes

629 Sobre a Biblioteca de Bagdá, consulte: Khidr Ahmad Atallah: *Bait ul Hikmah fi `Asr Al `Abassiyin (A Casa da Sabedoria na dinastia abássida),* p. 29.

630 Al Safadi: *Al Wafy bil Wafiyat (O perfeito em biografias)*, 4 / 336.

formas de obtenção de livros para suprir a biblioteca com um número e qualidade sem precedentes na história.

Quanto às missões científicas, o califa Al-Ma'mun escreveu ao rei bizantino pedindo sua permissão para enviar o que ele tinha de patrimônio armazenado sobre as ciências gregas. A tradição bizantina proibia a leitura de tais livros. O imperador bizantino recusou, mas depois aceitou enviar este patrimônio. E assim, Al-Ma'mun enviou uma missão científica, designou muitos tradutores, designou como chefe dessa delegação o chefe da Casa da Sabedoria. A missão visitou muitos lugares que eram suspeitos de armazenar livros gregos antigos e retornou carregada com livros raros em filosofia, engenharia, medicina, astronomia e outras ciências. Al-Ma'mun também enviou mensagens a outros reis contemporâneos, pedindo-lhes para que permitam às suas delegações a exploração e a pesquisa de livros nos armazéns antigos. Uma divertida história é contada a esse respeito: uma dessas missões científicas encontrou caixas em uma antiga fortaleza na Pérsia. As caixas continham uma grande quantidade de livros de cheiro podre. Os homens da missão realizada levaram estas caixas para Bagdá, onde permaneceram um ano inteiro até que os livros secaram e o cheiro desapareceu. Depois, eles estudaram o seu conteúdo![631].

Centro de Tradução

Uma grande quantidade de livros antigos se acumularam para o califa Al-Ma'mun, então ele formou um conselho de hábeis tradutores, comentaristas e copiadores dos manuscritos para supervisionar a restauração dos livros e sua tradução para o árabe. Ele também designou para cada língua uma pessoa que era responsável por supervisionar os tradutores do patrimônio daquele idioma, e lhes concedeu grandes salários. Alguns deles ganhavam 500 dinares por mês[632] (o equivalente a aproximadamente dois quilos de ouro)!

Foi atribuída à seção de tradução a tarefa de traduzir os livros de diferentes idiomas para o árabe, e às vezes, do árabe para outros idiomas. Os funcionários desta seção diferiam dos bibliotecários em suas

631 Ver Ibn Al Nadim: *Al Fibrast (A Bibliografia)*, p. 304, e Ibn Abu Usaibi`ah, *Uyun Al Anba' fi Tabaqat Al Atibba*, p. 17.

632 Ibn Abu Usaibi`ah: *Uyun Al Anba' fi Tabaqat Al Atibba*, 2 / 133.

qualificações científicas e administrativas. Entre estes funcionários: Yohanna ibn Masawaiyh, Jibril ibn Bukhtishu[633] e Hunain ibn Ishaq, que foi enviado em uma viagem para as terras romanas para dominar a língua grega. Os livros estrangeiros eram trazidos para a biblioteca e eram traduzidos dentro dela, e havia alguns tradutores que traduziam fora da biblioteca e forneciam as suas traduções para a biblioteca. O califa Al--Ma'mun concedia recompensas generosas para os tradutores, a ponto de chegar a pagar o peso do livro traduzido em ouro[634].

Ibn Al-Nadim citou em seu livro *Al-Fihrist (A Bibliografia)* dezenas de nomes de pessoas que estavam traduzindo dos idiomas indiano, grego, persa, siríaco e idioma nabateu. Os tradutores não apenas traduziam para o árabe, mas também para outras línguas vivas e disseminadas na comunidade muçulmana, de modo a beneficiar todos os cidadãos que vivem nos países muçulmanos, independente de suas raças. Às vezes, alguns tradutores traduziam a fonte original para a sua própria língua, e em seguida, outro tradutor passava esta obra para o árabe e para outras línguas. Assim fazia Ibn Masawaiyh, que traduzia em siríaco, e depois delegava a outro traduzir o material para o árabe, conservando sempre o original após a sua manutenção e encadernação[635].

Quem pesquisa os índices bibliográficos que foram transferidos dessa biblioteca encontra muitas referências que mostram que muitos desses livros têm outras cópias em idioma nabateu, copta, siríaco, persa, indiano e grego. Ao traduzir essa herança ameaçada de extinção, os eruditos muçulmanos prestaram um grande serviço à humanidade. Não tivessem os estudiosos muçulmanos feito esse esforço, as pessoas nos tempos modernos não saberiam nada sobre as antigas e valiosas obras gregas e indianas. Isso porque em muitos países de onde tais livros antigos foram trazidos, era proibida a leitura desses livros, eles eram queimados quando encontrados. Os romanos, por exemplo, queimaram 15 himl (quantidades de cavalo) dos livros do famoso cientista grego Arquimedes[636].

---

633 Jibril ibn Bukhtishu: Jibril, ou Gabriel ibn Bukhtishu Al Jundisabury (falecido em 205 d.H./820 d.C.), um médico hábil. Ele trabalhou com os califas Al-Rashid, Al-Ma'mun e outros. Entre suas obras: *Risalah ila Al-Ma'mun fi Al-Mat `am wa Al Mashrab (Uma mensagem para Al Ma'mun sobre alimentos e bebidas)* e *Al Madkhal ila Sina`at Al mantiq (Introdução à Lógica)*. Veja: Al Qafty, *Akhbar Al Hukama (Notícias dos Sábios)*, 93-101; Ibn Abu Usaibi`ah, 2/14-35; e Kahallah, *Mu`jam Al Mu'allifin (Glossário de Autores)*, 3 / 113.

634 Ibn Abu Usaibi`ah: idem, p. 172.

635 Ver: Ibn Al Nadim: *Al Fihrast (A Bibliografia)*, p. 304 e seguintes.

636 Idem, p. 43.

É claro que o papel desses estudiosos não se limitou à tradução, eles comentaram e interpretaram as teorias desses livros, as transferiram – como vimos anteriormente – para o campo da aplicação, completaram sua deficiência e corrigiram os seus erros. O trabalho deles foi muito parecido com o que é conhecido como "edição de livros clássicos" nos dias de hoje, como é entendido nos comentários de Ibn Al-Nadim sobre alguns desses livros[637].

Em seu livro, *Tabaqat Al-Umam (Camadas das Nações)*, Al-Qadi Said Al-Andalusi declarou as fases do processo de tradução na Casa da Sabedoria, e a atenção do califa Al-Ma'mun com esta magnífica biblioteca. Ele disse:

> Quando o califado chegou ao sétimo califa (abássida), Abdullah Al--Ma'mun ibn Harun Al-Rashid, ele completou o que foi iniciado por seu avô, Al-Mansur. Ele estava interessado em adquirir o conhecimento na fonte, graças ao seu entusiasmo honroso e seu espírito virtuoso. Ele enviou presentes preciosos aos imperadores bizantinos e pediu--lhes para lhe enviar os livros dos filósofos. Assim, eles enviaram-lhe os livros disponíveis de Platão, Aristóteles, Hipócrates, Galeno, Ocladius, Ptolomeu e outros filósofos. Contratou os mais hábeis tradutores e os encarregou de traduzir os livros de forma pontual. Então, eles foram traduzidos da maneira mais perfeita possível. Então, ele incentivou as pessoas a ler e aprender e, assim, o conhecimento foi promovido e divulgado em sua época. Portanto, o Estado da sabedoria se construiu em sua época. Os intelectuais competiam entre si na aquisição de conhecimentos, uma vez que viam na ciência uma aproximação do califa e uma grande virtude. Ele realizava sessões privadas com eles (acadêmicos) e gostava de ouvir seus debates, desta maneira, eles tinham uma posição de destaque em sua audiência.[638]

Esta citação de Al-Qadi Said Al-Andalusi mostra que o califa Al-Ma'mun estabeleceu uma academia especial para traduzir várias ciências, e foi capaz de trazer os grandes tradutores de todo o mundo. Ele contratou Abu Yahya ibn Al-Batriq, um cientista grego, bem como Hunain ibn Ishaq, e fazia parte da equipe de tradução o famoso cientista Ibn Masawaiyh[639].

---

637 Idem, p. 339, em diante.

638 Sa `id Al Andalusi: *Tabaqat Al umam*, p. 49.

639 Sarhan Mansur: *Al Maktabat fi Al `usur Al Islamiya (As bibliotecas nas eras islâmicas)*, p. 56.

Até o final do governo de Al-Ma'mun, a maioria dos livros gregos e persas e outros livros antigos de matemática, ciência, astronomia, medicina, química e engenharia já existiam em uma nova versão árabe na *Casa da Sabedoria*. Will Durant, em seu livro *História da Civilização,* citou que: "os muçulmanos herdaram dos gregos a maioria das ciências herdadas dos mais antigos. A Índia ficou em segundo lugar depois da Grécia"[640].

Centro de Pesquisa e Autoria

Este foi um dos mais importantes afluentes da biblioteca, onde os autores escreveram livros exclusivamente para a biblioteca. Esses autores fizeram isso como parte de seu trabalho na autoria e pesquisa na biblioteca ou realizavam seus trabalhos fora da biblioteca e os ofereciam a ela. Os autores recebiam recompensas generosas do califa[641]. Até mesmo os escribas da Casa da Sabedoria eram selecionados segundo critérios específicos, de modo a evitar qualquer confusão. Um acadêmico do terceiro século chamado Allan Al-Shu` uby era um escriba na Casa da Sabedoria para Al-Rashid e para Al-Ma'mun[642].

Observatório Astronômico

Al-Ma'mun estabeleceu um observatório no distrito de Al-Shammasiyah, perto de Bagdá. Foi filiado à Casa da Sabedoria. O objetivo do observatório foi ensinar a astronomia na prática – ou seja, os alunos puderam aplicar o que aprenderam das teorias científicas. Este observatório empregava cientistas da astronomia, geografia e matemática[643], como Al-Khawarizmi, os filhos de Mussa ibn Shakir, Al-Biruni. Neste observatório, Al-Ma'mun conseguiu calcular a circunferência da Terra com o trabalho de duas equipes de cientistas[644].

640 Will Durant: *História da Civilização*, 14/40.

641 Safadi: *Al Wafy bil Wafiyat (O Perfeito em biografias)*, 13/131.

642 Idem, 19/367.

643 Ibn Al `Ibry: *Mukhtasar Tarikh Al Duwal (Breve História das Nações)*, p. 75.

644 Edward Vandyke: *Al Iktifa 'Qanu bima Huwa Mathu*, p. 235.

Escola

Os califas que sucederam Al-Rashid aproximaram os estudiosos famosos na época e atribuíram-lhes a tarefa de educar seus filhos em troca de generosas recompensas. Entre os estudiosos, temos: Al-Kisaí Ali ibn Hamzah[645], que estava muito perto do califa Al-Ma'mun, que lhe confiou ensinar gramática para seus dois filhos. Al-Kisaí escreveu grandes obras de gramática e de linguagem. Entre eles, também: Ibn Al-Sikkit[646], que ensinava o filho de Jaafar Al-Mutawakkil[647]. A cultura de alguns estudiosos se elevou e se diversificou, então seus nomes costumavam ser mencionados junto com os jurisprudentes. Alguns deles ganhavam salários de ambos os lados, como Al-Zajjaj, que costumava ganhar salários por estar envolvido nas duas equipes de estudiosos e juristas, num total de 200 dinares por mês[648]. O califa Al-Muqtadir chegou a determinar um salário de 50 dinares por mês para Ibn Duraid[649], quando este chegou a Bagdá pobre[650].

Quando as escolas foram criadas, os professores foram nomeados com um salário mensal regular dos cofres públicos ou das receitas de doações que foram feitas para essas instalações. Os salários variaram de acordo com o estatuto do professor e as doações feitas para os erários e, em geral, eram muito generosos[651].

Durante as eras de Al-Rashid e de Al-Ma'mun, a Casa da Sabedoria também serviu como alojamento para os alunos e professores[652].

---

645 Al Kisa'i: Abu Al Hassan Ali ibn Hamza ibn Abdullah Al Kufy, um estudioso de gramática e linguística, e um dos sete famosos recitadores do Alcorão. Ele foi o tutor de Al-Amin, herdeiro e filho do califa Harun Al Rashid. Ele nasceu em Kufa, e morreu em 189 d.H./805 d.C. Veja Al Hamwy: *Mu`jam al Udaba (Glossário dos escritores),* 4/1737-1752 e Ibn Khillikan: *Wafiyat Al `aian*, 2 / 295, 296.

646 Ibn Al Sikkit: Abu Yussuf Ya`qub ibn Ishaq (186-244 d.H./802-858 d.C.), um homem de destaque na língua e literatura. Ele contatou o califa abássida Al Mutawakkil, que atribuiu a ele a educação dos seus filhos e fez dele um dos seus acompanhantes e, em seguida o matou. Veja Ibn Khillikan: *Wafiyat Al `Aian*, 6/395-401.

647 Al Suiuti: *Bughiat Al Wu `ah fi Tabaqat Al Lughawiyyin wa Al Nuhah (O desejo dos conscientes sobre as camadas de linguistas e gramáticos),* 2 / 349.

648 Al Zhahabi: *Siar A´lam Al Nubala (Biografias dos nobres sábios)*, 14/360.

649 Ibn Duraid, Abu Bakr Muhammad ibn Al Hassan ibn Duraid Al Basry (223-321 d.H./838-933 d.C.), o imam em sua época em língua e literatura. Ele nasceu em Basra e morreu em Bagdá. De seus livros: Jamharat Al Lughah. Veja: Al Hamwy, 6/2489-2496 e Ibn Khillikan, 4/323-328.

650 Al Zirikli: *Al A´lam*, 6 / 80.

651 Ver: Al Nu `Aimy: *Al Daris fi Tarikh Al Madaris*, 1 / 418, 18/02, 52, 306.

652 Will Durant: *História da Civilização*, 4 / 319; Ahmad Shalaby: *Tarikh Al Tarbiyah Al Islamiya (História da educação islâmica),* p. 184 e Khidr Ahmad Atallah: *Bait Al Hikmah fi `Asr Al ` Abbasiyyin (A Casa da Sabedoria na dinastia abássida),* p. 246.

Quanto ao ensino na Casa da Sabedoria, havia dois sistemas: sistema de palestras e sistema de diálogo e debates. Com a ajuda de um assistente, um professor lecionava altas ciências em salas grandes para alguns alunos, explicando-lhes o que era inacessível para eles nas palestras e discutia com eles sobre o assunto lecionado. E o professor ou o sheikh era a autoridade final na discussão de seu assunto. Os estudantes se deslocavam de uma sala para outra, para aprender os diferentes ramos do conhecimento[653].

O ensino incluía as matérias de filosofia, astronomia, medicina, matemática e idiomas, como o grego, persa, indiano, além de árabe. Uma vez que o estudante concluía um ramo da ciência o seu professor lhe dava um certificado (*ijazah*), reconhecendo que ele dominou a disciplina. Se o graduado se destacou na matéria, o certificado testemunhava que ele poderia ensiná-la, e o direito de emissão do certificado era apenas do professor e indicava o nome do aluno, o nome de seu sheikh, sua escola de jurisprudência, bem como a data do certificado[654].

A Administração da Casa da Sabedoria

Um grande número de gestores acadêmicos organizou a administração da Biblioteca de Bagdá. Este gestor era denominado "*sahib*", portanto chamavam o administrador da Casa da Sabedoria de "*Sahib Bait Al-Hikmah*" (ou seja, o chefe da Casa da Sabedoria). O primeiro deles foi Sahl ibn Harun Al-Farisi (falecido em 215 d.H./ 830 d.C.), a quem Harun Al-Rashid confiou a tarefa de armazenar os livros de sabedoria. Ele traduzia do persa para o árabe o que ele encontrava da sabedoria persa e, quando Al-Ma'mun assumiu o califado, o nomeou chefe da Casa da Sabedoria[655]. Sa`id ibn Harun, apelidado de Ibn Harim[656], também o ajudava na gestão da biblioteca. A gestão da Casa da Sabedoria também foi assumida por Al-Hassan ibn Mirar Al-Dabby[657].

Na descrição da Biblioteca de Bagdá, Al-Qalqashandi diz: "As maiores bibliotecas no Islam são três: uma delas é a biblioteca dos

653 Khidr Ahmad Atallah: *Bait Al Hikmah fi `Asr Al `Abbasiyyin (A Casa da Sabedoria na dinastia abássida),* p. 140.

654 Will Durant: *História da Civilização*, 14/36.

655 Ver: Al Zirikli: *Al A´lam*, 3 / 144.

656 Al Safadi: *Al Wafy bil Wafiyat*, 5 / 86.

657 Ver: Al Kutby: *Fawat Al Wafiyat*, 1 / 122.

califas abássidas em Bagdá, que incluiu livros incontáveis e de valor inestimável"[658]. A segunda biblioteca foi a situada no Cairo e a terceira em Córdoba.

No entanto, havia muitas bibliotecas no mundo muçulmano que não eram menos importantes do que a Biblioteca de Bagdá. Isso porque os califas muçulmanos e príncipes estavam competindo em recolher livros. O califa Al-Hakam ibn Abdul-Rahman Al-Nasser, da Andaluzia, enviava homens para as regiões do Oriente para comprar novos livros assim que eram lançados[659].

Junto com muitas outras bibliotecas islâmicas, a Biblioteca de Bagdá desempenhou um papel importante na revolução científica em vários campos nas mãos dos primeiros muçulmanos e dos filhos de outras nações que aprendiam com os muçulmanos, uma revolução sem precedentes na história antes da Idade Moderna, que teve um impacto profundo na civilização humana, num momento em que a Europa estava em uma condição miserável de nomadismo e subdesenvolvimento[660].

Não podemos deixar de mencionar aqui que esta biblioteca graduou muitos cientistas que foram gênios em muitos campos da ciência, como Al-Khawarizmi, o inovador da álgebra. Ibn Al-Nadim declarou sobre seu amplo papel na astronomia: "Ele dedicou-se à Biblioteca da Sabedoria de Al-Ma'mun. Ele era especialista em astronomia, as pessoas confiavam em seus cálculos antes da observação astronômica e depois dela"[661].

Entre os graduados da Casa da Sabedoria também: Al-Razi, Ibn Sina (Avicena), Al-Biruni, Al-Battani[662], Ibn Nafis, Al-Idrisi[663], e outras centenas de cientistas, que foram fruto do pensamento islâmico, cujos fundamentos foram estabelecidos pela Biblioteca de Bagdá e por outras bibliotecas islâmicas.

---

658 Al Qalqashandy: *Subh Al `A sha*, 1 / 537.

659 Ibn Al Abar: *Al Takmilah li Kitab Al Silah*, 1 / 226.

660 Ver: Qadri Toqan: *Turath Al'Arab Al' Ilmy fi Al Riyadiyat wa Al Falak (A Herança Árabe Científica na Matemática e Astronomia)*, p. 250.

661 Ibn Al Nadim: *Al Fihrast (A Bibliografia)*, p. 333.

662 Al Battani: Abu Abdullah Muhammad ibn Jabir Ibn Sinan Al Harrani (falecido em 317 d.H./ 929 d.C.), um engenheiro astronômico, morreu em Samarra. Veja Al Qafty: *Ikhbar Al `Ulama 'bi Akhbar Al Hukama' (A informação dos acadêmicos sobre as notícias dos sábios),* p. 184, 185 e Al Safadi: Idem, 2 / 209.

663 A Idrisi Abu Abdullah Muhammad ibn Muhammad ibn Abdullah ibn Idris (493-560 d.H./ 1100-1165 d.C.), é um cientista da geografia. Dirigiu-se para a Sicília e encontrou Rogério II, para quem escreveu um livro intitulado *Nuzhat Al Mushtaq fi Ikhtiraq Al Afaq (A excursão de quem deseja atravessar os horizontes),* 1 / 138: Veja: Al-Safadi

Infelizmente, esse marco da civilização e farol cultural foi exterminado pelos bárbaros ataques dos tártaros. Envolvidos em completa estupidez e insensatez, os tártaros simplesmente jogaram milhões de livros preciosos no rio Tigre!

Tinha-se pensado que os tártaros provavelmente carregariam os livros valiosos para Karakorum, a capital da Mongólia, para tirar proveito de tal conhecimento inestimável, especialmente porque eles ainda estavam na infância da civilização. Mas os tártaros eram uma nação bárbara, que não lia e não queria aprender... viviam apenas para os prazeres e desejos. Os tártaros jogaram os esforços dos últimos séculos no rio Tigre, a ponto de a cor da água do Tigre ficar preta por causa da tinta dos livros e a ponto de o cavaleiro tártaro poder atravessar o rio de uma margem para outra em cima dos enormes volumes dos livros! Sem dúvida, foi um crime contra toda a humanidade[664].

E por incrível que pareça, os poucos escritos científicos que sobreviveram à destruição causada por esses e outros invasores foram uma das principais causas do renascimento científico moderno na Europa. Este foi o testemunho de muitos estudiosos imparciais no Ocidente. Com base nisso, a biblioteca da Casa da Sabedoria em Bagdá acrescentou um grande crédito à civilização humana e foi um elo importante na sua construção.

664 Ragheb Al Sergany: *Qissat Al Tatar min Al Bidaiah ila `Ayn Jalut (A História dos tártaros do começo até `Ayn Jalut),* p. 161, 162.

Quinto Capítulo

A Organização dos Sábios

A civilização islâmica formou milhares de grandes cientistas que tiveram a virtude no progresso e desenvolvimento desta civilização. Naturalmente, toda civilização humana teve sábios que eternizaram a sua história e elevaram a sua posição entre as nações.

O que mais chama a atenção na civilização islâmica é o fato de ela ter estabelecido para si uma sistemática maravilhosa, à qual ela conseguiu seguir durante toda a sua caminhada repleta de construções. O progresso desta sistemática foi constante com o progresso da situação científica testemunhada por esta civilização.

Os sábios muçulmanos não alcançaram o status científico prestigioso ao qual chegaram à toa; isso aconteceu através de uma longa viagem repleta de histórias de sofrimento e paciência, suportando todos os encargos financeiros e morais para chegar ao status científico singular ao qual chegaram. Apresentaremos este assunto através dos seguintes objetos de pesquisa:

1. A Busca do Conhecimento e a Formação dos Sábios
2. O Status dos Sábios no Governo Islâmico
3. *Al Ijazah*... A Certificação, Primazia Islâmica e Imitação Ocidental

1

A Busca do Conhecimento e a Formação dos Sábios

Primeiro, devemos notar que os estudantes da civilização islâmica estabeleciam uma grande meta em suas vidas: a elevação e o progresso de sua civilização entre as civilizações do mundo. Essa meta não era um fim em si, mas uma maneira de agradar ao Senhor do Universo.

A pessoa se surpreende quando lê que os cientistas da Grécia antiga foram ridicularizados pelo público e eram um exemplo flagrante de zombaria para aqueles que queriam ridicularizar esta grande civilização[665].

No entanto, a civilização islâmica declarou explicitamente desde o início da revelação ao profeta (a paz esteja com ele) que os sábios são os mais tementes a Allah. Allah (exaltado seja) diz: ***"Apenas os sábios temem verdadeiramente a Allah, entre Seus servos"*** (Fatir: 28). E a partir daqui, esses valores foram inculcados em cada indivíduo dessa civilização. Os muçulmanos sabiam que os cientistas são os verdadeiros mestres desta nação, porque "os sábios são os herdeiros dos profetas"[666].

Assim, milhares dos filhos desta civilização levantaram-se, desde a sua tenra idade, para buscar o conhecimento em todas as partes, e a educação desses estudiosos foi um eterno exemplo a ser copiado e uma história imortalizada.

Os alunos dessa civilização se apoiaram na humildade e na perseverança na aquisição de conhecimentos. Abdullah ibn Abbas, o grande estudioso desta nação, narrou: "Quando o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) morreu, eu disse para um homem do Anssar (socorredores):

665 Adam Metz: *A Civilização Islâmica no quarto século da Hégira*, 1 / 327.

666 Sunan Abu Daud (3641), e Sunan Al Tirmizhi (2682).

> Vamos perguntar aos companheiros do mensageiro de Allah (a paz esteja sobre ele), pois hoje eles são muitos. Ele disse: "Você é incrível Ibn Abbas, você acha que as pessoas estão precisando de você, enquanto os companheiros do profeta estão entre as pessoas".[667] Ele disse: "O homem saiu e eu comecei a perguntar para os companheiros do profeta sobre o *hadith*. Às vezes, quando me era relatado um *hadith* por um homem, eu vinha até a sua casa e deitava no meu roupão na frente de sua casa, enquanto o vento soprava poeira sobre mim, enquanto ele estava tomando uma sesta (dormia no horário do meio da tarde). Quando o homem saía e me via, dizia: 'Ó primo do mensageiro de Allah, o que te trouxe até aqui? Era melhor chamar-me e eu ia até você', eu dizia: 'Sou eu quem deve vir' e comecei a perguntar-lhe sobre o *hadith*. O homem Anssari viveu até que ele viu as pessoas reunidas em torno de mim e me perguntando. Ele (o Anssari) dizia: '... Esse menino era mais sábio do que eu'"[668].

Portanto, a concorrência entre os amigos na busca do conhecimento era uma das características desta civilização. Sempre que lemos sobre qualquer época da civilização islâmica, encontramos um espírito de concorrência entre os que buscam o conhecimento. Neste contexto, muitas histórias emocionantes são relatadas. O jurista de Madinah Salih Ibn Kaysan (falecido em 140 d.H.) disse:

> Eu me encontrei com Al-Zuhri (Muhammad ibn Shihab) quando estávamos adquirindo conhecimento. Dissemos: "Vamos escrever a Sunnah (tradições proféticas), então, gravamos tudo o que foi relatado da parte do profeta (a paz esteja com ele)". Ele me disse: "Vamos gravar o que é relatado dos companheiros, porque também é Sunnah". Eu disse: "Não, não é Sunnah, e por isso não anotaremos". Mas ele escreveu o que eles disseram e eu não escrevi e por isso ele teve êxito e eu perdi...[669].

Surpreendentemente, os califas e príncipes zelavam em buscar o conhecimento a partir de uma idade precoce. Alguns deles desejavam retornar a esses dias solenes e invejavam os alunos pobres, que buscam o conhecimento incansavelmente. O califa Al-Mansur (falecido em 158 d.H.), em sua juventude, buscou o conhecimento de suas fontes, o *hadith* e *fiqh* (jurisprudência). Ele adquiriu uma parte razoável do conhecimento. Foi dito a ele um dia:

---

667 Significa que os companheiros do mensageiro de Allah (que a paz esteja com ele) são muitos, e as pessoas irão recorrer a eles e não recorrem a você.

668 Al Faswi: *Al Ma `rifah wa Al Tarikh (O Conhecimento e a História)*, 1 / 298.

669 Ibn Kathir Al Bidai ah wa Al Nihayah *(O Princípio e o Fim),* 9 / 376, 377.

> "Ó líder dos crentes, há ainda algo de prazeres que não alcançaste até agora?" Ele disse: "Uma coisa". Eles disseram: "O que é isso?" Ele disse: "É quando um *muhaddith* (estudioso do *hadith*) diz a um sheikh: "'Quem você mencionou – que Allah tenha misericórdia de você'"? Então, seus ministros e seus escribas se encontraram e se sentaram em volta dele e disseram: "Estamos prontos, ó líder dos crentes, pode ditar algo do *hadith* para nós". Ele disse: "Vocês não são deles, eles são aqueles de roupas sujas, têm seus pés rachados, seus cabelos longos, viajam entre os países, às vezes, no Iraque, às vezes na Península, às vezes na Síria, e às vezes no Iêmen. Eles são os transmissores do *hadith*"[670].

Os pais se preocupavam em educar e orientar seus filhos desde pequenos e os acostumavam na missão de buscar o conhecimento. Um exemplo é o erudito da Andaluzia, Al-Humaidi (nascido antes de 420 d.H.), seu pai o carregava nos ombros para assistir às aulas de *hadith* em 425 d.H. Em 448 d.H., ele partiu para o Egito depois que ouviu de Ibn Abdul-Barr[671] e Ibn Hazm, memorizou seus livros e analisou-os com ele, tomou muito de seu conhecimento e o acompanhou. Ele também frequentou aulas em Damasco e em outros lugares. Narrou de Al-Khatib Al-Baghdadi e escreveu sobre a maioria de suas obras. Frequentou aulas de Al-Zanjani em Makkah, habitou em Wasit (no Iraque) por algum tempo depois que ele deixou Bagdá. Em seguida, retornou a Bagdá, morou lá e escreveu muito sobre *hadith*, literatura e outras artes. Al-Humaidi compilou várias obras, e foi um dos líderes dos muçulmanos na memorização, conhecimento, competência, credibilidade, honestidade, nobreza, religião, devoção e integridade. A ponto de alguns grandes sábios que encontraram muitos imams dizerem: "jamais os meus olhos viram igual a Abu Abdullah Al-Humaidi em sua virtude, nobreza, integridade, grandeza de conhecimento e zelo na difusão do conhecimento"[672].

Mais incrível ainda é a participação dos pais com seus filhos na viagem em busca do conhecimento. Isso aconteceu com Ubadah ibn Al-Walid ibn Ubadah ibn Al-Samit e seu pai Al-Walid. Ele disse: "Eu saí com meu pai para buscar o conhecimento nesta região dos anssar, antes deles morrerem.

---

670 Ibn `Assakir: *Tarikh Madinat Dimashq (A História de Damasco)*, 32/330.

671 Ibn Abd Al Barr, Abu Omar Yussuf ibn Abdullah ibn Muhammad ibn Abd Al Barr Al Qurtuby Al Maliky (368-463 d.H./ 979-1171 d.C.), era o imam de sua época no *hadith*. Era chamado de Hafidh (aquele que tem a totalidade do Alcorão em memória) do Magrebe (Oriente). De seus escritos *Al Isti `ab fi Ma` Rifat Al Ashab (A assimilação do conhecimento dos companheiros)*. Veja Ibn Khillikan: *Wafiyat Al A'aian*, 7/66-71, e Al Zhahabi: *Tadhkirat Al Huffadh (lembrança dos memorizadores),* 3 / 217, 218.

672 Al Maqqari: *Nafh Al Tib (Inspiração das fragrâncias)*, 2 / 113.

O primeiro que conheci foi Abu Al-Yusr, um companheiro do mensageiro de Allah, com um menino com ele. E citou o *hadith*"[673].

A viagem para buscar o conhecimento com os filhos foi um novo acréscimo islâmico no curso da civilização humana, nenhuma classe se distinguiu das outras nesta matéria. O líder dos crentes, Sulayman ibn Abdul-Malik, por exemplo, viajou junto com seus dois filhos para conhecer Ata. Sentaram-se enquanto ele estava orando. Quando terminou sua oração, ele se virou para eles e ficaram perguntando a ele sobre os rituais do *hajj* (peregrinação) até que ele virou o rosto. Sulayman disse a seus filhos: "Levantem-se". Levantaram-se e disse-lhes: "Ó meus filhos, não se atrasem em buscar o conhecimento"[674]. O califa Harun Al-Rashid também viajou com seus filhos, Al-Amin e Al-Ma'mun, assistiram a palestras sobre *Al-Muwatta*, o famoso livro de *hadith* compilado pelo Imam Malik em Madinah[675].

Alguns pais impediram os filhos de buscar conhecimento, devido às dificuldades e falta de dinheiro. Mas a comunidade zelava em ajudar os estudantes talentosos a continuarem a busca de formação. Ibn Kathir narrou que o pai de Hashim ibn Bashir ibn Abu Hazim Al-Qasim Abu Muauiah Al-Silmi Al-Wasiti era cozinheiro de Al-Hajjaj ibn Yussuf Al-Thaqafi e em seguida, vendedor de picles. Ele impediu seu filho de sair em busca do conhecimento a fim de ajudá-lo em seu trabalho, mas o filho recusou e insistiu em ir às aulas de *hadith*. Aconteceu que Hashim ficou doente. Acompanhado por uma multidão de pessoas, Abu Shaibah, o juiz de Wasit, veio visitá-lo. Expressando alegria em ver isso, Bashir disse: "Ó meu filho, tem-se tornado tão grande que o juiz veio à minha casa? Eu não vou mais impedi-lo de ir às aulas de *hadith*". Hashim foi um estudioso e transmitia o *hadith* de Malik, Shu`bah[676], Al-Thauri[677] e outros. Ele também era dos íntegros e devotos[678].

Não há dúvida de que esta responsabilidade social é que faz o juiz da cidade e muitos dos notáveis da cidade visitarem um pobre rapaz, que não tinha nada além da perseverança na aprendizagem e empenho para ser

673 Al Zhahabi: *Tarikh Al Islam (História do Islam)*, 1 / 341.

674 Ibn `Asakr, 40/375.

675 Al Zhahabi, 40/41.

676 Shu `bah ibn Al Hajjaj, Abu Bastam Shu` bah ibn Al Hajjaj ibn Al Ward Al Azdi Al Basri (82-160 d.H./701-776 d.C.), foi um dos imams do *hadith*, poesia e literatura. Imam Al Shafi'i disse: "Se não fosse Shu `bah, o *hadith* não teria sido conhecido no Iraque". Veja: Al Zirikli: Al A lam, 3 / 164.

677 Sufian Al Thauri, Abu Abdullah Sufian ibn Sa `id ibn Masruq Al Thauri (97-161 d.H./716-778 d.C.), foi o comandante dos fiéis no *hadith*. Ele nasceu e cresceu em Kufa, e morreu em Basra. Ele compilou Al Jami 'Al Kabir (A grande compilação) e Al Jami' Al Saghir (A pequena compilação) no *hadith*. Veja: Al Zirikli, 3 / 104.

678 Ibn Kathir, 10/198.

bem-sucedido na ciência. Isto confirma que a civilização islâmica respeita o conhecimento e todos os envolvidos no processo de aprendizagem, iniciando pelos alunos e finalizando com os estudiosos e professores. Esta ocorrência e outras similares a ela, sem dúvida, aprofundam a nossa convicção de que a civilização islâmica colocou os estudantes em uma posição avançada em seu sistema social, posição que não foi encontrada em nenhuma das outras nações, que davam prioridade aos assuntos materiais, como dinheiro, poder, força, autoridade e crendice.

As mães também tiveram um papel inegável no incentivo dos filhos a aprender. Algumas mães foram os melhores exemplos que mostram a plena consciência das mulheres nesses tempos imortalizados de nossa civilização. Uma dessas mães foi a mãe de Rabi`at Al-Ra'y[679], o sheikh do Imam Malik. Seu marido, Farrukh, foi enviado em uma expedição para Khorasan durante a época dos omíadas, deixando sua esposa grávida de Rabi `ah. A mulher assumiu a criação e educação de seu filho. O pai deixou 30 mil dinares quando partiu. Quando ele voltou, depois de 27 anos, entrou na Mesquita de Madinah e encontrou um círculo de estudantes em torno de um sheik e, ao aproximar-se viu Al-Imam Malik, Al-Hassan e outros notáveis de Madinah. Perguntando sobre o palestrante do círculo, foi-lhe dito que era Rabi `ah ibn Abdul-Rahman (seu filho)!

Ele voltou para sua casa e disse à sua esposa e mãe de seu filho: "Eu vi o seu filho em uma situação na qual eu nunca vi qualquer estudioso e jurista". Ela disse-lhe: "Qual é mais preferível a você? Trinta mil dinares, ou o que ele alcançou?" Ele disse: "Não, por Deus, é este (ou seja, o status de seu filho)". Ela disse: "Gastei todo o dinheiro nisso". Ele disse: "Por Deus, você não o desperdiçou"[680].

E nos surpreendemos quando sabemos que Sufian Al-Thauri foi fruto de cuidados de sua mãe. Al-Thauri (que Allah tenha misericórdia dele) foi o jurista e *muhaddith* (narrador da *hadith*) dos árabes e o líder dos fiéis no *hadith*, sobre quem Za'idah[681] disse: "Al-Thauri é o mestre dos muçulmanos"[682]. E

679 Rabi `at Al Ra'y, Rabi` a ibn Abu Abdul Rahman Al Taymy, apelidado de Rabi `at Al Ra'y. Ibn Hajar disse que ele era um jurista de confiança e famoso. Ele morreu em 136 d.H. Veja *Taqrib Al Tahdhib*, p. 207; *Tarikh Bagdá (A História de Bagdá),* 8 / 420, e Al Baji: Al Ta `dil wa al Tajrih, 2 / 573.

680 Ibn Khillikan, 2 / 289, 290.

681 Za'idah ibn Qudamah Al Thaqafy, Abu Al Salt Al Kufy, um dos grandes Tabi `un (Seguidores, a geração seguinte à dos companheiros do profeta). Al Zhahabi disse: "ele era Hujjah (argumento) e conhecedor da Sunnah". Ele morreu durante a conquista dos territórios romanos em 161 d.H. Veja Al Zhahabi: Al Kashif, 1 / 400, e Ibn Hajar: *Taqrib Al Tahdhib*, p. 213.

682 Ibn Abu Hatim: *Al Jarh wa Al Ta`dil*, 1 / 118.

Al-Auza´i [683] disse: "O único sobre quem a nação inteira tem consenso sobre o domínio do conhecimento é Sufian"[684]. Atrás dele havia uma mãe virtuosa que o educou e gastou para ensiná-lo, então ele foi o fruto de seu esforço. Ele mesmo ilustra isso dizendo:

> Eu queria buscar o conhecimento, e disse: "Ó, meu Senhor, eu preciso de sustento". E eu estava vendo o conhecimento em declínio e extinção, e decidi: vou me dedicar na busca dele e pedi a Allah que me abastasse (ou seja, que lhe desse meios de subsistência suficientes).

Deus concedeu-lhe uma mãe que lhe disse: "Ó meu filho, vá em busca de aprendizado e vou poupá-lo (de trabalhar para) o sustento com a minha roda de fiar".[685] Portanto, sua mãe trabalhava em sua roca para pagar as despesas de livros e de aprendizagem de seu filho, para que ele pudesse se dedicar ao aprendizado. Mais importante, ela sempre o incentivava e o aconselhava a continuar aprendendo. Um dia, ela lhe disse: "Meu filho, se você escrever dez letras olhe para si mesmo: você vê em si mesmo um aumento do seu medo (de Allah), tolerância e humildade. Se você não vê isso, saiba que (estas letras) foram prejudiciais e não foram benéficas para você".[686]

Assim era a sua mãe, então assim ele foi... assumiu a liderança no conhecimento e o imamato na religião.

Não podemos deixar de mencionar aqui o papel da mãe na vida de sábios famosos, como o principal compilador do *hadith*, Al-Imam Al-Bukhari, que cresceu órfão e cuja mãe deu-lhe a melhor educação e assistência e o encorajou a seguir o caminho do aprendizado, da piedade e das boas ações. Ela viajou com ele quando ele tinha dezesseis anos a Makkah para realizar o *hajj*, o deixou lá para aprender o conhecimento no idioma dos árabes nativos e, em seguida, retornar como o grande Al-Bukhari. Ela ensinou as mães muçulmanas – e as viúvas em especial – como deve ser a educação dos filhos e qual o papel das mães no progresso e no renascimento da nação.

---

683 Abu Amr Al Awza`i, Abdul-Rahman Ibn ` Amr (88-157 d.H.), era o imam em *hadith* e jurisprudência (fiqh) na Síria em sua época. Ele era confiável em sua sabedoria. Morou e morreu em Beirute. Veja Ibn Sa `d: *Al Tabaqat Al Kubra*, 7 / 488, e Al Mazzi: *Tahdhib Al Kamal,* 17/308.

684 Al Zhahabi: Tadhkirat Al Huffadh, 1 / 204.

685 Abu Nu`aim: Hilyat Al Awliya, 6 / 370.

686 Ibn Al Jawzy: Sifat Al Safwah, 3 / 189. Sobre a história da mãe do Imam Al Shafi'i, veja Mustafa Al Sha`kah: *Al A`imah Al Arba`ah (Os quatro imams),* p. 10, 11.

Quanto à mãe do Imam Al-Shafi'i, ela viajou com o filho quando ele tinha dois anos. Saiu com ele de Gaza, sua cidade natal, para Makkah, onde havia o conhecimento, as virtudes e o deserto ao seu redor, onde a linguagem do menino se formará corretamente[687]. Assim, Al-Shafi'i foi fruto do esforço exercido por esta mulher virtuosa.

A viagem em busca de conhecimento era desejável para quem quisesse assimilar o conhecimento de suas fontes. Makhul de Damasco, um Tabi'i [geração seguinte à dos companheiros do profeta] dizia com orgulho: Percorri o mundo inteiro em busca do conhecimento[688]. Por isso, Makhul tornou-se um dos grandes estudiosos muçulmanos. E por isso, Al-Imam Muhammad ibn Shihab Al-Zuhri disse sobre ele: "Os estudiosos são quatro: Sa`id ibn Al-Mussayyib em Hijaz (na Península Arábica), Al-Hassan Al-Basri em Basra, Al-Sha'bi em Kufa, e Makhul na Síria"[689].

Os estudiosos sofreram muito em busca do aprendizado. Ibn Abi Hatim Al-Razi citou em seu prefácio à *Al-Jarh wa Al-Ta`dil* o que seu pai, Abu Hatim Muhammad ibn Idris Al-Razi[690], sofreu em sua viagem em busca do conhecimento. Ele citou seu pai, dizendo:

> Minha primeira viagem durou sete anos, durante os quais eu contei o que eu tinha andado a pé – mais de mil *farsakhs*[691] – fiquei contando as distâncias que percorri até ultrapassar o limiar dos mil, então eu parei de contar. O número de vezes que eu andei de Al-Kufa a Bagdá é incontável, e também andei muitas vezes de Makkah para Madinah. E parti de Al-Bahrain, perto da cidade de Sala, para o Egito, do Egito a Ramlah, a partir de Ramlah para Jerusalém, de Ramlah para Ashkelon, de Ramlah para Tiberíades, de Tiberíades para Damasco, de Damasco para Homs, de Homs para Antioquia e de Antioquia a Tarso, e depois voltei de Tarso para Homs a pé. Me restava algo do *hadith* relatado por Abu Al-Yaman, gravei-o e, em seguida, parti de Homs para Baisan, e de Baisan para Riqqah a pé. De Riqqah tomei um barco no rio Eufrates para Bagdá. Antes de sair para a Síria, parti da Wasit até Al-Nil e de Al-Nil até Al-Kufa a pé. Tudo isso na minha primeira viagem, que durou

687 Sobre a história da mãe do Imam Al Shafi`i, veja": Mustafa Al Sha`kah: *Al A`imah Al Arba`ah (Os quatro imams),* p. 10, 11.

688 Ibn Kathir, *Al Bidaiah wa Al Nihayah (O Princípio e o Fim)*, 9 / 334.

689 Ibn Kathir: idem, p. 9 / 334.

690 Abu Hatim Al Razi, Muhammad ibn Idris ibn Al Mundhir ibn Daud ibn Mahran (195-277 d.H/810-890 d.C.), nasceu em Al Riyy e morreu em Bagdá. Entre suas obras: *Tabaqat Al Tabi`in (Camadas dos seguidores); Tafsir Al Qur'an Al `Adhim (A Interpretação do Magnífico Alcorão),* e *`Alam Al Nubuwwah.* Veja *Al Zirikli: Al `Alam (As biografias),* 6 / 27.

691 Um *farsakh* equivale a aproximadamente 4,8 km.

> sete anos, quando eu tinha 20 anos de idade. Deixei Al-Riyy em 213 d.H. e voltei em 221 d.H. A segunda jornada durou cerca de três anos, começou em 242 d.H. e retornei em 245 d.H.[692].

Viajar era de grande importância para os estudiosos da Andaluzia, e um fator de preferência de alguns estudiosos sobre outros. É por isso que a Al-Maqqari[693] disse sobre Abu Amr Al-Dani[694]:

> Ele foi um dos que viajaram da Andaluzia para o Oriente Árabe, ele é mais qualificado para ser dada preferência e liderança, é conhecido entre o povo do Ocidente e do Oriente árabe. É memorizador, recitador do Alcorão e um *imam* piedoso. Nasceu em 371 d.H., começou a buscar o conhecimento em 387 d.H., partiu para o oriente em 397 d.H., ficou em Kairouan por quatro meses e entrou no Egito no mês de *shawwal*, permanecendo lá por um ano. Ele então realizou o *hajj* (peregrinação) e retornou à Andaluzia em *zhul-qui'dah* de 399 d.H.[695].

De acordo com o mencionado anteriormente, temos a convicção de que esta civilização educou seus filhos sobre a necessidade de buscar o conhecimento, qualquer que seja a sua origem. Assim, encontramos milhares de pessoas desta civilização como abelhas em seu empenho, não param na fronteira de um determinado país ou se limitam a um sábio definido. E não encontramos isso em qualquer outra civilização. Aprender era uma questão pública para os muçulmanos, e isso os distinguiu dos outros ao longo de vários séculos.

692 Abu Hatim Al Razi: *Al Jarh wa Al Ta`dil*, 1 / 359, 340.

693 Al Maqqari, Abu Abdullah Muhammad ibn Muhammad ibn Ahmad ibn Abu Bakr Al Qurashy Al Tilmisany (falecido em 758 d.H./1357 d.C.), autor de Nafh Al Tib fi Ghusn Al Andalus Al Ratib, nascido e criado em Tilmisan e morreu no Egito. Veja Al Zirikli: *Al Alam*, 7 / 37.

694 Abu Amr Al-Dani, Uthman ibn Said ibn Uthman, e é chamado Ibn Al-Sairafi (371-444 d.H./981-1053 d.C.). Era aliado dos Omíadas, um dos memorizadores do *hadith* e imam na ciência do Alcorão, suas versões e interpretação. Veja Al Safadi: *Al Wafy bil Wafiyat*, 20/20, e Al Zirikli, 4 / 206.

695 Al Maqqari: 2 / 135.

2

O Status dos Sábios no Governo Islâmico

O papel do Estado na educação dos estudiosos não é menor do que o papel da família. Pelo contrário, muitas vezes é superior ao papel da família. É obrigação do Governo patrocinar, formar e prestar atenção às condições dos sábios, para que o território governado possa triunfar em seu caminho para construir um renascimento, para guiar a sua marcha rumo ao progresso e independência e para se libertar do jugo da dependência.

Na verdade, o Governo Islâmico nunca negligenciou seu papel fundamental no campo do conhecimento, mais ainda, seu papel foi predominante. Escolas, faculdades, bem como as bibliotecas públicas e privadas se multiplicaram em todo o mundo muçulmano. A esse respeito, a história lembra um grande número de califas muçulmanos e príncipes que tiveram um papel importante na assistência aos sábios e estudantes.

Na vanguarda dos califas temos o califa abássida Harun Al-Rashid, de quem Abdullah ibn Al-Mubarak[696] disse:

> Eu nunca vi um grande número de estudiosos, recitadores do Alcorão, homens que competem nas benfeitorias, que conservam as proibições em qualquer época – exceto a época do profeta e dos califas probos e dos companheiros – como na época de Al-Rashid. O menino memorizava o Alcorão tendo apenas oito anos de idade,

696 Abdullah ibn Al-Mubarak, Abu Ja´far Muhammad ibn Abdullah ibn Al-Mubarak Al Qurashi (falecido em 868 d.H./254 d.C.), juiz de Hilwan, no Iraque, um estudioso confiável do *hadith*. Veja Ibn Makula: *Al Ikmal*, 7/239, e Al Zirikli: *Al Alam*, 1/222.

> outro menino já tinha profundo conhecimento sobre jurisprudência, *hadith*, coleções de poesias e fazia debates acadêmicos com os professores com apenas onze anos[697].

E isso só aconteceu por causa de seu alto investimento e preocupação com a ciência e seus estudantes desde a idade precoce.

Um olhar sobre o número de escolas e hospitais que foram construídos na época do renascimento e da civilização islâmica pode te mostrar como foi o papel do Governo na formação dos estudiosos desde pequenos. Havia escolas para ensinar e interpretar o Alcorão, outras escolas para o ensino do *hadith*, jurisprudência (*fiqh*), medicina, além de escolas especiais para crianças órfãs (como antecedemos no terceiro capítulo desta parte).

Depois da etapa juvenil, o Governo também teve papel de destaque na assistência aos seus estudiosos, a quem deu o devido cuidado de forma adequada ao status dos sábios. Primeiro, o Governo proporcionava salários que garantiam uma vida decente para eles, além de outros subsídios. O sheikh Najm Al-Din Al-Khabushany foi nomeado pelo sultão Salah Al-Din (Saladino) como um professor na escola deste último, Al-Salahiyyah. Al-Khabushany recebia 40 dinares para o ensino, 10 dinares por supervisionar doações à escola, 60 libras egípcias de pão por dia, e duas cantinas de água do Nilo por dia[698].

O salário mensal dos sheikhs de Al-Azhar costumava incluir uma provisão para as despesas de sua mula. Isso porque os erários de Al--Azhar incluíam algumas doações especiais para as despesas das mulas dos sheikhs de Al-Azhar[699]. Ações como essa são consideradas uma maneira de dar aos estudiosos a oportunidade de dedicar-se à escrita, à criação e ao ensino e benefício das pessoas nos assuntos da religião e da vida mundana. Merece ser destacado aqui que os professores, já naquela primeira época, tinham um sindicato particular para o qual eles escolhiam o chefe, enquanto o sultão só podia intervir nessa união se ocorresse uma divergência entre os seus membros.

---

697 Abu Muhammad Abdullah ibn Musslim ibn Qutaybah Al Dinwary: *Al Imamah wa Al Siyasah (O Imamato e a Política),* conhecido como T*arikh Al Kulafá (A história dos califas)*, 2 / 157.

698 Al Suiuti: *Husn Al Muhadarah (A melhor maneira de docência),* 2 / 57.

699 Ver Mustafa Al Siba'i: *Min. Rauai Hadharatina (Das obras primas da nossa civilização)* p. 102.

A este respeito, Abu Shamah[700] relata em seu livro *Al-Rawdatayn àn Muqallid Al-Dawla`y*:

> Quando Al-Hafizh Al-Muradi morreu, nós juristas nos dividimos em dois grupos: árabes e curdos. Alguns de nós preferiam seguir a escola (*mazhhab*) e queríamos convocar o sheikh Sharaf Al-Din ibn Abi Asrun,[701]que estava em Mosul, e alguns de nós tenderam à ciência de debates e opiniões diversas e queríamos então chamar Al--Qutb Al-Nissaburi, que visitou Jerusalém e voltou para territórios estrangeiros. Houve disputa por causa deste assunto causando intriga entre os juristas. Então, Nur Al-Din soube e convocou os juristas para o castelo em Halab (Aleppo). Majd Al-Din ibn Daia saiu para encontrá-los em nome de Nur Al-Din, e disse-lhes: "Construímos escolas para disseminar o conhecimento, refutar heresias e consolidar a religião, e o que aconteceu entre vocês não convém". Nur Al-Din disse: "Satisfazemos os dois grupos, e os dois sheikhs serão convocados". Chamou-os e nomeou Sharaf Al-Din como chefe da escola, que foi nomeada com seu nome após ele, enquanto Qutb Al--Din foi nomeado chefe da Escola de Al-Nafari[702].

Em outra etapa, o papel do Governo no tratamento dos sábios inovadores foi um pouco diferente. Como exemplo, o terceiro califa da dinastia almóada (os unificadores), Al-Mansur Yaqub ibn Yussuf ibn Abdul-Mu'min, criou a Casa de Estudantes para alunos talentosos e a supervisionava pessoalmente. Alguns de seus acompanhantes invejavam os alunos pela nobre posição que tinham junto dele, pois ele os aproximava em suas sessões e também tinha sessões particulares com estes estudantes. Quando Al-Mansur soube disso, ele se preocupou e disse-lhes: "Ó almóadas, vocês são tribos e, quando ocorre algo com algum de vocês, recorre à sua tribo. Mas esses alunos não têm nenhuma tribo, exceto eu. Se algo os preocupa, eles podem recorrer a

700 Abu Shamah, Abdul Rahman ibn Isma `il ibn Ibrahim (599-665 d.H./1202-1266 d.C.), um estudioso do *hadith*, comentarista e narrador do Alcorão, jurista e estudioso dos fundamentos do *Fiqh*. Ele nasceu e cresceu em Damasco e assumiu o posto de chefe de Dar Al *hadith*. Veja Ibn Assakir, *Tarikh Dimashq (História de Damasco),* 66 / 3, e Al Shatbi, *Ibraz Al Ma`ani min Hirz Al Amany,* 01/01.

701 Ibn Abu `Asrun, Abdullah ibn Muhammad ibn Hibatullah Al Tamimy (492-585 d.H./1099-1189 d.C.), um jurista Shafi'i, nasceu em Mosul, se mudou para Bagdá e estabeleceu-se em Damasco, onde ele assumiu o Judiciário em 573 d.H. A escola Al `Asruniyyah em Damasco foi nomeada com seu nome.

702 Ver Abu Shamah Al Maqdisy: *Al Rawdatayn fi Akhbar Al Nuriyah wa Al Salahiyah*, p. 17.

mim. Eles pertencem a mim..."[703]. Assim, a dinastia almóada se firmou e predominou.

Abu Ubaid Al-Qasim ibn Salam[704] tem uma história curiosa com Abdullah ibn Tahir[705], uma história que indica que os príncipes valorizavam os estudiosos e honravam os talentosos entre eles. Quando Abu Ubaid'Al-Qasim ibn Salam escreveu seu livro *Gharib Al-Hadith*, ele apresentou o livro a Abdullah ibn Tahir, que gostou do livro e disse: "Um homem cuja mente o inspirou a escrever esse livro merece não ter necessidade de procurar o sustento". Então, ele estabeleceu 10 mil dirhams por mês para ele[706].

São famosos os grandes prêmios e concessões feitas pelos califas e governadores para os estudiosos no intuito de incentivá-los a adquirir mais conhecimento. Esses prêmios eram, por vezes, além da imaginação. Por exemplo, um livro traduzido para o árabe foi pesado em ouro e o ouro foi dado para o tradutor[707]. O resultado foi um ativo movimento de tradução, levando à tradução de grandes ciências para os muçulmanos.

Mais impressionante é o feito do Império Otomano, quando este conseguiu reunir os estudantes talentosos de todas as vilas e cidades, e deu toda a assistência a eles. Isso fez com que todos os estudantes talentosos dessem o máximo que tinham de artes e ciências, contribuindo assim para o progresso do império cultural e militarmente, até que se tornou o número um do mundo.

O interesse do Governo não se resumia apenas aos seus sábios; os governantes chamavam estudiosos de várias regiões para se beneficiarem de seus conhecimentos e para terem o prazer de prestar assistência a eles. O emir Al-Mu`izz ibn Badis, da dinastia Sanhaji no Oriente árabe, sempre que ouvia sobre algum sábio o trazia na sua presença e,

703 Al Marrakeshi: *Al Mu `jib fi Talkhis Akhbar Al Maghrib*, p. 81.

704 Abu Ubaid Al Qasim ibn Salam: Abu` Ubaid Al Qasim ibn Salam Al-Harwy (157-224 d.H./774-838 d.C.), um dos grandes sábios de literatura, *hadith* e jurisprudência. Ele nasceu e foi educado em Harah, se mudou para Bagdá e para o Egito, e morreu em Meca. Veja Al Zhahabi: *Siyar Alam Al Nubala*, 10/490-492.

705 Abdullah ibn Tahir, Abu Al `Abbas Abdullah ibn Tahir ibn Al Hussain Al Khuza` y (182-230 d.H./798-844 d.C.), foi um dos governantes mais famosos da época abássida. Ele foi nomeado governador da Síria, Egito, Khorasan, Tabaristan, Kerma e Al Riyy e morreu em Nisabur ou em Merw.

706 Ver Al Khatib Al Baghdadi: *Tarikh Bagdá (A História de Bagdá)*, 12/406; Ibn Assakir: *Tarikh Dimashq (História de Damasco)*, 49/74, e Ibn Hajar: *Tahdhib Al Tahdhib*, 8 / 284.

707 Ver Ibn Sa `id Al Andalusy: *Tabaqat Al Umam*, p. 48, 49.

ainda mais, o tornava dos seus particulares e o honrava profundamente, confiava em suas opiniões, e lhe concedia os mais altos escalões[708].

O sultão otomano Muhammad Al-Fateh (Mehmet) nunca ouviu falar de um estudioso pobre sem que ele corresse para ajudá-lo e se empenhasse para fornecer-lhe meios de subsistência[709].

Essa imagem se esclarece quando ele diz na recomendação que fez ao seu filho quando estava no leito da morte. Ele disse: "... e sendo que os estudiosos são como o poder espalhado no corpo do Governo, honre-os e incentive-os. Se você ouvir falar de um deles em outro país traga-o e honre-o com dinheiro"[710].

Isso é o que encontramos sobre o relacionamento do Governo Islâmico com todos os sábios, sem distinguir entre muçulmanos e adeptos de outras religiões e crenças. Exemplo disso é a família de Bukhtishu Nestoriano, os membros desta família foram médicos da dinastia abássida por quase 70 anos (desde a época de Al-Mansur até a época de Al-Mu' tamid). Sempre tiveram os devidos cuidados e atenção exclusiva[711]. Um membro desta família, Gabriel ibn Bukhtishu ibn Georges (falecido em 213 d.H.) foi o médico e amigo íntimo do califa Harun Al-Rashid. Sua relação com a Al-Rashid ficou tão forte a ponto de Al-Rashid dizer aos seus companheiros: "Quem precisar algo de mim pode falar com Gabriel."[712]

Assim também ocorreu com Ibn Maimun Al-Andalusi (Maimônides de Andaluzia), que era judeu, era o médico particular de Saladino, que tinha um cuidado e preocupação especial por ele[713].

E os governantes e príncipes tinham outros meios quando não conseguiam atrair os estudiosos, tais como a compra dos livros científicos dos estudiosos imediatamente após eles acabarem de escrevê-los. Por exemplo, quando o califa omíada Al-Hakam da Andaluzia ouviu falar sobre o livro *Al-Aghany*, uma obra de literatura famosa até hoje, ele enviou imediatamente para o seu autor Abu Al-Faraj Al-Asfahany[714]

---

708 Ver Ibn `Azary: *Al Bayan Al Mughrib fi Akhbar Al Andalus wa Al Maghrib*, p. 129.

709 Ali Muhammad Al Salaby: *Al Dawlah Al Uthmaniyyah Awamil `Al Nuhud wa Asbab Al Suqut (Império Otomano, fatores do progresso e causas da decadência)*, p. 140.

710 Idem, p. 148.

711 Al Zirikli: Al A´lam, 2 / 44, 45.

712 Idem, 2 / 111.

713 Idem, 7 / 329.

714 Abu Al Faraj Al Asfahany, Ali ibn Al Hussain ibn Muhammad Al Qurashy Al Umawy Asfahany (de Isfahan), era um escriba, autor do livro Al Aghany. É dito que ele era um descendente do califa Hisham ibn Abdul

mil dinares de ouro, como preço de uma cópia do livro para enviá-la a ele em seu país. Al-Asfahany fez e enviou uma cópia do livro, que foi lido em Andaluzia antes mesmo de ser lido no Iraque, a pátria do autor!

A atenção despendida pelos califas, príncipes e notáveis da civilização islâmica para os estudiosos, cuidando deles, aliviando seus sofrimentos e encorajando-os a dedicar-se à difusão do conhecimento comprova o pioneirismo desta civilização em abraçar os sábios. Isso, sem dúvida, dá uma imagem oposta do que observamos na Europa, onde os cientistas foram mortos, seus livros foram queimados e as instituições que governavam o povo – de todos os credos – eram obrigadas a se submeter às superstições da Igreja.

Malik. Ele é de Asfahan e cresceu em Bagdá. Veja *Al Zhahabi*, 16/201 e Ibn Khillikan, *Wafiyat Al A'aian (Biografias dos Notáveis)*, 3 / 307.

3

Al Ijazah... A Certificação, Primazia Islâmica e Imitação Ocidental

A certificação é definida como a permissão de ensinar ou dar *fatwa* (sentença religiosa)[715]. E entre os estudiosos do *hadith* e outros estudiosos: é a permissão para transmitir um relato, um *hadith* ou um livro[716].

Os estudiosos muçulmanos desenvolveram um conjunto de critérios através dos quais quem procura o conhecimento passa num sistema de ensino se elevando até chegar ao posto de ensinar ou dar *fatwa*. Portanto a certificação foi o principal critério pelo qual um professor pode reconhecer que seu aluno era capaz de ensinar em um círculo ou uma seção independente das várias disciplinas do conhecimento.

O método de certificação é representado na permissão de transmissão do conhecimento para os outros. O sheikh dá todos ou alguns de seus livros a um de seus discípulos ou a um sábio, confirmando-lhes que os escreveu com sua própria mão, e os informa o nome do sheikh através do qual ele registrou e recebeu esse conhecimento. Em seguida, o sheikh lhes permite dar aulas desses livros aos outros[717].

A certificação foi conhecida na civilização islâmica muito cedo e tinha como intuito inicialmente evitar confusão entre os ditos proféticos. Assim, os estudiosos do *hadith* desenvolveram o método de certificação ou permissão, como uma espécie de confiança mútua entre professores e alunos.

715 Hashiyat Ibn `Abidin, 14/01.

716 Ministério de Awqaf egípcio: *Enciclopédia Muçulmana*, p. 43.

717 Karam Helmy Farhat: *Patrimônio Científico da Civilização Islâmica na Síria e no Iraque durante o século IV Hijri*, p. 69.

Na verdade, a certificação tem sido uma importante adição islâmica para o curso da civilização humana durante milhares de anos. É como o certificado autenticado que é obtido pelos alunos de hoje.

Por isso, todas as eras islâmicas, sem exceção, tiveram o sistema de certificação como pré-requisito importante para a nomeação de um estudioso em um posto sensível no Governo.

Ahmad ibn Hanbal certificou seu filho, Abdullah, para transmitir o *hadith*. O filho relatou cerca de trinta mil *hadiths* de Al-Musnad (livro de *hadith*) e cem mil *hadiths* em Tafsir (exegese do Alcorão)[718]. E o imam Muhammad ibn Shihab Al-Zuhri certificou o imam Ibn Juraij[719] para transmitir o *hadith*[720].

As mulheres na civilização islâmica tiveram o direito de aprender e ensinar. Elas eram iguais aos homens. Uma mulher não tinha permissão para ensinar a menos que ela tivesse sido certificada pelos sábios. E chama a atenção o fato de a mãe de leite do imam Al-Zhahabi[721] e sua tia, Situl Al-Ahl bint Othman, obterem os certificados de Ibn Abu Al-Yusr, Jamal Al-Din ibn Malik, Zuhair ibn Omar Al-Zar'i, e outros estudiosos. Elas também ouviram aulas de Omar ibn Al-Qawwas e outros. E Al-Zhahabi narrou dos textos dela[722].

A certificação não se limita à ciência da religião, mas também inclui todas as ciências da vida. A certificação foi conhecida no ensino das ciências da medicina. O chefe dos médicos no século IV da *hijrah*, Sinan ibn Thabit[723], certificava quem fosse submetido a um teste de especialização para quem quisesse praticar qualquer ramo da medicina[724]. O fundador da escola Al-Dakhwariyyah em Damasco[725] Muhadhab Al-Din Al-Dakhwar certificou o grande médico Ala Al-Din Ibn Al-Nafis, que depois de obter esse

718 Ibn Kathir, *Al Bidaiah wa Al Nihayah (O Princípio e o Fim)*, 11/109.

719 Ibn Juraij, Abdul Malik ibn Abdul Aziz ibn Juraij Al Rumy (70-150 d.H.), era um escravo liberto dos Omíadas. Um grande sábio, foi o primeiro a fazer as escrever sobre as temáticas do *hadith*. Veja Al Safadi: *Al Wafy bil Wafiyat (The Perfect em biografias)*, 19/119, 120 e veja também *Al Zirikli: Al A'lam*, 4 / 160.

720 Al Zhahabi: *Siyar `Alam Al Nubala*, 6 / 332.

721 Al Zhahabi, Abu Abdullah Shams Al Din Muhammad ibn Ahmad ibn `Uthman ibn Qaimaz (673-748 d.H./ 1274-1348 d.C.), um memorizador, erudito e historiador turcomenistão de origem. Ele nasceu e morreu em Damasco. Ele foi autor de cerca de uma centena de livros. Veja *Al Zirikli: Al Al'am*, 5 / 326

722 Al Zhahabi: *Siyar `Alam Al Nubala*, 1-17.

723 Sinan ibn Thabit, Abu Sa `id Sinan ibn Thabit ibn Qurrah Al Harrany (falecido em 331 d.H./943 d.C.), foi um médico e estudioso. Ele desfrutou de um status elevado na época do califa abássida Al Muqtadir, que o nomeou chefe dos médicos. Ele morreu em Bagdá. Veja *Al Safadi: Al Wafy bil Wafiyat*, 5 / 152.

724 Ibn Abu Usaibi`ah: *Tabaqat Al Attiba*, 2 / 204.

725 Al Zhahabi: *Tarikh Al Islam*, 51/312.

certificado pôde trabalhar no maior hospital da época, Hospital Al-Nury, em Damasco. Al-Razi afirmou em seu livro Al-Hawi: "...O candidato à certificação médica é testado em anatomia primeiro. Se o candidato falhar, então você não precisa testá-lo com os pacientes"[726].

A certificação concedida pelos grandes sábios foi considerada motivo de orgulho para o aluno a ser lembrado por toda sua vida. Al-Qalqashandi colocou o texto do certificado que obteve do grande sábio de sua época, Siraj Al-Din ibn Al-Mulaqqin, na matéria de jurisprudência shafi'i em sua enciclopédia *Subh Al-A'sha*, ilustrando o seu amor e orgulho por esta certificação. Ela diz:

> Nosso abençoado sheikh, mestre e erudito, o único do seu tempo em conhecimento e virtude, líder dos juristas e dos piedosos, Siraj Al-Din Abu Hafs Omar orou a Deus e permitiu que... Al-Qalqashandi ensine a escola de jurisprudência do Imam, o Mujtahid absoluto Abu Abdullah Muhammad ibn Idris Al-Muttalibi Al-Shafi'i (que Allah tenha misericórdia dele e faça do Paraíso sua morada) e leia o que quiser dentre os livros escritos sobre essa ciência e ensiná-los quando e onde desejar. Ele também permitiu dar *fatwa* (parecer religioso) oral e escrito de acordo com sua abençoada escola *(mazhab)* indicada acima, pois ele é qualificado e elegível para tal em virtude de sua confiabilidade e conhecimento profundo da religião...[727].

Assim, percebemos que *al ijazah* (sistema de certificação) foi uma primazia exclusiva islâmica no curso da humanidade, era conhecido nas dinastias islâmicas mais de dez séculos antes de ter sido adotada pelas maiores faculdades e universidades europeias. Isso demonstra a grandeza da civilização islâmica neste assunto, pois ela acrescentou um novo sistema de organização que tem sido adotado por todas as nações até os dias de hoje.

726 Al-Razi: *Al Hawy fi Al Tibb*, 7 / 426. Al Qalqashandy: *Subh Al Ash'a*, 14/366, 367.

727 Al Qalqashandy: *Subh Al Ash'a*, 14/366, 367.

Parte 4

As Contribuições dos Muçulmanos nas Ciências Mundanas

As ciências da vida têm outras nomeações, como por exemplo: ciências cósmicas, ciências técnicas, ciências aplicadas e ciências experimentais. Eu preferi chamá-las de ciências da vida em oposição às ciências da religião, porque creio que com as ciências da vida se desenvolve a vida na Terra. São elas as ciências úteis que as pessoas assimilam através do pensamento, experimentações e observações, e com as quais os seres humanos podem construir e beneficiar a Terra, submeter os seus potenciais e descobrir o Universo e o meio ambiente. Estas ciências incluem a medicina, engenharia, astronomia, química, física, geografia, geologia, botânica e zoologia, assim como outras ciências que abrangem os materiais dispersos no Universo, os quais a humanidade necessita para melhorar sua vida.

Sob a sombra do Islam, as ciências da vida tiveram alto status, por isso os muçulmanos se tornaram mestres nessas ciências. Assim, as suas universidades abriram suas portas para os estudantes europeus que deixaram seus países em busca destas ciências. Além disso, os reis e príncipes europeus dirigiam-se aos países muçulmanos para receberem tratamento médico. O pensador francês Gustave Le Bon desejou que os muçulmanos tivessem conquistado a França para que Paris se tornasse igual à Córdoba na Espanha muçulmana[728]! Ele também expressou a grandiosidade da

728 Gustave Le Bon: *A civilização árabe*, traduzido por Adel Zi'tar, pp.13-317.

civilização científica do Islam como segue: "A Europa com sua civilização é uma cidade dos árabes (muçulmanos)"[729].

Nesta parte, abordaremos algumas das contribuições dos muçulmanos para as ciências da vida, destacaremos estas contribuições e seu impacto permanente na vida da humanidade. Abordaremos isso através dos seguintes capítulos:

Primeiro Capítulo: O Desenvolvimento das Ciências Aplicadas
Segundo Capítulo: O Invento de Novas Ciências

729 Gustave Le Bon: *A civilização árabe*, traduzido por Adel Zi'tar, p. 566.

Primeiro Capítulo

O Desenvolvimento das Ciências Aplicadas

Sem dúvida, existiam várias ciências aplicadas antes do surgimento dos muçulmanos, nas quais as civilizações anteriores tiveram grandes contribuições. Os muçulmanos estão orgulhosos de anunciar abertamente que dependiam dessas contribuições, no início de seu renascimento e estabelecimento de sua civilização. No entanto, eles não se limitaram em apenas copiar os seus antecessores, mas sim, expandiram e fizeram adições surpreendentes através das suas inovações e descobertas e conseguiram traçar uma história brilhante e honrosa nessas ciências que eram aplicadas antes deles. Iremos esclarecer e observar isso nas seguintes pesquisas:

1. As Contribuições dos Cientistas Muçulmanos para a Medicina
2. A Física
3. As Ciências Ópticas
4. A Geometria
5. A Geografia
6. A Astronomia

1

A Medicina

As contribuições dos cientistas muçulmanos para a Medicina

A medicina é considerada um dos mais amplos campos de ciências da vida para as quais os muçulmanos tiveram contribuições de destaque em toda a sua civilização. Essas contribuições não tiveram precedentes em abrangência, distinção e correção do processo científico. O observador dessas eternas contribuições chega a acreditar que não existia medicina antes da civilização dos muçulmanos!

A inovação dos cientistas muçulmanos não se limitou ao tratamento de doenças, mas eles criaram uma verdadeira abordagem experimental, que refletiu elevada e maravilhosa influência sobre todos os aspectos da profissão médica em termos de prevenção, tratamento, instalações, ferramentas e dimensões humanas e morais que controlam o desempenho médico.

A grandeza das contribuições islâmicas estão claramente vivas na qualificação deste grande número de gênios da medicina que tiveram a grande virtude – após Allah (exaltado seja) – em fazer a marcha da medicina tomar outro rumo, que tem sido adotado por gerações de médicos até o dia presente.

O início da profissão reside no fato de que desde sua criação e, graças à inspiração de Allah, o homem se deu conta de tipos de medicamentos que se adequam ao seu nível mental e ao seu desenvolvimento humano. Esse tipo de medicamento é conhecido como medicina "primitiva", de acordo com o nível cultural do homem. Por isso, lemos que Ibn Khaldun cita que "os nômades que viviam em áreas urbanas têm uma medicina construída, na maioria das vezes, sobre experiência limitada, e aplicada como a herdaram dos chefes regionais. Parte dela pode ser correta, mas não se baseou em uma lei natural"[730].

730 Ibn Khaldun: *Al Ibar wa Diuan Al Mubtadaa wal Al Khabar* 1 / 650.

Quando o Islam surgiu, os árabes, durante a era pré-islâmica, estavam familiarizados com essa medicina primitiva. E o profeta Muhammad (a paz esteja com ele) incentivou a medicação. Ussama ibn Sharik citou que o profeta disse: "Buscai medicação porque Allah não criou uma doença sem ter criado um remédio para ela, exceto a senilidade"[731]. E ficou conhecido que o profeta Muhammad procurava a medicação com mel, tâmaras e ervas naturais, entre outros materiais, e tais aplicações ficaram conhecidas como "Medicina Profética".

No entanto, os cientistas muçulmanos não se limitaram à Medicina Profética: eles perceberam que as ciências da vida, incluindo a medicina, exigem uma investigação e observação contínuas e o conhecimento do que as outras nações possuem destas ciências, aplicando assim, a orientação do Islam, que incentiva os muçulmanos a adicionarem tudo o que é útil e a procurar a sabedoria, onde e quando disponível. Por exemplo, os médicos muçulmanos procuraram conhecer a medicina grega nos países islâmicos que foram conquistados. E os califas traziam os médicos romanos, de quem os médicos muçulmanos assimilaram conhecimento rapidamente e traduziram todas as publicações médicas disponíveis. E tal movimento pode ser considerado como um dos maiores acontecimentos da época omíada.

Al-Razi, Al-Kahhal

Os médicos cientistas muçulmanos se destacaram por serem os primeiros a conhecer e realizar a especialização. Eles estavam, por exemplo, classificados em oftalmologistas, conhecidos como *al-kahhalin*, cirurgiões, profissionais da *hijama* chamados *hajjamun* e ginecologistas, entre outros. Um desses médicos proeminentes foi Abu Bakr Al-Razi, que é considerado um dos maiores cientistas da medicina em todo o mundo. É impossível enumerar suas realizações em um livro.

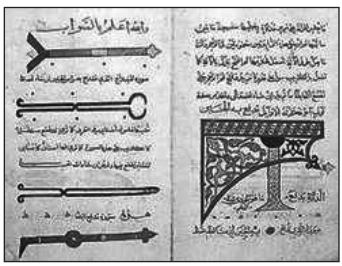
Durante a era abássida, os muçulmanos se destacaram em todos os ramos da medicina. Eles corrigiram erros cometidos por cientistas anteriores a respeito de algumas teorias. Além disso, eles não se limitaram a copiar e traduzir, mas continuaram a fazer investigação e a retificar os erros de seus antecessores.

731 Narrado por Abu Daud (3855), Al Tirmizhi (2038), Ibn Majah (3436), Ahmad (18477), Al Hakim (8206) e Al Bukhari em *Al Adab Al Mufrad* (291).

A oftalmologia, conhecida como *al-kahalah* se desenvolveu entre os muçulmanos, de maneira que ninguém os alcançou nesse desenvolvimento, nem os gregos que os antecederam, e nem os seus contemporâneos latinos, tampouco seus sucessores. Suas publicações foram a principal fonte de conhecimento por muitos séculos. Não é nenhuma surpresa que muitos escritores consideravam a oftalmologia uma ciência árabe. E historiadores admitem que Ali ibn Issa Al-Kahhal[732] foi o maior oftalmologista durante os todos os séculos da Idade Média. Seu livro, intitulado *Al-Tazkirah* é considerado sua maior obra[733].

Al-Zahrawi

E se fecharmos a página iluminada de Al-Razi e de Ibn Issa Al--Kahhal nos deparamos com outro gigante, um dos maiores cirurgiões da história (se não for absolutamente o maior): Abu Al Qasim Al-Zahrawi (403 d.H.), que conseguiu, como mencionado anteriormente, inventar os primeiros equipamentos de intervenção cirúrgica, como o bisturi e a tesoura cirúrgica. Ele também definiu os princípios cirúrgicos e as leis, especialmente as relacionadas com a ligação dos vasos sanguíneos para impedir o seu sangramento e com a invenção das suturas. Conseguiu, ainda, cessar a hemorragia através da coagulação.



Página do Livro Altasrif

Al-Zahrawi foi o primeiro a introduzir a ciência da cirurgia endoscópica, inventando e usando seringas e trocartes cirúrgicos, sobre as quais esta ciência se baseia. Ele quebrou a pedra da bexiga, utilizando equipamentos que se assemelham ao aparelho endoscópico utilizado hoje. Além disso, ele foi o primeiro a inventar um vaginoscópio.

Seu livro, intitulado *Al-Tasrif Liman A'jaza a'n Al-Taalif*, que foi traduzido em latim pelo cientista italiano Gerardo de Cremona[734] sob o nome de *Altasrif,* é considerado como uma enciclopédia

732 Ali ibn Issa Al Kahhal (430 d.H./ 1039 d.C.): Destacou-se em doenças oftalmológicas e sua medicação. Ele ficou famoso por seu livro *Tazkirat Al Kahhalin*. Veja Ibn Abi Usayba'ah: *Oyun Al Anbá* 2 / 263 e Al Zirikli: *Al Alam* 4 / 318.

733 Ibn Abi Usayba'ah: *Categorias de médicos* 26/02.

734 Gerardo de Cremona (1114-1187 d.C.). Ele é um orientalista italiano que nasceu e morreu em Cremona, no norte da Itália. Ele ficou por um longo tempo em Toledo (Andaluzia). Traduziu mais de 70 livros do árabe para o latim em diversas ciências.

médica integrada para os fundadores da cirurgia na Europa, indicado pelos próprios europeus. A seção na qual Al-Zahrawi fala sobre cirurgia tem substituído os escritos de cientistas antigos e permaneceu a principal fonte para a arte da cirurgia até o século XVI (ou seja, durante mais de cinco séculos). Esta seção contém ilustrações de vários instrumentos cirúrgicos (mais de 200!), que influenciaram enormemente os cirurgiões ocidentais que vieram depois dele, particularmente aqueles que retificaram a arte da cirurgia na Europa no século XVI. O famoso organologista Hillar salientou que "todos os cirurgiões europeus que surgiram após o século XIV pegaram e 'beberam' desta pesquisa (a cirurgia criada por Al-Zahrawi)"[735].

Avicena

Outra figura muçulmana eminente que apareceu no campo da medicina é Avicena (428 d.H.), que contribuiu com grandes serviços para a humanidade através das grandes descobertas às quais chegou. Ele, por exemplo, foi o primeiro a descobrir diversas doenças que existem até hoje, foi o primeiro a descobrir o "ancilostoma" (conhecida popularmente como amarelão e causador da ancilostomíase), parasita que ele chamou de verme circular. Ao fazer isso, Avicena se antecedeu 900 anos à frente do cientista italiano Dubini. Ele também foi o primeiro a descrever a meningite e a diferenciar entre a paralisia resultante de uma razão interna dentro do cérebro e a paralisia resultante de uma razão externa. Além disso, ele descreveu o acidente vascular cerebral causado por excesso de sangue, algo que contradizia completamente o que era estabelecido pela medicina grega antiga. Também foi o primeiro a diferenciar entre cólica intestinal e cólica renal[736].

Avicena também foi o primeiro a descobrir os métodos de infecção de doenças contagiosas como a varíola e o sarampo e ressaltou que essas doenças são transmitidas através de micro-organismos na água e no ar. Em suas próprias palavras: "a água contém micro-organismos que não podem ser vistos a olho nu, que causam algumas doenças"[737]. Esta descoberta foi posteriormente assegurada por Van Leuthook no século XVIII e outros cientistas após a descoberta do microscópio. Assim, Avicena é considerado o fundador da "parasitologia", que ocupa uma posição de destaque dentro

735 Gustave Le Bon: *A civilização árabe*. p. 591.

736 Amir Al Naggar: *Sobre a História da Medicina durante o reino islâmico*, p. 132, 133.

737 Ali ibn Abdullah Al Difaa: *Pioneiros da medicina durante a civilização islâmica*, p. 298

da medicina moderna. Pela primeira vez, ele descreveu o *meningitis* primário e distinguiu entre ele e o *meningitis* secundário. Ele também falou sobre a maneira de amigdalectomia (erradicação das amígdalas) e abordou alguns tipos de câncer, como câncer de fígado e de mama, bem como os tumores linfonodos, entre outros"[738].

Avicena foi um cirurgião veterano. Ele realizou operações cirúrgicas extremamente críticas, tais como a remoção de tumores nas suas fases iniciais[739], o corte da laringe e traqueia, a remoção do abscesso da membrana cristal no pulmão. Ele também tratou hemorroidas através de ligação, e descreveu precisamente os casos de fístula urinária. Além disso, ele chegou à criação de um novo tratamento para a fístula anal, que ainda é usado até agora. Ele também abordou pedra nos rins e explicou o método de sua retirada, assim como algumas precauções que devem ser tomadas. Avicena mencionou, ainda, os casos de cateter e os casos em que não é recomendado o seu uso[740].

Avicena, além disso, superou o conhecimento em doenças venéreas. Ele descreveu precisamente algumas doenças ginecológicas, como a obstrução vaginal, o aborto e os miomas. Somado a isso, ele falou sobre algumas doenças que podem atingir a mulher no pós-parto, como a hemorragia e a isquemia, causando alguns tumores e febre aguda. Também apontou que o apodrecimento do útero pode ser resultado da dificuldade de parto, ou da morte do feto, e isso não era conhecido antes. Além disso, ele se referiu ao sexo do embrião e atribuiu-o ao homem e não à mulher, um fato que foi confirmado pela ciência moderna[741].

Além disso, Avicena era bem versado em odontologia. Ao abordar a cárie dentária, ressaltou que o objetivo principal de tratá-la é cessar o seu crescimento, o que pode ser feito através da limpeza do núcleo decaído e da análise da substância responsável pela cárie. Percebe-se que o princípio básico para o tratamento dentário é a prevenção. Isso pode ser executado preparando adequadamente o buraco escavado, removendo as partes deterioradas e preenchendo-o corretamente, a fim de compensar a perda de

738 Amir Al Naggar: *Sobre a história da medicina durante o reino islâmico*, p. 133 e ver Tokan Fawzy: *Ciências dos árabes*, p. 17.

739 Ver: *Mahmoud Qasim Al Hag: Medicina de árabes e Muslims*. p.148.

740 Ver: Avicena: *A Lei*. 3 / 165.

741 Ver: Avicena: *A Lei*. 2 / 586.

material nos dentes. Ao fazer isso, os dentes podem voltar a desempenhar a sua função adequadamente[742].

Esses exemplos citados anteriormente não foram casos excepcionais da genialidade muçulmana no campo da medicina. As descobertas citadas acima são apenas alguns exemplos. O registro de glórias culturais islâmicas não está repleto de dezenas, mas sim de centenas de pioneiros nas mãos de quem a humanidade aprendeu por longos séculos[743].

742 Ver: Avicena: *A Lei*, 1/192.

743 Citaremos em outra parte a instituição de saúde na civilização islâmica de maneira geral, e suas contribuições humanitárias que atingiram o auge em alteza e universalidade.

2
A Física

Semelhante a todas as ciências que evoluem e se desenvolvem com a passagem das nações e civilizações, as ciências naturais dos muçulmanos começaram com as publicações dos gregos, que se apoiaram na filosofia abstrata em suas tentativas de compreender a natureza e sem recorrer à experimentação. No entanto, os cientistas muçulmanos não pouparam esforços em desenvolver essa base. Eles se destacaram na física de uma forma sem precedentes, com talento e inteligência, de maneira que parecia que estavam a estabelecer uma nova ciência quando fizeram da física uma ciência que depende da experimentação e indução, em vez de filosofia, especulações e meros pensamentos.

Assim, eles vieram com novas teorias e pesquisas inovadoras, tais como as leis do movimento, as leis da água e as leis da gravitação. Da mesma forma, investigaram a densidade de minerais e líquidos e conseguiram medir a gravidade específica de líquidos, que é considerada uma tarefa difícil nos dias de hoje, apesar de todos os meios sofisticados.

No início, os muçulmanos se basearam nas publicações de seus antecessores, como o livro de Aristóteles intitulado *A Natureza*, no qual ele lidava com a cinética; os livros de Arquimedes, que continham informações sobre os corpos boiando na água e a densidade de alguns materiais; as publicações de Actaspus, que continham resultados científicos sobre as bombas impulsionadoras e os relógios aquáticos; e de Heron de Alexandria[744], que abordou a polia, a roda e a lei da ação[745]. E assim, os cientistas muçulmanos logo desenvolveram as teorias e pensamentos da física de seus antecessores,

744 Heron de Alexandria (falecido em 150 d.C.): era um matemático e engenheiro egípcio. Foi o primeiro a inventar a agulha, um dispositivo de geração de energia eólica e um gerador térmico.

745 Ali ibn Abdullah Al Difaa: *Maravilhas da civilização árabe e islâmica nas ciências,* p. 115.

e conseguiram tirá-las da fase da teoria abstrata e introduzi-las à fase de experimentação prática, que é considerada o principal pilar da física.

Os cientistas muçulmanos estudaram a acústica, sua origem e sua transferência. Eles foram os primeiros a perceber que os sons se originam do movimento dos objetos que causam os sons e que a transferência deles no ar ocorre na forma de ondas circulares. Os cientistas muçulmanos também foram os primeiros a classificar os sons em diferentes tipos, eles explicaram que os sons dos animais diferem de acordo com o comprimento do pescoço, a largura de suas gargantas e a estrutura da laringe. Também foram os primeiros a interpretar a ocorrência do eco como um reflexo do ar que atinge uma alta montanha ou uma parede. A reflexão do eco pode não ocorrer devido à proximidade do espaço, então não é sentida a diferença entre os tempos do som e de seu reflexo[746].

E na ciência de líquidos, cientistas muçulmanos escreveram capítulos especializados sobre a forma de calcular a gravidade específica. Eles inovaram vários métodos de conhecê-la e descobriram a densidade de alguns elementos. É digno de nota que as suas medidas eram precisas e, às vezes, eram iguais às medições atuais ou semelhantes[747].

Dentre os famosos físicos muçulmanos:

- Abu Al-Rihan Al-Biruni, um físico de renome, que determinou a densidade específica de dezoito tipos de pedras preciosas. Ele estabeleceu a regra que estabelece que a densidade específica de um corpo é adequado ao volume de água que o mover. Ele também interpretou a saída de água de fontes naturais e de poços artesianos, à luz da teoria dos vasos comunicantes[748].

- Al-Khazini[749], um físico ímpar, principalmente nos assuntos da dinâmica e da hidrostática, de maneira a surpreender os pesquisadores que o sucederam. Suas teorias no campo da cinética ainda são estudadas em escolas e universidades nos dias de hoje. Entre estas teorias

746 Rehab Khidr Akawi: *Enciclopédia dos gênios muçulmanos,* 3 / 57.

747 Ver *Enciclopédia Árabe Internacional*, link: http://www.alargam.com/general/arabsince/7.htm

748 Will Durant: *História da Civilização* 13/186, e ver Muhammad Al Sadiq Afifi: *Desenvolvimento do pensamento científico dos muçulmanos,* p. 133.

749 Al-Khazini: Ele é Abul Fath Abdel Rahman Al Khazin ou Al-Khazini. Ele foi um sábio astrônomo e engenheiro. Ele era um servo romano de Ali Al Khazin Al Maruzi, e foi chamado Al-Khazini em sua homenagem. Estudou as ciências da engenharia e das lógicas. Ele escreveu *A Medida da Sabedoria (Mizan Al Hekma)* e *As efemérides* (Al Zig). Veja Al Zirikli: *(Al A'alam)*, 3 / 305.

temos a teoria da obliquidade e inclinação e a teoria do impulso. Essas duas teorias desempenharam um papel importante na cinética. Muitos historiadores do campo da ciência consideram Al-Khazini o mestre da física de todos os tempos. Ele dedicou a maior parte do seu tempo para estudar hidrostática, inventou um aparelho para determinar a gravidade específica de líquidos. Ele também discutiu em seus estudos a questão da resistência enfrentada pelo corpo de baixo para cima quando mergulha em um líquido. Al-Khazini utilizou o mesmo equipamento utilizado pelo seu grande mestre Abu Al-Rihan Al-Biruni para determinar a gravidade específica de alguns materiais sólidos e líquidos. As medições de Al-Khazini eram tão precisas que surpreenderam seus contemporâneos e sucessores[750].Em seu artigo sobre Al-Khazini no glossário de figuras proeminentes nas ciências, Robert Hal discutiu como Al-Khazini descobriu a densidade de corpos sólidos e líquidos e sua invenção de uma balança para a medição dos corpos no ar e na água. Esta balança tinha cinco hélices, cada uma se move sobre um braço graduado. No livro intitulado *Leituras da história das ciências entre os árabes (Qiraat fi Tarikh Al'ulum 'indAl--árab)*, Hamid Morani e Abdel Haleem Montasser salientaram que:

> Al-Khazini se antecedeu a Torricelli quando se referiu à matéria e peso do ar; Al-Khazini mencionou que o ar tinha peso e força de elevação como os líquidos, acrescentando que o peso do objeto no ar é menor que seu peso real e sua redução de peso depende da densidade do ar. Vale ressaltar que esses estudos abriram o caminho para a invenção do barômetro (medidor de pressão), aspiradores e bombas de ar, entre outros. Assim, Al-Khazini precedeu a Torricelli, Pascal[751], e Boyle[752], entre outros cientistas[753].

750 Ali ibn Abdullah Al Difaa: *Ciências puras na civilização árabe e islâmica,* p. 33.

751 Pascal: Blaise Pascal (1623 – 1662 d.C.). Ele era um físico francês, matemático e filósofo. Famoso por suas experiências sobre os líquidos no domínio da física, também era famoso por seus trabalhos sobre a teoria de possibilidades na matemática. Veja *A Grande Enciclopédia Árabe*.

752 Boyle: Robert Boyle (1627 – 1691 d.C.). Ele foi um cientista irlandês, considerado o fundador da química moderna. Pediu a aplicação da abordagem experimental para química e física. Ele era mais conhecido pelas suas experiências sobre os gases, que estabeleceram a Lei de Boyle. Veja *A Grande Enciclopédia Árabe*.

753 Ali ibn Abdullah Al Difaa: *As ciências puras na civilização árabe e islâmica*, p. 331.

As leis do movimento

A importância das leis do movimento reside no fato de que elas são consideradas o pilar da civilização contemporânea. Por exemplo, as ciências de máquinas móveis na época presente, o carro, o trem, o avião, os foguetes espaciais e foguetes transatlânticos, entre outros, dependem dessas leis e se baseiam nelas. Com as leis do movimento o homem invadiu o espaço exterior e conseguiu pousar na superfície da lua. Além disso, elas são consideradas a base para todas as ciências físicas que se baseiam no movimento. A ótica é o movimento da luz, o som é o movimento das ondas de luz e a eletricidade é o movimento dos elétrons, etc...

Os cientistas muçulmanos e a descoberta das três leis do movimento

É bem conhecido no Oriente e no Ocidente entre o público em geral que estas leis foram descobertas pelo cientista inglês Isaac Newton, desde quando ele as publicou em seu livro *Os princípios matemáticos da filosofia natural* (geralmente chamado de *Os princípios*).

Este fato ficou conhecido em todo o mundo e em todas as referências científicas, inclusive nas escolas muçulmanas, até o início do século XX, quando um grupo de físicos muçulmanos contemporâneos investigou essas leis. À frente deles estava Mostafa Nazif, professor de física, Jalal Shawki, professor de engenharia mecânica e Abdullah Al-Difaa, professor de matemática. Eles checaram os manuscritos islâmicos disponíveis sobre esta matéria e descobriram que a verdadeira virtude na descoberta destas leis é dos cientistas muçulmanos, eles foram os primeiros a descobrir essas leis. Tudo o que Newton fez foi recolher o que havia sido escrito sobre essas leis e as formular em uma definição matemática.

Deixando o sentimentalismo, o preconceito e o discurso teórico simples de lado, os esforços dos cientistas muçulmanos foram claros e explícitos. Esses esforços estão documentados nos vários manuscritos destes sábios, que os escreveram sete séculos antes do nascimento de Newton. Portanto, julgando conforme tais textos, concluímos que os cientistas muçulmanos foram os primeiros a descobrir as leis do movimento:

Primeira lei do movimento: a primeira lei do movimento na física diz que se o poder total que afeta um objeto é zero, este objeto permanece

imóvel. Da mesma forma, um objeto móvel permanece com seu estado de velocidade constante a menos que alguma força ofereça resistência, como as forças de atrito. Isto foi mencionado na declaração de matemática de Newton, quando disse: "Todo corpo continua em seu estado de repouso ou de movimento uniforme em uma linha reta, a menos que seja forçado a mudar de estado por forças aplicadas sobre ele".

Quando se tratam dos cientistas muçulmanos e seu papel neste domínio, Avicena, em seu livro *Indicações e Advertências (Al-Isharat wa Al-Tanbihat)* declarou a mesma lei em suas próprias palavras: "Você sabe que se o corpo não é afetado por influências externas, ele necessariamente terá local e forma definidos, naturalmente, ele tem o princípio dessa necessidade, significa que ele permanece em seu estado".

É claro que a afirmação anterior de Avicena quanto à primeira lei do movimento superou a de Isaac Newton, que apareceu mais de seis séculos mais tarde. Nesta declaração, Avicena afirma que o corpo permanece em repouso ou em movimento com velocidade constante em linha reta, a menos que uma energia externa influencie. Isso quer dizer que Avicena foi o primeiro a descobrir a primeira lei do movimento.

Segunda lei do movimento: a segunda lei do movimento liga entre todas as forças que afetam um objeto e o aumento de sua velocidade, que é conhecido por aceleração, proporcional ao volume da força e tem a sua mesma direção. De acordo com a formulação matemática de Newton, a força resultante aplicada a um corpo produz uma aceleração a ela diretamente proporcional. Assim a mudança de movimento é proporcional à força motora imprimida, e é produzida na direção de linha reta na qual aquela força é imprimida.

No que diz respeito aos cientistas muçulmanos, você pode ponderar sobre a afirmação de Hebattullah ibn Malaka Al-Baghdadi (480-560 d.H./ 1087-1164 d.C.) em seu livro *O Considerado na Sabedoria (Al-Mu'tabar fil-Hikmah)*: "A força maior move mais rápido e em tempo menor. Quanto maior é a força maior é a velocidade e menor é o tempo. Se a energia não diminui, a velocidade não diminui". No capítulo quatorze denominado "O vácuo", ele destacou que "quanto maior a velocidade, maior é a força. Quanto mais forte for a força que empurra o objeto, mais rápida será a velocidade do objeto em movimento, e será menor o tempo gasto para percorrer a distância definida". Isso é exatamente o que Newton matematicamente formulou e nomeou a segunda lei do movimento.

Terceira lei do movimento: se dois objetos interagem, a força impulsionada pelo primeiro objeto sobre o segundo objeto é chamada de ação, que é igual à força do segundo objeto no primeiro objeto, mas mantém a direção oposta. Este poder é chamado de "reação". Newton formulou esta lei como segue: "A toda ação há sempre uma reação oposta e de igual intensidade".

Antes de Newton, Abul Barakat Hebattullah ibn Malaka afirmou em seu livro *O Considerado na Sabedoria (Al-Mu'tabar fil-Hikmah)* que "Na arena de luta, todo mundo tem uma força praticada contra o outro. Se um deles recua, isso não significa que a sua força desaparece, mas esta força que recuou ainda existe, porque se não fosse ela o segundo não precisaria de força para influenciar o primeiro".

O mesmo significado que tem sido reiterado nos escritos do Imam Fakhr El-Din Al-Razi[754] em seu livro *As Pesquisas Orientais em Teologia e Ciências Naturais (Al-Mabaheth Al-Mashriqiyah fi Ilm Al-Ilahiyat wa Al-Tabi'yat)*. Ele ressaltou que "o círculo puxado por duas forças iguais, até que ele pare no meio, é dado como certo que cada força tem praticado uma ação que obstrue o outro".

O mesmo conceito tem sido afirmado por Ibn Al-Haitham em seu livro *Al-Manazhir*. Ele ressaltou que "o objeto em movimento é encontrado por uma reação, e se essa força continua, este objeto se movimenta na direção oposta na mesma velocidade praticada pelo primeiro objeto e de acordo com o poder de reação".

Sem dúvida, todos esses textos mencionados pelos cientistas muçulmanos são a origem da terceira lei do movimento, que foi formulada por Newton depois de ter se apoderado de seu conteúdo!

A descoberta da lei da gravitação

Seguindo ainda as conquistas anteriores dos muçulmanos e seus esforços para descobrir as leis mais importantes da física, incluindo as leis do movimento, e lembrando suas surpreendentes descobertas na física, que têm sido atribuídas a outros que surgiram séculos e séculos depois deles, os cientistas muçulmanos também descobriram a "lei da gravitação", cuja importância está

754 Fakhr Al Din Al Razi: Ele é Abdullah Muhammad ibn Omar ibn Al Hassan (544-606 d.H./1150 – 1210 d.C.). Ele foi um dos grandes intérpretes do Alcorão Sagrado. O mais sábio em sua época nas ciências transmitidas (da religião) e nas ciências razoáveis (mundanas), bem como as ciências dos antecessores. Ele nasceu em Ray, e morreu em Harat. Ele foi autor de *As chaves para o Desconhecido (Mafatih Al Ghaib)* para a interpretação do Alcorão. Veja Ibn Khillikan, *Wafiyat Al A'aian* 4/248-252.

no fato de ligar os corpos celestes e manter sua integridade e regularidade em suas órbitas. Ao descobrir essa lei, os cientistas puderam interpretar a queda dos corpos na Terra e compreender mais sobre o movimento dos planetas em torno do Sol em órbitas aproximadamente circulares, supondo que a gravidade entre o Sol e seus planetas é a causa desse movimento circular.

É conhecido como certo no Oriente e no Ocidente entre as pessoas em geral e é estudado nas escolas e universidades que Isaac Newton descobriu a lei da gravitação quando ele estava sentado um dia debaixo de uma árvore e uma maçã caiu sobre ele. Ele ficou pensando sobre o motivo de sua queda, até que chegou à lei da gravitação e a formulou. Nesta lei, ele provou que todo corpo material atrai outros corpos materiais com uma força que pode aumentar ou diminuir dependendo da massa e distância entre eles.

No entanto, esta é a verdade? O caráter da ciência cumulativa confirma que Newton jamais poderia ter formulado sua famosa lei, como foi o caso com as três leis de movimento, a menos que ele houvesse checado as contribuições dos grandes sábios que o antecederam. A narração de toda a história desde o seu início feita pelo professor Ahmad Fouad Basha pode esclarecer esse fato significativo. Após mencionar a tentativa teórica do filósofo grego Aristóteles de tentar interpretar a queda livre dos corpos, o professor Ahmad Fouad Basha disse:

> Graças à sua religião, os cientistas muçulmanos adotaram a abordagem científica correta para adquirir as ciências e o conhecimento. Eles nunca aceitaram a justificação filosófica de pontos de vista, que podem ser testados experimentalmente. Eles entenderam que a interpretação científica dos fenômenos cósmicos ganha precisão quando é expressado o fato científico que reside no comportamento desses fenômenos. Os cientistas muçulmanos apresentaram pela primeira vez na história da ciência um princípio aceitável da queda livre dos corpos, devido ao efeito da gravitação terrestre[755].

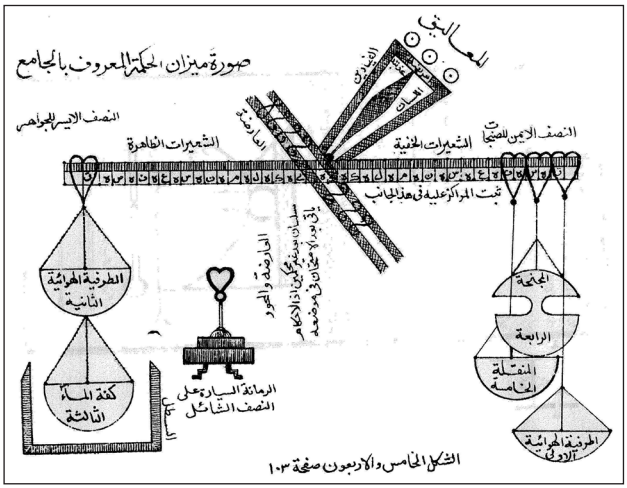
Em seu livro intitulado *As duas joias antigas móveis do Amarelo e Branco (Al-Gawharatain Al-Atiqatain Al-Ma'i'atain min Al Safraa wa Al Baydaa),* Al-Hamadani[756] iniciou essa revolução científica ao falar sobre a Terra e o que se relaciona a ela de água e ar. Ele destacou: "Tudo o que está debaixo

755 Ahmad Fouad Basha: *O Patrimônio Científico Islâmico. Algo do passado ou uma provisão para o futuro?,* p. 90.

756 Al-Hamadani: Abu Muhammad Al Hassan ibn Ahmad ibn Yaaqub Al Hamadani (280-334 d.H./893-945 d.C.). Ele foi um historiador do Iêmen, astrônomo, filósofo, literato e poeta. Nasceu e cresceu em San'aa. Veja Al Siouti: *O objetivo dos sensatos (Boghiat Al W'aah)* 1 / 498, e Al Zirikli: *Al A'alam*, 2 / 179.

da Terra é tão estável como o que está acima dela, esse objeto é como um ímãn que atrai o ferro em todas as direções"[757].

Por essa interpretação, Al-Hamadani tinha estabelecido o primeiro fato parcial sobre a física da gravitação, que é conhecido – como afirma o professor Ahmad Fouad Basha – como a "energia da posição" ou "energia da estabilidade", como sendo uma resultante da altura dos corpos sobre a Terra. Al-Hamadani não disse explicitamente que os corpos se atraem, que é o significado básico completo da lei geral da gravitação de Newton.



Manuscrito do Livro Mizan Al-Hikmah

Abu Al-Rihan Al-Biruni, em seu livro intitulado *Al Qanun Al-Masoudi (A Lei Masoudi)*, compartilhou da mesma opinião de Al-Hamadani. Ele afirmou que a Terra atrai os corpos acima dela em direção ao seu centro. Do mesmo modo, Al-Khazini mencionou em seu livro *Mizan Al-Hikmah (A Medida da Sabedoria)* que é o corpo que se move continuamente somente em direção ao centro da Terra com força própria. Além disso, Al-Razi generalizou a ideia da gravitação afirmando que todos os objetos existentes na Terra estão sujeitos à gravitação. Depois disso, Hebtullah ibn Malaka Al Baghdadi corrigiu o grande erro de Aristóteles ao falar sobre a velocidade da queda. Aristóteles indicou que os corpos pesados caem mais rápido do que corpos leves. Ibn Malaka também se antecedeu a Galileu, quando ele provou o fato científico de que a velocidade do objeto que cai livremente

757 Al Hassan ibn Ahmad Al Hamadani: (Al Gawhartin Al Atikatin Al Mai'atin min Al Safraa wa Al Baidaa), estudo do professor Ahmad Fouad Basha, *O Patrimônio Científico Islâmico. Algo do passado ou uma provisão para o futuro?,* p. 90.

devido à influência da gravidade da Terra não depende de sua massa em particular quando não há obstáculos externos. Esse fato tem sido salientado em seu livro *Al-Mu'tabar fil-Hikmah (O Considerado na Sabedoria),* dizendo que "se os corpos se movem no espaço, eles têm a mesma velocidade, independentemente do peso ou tamanho"[758].

Através do seu estudo do movimento dos objetos jogados, Al Baghdadi acrescentou fatos novos sobre o fenômeno da gravitação. Ele ressaltou que o movimento dos objetos jogados contrasta com a ação da gravidade da Terra. Em suas próprias palavras: "A pedra atirada mantém a mesma tendência de atração do objeto de arremesso".

Comentando sobre Al Baghdadi, o professor Ahmad Fouad Basha salientou que é importante indicar que Al Baghdadi não usou o conceito de tendência como um poder oculto (ou ferocidade) natural em direção ao chão. Ao contrário de Aristóteles, Al Baghdadi esclareceu que a tendência se refere ao poder material que cientificamente controla o movimento do objeto atirado em direção ou contra a gravidade. A questão lançada por Al Baghdadi no que se relaciona a essa pesquisa científica foi: a pedra lançada para no ponto mais alto que ela atinge quando começa a descer para a superfície? Ele mesmo respondeu:

> Quem pensa que entre o movimento da pedra que voa no ar e entre a sua descida ocorre uma parada está errado, porém, a força imposta ao objeto diminui e a força de seu peso aumenta, então, seu movimento frente à vista é camuflado, então se pensa que o objeto está parado.

O professor Ahmad Fouad Basha também reiterou:

> Al-Khazini abordou a aceleração da queda dos objetos para o chão. Em seu livro *A Medida da Sabedoria (Mizan Al Hikmah),* Al-Khazini mostrou que ele tinha conhecimento da verdadeira relação entre a velocidade da queda dos objetos sobre a superfície e a distância e o tempo que essa queda percorre. Esta relação entre a velocidade, a distância e o tempo foi indicada nas equações matemáticas associadas a Galileu no século VII d.C. Assim, é óbvio que os cientistas da civilização islâmica conseguiram chegar a fatos parciais, completando a conceitualização humana do fenômeno da gravitação. Eles deixaram as antigas visões filosóficas de lado e se apoiaram no princípio que eles estabeleceram, de que os métodos de investigação sobre o conhecimento dependem da natureza dos seus assuntos. Da mesma forma, se não fosse esta grande

758 Ver: Ahmad Fouad Basha, *O Patrimônio Científico Islâmico. Algo do passado ou uma provisão para o futuro?*, p. 91.

> revolução criada pelos cientistas muçulmanos na metodologia de pensamento e de investigação científica, os mitos dos cientistas antigos permaneceriam até hoje, e Isaac Newton não iria encontrar em quem se apoiar, entre os gigantes cientistas, para alcançar tal glória e fama[759].

Se ainda temos mais alguma palavra ou observação, nos é suficiente dizer que devemos reexaminar a história das leis do movimento, a lei da gravitação, a fim de devolver o direito aos seus merecedores e dar a todos os cientistas a sua devida apreciação.

759 Idem, p. 92.

3
As Ciências Ópticas

Como ocorreu com outras ciências que surgiram antes dos muçulmanos, os gregos e outros povos antigos deram importância à ciência da óptica e tiveram boas contribuições sobre as quais os cientistas muçulmanos se apoiaram na prática desta ciência. Os muçulmanos transmitiram dos gregos suas opiniões sobre a refração da luz, espelho de gravação, entre outros. No entanto, eles não apenas citaram os gregos, mas também acrescentaram e ampliaram esses princípios e tinham suas próprias invenções. Os muçulmanos conseguiram fazer uma honrosa história no campo da óptica.

No início, a óptica grega tinha duas opiniões conflitantes: a primeira é a intromissão, ou seja, que vê a visão como algo que representa um objeto entrando nos olhos. E a segunda é a emissão, a ocorrência da visão quando os raios emanam dos olhos e são interceptados por objetos visuais. A civilização grega sempre apresentava essas duas abordagens diferentes; Aristóteles fez uma série de esforços nessa ciência, porém lhe faltavam detalhes conclusivos. Euclides também tinha esforços importantes, mas apesar de seus notáveis esforços, suas teorias foram limitadas a apresentar uma explicação completa da visão, ignorando os elementos físicos, fisiológicos e psicológicos do fenômeno óptico. Ele acreditava que a visão é causada por raios que emanam do olho e que as coisas vistas sob um ângulo maior aparecem maiores, e aquelas vistas sob um ângulo menor aparecem menores. Quanto a Ptolomeu, apesar de sua habilidade de unir entre a engenharia e manipulação física do assunto, ele finalmente falhou. Sua manipulação de resultados empíricos costumava ir lado a lado com as deduções anteriores[760].

Assim, as pesquisas em óptica permaneceram inalteradas, sem progresso ou desenvolvimento, até o advento da civilização islâmica, quando ocorreram as contribuições dos cientistas muçulmanos, de padrão único

760 Veja Donald R. Hill: *Ciência e engenharia na civilização islâmica*, traduzido por Ahmad Fouad Basha, p. 102.

e avançado. Isto aconteceu porque os muçulmanos eram excelentes em várias ciências relacionadas à óptica, tais como a astronomia, engenharia mecânica, etc. E essas ciências interferiram em suas inovações.

Al-Kindi

O filósofo Abu Yussuf Al-Kindi[761] é considerado um dos primeiros cientistas muçulmanos que estudaram física e óptica. Ele discutiu o fenômeno da luz em seu famoso *livro Ilm Al-Manazhir (Ciência da Óptica)*. Ele usou a teoria grega de emissão, porém, acrescentou uma descrição detalhada do princípio de radiação e, em seguida, formulou um novo sistema conceitual que finalmente substituiu a teoria da emissão. Seu livro teve uma grande influência nos círculos científicos árabes e, mais tarde, nos círculos europeus durante a Idade Média[762].

Ibn Al-Haitham (Alhazen)

Al-Kindi foi seguido por Al-Hassan ibn Al-Haitham, conhecido no Ocidente com Alhazen, cujos trabalhos científicos são considerados uma nova conquista científica e um salto significativo no mundo da óptica e da fisiologia visual. Suas obras foram consideradas a base sobre a qual os cientistas ocidentais construíram todas as suas teorias nesse assunto. No topo dos cientistas que se apoiaram em suas teorias (ainda mais, as invadiram e as atribuíram a si mesmos): Roger Bacon, Witelo e outros, especialmente em suas pesquisas relacionadas ao microscópio, o telescópio e a lupa.[763]

Ibn Al-Haitham começou primeiro por discutir as teorias de Euclides e Ptolomeu no campo da visão e mostrou o erro de alguns de seus aspectos. Durante esse tempo, ele apresentou uma boa descrição do olho, das lentes dos olhos e da visão. Ele descreveu os estados de refração dos raios de luz que penetram no ar ao redor do globo terrestre em geral, e principalmente quando penetram num corpo transparente, como ar, água ou moléculas que flutuam no ar. Este corpo se dobra – ou seja, se refrata – fora de seu curso. Ele pesquisou o reflexo e a explicação dos ângulos resultantes disso. Ibn Al-Haitham explicou que os objetos celestes são vistos no horizonte ao

761 Al Kindi: Ele é Abu Yussuf Yaqub ibn Ishaq ibn Al Sabbah Al Kindi (185-256 d.H./805-873 d.C.), considerado o filósofo dos árabes e do islamismo em sua época. É filho de um dos reis da tribo de Kinda. Foi criado em Basra e se mudou para Bagdá. Ele estudou medicina, filosofia, música, engenharia e astronomia. Veja Ibn Abi Usaibiah: *Oyoun Al Anba* 2/172-177, Ibn Al Nadim: *Al-Fihrast*, p. 315.

762 Idem: a mesma página, e Muhammad Al Sadiq Afifi: *Tataour Al Fikr Al Ilmi Ind Al Muslimin*, p. 138.

763 Muhammad Sadiq Al Afifi: *Tataour Al Fikr Al Ilmi Ind Al Muslimin*, p. 138.

amanhecer, antes de chegarem realmente lá. Pelo contrário, durante o pôr do sol, os objetos celestes continuam a ser vistos no horizonte, mesmo depois de eles se esconderem por baixo do horizonte. Ele é o primeiro a sugerir o uso da câmara escura, que é considerada a base da fotografia[764].

O livro que imortalizou o nome de Ibn Al-Haitham ao longo dos séculos é *Kitab Al-Manazhir (Livro de Óptica)*. Esclarece o conceito de óptica como uma teoria fundamental na visão de que é completamente diferente da hipótese dos raios visuais que foi preservada pela tradição matemática desde Euclides até Al-Kindi. Ibn Al-Haitham também acrescentou um novo método para a explicação do processo de visão. Assim, ele foi capaz de reformular conceitos que foram ou sem sentido (de acordo com a emissão de raios visuais) ou ignorados por filósofos que estavam mais preocupados com a explicação da própria visão mais do que a explicação da ocorrência da visão.[765]

Ibn Al-Haitham escreveu somente sobre a óptica cerca de 24 livros, incluindo tratados, artigos e livros. No entanto, a maioria destes livros foram perdidos, junto com parte do nosso patrimônio científico. Bibliotecas em Istambul, Londres e outras capitais conservaram alguns destes livros. Um dos livros que não se perdeu foi Kitab Al-Manazhir, uma obra prima de Ibn Al--Haitham, que foi uma revolução na ciência da óptica. Continha teorias inovadoras em óptica, e manteve-se a principal referência nessa ciência até o século XVII depois de ter sido traduzido para o latim[766]. Neste livro, Ibn Al-Haitham não adotou as teorias de Ptolomeu para explicá-las e fazer algumas correções. Ao contrário, ele refutou algumas das suas teorias sobre a ciência da luz, após chegar a novas teorias que se tornaram o núcleo da ciência da óptica moderna.

Ptolomeu, como citamos, alegou que a visão acontece quando os raios são emitidos a partir dos olhos e batem num objeto. Então, os cientistas que o sucederam adotaram essa teoria. Quando Ibn Al-Haitham chegou, ele rebateu essa teoria em seu livro. Ele mostrou que a visão acontece quando os raios são refletidos para fora do objeto observado e nos olhos do observador. Essa conclusão foi alcançada após a realização de um conjunto de experimentos que mostraram que os raios de luz viajam em linhas retas num meio homogêneo e ele provou isso em seu livro[767].

Ibn Al-Haitham também provou matematicamente e geometricamente como o olhar com os dois olhos ao mesmo tempo num objeto acontece sem

764 Idem: A mesma página.

765 Donald R. Hill: *Ciência e Engenharia na Civilização Islâmica*, traduzido por Ahmad Fouad Basha, p. 102.

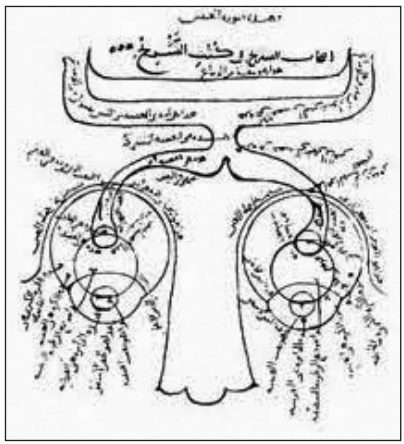
766 Sobre os livros de Ibn Al Haitham, veja *Ali Abdallah Al Difaa: Al Ulum Al Bahta fil Hadarah Al Arabiya wal Islamiya*, p. 325.

767 Veja Ibn Al Haitham: *Al Manazir*, p. 133.

ter uma visão dupla. Ele explicou que as duas imagens do objeto são encontradas na retina. Ibn Al-Haitham estabeleceu com esta prova e com esta explicação o primeiro fundamento para o que é conhecido hoje como estereoscópio.

Ibn Al-Haitham foi o primeiro a estudar cientificamente o olho e identificar todos os seus componentes, sua anatomia e sua ilustração. Ele foi o primeiro a dar nomes às partes do olho e, mais tarde, o Ocidente assumiu esses nomes com a mesma pronúncia ou traduzindo-os para os seus idiomas. Alguns desses nomes: *Al-Qarniya* القزنية (córnea), *Al-Shabakiya* الشبكية (retina), *Al-Sa'il az-Zujaji* السائل الزجاجي (líquido vítreo), *Al-Sa'il Al-Ma'i* السائل المائي (líquido aquoso)[768].

Algumas de suas mais importantes realizações, de maneira geral, no campo da óptica:



Anatomia do olho desenhada por Ibn Al-Haitham

- Ele foi o primeiro a realizar experiências com a câmara escura. É assim que ele descobriu que a imagem aparece de cabeça para baixo dentro da caixa, abrindo caminho para a invenção da câmera. Com este conceito e essas experiências, Ibn Al-Haitham precedeu os cientistas italianos Leonardo Da Vinci[769] e Della Porta por cinco séculos[770].

768 H. Crew: *The Rise of Modern Physics,* p. 59, citado por Jalal Mazhar: *Hadaratul Islam wa Atharuha fil Al Taraqi Al Alami*, p. 305. Veja Donald R. Hill: *Ciência e Engenharia na Civilização Islâmica*, traduzido por Ahmad Fouad Basha, p. 104 em diante.

769 Leonardo Da Vinci (1452-1519), um dos mais famosos artistas italianos durante o Renascimento. Ele é conhecido como um pintor, escultor, arquiteto e cientista. Suas descobertas e suas artes foram resultado de sua paixão pela pesquisa e conhecimento científico.

770 Jalal Mazhar: *Hadaratul Islam wa Atharuha fil Al Taraqi Al Alami,* p. 304.

- Ibn Al Haitham também estabeleceu pela primeira vez as leis de reflexão e desvio na óptica. Ele explicou como ocorre a refração da luz através de intermediários como vidro, água e ar. Assim, ele precedeu o cientista inglês Newton[771].
- Uma de suas mais notáveis realizações em seu livro *Kitab Al-Manazhir* foi a experiência da caixa preta. É considerado o primeiro passo para a invenção da câmera. Como a enciclopédia científica diz, Ibn Al-Haitham é considerado o primeiro inventor das câmeras, que na prática é denominada "câmera obscura"[772].

Quem ler o livro *Al-Manazhir* e seus temas relacionados com a luz imediatamente percebe que Ibn Al-Haitham desenvolveu a matéria da óptica com descobertas sem precedentes. Ele foi o autor deste livro em 411 d.H./1021 d.C., nele desenvolveu sua genialidade matemática, sua experiência médica e seus experimentos científicos chegando a conclusões que o fizeram chegar ao topo nesta área científica. Desta maneira, ele se tornou um dos fundadores de ciências que mudaram a visão dos cientistas sobre muitas coisas nesta matéria[773].

Apesar da importância de Ibn Al-Haitham e de suas pesquisas originais no campo da óptica, ele permaneceu desconhecido por muita gente, até que Allah inspirou quem iria descobrir seus esforços e trazê-los à luz. O cientista egípcio Moustafa Nazif foi uma dessas pessoas. Ele escreveu um estudo médico pioneiro sobre Ibn Al-Haitham, que foi publicado pela Universidade do Cairo, em dois volumes. Ele se empenhou na leitura dos manuscritos de Ibn Al-Haitham e de centenas de outras referências, até concluir um fato evidente: que Ibn Al-Haitham merece ser considerado verdadeiramente o pioneiro da ciência da óptica no início do século XI[774].

Isto que citamos é apenas uma pequena parte da gigantesca realização dos muçulmanos na ciência da óptica, e que maravilhosa realização!

771 Idem: p. 303.

772 Veja George Sarton: *Introdução à história da ciência*, 1 / 721.

773 Idem: p. 84 em diante.

774 Palavra do Dr. Moustafa Nazif na sessão de lembrança de Al Hassan Ibn Al Haitham, realizada no Cairo em 21/12/1939 pela Associação Egípcia de Matemática e Ciências Físicas para marcar o aniversário de 900 anos da morte de Ibn Al Haitham.

4

A Geometria

A geometria era conhecida pelo homem antigo por causa de sua natural necessidade de medição, seja para os espaços, seja para a construção. Algumas pessoas podem ir mais longe e dizer que a geometria é uma ciência primitiva, os próprios animais sabem que a linha reta[775] é o caminho mais curto entre dois pontos.

A geometria remonta aos antigos egípcios, que aplicaram a teoria que foi mais tarde conhecida como Teorema de Pitágoras. Seus monumentos atestam a sua excelência: há um documento, datado da época de Amasis, que também é conhecido como Ahmose, quatro mil anos atrás. Ele contém ideias geométricas sobre as áreas e os tamanhos de formas variadas. Em seguida, babilônios introduziram novas adições, que foram aprovadas pelos gregos, que se destacaram muito neste campo. Entre os mais famosos cientistas gregos temos Euclides, autor do livro *Os Fundamentos da Geometria*, o livro mais famoso em toda a história e que foi transferido para a Europa através de sua tradução árabe[776].

A geometria foi introduzida entre os árabes e muçulmanos através da tradução das obras gregas, especialmente o livro de Euclides. Donald R. Hill[777] pesquisou o desenvolvimento da geometria na civilização islâmica e citou que a fase de inovação sucedeu a fase de tradução. E apesar de mestres como Euclides, Arquimedes e Apolônio terem ganho respeito que chegou ao limite da reverência, os cientistas árabes refutaram as suas conclusões e, mais ainda, as corrigiram em alguns casos. Além disso, os

775 Veja Ali ibn Abdullah Al Difaa: *Rawai' Al Hadarah Al Arabia wa Al Islamya fil Olum (As maravilhas da civilização árabe e islâmica em ciências)*, p. 67.

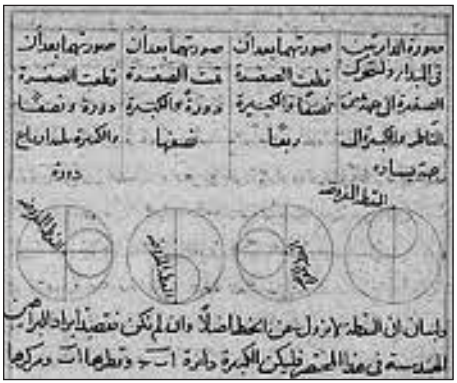
776 Veja Ali ibn Abdullah Al Difaa: *As maravilhas da civilização árabe e islâmica em ciências*, p. 67-69.

777 Donald R. Hill: Ele é um pesquisador ocidental contemporâneo e especialista em patrimônio científico árabe. Ele editou vários livros escritos por cientistas da civilização islâmica e foi autor de muitos livros que destacam o impacto científico da civilização islâmica na geometria, química, matemática e arquitetura.

cientistas árabes deram contribuições inimitáveis para o campo da geometria teórica"[778]. Nossa surpresa aumenta ao saber que estas "contribuições inimitáveis" foram centradas na "geometria teórica", um campo para o qual os muçulmanos não deram muita atencão.

Os cientistas muçulmanos dividiram a geometria em dois tipos: racional e concreta. A geometria racional refere-se à geometria teórica, e a geometria concreta refere-se às aplicações práticas. Os cientistas muçulmanos não acrescentaram muito à geometria racional teórica, limitaram-se a explicar e comentar sobre ela. Eles estavam interessados principalmente na geometria concreta, prática e aplicada. Eles a aplicaram nos domínios da indústria, da urbanidade, das artes e da construção[779], a ponto de a palavra "geometria" na língua árabe ser usada normalmente com o significado de geometria aplicada após ter sido originalmente usada para se referir somente à "ciência da geometria teórica"[780].

Em algumas publicações de Al-Biruni, existem teorias e alegações geométricas e métodos para demonstrá-las. Esses métodos são novos e profundos, e diferem daqueles adotados por filósofos e matemáticos gregos. Os cientistas muçulmanos, principalmente Ibn Al-Haitham, empregaram a geometria plana e a geometria sólida nas pesquisas ópticas para especificar o reflexo nas formas dos espelhos esféricos, cilíndricos e cônicos, os côncavos e os convexos entre eles. E sem precedentes criaram soluções gerais, chegando ao auge nesta ciência[781].



Livro de Nassir Al-Din Al-Tussi

778 Donald R. Hill: *Ciências e Geometria na civilização islâmica*, p. 46.

779 Veja Ali ibn Abdullah Al Difaa: *As maravilhas da civilização árabe e islâmica em Ciências*, p. 70-71.

780 Donald R. Hill: *Ciências e Geometria na civilização islâmica*, p. 47.

781 Jalal Mazhar: *A Civilização do Islam e seu Impacto sobre o Desenvolvimento Mundial*, p. 358.

Os cientistas muçulmanos assinalaram a forma de identificar a proporção da periferia do círculo e seu diâmetro. Eles também provaram ser excelentes em geometria plana, principalmente no que diz respeito aos paralelos. Por exemplo, Nassir Al-Din Al-Tussi[782] foi o primeiro a chamar a atenção ao defeito da teoria de Euclides na questão dos paralelos. Ele apresentou evidências baseadas em hipóteses em seu livro *Al-Resala Al-Shafia 'an Al-shak Fil Khotot Al-Mutawazia (A mensagem que supri a dúvida sobre linhas paralelas)*. Os matemáticos muçulmanos também conheceram a ciência do achatamento do círculo. Haji Khalifa denominou essa ciência como: a "ciência através da qual nós sabemos como o círculo é transferido para uma superfície mantendo-se as linhas e círculos desenhados sobre o círculo e como esses círculos desenhados no círculo são transferidos para uma linha"[783]. A importância dessa ciência, de acordo com Al-Qanogi, reside no fato de que ela pode ser utilizada em outras ciências, especialmente a astronomia. Dentre as publicações dos cientistas nesta área de geometria, temos: Al Kamil, por Al-Farghani; *Al-Isti'ab,* por Al-Biruni; e *Dostur Al-Tarjih fi qawa'id Al-Tastih*, por Taqi Al-Din Al-Shami[784], que Allah os envolva com Sua misericórdia[785].

Os cientistas muçulmanos escreveram uma série de publicações sobre problemas geométricos, sobre a análise e composição geométrica, divisões do ângulo, desenho de formas retangulares regulares e sua ligação a equações algébricas. Diz-se que Thabit ibn Qurra[786] dividiu o ângulo em três partes iguais utilizando um meio que era diferente do que era conhecido pelos gregos.

O professor Qadri Toqan salientou que o seno foi usado em vez da hipotenusa no início do terceiro século *hijri*. É difícil definir quem deu este passo, porém ficou provado que Thabit ibn Qurra foi quem estabeleceu a alegação de "Manalos" em sua forma atual. Acima de tudo, ele resolveu algumas das equações cúbicas com métodos geométricos que foram utilizados por alguns cientistas ocidentais em suas pesquisas matemáticas no século XVI d.C., como Cardano e outros grandes matemáticos.

---

782 Nassir Al Din Al Tussi: é Abu Jaafar Muhammad ibn Muhammad ibn Al-Hassan (597-672 d.H./ 1201-1274 d.C.). Ele foi um pioneiro nas ciências racionais e um especialista em astronomia e matemática: Veja Al Safadi: *Al Wafi bil Wafiyat* 1 / 147.

783 Haji Khalifa: *Kashf Al Zunun*, p. 403.

784 Taqi Al Din Al Shami: é Muhammad ibn Marouf. Foi chamado de Al Rasid Al Shami (927-933 d.H./ 1521-1585 d.C.). Ele foi uma das grandes enciclopédias científicas, filósofo, astrônomo, matemático, físico, químico, farmacêutico, agrônomo e cientista em geometria. Foi autor de mais de 90 livros sobre várias ciências.

785 Al Qanogi: *Abjad Al Ulum* 2 / 148.

786 Thabit ibn Qurra: é Abul Hassan Thabit ibn Qurra lbn Marawan ibn Thabit (221-288 d.H./836-901 d.C.). Matemático e astrônomo. Ele era próximo do califa abássida Al Mo'tadad. Veja Ibn Al Nadim: *Al Fihrast*, p. 331.

Qadri Toqan ainda salientou que alguns dos envolvidos com as ciências matemáticas podem não acreditar que Thabit estava entre aqueles que prepararam o caminho para o "cálculo de integração e diferenciação", uma ciência que é de grande importância para as invenções e descobertas. Mas se não fosse essa ciência e as facilitações que ele encontrou para a resolução de uma série de questões difíceis e operações retorcidas, as leis naturais não teriam sido exploradas para o benefício da humanidade. Thabit foi uma das pessoas envolvidas com a geometria analítica e era excelente na mesma. Ele introduziu inovações sem precedentes e escreveu um livro em que explicava a relação entre álgebra e geometria e como combiná-los[787].

O orientalista francês Barão Carra de Vaux[788] descreveu as conquistas alcançadas pela civilização islâmica, apontando que os árabes realmente criaram as maiores invenções, eles nos ensinaram o uso do zero, embora não o tenham inventado, também foram os primeiros a inventar a medida da vida diária, tornaram a álgebra uma ciência perfeita e foram superiores nela. Eles, ainda, estabeleceram as bases da geometria analítica e foram, sem dúvida, os criadores da ciência dos triângulos planos e da ciência dos triângulos esféricos, que não podem ser atribuídas aos gregos se a precisão e a justiça forem consideradas[789].

O grande desenvolvimento que pode ser considerado um grande pulo na história da ciência foi o emprego dos números indianos pelos árabes, especialmente o zero, cuja descoberta foi controversa. No entanto, sem dúvida, foram os árabes quem o usaram e o consideraram uma representação de um dígito ou lugar vazio. Assim, os cálculos que foram baseados em dígitos se aperfeiçoaram: unidade, dezena, centena..., e operações de matemática grandes e compridas, que eram impossíveis de se calcular usando números latinos, então puderam ser feitas[790].

Sigrid Hunke, orientalista alemã, apontou que o uso desses números não foi por acaso ou por sorte dos árabes, mas a genialidade deles captou esses números escritos em cima dos presentes e mercadorias indianas; eles têm essa virtude, pois "provaram que têm profundo conhecimento e amplo entendimento ao descobrirem os benefícios destes pequenos caracteres que

---

787 Qadri Toqan: *Patrimônio Científico árabe em Matemática e Astronomia,* p. 84 em diante, citado por Jalal Mazhar em: *A civilização do Islam e seu Impacto sobre o Desenvolvimento Mundial*, p. 359.

788 Barão Carra de Vaux (1868-1939). Ele era um orientalista francês, que estudou a herança científica árabe. Editou uma série de publicações de cientistas muçulmanos. Dentre os seus livros mais famosos: *Pensadores do Islam* (cinco partes). Ele também é autor de várias outras publicações.

789 *Patrimônio do Islam,* supervisionado por Arnold, p. 563-564.

790 Veja Abdel Halim Montasser: *História da ciência e o papel dos cientistas árabes no seu desenvolvimento*, p. 64.

enfeitavam os presentes indianos, sem observarem as coisas surpreendentes para depois jogá-las de lado. Por acaso, esses números não eram conhecidos em Alexandria e nas capitais científicas da Síria? Porém, esses números só acenderam como uma luz incandescente quando chegaram até os árabes"[791].

"Os matemáticos consideram o zero como a maior invenção alcançada pela humanidade. De fato, sem o zero, é impossível existir as quantidades positivas e negativas na ciência da eletricidade e do positivo e negativo na álgebra[792]".

Outro salto ocorreu na geometria, quando Al-Khawarizmi estabeleceu o cálculo algébrico e combinação, que serão abordados quando falarmos das adições feitas pelos muçulmanos nas ciências da humanidade.

Na matéria da área, o livro *Ma'rifat Missahat Al-Ashkal Al-Bassita wa Al-Kurauiya (O conhecimento da área das figuras planas e esféricas)* em geometria é considerado uma das obras mais importantes dos filhos de Mussa ibn Shakir. Nesta obra, eles enfatizaram a importância de identificar comprimento, largura e tamanho, essas medidas limitam o tamanho de cada objeto, a área de cada superfície.[793].

Esse livro escrito pelos filhos de Mussa ibn Shakir constituiu uma evolução importante dos dois livros de Arquimedes sobre a medição da área do círculo e sobre a esfera e o cilindro. Nele, eles utilizaram uma abordagem usada por Udox e o conceito de quantidades escassas introduzido por Arquimedes. Este livro foi de grande importância para o Oriente islâmico e para o Ocidente latino[794].

Os cientistas muçulmanos abordaram as áreas em suas publicações matemáticas como sendo um ramo da geometria. Por exemplo, Bahaá Al-Din Al-A'amili[795] (falecido em 1031 d.H./ 1622 d.C.), dedicou os três primeiros capítulos da parte seis de seu livro *Kholassat Al-Hissab (A Essência da Matemática)* a este tema. Na introdução, ele apresenta as definições básicas na área das superfícies e corpos. No capítulo um, ele abordou a área de superfícies com lados retos como triângulo, quadrado, retângulo,

---

791 Sigrid Hunke: *O sol dos árabes resplandece sobre o Ocidente*, p. 157.

792 Veja Ali ibn Abdullah Al Difaa: *Maravilhas da civilização árabe islâmica em ciências*, p. 56.

793 Filhos de Mussa ibn Shakir: *Medida de figuras planas e esféricas*. Editado por Nassir Al Din Al Tussi, p. 2, citado por Khalid Ahmad Harbi: *Ciências da civilização do Islam e seu papel na civilização humana*, p. 154.

794 Abdel Hamid Sabrah: Filhos de Mussa ibn Shakir, conteúdo do livro intitulado *Engenho da civilização árabe, a fonte do Renascimento Europeu*, editado por RB Winder, p. 25, citado por Khalid Ahmad Harbi, fonte anterior, p. 155.

795 Bahaá Al Din Al A'amili: Ele é Muhammad ibn Hussain ibn Abdel Samad Al Harithi (953-1031 d.H./ 1547-1622 d.C.). Cientista, literário. Ele nasceu em Baalbak e morreu em Asfahan. Entre seus livros famosos: *Al Kashkoul* e *Al Mokhalah*. Veja Al Zirikli: *Os Mestres* 6 / 102.

losango, hexágono e octágono, entre outros. Nos capítulos dois e três, abordou os métodos pelos quais se forma a área de círculos, superfícies curvas, tais como cilindros, cones completos e incompletos e o círculo. E na sétima parte, ele se referiu a algumas questões relacionadas com a área da superfície da terra para realizar levantamento topográfico, para escavar canais e determinar a altura, largura e profundidade de rios e de poços.

Era natural que os muçulmanos transferissem seus conhecimentos geométricos e os aplicassem em suas artes arquitetônicas, retratadas em mesquitas, palácios e cidades, entre outros. Eles deram atenção às decorações geométricas, que foram caracterizadas pela simetria e precisão. Muitas pesquisas foram feitas sobre arte islâmica, que representa a originalidade da geometria arquitetônica. Martin S. Breks, um estudioso especializado em arquitetura islâmica reiterou a originalidade e destaque da mesma, ressaltando que "embora haja a possibilidade de os árabes não terem a ciência da geometria arquitetônica no início do período de conquistas, a realidade clara é que a arquitetura islâmica permaneceu em todos os países e em todas as épocas vividas pelo Islam. Suas origens foram extremamente sofisticadas (ou seja, as fontes de influência e cópia). Ela foi distinta das outras escolas arquitetônicas locais que eram ferramenta artística onde nasceram"[796].

Em face do exposto, fica clara a grandeza dos muçulmanos na ciência geométrica, ninguém pode recusar a contribuição dos muçulmanos nesta área. Muhammad Kurd Ali salientou que os árabes (muçulmanos) no campo da geometria tiveram excelência inigualável e reconhecida por todo conhecedor do assunto. Eles não inventaram prédios próprios, mas se destacou o amor deles pela decoração e requinte em sua engenharia. Eles inventaram o arco apoiado, suas artes em engenharia de cúpulas, tetos e tetos falsos feitos de árvores e flores para suas mesquitas e palácios, todas estas decorações são maravilhas que jamais perecerão por mais que haja novidades. Estas maravilhas indicam a obsessão excessiva dos muçulmanos com enfeites e decorações, como se os seus edifícios e indústrias fossem um vestido oriental, que foi lindamente decorado e malhado, como foi citado por um conhecedor estrangeiro[797].

Essas foram algumas das contribuições muçulmanas para o desenvolvimento da geometria, quando os marcos gerais desta ciência tornaram-se evidentes depois de terem verificado a herança das civilizações anteriores.

---

796 *A Herança do Islam*, supervisão de Arnold, p. 232.

797 Muhammad Kurd Ali: *O Islam e a civilização árabe,* 1 / 238.

5
A Geografia

As publicações dos muçulmanos sobre geografia têm desempenhado papel importante até o nossos dias, porque as informações que elas contém somam ao nosso conhecimento de geografia histórica relacionada com os países abordados por essas publicações. Assim, elas desenvolvem indiretamente nosso conhecimento sobre a história desses países. Portanto a herança do Islam neste campo é de particular importância[798].

Esta não é a nossa palavra, mas sim do pesquisador ocidental, Martin Plasnir.

A geografia como ciência começou antes do advento do Islam. No entanto, devido às contribuições dos árabes e aos seus conhecimentos astronômicos, a geografia teve progresso acentuado. Não é por acaso, pois os árabes que inicialmente pegaram o conhecimento dos gregos, principalmente Ptolomeu, são guias no campo da geografia e superaram seus mestres, como é de seus costumes[799].

Esta também não é a nossa palavra, mas do grande filósofo francês Gustave Le Bon.

Podemos desenhar a história das inovações e conquistas feitas pelos muçulmanos no campo da geografia em três fases:

1 – Correção de erros cometidos pelos seus antecessores;

2 – Descrição distinta de marcos e países;

3 – Suas adições e descobertas.

798 Martin Plasnir: Pesquisa das ciências, publicado no livro *Herança do Islam*, e supervisionado por Schacht Wobozorrtt 2 / 154.

799 Gustave Le Bon: *A civilização árabe*. p. 468.

A circunferência da Terra e o mapa-múndi

A marcha das inovações feitas por cientistas muçulmanos começou quando eles provaram a redondeza da Terra. Os gregos acreditavam que a Terra é um objeto circular plano, rodeado por água do mar de todas as direções. Hecateu (500 a.C.), considerado o pai da geografia grega, desenhou os mapas de acordo com o princípio de objeto circular. Embora Platão (348 a.C.) tenha introduzido a primeira teoria sobre a redondeza da Terra, ele não foi suficientemente apoiado por quem o sucedeu. Pelo contrário, o Estado romano rejeitou essa ideia. Em 547 d.C., Cosmas, o pai da geografia romana, declarou que "o mundo é como uma roda cercada por águas oceânicas de todas as direções". Esta questão atingiu seu ápice quando a Igreja e seus primeiros papas, encabeçados por Lactâncio, veementemente adotou essa teoria. Eles afirmaram que a Terra era plana e que o outro lado da Terra está desabitada, do contrário, as pessoas podem cair no espaço[800].

Quando a civilização islâmica chegou tentou reanimar a teoria da esfericidade da Terra e a adotou. Uma das mais importantes razões para essa aprovação é que o Alcorão Sagrado refere-se à redondeza da Terra de várias maneiras. Por exemplo, Allah diz: ***"E a terra, após isso, estendeu-a"*** (Annaziat:30). O termo *dahia* na língua árabe significa o "círculo". Do mesmo modo, há versículos sobre a rotação da Terra em torno de si causando o fenômeno do dia e da noite. Allah (exaltado seja) diz: ***"Ele enrola a noite no dia e enrola o dia na noite"*** (Azzumar: 5).

Ibn Khardazabah[801] (272 d.H. – 885 d.C.) disse: "A Terra é redonda como uma bola e está posicionada como a gema no interior do ovo"[802].

Ibn Rustah[803] (290 d.H. – 903 d.C.) escreveu: "Allah (exaltado seja) posicionou o espaço redondo como a bola, vazio e circular. Ele também fez a Terra redonda e sólida no meio do espaço"[804].

---

800 Gustave Le Bon: Idem, p. 468 e Jalal Mazhar: *A civilização do Islam e seu Impacto sobre o Desenvolvimento Mundial*, p. 397-398.

801 Ibn Khardazabah: Abul Qasim Ubaidullah ibn Ahmad ibn Khardazabah (204-272 d.H./820-885 d.C.). Ele era historiador e geográfo. Adotou o Islam nas mãos de Al Baramakah. Entre as mais famosas de suas publicações: *Os Caminhos e os Reinos (Al Masalik wal Mamalik)*. Veja Al Safadi: *Al Wafi bil Wafiyat* 19/229.

802 Ibn Khardazabah: *Os Caminhos e os Reinos (Al Masalik wal Mamalik),* p. 4.

803 Ibn Rustah: Abu Ali Ahmad ibn Omar (300 d.H./ 912 d.C.). Ele foi um geógrafo de Isfahan. Entre seus livros mais importantes: *Al Aalak Al Nafisah*. Veja Al Zirikli: *(Al A'alam)* 1 / 185.

804 Ibn Rustah, *Al Aalak Al Nafisah,* p. 8.

Em seu livro *Al 'Iqd Al-farid*, o famoso literário Ibn Abd Rabbuh[805] compôs um poema em resposta ao astrônomo Abu Ubaidah Muslim ibn Ahmad[806], através deste poema descobrimos que Abu Ubaidah disse que a Terra é redonda, mas Ibn Abd Rabbuh discordava dele. Outro fato que chama a atenção é que Abu Ubaidah disse que cair do céu para o chão é mais fácil para ele do que mentir. Mesmo sendo esta uma informação ética a princípio, ela nos dá um sentimento de precisão e longa pesquisa antes do pronunciamento da conclusão.

Vale ressaltar que Abu Ubaidah ibn Ahmad nasceu no século III *hijri* (século IX d.C.). Ele foi um dos pioneiros da astronomia na Andaluzia. É importante saber que o mundo islâmico não recusou nem se opôs a estas descobertas científicas, mesmo que estas parecessem estranhas. Qualquer objeção não passava de uma discussão meramente natural. É importante lembrar isso ao lembrarmos como a marcha do desenvolvimento científico se misturou ao derramamento de sangue, fogo e inquisição na Europa 500 anos depois.

Também é digno de nota que o clérigo muçulmano não ficou nas fileiras dos leigos. Ele encontrou no Islam o que comprova a realidade científica e contraria aqueles que a rejeitaram. Ibn Hazm, por exemplo, registrou a unanimidade dos imams muçulmanos sobre a redondeza da Terra. Ele disse:

> Eles disseram que as provas de que a Terra é redonda são autênticas, mas os leigos têm outra opinião. E nossa resposta, com o auxílio de Allah, é que: nenhum imam muçulmano que merece a denominação de imam negou a redondeza da Terra, eles citaram as provas do Alcorão Sagrado e da Sunnah que citaram a redondeza da Terra. Por exemplo, Allah disse: ***"Ele enrola a noite no dia e enrola o dia na noite"*** (Azzumar: 5). Esta é a mais clara explicação sobre o giro dela ao seu redor, na língua árabe se diz: kawuaral 'imamah, a circulou. Este, portanto, é um texto sobre a redondeza da Terra[807].

805 Ibn Abd Rabbuh: Ele é Ahmad ibn Muhammad ibn Abdrabbuh ibn Habib ibn Hedar ibn Salim, Abu Omar (246-328 d.H./860 – 940 d.C.). Sábio literário, grande Imam, autor de *Al 'Iqd Al Farid*. Ele era de Córdoba. Veja Al Zirikli: *Al A'lam*: 1 / 207.

806 Abu Ubaidah Al Falaki (295 d.H.). Abu Ubaidah Muslim ibn Ahmad. Ele era sábio na ciência dos movimentos dos planetas e suas leis. Ele também era bem versado em matemática, estrelas, dialética da gramática, língua, poesia, jurisprudência, *hadith* e debate. Veja Al Maqari: *Nafh Al Tayyb,* 3 / 374.

807 Ibn Hazm: *Al Fasl fi Al Melal* 2 / 78.



O Mapa-Múndi de Al Idrissi

Al-Idrisi assinalou que "A Terra é redonda como uma bola. E a água é colada a ela e permanece acima dela naturalmente e de forma contínua. Ambos, terra e água, são posicionados no Universo como a gema dentro do ovo. Eles estão posicionados no centro, cercados pela brisa (ou seja, a atmosfera) de todos os lados"[808].

Comentando sobre os mapas elaborados por Al-Idrisi, Will Durant disse:

> Estes mapas foram os maiores mapas elaborados pela ciência da cartografia na Idade Média, jamais foram desenhados mapas mais precisos que estes, nem mais completos e detalhados. E como a maioria dos cientistas muçulmanos, Al-Idrisi afirmava a redondeza da Terra e opinava que esta é uma realidade inquestionável[809].

E o incrível, depois de tudo que antecedemos, é que alguns livros e referências árabes ainda copiam das referências estrangeiras que os muçulmanos não conheciam a teoria da esfericidade da Terra, e que esta teoria só foi publicada por Copérnico, que morreu em 1543 d.C. Compare agora as datas de falecimento dos cientistas muçulmanos citados anteriormente para saber quem transcreveu de quem?!

808 Al Idrisi: *Nozhat Al Mushtak fi Ikhtiraq Al Afak,* p. 7.

809 Will Durant: *História da civilização* 13/358.

A medição da Terra

Além de os muçulmanos terem estabelecido a redondeza da Terra, o califa abássida Al-Ma'mun (falecido em 218 d.H./833 d.C.) foi considerado o primeiro a tentar medir as dimensões da Terra. Ele designou duas equipes de astrônomos e geógrafos, uma equipe liderada por Sanad ibn Ali[810] e outra liderada por Ali ibn Issa Al-Astrlabi[811] (foi dito que uma das duas equipes foi liderada pelos filhos de Mussa ibn Shakir). Ele pediu-lhes para ir a dois diferentes locais do leste e oeste, para em seguida, medir um grau de longitude.

Ibn Khillikan[812] apontou que cada equipe escolheu uma vasta área plana e fixou uma estaca lá. Eles consideraram a Ursa Menor como ponto fixo, então mediram a distância entre a estaca, a Ursa Menor e a Terra. A equipe então se moveu para o norte, onde este ângulo fica maior. Depois, cada equipe mediu a distância entre as duas estacas. As duas equipes mediam a distância da Terra esticando cordas entre as estacas[813].

Surpreendentemente, os resultados foram precisos e semelhantes aos atingidos atualmente pela ciência contemporânea. A medida média das duas equipes foi 56,66 milhas, aproximadamente. Enquanto a medição alcançada pela ciência contemporânea foi 56,93 milhas. De acordo com a medição feita por Al-Ma'mun, o diâmetro da Terra é de 20.400 milhas (aproximadamente 41.248 km). Comparando este valor com o valor medido por satélites atualmente, que é 40.070 km, fica evidente que a porcentagem de erro nas medições feitas pela equipe de Al-Ma'mun não excedeu 3%! Sendo assim, esta conquista merece apreço[814].

O livro de geografia de Ptolomeu foi um dos principais livros sobre o qual os muçulmanos se basearam no estabelecimento dos princípios de

810 Sanad ibn Ali: Abul Tayyb Sanad ibn Ali Al Yahudi. Viveu antes de 218 d.H.. Ele foi um astrólogo, matemático e astrônomo, que serviu na corte de Al Ma'mun, em cujas mãos ele adotou o Islam. Entre seus livros mais famosos: Al-Monfasilat wa Al Motawasitat. Veja Al Safadi: *Al Wafi bil Wafiyat* 15/242.

811 Ali ibn Issa Al Astrlabi (terceiro século hijri – século IX d.C.). Ele foi um famoso matemático e astrônomo, viveu em Bagdá. Foi um dos cientistas encarregados por Al Ma'mun a fazer a medição da linha do Equador.

812 Ibn Khillikan: Ele é Abul Abbas Ahmad ibn Muhammad ibn Ibrahim ibn Abi Bakr (608-681 d.H./ 1211-1282 d.C.). Ele era um historiador enciclopédico, e foi nomeado juiz do Egito e Damasco. Entre seus livros mais famosos: *Wafiyat Al A'aian (As mortes dos mestres)* E Anbaa Abnaa Al Zaman. Veja Ibn Al Emad: Shazarat Al Zhahab 5 / 371 – 374.

813 Ibn Khillikan: *Wafiyat Al A'aian*, 5 / 162.

814 Ver Yuhans Fillers: *Tesouros da Astronomia*, p. 25.

sua ciência. Este livro pode ter sido o único ao qual eles recorreram, junto com o livro de Marinous de Sour[815], que era menos importante[816].

Linhas de latitude e longitude

Os cientistas muçulmanos corrigiram os erros cometidos por Ptolomeu, quando ele determinou as linhas de longitude e latitude. Um de seus erros foi o exagero na definição do comprimento do Mar Mediterrâneo e na definição do prolongamento da parte habitada da Terra conhecida para ele. Ptolomeu via os oceanos Índico e Pacífico como lagos, quando ele ligou o sul da Ásia ao sul da África. Ele também exagerou na determinação do tamanho da ilha de Silan, e também se enganou extremamente quando determinou o tamanho do Mar Cáspio e do Golfo Árabe. Os cientistas muçulmanos retificaram estes e outros erros e, em seguida, eles deixaram a sua geografia descritiva em que uma série de cientistas e viajantes participaram durante aproximadamente cinco séculos para dar a ela sua imagem conclusiva. Assim, os cientistas muçulmanos deixaram uma contribuição incomparável a partir da Idade Média[817].

"Ptolomeu determinou de forma errada a localização geográfica de muitas cidades, a medida de seu erro na definição do comprimento do Mar Mediterrâneo foi estimado em 400 léguas. É suficiente compararmos entre os locais especificados pelos gregos e os locais determinados pelos árabes para se esclarecer para nós a medida dos progressos alcançados pelos árabes"[818].

Os muçulmanos são considerados os primeiros a estabelecer as linhas de longitude e de latitude nos mapas da Terra. Eles foram criados pelo cientista Abu Ali Al-Marakishy (660 d.H. – 1262 d.C.), a fim de ajudar os muçulmanos a especificar a hora de orações em todo o mundo. Além disso, Al-Biruni definiu uma regra matemática para o achatamento da Terra, ele copiava as linhas de longitude e latitude da Terra a uma superfície plana e vice-versa. Esse procedimento facilitou o desenho de mapas geográficos[819].

---

815 Marinous de Sour. Ele pertencia a Sour, cidade no Mar Mediterrâneo. Ele viveu entre o século I e o século II d.C, Ptolomeu expressamente confessou que ele era um aluno de Marinous de Sour. Entre seus trabalhos mais famosos: *Correção de Geografia*.

816 Jalal Mazhar: *A civilização do Islam e seu impacto sobre o desenvolvimento mundial*, p. 390.

817 Jalal Mazhar: *A civilização do Islam e seu impacto sobre o desenvolvimento mundial*, p. 390 e 393.

818 Gustave Le Bon: *A civilização árabe*, p. 468.

819 Abdul Rahman Humaidah: *Os geógrafos árabes famosos,* p. 459 e Jalal Mazhar: *A civilização do Islam e seu impacto sobre o desenvolvimento mundial*, p. 397.

Enquanto o mundo não imaginava que a Terra é redonda e ninguém discutia a questão da rotação da Terra em torno de si, três cientistas muçulmanos foram os primeiros a abordar o conceito de rotação da Terra, isto aconteceu no século XIII d.C. (século VII d.H.). Ali ibn Omar Al Katibi[820], Qotb Al-Din Al-Shirazi da Andaluzia, e Abu Al-Faraj Ali da Síria. Estes três cientistas foram os primeiros na história da humanidade a se referir à possibilidade de rotação da Terra em torno de si frente ao Sol uma vez a cada dia e noite. Comentando sobre estes cientistas, Sarton disse: "As investigações desses três cientistas durante o século XIII não passaram despercebidas. Elas foram um dos fatores que influenciaram a pesquisa de Copérnico em sua teoria publicada em 1543 d.C."[821].

Os cientistas da civilização islâmica têm contribuído para a ciência da geografia com enciclopédias geográficas reais. Comentando sobre o livro de Yaqut Al-Hamawi intitulado *Mu'jam Al-Buldan (Glossário de Países)*, Durant descreveu-o como uma enciclopédia geográfica ampla na qual ele reuniu todas as informações geográficas disponíveis na Idade Média. Inclui todas as informações sobre astronomia, física, arqueologia, geografia humana e história. Da mesma forma, esta enciclopédia mencionou a distância entre as cidades, sua importância e as vidas de suas celebridades e suas obras. "Não conhecemos alguém que pode ter amado a Terra como este grande cientista"[822].

Gustave Le Bon assinalou que "os livros dos árabes que chegaram às nossas mãos sobre a ciência da geografia são de extrema importância. Alguns desses livros foram os fundamentos para o estudo desta ciência na Europa por muitos séculos"[823].

Le Bon também acrescentou:

> O mapa desenhado por Al-Idrisi, que incluiu as nascentes do rio Nilo e os grandes lagos tropicais, ou seja, os locais que foram descobertos pelos europeus somente durante o tempo presente, é o mapa mais importante que ele desenhou. Este mapa mostra que o conhecimento dos árabes sobre a geografia da África é maior do que se imaginava há muito tempo[824].

---

820 Ali ibn Omar Al Katibi: Ele é Najm Al Din Ali ibn Omar ibn Ali Al Katibi Al Qassiouni (600-675 d.H./ 1203-1277 d.C.). Ele foi um filósofo e aluno de Nasr Al Din Al Tosi. Ele foi autor de muitos livros, incluindo *Al Shamsiyah* e *Hikmat Al Ain*. Veja Al Safadi: *Al Wafi bil Wafiyat* 21/244.

821 Sartun: *Introdução à História da Ciência*. 1 / 46.

822 Will Durant: *História da Civilização*. 13/359.

823 Gustave Le Bon: *A civilização árabe*, p. 469.

824 Idem, p. 470.

E os mapas islâmicos e as publicações dos muçulmanos sobre ciências marinhas marcadamente influenciaram o progresso da navegação ocidental[825].

A descoberta da América

Quanto às descobertas marítimas: uma das mais importantes foi a descoberta da América, que é atribuída a Cristóvão Colombo[826] em 1494. Desde quando os muçulmanos anunciaram que a Terra é esférica e provaram isso com cálculos astronômicos, começaram a aparecer as referências em seus livros sobre a necessidade da existência de ilhas habitadas do outro lado do planeta que ainda não foram descobertas. Essa teoria se constituiu na conclusão de que não é razoável que uma das superfícies do planeta seja totalmente terrestre enquanto a água cobre o outro lado, porque isso irá interferir no equilíbrio da Terra e na regularidade de sua rotação[827]. Al-Biruni foi o primeiro a apontar este fato e o anunciou em seus livros e, com base nessa teoria, tiveram início as aventuras da descoberta geográfica que foram mencionadas em manuscritos por grandes geógrafos muçulmanos, entre eles Al-Mass'oudi[828] em seu livro *Muruj Al Zhahab*, e Al-Idrisi em seu livro *Nuzhat Al Mushtaq* e outros.

A citação do estudioso historiador e literário Anastas Al Karmali[829] fortalece este fato. Ele citou que os muçulmanos haviam chegado à América a partir de Lisboa antes de Colombo graças ao conhecimento que tinham da corrente quente do Golfo do Atlântico. Em seu texto, ele diz: "Os árabes se antecederam a todas as outras nações no conhecimento desta corrente e suas propriedades, e de seu movimento desde o México até a Irlanda e vice-versa..."[830].

825 Martin Plasnir: Pesquisa das Ciências, publicado no livro *Herança do Islam*, e supervisionado por Schacht Wobozorrtt 2 / 154.

826 Cristovão Colombo (1451 – 1506 d.C.). Navegador italiano famoso, a ele é atribuída a descoberta do Novo Mundo (América), Bahamas e ilhas do Mar do Caribe. Morreu na Espanha.

827 Jalal Mazhar: *A civilização do Islam e seu impacto sobre o desenvolvimento mundial*, p. 396, 397.

828 Al Mass'oudi: Abu Al Hassan Ali ibn Al Hussain ibn Ali (falecido em 346 d.H./ 957 d.C.). Historiador, viajante e pesquisador. Natural de Bagdá, viveu e morreu no Egito. Dentre as suas obras: *Muruj Al Zhahab*. Veja Al Safadi: *Al Wafi bil Wafiyat* 21/6,7 e Al Zirikli: *Al A'alam* 4/277.

829 Anastas Al Karmali: Pedro Gabriel José Awad (1283 – 1366 d.H./ 1866 – 1947 d.C.). Estudioso de literatura, vocabulário, filosofia e história árabe. De origem libanesa e nascido em Bagdá. Veja Al Zirikli: *Al A'alam* 2/25.

830 Anastas Al Karmali: Os árabes conheceram a América antes do Ocidente. Pesquisa publicada pela revista *Al Muqtataf*, número 106. Al Áqqad a mencionou em seu livro *O impacto dos árabes na civilização*, p. 47.



Mapa de Piri Reis

Porém, a mais fascinante e surpreendente referência de que os muçulmanos descobriram a América é o mapa descoberto pelo estudioso alemão Paul Kahle[831] na Biblioteca do Palácio de Topkapi em Istambul. Ele publicou este mapa para o mundo em 1929 depois de uma investigação científica internacional que durou vários anos. Este mapa confundiu os cientistas e surpreendeu o mundo, foi escrito por um geógrafo muçulmano conhecido como Piri Reis[832], cujo nome completo é Muhyiddin ibn Muhammad Al Reis. Este geógrafo foi um dos líderes da frota marítima otomana, que era um mestre do mar em seus tempos. Este mapa é dividido, de fato, em vários mapas individuais; ele mostra o leste do Oceano Atlântico, onde estão a costa espanhola e do oeste africano, enquanto que a oeste você vê o continente americano com suas costas, ilhas, portos e fauna, além de seus habitantes originais (os índios), aos quais ele desenha nus e pastoreando ovelhas.

Em seu livro *História da literatura geográfica árabe*, o estudioso Kraczkowski explica que Al Reis deve ter constituído este mapa com base nos mapas de Colombo que podem ter pousado em sua mão quando a frota turca venceu a frota de Veneza em 1499 e prendeu alguns de seus navios[833]. No entanto, essa visão tem a oposição de muitos pesquisadores, porque o mapa tem detalhes de locais desconhecidos por Colombo e que não foram descobertos por ele. Porém, esses pesquisadores não ofereceram uma explicação alternativa que revele o segredo desse mapa obscuro.

Vale ressaltar que os jornais do Brasil publicaram em 1952 uma declaração do Dr. Jgerz, professor de ciências arqueológicas e sociais na Universidade de Strand, na África do Sul, na qual ele diz: "Os livros de história erram quando atribuem a descoberta da América a Cristóvão Colombo, isto porque os árabes (muçulmanos) são, na realidade, aqueles que descobriram a América centenas de anos antes dele". O estudo do professor

831 Paul Kahle (1875 – 1964 d.C.): Famoso orientalista alemão, aprendeu as línguas orientais nas universidades de Marburg e Berlim e foi nomeado sacerdote dos protestantes na Romênia e no Cairo.

832 Piri Reis: Muhyiddin ibn Muhammad Al Reis (877 – 962 d.H./ 1470 – 1555 d.C.). Foi capitão na batalha naval de Modena no ano de 1500 d.C. Ele conseguiu desenhar dois mapas-múndi, que foram qualificados – posteriormente – como os mais precisos. Entre as suas obras: *Kitab Bahriah (Livro do mar).*

833 Kraczkowski: *História da literatura geográfica árabe*, 2/562.

mencionado acima – que durou seis anos – baseou-se no estudo dos esqueletos humanos que ele encontrou no Estado brasileiro de Granada[834].

A descoberta do sexto continente no Polo Sul

O conteúdo mais impressionante dos mapas de Muhyiddin ibn Al Reis é que eles voltaram a ocupar os cientistas após a época das viagens espaciais e das imagens de satélites. A princípio, os cartógrafos na América e Europa no século XX acreditavam que os mapas são imprecisos e que têm erros no desenho, de acordo com os mais recentes conhecimentos sobre a costa americana. Porém eles foram surpreendidos, após a primeira imagem dessas áreas tirada por satélite, com a descoberta de que os mapas de Muhyiddin Al Reis são mais precisos do que tudo o que conheciam e imaginavam! Eles correspondem exatamente à imagem de satélite, e que os seus conhecimentos é que estavam errados. Depois disso, uma equipe de cientistas da agência espacial americana se dedicou para reexaminar os mapas em partes depois de ampliá-las várias vezes. Então, ocorreu a segunda surpresa. Muhyiddin Al Reis colocou em seus mapas o sexto continente no Polo Sul, conhecido como Antártida. Ele o descreveu antes da sua descoberta por mais de dois séculos, assim como descreveu as suas montanhas e vales, que só foram descobertos em 1952.

O escritor Erich von Dänikken escreveu em seu livro *Chariots of the gods (Eram os deuses astronautas)* que os mapas de Muhyiddin Al Reis foram entregues ao Dr. Maleri Arlington, professor de mapas geográficos em universidades americanas. Ele concluiu, após exame cuidadoso, que os mapas contêm todos os fatos geográficos sobre a América, mas ele supôs existir um erro ou imprecisão em alguns lugares, então, ele pediu o auxílio dos geógrafos da marinha americana, cujos estudos mostraram que os mapas de Piri Reis transferiram a topografia interna dos continentes (ou seja, o terreno) com extraordinária precisão, neles aparecem as montanhas, rios e planícies, como se fossem imagens tiradas do espaço![835]

Em 1957, uma equipe de geógrafos nos grandes observatórios e na marinha americana se dedicou ao aprofundamento do estudo dos mapas

834 Shauqui Abu Khalil: *A Civilização Árabe Islâmica*, p. 500. Granada é o nome citado na edição em língua árabe, talvez seja o nome que davam antigamente a uma das províncias ou estados brasileiros, ou a escrita em árabe não está exata (nota do tradutor).

835 Erich von Dänikken: *Chariots of the gods*, *Erinnerungen an die Zukunft*, no original alemão, p. 29

de Al Reis, e após estudos com o uso de equipamentos avançados, eles descobriram que suas imagens do sexto continente (Antártida) são corretas e precisas em grau surpreendente, até mesmo no que diz respeito às regiões cujas descobertas ainda não foram concluídas em nossa época. As montanhas do continente da Antártica não foram descobertas até 1952, elas sempre estão cobertas com uma espessa camada de neve, de modo que a descoberta de sua existência nos mapas modernos ocorreu com o uso de aparelhos de ecossonda.

Vale ressaltar aqui também o interesse da agência espacial americana em continuar o estudo destes mapas, pois se esclareceu que eles são completamente semelhantes às imagens da Terra tiradas de um ônibus espacial durante sua passagem sobre a área da Antártida, e é uma imagem que cobre a distância de cinco mil milhas. Eles observaram uma impressionante semelhança entre as imagens de satélite e entre o mapa de Piri Reis![836]

O descobrimento da rota para a Índia a partir da Espanha

Al Qalqashandi (falecido em 1418 d.H.) descreveu em seu livro (Subh Al A'sha) a ligação do Oceano Atlântico com o Oceano Índico e uma descrição precisa, que mostra o conhecimento dos muçulmanos sobre esta questão antes de Vasco da Gama[837]. Al Qalqashandi diz sobre o Oceano Atlântico: "Ele se estende desde as costas do extremo Oriente, de *Ziqaq Sibta* (o Estreito de Gibraltar), que está entre a Andaluzia e Bar Al Áduah do lado sul até ultrapassar o deserto de Lamtuna (que é o deserto berbere)". Em seguida, ele continua a explicar o caminho do mar e diz:

> Em seguida, vira para o lado leste por trás das montanhas Comores, a partir das quais temos as cabeceiras do rio Nilo, que serão mencionadas adiante, então, o mar mencionado situa-se ao sul e se estende a leste, atrás das terras de Al Zinj, e se estende a leste e ao norte até que ele se conecta ao Mar da China e da Índia[838].

836 Ahmad Shauqui Al Fangry: *As Ciências Islâmicas*. Link: http://www.islamset.com/arabic/asc/fangry1.html

837 Vasco da Gama: (1469 – 1542 d.C.) navegador e descobridor português, a ele é atribuída a descoberta do caminho marítimo da Europa para a Índia. Faleceu na Índia.

838 Al Qalqashandi: Subh Al A'sha, 3/237.

Kraczkowski cita que um marinheiro árabe fez a mesma viagem de Vasco da Gama (1420 d.C.), porém, por caminho oposto, saiu de um porto no Oceano Índico e girou em torno da África, até chegar aos portos do Marrocos no Oceano Atlântico, e isso foi 27 anos antes de Vasco da Gama.[839]

E foi relatado por Vasco da Gama em suas memórias que os marinheiros árabes que ele conheceu em sua viagem tinham consigo bússolas avançadas para orientar os navios, equipamentos de monitoramento e mapas náuticos. Ele pediu auxílio deles e enviou alguns de seus mapas para o rei Manuel. E relatou que um marinheiro muçulmano chamado "mestre Kana", de Malinde, guiou o seu navio de Malinde a Calicute, na Índia. E em outras referências foi mencionado que quem conduziu o navio de Vasco da Gama foi o navegador geográfico árabe Ibn Majid[840] (inventor da bússola). É notório que todos os mapas antigos dos muçulmanos, igual o mapa de Al Mass'oudi e o mapa de Al Idrisi mostram claramente uma ligação do Oceano Índico com o Oceano Atlântico em volta da África; essas áreas estavam cheias de barcos árabes que iam e vinham entre a Índia e a África Ocidental[841].

É extremamente impressionante pesquisar sobre os esforços dos muçulmanos na ciência da geografia e na descoberta das terras ao seu redor! Como é admirável observar os frutos desses esforços!

> A contagem dos geógrafos árabes e o que eles escreveram de livros precisa de um longo depoimento. Apenas Abul Fida[842] sozinho citou os nomes de sessenta cientistas geógrafos que viveram antes dele... mesmo com a particular insistência dos europeus na imaturidade herdada – que ainda existe – em relação ao Islam, e mesmo com a recusa dos grandes geógrafos ocidentais de assumirem a importância dos árabes na geografia, o grandioso trabalho dos árabes já é suficiente para confirmar o seu valor, pois os árabes concluíram conhecimentos astronômicos precisos que foram considerados a primeira base para os mapas[843].

Essas também não são as nossas palavras, mas de Gustave Le Bon.

---

839 Kracskowski: *História da literatura geográfica árabe*, 2/563. Edição árabe

840 Ibn Majid: Ahmad ibn Majid ibn Muhammad Annajdi (falecido depois de 904 d.H./ 1498 d.C.). É apelidado de leão do mar, é um dos grandes capitães árabes e um dos sábios da arte da navegação e sua história entre os árabes. Veja Al Zirikli: Al A'alam 1/200.

841 Veja Hussain Yunes: *Atlas da História do Islam*, p. 12 em diante.

842 Abul Fida: Ismail ibn Ali ibn Mahmud ibn Shahinshah (672 – 732 d.H./ 1273 – 1331 d.C.). Historiador geográfico, da cidade de Aleppo. Veja Al Wafi bil Wafiyat 9/104, Al Zirikli: *Al A'alam* 1/319.

843 Gustave Le Bon: *A civilização árabe*, p. 471.

6
A Astronomia

A astronomia foi relacionada a diversos ritos religiosos dos muçulmanos. Portanto, houve a necessidade de se estudar astronomia para determinar os horários das orações de acordo com a localização geográfica e época. Da mesma forma, houve a necessidade de especificar a direção da *qiblah* (direção da oração) e de observar o movimento da lua para determinar o início do jejum e da peregrinação.

Existem vários versículos do Alcorão que destacaram a astronomia e todo o Universo ao redor do ser humano. Estes versos sagrados também incentivam os muçulmanos a observarem o reino dos céus e da terra. Por exemplo, Allah (exaltado seja) disse: ***"É um sinal para eles, a noite, da qual retiramos o dia, e eis que estão mergulhados nas trevas. E o sol segue o seu curso por um período determinado para ele, essa é a determinação do Todo-Poderoso, o Onisciente. E a lua, determinamo-lhe fases, até tornar-se como o velho racemo da tamareira. Não é permitido ao sol alcançar a lua, nem à noite antecipar-se ao dia. E cada qual gira em uma órbita"*** (Yasin: 37-40).

Além disso, Allah (exaltado seja) disse: ***"Ele é Quem fez do sol luminosidade, e da lua uma luz, e determinou-lhe fases, para que saibais o número dos anos e o cômputo (do tempo). Allah não criou isso senão com a verdade. Ele aclara os sinais a um povo que sabe. Por certo, na alternância da noite e do dia, e no que Allah criou nos céus e na terra, há sinais para um povo que teme (a Allah)"*** (Yunus: 5-6).

O Alcorão Sagrado vai mais longe ainda ao mencionar os nomes de certos planetas e estrelas. Por exemplo, Allah (exaltado seja) diz: ***"Pelo céu e pelo astro noturno. E o que te faz inteirar-te do que é o astro noturno? É a estrela fulgurante"*** (Attariq: 1-3). Além disso, Allah diz: ***"E que Ele é o Senhor da Sirius"*** (Annajm: 49).

Além disso, o Alcorão menciona fatos científicos, que não podem ser entendidos ou mesmo interpretados por ninguém a menos que este seja amplamente conhecedor da astronomia. Portanto, isso fez necessário a atenção e preocupação especial dos cientistas muçulmanos à astronomia.

No início de seu desenvolvimento à ciência da astronomia, os muçulmanos verificaram a contribuição das civilizações anteriores. Primeiro, eles traduziram os livros de astronomia escritos por gregos, caledonianos, siriânicos, persas e indianos. O primeiro livro traduzido por muçulmanos foi *Mafatih Al Nojoom (Chaves das Estrelas)*, escrito por Hermes, o Sábio[844]. O livro foi traduzido do grego para o árabe no final da época dos omíadas. Outro livro astronômico importante traduzido do grego para o árabe foi Al-Majasti, escrito por Ptolomeu sobre a astronomia e o movimento das estrelas. Esse livro foi traduzido na época abássida[845].

Durante a era abássida, havia três gênios conhecidos como Banu (filhos de) Mussa ibn Shakir, que foi um astrônomo na corte do califa Al-Ma'mun. Quando ele morreu, o califa Al-Ma'mun prestou o devido cuidado aos seus filhos e os delegou ao astrônomo Yehia ibn Abi Mansur para ensiná-los. Enquanto Banu Mussa estavam crescendo, Al Khawarizmi estava a corrigir os erros cometidos por Ptolomeu. Al Khawarizmi estava em seu posto em Bait Al-Hikmah (Casa da Sabedoria), em Bagdá.

Quando os meninos cresceram, Muhammad ibn Mussa ibn Shakir se destacou em astronomia. Al-Ma'mun construiu uma casa na zona mais alta de Bagdá perto do portão de Al Shammasiah para a observação das estrelas de forma científica e rigorosa, e para realizar medições surpreendentes, que foram comparadas com outras em Gindisaboor e outras realizadas depois de três anos no Monte Qassioun, perto de Damasco. Os astrônomos trabalhavam em equipe para definir tabelas astronômicas, conhecidas como Al-Mujarrabah ou Al-Ma'muneiyah. Esses quadros foram revisões precisas dos quadros antigos de Ptolomeu[846].

Al-Ma'mun designou um grupo de astrônomos, incluindo Muhammad ibn Mussa ibn Shakir, para observar os corpos celestes, registrar o resultado dessas observações e verificar os resultados alcançados pelo astrônomo Ptolomeu. Eles também estudaram o sol e tomaram a redondeza da Terra como base de suas pesquisas para a medição do grau terrestre, observando a posição do sol desde Tudmur e de Sinjab em um só tempo. Os astrônomos estimaram o grau terrestre em 56,66 milhas, uma estimativa

844 Hermes, o Sábio: Ele era uma figura mitológica grega, sua realidade se misturou à mitologia.

845 Ver: Ali ibn Abdullah Al Difaa: *Ciências fundamentais na civilização islâmica árabe*, p. 348.

846 Sigrid Hunke: *O Sol dos árabes (Shams Al-Árab)*, p. 118-119.

que é meia milha a mais do que nossa estimativa de hoje em dia. Eles também concluíram que a medida da superfície da Terra é de vinte mil milhas aproximadamente. Esses astrônomos não aceitavam nada que não tenha sido comprovado pela experiência e pesquisas científicas, e adotaram uma abordagem meramente científica para suas pesquisas"[847].

A verdadeira conquista está no fato de que a civilização islâmica não apenas manteve as ciências das nações anteriores, mas também as corrigiu. A civilização islâmica, ainda, transferiu esta ciência da teoria à prática e a purificou das crenças dos árabes da época da ignorância (a era pré-islâmica), crenças baseadas em superstições e feitiçaria e que acompanhou o surgimento da astrologia nas nações anteriores. Essa ciência foi totalmente rejeitada pelas leis islâmicas e foi considerada contrária à crença islâmica.

O que mais confirma o interesse dos muçulmanos nos experimentos científicos astronômicos é a construção de observatórios enormes, que foram equipados com dispositivos variados e cientistas comprometidos. Esses observatórios foram espalhados por todo o mundo islâmico. Além dos observatórios estabelecidos por Al-Ma'mun no Monte Qassioun[848], em Damasco, e em Shammasiah, em Bagdá, outros observatórios foram construídos em lugares diferentes no mundo islâmico. Os filhos de Mussa ibn Shakir criaram um observatório em Bagdá, e nele fizeram o cálculo da largura maior. Nassir Al-Din Al-Tussi construiu o Observatório de Maragheh, na Pérsia, considerado um dos mais famosos e maiores observatórios. Era conhecido por seus aparelhos precisos e por sua excelente equipe. Estes observatórios se destacaram pela precisão e foram utilizados pelos cientistas europeus em suas pesquisas astronômicas durante o Renascimento e na era pós-renascentista. Além desses, ainda havia outros observatórios, como o Observatório de Ibn Shater[849] na Síria, o Observatório de Dinouri em Asbahan, o Observatório de Olgh Bek[850] em Samarcanda, entre outros[851].

Nesses observatórios, os cientistas muçulmanos fizeram uso de aparelhos extremamente precisos e sofisticados, com os quais eles examinavam

847 Will Durant: *História da Civilização* 13/182.

848 Qassioun: Um monte com vista para Damasco, com várias grutas. É relatado que tem restos mortais de profetas. Yaqut Al-Hamawi: *Mu'jam Al Buldan (Glossário de Países)* 4 / 295.

849 Ibn Al Shater: Abul Hassan Alaa El Din Ali ibn Ibrahim ibn Muhammad Al Anssari Al Dimashki Al Muazin. Ele era conhecido como Ibn Al Shater (704-777 d.H./ 1304-1375 d.C.). Ele era o chefe dos Muazins em Damasco. Ele foi o autor de *Idhah Al Maghib fi Al Amal bil Rob'a Al Mugib* e *O astrolábio*. Veja Ibn Hajr: Al Dorrar Al Kaminah fi Aayan Al Mia'h Al Thamenah 09/04.

850 Olgh Bek: Muhammad Targhay ibn Shah Rakh ibn Taimour Link. Ele foi o quarto governante da Família Taimourense em Harrat (796-853 d.H./ 1393-1449 d.C.). Ele se destacou em matemática. Veja Al Zirikli: *Al A'alam*, 7 / 328.

851 Ver Donalds R. Hill: *Ciências e Engenharia na civilização islâmica*, p. 74-82, e Muhammad Al Sadik Afifi: *Desenvolvimento do pensamento científico dos muçulmanos*, p. 81-82.

os fenômenos astronômicos. A maioria destes aparelhos foram inventados por cientistas muçulmanos e não eram conhecidos antes[852]. Além disso, os muçulmanos utilizaram aparelhos inventados durante as civilizações anteriores, incluindo o astrolábio, que preservou o seu nome grego e foi atualizado pelos muçulmanos, que fabricaram vários modelos que convinham às suas descobertas astronômicas. Por exemplo, eles inventaram o astrolábio circular e o astrolábio navicular. A maioria dos museus do mundo ainda têm mantido modelos desses astrolábios, que foram utilizados para medir a distância entre os planetas e o espaço exterior, e para definir o tempo[853].



Astrolábio

Os muçulmanos se destacaram na fabricação de efemérides, os quais foram usados para medir os corpos celestes. São tabelas matemáticas numéricas utilizadas para identificar as posições dos planetas se movendo em suas órbitas, as regras de contagem dos meses, dias e datas passadas e as condições de planetas em termos de altura, ascensão, tendência de declinação e movimentos. Essas tabelas se baseiam em regras matemáticas e leis numéricas extremamente precisas. Uma das efemérides mais famosas foi a de Ibn Yunis[854], feita por Ali ibn Abdul Rahman ibn Yunis[855].

852 Siddiq ibn Hassan Al Qanugi: Abjad Al Ulum 2 / 92 em diante.

853 Ver Donalds R. Hill: *Ciências e Engenharia na civilização islâmica*, p. 82-83, e Ali ibn Abdullah Al Difaa: *Maravilhas da civilização árabe islâmica em Ciências*, p. 150.

854 Ibn Yunis: Ele é Abul Hassan Ali ibn Abdul Rahman ibn Yunis (falecido em 399 d.H./1009 d.C.). Ele era um astrônomo. Ele escreveu Al Zig Al Hakemi, conhecido como Zig de Yunis. Ele morreu no Cairo. Veja Ibn Khillikan: *Wafiyat Al Aaian* 3 / 429.

855 Ver Siddiq ibn Hassan Al Qanugi: *Abjad Al Ulum* 2 / 51.

Al-Faraghani

Muitos muçulmanos se destacaram em astronomia e foram os mestres de seus sucessores. Entre eles, temos Al-Faraghani, cujo livro permaneceu como uma referência para a Europa e oeste da Ásia, durante setecentos anos[856].

Al-Battani

Um dos mais famosos astrônomos muçulmanos foi Al-Battani, o autor do conhecido *Al-Zij Al-Sabi*, livro que gerou grande influência na ciência da astronomia. Ele foi um dos cientistas que verificaram as posições de várias estrelas, corrigiu alguns movimentos da lua e dos planetas em movimento e discordou de Ptolomeu sobre o afélio solar. Além disso, ele se autocorrigiu no que se relaciona à duração do ano solar. Seu livro *Al-Zij Al-Sabi* foi traduzido para o latim no século XII d.C. e republicado na Europa várias vezes. Este livro é considerado uma enciclopédia astronômica. Também é da autoria de Al-Battani: *Ma'rift Matali' Al-Nujum (O conhecimento do nascer das Estrelas)* e *Ta'dil Al-Kawakib (Alteração dos planetas)*[857].

Abdul Rahman Al-Sofi

Abdul Rahman Al-Sofi[858] é considerado como o primeiro astrônomo a criar tabelas precisas para as estrelas fixas. Sobre isso, escreveu um livro intitulado *Al-Kawakib Al-Thabetah* (os planetas fixos) em (299 d.H./ 911 d.C.). Estes quadros têm sido significativos até a era moderna para quem quiser conferir a história de alguns planetas, suas posições e movimentos. Nesta obra, ele desenhou mais de mil estrelas. Devido à sua importância científica, alguns centros na superfície da lua foram nomeados com seu nome[859].

856 Will Durant: *História da Civilização* 13/182.

857 Ver Muhammad Al Sadik Afifi: *Desenvolvimento do pensamento científico entre os muçulmanos,* p. 106 em diante, e Jalal Mazhar: Civilização do Islam, p. 364-365, e Shawki Abu Khalil: Civilização Islâmica Árabe, p. 543.

858 Abdul Rahman Al Sofi. Abul Hussain Abdul Rahman ibn Omar ibn Sahl Al Razi (291-376 d.H./ 903-986 d.C.). Ele era um astrônomo de Al-Ray. Ele foi autor de *Al Kauakib Al Thabitah (Os Planetas Fixos)*. Veja Al Kafti: *Ikhbar Al Olamaa*, p. 152-153.

859 Veja Shawki Abu Khallil: *O papel da civilização islâmica árabe no renascimento moderno*. Primeira versão, Dar Al Fikr, Damasco 1417 d.H./ 1996 d.C., p. 73.

Abul Wafaa Al-Bozgani

Abul Wafaa Al-Bozgani[860] descobriu uma das equações para estabelecer as posições da lua, denominada "equação de velocidade". Uma de suas contribuições à astronomia foi a descoberta da falha no movimento da lua. Tal descoberta levou à expansão da área das ciências astronômicas e mecânicas. Os historiadores estavam em discordância se Tycho Brahe[861], o astrônomo dinamarquês, ou Al-Bozgani foi o descobridor desse transtorno lunar. Recentemente, a análise precisa provou que a terceira falha lunar foi descoberta por Al-Bozgani[862].

Abu Ishaq Al-Nakkash Al-Zirqali

Abu Ishaq Al-Nakkash Al-Zirqali[863] foi um dos mais famosos astrônomos e matemáticos. Ele estabeleceu os denominados na astronomia *Quadros de Tulaytulah*, em homenagem a Tulaytulah (Toledo), na Andaluzia. Ele baseou essas tabelas sobre o conhecimento de seus cientistas anteriores, incluindo Ptolomeu e Al-Khawarizmi, entre outros. Nessas tabelas, ele registrou os resultados de suas observações astronômicas. Ele ainda escreveu um livro intitulado *Al-Sahifah Al-Zijiyah (A Folha da Tabela Matemática)*, em que explicava uma nova utilização do astrolábio. Ele também inventou um dispositivo como o astrolábio chamado de Al-Safihah ou Al-Zirqalah. Foi, ainda, o primeiro a apresentar provas de que a tendência do afélio solar na proporção das estrelas fixas chega a 12,05 minutos, enquanto que o número real é 12,08 minutos[864].

860 Abul Al Wafaa Bozgani: Muhammad ibn Muhammad ibn Yehia ibn Ismail (328-388 d.H./940 – 988 d.C.). Ele era um engenheiro, astrônomo e matemático, que nasceu em Bozgan (Kharasan), e morreu em Bagdá. Ele escreveu a interpretação do Livro de Deuvants em álgebra. Veja Ibn Khillikan: *Wafiyat Al A'aian* 5 / 167.

861 Tycho Brahe: famoso astrônomo dinamarquês (1546-1601). Ele estabeleceu um observatório em Uren Borg perto da costa dinamarquesa. Adotou um sistema no qual os planetas giram em torno do Sol, no qual ele supunha que os planetas giravam ao redor da Terra.

862 Kadri Tokan: *Patrimônio Científico dos árabes em Matemática e Astronomia*, p. 232. Veja Abu Zeid Shalabi: *História da Civilizacão Islâmica e do Pensamento Islâmico*, p. 355.

863 Al Zirqali: Abu Ishaq Ibrahim ibn Yehia Al Tigibi Al Nakkash (420-480 d.H./ 1029-1087 d.C.). Ele foi um astrônomo e inventor de vários aparelhos. Ele introduziu melhorias no astrolábio. Ele foi autor de *Al Sahifah Al Zirqaliah (A folha Al Zirqaliah)*, sobre o astrolábio.

864 Veja Abdullah Al Difaa: *Maravilhas da civilização árabe islâmica em ciências*, p. 209, e Shawki Abu Khalil: *Civilização Islâmica Árabe*, p. 544.

Abul Yosr Bahaa Al-Din Al Kharqi

Abul Yosr Bahaa Al-Din Al-Kharqi[865] é um dos astrônomos famosos no século seis *hijri*. Ele se destacou em matemática e geografia. Entre suas publicações famosas em astronomia: *Al-Tabsirah (A Elucidação)*[866], *Montaha Al Idrak fi Taqsim Al Aflak (O auge do conhecimento na Divisão dos Astros)*[867].

Al-Badie' Al-Astrolabi

Al-Badie' Al-Astrolabi (534 d.H. – 1139 d.C.)[868] se destacou na fabricação de dispositivos astronômicos. Faz parte de seu patrimônio: as tabelas astronômicas que ele realizou no palácio do sultão Seljuqian em Bagdá. Ele colocou estas tabelas em um livro intitulado *Al-Zij Al-Mahmoudi*, em menção do sultão Mahmoud Abu Al-Qasim ibn Muhammad[869].

Ibn Al-Shater

As teses astronômicas especializadas e os aparelhos fabricados por Ibn Al-Shater (777 d.H. – 1375 d.C.) foram utilizados por vários séculos no Oriente e no Ocidente. Entre as suas contribuições à astronomia: *Zij Ibn Al-Shater (Efemérides de Ibn Al-Shater)*; *Idah Al-Mugaiyab fi Al-Amal bil Rob'a Al-Majaiyab*; *Uma Tese Sobre o Astrolábio*; *Um Breve Guia Para o Uso do Astrolábio*; *Al-Naf' Al-Am fi Al-Amal bi Al-Rob' Al-tam*; *Nozhat Al-Sami' fi Al-'Amal bil Al Rob' Al-Jami'*; *Kifayat Al Qanu' fi Al-Amal bi Al-Rob' Al Maqtu'*; e *A Nova Efeméride*. Esta última obra foi escrita por ordem do califa otomano Murad I. Nela, ele introduziu modelos astronômicos, teorias e medições inéditas. No entanto, esses trabalhos foram mais tarde atribuídos a Copérnico. David King (1390 d.H. – 1970 d.C.)[870] descobriu que muitas das teorias atribuídas ao polonês Copérnico

865 Al Kharki: Ele é Bahauddin Muhammad ibn Ahmad ibn Abu Bakr Al Kharqi (469-533 d.H./ 1076 – 1139 d.C.). Ele foi um astrônomo e geógrafo. Era aproximado dos Shahs de Khawarizm. Ele escreveu *Montaha Al Idrak fi Taksim Al Aflak*. Veja Kahalah: *Glossário de Autores* 8/238.

866 Hagi Khalifa: *Kashf Al Zonoun*, 1 / 338, e Ali Abdullah Al Difaa: *Maravilhas da civilização árabe islâmica em Ciências*, p. 218.

867 Hagi Khalifa: *Kashf Al Zonoun*, 1 / 1852.

868 Al Badie Al Astrolabi: Abul Qasim Hebatullah ibn Al Hussain ibn Youssef Al Baghdadi (534 d.H./ 1139 d.C.). Ele foi um filósofo, médico e astrônomo. Ele escreveu um livro sobre efemérides, o intitulou *Al Mo'rab Al Mahmoudia*. Veja Al Safadi: *Al Wafi bil Wafiyat* 27/160.

869 Ver Al Babani: *Hidayat Al Arifeen (A orientação dos conhecedores)* p. 714.

870 David King: Professor na Universidade de Goethe em Frankfurt, Alemanha (falecido em 1390 d.H./ 1970 d.C.).

pertenciam a Ibn Al-Shater. Em (1393 d.H./ 1973 d.C.), manuscritos árabes foram encontrados na Polônia e ficou elucidado que Copérnico os examinou[871].

Olgh Bek

Olgh Bek deu a devida atenção aos estudiosos e construiu o maior observatório na época, em Samarcanda. De acordo com um dos biógrafos muçulmanos minuciosos, "Olgh Bek era um erudito, justo, hábil e versado em astronomia. Da mesma forma, ele era minucioso nas ciências literárias". Durante a sua época, os estudiosos tiveram uma posição elevada. No assunto da geometria, ele interpretou as questões mais precisas. No campo da cosmografia, explicou o livro de Ptolomeu. Nenhum rei igual a ele subiu ao trono até os dias de hoje. Ele registrou suas observações sobre as estrelas, em colaboração com os estudiosos anteriores. Ele também montou uma faculdade incomparável em Samarcanda[872]. Em cooperação com uma equipe de observação, Olgh Bek conseguiu criar novos dispositivos, ele continuou observando estrelas desde (727 d.H. – 1327 d.C.) a (839 d.H. – 1435 d.C.). Suas observações fizeram introduzir uma efeméride abrangente que foi denominada a efeméride de Olgh Bek ou a efeméride Sultani, no qual ele descreve exatamente a posição das estrelas, o eclipse lunar e o eclipse solar. Ele também definiu as tabelas numéricas matemáticas para as estrelas fixas, o movimento do sol, da lua, dos planetas, e para latitude e longitude das mais importantes cidades islâmicas[873].

Al-Rudani Shams El-Din Al-Fassi

Al-Rudani Shams El-Din Al-Fassi[874] (1094 d.H. – 1683 d.C.) é considerado um dos cientistas muçulmanos mais recentes, que fizeram uso das conclusões dos primeiros cientistas muçulmanos no campo da astronomia. Ele inventou um dispositivo de forma circular que mostra o tempo, no qual há círculos e desenhos pintados de branco marcados com extrato de linho pintado. Neste dispositivo, outra bola dividida em duas foi fixada, com buracos e cavidades das órbitas dos zodíacos. Esta bola é

871 Ver Al Babani: *Hidayat Al Arifeen (A orientação dos conhecedores)*, p. 387, Hagi Khalifa: Kashf Al Zonoun, 1/81, e Ali Abdullah Al Difaa: *Maravilhas da civilização árabe islâmica em Ciências*, p. 236-238.

872 Will Durant, *História da Civilização,* 26/51.

873 Ver Ali Ibn Abdullah Al Difaa: *Maravilhas da civilização árabe islâmica em Ciências*, p. 243-246.

874 Al Rudani: Abu Abdullah Muhammad ibn Suleiman ibn Al Fassi (1037-1094 d.H./ 1627-1683 d.C.). Cientista do *hadith*, astrônomo e viajante marroquino. Ele foi o autor de "*Tohfat Oli Al Albab fi Al 'Amal bil Astroláb*". Veja Al Zirikli: *Al A'alam*, 6 / 151.

circular como a que está abaixo dela e é pintada de verde. Foi facilmente utilizada para contar o tempo em todos os países. Ele escreveu um livro sobre esse dispositivo no qual explicou como é fabricado e utilizado[875].

Em conclusão, como vimos, as contribuições dos cientistas muçulmanos no campo da astronomia, colocando em consideração a falta de meios científicos disponíveis naquela época, merecem o devido apreço e respeito. Suas contribuições são evidentes no fato de que muitas das estrelas estão ainda nomeadas com nomes árabes, como Soheil, Al-Majarah, Al-Jawzá, Ursa Maior, Ursa Menor, Al Ghul, Al Samt, entre outros.

875 Ver Al Babani: *Hidayat Al Arifeen (A orientação dos conhecedores)*, p. 607 e Ali Abdullah Difaa: *Maravilhas da civilização árabe islâmica em ciências,* p. 248-250.

Segundo Capítulo

O Invento de Novas Ciências

O surgimento do Islam foi uma misericórdia para a humanidade, tal religião que conduziu seus adeptos ao avanço e à liderança, fazendo as nações justas testemunharem sua virtude, pioneirismo e desenvolvimento civilizado. Um desenvolvimento completo, que abrange todos os campos da vida. O Alcorão Sagrado incentivou os muçulmanos a pensar e refletir, e a não se restringir ao que os primeiros deixaram, a não ser que fique claro o benefício dessa herança após a análise e reflexão. Allah (exaltado seja) disse ao se referir aos incrédulos que se satisfazem com a imitação sem reflexão: ***"E quando se lhes diz: "Segui o que Allah revelou", dizem: "Não, mas seguimos aquilo em que encontramos nossos pais". E ainda que seus pais nada razoassem nem se guiassem?"*** (Al Baqarah: 170).

Este princípio que incentiva a análise de todas as coisas de acordo com a lógica saudável e com a reflexão apoiada em provas fez com que o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele), por exemplo, aceitasse a ideia de cavar as trincheiras na Batalha dos Partidos, mesmo sendo uma ideia totalmente nova na sociedade árabe. Portanto, o mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) não se restringiu aos modelos militares reservados seguidos pelos árabes durante vários séculos.

Os cientistas muçulmanos herdaram este princípio e, assim, não se restringiram aos quadros científicos anteriores que foram formados nas civilizações que antecederam o Islam. Isso resultou em um pensamento artista que não se satisfez com a adição de invenções às variadas ciências já existentes, porém, chegou à invenção de novas ciências inicialmente. Abordaremos isso nas seguintes pesquisas:

1. A Química
2. A Farmacologia
3. A Geologia
4. A Álgebra
5. A Mecânica

1
A Química

A química antes da civilização islâmica se resumia a tentativas fracassadas de transformar metais comuns em ouro e prata, com base na razão e raciocínio lógico, e deixando de lado o método científico baseado na experiência e na observação.

A química permaneceu assim até que surgiram os cientistas muçulmanos, que estabeleceram o método científico preciso e se basearam na experiência científica e no envolvimento do sentido e da razão juntos para alcançar os fatos científicos neste campo da ciência em particular. Assim, nasceu a ciência da química, as suas regras e fundamentos.

Jabir ibn Hayyan foi o primeiro cientista a estabelecer e criar esta ciência tão grande, a ponto de ser conhecida na Europa por vários séculos como "a invenção de Jabir".

Jabir ibn Hayyan fez da experiência a base do trabalho, por isso é considerado o primeiro a introduzir a experiência científica laboratorial no método de pesquisa científica. Ele estabeleceu suas regras e incentivou a experiência e a precisão de observação, que são as bases do método experimental. Ele disse: "O domínio da integridade desta ciência é o trabalho e a experiência. Quem não trabalha e não faz experimentos práticos não chega a nenhuma conclusão"[876].

Durant citou:

> Os muçulmanos são praticamente os inventores da química qualificada como ciência. Isso porque os muçulmanos introduziram a observação precisa, os experimentos científicos, e os cuidados com a observação dos resultados na prática, sendo que os gregos se limitaram – conforme o

876 Jabir ibn Hayyan: *Kitab Al Tajrid*. Um dos livros que Holemyard analisou e publicou: *Obras do sábio Jaber Ibn Hayyan na ciência da química*, Paris 1928.

> que sabemos – à experiência industrial e aos pressupostos enigmáticos. Eles inventaram o alambique, e o denominaram com esse nome, analisaram inúmeras substâncias quimicamente, escreveram livros sobre rochas, distinguiram entre os álcalis e ácidos, examinaram as substâncias que tendem a eles, estudaram centenas de medicamentos e formularam centenas deles. A ciência de transformar metais em ouro, que os muçulmanos aprenderam no Egito, é que os fez chegar à verdadeira ciência química, através das centenas de descobertas e graças aos métodos nos quais se habituaram no ofício dessa ciência, tais métodos que são considerados os mais aplicáveis aos métodos científicos corretos na Idade Média[877].

O início do surgimento da química é representado pelo surgimento de Khalid ibn Yazid. Ele estudava com o monge romano Mariano, com quem aprendeu o ofício da medicina e da química. Com ele, a química se transferiu da etapa de inicializações traduzidas do grego para a etapa de realizações em espécie e de descobertas claras. Ele teve três estudos sobre química: *Al-Sirru Al-Badi' fi fakk Al-Ramz Al-Mani'*, e *Firdaus Al-Hikma fi 'ilm Al-Kimiaa (O paraíso da sabedoria na ciência da química)*, e *Maqalat Marianus Al-Raheb (os artigos do monge Mariano),* na qual ele declarou o seu estudo com Mariano, e como aprendeu dele os símbolos que que ele citou[878].



Manuscrito do livro de Jabir ibn Hayyan

Quanto a Jabir ibn Hayyan, ele é – sem contestação – o fundador da química e o mais famoso dos estudiosos muçulmanos nesta ciência. Ele é autor de vários livros, muitos deles foram traduzidos em latim, e mantiveram-se como a maior referência da química por cerca de mil anos. Essas obras abrangem muitos dos compostos químicos que não eram conhecidos antes. Este fato fez com que suas obras fossem o centro do estudo de famosos cientistas do Ocidente, tais como: Kup, Bertole Krauss e Holemyard, que foi justo com ele e o colocou no topo, e dissipou as dúvidas suscitadas pelos cientistas tendenciosos a respeito de Jabir, assim como Sarton, que narrou sobre ele por muito tempo na história da civilização islâmica.

877 Will Durant, *História da Civilização* 13/187.

878 Ver: Ibn Khillikan: *Al A'aian* 2 / 224, e Muhammad Al Sadiq Afifi: *A evolução do pensamento científico entre os muçulmanos*, p. 16.

Al-Razi foi outro químico renomado (falecido em 311 d.H./ 923 d.C.), estudou os livros de Jabir e contribuiu junto com ele para o estabelecimento da química. Ele mencionou isso na introdução de seu livro *Sirrul Assrar (o segredo dos segredos):*

> E explicamos neste livro o que foi registrado pelos filósofos antigos, tais como: Agatha Demos, Hermes, Aristóteles, Khalid ibn Yazid ibn Muawiah, e o nosso professor, Jabir ibn Hayyan. Este livro contém partes que jamais foram vistas. E este meu livro contém três conhecimentos: o conhecimento das drogas, o conhecimento dos instrumentos e o conhecimento das medidas (experimentos)[879].

Em geral, os cientistas muçulmanos descobriram os fundamentos mais importantes da química e seus segredos. Dentre as suas invenções mais importantes: água de prata (ácido nítrico), óleo de vitríolo (ácido sulfúrico), água de ouro (ácido clorídrico), inferno de pedra (nitrato de prata), Al-Sulaimani (cloreto de mercúrio), lodo vermelho (óxido de mercúrio), pólvora (carbonato de potássio), carbonato de sódio, vitríolo verde (sulfeto de ferro). E descobriram o potássio, o álcool, o espírito de amônia, o arsênio, o antimônio, o álcalis, que entrou nas línguas europeias com seu nome original árabe *alkaki*[880].

Os muçulmanos usaram esta ciência em tratamentos médicos e na fabricação de drogas, desta maneira, foram os primeiros a difundir a composição de medicamentos, de formulações minerais e refinação de metais, e outras composições e descobertas sobre as quais se baseiam muitos produtos industrializados modernos, tais como: sabão, papel, seda, corantes, explosivos, curtimento de couro, extração de essências aromáticas, fabricação de aço, polimento de metais, entre outros.

Os muçulmanos adotaram em seus experimentos vários instrumentos e meios químicos, tais como o alambique e a balança, que foi muito importante para eles definirem as proporções entre os materiais e as relações ponderadas[881].

---

879 Ali Abdullah Difa: *Maravilhas da civilização árabe islâmica em ciências*, p. 277. Hill: *Ciência e Engenharia na Civilização Islâmica*, traduzido por Ahmad Fouad Basha, p. 120-126.

880 Ver: R. Donald Hill: *Ciência e Engenharia na Civilização Islâmica*, traduzido por Ahmad Fouad Basha, p. 120-126.

881 Ver: Muhammad Al Sadiq Afifi: *A evolução do pensamento científico entre os muçulmanos*, p. 159.

2

A Farmacologia

A excelência dos muçulmanos na química foi a razão de importantes realizações em ramificações do conhecimento relacionadas a esta ciência, principalmente a ciência da farmacologia, porque os medicamentos precisam de tratamento e conhecimento das equações e leis químicas. Por isso, surgiram os medicamentos químicos de maneira prática e se abriram as portas de uma nova era na arte do tratamento médico.

Na verdade, a farmacologia é uma das ciências que chamaram a atenção dos cientistas muçulmanos. Eles conseguiram destacar a época de sua civilização considerando-a a primeira época, entre todas as épocas da civilização, em que se teve conhecimento das composições farmacêuticas de forma científica, eficaz e inovadora. Gustave Le Bon disse: "Podemos atribuir, sem o menor constrangimento, a farmacologia a eles, e dizemos que é uma invenção árabe (islâmica) original"[882].

Assim, os muçulmanos adicionaram novos compostos aos remédios conhecidos antes deles. E escreveram os primeiros livros sobre drogas[883].

Em sua iniciação nesta ciência, os muçulmanos adquiriram dos gregos, quando estudaram o livro intitulado *Al-Madda Al-Tibiya fil Al-Hashaesh wal Adwya Al-Mufrada (A Matéria Médica sobre as ervas e remédios singulares)*, escrito por Pedanius Dioscórides, que nasceu em Anazarba (80 d.C.). Os muçulmanos traduziram este livro várias vezes, sendo que as duas traduções mais famosas foram a tradução de Hunain Ibn Ishaq em Bagdá e a tradução de Abu Abdullah Al-Seqelli em Córdoba. Mais tarde, os farmacologistas muçulmanos, graças à sua experiência e prática, adicionaram ao livro de Dioscórides muitas coisas que ele deixou de mencionar. A partir daí,

882 Gustave Le Bon: *A civilização árabe*, p. 494.

883 Jalal Mazhar: A civilização do Islam e seu impacto sobre o desenvolvimento mundial, p. 306.

os muçulmanos começaram a escrever fartamente na área da farmacologia e da botânica. Entre essas obras: *Mu'jam Al-Nabat (Dicionário de Botânica),* de Abu Hanifa Al-Dinwari[884]; *Al-Felaha Al-Nabatya (A Agricultura Botânica),* por Ibn Wahshiyah[885], *Al-Felaha Al-Andalusaya (A Agricultura Andaluzia),* de Ibn Al-Awam Al-Ashbily[886]. Esses livros e outros foram de grande benefício para aqueles que escreveram na ciência dos medicamentos.

O segredo da atribuição da criação desta ciência aos muçulmanos reside no fato de que os árabes viveram em uma região que tem clima propício para o plantio de palmeiras... nessa região as árvores cítricas crescem de forma espantosa, você observa substâncias nocivas e úteis saindo destas plantas. Então, desde cedo, eles cuidadosamente observaram e estudaram as plantas que crescem em seus países e as plantas que têm origem nas costas de Melbar, Ceilão e na África Oriental, com quem eles costumavam ter relações econômicas... assim, fizeram a distinção das culturas úteis para a medicina e para a indústria[887].

Atendendo a esse ânimo, houve várias tentativas feitas por cientistas muçulmanos para se beneficiar das ervas locais. Entre essas tentativas, inicialmente escreveram obras similares aos dicionários, em forma de tabelas. Essas tabelas contém os nomes de diferentes plantas em árabe, grego, siríaco, persa e bérbere. Elas também explicam os nomes de medicamentos simples. Rashid Al-Din Al-Sori[888] fez tentativas práticas a esse respeito, ele costumava ser acompanhado de um pintor ao visitar os locais onde as plantas crescem. Ele observava a planta e a mostrava para o pintor durante três fases: na primeira, quando a planta está em fase de germinação, na segunda quando suas sementes surgem, e na terceira, quando ela se torna totalmente madura. O pintor, então, desenhava cada planta em todas as suas fases[889].

---

884 Abu Hanifa Al-Dinwari: Ahmad ibn Dawood ibn Wanend Al Dinwary, (falecido em 282 d.H./ 895 d.C.), um gênio na filosofia, engenharia e historiador da botânica. Al Zirikli: *Al A'alam* 1 / 123.

885 Ibn Al Wahshiyah: Abu Bakr Ahmad ibn Ali ibn Qais ibn Al Mukhtar ibn Abdul Karimi Harthea (falecido em 318 d.H./ 930 d.C.), um cientista da química. Ele era conhecido por praticar magia e foi chamado Al Sufi. Al Zirikli: *Al A'alam* 1 / 170.

886 Ibn Al Awam Al Ashbily: Abu Zakariya Yahia ibn Muhammad ibn Ahmad (falecido em 580 d.H./ 1185 d.C.), um cientista da Andaluzia. Ele era famoso por seu livro *A Agricultura Andaluzia*, uma parte desse livro foi traduzida para o espanhol e francês. Al Zirikli: *Al A'alam* 8 / 165.

887 Ver: Louis Sedilot: *História Geral dos árabes*, p. 381.

888 Rashid Al-Din Al-Sori: Rashid Al Din ibn Abi Al Fadl ibn Ali (573-636 d.H., 1177-1241 d.C.), um cientista em botânica e medicina. Ele acompanhou o rei Al Adel Al Ayyubi. Ele nasceu na cidade de Tiro, e morreu em Damasco, Al Safadi: *Al Wafi bil Wafyat* 14/84.

889 Ibn Abi Asbia': *Ouon Al Anbaa* 2 / 219.

Um dos feitos mais importantes dos muçulmanos em sua inicialização nesta ciência foi o fato de eles terem introduzido o sistema de *hisbah* (policiamento) e fiscalização sobre os medicamentos[890]. Os muçulmanos transformaram a farmacologia de um comércio livre, praticado por quem quiser, a uma profissão sujeita a fiscalização do Estado. Isso foi na época do califa Al-Ma'mun, quando percebeu que algumas pessoas que trabalham em farmacologia eram desonestos. Alguns deles alegavam que tinham todos os tipos de medicamentos e davam aos doentes medicamentos conforme eles combinavam, aproveitando a ignorância do doente sobre os tipos de drogas. Portanto, o Al-Ma'mun ordenou que fosse feito um exame de confiabilidade para os farmacologistas. E em 227 d.H., o califa Al-Mu'tasem ordenou que fosse concedido um certificado que permite a prática da farmacologia aos farmacêuticos cuja confiança e habilidade forem comprovadas. Assim, a farmacologia foi incluída no sistema global de *hisbah*. Este sistema foi transferido para regiões da Europa na época de Frederico II (607-648 d.H./ 1210-1250 d.C.). A palavra árabe *muhtaseb* (aquele que ordena a virtude e proíbe o mal) continua a ser utilizada em espanhol mantendo sua pronúncia árabe, até o presente momento.

O governo monitorava essa profissão que foi vital para o conforto dos habitantes dos países. Os farmacologistas eram responsáveis pela validade dos medicamentos e pela moderação de seus preços. A história mencionou o líder Al-Afshien visitando as farmácias nos campos para se certificar de que seus remédios continham todas as substâncias médicas"[891]. Assim, os muçulmanos foram os primeiros a fundar a farmacologia em uma base científica sólida. Eles estabeleceram o controle sobre as farmácias e farmacêuticos através do emprego da *hisbah*[892].

Segundo Max Meyerhof, houve um incontável número de publicações em farmacologia nessa época. Essas publicações eram de drogas simples e compostas. Ibn Al Baitar, sem contestação, foi o mais famoso cientista a escrever sobre as drogas simples e sobre os medicamentos compostos. Ele escreveu um livro chamado *Jami' Mufradat Al-Adwiya (Enciclopédia de vocabulários de medicamentos)*. Ibn Al Baitar trouxe diferentes tipos de plantas e drogas da costa do Mar Mediterrâneo, Espanha e Síria, a fim de realizar estudos sobre eles. Neste livro, Ibn Al Baitar descreveu 1.400 tipos de

890 Jalal Mazhar: *A civilização do Islam e seu impacto sobre o desenvolvimento mundial*, p. 312.

891 Louis Sedilot: *Tarekh Al Arab Al Aam (História Geral dos árabes)*, p. 382.

892 Ver: *Gerenciamento de Hospitais e Controle de Saúde na Comunidade Islâmica*, por Gergis Fathalla, publicado em *A herança do Islam*, sob a supervisão de Arnold, p. 512.

medicamentos e comparou esses tipos com as descrições feitas por mais de 150 cientistas árabes. Este livro foi, portanto, um modelo de estudo em profundidade, precisão e ampla sabedoria. Ibn Al Baitar é considerado o maior cientista que escreveu sobre plantas em árabe[893].

Com o desenvolvimento da farmacologia, os farmacologistas muçulmanos encontraram um solo fértil para a criação. Isto resultou na criação de medicamentos compostos do ambiente regional, com medidas definidas e simples, e resultou em grande progresso ao utilizarem a química para descobrir novos medicamentos eficazes na cura de algumas doenças. Eles, por exemplo, extraíram álcool, compostos de mercúrio e sal amoníaco. Além disso, eles criaram xaropes, extratos de emulsão e receitas naturais. Suas assisadas pesquisas levaram à classificação das drogas de acordo com sua origem e eficácia. Suas experiências levaram a criar novos medicamentos a partir de plantas que não haviam sido observadas antes, como cânfora, coloquíntida e henna[894].

O grande número de publicações de livros de farmacologia e a persistente pesquisa para descobrir novas drogas – adicionadas ao que já existia –, tudo isso levou à importante classificação das drogas de acordo com determinados critérios estabelecidos pelos autores ou farmacologistas. Encontramos alguns exemplos claros disso em *Al-Hawi (O Conteúdo)*, escrito por Al-Razi, *Al-Saidala fi Al-Tibb (A Farmacologia na Medicina)*, escrito por *Al-Biruni, Kamel Al-Sena'a (A Arte completa da Medicina)* por Ali ibn Abbas, e *Al-Qanun fi al Tibb' (O Cânon de Medicina)* de Ibn Sina.

Um desses exemplos de publicação é a classificação de Al-Razi, que estabeleceu bases sólidas para muitas ciências farmacêuticas, definiu as suas características, formas de preparação, meios de descoberta de sua fraude, suas forças, suas alternativas, e o período de tempo durante o qual essas drogas podem ser mantidas. Al-Razi classificou os medicamentos em quatro divisões:

1 – Substâncias minerais;

2 – Substâncias botânicas;

3 – Substâncias animais;

4 – Substâncias derivadas.

Quanto à preparação e composição de medicamentos, os farmacologistas muçulmanos usaram vários métodos inovadores. Alguns deles ainda são usados até hoje, tais como:

1 – Destilação: para a separação dos líquidos;

---

893 Max Meyerhof: pesquisa de medicina, publicado em *A herança do Islam*, sob a supervisão de Arnold, p. 485.

894 Qadri Toqan: *Olama'a Al Arab Wama Atouh lelhadara (Os cientistas árabes e suas contribuições para a civilização),* p. 27.

2 – Amálgama: para misturar o mercúrio com outros materiais;

3 – Sublimação: para transferir uma substância da fase sólida para a fase gasosa, e em seguida, transferi-la para a fase sólida novamente, sem passar pela fase líquida;

4 – Cristalização: é o processo de formação dos cristais sólidos;

5 – Oxidação: processo de oxidação comum[895].

Uma das invenções dos muçulmanos nesta ciência foi a mistura dos medicamentos com mel, açúcar ou suco. Os árabes preferiram o açúcar em vez do mel, contrariando os cientistas antigos, o que levou à descoberta de muitas composições medicinais úteis[896].

Sem precedentes, Al-Razi usou o mercúrio na composição de pomadas. Ele testou o novo medicamento em macacos. Os médicos muçulmanos também foram os primeiros a prescrever as sementes do café como um medicamento para o coração. Eles receitaram grãos de café (café em grão moído) para amigdalite, disenteria e feridas inflamadas. Os médicos muçulmanos prescreveram cânfora para a terapia do coração. Eles também reduziram a potência de alguns medicamentos, adicionando suco de limão e de laranja, e também canela ou cravo-da-índia. Eles conseguiram preparar medicamentos compostos, que são feitos de dezenas, senão de centenas de drogas. Eles introduziram algumas melhorias para a formação de mercúrio, de ópio, haxixe e outras substâncias utilizadas em anestesia[897].



Livro de Ibn Al Baitar

Os cientistas muçulmanos escreveram vários livros sobre drogas e medicamentos, como *Al-Jami' lemofradat Al--aghzhiya wal Adviya (O global sobre nomes de alimentos e medicamentos)* por Abdullah ibn Ahmad Al-Malqi, conhecido como Ibn Al-Baitar (falecido em 646 d.H. – 1248 d.C.). Ibn Al-Baitar costumava visitar os locais onde as plantas crescem e se certificava de sua identidade antes de registrá-las. Ele reuniu neste livro alguns dados gregos, e descreveu 1.500 drogas medicinais, vegetais e animais. Ibn Al-Baitar também mencionou as

895 Qadri Toqan: *Olama'a Al Arab Wama Atouh lelhadara (Os cientistas árabes e suas contribuições para a civilização)*, p. 27.

896 Louis Sedilot: *História geral dos árabes*, p. 283.

897 Qadri Toqan: *Olama'a Al Arab Wama Atouh lelhadara (Os cientistas árabes e suas contribuições para a civilização)*, p. 27, 28.

instruções de uso dos medicamentos e os classificou em ordem alfabética para facilitar a utilização do livro. Ele escreveu uma introdução que reflete o método experimental que ele adotou no registro das informações que ele coletou. Também mencionou sobre o seu segundo objetivo da escrita desta obra:

> A autenticidade do que eu cito dos cientistas antigos e modernos. Eu verifiquei a exatidão de todos os dados que eu mencionei em meu livro, aquilo que se comprova para mim através da visão e obsevação, ou se confirma através da experiência, não da informação, eu o guardo como um tesouro. Eu não me apoio em alguém além de mim – exceto Allah, o Subsistente. E mencionei todos os erros dos antigos ou dos cientistas modernos, porque a maioria deles se basearam nas informações transmitidas e nos documentos copiados, enquanto eu me apoio essencialmente na experiência e observação, como eu disse antes[898].

E Abu Bakr Al-Razi escreveu muitos livros, dos quais: *Manafi' Al-Adwiya (Os Benefícios dos Medicamentos)*, *Saidalat Al-Tibb (Farmácia da Medicina)* e *Al-Hawi (O Conteúdo)*. Ali Ibn Al-Abbas além de escrever *Kamel Al--Sena'a Al-Tebeya (A Arte completa da Medicina)*, escreveu *Al-Malaky* e dedicou a segunda parte deste livro à farmacologia e o dividiu em 30 partes. Abul Qasem Khalaf ibn Abbas Al-Zahawi escreveu um livro chamado *Al-Tasreef Leman Ajaza a'n Al-Ta'leef* e dedicou uma seção inteira aos medicamentos. Dawood Al-Antaky[899] escreveu um livro chamado *Tazkerat ulil Al-Bab wal jami' lel Ajab Al-Ojaab*. Cohen Al-Attar escreveu *Menhaj Al-Dokan wa Dostour Al-Ayaan*. Ibn Zahr Al-Andalusi escreveu *Al-Jami' fil Ashreba wal Ma'jonat*. Abu Abdullah Muhammad Al-Idresi escreveu *Al-Jami' lesefat Ashtat Al--Nabatat wa Doroub anwa' min Al-Ashjar wal Al-Athmar wal Osoul wal Azhar*. Ahmad Ibn Muhammad Al-Ghafki escreveu *Jami' Al-Adweya Al-Mufrada*. Al-Kindi escreveu 22 livros sobre medicina e farmacologia. E *Ferdaus Al--Hikmah (Paraíso da Sabedoria)*, é considerada a mais importante obra de Al--Tabari em farmacologia e o livro mais antigo em técnicas farmacológicas.

Em conclusão, parece claro que os cientistas muçulmanos tiveram um grande papel no estabelecimento das bases da farmacologia e no desenvolvimento dessa ciência. Eles escreveram vários trabalhos exclusivamente sobre esta ciência até que se tornou uma ciência própria.

---

898 Jalal Mazhar: *A civilização do Islam e seu impacto sobre o desenvolvimento mundial*, p. 308, 309. Muhammad Al Sadiq Afifi: *O desenvolvimento do pensamento científico entre os muçulmanos*, p. 223.

899 Daud Al Antaky: é Daud Ibn Omar Al Antaky (1008 d.H. – 1600 d.C.), médico cientista e homem de letras. Ele era cego e foi médico-chefe em seu tempo. Ele morreu em Meca. Ele escreveu *Tazkerat ulil Al Bab*. Veja Ibn Al Emad: *Shazarat Al Zahab* 8 / 415, 416.

3
A Geologia

Muitos versículos do Alcorão Sagrado têm indicações claras sobre a ciência das camadas terrestres (geologia). Dentre estes versículos: ***"E entre as montanhas, há as de estratos brancos e vermelhos, de cores variadas, e de intenso negro"*** (Fater: 27). ***"E fizemos descer o ferro, nele há veemente força e benefícios para os humanos"*** (Al-Hadid: 25). ***"E com efeito, empossamo-vos na terra, e, nela, fizemos, para vós, meios de subsistência"*** (Al-A'araf:10), além de muitos outros versos sagrados, que falam sobre geologia, assim, incentivando os muçulmanos a estudar amplamente esta ciência.

Não há dúvida de que o homem antigo tinha algum conhecimento embora elementar de metais. No que diz respeito aos cientistas gregos, Aristóteles (383-322 a.C.) dividiu o mundo em duas partes principais: a superfície, constituída por quatro elementos (água, fogo, ar e pó) e o céu, composto de éter. As opiniões de Aristóteles permaneceram até que o Islam veio e colocou um fim às superstições, à feitiçaria e às mitologias[900].

Os cientistas muçulmanos fizeram uso da reflexão, da conclusão e da procura da verdade usando métodos científicos corretos. Eles tiveram esplêndido sucesso na explicação de fenômenos naturais, no estudo de rochas, metais e montanhas. Foram capazes de explicar muitos fenômenos geológicos, como terremotos, vulcões, as marés e a formação de montanhas e vales, de ribeiras, rios e riachos. Talvez, o primeiro registro de geologia entre os muçulmanos seja o conteúdo dos dicionários e livros de língua, que é abundante em termos ligados a esta ciência. Por exemplo, *Al-Sehah* de autoria de Al-Jawhari, *Al-Qamous (O dicionário)* de autoria

900 Ver Ali Abdullah Al Difaa: *Rawa'e Al Hadara Al Rabia Al Islamia fi Al Oloum (Maravilhas da civilização islâmica árabe em ciências)*, p. 291.

de Al-Fayruzabadi[901], *Al-Mokhassas* de autoria de Ibn Seida[902], os livros de viagens e países, além dos livros que estudam as joias, tais como *Sifat Jaziratil Arab (A descrição da Península Arábica)* por Al-Hamadani. E também encontramos os parâmetros desta ciência evidentes nos trabalhos dos cientistas muçulmanos que a estudaram, como Al-Kindi, Al-Razi, Al-Farabi, Al-Mas'oudi, Ikhwan Al-Safa, Al-Maqdisi[903], Al-Biruni, Ibn Sina, Al-Idrisi, Yaqut Al-Hamawi, Al-Qazuini[904] e muitos outros.

Esses cientistas desenvolveram várias teorias sobre os terremotos e suas causas e sobre os metais e pedras. Eles desenvolveram amplamente a definição de rochas sedimentares e sua fossilização, bem como suas alterações dimensionais. Também escreveram sobre os meteoros, conheceram sua natureza e sua origem e os dividiram em dois tipos: meteoros rochosos e meteoros ferrosos. Eles também descreveram suas formas, especialmente os cometas. Os cientistas muçulmanos, além disso, falaram sobre a alta temperatura no interior da Terra. Eles foram os primeiros a produzir a teoria da formação de montanhas refratárias e curvadas, entre outras, e os efeitos das erosões nas montanhas e rios.

Os cientistas muçulmanos também ofereceram valiosos estudos sobre a geologia natural e histórica. Estes estudos provaram que a mais completa imagem da água na natureza é a imagem descrita nas obras dos cientistas muçulmanos. Observamos também, que suas opiniões sobre a formação dos rios são puramente científicas. Isso aparece claramente nos escritos de Ikhwan Al-Safa (Rasa'el Ekhwan Al-Safa), no livro de Ibn Sina *"Al-Najat"* e em *Aja'eb Al-Makhloqat (As maravilhas das criaturas)* escrito por Al-Qazuini. Adicionado a isso, a ciência da cristalografia foi originada por Al-Biruni em seu livro *Al-Jamaher fi Ma'rifat Al-jawaher* e foi então desenvolvida por Al-Qazuini em seu livro *Al-Aja'eb*. Assim, esses dois sábios foram pioneiros em suas observações precisas citadas nesses dois livros.

---

901 Al-Fayruzabadi: Abu Taher Muhammad Ibn Yaquob Ibn Muhammad (729-817 d.H./1329-1415 d.C.). Ele é um linguista proeminente e homem de letras. Ele nasceu em uma aldeia em Shiraz e morreu em Zobid no Iêmen. Um de seus melhores trabalhos é (Al Qamus Al Muhit) ver Al Asfahani: *Shuzhurat Al Zhahab* 7 / 126.

902 Ibn Seida: Abul Hassan Ali ibn Ismail (398-458 d.H./ 1007-1066 d.C.), um linguista proeminente e homem de letras. Ele era cego. Nasceu em Marsia na Andaluzia e morreu em Dania na Andaluzia. Um de seus melhores livros é *Al Mokhasas* ver ibn Khillikan: *Wafiyat A'ian (Os obituários dos homens notáveis)*, 3 / 330, 331.

903 Al Maqdisi: Abu Abdullah Muhammad ibn Ahmad ibn Abi Bakr Al Banna. Ele morreu em 380 d.H./990 d.C., era um comerciante que conhecia muito sobre países por causa de suas várias viagens, então ele se especializou em estudar geografia e viajou para a maioria dos países islâmicos e escreveu seu livro *Ahsan Al Taqaseem fi Marefat Al Aqaleem (As melhores divisões no conhecer das regiões)* ver Al Zirikli: Al A'alam 5 / 312.

904 Al-Qazuini: Zakaria ibn Muhammad ibn Mahmoud (605-682 d.H./1208-12083 d.C.). Ele foi geógrafo, historiador e juiz. Entre suas obras: *Athar Al Belad wa Akhbar Al 'Ibad, Aja'eb Al Makhloqat (As maravilhas das criaturas)*. Veja Al Zirikli: Al A'alam 3 / 46.

Os cientistas muçulmanos também abordaram o que poderíamos denominar "a ciência do óleo da Terra", que é um ramo da geologia aplicada. Eles distinguiram entre dois tipos de petróleo e os usaram. Também falaram sobre a escavação para exploração de petróleo e ofereceram modelos de escavação indireta. Alguns dos primeiros cientistas muçulmanos estudaram a forma da Terra, a distribuição de água e terra, a topografia da superfície da Terra e os fatores externos que causam a sua formação, tais como rios, mares, ventos e tempestades do mar. Os cientistas muçulmanos também estudaram os fatores que afetam a crosta da Terra, tais como vulcões, terremotos e deslizamentos de terra, abordaram também a troca de lugares entre a terra e a água e o período de tempo que leva esta troca, o desenvolvimento dos rios desde a juventude até a velhice e, em seguida, a morte.

Vale ressaltar que a geologia para os muçulmanos foi ligada a muitas outras ciências que contribuíram para o seu desenvolvimento. Esse era o costume dos cientistas naquela época. Não houve especialização no sentido exato da palavra, ainda havia uma espécie de conhecimento enciclopédico abrangente. Portanto as contribuições dos cientistas muçulmanos para o domínio da geologia se dispersou e se difundiu em uma variedade de volumes, sob diferentes nomes. Por exemplo, Ibn Sina abordou os metais e a meteorologia, nos escritos sobre metais e efeitos meteorológicos em seu livro *Al-Shifaa*, e Al-Nuwayri[905] abordou a geologia junto com a meteorologia, em seu livro *Nehaiat Al Areb*, e Al-Mas'oudi abordou questões geológicas lado a lado com questões geográficas em seu livro *Moroj Al-Zahab*[906].

Os Terremotos

A natureza dos terremotos tem atraído a atenção das pessoas desde antigamente. Alguns filósofos gregos antigos atribuíram os terremotos aos ventos subterrâneos, enquanto outros atribuíram os terremotos ao fogo no fundo da terra. No entanto, os cientistas muçulmanos foram os primeiros a descrever cientificamente as causas dos terremotos no século quarto islâmico (século X d.C.). Eles se preocuparam em estudar os terremotos

905 Al Nuawyri: ele é Abul Abbas Ahmad Ibn Abdul Wahab Ibn Ahmad Al Bakri (677-733 d.H./1278-1333 d.C.). Ele é um cientista brilhante, atribuído a Nuwyira (uma aldeia em Beni Sueif no Egito). Ele nasceu em Quos, um de seus melhores trabalhos é *Nehaiat Al Areb fi funon Al Adab*. Veja Ibn Hajar: Al Dorar Al Kamena 1 / 231.

906 Ali Abdullah Al Difaa: *Maravilhas da civilização árabe islâmica em ciências*, p. 291.

e registrar as datas de sua ocorrência e locais, seus tipos, a destruição que eles causam, seus graus de força, os movimentos de rochas decorrentes deles, além de suas desvantagens e vantagens. E alguns tentaram minimizar os perigos de terremotos. Ibn Sina foi um dos cientistas muçulmanos que abordou o assunto dos terremotos em sua enciclopédia *Al-Shifaa* na seção sobre os metais e os efeitos celestes. Ikhwan Al-Safa em *Al-Rasael* e Al--Qazuini em seu livro *Aja'eb Al-Makhloqat wa Ghara'eb Al-Mawjodat*, cada um deles também expressou claramente a sua opinião nesse assunto.

Ibn Sina, por exemplo, disse na descrição dos terremotos, seus tipos e causas:

> Quanto aos terremotos, são movimentos bruscos de certas partes de terra por causa do que acontece abaixo dela. Certamente, esta causa se move dentro da terra, o que leva ao movimento da parte sobrejacente. O corpo que pode se mover debaixo da terra pode ser um corpo vaporoso de forte impulso, como um vento; ou um corpo líquido; ou um corpo pneumático; ou um corpo ígneo ou um corpo terrestre. O corpo terrestre não está sujeito ao movimento também, exceto por razão igual à razão que ocorreu a este corpo terrestre, assim, ele é a principal razão do terremoto. Porém, o corpo pneumático, por outro lado, seja ele ígneo ou não, será a causa do terremoto na maioria da vezes.[907].

Ikhwan Al-Safa, por sua vez, atribui os terremotos a gases resultantes da alta temperatura no interior da terra. Esses gases saem de aberturas se a terra naquela área tem rupturas, e se a terra se racha, esses gases saem e ocorrem rupturas em seus lugares, sendo ouvido um barulho e terremoto[908].

Os Metais e Pedras

Os muçulmanos sabiam sobre os metais e pedras preciosas, bem como suas características físicas e químicas. Eles classificaram as pedras preciosas e deram-lhes precisas descrições científicas. Eles também conheceram o lugar onde cada tipo de pedras preciosas pode ser encontrado e distinguiram entre as joias boas e ruins. Eles ainda abordaram a formação

907 Ver Mohammad Al Sadeq Afifi: *O desenvolvimento do pensamento científico entre os muçulmanos*, p. 264, e Ali Abdullah Al Difaa: *Maravilhas da civilização árabe islâmica em ciências*, p. 314.

908 Ikhwan Al Safa: *Rasa'el Ikhwan Al Safa* (2 / 97) Dar-Sader, Beirute.

de rochas sedimentares e as suas superfícies, os sedimentos dos vales, a relação entre o mar e a terra e vice-versa, e os resultados dessa relação de formações rochosas ou condições de erosão.

Atared ibn Muhammad Al-Haseb[909] foi talvez o primeiro a escrever um livro sobre pedras preciosas em árabe: *Manafe'e Al-Ahjar (Benefícios das Pedras)*, no qual ele escreveu sobre os tipos de joias e pedras preciosas e estudou as características de cada uma[910]. Al-Razi mencionou este livro em seu livro *Al-Hawi*. Os muçulmanos tinham conhecido, até a época de Al--Biruni, cerca de 88 joias que são extraídas da terra. Além disso, Ibn Sina menciona em seu livro *Al-Shifaa* que as pedras são formadas por três razões: a partir de lama pela dessecação; ou da água por evaporação; ou por deposição. Ele também divide os materiais metálicos em rochas, sulfatos, sais e produtos solúveis. Ele abordou sobre os minerais e como eles são formados e mencionou um bom número de metais e as características de cada tipo e em que medida eles poderiam preservar as suas características naturais. Ele destacou também que cada tipo tem sua estrutura especial que não pode ser alterada usando as formas de transformação conhecidas. Entretanto, só é possível a alteração externa na forma do mineral e sua imagem[911].

Os cientistas muçulmanos também falaram sobre as formas naturais de metais e as mudanças físicas que podem ocorrer em suas características, como resultado de fatores externos. Citaram que alguns metais podem tomar formas geométricas naturais e exclusivas, sem qualquer interferência do homem na sua formação. Isso pode ser considerado um presságio ou uma introdução ao que denominamos hoje de "cristalografia". Al-Biruni descreveu alguns dos cristais e falou sobre suas superfícies simétricas e suas formas geométricas. Ele chegou a dizer que as formas dos diamantes são espontâneas, cônicas poligonais e alguns deles são triangulares, como as formas conhecidas como ígneas, com bases adjacentes e alguns deles tomam a forma piramidal dupla.

Quanto às rochas, os cientistas muçulmanos falaram sobre sua origem e como elas foram formadas da água (rochas sedimentares) ou do fogo (rochas ígneas). Eles também criaram os pesos específicos para um

909 Atared ibn Muhammad: ele é Atared ibn Muhammad Al Babili Al Baghdadi (morreu em 206 d.H./ 821 d.C.). Cientista brilhante e escritor de vários livros, entre eles: *Al Amal bel Astorlab* e *Tarkeib Al Aflak*. Veja Ibn Al Nadim: Al Fihrast (O índice), p. 336.

910 Ver Mohammad Al Sadiq Afifi: *Tatawor Al Fikr Al Elmi inda Al Moslmin (O desenvolvimento do pensamento científico entre os muçulmanos)*, p. 261.

911 Idem, p. 263.

grande número de rochas e minerais, e tais pesos se destacaram com extrema precisão. Os cientistas muçulmanos também se concentraram na topografia, natureza da terra, geologia da água, paleontologia, meteorologia, que é a relação científica entre a geologia e a climatologia[912].

Mares e Marés

Os cientistas muçulmanos trataram da geologia dos mares e rios em suas obras geográficas. Eles destacaram seções em suas obras geográficas, nas quais abordaram os nomes de mares, seus locais e os países que banhavam. Eles também falaram sobre locais terrestres que haviam sido mares e rios e sobre outros lugares que agora estão cobertos pelo mar e eram povoados no passado. Também deixaram muitos livros sobre a ciência da navegação e sobre o fenômeno das marés, nos quais os capitães dos navios se apoiavam em suas viagens pelos mares e rios. Entre os cientistas que tinham pontos de vista singulares nesse domínio: Al-Kindi, Al-Mas'oudi, Al--Biruni, Al-Idrisi, Al-Maqdisi e outros. Quase todos os livros que tratavam de países ou regiões se referem aos mares e rios. Al-Mas'oudi, por exemplo, em seu livro *Akhbar Al-Zaman (As notícias do tempo),* fala em detalhes sobre a formação dos mares e os pareceres de cientistas que o precederam. Ele também mencionou em seu livro *Moroj Al Zahab (Campos de Ouro)* uma série de discussões geológicas sobre mares, rios e marés. Al-Mas'oudi dedicou todo um capítulo em seu livro para os mares e nomeou-o: *Zhikr Al-Akhbar an Intiqal Al-Bihar*[913] *(Citação das notícias sobre os movimentos dos mares)*. Al-Maqdisi, por sua vez, mencionou as dimensões dos mares e as principais ilhas deles, e seus lugares perigosos. Ele também falou sobre o fenômeno das marés e tentou explicá-lo[914].

Os muçulmanos conheceram a dimensão da superfície da água e a imensidão de seu tamanho se comparada à terra. Eles também sabiam que as diferentes combinações topográficas impedem a água de inundar a superfície da terra. Yaqut Al Hamawi diz a esse respeito: "Se não fosse esta topografia, a água teria cercado a terra de todos os lados e teria a inundado a ponto de nada nela ser visto". Quanto à proporção da terra em relação à água, Abul Fedaa esclareceu em seu livro *Taqwiem Al Boldan (Levantamento*

912 Ali Abdullah Al Difaa: *Maravilhas da civilização árabe islâmica em ciências*, p. 294, 295.

913 Ibn Al Nadim: *Al Fihrast (O índice)*, p. 219.

914 Ver: Ali Abdullah Al Difaa: *Maravilhas da civilização árabe islâmica em ciências*, p. 310.

dos países) que a água cobre 75% da terra (a parte descoberta da terra é de aproximadamente um quarto dela, e três quartos da terra são submersos pelos mares[915].

Topografia

Os cientistas muçulmanos abordaram o estudo da geomorfologia na teoria e na prática. Nesse domínio, chegaram a fatos que acordam com a ciência moderna, como: o efeito do fator do tempo nos processos geomorfológicos e o efeitos das duas circulações: as rochosas e as astronômicas, na troca da terra e da água, além do efeito do vento, água e clima em geral sobre os processos de erosão.

Al-Biruni é considerado o melhor entre os que abordaram este assunto. Isto é claramente notado em sua explicação de como determinada planície na Índia foi formada. Ele disse:

> Houve uma bacia marítima no lugar dessa planície. Esta bacia encheu-se de sedimentos, que a transformaram em uma planície". Ele também notou os sedimentos fluviais, principalmente quando o rio se aproxima perto da jusante, porque as formações são de grande porte na nascente, no início do rio, então elas ficam menores e mais finas, quanto mais próximo da jusante; "as rochas são de grande porte nas proximidades de montanhas e rios de fluxo rápido, e são menores à medida que se afastam e que a água fica mais lenta, então elas se transformam em areia perto da foz do rio e perto do mar... então, a terra deles era um mar antigamente, e depois foi comprimido com as cargas das inundações[916].

As opiniões de Ibn Sina em geomorfologia foram as mais próximas das teorias modernas nesse domínio. Por exemplo, ele atribuía a formação de algumas montanhas a duas razões: espontânea (direta) e acidental (indireta). A espontânea ocorre quando fortes terremotos empurram algumas áreas da terra formando montes ou colinas diretamente, enquanto a razão acidental ocorre quando a força dos vendavais ou das águas perfuradoras corrói partes da terra e deixa outras partes, as partes que foram erodidas diminuem como resultado dos fatores da erosão, e as partes vizinhas

915 Ver: Ali Abdullah Al Difaa: *Maravilhas da civilização árabe islâmica em ciências*, p. 322-324.

916 Al Biruni: *Tahqiq Ma lil Hind (Estudando a Índia)* p. 80.

permanecem altas e, em seguida, as inundações aprofundam extremamente os seus cursos, enquanto as regiões vizinhas permanecem altas[917].

Meteorologia

Os cientistas muçulmanos conheciam fatos importantes sobre esta ciência que eles chamavam de "ciência dos efeitos celestes". Ela estuda o clima e seus fenômenos, temperatura, densidade, ventos e nuvens, e é conhecida como "meteorologia".

Os linguistas precederam os cientistas na citação de várias terminologias desta ciência. Por exemplo, eles dividiram as baixas temperaturas em: *bard, har, qur, zamharir, saq'ah, sir* e *ariz*. Eles também dividiram a alta temperatura em: *har, harur, qaidh, hajirah e faih*. Quanto aos ventos, eles os dividiram de acordo com os lugares que sopram a partir deles ou de acordo com as suas propriedades, por exemplo: os ventos Al-sham'al, Al-shamal e Al-shamiah (sopram do norte); Al-junub e Al-taiammun (sopram do sul), Al-saba sopra do oriente; Al-dabur (que sopra de trás da *Kaabah*); os ventos do nordeste (Al-sababiah); os ventos do sudeste (Al-aziab); os ventos do sudoeste (Al-dajin); e os ventos do noroeste (Al-jariabaa). E os ventos quentes foram denominados (simum), os ventos frios (sarsar), os ventos chuvosos (Al-mu'ssirah) e os ventos não chuvosos (Al-'aquim).

Eles também deram nomes às nuvens que se referem às suas partes e às etapas de sua formação, por exemplo, Al-ghamam, Al-muzn (nuvens de chuva branca), Al-sahab, Al-áridh, Al-dima e Al-rabab. Quanto às partes de nuvens, eles deram nomes como: Al-haidab (parte inferior da nuvem), Al-kifaf (a parte superior da nuvem), Al-raha (o que gira no meio da nuvem), Al-khinzhiz (a ponta distante da nuvem), Al-bauassiq (o topo da nuvem). Eles também deram nomes à água que desce do céu ou se reúne num lugar devido à baixa temperatura, tais como: Al-sada, Al-dhabab, Al-tal, Al-ghaith, Al-razhazh, Al-uabil, Al-hatil e Al-hatun. Todos esses assuntos foram estudados cuidadosamente por Ibn Sina e Ikhwan Al-Safa [918].

917 Idem.

918 Ver, por exemplo: *Rasa'el Al Athar Al-Olwia (Tratados das condições meteorológicas)*, um dos escritos de Ikhwan Al Safa. Dar Sader Beirute, 26/02 em diante.

Os Fósseis

Alguns cientistas muçulmanos estudaram os fósseis no decurso de sua abordagem sobre a idade da terra e suas tentativas de provar que algumas partes do mar se transformaram em áreas terrestres. Al-Biruni, por exemplo, em seu livro *Tahdid Nehaiat Al-Amaken Letashih Masafat Al Masaken (A definição dos fins das regiões para corrigir a distância das habitações)* observa que a Península Arábica foi totalmente submersa em água, e então a água secou ao longo dos períodos geológicos. E observa que se alguém perfura poços de água, irá encontrar pedras, se essas pedras forem quebradas, sairão delas conchas e búzios. "O Deserto da Arábia era um mar, e então, foi preenchido. As marcas disso são evidentes na escavação de poços de água e bacias nele. Parece haver camadas de terra, areia e cascalho[919]. Além disso, você pode encontrar vidro, cerâmica e ossos que não poderiam ter sido deliberadamente enterrados por ninguém. Também há pedras contendo conchas, búzios, e o que é denominado "orelha de peixe" que se mantém em sua forma original ou em decomposição; seu lugar ficou vago e acabou tomando sua forma[920]. Al-Biruni se refere aqui aos fossilizados, que são restos orgânicos ou suas cópias dentro de pedras, e cita isso como uma prova de que algumas áreas foram cobertas por água do mar, em seguida, se transformaram em terra.

Ibn Sina tinha uma opinião que foi semelhante à de Al-Biruni, que viu na existência de animais marinhos fossilizados em áreas de terras uma prova clara de que esta área, em tempos antigos, tinha sido coberta de água. Por exemplo, Ibn Sina, disse em seu livro *Al-Shifaa*:

> A Terra pode ter sido um grande mar nos tempos antigos, em seguida, se transformou em terra depois que a água secou progressivamente, devido à pressão do calor sob o mar e, principalmente após a exposição e por causa da lama grossa que auxilia na fossilização. Sua lama é aderente e pedras também são encontradas se forem quebradas partes de animais marinhos, como conchas e outros[921].

919 Cascalhos (em árabe: *Al Radhradh*) são as pequenas pedras em que a água corre. Elas são as pedras soltas de pequenas dimensões que não são fixas à terra. Ibn Manzour: *Lesan Al Arab (a língua dos árabes)*, item Radhadha 7 / 154.

920 Al Biruni: *Tahdid Nehaiat Al Amaken Letashih Masafat Al Msaken (A definição dos fins das regiões para corrigir a distância das habitações)*, citado pelo estudioso Korenco em seu fichário memorial: 204, a partir de um manuscrito na biblioteca da Mesquita de Al Fateh, em Istambul.

921 Ver Muhammad Al Sadiq Afifi: *O desenvolvimento do pensamento científico entre os muçulmanos*, p. 263.

Ele continua: "Se fosse verdade que alguns animais e plantas foram fossilizados, o motivo seria a existência de força metálica petrificada que ocorre em alguns pontos do mar ou por causa da separação da terra durante os terremotos, que petrifica o que encontra em seu caminho[922]".

Essa é apenas uma parte do que os cientistas muçulmanos abordaram em seus livros e escritos sobre a geologia, prova que os cientistas muçulmanos foram pioneiros nesse domínio. Também é uma prova evidente de que os cientistas muçulmanos são os fundadores da geologia, à frente deles Ibn Sina, Al-Biruni e Al-Kindi. E a geologia moderna equivale a uma extensão dos esforços dos cientistas muçulmanos nesse campo.

922 Idem, p. 265

4
A Álgebra

A ciência da álgebra foi fundada e inovada pelo grande cientista muçulmano Al-Khawarizmi (falecido em 232 d.H./ 846 d.C.). Al-Khawarizmi criou a álgebra para resolver algumas questões difíceis de herança, e estabeleceu regras e fundamentos que a tornaram uma ciência independente da geometria e outros tipos de matemática.



Livro de Álgebra de Al Khawarizmi

Al-Khawarizmi foi o primeiro a usar o termo (álgebra) para a ciência atualmente conhecida por esse nome. Os europeus herdaram a álgebra de Al-Khawarizmi e ainda é conhecida por seu nome árabe em todas as línguas europeias: em inglês *(algebra)*, em francês *(algèbre)*, em português (álgebra) e assim por diante. Os termos que têm sua terminação com *algorithme* e *algorism* (em português: algarismo) são derivados de Al-Khawarizmi. E graças a ele as pessoas conhecem os numerais árabes. Portanto, Al-Khawarizmi mereceu ser conhecido como o Pai da Álgebra[923].

O livro de Al-Khawarizmi "*Al Jabr Wal Muqabalah" (Kitab Al Mukhtassar Fi Hissab Al Jabr Wal Muqabalah – Compêndio do cálculo algébrico e combinação),* é considerado a obra-prima da álgebra moderna. Em seu livro, Al-Khawarizmi estudou as diferentes formas de resolução de equações. Em seu prefácio, ele esclareceu que o califa Al-Ma'mun lhe pediu para compilar o livro. Gerardo de

923 Veja Karam Helmi Farhat Ahmad, *Al Turath Al Ilmi Lilhadara Al Islamia Fi Al Sham Wal Iraq Khilal Al Qarn Al Rabe Al Hijri (a herança científica da civilização islâmica na Síria e no Iraque no século quarto hijri)* p. 642, 643, Muhammad Ali Othman: *Muslimon Allamu Al Alam (Muçulmanos que ensinaram o mundo)* P. 74, 75, Akram Abedl Wahab: *mi'at Alem Ghayaro Wajh Al Alam (Cem cientistas que mudaram o mundo)* p. 20.

Cremona traduziu o livro para o latim, e Frederic Rosen publicou o texto em árabe com tradução para o Inglês em Londres em 1851.

A aritmética da Índia e o sistema decimal nos cálculos foram transferidos para a Europa, graças às numerosas traduções de Al-Khawarizmi, a ponto de os cálculos serem conhecidos como *alguarismo*. Curiosamente, o termo *alguarismo* foi traduzido para o árabe como "*lugharitmat*", embora tenha sido originalmente atribuído a Al-Khawarizmi!! Portanto, o correto é que seja traduzido como "*Khawarizmiat*" ou "tabelas Khawarizmia".

O Livro de Al-Khawarizmi se tornou a principal fonte de matemática nas universidades europeias até o século XVI. A maioria dos livros compilados nesta matéria após a Al-Khawarizmi foi baseada em seu livro. Robert de Chester o traduziu do árabe para o latim, e a Europa se iluminou e se beneficiou dele amplamente. Nos tempos modernos, o Dr. Moustafa Ali Mosharafa e o Dr. Muhammad Morsi revisaram e comentaram esse livro em 1968[924].

Outros matemáticos muçulmanos continuaram o desenvolvimento das ideias de Al-Khawarizmi, como Abu Kamil Shuja' Al-Masri[925], Abu Bakr Al-Karkhi[926], Omar Al-Khayyam[927] e muitos outros cientistas que foram geniais nestas matérias.

---

924 Veja Ali Ibn Abdullah Al Difaa: *Muhtaker Elm Al Jabr (O inventor da Álgebra)*... Muhammad ibn Mosa Al Khawarizmi, *Majalet Al Buhuth Al Islamia (Revista de pesquisas islâmicas)*, 5 / 187. E: *Rawae Al Hadara Al Arabya Al Islamya fi Al Oloum (Maravilhas da civilização árabe islâmica em Ciências)* p. 77. Veja também Muhammad Ali Othman: *Muslimon Allamu Al Alam (Muçulmanos que ensinaram o mundo)*, p. 77. Abdel Halim Montaser: *Tarikh Al Elm wa Dour Al Ulema Al Arab fi Taqadumeh (História da ciência e o papel dos cientistas árabes em seu progresso),* p. 65.

925 Shuja Al Masi: Abu Kamil Shuja ibn Aslam ibn Muhammad Al Masri (falecido em 318 d.H./ 930 d.C.), matemático, escreveu *Al Jabr Wal Muqabala (A álgebra e a combinação)*, Veja Ibn Al Nadim, *Al-Fihrast (O índice),* p. 339, e Omar Kahala, *Mu'jam Al Muállefin (Dicionário de Autores)*, 4 / 295.

926 Abu Bakr Al Karkhi: Muhammad ibn Al Hassan Al Karkhi (falecido em 410 d.H./ 1020 d.C.), matemático e engenheiro, escreveu *Al Fakhri* no assunto da álgebra. Veja Ibn Khillikan, *Waftyat A´aian (Os obituários dos notáveis),* 5 / 125 e Fouad Suzkeen: *Tarikh Al Turath Al Arabi (História do patrimônio árabe)* 1 / 562.

927 Omar Al Khayyam: Omar ibn Ibrahim Al Khayyami Al Nisaburi (falecido em 505 d.H./ 1121 d.C.), poeta persa, filósofo, matemático e astrônomo. Veja Al Qemmi, *Safinet Al Behar* 1 / 562. Ibn Al Athir, *Al Kamil fi at Tarikh (A História Completa)* eventos de 476 d.H.

A inovação do zero

A introdução do zero na numeração é considerada um dos avanços e descobertas mais importantes dos muçulmanos em álgebra. Sem dúvida, isso facilitou os cálculos numéricos e o progresso nas ciências matemáticas. Se não fosse o zero, os cientistas não teriam sido capazes de resolver muitas equações matemáticas de variados graus muito facilmente como fazem agora, nem haveria o progresso dos ramos da matemática como ocorreu. E, consequentemente, a civilização humana não teria alcançado este incrível progresso[928].

As equações de segundo grau

A resolução das equações de segundo grau também fazem parte dos avanços importantes em álgebra entre os muçulmanos. A maneira como eles resolveram as equações de segundo grau foi idêntica ao método atualmente utilizado em livros modernos de álgebra. Os cientistas muçulmanos sabiam que as equações de segundo grau têm duas raízes. Eles extraíram as duas raízes quando eram positivas. Isso foi uma das obras mais importantes, com as quais os muçulmanos superaram as outras nações que os antecederam. Eles também inovaram métodos geométricos para resolver algumas dessas equações. Na seção de "superfície" do livro *Compêndio do cálculo algébrico e combinação,* Al-Khawarizmi resolveu problemas geométricos com métodos algébricos, fato que prova que os muçulmanos foram os primeiros a usar a álgebra em problemas geométricos[929].

O uso da fração decimal

O matemático muçulmano Ghiyath Al-Din Jamshid Al-Kashi[930] foi o primeiro a estabelecer o sinal de fração decimal 175 anos antes do matemático Simon Stevin (1548-1620), a quem é atribuído este feito. Al-Kashi

928 Jalal Mazhar: *Hadarat Al Islam wa Atharuha fi Al Taraqi Al Alamy: A civilização do Islam e seu impacto sobre o desenvolvimento mundial*, p. 355, 356.

929 Idem, p. 356.

930 Al Kashi: Ghiyath Al Din Jamshid Al Kashi (falecido em 842 d.H. – 1421 d.C.), cientista da aritmética e geometria, astrônomo nascido em Kashan. Morreu em Samarkand. Ele escreveu *Resalat Sullam Al Samaa*, *Risalat Al Jaib wal watar* e *Nuzhat Al Hadaeq*. Veja Omar Kahala, *Mu'jam Al Mu'lefin (Dicionário de Autores)* 8 / 43.

explicou os benefícios do uso da fração decimal e como usá-la e calcular com ela. Na introdução de seu livro Miftah Al-Hisab (chave para a aritmética), na página cinco, Al-Kashi diz que ele inventou a fração decimal para facilitar os cálculos para aqueles que não conhecem a fração sexagesimal. Ele, portanto, sabia que ele tinha inventado algo novo[931].

O uso dos símbolos matemáticos

Os cientistas muçulmanos depois de Al-Khawarizmi utilizaram os símbolos (+, –, x, ÷) na matemática. Os livros de Al-Qalsadi Al-Andalusi[932], principalmente seu livro intitulado *Kashf Al-Asrar 'an 'ilm Huruf Al-Ghubar (Descobrindo os Segredos da Aritmética),* são uma prova positiva de que os muçulmanos foram os primeiros a utilizar esses símbolos. Não é segredo para ninguém o profundo impacto do uso destes símbolos no desenvolvimento da matemática, em seus diferentes ramos. E é realmente lamentável ser atribuída a invenção destes símbolos matemáticos ao cientista francês François Viète (1540-1603)[933].

Resolução de equações de terceiro grau

O método de resolver as equações de terceiro grau, através da utilização de linhas cônicas inventada por Omar Al-Khayyam (436-517 d.H.) é uma das maiores realizações dos cientistas muçulmanos para a humanidade. O método de Omar Al-Khayyam para resolver equações cúbicas pela intersecção da parábola com o círculo mostra que ele usou a abscissa para explicar as duas coordenadas de um ponto. Assim, Al-Khayyam lançou as primeiras bases da geometria analítica, que é atribuída a René Descartes, que sem dúvida, só a desenvolveu e fixou suas bases[934].

---

931 Idem, mesma página.

932 Al Qalsadi: Abu Al Hassan Ali ibn Muhammad Ibn Ali Al Basti (815-891 d.H./1412-1486 d.C.), matemático, um dos principais estudiosos de Jurisprudência Maliki. Ele escreveu *Al Jabr wal Muqabala.* Veja Al Dau' Al Lame' 05/06 e Kashf Al Zonoun 1 / 153.

933 Jalal Mazhar: *Hadarat Al Islam wa Atharuha fi Al Taraqi Al Alamy (a civilização do Islam e seu Impacto sobre o Desenvolvimento Mundial)* p. 358, Ali Abdullah Al Difaa*: Rawae Al Hadara Al Arabya Al Is lamya fi Al Oloum (Maravilhas da civilização árabe islâmica em ciências)* p. 65.

934 Ali Abdullah Al Difaa: *Rawae Al Hadara Al Arabya Al Islamya fi Al Oloum (Maravilhas da civilização árabe islâmica em ciências)* p. 65.

5
A Mecânica

Os cientistas muçulmanos beneficiaram-se em normas esparsas de mecânica definidas pelos antigos gregos, romanos, persas e chineses. Em seguida, desenvolveram a mecânica, idealizaram novas técnicas e adicioram de sua excelência, transformando-a em uma ciência aplicada singular de extrema importância. Antes disso, esta era uma ciência usada para entretenimento e magia, então os cientistas muçulmanos a denominaram *Ilm Al-Hiyal (Ciência dos artifícios)*, que significa os meios a que recorrem para enfrentar condições difíceis, a fim de atingir seus objetivos, economizar o esforço humano, ampliar a energia mecânica e se beneficiar de um ligeiro esforço para alcançar um trabalho maior que o trabalho dos humanos e dos animais!

Quanto à finalidade e objetivo da mecânica, os cientistas muçulmanos queriam trazer mais benefícios para o ser humano através da utilização do artifício em vez da força, da mente em vez de músculos, e da máquina no lugar do corpo, dispensando a submissão dos escravos e seu esforço físico, especialmente porque o Islam proíbe o sistema de servilismo no cumprimento de trabalhos que precisam de elevado esforço físico, assim como proibiu a fadiga dos servos e escravos, e até mesmo o sofrimento dos animais e sobrecarregá-los acima de sua capacidade. Portanto, os muçulmanos desenvolveram as máquinas para substituí-los nesses trabalhos penosos. É uma tendência civilizada, com a qual se caracterizam as nações que tiveram grande progresso nos campos da ciência e da civilização. É também o núcleo ao redor do qual gira a filosofia de qualquer invenção produzida pelas mentes dos sábios diariamente, a fim de melhorar a vida do ser humano e aliviar ao máximo a dificuldade dele, proporcionando conforto e bem-estar à humanidade.

A "ciência dos artifícios benéficos" representa o avançado aspecto técnico da civilização islâmica, onde engenheiros e técnicos muçulmanos aplicaram seus conhecimentos teóricos para utilizá-los em todos os campos que servem a religião e promovem as aparências de civilização e desenvolvimento.

A finalidade dos antigos no uso da "ciência dos artifícios" era servir os propósitos religiosos e espirituais para influenciar os seus seguidores, como o uso de estátuas móveis ou falantes por intermédio dos sacerdotes, usando órgãos e instrumentos de ressonância nos templos. Com o advento do Islam, a relação entre o homem e Deus já não precisa de qualquer intermediário ou exercício de ilusão óptica. Portanto o novo objetivo da mecânica tornou-se: servir a humanidade através do uso de máquinas móveis (mecânicas), que são equipamentos e invenções baseadas em aerodinâmica, hidrodinâmica e hidrostática, tais como válvulas, sistemas de controle remoto, instrumentos e equipamentos científicos, pontes, arcos e ornamentos arquitetônicos, etc[935].

Se retornarmos aos estágios iniciais da mecânica, a engenharia mecânica foi desenvolvida no mundo islâmico no início do terceiro século *hijri* (século IX d.C.), nas mãos de uma série de grandes cientistas muçulmanos. Podemos conhecer as etapas de desenvolvimento desta ciência através das valiosas realizações feitas por estes proeminentes cientistas, que foram os pioneiros da técnica islâmica nas áreas de engenharia mecânica, como segue:

Banu (filhos de) Mussa ibn Shakir

Eram três irmãos: Muhammad, o mais velho, (falecido em 259 d.H./ 873 d.C.), Ahmad, e Al-Hassan (falecido em 874 d.H./261 d.C.). Os filhos de Mussa ibn Shakir viveram no terceiro século *hijri* (século IX d.C.) e brilharam em matemática, astronomia, ciências aplicadas e tecnológicas. Eles eram conhecidos por sua valiosa obra *Kitab Al-Hiyal (Livro dos artifícios)*. Ibn Khillikan comentou sobre este livro dizendo: "Os filhos de Mussa ibn Shakir escreveram um livro incrível e raro sobre dispositivos, que incluiu muitas de suas invenções pioneiras. Depois de analisá-lo, concluí que é um dos melhores e mais interessantes livros"[936].

935 Ver: Ahmad Fouad Basha; Al Turath Al Islami Al Elmi *(O Património Científico islâmico)*, p. 29, 30.

936 Ibn Khillikan Wafiyat A´ian (*Os obituários dos Homens Notáveis*), 5 / 161.

Esse livro contém cem dispositivos mecânicos com explicações completas e diagramas para instalação, operação e desmontagem. Banu Mussa ibn Shakir fizeram conquistas muito importantes em ciência e tecnologia, tais como válvulas automáticas, sistemas de ação retardada e muitos outros princípios de controle automático, que são das mais importantes realizações na história da ciência e tecnologia. Eles também usaram válvulas cônicas e virabrequins automáticos de uma forma sem precedentes. Eles usaram o virabrequim 500 anos antes da primeira descrição moderna do mecanismo do virabrequim na Europa[937].

Há muitos exemplos de composições mecânicas de Banu Mussa: a lâmpada de furacão, que não se apaga quando exposta ao vento forte; a luz de autoalimentação, que se alimenta automaticamente de pavio e óleo. Quem o assiste pode pensar que o fogo não consome nada do pavio nem do óleo, uma fonte de onde a água jorra em forma de um escudo por tempo determinado, sob a forma de um lírio e assim por diante. Outro dispositivo mecânico criado por eles e descrito pelos historiadores com admiração é o instrumento de observação astronômica enorme que funciona por força hidráulica. Esse instrumento mostra todas as estrelas e as reflete em um grande espelho. Se alguma estrela aparece, o instrumento observa e se uma estrela ou um meteoro desaparece, ele também o observa e o registra imediatamente[938].

Banu Mussa ibn Shakir também inventaram máquinas para fins agrícolas, tais como manjedouras para animais de tamanhos diferentes, em que o animal pode comer e beber sem ser incomodado por outros animais, os tanques de água para casas de banho, instrumentos para medir a densidade de líquidos, máquinas instaladas em campos para controlar o consumo de água, evitar o desperdício e melhorar o controle do processo de irrigação. Todas essas ideias criativas desempenharam um papel importante na aceleração do progresso da mecânica. As invenções de Banu Mussa se destacavam pelo pensamento criativo, pela descrição precisa e metodologia experimental[939].

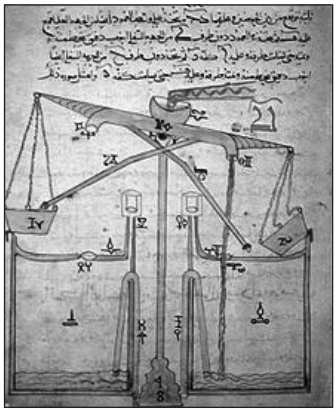
937 Ver: Ahmad Fouad Basha; Al Turath Al Islami Al Ilmi *(O Património Científico islâmico),* p. 30.

938 Ver: Sigrid Hunke: Shams Al Arab Tasta' Ala Al Gharb, p. 122.

939 Ver: Ahmad Fouad Basha; Al Turath Al Islami Al Ilmi *(O Património Científico islâmico),* p. 30, 31.

Badi' Al-Zaman Al-Jazari[940]

As inovações dos primeiros cientistas muçulmanos em mecânica incluíram vários projetos de relógios e elevadores automáticos, em que o movimento linear é transformado em uma rotação através de um sistema de engrenagens segmentar, que é a base de todos os motores modernos. Um dos livros pioneiros neste assunto foi a obra de Badi' Al-Zaman Abu Al-Izz ibn Ismail ibn Al-Razzaz Al-Jazari (falecido em 1184 d.C.) intitulado: *Al-Jami' bain Al-Ilm wal Amal Al-Nafi' fi Sina'at Al-Hiyal (A união entre o conhecimento e o trabalho benéfico no engenho de artifícios)*. O livro de Al-Jazari foi traduzido para o inglês por Donald Roultedge Hill em 1947. O historiador de ciência moderna George Sarton disse sobre o livro de Al-Jazari: "Este tratado é o mais bem elaborado de sua espécie e pode ser considerado como o ápice dessa linha de conquistas tecnológicas muçulmanas"[941].



Livro de Al-Jazari

O livro de Al-Jazari tem várias seções, a maior delas é a de relógios aquáticos. Há uma seção que trata o assunto de máquinas de elevação de água. Quanto aos relógios de Al-Jazari, eles são bonecos automáticos que indicam o passar do tempo, como pássaros que jogam bolinhas de seus bicos em pratos pequenos, portas que são abertas para a saída de bonecos, relógios de castelo que circulam ou relógios musicais que tocam tambores e sopram trombetas. Na maioria dos relógios, o primeiro motor transfere energia para os bonecos através de sistemas muito precisos de roldanas[942]. Quanto à seção de máquinas de elevação de água no livro de Al-Jazari, contém uma descrição da bomba de sucção de dupla ação, que os historiadores modernos consideram semelhante ao motor a vapor. Essa bomba é acionada por uma roda d'água, que conduz, através de um sistema de engrenagens, a uma abertura de oscilação da haste a que as varas de dois pistões estão ligadas. Os pistões trabalham em cilindros horizontalmente opostos, cada um equipado com válvula de sucção operada e tubos de

940 Badi' Al Zaman Al Jazari: Abdu Al 'Aziz ibn Ismail Al Razzaz (530-602 d.H./1136-1206 d.C.). Um dos maiores engenheiros e químicos. Ele inventou uma série de máquinas. Veja Al Zirikli: *Al A'lam* 15/04.

941 Idem, p. 31.

942 Donald Hill Roultedge: *Ciência e Engenharia na Civilização Islâmica*, p. 169.

entrega. Os tubos de entrega são unidos acima do centro da máquina para formar uma única saída para o sistema de irrigação. Há três válvulas em cada bomba que permite que a água se mova em uma direção de cima para baixo e não permite que a água volte no sentido contrário[943].

Essa bomba é uma máquina feita de metal, que funciona com energia eólica, ou por um animal fazendo movimentos rotativos. O objetivo da bomba de Al-Jazari foi elevar água para a superfície da terra de poços profundos e do rio quando o nível da água estava baixo, como a montanha de Muqattam, no Egito. Referências mencionaram que a técnica da bomba de Al-Jazari possibilitava a sucção de água até cerca de dez metros e a despejava diretamente sobre a superfície da água, enquanto o virabrequim permanece imerso na água[944].

Taqi Al-Din Al-Demashqi

Taqi Al-Din ibn Ma'ruf Al-Demashqi (que viveu no século X d.H./ século XVI d.C.) é considerado o orgulho da tecnologia islâmica. Taqi Al-Din escreveu seu famoso livro *Al-turuq Al-saniya fi Al-alat Al-ruhaniya (Os métodos sublimes nas máquinas espirituais),* no qual ele descreveu vários dispositivos mecânicos, tais como os relógios aquáticos, mecânicos e de areia, as polias e alavancas, bebedouros e máquinas de rotação executados por turbinas a vapor, as quais conhecemos nos tempos modernos[945].

O livro de Taqi Al-Din é de importância especial, pois completa a fase mais importante da técnica de engenharia mecânica na era islâmica. O livro fornece uma descrição de várias máquinas, que nunca foram mencionadas em livros anteriores, e antes de qualquer descrição de máquinas semelhantes nas referências ocidentais durante o Renascimento. Ele se destaca pela sua descrição de máquinas semelhante ao desenho de engenharia moderna, que se baseia em projeções. Em seu livro, Taqi Al-Din explica todas as coisas relacionadas a qualquer máquina em um desenho que combina o conceito de projeção e as perspectivas dimensionais. Assim, o livro precisa de um estudo profundo feito por especialistas que devem ler atentamente os textos e entender os desenhos, para que o conceito seja correto. Uma das mais importantes máquinas aquáticas descritas por Taqi Al-Din em seu

943 Idem, p. 135.

944 Ahmad Fouad Basha: *Al Turath Al Islami Al Ilmi (O Patrimônio Científico Islâmico)*, p. 33.

945 Idem, p. 36.

livro é "a bomba de seis cilindros". Nesta bomba, Taqi Al-Din usa, pela primeira vez, um bloco de cilindros em uma linha (monobloco). Ele também usou o eixo de comando com seis eixos distribuídos em ordem sobre a circunferência do círculo de modo que os cilindros trabalhem de forma contínua e o fluxo da água também. Taqi Al-Din informa que o número de cilindros não deve ser inferior a três. Esse entendimento avançado para a ininterrupção, que evita o excesso ou o corte, ao lado do entendimento de conceito de equilíbrio dinâmico moderno, é a base na técnica de modernos motores e compressores compostos de vários cilindros. Neste projeto, Taqi Al-Din colocou um peso de chumbo em cima de cada haste, cujo peso supera o peso da coluna de água existente dentro do tubo que sobe para cima. Com o seu design, Taqi Al-Din precedeu Samuel Morland, que projetou, em 1675, uma bomba na qual ele usou discos de chumbo acima do pistão para que o pistão seja forçado para baixo pelo peso e empurre a água até a altura desejada[946].

Assim, refutam-se as alegações dos historiadores ocidentais, que diziam que a tecnologia islâmica em engenharia mecânica havia sido formulada apenas para se distrair e matar o tempo. As rodas de água inventadas por cientistas muçulmanos provam que as alegações destes historiadores injustos eram falsas. Essas rodas foram usadas para refinar cana-de-açúcar, grãos e sementes e foram usadas também para elevar a água para fins de irrigação. Água e energia eólica foram usadas em larga escala. E a relação era estreita entre as ciências teóricas e suas aplicações práticas em todos os domínios da vida científica, que incluem projeto de cidades, instalações de irrigação, barragens, construções, máquinas e outros. Durante a era da civilização islâmica, os engenheiros e técnicos muçulmanos adotaram o método científico em todas as suas obras. Nos casos mais difíceis, eles começavam com o desenho de projetos, em seguida, faziam maquetes daquilo que pretendiam realizar. E técnicos contemporâneos reconstruíram várias estruturas e máquinas de acordo com as descrições e as explicações dadas por cientistas muçulmanos em seus livros[947].

946 Idem.

947 Ver: Ahmad Fouad Basha; *Al Turath Al Islami Al Ilmi (O Patrimônio Científico Islâmico)*.

Parte 5

As Contribuições dos Muçulmanos no Assunto da Crença, Pensamento e Literatura

Outra parte importante das contribuições dos muçulmanos para a civilização humana está relacionada com a crença, pensamento e literatura. Esta área indica a originalidade e a singularidade da civilização islâmica. Nestes artigos, apresentaremos as mais importantes dessas contribuições, de acordo com os seguintes capítulos:

Primeiro Capítulo: As Contribuições dos Muçulmanos no Conceito de Crença
Segundo Capítulo: O Desenvolvimento das Ciências Conhecidas

Primeiro Capítulo

As Contribuições dos Muçulmanos no Conceito de Crença

Os muçulmanos tiveram – e continuam tendo – um papel singular e destacado na área da crença e na concepção religiosa. Enquanto as nações e civilizações anteriores e contemporâneas tiveram conceitos diferentes sobre o Criador do Universo e o deus a ser adorado, os muçulmanos creram na unicidade de Allah (exaltado seja) e o unificaram na adoração, creram em Sua exclusividade na criação e ordem. Essa foi a maior contribuição já oferecida à humanidade, sobretudo tendo em conta o importante papel da fé e a sua influência crucial sobre o desenvolvimento da civilização.

Nesta parte, abordaremos o papel dos muçulmanos e suas contribuições na correção do conceito de crença, através das seguintes pesquisas:

1. Dentre as Crenças das Nações Anteriores
2. O Monoteísmo e a Reforma do Conceito de Crença

1

Dentre as Crenças das Nações Anteriores

Antes do Islam, o mundo tinha uma visão sombria da verdade da divindade. Não era uma visão clara que fazia uma estimativa justa de Deus, como é devido a Ele. Era uma visão perturbada e cercada por ilusões e visões ignorantes. A verdade é que as diferentes civilizações ou nações anteriores, como mostram suas histórias, não tinham um conhecimento correto de Deus (exaltado seja) e não encontraram a verdadeira fé no Criador do Universo. Também não conheciam a realidade da divindade, que é Completo, Onisciente, Todo Poderoso, Realizador do que deseja, é Amável e Misericordioso. Isso ocorreu porque as nações anteriores não conheceram a profecia orientadora e a revelação imaculada de maneira direta. Sendo assim, essas nações caminharam por conta própria buscando "a primeira causa" ou "o primeiro movimentador" ou "aquele que necessariamente existe", e fracassaram e se debateram e foram dominadas por ilusões e fantasias.

Até mesmo os filósofos, aqueles que são descritos na história da filosofia como "os divinos", ou seja, aqueles que reconheceram a divindade em geral, tais como Sócrates, Platão e Aristóteles, que se recusaram a negar a existência de Deus e rejeitaram o ateísmo. Até mesmo a concepção de divindade deles não era correta, porém foi incompleta e perturbada, cercada por várias ilusões e confusões. Tomemos, por exemplo, o conceito de Deus na visão de Aristóteles, o primeiro professor dos gregos, para vermos que deus era esse. Ele é o Deus que conhecemos, que criou tudo, que sustenta todos os seres vivos, que dirige todas as coisas, que conhece o passado, o

presente e o futuro, e que faz o que quer e tem poder absoluto sobre tudo? Ou ele era um deus diferente daquele que nós conhecemos?[948].

Will Durant diz em seu livro *As luzes da Filosofia*:

> Aristóteles retrata Deus como um espírito autoconsciente, e este é um espírito bastante enigmático e oculto, porque o deus de Aristóteles jamais realiza qualquer ação, ele não tem anseios, nem vontade e nem propósito algum, sua realidade é tão pura que ele nunca faz nada. Ele é absolutamente perfeito, portanto, ele não pode almejar nada, portanto ele não faz nada! Sua única ocupação é contemplar a essência das coisas, e uma vez que ele mesmo é a essência de todas as coisas, a forma de todas as coisas, a sua única ocupação é a contemplação de si mesmo. Não é estranho que os britânicos gostem de Aristóteles, porque o seu deus, nitidamente, é uma réplica exata do rei deles, ou o rei deles é, exatamente, uma cópia do deus de Aristóteles![949]

Se Deus, para Aristóteles, era desprovido, porque não tem poder nenhum no Universo, então Deus, para Platão – a quem é atribuído o platonismo moderno – é mais desprovido ainda, porque ele não contempla a nada, nem mesmo a si mesmo![950]

E o paganismo atingiu o seu auge no século VI. O número de deuses na Índia, por exemplo, atingiu 330 milhões. Tudo tornou-se magnífico e atraente e tudo na vida era um deus adorado. Portanto, ídolos, estátuas e deuses são incontáveis, incluem figuras históricas, heróis em que Deus se incorporou, montanhas nas quais alguns de seus deuses se manifestaram, metais como ouro e prata, onde um deus se manifestou, rios, instrumentos de guerra, instrumentos de reprodução, animais dos quais o maior é a vaca, objetos astronômicos, entre outros.

Desta forma, a religião tornou-se uma mistura de superstições, mitos, hinos, doutrinas e adorações que Allah não permitiu e nenhuma mente sã aceitou em qualquer época. A produção de esculturas de ídolos se propagou nessa época mais do que em todos os tempos passados. Todas as classes, desde o rei até as pessoas mais simples e pobres, estavam empenhadas na adoração de ídolos[951].

---

948 Al Qaradawi: *Al Islam hadarat Al Ghad (O Islam, a civilização do futuro)* p. 14.

949 *Mabahij Al Falsafah*, p. 161,162, copiado de Al Qaradawi: *Al Islam hadarat Al Ghad,* p. 14,15.

950 Veja *Al Aqqad: Allah,* p. 78, p. 131.

951 Abu Al Hassan Al Nadawi: *Maza khassira Al Alam bi inhitat Al Muslimin (O que o mundo perdeu com a decadência dos muçulmanos)* p. 40, e ainda: *Al Islam wa Atharuhu fil Hadharah wa Fadhluhu ála Al Inssaniah (O Islam, seu impacto sobre a civilização e sua virtude sobre a humanidade),* p. 21.

A situação chegou a um ponto onde o homem menosprezou a sua humanidade e passou a prostrar às pedras, árvores, rios e tudo o que não tem capacidade de trazer benefício ou dano para si mesmo!

O estado romano carregava a bandeira do cristianismo no mundo e estava dividido em duas grandes ramificações: católicos e ortodoxos. Os ortodoxos, por sua vez, tinham dois grupos: melquitas e monofisitas. Houve guerras ferozes entre estes grupos e todos eles distorceram a sua religião e associaram parceiros a Deus na adoração, mas divergiram nas maneiras de idolatria. E os bispos e monges tornaram-se senhores em vez de Deus!

Em sua essência, a história da Europa nos tempos medievais era, praticamente, um conflito entre a autoridade religiosa e a autoridade mundana. A autoridade religiosa (papal) monopolizou o direito de falar em nome de Deus e ficou acima dos seres humanos e acima dos reis, que deveriam, no final, se submeter à autoridade papal em nome da religião. Ninguém tinha o direito de julgar a autoridade religiosa ou monitorar seu comportamento. A autoridade mundana, por sua vez, era representada pelos governantes, reis, imperadores e príncipes que desejavam praticar a sua autoridade, poder e despotismo junto de seus povos, sem serem limitados por qualquer pessoa ou organismo sob qualquer nome ou qualquer pretexto, mesmo se fosse a autoridade papal, sob o pretexto da religião.

Em 1073 d.C., o Papa Gregório VII anunciou que a Igreja teria autoridade sobre o mundo inteiro e assimilou o seu poder diretamente de Deus e, por sua vez, forneceu poder aos reis e príncipes de todo o mundo. Ele também anunciou que o papa tem uma posição única no conhecimento, então ele é quem nomeia e destitui os bispos e tem o direito de depor os imperadores, porque ele é o senhor deles e, diferentemente deles, não pode ser questionado sobre o que faz. Com base nisso, os papas anunciavam a destituição de imperadores e reis que não os agradavam, como foi o caso do Imperador Henrique IV. Quando foi deposto pelo Papa, em 1107, ele foi obrigado a ficar com os pés descalços e com a cabeça descoberta na porta do Papa debaixo de neve e chuva durante três dias. Outro exemplo é o caso do Rei João da Inglaterra, quando o Papa Inocêncio III ficou nervoso com ele lançou sua ira sobre toda a Inglaterra e declarou uma cruzada contra o país e instigou o rei da França a atacá-la e anexá-la à França. Então, o rei da Inglaterra teve que pedir perdão ao papa. Ele o perdoou depois que o rei anunciou sua subordinação a ele, jurou-lhe fidelidade e ofereceu um presente adequado! Esse poder atingiu o seu auge em 1198 d.C., quando o Papa Inocêncio III anunciou que ele era o representante de Cristo,

que intermedia entre Deus e os Seus servos, está abaixo do Senhor e acima dos seres humanos, é o governante de todos e ninguém o governa![952].

Não há dúvida de que esse desvio por parte do clero cristão, seu poder e seu domínio são as razões que fizeram o Ocidente moderno tentar escapar da tirania e do cativeiro da Igreja e, em seguida, ir aos extremos no secularismo, na soltura do controle da religião e seu distanciamento de todos os assuntos da vida.

Os árabes, por sua vez, no início – como também antecedemos – adoravam a Deus e acreditavam na Sua unicidade. Acreditavam que Ele é o grande Deus, o Criador do Universo, o Planejador dos céus e da terra, em cujas mãos está o domínio de todas as coisas... ***"E se lhes perguntas: "Quem criou os céus e a terra e submeteu o sol e a lua?", em verdade, dirão: 'Allah'"*** (Al-Ankabut: 61). Mas quando o tempo se estendeu para eles, esqueceram-se de parte da advertência que haviam recebido. Cometeram a idolatria, estabeleceram intermediários entre eles e Deus, rogaram a esses deuses e os associaram a Ele na súplica. Allah (exaltado seja) diz sobre o argumento dos idólatras: ***"Não os adoramos senão para que eles nos aproximem bem perto de Allah"*** (Al-Zumur: 3).

Assim, os árabes cumpriam alguns atos de adoração para os ídolos, e a ideia de intercessão se firmou em suas mentes até que ela se transformou na crença no poder dos intercessores de trazer benefícios e danos. Depois, progrediram na idolatria associando os deuses com Deus na adoração e acreditando que esses deuses tinham similaridade e participação no controle do Universo, poder pessoal de trazer benefícios e danos, o bem e o mal e de conceder e privar as pessoas[953].

A adoração de ídolos na Península Arábica era tão difundida que cada tribo e, em seguida, cada casa tinha um ídolo. Al-Kalbi[954] disse:

> Toda família em Makkah tinha um ídolo para adorá-lo em sua casa. Se um membro da família quisesse viajar, a última coisa que fazia antes de deixar a casa era tocá-lo para obter bênção. E quando chegava de viagem, a primeira coisa que fazia ao entrar em sua casa também era

952 Abdallah Ilwan: *Maalim Al Hadarah fi Al Islam wa atharuha fi Al Nahdah Al Orobiyah (As características da civilização no Islam e seu impacto no renascimento europeu)*, p. 38,39.

953 Abu Al Hassan Al Nadawi: *Maza khassira Al Alam bi inhitat Al Muslimin (O que o mundo perdeu com a decadência dos muçulmanos)* p. 45.

954 Ibn Al Sa'ib Al Kalbi: Ele é Abu Al Nadr Muhammad ibn Al Sa'ib ibn Bishr ibn Amr (falecido em 146 d.H. /763 d.C.) narrador bem familiarizado com a história dos árabes. Nasceu e morreu em Kufa. Ele é um xiita cuja narração de *hadith* não é aprovada, mas são aceitas as suas narrações sobre o período pré-islâmico. Veja Al Zhahabi: *Siyar Al alam Al Nubala,* p. 6 / 248, 249.

> tocá-lo... e assim, os árabes excederam na adoração aos ídolos, entre eles há quem tomava uma casa como objeto de adoração, outros tinham uma estátua, e quem não podia pagar uma estátua ou construir uma casa elevava uma pedra na frente de Al-Haram (Mesquita Sagrada) e em outros lugares que fossem de seu gosto e, em seguida, o circundava da mesma forma que circundava a Casa e os denominava "Al-Anssab" (pedras elevadas)... Se um homem viajava e permanecia em um lugar, pegava quatro pedras e observava a melhor delas e a tomava como um deus e usava as três restantes para apoiar a sua panela. E quando seguia viagem, deixava a pedra[955].

Abu Raja Al-Attaridi disse:

> Nós adorávamos pedras, quando encontrávamos uma pedra melhor nós a adorávamos e jogávamos a outra fora. Quando não encontrávamos uma pedra, recolhíamos um pouco de terra e, em seguida, traziamos uma ovelha e ordenhávamos o seu leite sobre a terra para, depois, circundar ao redor da terra[956]. E havia trezentos e sessenta ídolos dentro da *Kaabah* (a Casa que foi construída para a adoração do Único Deus) e seu pátio[957].

Assim era a situação das nações anteriores no assunto da religião, da crença e do deus adorado. Havia o paganismo, a ausência de monoteísmo, e a partir daí, a ausência dos conceitos de poder, divindade e criação. Isso levou à degradação da humanidade e levam à degradação dos valores de qualquer civilização.

955 Abu Al Munzir Hisham ibn Muhammad ibn Al Sa'ib Al Kalbi: *Kitab Al Asnam (Livro sobre os Ídolos),* analisado por Ahmad Zaki Basha, p. 33.

956 Al Bukhari: *Kitab Al Maghazi (Livro das campanhas militares),* no capítulo sobre a delegação de Bani Hanifa e o *hadith* de Themamah ibn Athal (4117).

957 Al Bukhari, da narração de Abdullah ibn Mas'ud: *Kitab Al Mazalim (Livro de queixas),* no capítulo "Devem as jarras que contém vinho ser quebradas ou os recipientes furados?" (2346), e Muslim: *Kitab Al Jihad wa Al Siar*, no capítulo "Sobre a remoção dos ídolos dos arredores da Kaabah" (1781).

2

O Monoteísmo e a Reforma do Conceito de Crença

Em contrapartida às ilusões, superstições e perdições de concepção de crença das nações anteriores e frente à mentalidade do mundo quando o profeta (a paz esteja com ele) foi enviado, ocorreram as contribuições dos muçulmanos com a crença do monoteísmo, que é considerada a grande concessão do Islam para a humanidade, igual à qual a humanidade nunca teve e nunca terá até o dia do Juízo Final.

Na crença do Islam, este mundo não existiu sem um senhor soberano; há apenas um Senhor Soberano, é o seu Criador, Governador e Administrador. A criação e o mandamento são d'Ele, e d'Ele é o governo... ***"D'Ele é a criação e a ordem"*** (Al-A'araf: 54). Nada acontece neste mundo sem a Sua ordem e poder. A verdadeira causa da existência deste mundo é a Sua vontade e Seu poder. Este mundo, em sua totalidade, está sujeito a Ele, em seu Universo e sua existência, e é obediente a Ele e está a Seu serviço ***"a Ele se submeteu quem está nos céus e na terra"*** (Ali Imran: 83). E as criaturas que têm uma vontade e escolha devem se submeter a Ele ***"De Allah é a pura devoção"*** (Azzumar: 3)[958]. Porque Ele é quem criou todo o Universo e criou todas as criaturas, Ele é o único a quem as criaturas devem adorar.

O Islam estabeleceu o argumento convincente de que Deus é o Criador e que não há outro deus além d'Ele. Citando a prova, lógica e racional, Allah (exaltado seja) disse: "***Se houvesse nos céus e na terra outras divindades além de Allah elas teriam se corrompido"*** (Al-Anbiá: 22). E Deus desafiou as pessoas com toda veemência, dizendo: ***"Dize: Fazei-me ver os que ajuntais a Ele, como parceiros. Em absoluto, não o conseguireis. Aliás, Ele é Allah, o Todo-Poderoso, o Sábio"*** (Sabá: 27).

958 Abu Al Hassan Al Nadawi: *Al Islam wa Atharuhu fil Hadharah wa Fadhluhu ála Al Inssaniah (O Islam, seu impacto sobre a civilização e sua virtude sobre a humanidade),* p. 21.

A verdade é que essa lógica foi tão convincente que as pessoas a receberam com aceitação e convicção, e entraram na religião de Deus em multidões.

Errados estão aqueles que pensam que o Islam e a crença do monoteísmo se espalharam por causa dos muitos árabes muçulmanos espalhados por todo o mundo. Também erram aqueles que acham que os muçulmanos árabes forçaram as pessoas a entrar no Islam e abraçar o monoteísmo com a força da espada e de armas. Podemos verificar a história do mundo... Os árabes muçulmanos eram uma minoria e as suas armas eram fracas em qualidade e quantidade, e suas capacidades econômicas e militares eram extremamente modestas. No entanto, o mundo naquela época aceitou deixar a religião, cada qual de sua região, aceitou deixar a religião das nações civilizadas e civilizações poderosas e entrou para a religião desta simples minoria!

A questão que pode vir à mente é: por que isso aconteceu?! Por que houve esta aceitação?

A resposta reside no fato de que é uma religião convincente. É uma fé que concorda totalmente com a natureza e a lógica, é a natureza na qual Deus criou a humanidade para adorá-Lo unicamente, sem concorrente ou parceiro.

E podemos perguntar agora:

- Quem induziu inicialmente os árabes a abraçar o Islam, sendo que o profeta e seus companheiros eram extremamente poucos e fracos?
- Quem obrigou os egípcios a abraçar o Islam? É razoável que oito mil soldados possam forçar um povo predominante, como o do Egito, cujo número na época da conquista ultrapassou oito milhões de pessoas?! Devemos saber também que o Egito estava dominado pela ocupação bizantina e o Império Bizantino na época era extremamente poderoso.
- Quem forçou o povo da Pérsia, que era em grande número e tinha uma longa história, a abandonar a adoração de décadas e abraçar o Islam? Quem forçou o povo do norte da África, Andaluzia, Afeganistão, Paquistão, Malásia, Indonésia, os turcos e outros?
- Mais ainda, quem forçou o mundo na atualidade a entrar no Islam, embora todo mundo testemunhe que os muçulmanos estão em uma situação muito mais fraca do que outros? E não é uma simples conversão, o Islam é a religião que mais cresce no mundo hoje!

A verdade incontestável é que o argumento convincente de Deus e a religião de Deus não têm nenhuma falha ou erro. Por isso, absolutamente todo mundo que lê sobre o Islam ou o conhece, sabe que ele é a verdade, abraçando-o ou não.

E outra realidade é que a contribuição dos muçulmanos no conceito de crença não se limitou apenas àqueles que se tornaram muçulmanos. Porém, beneficiou os não-muçulmanos – como será explicado mais tarde – na clareza da visão de crença real entre os muçulmanos no assunto do monoteísmo.

Não é segredo que o principal impacto racional desta crença sobre o homem é que o mundo inteiro segue um único centro e um único sistema. O homem vê nas partes dispersas do mundo uma relação evidente e uma unidade de regra. Em seguida, após esta fé, o homem pode avançar com uma explicação completa sobre a vida e pode aperfeiçoar o seu pensamento e as suas ações neste Universo com sabedoria e conhecimento[959].

E não há dúvida de que a crença em um deus poderoso livra o pensamento da confusão do politeísmo, que não está de acordo com a natureza humana saudável. Essa crença libera as forças da alma e do corpo que creem em Deus, Aquele que controla todas as ocorrências da vida e do Universo, Aquele que detém em Suas mãos, exaltado seja, os destinos das criaturas. Estas forças que confiam em Allah se impulsionam ao trabalho e à atividade, baseando-se no fato de que há um Senhor do Universo, que vê tudo o que está acontecendo em toda parte e recompensa aqueles que fazem o bem com o que há de melhor e pune aqueles que fazem o mal, se não na vida, na vida após a morte. Ele não faz perder as boas ações e não perde o direito de ninguém[960].

Não há dúvida de que um dos impactos mais importantes dessa fé na sociedade torna-se claro quando queremos criar uma sociedade limpa, dominada pela justiça e regida pela virtude, uma sociedade onde não há crime e onde reina a tranquilidade e cujos membros cooperam em tudo o que traz bem-estar e justiça. Quando queremos isso, devemos estabelecer a sociedade sobre a crença islâmica, que é o primeiro alicerce da sociedade. Nesta base, o profeta educou seus companheiros, então, ele criou a sociedade perfeita e se formou a nação islâmica, a quem o mundo se submeteu desde o Oriente até o Ocidente.

---

959 Abu Al Hassan Al Nadawi: *Al Islam wa Atharuhu fil Hadharah wa Fadhluhu ála Al Inssaniah (O Islam, seu impacto sobre a civilização e sua virtude sobre a humanidade)* p. 22.

960 Jamal Fawzi: *Maalim Al Hadarah Al Islamiyah (Características da civilização islâmica)* p. 16.

O professor Al Hassan Al Nadawi disse:

> O grande elo foi desmembrado, o elo da incredulidade e da idolatria, então todos os problemas se desmembraram. Assim, todos os problemas foram resolvidos. O mensageiro de Allah (a paz esteja com ele) os combateu o primeiro combate, então, ele não precisou de um novo combate para cada ordem ou proibição. O Islam venceu o paganismo pré-islâmico na primeira batalha, então, a vitória foi seu aliado em cada batalha. Deus proibiu o vinho quando os copos estavam transbordando em suas mãos, então, a ordem de Deus se levantou como uma barreira entre o vinho e entre os lábios anseiosos e os corações ardentes. E os jarros de vinho foram quebrados, se derramando nas ruas de Madinah! Uma só palavra removeu um hábito enraizado entre o povo e herdado de pai para filho. ***"Quereis então se abster disso?"*** (Al-Maidah: 91). Depois desse versículo, disseram: "Nós nos abstemos, ó nosso Senhor. Nós nos abstemos ó nosso Senhor". Em contrapartida, os EUA tentaram proibir a bebida alcoólica e utilizaram todos os meios da civilização moderna, tais como revistas, jornais, palestras, fotografias e cinema para explicar os seus efeitos nocivos e investiu mais de 60 milhões de dólares para esse fim. Também imprimiu cerca de dez bilhões de páginas, pagou cerca de 250 milhões de dólares para o cumprimento da lei, executou três centenas de pessoas, prendeu mais de meio milhão, e confiscou propriedades estimadas em cerca de 404 milhões de dólares. No entanto, o povo norte-americano só se tornou mais viciado no consumo de bebidas alcoólicas, o que forçou o governo a permiti-la em 1933. A razão é simples: a aplicação das ordens não se baseava na crença[961].

Portanto, a civilização islâmica satisfez o ser humano com uma fé pura, simples, agradável, inspiradora e que dá vida. Assim, o homem livrou-se de todo medo, passou a não ter medo de ninguém, além de Allah, e teve a plena convicção de que somente Allah, exaltado seja, é Quem pode prejudicar e pode beneficiar, Quem dá e Quem detém, e que somente Ele é Quem garante as necessidades da humanidade. Assim, o mundo inteiro mudou na visão do homem com este novo conhecimento e descoberta. O homem tornou-se protegido contra todo tipo de adoração e escravidão, contra toda necessidade e medo das criaturas, e contra tudo o que distrai

961 Abu Al Hassan Al Nadawi: *Maza khassira Al Alam bi inhitat Al Muslimin (O que o mundo perdeu com a decadência dos muçulmanos)*, p. 90, rodapé 68.

a mente e confunde o pensamento. O homem sentiu uma unidade nesta diversidade e considerou-se a criatura mais honrada de Deus, o senhor deste planeta, e o sucessor de Deus nele, obedece ao seu Criador e Senhor e cumpre os Seus mandamentos. Desta forma, o homem realiza esta grande honra humana e esta grandeza humana eterna.

Esta é a civilização islâmica, que apresentou à humanidade esse dom raro – a crença do monoteísmo – que era desconhecida, estava obscura e injustiçada mais do que qualquer crença no mundo. A fé do monoteísmo que ecoou por todo o mundo e deixou o seu impacto em todas as filosofias e ideologias universais, quer nos níveis pequenos ou grandes. Assim, algumas das grandes religiões que se basearam e estavam intimamente ligadas à idolatria e ao politeísmo precisaram confessar, mesmo em voz baixa e sussurro, que Deus é Único e não tem sócios. Essas religiões foram forçadas a interpretar as suas crenças politeístas de uma forma filosófica que as inocenta da acusação da idolatria e da inovação e as torna semelhantes à fé do monoteísmo no Islam. Os líderes e depositários dessas religiões começaram a ficar com vergonha de admitir e mencionar a idolatria e todos estes regimes politeístas foram atingidos por um complexo de inferioridade e humilhação. Assim, esse dom do monoteísmo foi o dom mais precioso que fez a humanidade feliz, graças à contribuição da civilização islâmica e graças ao envio do profeta (a paz esteja com ele)[962].

962 Veja Abu Al Hassan Al Nadawi: *Al Islam wa Atharuhu fil Hadharah wa Fadhluhu ála Al Inssaniah (O Islam, seu impacto sobre a civilização e sua virtude sobre a humanidade)* p. 21-24.

Segundo Capítulo

O Desenvolvimento das Ciências Conhecidas

Por ciências conhecidas entendemos as ciências humanas e sociais. Havia muitas ciências comuns conhecidas nas sociedades conquistadas e outras sociedades antes da civilização islâmica. As civilizações anteriores tiveram boa influência sobre as ciências comuns, das quais os muçulmanos se beneficiaram e assimilaram o que é adequado à sua crença e cultura. Os muçulmanos, em seguida, fizeram suas esplêndidas contribuições, deixando a sua própria marca nessas ciências até hoje. Talvez, as mais marcantes destas ciências sejam as abordadas nas seguintes pesquisas:

1. A Filosofia
2. A História
3. A Literatura

1
A Filosofia

A palavra filosofia é originalmente uma palavra grega. É constituída de duas partes: *philien*, que significa *amar*, e *sophia*, que significa *sabedoria*. Portanto, o filósofo é uma pessoa que ama a sabedoria, ou é o amante da sabedoria[963].

Os filósofos muçulmanos colocaram muitas definições para a filosofia, uma delas foi a definição de Al-Kindi, na qual ele disse: "É o conhecimento das coisas como elas são na realidade, de acordo com a capacidade humana, porque o propósito de um filósofo em seu conhecimento é alcançar a verdade, e em seu trabalho é trabalhar com base na verdade"[964].

A ciência da filosofia apareceu e foi conhecida pelos muçulmanos somente após a atividade de tradução, mais especificamente na primeira época abássida. A existência dos livros de filósofos gregos, que eram amplamente difundidos no Mediterrâneo, entre Alexandria, Antioquia e Harran, abriu o caminho para que isso acontecesse. Além disso, Al-Ma'mun escrevia para os reis romanos, os bizantinos, para ter acesso aos livros e manuscritos, especialmente os livros de filosofia, pois Constantinopla, a capital dos romanos, era conhecida como a cidade da sabedoria[965].

Os romanos enviaram livros de filosofia e outras matérias para Al-Ma'mun e tradutores especializados responderam ao pedido de Al--Ma'mun e os traduziram para o árabe ou escreveram seus textos por meio de traduções siriânicas, porque os siriânicos tinham traduzido muitos livros

963 Veja Yahiya Huwaydi: *Muqadimah fi Al Falsafah (Introdução à Filosofia)* p. 22.

964 Rasa'il Al Kindi Al Falsafiyah *(As Mensagens Filosóficas de Al Kindi)*, 1 / 172.

965 Yaqut Al Hamawi: *Mu'jam Al Buldan (Dicionário de Países)* 7 / 87.

sobre filosofia grega antes da chegada dos muçulmanos. Seus tradutores mais famosos foram: Sérgio, Sofrônio, e Sawiris[966].

Logo após a filosofia grega ser traduzida junto com outras ciências gregas e tornar-se acessível para os muçulmanos, os estudiosos muçulmanos divergiram em suas posições sobre a filosofia grega. Alguns deles tiveram total rejeição e oposição e acreditaram que era uma porta para a desorientação e a corrupção. Essa foi a posição dos jurisprudentes mais rígidos. Outros tomaram uma linha moderada, com base na crítica e análise, absorvendo dela o que eles acreditavam que era certo e rejeitando o que eles acreditavam que era errado. Essa foi a postura dos *Mu'tazilah* e muitos dos *Asha'irah*, como Al-Ghazali, que estabeleceu uma distinção entre três partes da filosofia grega: "A parte que deve ser considerada descrença, uma parte que deve ser considerada *bid'ah* (inovação indesejável na religião), e uma parte que, originalmente, não deve ser negada"[967]. Outros estudiosos admiraram e apreciaram a filosofia grega e se dedicaram ao seu estudo, tentaram imitá-la e escrever conforme sua linha. Essa foi a posição de Al-Kindi e seus seguidores[968]. Alguns estudiosos muçulmanos, no Oriente árabe ou no Ocidente e na Andaluzia, dedicaram parte de sua atenção para a filosofia grega, como mostra o exemplo acima referido, e expressaram sua forte admiração para com ela. No entanto, eles não eram, como alguns orientalistas tentaram retratá-los, detentores de mera herança grega ou uma mera ponte sobre a qual este patrimônio passou da Grécia antiga à Europa nos tempos medievais e nos tempos que vieram depois.

Qualquer pessoa que estuda a herança de Al-Kindi, Al-Farabi, Ibn Sina ou Ibn Rushd, por exemplo, vai descobrir que esses filósofos, mesmo em sua explicação e resumo da filosofia grega, tinham sua própria contribuição inovadora que revela o seu pensamento inédito. Este é um fato inegável. Ele pode ser negado apenas por aqueles que têm profundas raízes do fanatismo detestável e ódio contra tudo o que é oriental ou islâmico. Talvez um dos aspectos mais marcantes da originalidade dos filósofos neste domínio torna-se claro no resultado das suas tentativas de conciliação entre a filosofia e a religião, ou entre a mente e a revelação. Essas tentativas foram precedidas por outros esforços para reconciliar Platão (427-347 a.C.), que

966 Veja Abd Al Munim *Majid: Tarikh Al Hadarah Al Islamiyah fi Al Usur Al Wustah (A História da civilização islâmica na época medieval)*, p. 220, 221.

967 Al Ghazali: *Al Munqiz min Al d.Halal (O salvador da desorientação),* p. 101.

968 Veja Abd Al Maqsud Abd Al Ghani: *Fi Al Falsafah Al Islamiya (Sobre a filosofia islâmica)*, p. 22,23.

tinha uma tendência idealista sufi, como foi entendido, e Aristóteles (384-322 a.C.), que adotou uma abordagem racional[969].

As contribuições dos estudiosos muçulmanos na ciência da filosofia se revelaram claramente na resposta às informações contidas nos livros e escritos gregos, na correção de seus erros, na ligação dos conhecimentos dispersos e fragmentos distantes contidos em seus extremos, adição de explicações suficientes e, em seguida, adição de novas informações que os eruditos muçulmanos descobriram e que ninguém das gerações antigas conhecia. Isso resultou na diversificação dos campos do pensamento filosófico no Islam, dos quais os mais importantes: a ciência da teologia, o sufismo, a filosofia islâmica pura. E a seguir, um breve resumo sobre cada um deles:

1 – Ciência da teologia (Ílm Al-Kalam)

Esta ciência é considerada um dos primeiros frutos do pensamento islâmico. Como Ibn Khaldun definiu, a ciência da teologia "é uma ciência que contém os argumentos das crenças islâmicas com provas racionais e respostas aos inovadores desviados"[970].

A teologia é considerada exclusivamente dos muçulmanos, pelo menos em seu início. Ela foi criada para defender as crenças religiosas e suas explicações ou interpretações de forma racional quando surgiu o desvio e ateísmo. Através desta ciência, surgiram as grandes escolas filosóficas e assim, surgiu o excelente trabalho dos muçulmanos na interpretação do Universo, na descoberta das leis naturais e no entendimento da existência, do movimento e da causa, que contraria o entendimento grego e com o qual os muçulmanos se anteciparam aos filósofos e pensadores modernos da Europa[971].

Talvez a atenção dos teólogos dispensada à reflexão e à razão em sua abordagem levou alguns orientalistas a considerar a ciência da teologia um objeto de inovação no pensamento filosófico islâmico e uma prova da originalidade intelectual entre os muçulmanos. A esse respeito, o orientalista francês Renan diz: "O movimento filosófico real no Islam deve ser procurado nas escolas dos teólogos."[972].

Veja Hamid Tahir: *Madkhal li dirasit Al Falsafah Al Islamiyah (Introdução ao estudo da filosofia islâmica),* p. 21.

970 Ibn Khaldun: *Al Ibar wa Diuan Al mubtada wa Al Khabar* 1/458.

971 Veja Ali Sami Al Nashar: *Nash'at Al Al Fiker Falsafi fi Al Islam (O nascimento do pensamento filosófico no Islam)* 1/31, e Abd Al Maqsud Abd Al Mughni: *Fi Al Falsafah Al Islamiyah (Sobre a filosofia islâmica)*, p. 24.

972 Veja Abu Al Wafa Al Taftazani: *Dirasat fi Al Falsafah Al Islamiyah (Estudos em Filosofia Islâmica),* p. 18.

2 – Sufismo

O sufismo é considerado um dos campos do pensamento filosófico islâmico. Isso ocorre porque, embora em sua essência o sufismo seja uma experiência espiritual pela qual o sufi passa, o pensamento se mistura com a realidade e a ciência se mistura com o trabalho nesta experiência. Assim, o sufismo não é uma filosofia pura que se empenha no estudo racional e teórico da natureza da existência, com o objetivo de alcançar uma teoria integrada metafísica livre de contradições. O sufismo é uma filosofia especial na vida, em que se mistura a paixão com o pensamento e a mente com o coração, com o propósito de compreender a verdadeira existência. Com base nisso, o sufismo teve opiniões, escolas e teorias que são consideradas fruto da integração de três capacidades humanas: a racionalidade, a emoção e o comportamento[973].

Devemos ressaltar aqui que o sufismo é uma ocultação organizada de uma experiência religiosa, seja ela qual for, e de resultados desta experiência na alma do indivíduo que o pratica. A partir desta descrição, o sufismo é um aspecto humano de natureza espiritual que não tem limites de tempo ou de espaço e não é exclusivo de uma nação ou uma raça[974].

3 – Filosofia Pura

É a filosofia daqueles que admiravam a filosofia grega e se dedicaram ao seu estudo, explicação e análise e também escreveram de acordo com sua linha, como Al-Kindi, Al-Farabi, Ibn Sina, Ibn Rushd, Ibn Bajah[975] e Ibn Tufayil[976]. Este grupo de filósofos muçulmanos foi uma luz com a qual o mundo e a civilizacão ocidental se iluminaram. A seguir, um resumo da vida de alguns desses filósofos muçulmanos:

973 Veja Abd Al Maqsud Abd Al Ghani: *Fi Al Falsafah Al Islamiyah (Sobre a filosofia islâmica)* p. 25.

974 Veja Abu Al Alaa Afifi: *Al Tasawwuf Al thawwrah Al Ruhiyah fi Al Islam (O sufismo, a revolução espiritual no Islam)* p. 56.

975 Ibn Bajah Al Andalusi: Abu Bakr Muhammad Ibn Yahiya Ibn Bajah (falecido em 533 d.H./1139 d.C.), filósofo apaixonado pelos naturalismos, astronomia, medicina e poesia. Um de seus livros: *Itisal Al A'qal (Ligação da mente)*. Veja Ibn Khillikan: *Wafiyat Al Aian*, 4 / 429.

976 Ibn Tufayil: Abu Bakr Muhammad Ibn Abd Al Malik Ibn Muhammad Ibn Muhammad Ibn Tufayil Al Qaysi Al Andalusi, (494-581 d.H./ 1100-1185 d.C.), médico, filósofo e poeta, trabalhou na esplanada do califa Al Muwahidi Abu Yussuf Ya'qub, autor da história de Hay Ibn Yaqzan. Veja Al Zirikli: *Al A'lam* 6 / 249.

Al-Kindi

Ele é Abu Yussuf Ya'qub ibn Ishaq Al-Kindi, Al Kufi (185-256 d.H./ 805-873 d.C.). Muitos estudiosos consideram Al-Kindi o fundador da filosofia árabe islâmica. Al-Kindi mereceu o título de "o filósofo dos árabes", pois deixou mais de duas centenas de livros sobre várias ciências. Dentre esses livros, um dos mais importantes sobre filosofia foi o seu valioso livro: *Al-Falsafah Al-Ula fima duna Al-tabi'yat wa Al-Tawhid (A Filosofia Primeira abaixo da natureza e o monoteísmo).*

Al-Kindi lançou as bases para explicar o problema do livre-arbítrio de uma forma filosófica. Al-Kindi percebeu que a verdadeira ação é aquilo que resulta da intenção e vontade e que a vontade do homem é uma força psicológica movida pelos pensamentos. Al-Kindi acredita na "causalidade" (as ações têm uma causa). Ele confirmou também a ideia da Providência Divina sob a qual o Universo está sujeito a regras fixas[977].

Al-Kindi também estudou matemática e astronomia, escreveu livros sobre medicina e medicamentos e também deixou sua marca na geografia, química, mecânica e música. Alguns orientalistas o consideraram uma das doze figuras que representam o auge do pensamento humano[978].

Al-Farabi

Abu Nasr Muhammad Ibn Tarhan Al-Farabi (259-339 d.H./872-950 d.C.) é considerado um dos maiores filósofos muçulmanos. Al-Farabi é conhecido como o segundo mestre, por ter estudado e explicado os livros de Aristóteles, o primeiro mestre. Nas mãos de Al-Farabi a filosofia aristotélica atingiu o ponto mais alto do desenvolvimento. Al-Farabi era conhecido entre os europeus como Alpharabius. Graças à sua explicação, ideias e estilo ele conseguiu aproximar a filosofia grega ao pensamento islâmico, o que não aconteceu antes nas mãos de Al-Kindi[979].

Um dos livros mais famosos e importantes de Al-Farabi é: *Ará Ahl Al-Madina Al-Fadilah (As opiniões dos moradores da cidade ideal),* no qual ele explicou o sistema ideal da sociedade humana e tentou explicar os diversos

977 Ibrahim Madkur: *Fi Al Falsafah Al Islamiyah (Sobre a filosofia islâmica)* 2 / 144.

978 Veja Qadri Hafiz Tawqan: *Turath Al Arab Al Ilmi (A herança científica dos árabes)* p. 27, e Fawqiyah Mahmud: *Maqalat fi asalat Al Mufakir Al Muslim (Artigos sobre a originalidade do pensador muçulmano),* p. 49.

979 Abd Al Munim Majid: *Tarikh Al Hadarah Al Islamiyah fi Al Usur Al Wusta (A História da civilização islâmica na época medieval),* p. 224.

aspectos do Islam e as múltiplas faces da cultura árabe e islâmica, à luz de sua própria filosofia. Al-Farabi pesquisou na ciência da teologia, da crença, *fiqh* (jurisprudência islâmica) e legislação. Seus livros foram traduzidos para o latim nos tempos medievais e foram publicados em Paris em 1638 d.C. e tiveram um grande impacto filosófico na Europa[980].

Ibn Sina (Avicena)



Livro Al-Shifaa de Ibn Sina (Avicena)

Abu Ali Al-Hussain Ibn Abdullah Ibn Sina (370-428 d.H./980-1037 d.C.). Ele era conhecido como Al-Sheikh Al-Ra'is (o sheikh líder, ou o líder entre os homens sábios) e era conhecido como o terceiro mestre, depois de Aristóteles e Al-Farabi. Sua fama como médico não foi menor que sua fama como filósofo. Sarton considerou-o como um dos maiores estudiosos do Islam e um dos mais famosos estudiosos internacionais. Ibn Sina é autor de muitos livros em filosofia que atestam a sua destreza na elaboração e desenvolvimento da filosofia. Alguns deles foram traduzidos para línguas europeias, dentre os mais importantes: *Al-Shifaa (A Cura)*, no qual ele reuniu as ciências da filosofia; *Al-Najah (O Sucesso)*, que foi a súmula de *Al-Shifaa*; *Al-Isharat wa Al-Tanbihat (Indicações e Advertências)*; *Nove Mensagens de Sabedoria*; e outros[981].

Ibn Rushd (Averróis)

Abu Al-Walid Muhammad Ibn Ahmad Ibn Rushd Al-Qurtubi Al--Andalusi (falecido em 595 d.H./1198 d.C.). Ibn Rushd é considerado um dos maiores filósofos muçulmanos na Andaluzia e um dos maiores explicadores da filosofia de Aristóteles, a ponto de ser conhecido como *Al-Sharih (O explicador)*. Ibn Rushd foi quem diferenciou entre os ensinamentos de Aristóteles e Platão. Ibn Rushd também se destacou com o

980 Rahim Kazim Muhammad Al Hashmi e Awatif Muhammad Al Arabi: *Al Hadarah Al Arabiyah Al Islamiyah (A civilização árabe islâmica),* p. 188.

981 Veja Abd Al Munim Majid: *Tarikh Al Hadarah Al Islamiyah fi Al Usur Al Wustah (A História da civilização islâmica na época medieval),* p. 225.

exame cuidadoso das matérias, a ponto de não aceitar muitas das opiniões de Aristóteles, que não concordam com a religião.

O Ocidente copiou a filosofia de Ibn Rushd em sua totalidade. Sua filosofia abriu a porta da investigação e discussão para o pensamento filosófico europeu. A escola de Al-Rushdiyah surgiu entre os europeus na adoção da racionalidade na pesquisa. Dentre os seus livros importantes: *Fasl Al-Maqal fima bain Al-Hikmah wa Al-Shari'ah min Al-Ittisal* (conhecido como: *A Harmonia entre a Religião e a Filosofia); Manahij Al-adillah fi Á'qaid Al-millah (Os métodos da provas nas crenças da Religião)*[982].

Em geral, a filosofia islâmica é considerada uma continuação do pensamento humano, ainda mais, representa um progresso para ele em alguns aspectos porque a filosofia islâmica assimilou das filosofias antigas e, em seguida, contribuiu para o seu aperfeiçoamento e acrescentou inovações a elas. Também abriu o caminho para as outras filosofias que vieram depois, empurrou a filosofia cristã fortemente para a frente, disparou o renascimento europeu e alimentou seus homens nos tempos modernos.

A influência da filosofia islâmica pode ser apontada de maneira objetiva no fato de ter levantado muitas questões e problemas na Europa, que ganharam a atenção de universidades e institutos e foram os temas de pesquisas, estudos e livros e ocupou diferentes ambientes culturais. Dentre estas questões: a alma e sua realidade, a teoria do conhecimento, o problema da antiguidade do mundo, a teoria da emanação, os atributos do Criador, o problema da Providência Divina, o bem e o mal, o problema da existência e da identidade ou o possível e o obrigatório, etc[983].

982 Idem, p. 227. Rahim Kazim Muhammad Al Hashmi e Awatif Muhammad Al Arabi: *Al Hadarah Al Arabiyah Al Islamiyah (A civilização árabe islâmica)*, p. 188.

983 Veja Abd Al Maqsud Abd Al Ghani: *Fi Al Falsafah Al Islamiyah (Sobre a filosofia islâmica)* p. 88.

2
A História

Sem dúvida, a História começou com a existência da própria sociedade humana, quando o homem começou a registrar os aspectos de sua vida de uma forma ou de outra, inventando assim um novo domínio para o conhecimento do homem de si mesmo. E sem dúvida, este padrão de conhecimento veio para cumprir as necessidades sociais que se impuseram sobre os grupos humanos desde o início. Assim, podemos estabelecer que a história tem uma missão social, por responder à necessidade dos grupos humanos de se autoconhecer[984].

Ibn Khaldun diz:

> A História é uma das artes difundidas pelas nações e gerações, são percorridas distâncias para ser adquirida, as pessoas comuns e simples desejam aprendê-la, os reis e os emires competem por ela, e é entendida por estudiosos e ignorantes. Isto ocorre porque, aparentemente, não é mais do que notícias sobre dias e países, bem como eventos passados dos primeiros séculos, onde se desenvolvem ditos e provérbios e dos quais as pessoas fazem uso em suas coletividades. A História nos diz como os seres humanos tiveram suas situações alteradas, seus altos e baixos, e como os países se expandiram e construíram a Terra até que eles foram embora e desapareceram. E interiormente (ou seja, dentro da ciência da história para as pessoas bem estudiosas) há reflexão e investigação, explicação precisa das criaturas e de seu princípio, bem como o conhecimento dos fatos cujas causas são profundas. Por isso,

984 Qasim Abduh Qasim: *Al Ruwa'ia Al Hadaria Littarikh (A visão civilizada da história)* p. 9.

> esta ciência é essencial e de sabedoria profunda e merece ser considerada uma das ciências da sabedoria[985].

A História pode ser definida como:

> O conhecimento das situações das comunidades e seus países, seus traços e costumes, ações de suas pessoas, suas descendências e mortes, e assim por diante. E seu tema envolve as condições das pessoas no passado, incluindo os profetas, homens virtuosos, eruditos, sábios, reis, poetas e outros. Seu objetivo é conhecer os eventos passados, e sua utilidade reside em extrair lições de tais condições, e ganhar experiência ao observar as alterações do tempo, para se proteger dos prejuízos e buscar os benefícios semelhantes aos que foram transmitidos. Esta ciência é outra idade para aqueles que analisam e tem uma série de benefícios para a pessoa permanente em sua cidade, que só são alcançados pelos viajantes[986].

A ciência da História islâmica foi caracterizada pela originalidade e independência, dado que emergiu de dentro da sociedade islâmica, a fim de atender às suas necessidades e propósitos. A História islâmica não foi uma sombra do conteúdo dos outros, ou uma citação de seus trabalhos históricos e pensamentos. Pelo contrário, ela veio para responder aos sentimentos religiosos dos historiadores e foi integrante das ciências religiosas. O calendário *hijri* – contado a partir da emigração do profeta (a paz esteja com ele) – foi a base da história islâmica para o registro de seus eventos e definição de suas datas[987].

No período pré-islâmico e no início do Islam, os árabes memorizavam a história em suas mentes. Isso não ocorreu porque eles não sabiam escrever, mas porque eles preferiam memorizar porque o talento de escrever naquela época não dava uma superioridade à pessoa na sociedade como dava a memorização. Portanto, a História dos árabes inicial eram fatos, dias e batalhas, que foram gravadas na memória e divulgadas por suas línguas. Mas, quando os árabes muçulmanos se afastaram de seus ambientes e se dispersaram pela Terra para as conquistas entre povos que não falavam a sua língua, o seu dom de memorizar enfraqueceu e surgiu a necessidade da

985 Ibn Khaldun: *Al Ebar wa Diuan Al Mubtadaa wal Khabar* 1 / 3, 4

986 Qasim Abduh Qasim: *Al-Ruwa'ia Al-Hadaria littarikh (A visão civilizada da história)* p. 9.

987 Ver Rosenthal: *A Ciência da História entre os muçulmanos, p. 267, e Ahmad Amin: Fajr Al Islam (A Alvorada do Islam)* p. 156-162.

escrita. No final do segundo século após a *hijrah*, os muçulmanos tinham extrema necessidade de definir e transmitir os *ahadith* (ditos) do profeta (a paz esteja com ele), as biografias e condições, e este foi o início da escrita da História islâmica. Mas, a escrita da História islâmica só começou a se difundir quando os povos dos países conquistados tornaram-se muçulmanos e se dedicaram ao aprendizado da língua árabe, pois a sua civilização anterior os auxiliou no amor pela história. Assim, os primeiros historiadores no Islam, em sua maioria, não eram árabes.[988].

Pode se dizer que os estudos de História islâmica foram inicialmente baseados na biografia do mensageiro (a paz esteja com ele), as informações de suas batalhas e de seus companheiros que participaram nelas, a emigração dos primeiros muçulmanos para a Abissínia e depois para Madinah. Makkah e Madinah foram o principal centro de atividade deste movimento histórico. Os historiadores costumavam se apoiar nas narrações orais assim como faziam os *muhaddithun* (estudiosos do *hadith*), o que evidencia que a História islâmica inicialmente tomou o mesmo estilo do *hadith*. Desta maneira, a informação histórica (a notícia) era relatada por uma corrente de narradores, o que é conhecido como *sanad* ou *isnad* (a corrente de transmissão), e em seguida, pelo texto da informação, que é denominado *matn*. Assim, os livros que relatam as expedições e a biografia são considerados os mais antigos livros históricos que combinam *hadith* e história. E a razão do zelo por esses livros foi o zelo dos muçulmanos pelas palavras e ações do mensageiro (a paz esteja com ele), para tê-las como orientação e diretriz.

Havia, portanto, dois métodos de escrita da História entre os muçulmanos. O primeiro método foi adotado pelos especialistas do *hadith*, que ficou claro através da história da biografia do profeta em Madinah. Este método se destacou pela menção da notícia com o seu *isnad* (corrente de transmissão). O segundo método foi o dos narradores, que se caracterizou por dar uma imagem completa sobre o fato histórico e revelar os detalhes e mencionar a poesia e os sermões. Este método surgiu em Kufa. Posteriormente, surgiu a combinação entre os dois métodos, assim como surgiram outras escolas de História, que se destacaram pela manipulação dos assuntos que abrangem exclusivamente as expedições, as conquistas islâmicas e o estudo da genealogia.

988 Abd Al Munim Majid: *Tarikh Al Hadarah Al Islamiyah fi Al Usur Al Wusta (A História da civilização islâmica na época medieval)* p. 211, 212.

Dentre os narradores mais famosos: Abban ibn Uthman ibn 'Affan[989], Muhammad ibn Shihab Al-Zuhri, Ibn Ishaq[990], Awana ibn Al-Hakam Al--Kalbi[991], Saif ibn Omar Al-Kufi[992] e Al-Mada'ini[993], que é considerado um dos narradores mais importantes por ter se apoiado mais na corrente de transmissão do que os outros além dele e por ter adotado o método dos especialistas do *hadith* na crítica, exame e organizacão das narrações.

Quanto aos métodos mais importantes da escrita histórica entre os muçulmanos, são representadas da seguinte forma:

1. Os livros da biografia profética e das expedições do mensageiro (a paz esteja com ele)

O interesse dos muçulmanos pelos ditos e ações do mensageiro (a paz esteja com ele) para seguí-las e tê-las como fonte na legislação islâmica e nos sistemas administrativos incentivou os escritores a escrever sobre a biografia do mensageiro (a paz esteja com ele). Os narradores da biografia e seus livros podem ser cronologicamente divididos em três grupos: o primeiro grupo engloba principalmente Urwa ibn Al-Zubair ibn Al-Awam, (que é *tabi'i* – da geração posterior à geração dos discípulos do profeta – falecido em 92 d.H.), Abban ibn Uthman ibn 'Affan, que deixou folhas contendo fragmentos da vida do mensageiro, e Sharhabeel ibn Sa'd[994]. Entre os homens do segundo grupo temos Muhammad ibn Muslim ibn Shihab

989 Abban ibn Othman ibn 'Affan Al Umawi Al Qurashi, nasceu e morreu em Madinah, morreu em 105 d.H.-723 d.C.), o primeiro a escrever sobre a biografia do profeta. É filho do califa Othman. Ver: Ibn Hajar, *Tahzheeb Al Tahzheeb* 1 / 84.

990 Ibn Ishaq: Muhammad ibn Ishaq ibn Yasar Al Mutlabi (falecido em 151 d.H.-768 d.C.), um dos mais antigos historiadores árabes, natural de Madinah. Dentre as suas obras: *Al Sira Al Nabawia (A Biografia Profética)*, revista por Ibn Hisham. Veja Ibn Khillikan: *Wafiyat Al Aian (Obituário de Dignitários)* 4 / 276, 277.

991 Awana Al Kalbi: Abu Al Hakam Awana ibn Al Hakam ibn Awana ibn Iyadh (falecido em 147 d.H. -764 d.C.), um grande sábio historiador, eloquente. Seus principais livros são: *Al-Tareekh (A história)* e Siar Muawiya wa bani Umaya *(Biografias de Muawiya Umayah e dos omauitas)* e outros. Veja Al Thahabi: *Siar A'lam Al Nubala (Biografias dos Nobres)* 7 / 201.

992 Saif ibn Omar Al Assadi Al Kufi (falecido em 200 d.H.-815 d.C.), um biógrafo que ficou famoso e morreu em Bagdá. Ele escreveu: *Al Jumal* e *Al Fotouh Al Kabeer*. Veja Ibn Hajar: *Tazheeb Al Tazheeb* 4 / 259.

993 Al Mada'ini: Abu Al Hassan Ali ibn Muhammad ibn Abdullah (135-225 d.H./752-840 d.C.), um narrador e historiador, habitante de Bassra, escreveu muitas obras, dentre elas: *Akhbar Quraish (A Notícias dos Coraixitas)*. Veja Al Thahabi: *Siar A'lam Al Nubala (Biografias dos Nobres)* 10/400-402.

994 Sharhabeel ibn Sa'd: Sharhabeel ibn Sa'd Al Khatmi Al Madani (falecido em 123 d.H.-740 d.C.), estudioso em batalhas e especialista sobre os participantes da batalha de Badr (badriin), narrava e sentenciava sobre a ciência do *hadith*. Havia fraqueza em sua narração. Veja Ibn Hajar: *Tahzhib Al Tahzhib* 4 / 282

Al-Zuhri, considerado um dos maiores historiadores das expedições e da biografia. Dentre os mais famosos historiadores do terceiro grupo temos Muhammad ibn Ishaq, a quem são atribuídos os mais antigos livros biográficos que chegaram até nós.

2. Livros de classes

A cultura histórica islâmica conheceu os livros de classes muito cedo; tais livros são pertinentes à escrita e autenticidade do *hadith*, algo que levou à observação dos *assanid* do *hadith* (as correntes de transmissão dos ditos do profeta – a paz esteja com ele) e das condições dos narradores, dando origem à ideia das classes.

Os estudiosos do *hadith* tiveram de procurar estabelecer critérios para aceitar e autenticar o texto dos ditos do mensageiro (a paz esteja com ele). Tais critérios basearam-se principalmente na moralidade, honestidade e piedade dos narradores, e adicionaram a isso o seu ambiente familiar, a natureza de sua ligação com o profeta (a paz esteja com ele), o período que passaram com ele e suas relações com seus companheiros mais próximos e com os califas probos (*Al khulafaá Al rashidun*). Eles também se concentraram na ocorrência de um encontro real ou possível dos narradores e zelaram em saber as datas de nascimento e morte de cada um dos narradores mencionados na corrente de transmissão.

Assim, o *isnad* foi a causa do surgimento das biografias que incluem informações detalhadas sobre cada um dos narradores. Então foi necessário ordenar estes homens em classes sucessivas e concentrar-se na contemporaneidade, nas relações comuns e na natureza de tais relações em busca de uma sequência dos narradores até a fonte, que é o profeta (a paz esteja com ele). Assim nasceu a ideia de classes, que apresentou os indivíduos do *sanad* sob diversas classificações[995].

Assim, as classes surgiram em muitos campos, entre eles: os livros de classes dos estudiosos do *hadith*, classes dos memorizadores, classes dos eruditos de *fiqh* (jurisprudência), classes de *Al-Shafia'ia* (estudiosos da escola *shafi'ia*), classes de *Al-Hanabila*, classes dos recitadores, classes dos intérpretes do Alcorão, classes dos sufis, classes dos poetas, classes dos estudiosos da gramática árabe e classes dos médicos. Dentre os mais renomados livros

995 Veja Muhammad Khair Mahmoud Al Beqa'ai: *Al Ta'alif fi Tabaqat Al Malikia fi Al Turath Al Arabi (Escritas em classes de Al-Malikia no patrimônio árabe)*... um estudo explicativo e histórico 258, 259.

de classes: *Al-Tabaqat Al-Kubra (As Grandes Classes)*, escrito por Muhammad ibn Sa'd Al-Zuhri[996]; *Tabaqat Al-Shua'raa (As Classes dos Poetas)*, por Ahmad ibn Salam Al-Jumahi[997]; *Tabaqat Al-Atebbaa (As Classes dos Médicos)* por Ahmad ibn Abi Usaibaa (falecido em 668 d.H.), entre outros.

3. Livros biográficos

São livros enciclopédicos que apresentam as biografias de pessoas famosas que compartilham a característica de fama em seus campos de especialização, incluindo sábios, literatos, líderes, califas, entre outros. Dentre estes livros: *Mu'ujam Al-Udabaa (Dicionário de literatos)*, por Yaqut al-Hamawi (falecido em 626 d.H.); *Usd al-Ghabah Fi Ma'refat Al-Sahabah (Leões da selva na apresentação dos Sahabah)*, por Ibn al-Athir; *Wafiyat Al-Ayan (Obituário de Dignitários)*, por Ahmad ibn Muhammad ibn Ibrahim ibn Khillikan (falecido em 681 d.H.), que é um dos livros biográficos mais famosos e um dos melhores em precisão e exatidão; *Fawat Al-Wafiyat (Passagem de Óbitos)*, por Ibn Shakir Al-Kutbi[998]; *Al-Wafi bil wafiyat (O Integral em Óbitos)*, por Salah Eddin Khalil Al-Safadi[999].

4. Livros sobre as conquistas

Os livros que trataram das conquistas dos países e lugares, como por exemplo: *Futuh Misr wa Al-Magreb wa Al-Andalus (As Conquistas do Egito, do Oriente e da Andaluzia)*, por Ibn Abdel-Hakam (falecido em 257 d.H.); *Futuh*

996 Ibn Sa'd: Abu Abdullah Muhammad ibn Sa'd ibn Mani' Al Zhuri (168-230 d.H.-784-845 d.C.), um historiador de confiança, memorizador de *hadith*, nascido em Bassra e falecido em Bagdá. Um de seus mais famosos livros: *Al Tabaqat Al Kubra*. Veja Ibn Hajar *Tahzheeb Al Tahtheeb* 9 / 161.

997 Al-Jumahi: Abu Abdullah ibn Muhammad ibn Salam Al Jumahi (150-232 d.H./767-846 d.C.), uma grande figura literária, natural de Bassra, faleceu em Bagdá. Entre seus livros famosos: *Tabaqat Foboul Al Shu'ara (Classes de grandes poetas)*. Veja Yaqut Al Hamawi *Mu'jam Al Udabaa (Dicionário de Literários),* p. 2541.

998 Ibn Shakir Al Kutbi: Salah Eddin Muhammad ibn Shakir Al Dimashqi (falecido em 764 d.H.-1363 d.C.), historiador e pesquisador, conhecedor de literatura, nasceu e morreu em Damasco. Dentre as suas principais obras: "Fawat Al Wafiyat". Veja Ibn Al Imad *Shuzhurat Al Zhahab (Fragmentos de Ouro)* 6/203-205.

999 Al Safadi: Salah Eddin Khalil ibn Aybak ibn Abdullah (696-764 d.H./1296-1363 d.C.), Literário e historiador, Nascido em Safad (na Palestina). Ele foi responsável por diuan Al inshá em Safad, Egito e Aleppo e, em seguida, pela Casa da Moeda em Damasco, onde morreu. Entre suas obras de destaque: *Al Wafi Bil Wafiyat*. Consulte: *Shuzhurat Al Zhahab* (6/200-203).

Al-Buldan (As Conquistas dos Países), por Al-Balazhri[1000]; *Futuh Al-Sham (As Conquistas da Assíria)*, por Al-Waqidi[1001].

5. Livros genealógicos

Eles trataram da genealogia e origem dos árabes. Os árabes tinham interesse exclusivo nesta ciência, devido ao fanatismo tribal que era inerente ao período pré-islâmico. Dentre os genealogistas mais famosos: Muhammad ibn Al-Sa'eb Al-Kalbi, que escreveu *Jamharut Al-Nasab (Coleção de Genealogia)*; Mussaab Al-Zubairi[1002], que escreveu *Nassabu Quraish (Genealogia dos coraixitas)*; e Ibn Hazm Al-Andalusi escreveu *Jamharat Ansab Al-'arab (Coleção da Genealogia dos Árabes)*.

6. As histórias locais

São livros históricos que foram dedicados à história de um determinado país com muitos detalhes. Dentre os mais famosos: *Wulat Misr wa Qudatuha (Governantes e Juízes do Egito)*, por Abu Omar Al-Kindi[1003]; *Tarikh Baghdad (História de Bagdá)*, por Al-Khatib Al-Baghdadi; *Tarikh Dimashq (História de Damasco)*, por Ali ibn Al-Hassan ibn Assakir, que consistia em oitenta volumes; *Al-Baian Al-Mughreb Fi Akhbar Al-Maghreb (O esclarecimento do Admirado sobre as Notícias do Oriente)*, por Ibn Azhari[1004]; *Al-Nujum Al--Zahera fi Muluk Misr wal qahira (As Estrelas Brilhantes sobre os Reis do Egito e*

1000 Al Balathri: Ahmad ibn Yehia ibn Jaber ibn Daud (falecido em 279 d.H.-892 d.C.), historiador, geógrafo, genealogista e poeta. Natural de Bagdá. A mais famosa de suas obras é *Futuh Al Buldan (Conquista dos países)*. Veja Al Zhahabi: *Siar A'lam Al Nubala (Biografias dos Nobres)* 16/36.

1001 Al Waqidi: Abu Abdullah Muhammad ibn Omar ibn Waqid Al Sahmi (130-207 d.H./747-823 d.C.), um dos mais antigos historiadores no Islam, memorizador de *hadith*. Entre os seus livros: Al Maghazi Al Nabawia. Veja Al Zhahabi: *Siar A'lam Al Nubala (Biografias dos Nobres)* 4/348-350.

1002 Mussaab Al Zubairi: Abu Abdullah Mussab ibn Abdullah ibn Mussab (156-236 d.H./773-851 d.C.), sábio em genealogia e bem versado em história, Um narrador confiável de *hadith* e poeta. Dentre os seus livros: *Nassab Quraish (Genealogia dos coraixitas)*. Veja Al Asfahani: *Shuzhurat Al Zhahab* 2 / 86, 87.

1003 Abu Omar Al Kindi: Abu Omar Muhammad ibn Yussuf ibn Yaqoub (283-355 d.H./896-966 d.C.), historiador, o maior especialista na história do Egito, seus habintantes, suas obras e lugares. Entre seus livros de destaque: *Al Wulat wal Qudat (Os governantes e os juízes)*. Veja Al Zirikli, *Al A'lam* 7 / 148.

1004 Ibn Azhari: Abu Abdullah Muhammad ou Ahmad ibn Muhammad Al Marrakeshi (falecido em 695 d.H./1295 d.C.), historiador de origem andaluz, natural de Marrakesh. Veja Al Zirikli *Al A'lam* 7 / 95.

do Cairo), por Jamal Eddin Yussuf ibn Taghri Bardi Al-Atabki[1005] (falecido em 874 d.H.).

7. Livros de História em geral

O âmbito de interesse dos historiadores se expandiu, então, ao lado das biografias, surgiram compilações mais amplas e aprofundadas à qual se denomina "histórias gerais", nas quais se escreve a História em ordem cronológica. Nestas obras, o autor narra a História da humanidade desde o início da criação, passando pelas mensagens celestias antes do Islam, período pré-islâmico, a época do profeta (a paz esteja com ele) e dos califas justos até as histórias islâmicas posteriores. Entre os escritores mais renomados de histórias em geral: Muhammad ibn Jarir Al-Tabari, que escreveu *Tarikh Al Rusul wal Muluk (História dos mensageiros e dos Reis)*, mais conhecido como *Tarikh Al-Tabari (História de Al-Tabari)*; o livro *Muruj Al-Zhahab wa Ma'din Al-Jawhar (Gramados de Ouro e Fontes de Joias)*, escrito por Al-Mas'udi, que é um livro enciclopédico; *Al-Kamel fi Al-Tareekh (O Completo em História)*, conhecido como *Tareekh Ibn Al-Athir (História de Ibn Al-Athir)*, escrito por Ezz Eddin Ibn Al-Athir, que é uma das fontes mais confiáveis da história islâmica; *Al-Bidaiah wal Nihaiah (O Princípio e o Fim)*, por Ibn Katheer; *Al-Ibar fi Diuan Al-Mubtada wa Al-Khabar fi Ayyam Al--Arab wa Al-Ajam wa Al-Barbar wa man A'ssarahum min Dawiu Al-Sultan Al--Akbar (As Lições no Registro do Sujeito e Predicado dos Dias dos árabes, estrangeiros e os seus contemporâneos mais influentes),* mais conhecido como *Tarikh Ibn Khaldun (História de Ibn Khaldun),* escrito por Abu Zaid Abdul Rahman ibn Muhammad ibn Khaldun[1006].

Há também outras formas de escrita histórica, alguns historiadores citaram cerca de mil tipos. Al-Zhahabi citou quarenta tipos de escrita, entre elas: a biografia do profeta, as histórias dos profetas, a história dos companheiros (discípulos), califas, reis, países, ministros, governantes, *fuqahá* (eruditos e jurisprudentes islâmicos), leitores (do Alcorão), memorizadores, *muhaddithun* (estudiosos do *hadith*), historiadores, gramáticos,

1005 Ibn Taghri Bardi: Abu Al Mahasin Jamal Eddin Yussuf ibn Taghri Bardi (813-874 d.H./1410-1470 d.C.), historiador e pesquisador, nasceu e morreu no Cairo. Entre os seus livros: *Al Nujoum Al Zahera fi Mulouk Misr wal Qahera.* Veja Ibn Al Emad *Shutzhurat Al Thahab* 2 / 100.

1006 Rahim Kadhem Muhammad Al Hashemi e Awatef Muhammad Al Arabi: *Al Hadara Al Arabiya Al Islamia (A civilização árabe islâmica),* página 179-181. E Hekmat Abdul Karim Furaihat e Ibrahim Yassin Al Khatib: *Madkhal ila Tareekh Al Hadara Al Arabiya Al Islamia (Introdução à história da civilização árabe islâmica).*

literários, linguistas, poetas, adoradores, pessoas piedosas, sufis, juízes, governadores, professores, exortadores, pessoas notáveis, médicos, filósofos e avarentos[1007].

Franz Rosenthal[1008] diz:

> Não há dúvida de que a quantidade de escritos históricos islâmicos é enorme e que os escritos bizantinos estão estreitamente relacionadas com os islâmicos, mas a história islâmica é mais destacada graças à sua grande variedade e à sua gigante quantidade. Na verdade, podemos duvidar que tenham existido escritos históricos em qualquer lugar no início da história que podem ser equivalentes aos escritos islâmicos em quantidade. A escrita da história dos muçulmanos pode ser equivalente aos escritos gregos e latinos em número, mas certamente superam os da Europa e Oriente Médio na Idade Média. Sem dúvida, não é possível esconder a sua excelente posição no movimento islâmico literário dos cientistas ocidentais que tiveram contato com os árabes. Porém estes cientistas se preocuparam com ciências, filosofia e teologia. Assim como seus contemporâneos muçulmanos comuns, eles não se curvaram a ponto de reconhecer qualquer existência de escritos históricos[1009].

1007 Veja Rosenthal: *Ciência da História entre os muçulmanos*. p. 518-522.

1008 Franz Rosenthal (1914-1975 d.C.), orientalista americano de origem alemã, lecionou em diversas universidades importantes. Escreveu um livro intitulado *Ciência da História entre os muçulmanos*.

1009 Idem, p. 269, 270.

3
A Literatura

Os árabes conheceram a ciência da literatura antes do surgimento do Islam. Embora seja possível traçar o início das literaturas, como o latim e o persa, é impossível fazê-lo com a ciência da literatura árabe, dado que é mais antiga do que os textos que chegaram até nós. Os muçulmanos aprenderam muitas ciências dos gregos, mas eles não assimilaram algo considerável da literatura grega, apesar das suas maravilhas. A literatura árabe também não foi influenciada pelas características gregas, embora os árabes tenham lido alguns livros literários gregos, como o livro de Poesia de Aristóteles e os épicos gregos renomados, a *Ilíada* e a *Odisseia*. Pelo contrário, a literatura árabe teve grande influência sobre as literaturas europeias – como veremos posteriormente – que resultaram da literatura grega e latina. E, sem dúvida, a literatura expressa o espírito da nação. E a literatura árabe também nasce do espírito árabe e islâmico.[1010]

Os estudiosos definem a ciência da literatura como: saber como evitar todos os erros verbais e escritos na língua dos árabes. Seu objetivo é aperfeiçoar as artes da poesia e da prosa, para refinar a mente e purificar a alma[1011]. Ibn Khaldun afirma: "Para os linguistas, seu objetivo é o seu fruto, que é a perfeição das artes da poesia e prosa, de acordo com os métodos e as tendências dos árabes."[1012]

A origem da palavra "*Adab*" (literatura) é tão desconhecida quanto o seu desenvolvimento na época islâmica, uma vez que os árabes mudaram suas vidas através da comunicação com os países que tinham conquistado e que tinham literaturas anteriores. E com a difusão do Islam entre os povos destes países, a palavra *Adab*, no início do período islâmico, tinha um

1010 Abdul Monem Majid: *Tareekh Al Hadara (História da Civilização)*, p. 197.

1011 Ver: Al Qanougi: *Abjad Al Olum (Dicionário de Ciências)*, 2 / 44.

1012 Ibn Khaldun: Al Ibar, 1 / 553.

significado religioso que indicava a Sunnah, em seguida passou a indicar o estilo de qualquer trabalho e, em seguida, passou a indicar a cultura geral e a assimilação de partes de cada ciência. De um modo geral, acabou se resumindo à perfeição das artes da poesia e da prosa[1013].

A Poesia

São as expressões medidas pela rima, ou seja, a última letra da estrofe. Por ser muito antiga, a poesia é considerada um dos maiores conhecimentos dos árabes. Ela chegou até nós a partir do período pré-islâmico com as suas regras simétricas e seus diversos tipos foram compostos pelos árabes, que mais tarde foram chamados: *rajz*, *qaridh*, *maqbudh* e *mabsut*. No período pré-islâmico, os árabes costumavam colocar praças à disposição dos poetas em datas definidas, se reuniam nessas praças para expressar seus poemas na presença de dignitários. Quem deles se sobressaía, seu poema era pendurado nas paredes da *Kaabah* e era denominado "*mua'laqah*" (penduradas).

Os temas da poesia árabe eram muito variados, entre os quais podemos citar: ostentação, elogio, sátira, lembrança triste, descrição, genealogia, rejuvenescimento. E dentre os mais destacados temos o orgulho tribal e linear. Em fontes árabes, há muitos exemplos de ostentação que ocorreram no período pré-islâmico entre poetas de diversas tribos, que resultavam em guerra e derramamento de sangue até que o Islam surgiu e proibiu tais práticas abomináveis. Entre os poetas árabes da era pré-islâmica: Mohlhel, Imru'u Al-Qais, Al-Nabegha Al-Thubiani, Zuhair ibn Abi Sulma, Antara ibn Shaddad, Tarafa ibn Al-Abd, Alqama Al-Fahl, Al-Asha e Labid ibn Rabeaa. Havia também poetisas como Hind e Al-Khansaa[1014].

Com o surgimento do Islam, que proibiu a ostentação linear e tribal que costumava ser o tema central da poesia árabe e que resultou em divisões e guerra entre eles, a poesia tomou um novo rumo, pois o Islam tem uma visão equilibrada, mal dizendo os poetas hipócritas, mas elogiando os sinceros. Deus, altíssimo seja, diz: ***"E aos poetas, seguem-nos os desviados. Não viste que eles vagueiam por todos os vales, e dizem o que não fazem? Exceto os que creem e fazem as boas obras e se lembram, amiúde, de Allah e se defendem, após haverem sofrido injustiça. E os que são injustos saberão qual tornada a que tornarão"*** (Al-Shu'ará:

1013 Abdul Monem Majid: *Tareekh Al Hadara (História da Civilização),* p. 197.

1014 Idem, p. 198-200.

224-227). E Ubai ibn Kaab narrou que o mensageiro (a paz esteja com ele) disse: "Na poesia há sabedoria"[1015]. E Ibn Abbas (que Deus esteja satisfeito com ele) disse: "Se vocês não conseguirem encontrar algo no Alcorão, vocês poderão encontrá-lo na poesia, pois é o arquivo dos árabes[1016].

Os poetas apoiaram a pregacão do Islam e participaram nas batalhas de libertação e conquistas, elogiaram o mensageiro (a paz esteja com ele) e os companheiros, estimularam os combatentes a lutarem e a buscarem o martírio pela causa de Allah e também lembraram os mártires combatentes. Entre os principais poetas do início da era do Islam: Kaab ibn Zuhair (falecido em 26 d.H. – 645 d.C.), o poeta de Al-Burda (poesia de elogio ao profeta Muhammad); Abu Zhua'ib Al-Huzhali (falecido em cerca de 27 d.H. – 648 d.C.) e Hassan ibn Thabet (falecido em 54 d.H. – 674 d.C.).

Na época dos omíadas, os propósitos da poesia se desenvolveram e foram inclusas novas artes pertinentes à doutrina islâmica através da preocupação dos califas e dos governantes pela poesia, por um lado, e através do desenvolvimento da vida social, bem como o surgimento dos partidos políticos, por outro lado. A poesia se desenvolveu nesta época devido ao interesse que o Estado e os governantes tinham pela poesia por causa da necessidade deles e de sua grande influência sobre o público. Os omíadas a utilizaram como um meio de tornar públicas as suas conquistas, obter apoio para sua autoridade e atacar os líderes de seus adversários, principalmente os xiitas, os *khawarijh* e os *zubayriun*. Dentre os mais descatados poetas omíadas: A'cha Rabea'h Abdullah ibn Kharejah (faleceu por volta de 100 d.H.-718 d.C.), Idiy ibn Al-Reqaa (falecido em 95 d.H.-714 d.C.), que foi o poeta de Al-Walid ibn Abdel-Malik. Entre os grandes poetas omíadas iraquianos, que viveram sob a custódia dos omíadas: Jarir (morreu em 110 d.H.-728 d.C.), Al-Farazdaq (morreu em 110 d.H.-728 d.C.), e Al-Akhtal (morreu em 90 d.H.-708 d.C.). Quanto aos poetas de partidos antiomíadas, os principais poetas xiitas foram: Abu Al-Aswad Al-Du'ali (falecido em 69 d.H.), Al-Kumait ibn Zaid (falecido em 126 d.H.). E dentre os poetas *khawarijh*: Al Termah ibn Hakim (falecido em 100 d.H.). E dos poetas Zubayri: Ibn Qais Al-Ruqaiat (morreu em 75 d.H.). Nesta época, surgiram os poetas de romance, com seus dois tipos: o casto, que se destacou pela simplicidade, verdade e sobriedade. Neste tipo de poesia se destacou Jamil Buthaina (morreu em 82 d.H.) e Laila Al-Akhilia (morreu em 75

1015 Al Bukhari, (5793), Abou Daud (5010), Al Tirmizhi (2844), Ibn Majah (3755).

1016 Al Mustadrak, Kitab Al Tafseer (3845).

d.H.). O segundo tipo é o explícito, no qual Omar ibn Abi Rabe'a (morreu em 93 d.H.) ficou conhecido[1017].

A época abássida testemunhou uma grande revolução na poesia, tanto em quantidade como em qualidade, em termos de assuntos, significados, métodos e vocabulário. E surgiram novos propósitos que não existiam anteriormente e desapareceram outros propósitos. A poesia política, a poesia entusiástica e o romance casto se enfraqueceram, mas a poesia de elogio e a poesia de lembrança triste se fortificaram, assim como a poesia sábia aumentou. Surgiram a poesia ascética, sufi, filosófica, educacional e narrativa (de histórias). Mais tarde, os poetas foram longe demais em usar os tipos do trocado e antítese, e deram ênfase às palavras de embelezamento, conduzindo ao florescimento do movimento poético e literário, em virtude da fusão entre diferentes sociedades e elementos e da transferência de culturas estrangeiras por meio da tradução, bem como a difusão das diferenças políticas e doutrinárias entre as seitas islâmicas, por um lado, e entre estes e outros por outro. Além disso, os poetas foram incentivados pelos califas e governantes em Bagdá e outras cidades. E assim, vários poetas brilharam no céu da literatura abássida, como por exemplo: Bashar ibn Burd (falecido em 168 d.H.), Abu Nuwas (falecido em 198 d.H.), Abu Tammam Habeeb ibn Aws Al-Ta'i (falecido em 228 d.H.), Al-Buhturi (falecido em 284 d.H.), Ibn Al-Rumi (morreu em 283 d.H.), Abu Al-Tayib Al-Mutanabbi (morreu em 354 d.H.), Abu Firas Al-Hamadani (morreu em 357 d.H.), e Abu Al-Alá Al-Marri (morreu em 449 d.H.)[1018].

Na Andaluzia, os poetas da Andaluzia inventaram e desenvolveram *Al-muwashah* (forma pós-clássica da poesia árabe disposta em estrofes) e inovaram seus métodos. Al-muwashah foi um grande passo no desenvolvimento da forma de poesia árabe, pois deu ao poeta a liberdade de manipulação na rima e a liberdade de diversificação na simetria. A difusão desse tipo de poesia levou ao surgimento da arte de zajal popular (poemas em forma estrófica). Ibn Khaldun diz: "Quanto ao povo da Andaluzia, quando a poesia floresceu em seu país, seus métodos e artes foram refinados e foi elegantemente composta, mais tarde, os poetas mais novos inventaram uma arte à qual denominaram *Al-muwashah*"[1019]. Entre os mais famosos poetas da Andaluzia temos Ibn Zaidun (falecido em 463 d.H.), e o rei de Sevilha Al-Mu'tamid ibn Abbad (falecido em 488 d.H.).

1017 *Raheem Kazem Muhammad Al Hashimi e Awatef Muhammad Al Arabi, Al Hadara Al Arabiah Al Islamiah,* p.173, 174.

1018 Idem, p. 174.

1019 Ibn Khaldun, Al Ibar, 1 / 583.

A Prosa

É a palavra sem medição. E não foi menos próspero e produtivo do que a poesia. A prosa teve início na primeira era do Islam de forma simples, direta e concisa. Tinha várias formas, entre elas: mensagens, sermões, palavras, parábolas e contos. E com o desenvolvimento da vida social e intelectual, desenvolveu-se a prosa e se diversificaram os seus assuntos e artes. Assim, surgiu e se aperfeiçoou a arte da escrita na época dos omíadas. Entre os primeiros grandes escribas: Abdul-Hamid Al-Katib (morreu em 132 d.H.), que abrangeu as condições de escrita em suas famosas mensagens que ele direcionou aos escribas, a ponto de se dizer: "A escrita começou com Abdul-Hamid e terminou com Ibn Al-Amid".

A arte de escrever cresceu na era abássida. Dentre os mais proeminentes nesta arte: Al-Jahedh (falecido em 255 d.H.), que desenvolveu a prosa *murssal* (sem rima), alargou o seu âmbito e se tornou seu líder; e Ibn Al-Muqafaá (morreu em 142 d.H.). A prosa atingiu seu ápice no quarto século após a *hijrah*, que teve como figuras mais famosas: Abu Hayan Al--Tawheedi (falecido em 400 d.H.) e Ibn Al-Imad (falecido em 366 d.H.) e outros, que eram famosos em prosa rimada (*assaj'*). Mas, depois, prevaleceu na prosa uma onda de embelezamento verbal e eloquência extrema em detrimento do significado. Isto é claro em *Al-maqamat* (contos) e mensagens de alguns escritores contemporâneos.

Tipos de Prosas:

- **Mensagens:** são consideradas um tipo de prosa artística e são divididas em dois tipos: as mensagens oficiais e as mensagens gerais (informais). Na primeira época islâmica e na era omíada, as mensagens eram resumidas e claras e não tinham exageros. Em seguida, na época abássida, os escritores das repartições (*dauauin*) começaram a escrever mensagens com arte e grande eloquência. Entre os famosos escritores de mensagens: Abdul-Hamid Al--Katib, Ibn Al-Amid, Al-Saheb ibn Abbad e outros. Quanto às mensagens especiais (*ikhwaniat*), que são as escritas de um amigo para outro, Al-Jahedh e Ibn Zaidun foram os principais escritores deste tipo de mensagens.

- **Oratória:** é um outro tipo de prosa árabe. Os muçulmanos deram grande atenção a este tipo logo após a poesia, uma vez que

é a linguagem retórica que envolve entusiasmo e imaginação. A oratória tinha grande importância no período pré-islâmico e no início do Islam. Os árabes treinavam seus filhos na oratória desde sua primeira idade. Os livros literários contém vários discursos eloquentes. Dentre os mais famosos oradores da época dos califas justos temos o quarto califa Al-Imam Ali ibn Abu Talib (que Allah esteja satisfeito com ele). O livro *Nahj Al-Balagha (Abordagem da Eloquência)* contém seus sermões e mensagens eloquentes, mas incluiu muitos sermões que foram atribuídos a ele, porém ele, na verdade, não os falou. A oratória também se desenvolveu na época dos omíadas, vários califas e governadores como Abdul-Malik ibn Marwan, Al-Hajjaj ibn Yussuf e Ziad ibn Abeeh, foram grandes oradores que faziam uso dos sermões para transmitir suas mensagens às pessoas e influenciá-las através da divulgação de seus princípios e propósitos. Essa época deixou um grande número de sermões eloquentes em suas frases e ricos em suas ideias. No entanto, na época abássida, a oratória teve uma grande retração em relação às épocas anteriores, não havendo entre os califas quem se destacasse pela oratória.

- **Provérbios:** os muçulmanos também zelaram pelos provérbios, os coletaram e os escreveram em livros, dentre os mais famosos: *Majmaa Al-Amthal (Coleção de Provérbios)* por Al-Maidani[1020], *Al-Mostaqsi fi Amthal Al-árab (Localizador em provérbios dos árabes)* por Al-Zamakhshari[1021], que é um dicionário em ordem alfabética de provérbios árabes.

- **Contos e narrações:** os muçulmanos possuem uma herança enorme em contos e narrações, os quais ainda são lidos e deixam as pessoas impressionadas graças ao seu amplo horizonte, à sua fina imaginação e incrível história. Eles incluem principalmente as histórias de Antar (ou Antarah), que era um cavaleiro negro da tribo de Abs; Saif ibn Zhi Yazen, um herói iemenita; Abu Zaid

1020 Al Maidani: Ele é Abu Al Fadl Ahmad ibn Muhammad ibn Ahmad ibn Ibrahim (falecido em 518 d.H.-1124 d.C.), um homem de letras e pesquisador. Ele nasceu e morreu em Naisabour. Al Zirikli disse sobre seu livro "Majma' Al Amthal": Jamais alguém escreveu livro igual em seu assunto. Veja Ibn Khillikan, Wafiyat Al Aian, 1 / 148 e Al Zirikli, Al Alam, 1 / 214.

1021 Al Zamakhshari: Jar Allah Abu Al Qasem Mahmud ibn Omar Al Khawarismi (467-538 d.H./ 1075-1144 d.C.), um dos maiores estudiosos da religião, interpretação do Alcorão (tafseer), língua e letras. Tem muitas obras, entre as quais: *Al Kashaf* sobre a interpretação do Alcorão. Veja Ibn Khillikan: *Wafiyat Al Aian*, 5/168-171.

> Al-Hilali, um herói do Marrocos; e Al-Dhahir Bebrs, o sultão do Egito e um herói das cruzadas e das guerras contra os mongóis.

No século quarto da hijrah, se formaram histórias literárias curtas, que são denominadas *al maqamat*. Dentre os escritores mais famosos desses tipos de contos: Badee Al-Zaman Al-Hamazhani (falecido em 398 d.H.), que escreveu 400 *maqamat* cujo assunto gira em torno de dois heróis, Issa ibn Hisham e Abu Al-Fath Al-Iskandarani; Ibn Naqia (falecido em 485 d.H.), que seguiu os passos de Al-Hamazhani; e Al-Hariri (falecido em 516 d.H.), que escreveu sobre as aventuras de Abu Zaid Al-Sorugi e Al-Hareth ibn Hammam, que eram muito inteligentes[1022].

Sobre os mais famosos livros literários, Ibn Khaldun diz: "Seus pilares são quatro obras. *Adab Al-Katib (Literatura do escritor)* por Ibn Qutaiba[1023]; *Al-Kamil (O perfeito)*, por Al-Mubarrad[1024]; *Al-Baian wa Al-Tabiin (A Eloquência e a Ilustração)* por Al-Jaheth[1025], *Al-Nawader (As Raridades)* por Abu Ali Al-Qali[1026] [1027]. Há também outros livros destacados que não podem ser esquecidos nesse assunto, como: *Al-Iqd Al-Farid (O Colar Único)* por Ibn Abd Rabuh (morreu em 328 d.H.), *Al-Aghani (As canções)* por Abu Faraj Al-Asfahani (morreu em 365 d.H.), e outros.

No último capítulo deste livro, vamos ver – com a permissão de Allah – como a literatura árabe islâmica influenciou as outras literaturas mundiais.

1022 Ver Abdul Monem Majid: Tareekh Al Hadara Al Islamya fi Al Osour Al Wasta, P. 206-207. E *Raheem Kazem Muhammad Al Hashimi* e *Awatef Muhammad Al Arabi*, *Al Hadara Al Arabiah Al Islamiah*, p. 175-177.

1023 Ibn Qutaiba Al Dinawori: Abu Muhammad Abdullah ibn Musslim ibn Qutaiba Al Dinawori (213-276 d.H./ 828-889 d.C.), um intérprete, jurista, literário, historiador e linguista. Uma grande figura do terceiro século Hijri, nascido em Kufa. Veja Al Thahabi: *Siar Alam Al Nubala (Biografias dos Nobres)* 13/296.

1024 Al Mubarrid: Muhammad ibn Yazid ibn Abd Al Akbar ibn Umair ibn Hassan (210-286 d.H./826-899 d.C.), um grande linguista e gramático, nascido e criado em Basra e morreu em Bagdá. Dentre suas obras mais famosas: *Al Kamil wal Moqtadab (O Perfeito e o Conciso).* Veja Al Thahabi: *Siar Alam Al Nubala (Biografias dos Nobres)* 13/576.

1025 Al Jahith: Abu Othman Amr ibn Bahr Al Kinani (163-255 d.H./780-869 d.C.), uma grande figura literária, e líder da seita Al Jahethia de Al Muatazila. Nasceu e morreu em Basra. Tem eloquentes obras, dentre as quais: *Al Bayan wal Tabeen (Eloquência e Ilustração).* Veja Al Asfahani *Shuzhurat Al Zhahab (Fragmentos de Ouro)* 2 / 121 e 122.

1026 Abu Ali Al Qali: Ismail ibn Al Qasim ibn Ayzhun (288-356 d.H./901-967 d.C.), o melhor no seu tempo em decorar poesia, gramática e literatura, nasceu em Managrad, na costa leste do Eufrates, e morreu em Qurtuba. Dentre seus livros: *Al Nawadir (As raridades),* conhecido como Amali Al Qali. Veja Al Safadi *Al Wafi bel Wafiyat* 9 / 114.

1027 Ibn Khaldun: *Al Ibar wa Diuan Al Mubatada wal khabar* 1553.

Terceiro Capítulo

O Invento de Novas Ciências

Os muçulmanos tiveram um papel destacado e pioneiro nas ciências humanas e intelectuais, criando ciências de alto nível e de grande importância no campo social humano. Eles também criaram importantes ciências exclusivas da lei (Sharia) islâmica e outras exclusivas da língua árabe.

Esclarecemos isso nas seguintes pesquisas:

1. A Sociologia
2. Ciências Específicas da Lei Islâmica
3. Ciências Específicas da Língua

1

A Sociologia

O dicionário de termos das ciências sociais define a sociologia como:

> A ciência cujo objeto é estudar, descrever e comparar as sociedades humanas como elas são condicionadas por seus enquadramentos temporal e espacial, na tentativa de descobrir leis de evolução em que essas sociedades humanas são influenciadas em seu progresso e mudança.[1028]

Os sociólogos definem o objeto da sociologia nos fenômenos sociais, que se revelam resultado do convívio das pessoas em sociedade e da sua interação e envolvimento em relações e na criação do que é chamado de cultura comum, na qual as pessoas estão de acordo sobre certos métodos para a expressão de suas ideias sobre definidos valores e sobre certos métodos no assunto da economia, do governo e da moralidade, e outros.

Os fenômenos sociais começam quando duas ou mais pessoas interagem e se engajam em relações sociais. E quando essas relações permanecem e continuam, os grupos sociais são formados. E os grupos sociais são um dos assuntos básicos da sociologia.

Outro assunto da sociologia se representa nos processos sociais, como conflito, cooperação, competição, acordo, a estratificação social e a mobilidade social. A mudança de cultura e as estruturas sociais também são importantes assuntos da sociologia, temos também os sistemas sociais, que são os métodos que regulam e estabelecem o comportamento social e a personalidade, que é o fator que molda e é moldado pela cultura[1029].

1028 Ahmad Zaki Badawi: Mujam Al Mostalahat Al Ijtemayah (Dicionário de termos sociais), p. 4.

1029 Veja Mansur Zuwayd Al Muta'iri: *Al Seyaghah Al Islamyiah Lielm Al Ijtemaa, Al Dawaí wa Al Makan (A Apresentação Islâmica da Sociologia – razões e local)*, p. 28, 29.

Apesar de o pensamento social ser tão antigo quanto o próprio homem, o estudo das sociedades humanas se tornou um tema para uma ciência há pouco tempo. O estudioso muçulmano Ibn Khaldun foi o primeiro a estabelecer esta ciência e a independência de seus assuntos. Ibn Khaldun, disse em frases claras, que ele explorou uma ciência independente, sobre a qual nenhum de seus ancestrais falou. Ele diz:

> Esta é uma ciência independente, tem o seu próprio objeto peculiar, que é a construção e a sociedade humana. E tem suas questões na explicação das condições ligadas à essência da sociedade e da civilização. Esta é a situação de todas as ciências, seja ela exata ou intelectual[1030].

E ainda acrescenta:

> Saiba que o assunto deste objeto é uma nova produção, uma rara tendência, encontrado através de pesquisa e resultado de aprofundamento. É uma ciência inteiramente original. Na verdade, eu não me deparei com uma discussão nesse sentido por qualquer outra pessoa. Não sei se isso ocorreu por causa da desatenção deles sobre este assunto, e não é esta a minha suspeita sobre eles (de não ter tido conhecimento do mesmo). Ou talvez eles tenham escrito sobre o tema e sua obra não chegou até nós?[1031]

Ele ainda convidou os capacitados a completar o que ainda falta sobre esta ciência, dizendo:

> Talvez quem vem depois de nós, auxiliado por Allah com um pensamento correto e um sólido conhecimento, se aprofunde em suas questões além daquilo que nós escrevemos. A pessoa que cria uma nova disciplina não tem a tarefa de enumerar todas as questões, mas sua tarefa consiste em especificar o assunto da ciência, suas várias ramificações e os debates relacionados com ele. E os seus sucessores, em seguida, podem adicionar gradualmente mais questões, pouco a pouco, até que a ciência se complete[1032].

Além disso, *Al Muqaddimah* de Ibn Khaldun (*Os Prolegômenos* de Ibn Khaldun) abrangeu, pelo menos, sete ramos da sociologia moderna, as quais ele abordou de forma muito clara[1033].

O famoso sociólogo austríaco Ludwig Gumplowicz afirmou que:

1030 Ibn Khaldun: *Al Muqaddimah* 1 / 38.

1031 Idem: A mesma página.

1032 Ibn Khaldun: *Al Muqaddimah* 1 / 588.

1033 Veja Hassan Al Sa'ati: *Ilm Al Ijtemaa Al Khalduni (Sociologia Khaldunista)*, p. 28-35.

> Nós queremos provar que, antes de Auguste Comte[1034], e até mesmo antes de Giambattista Vico, a quem os italianos queriam fazer dele o primeiro sociólogo europeu, um muçulmano piedoso veio e estudou os fenômenos sociais com uma mente equilibrada e chegou a opiniões profundas neste assunto. O que esse erudito muçulmano escreveu é o que chamamos de sociologia hoje[1035].

Apesar de tudo isso, a história da ciência da sociologia lembra o francês Auguste Comte como o primeiro fundador desta ciência e ignora totalmente o verdadeiro fundador desta ciência, que deixou claro que ele foi o primeiro a descobrir esta ciência[1036].

Apenas os observadores justos testemunharam que Auguste Comte assimilou muitas de suas teorias e opiniões dos Prolegômenos de Ibn Khaldun [1037]. Ibn Khaldun é considerado um ponto de transformação na escrita da história humana e em sua fundação da sociologia, pois com isso ele agitou o pensamento humano global, colocando um novo plano e apresentando novas ideias e, ainda mais, estabeleceu novas leis que podem ser aplicadas em todas as sociedades humanas partindo do fato de que o homem não pode viver, exceto em uma sociedade. E se ele vive em uma sociedade, ele deve viver com um povo, e se vive com um povo, terá que viver em um pedaço de terra. Para que essa relação permaneça entre essas pessoas, tribos ou grupos humanos, um governante deve organizar estas relações. E os tipos de governantes variam desde um governador simples (cacique, sheikh de uma tribo) até um governante absoluto, que consegue usar e explorar todos os meios que lhe foram preparados por esse conglomerado humano para se tornar um governante absoluto que pode estabelecer seu próprio Estado. Se este governante estabelece o Estado como previsto na teoria de Ibn Khaldun esse Estado passa por diferentes fases, que darão certo na aplicação na vida real[1038].

É importante, neste contexto, enfatizar algo sobre Ibn Khaldun, o fundador desta ciência. Ele é Abu Zaid Abd Al-Rahman ibn Khalid (Khaldun)

1034 Auguste Comte (1789-1857): filósofo francês, fundador da filosofia positiva e fundador da sociologia ocidental. Sua obra principal é *Estudos sobre a Filosofia Positiva.*

1035 Transferido de Mustafa Al Shaka'a: *As fundações islâmicas no pensamento de Ibn Khaldun e suas teorias,* p. 198.

1036 Mansur Zuwayd Al Muta'iri: *Al Seyaghah Al Islamyiah Lielm Al Ijtemaa, Al Dawaí wa Al Makan (A Apresentação Islâmica da Sociologia – razões e local)*, p. 23, 34.

1037 Abd Al Wahid Wafi: *Dirassat Muqaddimah Ibn Khaldun, transferido de Abdallah Nasih Ihwan: Marcos da civilização no Islam e seus efeitos sobre o renascimento europeu*, p. 48.

1038 Suhilah Zain Al Abidin, *Nazaryat Al Dawlah ind Ibn Khaldun (A teoria do Estado para Ibn Khaldun),* revista *Al Manar*, números 75, 76, 77 – ano 1424 d.H.

Al-Hadrami, nascido na Tunísia, na primeira noite do Ramadan (732 d.H.). Mudou-se para Fez, Granada, Tlemcen, Andaluzia e também para o Egito, onde foi homenageado pelo sultão do Egito Al d.Hahir Barquq, foi nomeado juiz da escola *Maliki* de *fiqh* (uma das quatro escolas de jurisprudência islâmica). Ele permaneceu no Egito cerca de 25 anos (784-808 d.H.), onde ele morreu e foi sepultado aos 76 anos[1039].

Ibn Khaldun foi criado em uma família de ciência e alta posição, memorizou o Alcorão Sagrado em sua infância. Seu pai foi seu primeiro professor e também estudou com os estudiosos famosos de sua época. Ele se dirigiu para vários cargos públicos depois que a maioria de seus professores morreram em uma epidemia de peste que atingiu seu país. Ele começou sua carreira política na chancelaria do governo do Império Merínida (Banu Marin). No entanto, este trabalho não atendia às suas aspirações. Foi nomeado pelo sultão Abu Inan como membro de seu conselho científico em Fez. Então, lhe foi propiciado iniciar aulas nas mãos de sábios e literários que vieram para Fez da Tunísia, Andaluzia e dos países do oriente.



Livro de Ibn Khaldun

Mais tarde, Ibn Khaldun mudou-se para Granada deixando sua família em Fez. Depois, ele voltou para Wahran na Argélia para permanecer com a família no castelo de Ibn Salamah durante quatro anos. Daqui, ele começou seus primeiros escritos com seu livro: *Al-ibar fi Diuan Al-Mubtada wa Al-Khabar fi Ayyam Al-Arab wa Al-Ajam wa Al-Barbar wa man A'ssarahum min Dawiu Al-Sultan Al-Akbar (As Lições no Registro do Sujeito e Predicado dos Dias dos árabes, estrangeiros e bérberes e seus contemporâneos dotados de grande autoridade)*. A introdução deste livro é considerada a primeira e mais famosa introdução escrita sobre a sociologia, os assuntos da sociedade humana e suas leis. Neste preâmbulo, ele expressou o que hoje é denominado "manifestações sociais" ou o que ele chama de "realidades da civilização humana" ou "situações da organização social humana"[1040].

1039 Al Zirikli, *Al Alam,* 3 / 330.

1040 Al Zirikli, *Al Alam*, 3 / 330, Mustafa Al Shaka'a: *As fundações islâmicas no pensamento de Ibn Khaldun e suas teorias,* p. 21 em diante.

Ibn Khaldun simplificou em sua *Muqaddimah* tudo o que tinha de conhecimento. Então, essa introdução veio muito preciosa e muito bem avançada à época em que foi escrita. Ela contém seis capítulos da seguinte forma:

- **Capítulo 1:** a civilização humana (equivalente à sociologia pública). Ibn Khaldun estudou os fenômenos da sociedade humana e as regras cursadas pelas sociedades.
- **Capítulo 2:** a civilização beduína. Ele estudou a civilização beduína, revelando suas características mais destacadas e que é a origem da civilização urbana e é anterior a ela.
- **Capítulo 3:** sobre o Estado, o Califado e o Reinado (é equivalente à sociologia política). Ele explica neste capítulo as regras de governança, os sistemas religiosos, entre outros.
- **Capítulo 4:** a civilização urbana (ou o que chamamos de sociologia urbana). Neste capítulo, Ibn Khaldun explica todos os fenômenos relacionados à urbanização e à civilização.
- **Capítulo 5:** sobre os ofícios, meios de sobrevivência e trabalho (equivalente à sociologia econômica). Ele estudou a influência das situações econômicas sobre as condições da sociedade.
- **Capítulo 6:** sobre as ciências e sua aquisição (equivalente à sociologia da educação). Neste capítulo, Ibn Khaldun explica os fenômenos educacionais, os meios de aprendizado e a classificação das ciências.

Ibn Khaldun também estudou a sociologia religiosa e legislativa, ligando entre a política e os valores morais[1041].

Na verdade, ninguém antes de Ibn Khaldun estudou os fenômenos sociais de forma analítica, que produziu resultados como os produzidos pelo estudo de Ibn Khaldun, em especial porque este pensador muçulmano estudou estes fenômenos sociais a partir de sólidas e saudáveis fontes históricas, assim como os cientistas estudam física, química, matemática e astronomia. Ele é considerado o primeiro a submeter esses fenômenos sociais a um método científico que o levaram a muitos fatos fixos que parecem leis. Assim, aquilo que Ibn Khaldun atingiu de teorias continuará sendo um trabalho pioneiro no campo dos estudos sociais na marcha do pensamento humano[1042].

1041 Veja Nouman Abdul Razzaq Al Sammiraí: *Nós, a civilização e as testemunhas,* 1 / 120.

1042 Mustafa Al Shaka'a: *As fundações islâmicas no pensamento de Ibn Khaldun e suas teorias,* p. 77, 78.

2

Ciências Específicas da Lei Islâmica

Nenhuma nação deu tanta atenção à sua religião como o fez a nação muçulmana. Isso se revelou na inovação de ciências puramente islâmicas, semelhantes às quais jamais existiram em nenhuma nação. Dentre as mais importantes destas ciências estão:

1 – Ciência dos fundamentos do *hadith*

A ciência dos fundamentos do *hadith* é uma ciência relacionada com a Sunnah (tradição) do profeta Muhammad, que é considerada a segunda fonte de legislação islâmica, sucedendo o Alcorão Sagrado. A importância da Sunnah decorre do fato de que ela explica e detalha o Alcorão. O profeta (a paz esteja com ele), através de suas palavras, atos e aprovações, interpretou e explicou o Alcorão e orientou os muçulmanos à maneira de aplicar o Islam e executar suas leis.

A ciência do *hadith* é definida como "a ciência dos fundamentos pelos quais são conhecidas as condições do sanad (a cadeia de narradores) do *hadith* e o seu matn (o texto do *hadith*). O objetivo desta ciência é conhecer o *hadith* autêntico e discerní-lo dos outros. É dividido em duas disciplinas:

Ciência do *hadith* "*riwaih*" (ciência do *hadith* por narração): é a disciplina que abrange a transmissão pura e exata de tudo que foi atribuído ao profeta (a paz esteja com ele), seja um dizer, prática, aprovação, característica física ou moral.

Ciência do *hadith* "*diraiah*" (ciência do *hadith* por informação): é a disciplina que estuda os fundamentos e regras que levam a determinar o *hadith sahih* (correto e autêntico), *hassan* (bom) e *da'if* (fraco) e as categorias de cada um

deles e o que está relacionado a isso de conhecimento do significado da narrativa, as suas condições, as seções e as situações dos narradores e suas condições, *Al-Jarh & Al-Ta'dil* (Avaliação de Crítica e Confiabilidade), a história dos narradores, suas datas de nascimento e de morte, saber os textos que revogaram e os textos que foram revogados *(Al-nasikh wa Al-mansukh)*, os termos divergentes e termos raros do *hadith (mukhtalaf Al-hadith wa gharibuh)*, entre outros estudos. Em suma, esta disciplina é o conhecimento das regras que revelam a situação do narrador e da narração, as condições do *sanad* e *matn* em termos de aceitação ou rejeição, o que é denominado *usul Al-hadith* (fundamentos do *hadith*) ou *mustalah al hadith* (terminologia do *hadith*).

Esta ciência foi criada para proteger os *hadiths* do profeta (a paz esteja com ele) da mentira e da invenção e para saber o que é correto atribuir ao mensageiro (a paz esteja com ele) e o que não é correto.

Al-Ramahurmuzi[1043] é considerado o primeiro autor de uma obra na qual expôs muitas das regras e termos dos *muhaddithin* (estudiosos do *hadith*). Ele denominou seu livro *Al-Muhaddith Al-Faasil bain Al-Rawi wa Al--Wa'i*. Foi seguido por Al-Hakim Al-Naisaburi[1044], que escreveu seu livro *Ma`rifat `Ulum Al-Hadith (Conhecimento das Ciências do Hadith)*, em seguida, Abu Nu'aym Al-Asbahani, em seu livro *Al-Mustakhraj `ala Ma`rifat ulum Al-Hadith*. Em seguida, veio al-Khatib Al-Baghdadi, que escreveu um livro intitulado *Al-kifaayah fi Ilm Al-Riwayah*, e Al-Qadi 'Eyaad compilou um livro nomeado *Al-Ilmaa ila Ma`rifat Usul Al-Riwayah wa Taqeed Al-Asmaa*. Finalmente, Ibn Al--Salah escreveu seu famoso livro *Ulum al-Hadith (As Ciências do hadith)*, que foi um livro abrangente e um resumo das obras anteriores, e foi bem recebido pelos estudiosos e se tornou uma referência para a maioria do que foi escrito depois dele. Alguns fizeram um resumo dele, enquanto outros fizeram uma explicação, enquanto outros se dedicaram em indicá-lo ou organizá-lo de formas diferentes. Um dos livros mais importantes que foram escritos de forma independente depois do livro de Ibn Al-Salah foi uma mensagem resumida escrita por Al-Hafidh Ibn Hajar Al-Asqalani[1045], à qual ele denominou *Nukhbat Al-Fikr*, em seguida, ele mesmo fez uma explicação

1043 Al Ramahurmuzi: Abu Muhammad ibn Al Hassan Abdel Rahman ibn Khallad (360 d.H./970 d.C.), foi um grande erudito do *hadith* dos não árabes em sua época. Seu livro famoso é: *Al Muhaddith Al Faasil bain Al Rawi wa Al Wa'i*. Veja Al Safadi: *AlWafi bel Wafiyat* 12/42.

1044 Al Hakim Al Naisaburi: Abu Abdullah Muhammad ibn Abdullah ibn Hamdawuh (321-405 d.H./933-1014 d.C.), um dos memorizador de *hadith* sênior. Ele nasceu e morreu em Naisabur. Veja Ibn Khillikan: *Wafiyat Al A'aian* 4/280-282.

1045 Ibn Hajar Al Asqalani: Abu Al Fadl Ahmad ibn Ali ibn Muhammad Al Kanani (773-852 d.H./ 1372-1449 d.C.), um dos líderes religiosos na história. Ele nasceu em Ashkelon, e morreu no Cairo. Seu famoso livro é *Fath Al Bari*. Veja Ibn Al Imad: *Shazarat Al Dahab* 7/270-273.

desse livro e a denominou *Nuzhat Al-Nadhar*. Há muitos outros livros escritos nas épocas seguintes, cuja enumeração é demorada[1046].

E assim, os tipos de ciências do *hadith* se diversificaram de acordo com a dimensão pela qual se observa o *hadith*:

- Em termos de tema do *hadith*, ele pode ser dividido em dois: 1) *Sanad* (os narradores que transmitiram o seu texto). 2) *Matn* (as palavras do *hadith* que indicam os seus significados e nas quais o sanad termina).

- Em termos de atribuição a quem o disse, o *hadith* é dividido em três categorias: 1) *Marfu'* (atribuído ao profeta): Uma narração atribuída diretamente ao profeta (a paz esteja com ele); 2) *Mauquf* (uma transmissão restrita): A narração atribuída a um companheiro, o sanad (corrente de transmissão) teve seu fim na atribuição ao companheiro do profeta (a paz esteja com ele); 3) *Maqtu'* (uma transmissão interrompida): a narração de um sucessor dos companheiros (*Tabi'i*).

- Em termos da maneira pela qual o *hadith* nos chegou, o *hadith* é dividido de acordo com o número de relatores em cada etapa do isnad: 1) *Mutawatir* (transmissão difundida e indubitável): Um relatório *Mutawatir* é o que foi relatado por um grande número de pessoas em cada etapa do *isnad*, de maneira que seja racionalmente e comumente impossível que tenham feito acordo numa mentira. O *hadith Mutawatir* também se divide em *mutawatir* em seu texto e em *mutawatir* em seu significado. 2) *Ahad* (de transmissão única) ou *ikhbar al ahad*: um *hadith* no qual as condições do *hadith mutawatir* não estão disponíveis. É dividido em três categorias: *Mash-hur* (bem conhecido), que é o *hadith* relatado em cada estágio do isnad por mais de dois transmissores; *áziz* (raro), é um *hadith* que tem no máximo dois transmissores em cada etapa de seu isnad; gharib (desconhecido), é o *hadith* relatado por apenas um transmissor em todos ou em alguns estágios do *isnad*. É também denominado *"al fard"*.

- Em termos de aceitação e rejeição, o *hadith* é dividido em três categorias: 1) o *hadith sahih*, que é dividido em duas seções: *sahih* para si e *sahih* para os outros; 2) o *hadith hassan,* que também se divide em: *hassan* para si e para os outros; 3) o *da'if* (fraco), este tem muitas

1046 Veja Mahmud Al-Tahan: *Taissir Mustalah Al hadith*, p. 12-15.

subseções, como por exemplo: *mu'allaq* (em que um ou mais narradores consecutivos foram omitidos no início do seu *sanad*), *mursal*, *mudallas*, *mursal khafi*, *munqati'* (relatório com cadeia de transmissão interrompida), *Mu'dal* (relatório problemático), *maudu'* (inventado/forjado), *matruk* (abandonado), *matruh, shazh* (irregular), *munkar* (declinado), *mudtarib* (instável), *maqlub* (alterado / invertido), *mudraj* (interpolado), *mazid* (aumentado), *mussahhaf* (relatório de cadeia distorcida) e *muharraf* (relatório de texto distorcido).

A nação muçulmana tem todo o direito de ter orgulho desta ciência e suas regras, ciência que foi estabelecida para que esta nação nos transmita a palavra, ações e aprovações do profeta (a paz esteja com ele) de maneira clara e livre de qualquer suspeita e acusação.

2 – Al-Jarh & Al-Ta'dil (Avaliação de Crítica e Confiabilidade)

Os *hadiths* e as notícias do profeta (a paz esteja com ele) só podem ser conhecidos através dos narradores e transmissores, este é um fato conhecido claramente. Assim sendo, a observação das condições destes narradores, rastrear os seus caminhos, conhecer seus objetivos e tendências, conhecer seus cargos e níveis, distinguir entre quem é confiável e quem é fraco foi o mais importante meio para se conhecer e se distinguir as informações autênticas das falsas.

E este é o assunto da ciência de Al-Jarh wa Al-Ta'dil ou Al-Rijal (narradores de *hadith*), uma ciência que não tem similar em nenhuma outra nação do mundo. Os princípios e regras desta ciência foram bem elaborados e estabelecidos para medir minuciosamente as condições dos narradores em termos de confiabilidade e falta de confiabilidade, em termos de aceitação e rejeição. Essa ciência foi considerada a metade das ciências do *hadith* porque pesa os narradores do *hadith* e julga-os e é o protetor da Sunnah de toda falsidade e intromissão.

Os estudiosos do *hadith* se apressaram em defender o *hadith* do profeta (a paz esteja com ele), por receio de haver falsificação, invenção e mentiras, por motivos como diferenças políticas, tendências partidárias, objetivos ideológicos, opiniões sectárias, elaboração de histórias que poderiam atrair os ouvintes, aproximação dos governantes ou conspiração contra o Islam. Esses estudiosos seguiram uma metodologia definida que ficou conhecida como a ciência de Al-Jarh wa Al-Ta'dil, que é baseada no estudo das correntes de transmissão do *hadith (dirassat assanid al hadith)*, ou

seja, a cadeia de narradores que transmitiu esse *hadith*, levando em consideração que esta cadeia é o caminho que leva ao *matn* (texto) e ao seu nível. Nenhuma prova de confiabilidade do *hadith* é maior que a confiabilidade e credibilidade do seu narrador. Se não fosse o *isnad* (a corrente de transmissão), quem desejasse poderia ter dito o que desejasse. E se não fosse o estudo e o desenvolvimento desta ciência, o farol do Islam poderia ter se destruído e os ateus, descrentes e artífices poderiam conseguir inventar textos e atribui-los ao profeta (a paz esteja com ele)[1047].

Al-Jarh em termos de definição é a descrição do narrador ou a sua lesão e crítica de maneira que se torna obrigatória a rejeição de sua narração. Al-Ta'dil é a descrição do narrador de maneira que seja aceita a sua narração. Assim, a ciência de Al-Jarh wa Al-Ta'dil é uma disciplina que verifica o narrador e dá a descrição dele, usando terminologias específicas e estuda os níveis destas terminologias. Essa ciência se destina a proteger a religião, portanto é uma ciência que tem a sua legalidade na proteção da religião objetivando o bom conselho e descrevendo a situação de quem nós recebemos dele a ciência da religião. Portanto não se destina a maledicência das pessoas, mas sim a proteger a religião[1048].

Os estudiosos desta ciência não tem caprichos ou não são motivados por assuntos pessoais, por isso eles nunca lisonjearam ninguém, mesmo se for o familiar mais próximo. Existiu entre eles, quem criticou o seu próprio pai. Ali ibn Al-Madini[1049] foi questionado sobre a confiabilidade de seu pai e ele respondeu: "Perguntem a alguém além de mim". Disseram-lhe: "Perguntamos a ti". Ele parou por um tempo e depois levantou a cabeça e disse: "Esta é a religião. Meu pai é *da'if* (fraco, inconfiável na transmissão)"[1050]. Houve quem sentenciou que seu filho ou irmão é *da'if*. Zaid ibn Abi Anissah[1051] disse: "Não tome (*hadith*) do meu irmão Yahia[1052]."

Por isso, existem certas condições que devem ser aplicadas no crítico (Al-jarih) e avaliador (Al-mu'addil), entre elas:

1. Ter conhecimento, temor e veracidade;
2. Saber as razões de Al-Jarh wa Al-Ta'dil;

1047 Veja Muhammad Dhaifullah Al Batayna: *A Civilização Islâmica*, p. 322.

1048 Veja Al Sharif Hatim ibn Arif Al Aouni: *Khulassat Al Ta'sil li 'Ilm Al Jarh Al Ta'dil,* p. 6.

1049 Ali ibn Al Madini: Abu Al Hassan Ali ibn Abdullah ibn Jaafar Al Sa'di (161-234 d.H./ 777-849 d.C.), veja Al Asfahani: *Shuzhurat Al Zhahab* 2 / 81.

1050 Ibn Hiban: Al Majruhin 15/02.

1051 Zaid ibn Abi Anissah: (124 d.H.), Abu Zaid Usamah ibn Abi Anisa Al Jazri Al Rahawi, Hafiz imã, imãs de alto nível como ele citou como Imam Abi Hanifa e Imam Malik. Veja Al Zhahabi: Siar Al Alam Al Nubala 6 / 88.

1052 Al Sakhawi: *Fath Al Mughith* 3 / 355.

3. Ter conhecimento da língua árabe, para não interpretar mal as palavras e não lesar e criticar com a sua transmissão um termo que não merece crítica[1053].

Os estudiosos do *hadith* estabeleceram determinados termos para descrever narradores, para distinguir entre os níveis de suas narrações em termos de aceitação e rejeição. Esses termos são os seguintes:

Primeiro: Termos de Al-Tawthiq ou Al-Ta'dil (confiabilidade)

- Termos utilizados para confiabilidade em demazia, utilizando o superlativo, tais como a mais confiável das pessoas, o mais exato das pessoas;
- Termos nos quais a qualificação de tawthiq é repetida, como *"thiqatun thiqah"* (muito confiável) ou *"thiqatun hafidh"* (confiável e memorizador);
- Em que as palavras de *tawthiq* são citadas uma vez, como *"thiqah"* (confiável), *thabt* (memorizador com exatidão), imam, *hujjah* (referência). Ou os termos se duplicaram, porém com significado único: justo e memorizador;
- Termos nos quais é citado: "nenhum problema com ele", tais como aqueles usados por Ibn Ma'in[1054], ou *saduq* (muito honesto);
- Termos nos quais dizem: é fonte de confiança ou não é distante da verdade, sheikh, veraz que tem erros, veraz *inshallah* (com a permissão de Allah), espero que não tenha problema, não conheço problema com ele, homem de bom *hadith*.

Para julgar estas categorias, se um narrador é descrito com uma das três primeiras categorias, suas narrações são "*sahih*", e uns são mais autênticos que os outros. Quanto aos narradores da quarta categoria, os seus *hadith* são "*hassan*", enquanto os da quinta categoria, os seus *hadith* não são considerados, mas são escritos para consideração. Se houver concordância com outros são aceitos, caso contrário, são rejeitados.

1053 Veja Al Sharif Hatim ibn Arif Al Aouni: *Khulassat Al Ta'sil li 'Ilm Al Jarh Al Ta'dil*, p. 27, Abu Al Hassanat Al Luknawi Al Hindi: *Al Raf' wa Al Takmil*, p. 67.

1054 Yahia ibn Ma'in: Abu Zakariyah Yahia ibn Ma'in ibn A'un ibn Ziad ibn Bastam ibn Abdul Rahman Al Miri Al Bughdadi (158-233 d.H./755-848 d.C.), ele é um famoso Hafidh (memorizador) e imam.Veja Ibn Khillikan: *Wafiyat Al A'aian* 6 / 139. Al Zirikli: *Al A'alam* 8 / 172. Veja *Mahmud Al Tahan: Taissir Mustalah Al hadith*, p. 116-118.

Segundo: Termos de Al-Jarh (crítica)

- Descrição que prova demasia na crítica. O termo mais claro é o superlativo, por exemplo: "O maior de todos os mentirosos" *(akzhab Al-nas)*. Outro exemplo: é um pilar da mentira.
- Sobre quem foi dito: inventor, mentiroso, forja o *hadith*, inventa o *hadith*, ou "não é nada" na terminologia de Al-Shafi'i.
- Quem foi descrito como: acusado de mentira ou invenção, rouba o *hadith*, seu *hadith* é abandonado, não é de confiança, etc.
- Quem foi descrito como: seu *hadith* foi rejeitado, muito fraco, não permitido transmitir dele, *munkar al hadith* (para al Bukhari), etc.
- Quem foi descrito como: *da'if* (fraco), o classificaram fraco, *munkar al hadith* (além de Al-Bukhari) ou *mudtarib Al-hadith* (de *hadith* instável) ou não recomendado como um narrador.
- Quem foi descrito como: existe opinião (negativa) sobre ele, nele tem fraqueza, não é forte, não é referência, tem má memória, maleável, etc.

Nas quatro primeiras categorias, não é aceita a narração de nenhum de seus membros. Os muçulmanos não podem receber um *hadith* a partir deles e não são considerados. Os *hadith* dos narradores da primeira e segunda categorias são considerados *maudu'* (forjados), enquanto o *hadith* dos narradores classificados na terceira categoria são considerados *matruk* (abandonados), e o *hadith* narrado pelos narradores classificados na quarta categoria são *da'if jiddan* (muito fracos). E o *hadith* narrado pelas quinta e sexta categorias são escritos para consideração, e pode ser promovida a *hassan* se os seus caminhos (de transmissão) se diversificarem (se for narrado por diferentes linhas (de transmissão)[1055].

Assim, os estudiosos assimilaram bem os resultados de seus estudos de narradores em seus livros sobre a Al-Jarh wa Al-Ta'dil. Eles colocaram os narradores fracos (da'if) em livros chamados *Al-Dua'afa, Al-Dua'afa Al-Kabir e Al-Dua'afa Al-Saghir* (de autoria de Al-Bukhari) e *Al-Dua'afa wa Al-Matrukin* (de Al-Nassai'i)[1056]. Eles também colocaram os narradores confiáveis *(thiqat)* em livros denominados *Al-Thiqat*, como *Al-Thiqat* compilado por Ibn Hiban. Há também livros que reúnem narradores fracos e

1055 Veja Mahmud Al Tahan: *Taissir Mustalah Al hadith*, p. 116-118.

1056 Al Nassai'i: Abu Abdul Rahman Ahmad ibn Shuaib ibn Ali Al Khurassani (215-303 d.H./830-915 d.C.), um dos famosos imams da ciência do *hadith* e um escritor da Sunnah. Ele nasceu em Khurasan e morreu em Makkah. Veja Al Zhahabi: *Siar A'lam Al Nubala* 14/125.

confiáveis, tais como *Al-Tabaqat Al-Kubra* (Ibn Sa'd) e *Al-Takmil fi Marifat Al-Thiqat*, *Al-Dua'afa wa Al-Majahil* (escrito por Al-Hafidh Ibn Kathir)[1057].

Tudo isso revela os esforços empreendidos pelos estudiosos muçulmanos para documentar e autenticar a Sunnah e proteger os ditos do profeta (a paz esteja com ele). Eles não deixaram pedra sobre pedra, não deixaram nenhum caminho para definir a credibilidade da Sunnah sem trilhá-lo e criaram essa ciência, que é considerada exclusiva da nação muçulmana, não existindo ciência similar na história humana antiga nem moderna.

Assim, foram compilados os livros *al Sihah* (de *hadith* autênticos) – os seis livros famosos e outros –, em seu topo Sahih Al-Bukhari e Muslim, que são os livros mais autênticos conhecidos em toda a história.

3 – A CIÊNCIA DOS FUNDAMENTOS DA JURISPRUDÊNCIA

Quando se refere aos grandes feitos da civilização islâmica é imprescindível mencionar a ciência dos fundamentos da jurisprudência, que somente a nação muçulmana tem. Nenhuma nação anterior teve e nenhuma nação posterior terá uma disciplina independente, como a ciência dos princípios da jurisprudência islâmica, em sua integração e sua precisão, com as quais é capaz de definir suas regras e estatutos.

Essa ciência, como Ibn Khaldun mencionou, tem sua origem no Islam. É considerada uma das maiores e mais importantes ciências religiosas e uma das disciplinas mais úteis. Ela significa: a observação das provas da lei religiosa a partir das quais se assimilam as leis e as obrigações[1058]. Em outras palavras: o conhecimento das bases e das provas com as quais chegamos às regras religiosas.

O objetivo da criação desta grande ciência é servir o Islam e servir as suas regras que organizam o comportamento opcional das pessoas. Ela teve início quando surgiram discussões sobre a consideração de alguns jurisprudentes no estabelecimento de regras religiosas ou na sua assimilação conforme algumas metodologias e princípios que eram divergidos por outros. Então, era necessário estabelecer argumentos e provas religiosamente aceitos para autenticar o que é autêntico, e para escolher o que é mais provável quando há certa divergência na opinião.

1057 Veja Muhammad Daifullah Al Bataina: *Civilização Islâmica*, p. 323, Mahmud Al Tahan: *Taissir Mustalah Al hadith*, p. 115-116.

1058 Ibn Khaldun: *Al Ibar wa Diuan Al Mubtada wa Al Khabar* 1 / 452.

Então, surgiram os primeiros manuscritos em forma de mensagens, contendo regras fundamentais do que deve ser considerado uma diretriz básica, do que é permitido considerar e do que não é permitido considerar e se apoiar sobre ele como diretriz[1059].

Al Imam Abu Abdullah Muhammad ibn Idris Al-Shafi'i é considerado o primeiro autor de um livro sobre *ussul Al-fiqh* (fundamentos da jurisprudência). Ele é o fundador desta disciplina e quem elaborou os seus princípios. Ele é autor de vários livros da disciplina, entre eles o seu famoso livro *Al-Risalah, Juma al Ilm, Ibtal Al-Istihsan, ikhtilaf Al-hadith*.

Ibn Khaldun disse que o primeiro a escrever sobre o assunto foi ash-Shafi'i. Ele ditou a sua famosa Risalah (mensagem), na qual ele discutiu as ordens e as proibições, os textos, as ab-rogações, a regra do motivo indicado no texto em relação à analogia. Mais tarde, os juristas *hanafis* escreveram sobre o assunto e sobre a derivação das normas das questões da jurisprudência, na medida do possível. Um de seus principais estudiosos, Abu Zaid Al-Dabussi[1060], escreveu mais extensamente sobre o raciocínio analógico do que qualquer outro estudioso. Ele completou os métodos de pesquisa e condições que regem esta disciplina. Assim, a técnica dos princípios da jurisprudência foi aperfeiçoada, as suas questões foram refinadas e as suas regras básicas foram estabelecidas. Os estudiosos também se ocuparam com os métodos dos teólogos especulativos *(al mutakallimin)*. Dentre os melhores livros escritos por teólogos sobre o assunto estão: *Kitab Al-Burhan*, por Imam Al-Haramayn Al Juaini, *Al Mustasfa*, por Al-Ghazali (falecido em 505 d.H.). Ambos os autores foram Ash'ari. Havia mais dois livros, o *Kitab Al-'Ahd* por Abdul Jabbar[1061], e os comentários sobre ele, intitulado *Al-Mu'tamad*, por Abul-Hussain Al-Basri[1062]. Ambos os autores foram Mu'tazilah. Estes quatro livros foram as obras de base e pilares desta disciplina. Eles foram posteriormente resumidos por dois excelentes teólogos

1059 Abd Al Rahman Hassan Habannakah: *A Civilização Islâmica*, p. 518, 520.

1060 Al Dabussi: Ele é Abu Zaid Abdullah ibn Omar ibn Issa (430 d.H./1039 d.C.), ele é um dos jurisprudentes seniores da escola Hanafi e o primeiro autor de um livro sobre a disciplina de divergências. Ele nasceu em Dabbusiyah (entre Bukhara e Samarcanda), e morreu em Bukhara. Veja Ibn Khillikan: *Wafiyat Al A´aian* 3 / 48.

1061 Abdul Jabbar: É o juiz dos juízes Abu Al Hussain Abdul Jabbar ibn Ahmad Al Hamazani (415 d.H./1025 d.C.). Ele era um jurisprudente sênior da escola Shafi'i. Era o sheikh dos *mu'tazilah* em sua época. Ele foi nomeado desembargador em Al-Ri, onde morreu. Tem muitos livros famosos como *Tanzih Al Quran A'n Al Mata'in*. Veja Al Zhahabi: *Siar A'lam Al Nubala* 17/244, 245.

1062 Abul Hussain Al Basri: Ele é Muhammad ibn Ali Al Tayib (436 d.H./1044 d.C.), um dos líderes dos mu'tazilah. Ele nasceu e viveu em Basra e em Bagdá, onde morreu. Seu livro famoso é *Al Mu'tamad fi ussul Al Fiqh*. Veja Ibn Khillikan: *Wafiyat Al A'aian* 4 / 271.

mais recentes, o imam Fakhr-addin Ibn Al-Khatib (falecido em 606 d.H.), em seu livro *Al-Mahsul*, e Sayf-addin Al-Amidi[1063], em seu livro *Al-Ihkam*[1064].

Os estudiosos muçulmanos de diferentes escolas de *fiqh* deram o seu melhor para extrair e elaborar fundamentos principais que definem o método do jurista (*faqih*) que se dirige para a extração de regras para o comportamento humano a partir das fontes da legislação islâmica, para que o trabalho dos estudiosos que extraem as regras não seja desordenado e sem estar subordinado a regras estudada. Devido a essa orientação, nasceu a ciência de *ussul Al-fiqh*, uma ciência extremamente profunda e racional e que é muito perspicaz na descrição das regras fundamentais e no esclarecimento do sistema que deve ser seguido por quem extrai as regras. Assim se originou esta ciência, enquanto nenhuma outra nação jamais teve ciência similar[1065].

Aqueles que escrevem as leis com base em opiniões humanas e conforme os seus interesses pessoais e os seus caprichos elogiaram a glória da ciência de *ussul al fiqh* entre os muçulmanos. Eles, aliás, se beneficiaram de alguns dos seus princípios em seus estudos sobre as pesquisas léxicas, a analogia, *al massalih al mursalah* (apreciação de interesse público) e também fizeram uso de algumas das cinco faculdades, cuja preservação é considerada dos objetivos da lei islâmica: a fé, a vida, a razão, a descendência e a riqueza. Qualquer coisa que preserva essas necessidades ou alguma delas é considerado um interesse/benefício *(maslahah)* e tudo que falta com uma delas é considerado um prejuízo *(mafsadah)*. Há diferentes classes e níveis entre elas algumas são consideradas da classe das necessidades primárias *(al dharuriyat)*, que é a classe superior e tem vários níveis. Há também a classe das necessidades *(al hajiyat)*, que é a classe mediana e tem níveis variados, e também a classe das superfluidades *(al tahsiniyat)*, que é a classe mais baixa e tem também diversos níveis[1066].

Assim, a ciência de *ussul Al-fiqh* é uma invenção islâmica e um grande fenômeno da civilização.

1063 Sayf Al Din Al Amidi: Ele é Abu Al Hassan Ali ibn Muhammad ibn Salim Al Taghlubi (551-631 d.H./11560-1233 d.C.), ele era um professor de ciências da lógica, retórica e teologia. Ele nasceu em Diar Bakr e morreu em Damasco. Seu livro famoso é *Al Ihkam fi ussul Al Ahkam*. Veja Al Zhahabi: *Siar Alam Al Nubala* 22/364-36.

1064 Ibn Khaldun: *Al Ibar wa Diuan Al Mubtada wa Al Khabar* 1 / 455.

1065 Abd Al Rahman Hassan Habannakah: *A Civilização Islâmica*, p. 519.

1066 Idem: p. 520.

3

Ciências Específicas da Língua

A língua árabe é a língua do Alcorão, o lema do Islam, ferramenta de sua civilização e símbolo de seu poder. Ela teve uma grande influência sobre a formação da nação e sobre a construção do caráter do muçulmano. Ela também tem uma importância fundamental no destaque da civilização islâmica entre as outras civilizações.

A língua árabe possui diversas ciências criadas por estudiosos árabes para manter o seu crescimento e maturidade como língua de uma grande civilização. Estas ciências tornaram a linguagem rica, vibrante e uma das melhores do mundo. Podemos referir brevemente a essas ciências como segue:

1 – A Gramática (Ílm Al Nahw)

A gramática também é chamada de ciência de composição *(i'rab)*. É a disciplina mais importante da língua árabe, através dela é conhecida a estrutura árabe correta e incorreta e a estrutura do léxico (vocabulário), e como usá-los na estrutura gramatical. O objetivo desta ciência é evitar cometer erros na composição gramatical, entender e fazer os outros entenderem a língua árabe[1067].

A razão da criação da gramática foi o início da ocorrência de erros gramaticais *(lahn)* na língua de muitos dos árabes, devido à mistura com os povos dos países que eles conquistaram e então abraçaram o Islam. Esses povos também tentaram aprender a língua árabe dentro do possível, então assim, surgiram os erros na composição da língua árabe, que se difundiram amplamente. Então, os sábios muçulmanos, por medo de a

1067 Veja Siddiq ibn Hassan Al Qanugi: *Abjad Al Ulum* 2 / 560

língua do Alcorão ser afetada, começaram a definir as regras para controlar a linguagem e os acentos dos finais das palavras, independentemente de suas posições na frase para chegar ao justo significado e seu propósito.

Ibn Khaldun diz:

> As pessoas cultas entre eles temeram que a habilidade da linguística árabe se tornasse totalmente corrompida e que o tempo se estendesse nesta situação, então, o Alcorão e o *hadith* não seriam mais compreendidos. Então, eles extraíram de seu hábito de falar algumas regras fixas para a linguagem árabe, estas regras se assemelham aos princípios básicos e universais com os quais eles medem o restante da linguagem, fazendo uma analogia de similares, como por exemplo: o sujeito *(al fa'il)* sempre é *"marfu'u"*, o sujeito passivo *(maf'ul)* sempre é *"manssub"*, em seguida, observaram a mudança do significado com a mudança dos acentos destas palavras (terminações), e usaram o termo técnico de *i'rab*. Para o que exige a mudança (no sentido), eles usaram o termo *(a'mil)*, e assim por diante. Estas regras se tornaram termos técnicos exclusivos dos gramáticos, eles os definiram por escrito e os tornaram um ofício exclusivo deles e o denominaram "Ílm al nahw" (Ciência da Gramática)[1068].

Abu Al-Aswad Al-Du'ali[1069] é considerado o primeiro gramático a escrever sobre esta ciência. Ele estabeleceu sinais diacríticos [os acentos conhecidos como *fatha* (a), *kasra* (i), *damma* (u)]. Outros gramáticos desenvolveram este ramo depois dele, até chegar a Al-Khalil ibn Ahmad Al-Farahidi durante o reinado do califa Al-Rashid. Em seguida – como é citado por Ibn Khaldun – Sibawayh assimilou esta disciplina de Al Farahidi, completou seus capítulos, acrescentou muitos novos sub-ramos e citou muitas provas e exemplos, escrevendo seu famoso livro *Al Kitab (O livro)*, que se tornou uma referência para tudo que foi escrito depois dele. O linguista Abu Al-Tayib Al Lughawi[1070] descreveu este livro como o *Alcorão de gramática* e descreveu Sibawaih como "a pessoa mais sábia em gramática depois de Al-Khalil"[1071]. Depois,

---

1068 Ibn Khaldun: *Al Ibar wa Diuan Al Mubtada wal Khabar* 1 / 546.

1069 Abu Al Aswad Al Du'ali: Ele é Zalim Ibn Amr Ibn Sufiyan (16 antes da *hijrah*-69 d.H./605-688 d.C.), um dos Tabeen, geração posterior à dos companheiros do profeta (a paz esteja com ele) e fundador da disciplina de gramática. Ele participou da batalha de Safin com Ali ibn Abi Talib, e juntou-se a Mu'awiah depois que Ali foi morto. Veja Ibn Kathir, *Al Bidaiah wa Al Nihayah* 3 / 312.

1070 Abu Al Tayib Al Lughawi: Ele é Abd Al Wahid ibn Ali Al Halabi (falecido em 351 d.H./962 d.C.). Linguista e literário famoso. Ele viveu e foi morto em Aleppo. Autor de muitos livros, entre eles: *Maratib Al Nahawyin*. Veja Al Safadi, *Al Wafi bel Wafiyat*, 19/173.

1071 Abu Al Tayib Al Lughawi: *Maratib Al Nahawyin*, p. 65.

Al-Zajjaj e Abu Ali Al-Farisi [1072] escreveram livros de forma concisa para os aprendizes seguindo o método de Sibawayh em seu livro[1073].

Depois, os sábios da língua árabe escreveram muitos livros deste gênero, alguns livros extensos, outros resumidos, explicações *(shuruh)*, notas *(hawashi)*, comentários *(ta'liqat)*, relatórios *(taqrirat)*, explicação de citações *(shuruh Al-Shawahid)* e, finalmente, apareceram os livros simplificados que tornaram o caminho mais fácil para os alunos desta ciência[1074].

Dentre os mais importantes livros de gramática após o livro de Sibawaih: os livros de Abu Amr ibn Al-Hajib (646 d.H.), tais como *Al-Kafiah* na gramática e *Al-Shafiah* na sintaxe, e ambos tiveram muitas explicações, principalmente *Al-Kafiah*. Os livros de Ibn Malik[1075], como a famosa poesia Al-Alfiyah, que foi explicada por muitos gramáticos, entre eles: Ibn Hisham Al-Anssari[1076] em seu livro *Awdah Al-Masalik fi Alfiyat Ibn Malik (O mais nítido dos caminhos para a explicação de Alfiyat Ibn Malik)*. Também é de sua autoria: *Mughni Al-Labib 'an Kutub Al-A'arib* e *Sharh Shuzhur Al-Zhahab fi Ma'rifat kalam Al-Arab* e *Qatr Al-Nada wa bal Al-Sada*. Outro autor famoso foi Ibn 'Uqail[1077], que escreveu *Sharh Ibn 'Uqail 'ala Al-Alfiyah*.

Desta forma, a invenção da ciência da gramática árabe foi uma obra maravilhosa e gloriosa, uma ação civil singular dos muçulmanos.

2 – A Prosódia (Ilm al Árudh)

A prosódia árabe tem a ver com a poesia árabe. É a disciplina que coloca as regras que identificam a poesia composta corretamente e a poesia incorreta. Ou podemos dizer: é a ciência que pesquisa os princípios das medidas consideradas. Ou é a medida da poesia, com a qual se conhece o correto e o incorreto.

1072 Abu Ali Al Farisi: Ele é Al Hassan ibn Ahmad ibn Abd Al Ghaffar (288-377 d.H./900-987 d.C.). Ele é um dos mestres da língua árabe. Nasceu na Pérsia e morreu em Bagdá. Dentre suas obras: *Al Tazkirah*, nas ciências da língua árabe. Veja Ibn Khillikan: *Wafiyat Al Aian* 2/80-82.

1073 Ibn Khaldun: *Al Ibar wa Diuan Al Mubtada wal Khabar* 1/546.

1074 Abd Al Rahman Hassan Habannakah: *A Civilização Islâmica*, p. 488.

1075 Ibn Malik: Ele é Jamal Al Din Muhammad ibn Abdullah Al Andaluz (600-672 d.H./1203-1274 d.C.), um dos mestres estudiosos da língua árabe, nascido em Jian, Andaluzia. Morreu em Damasco. Entre seus livros famosos: *Al Alfiyah*. Veja Ibn Al Imad: *Shazarat Al Zahat* 5 / 339.

1076 Ibn Hisham Al Anssari: Ele é Jamal Al Din Yussuf ibn Abdullah ibn Ahmad (708-761 d.H./1309-1360 d.C.), um dos mestres da língua árabe. Ele era um gramático sênior, nasceu e morreu no Egito. Entre sua obras: *Mughni Al Labib 'na Kutub Al A'arib*. Veja Ibn Hajar, *Al Durar Al Kamina* 3/92-94.

1077 Ibn 'Uqail: Ele é Baha Al Din Abdullah ibn Abdul Rahman Al Qurashi (694-769 d.H./1294-1367 d.C.), um dos gramáticos famosos, nasceu e morreu no Cairo. Seu famoso livro é chamado de *Sharh ibn 'Uqail 'ala Al Alfiyah*. Veja Ibn Al Imad: *Shazarat Al Zahab* 6 / 214.

Ainda se pode dizer: "É um ofício que identifica as medidas corretas da poesia árabe e as incorretas e o que interfere na poesia de letras adicionais"[1078].

Al-Khalil Ibn Ahmad Al-Farahidi é considerado o fundador da prosódia. Ele foi o sheikh (mestre) de Sibawayh e autor de *Kitab Al-'Ayn*, que é considerado o primeiro dicionário que relaciona a língua de uma nação em um livro. Ele acompanhou a poesia escrita por árabes e as listou em 15 escalas *(wazn)* e chamou cada um deles de *(bahr)*. E é dito que Ahmad estabeleceu estas escalas, Al-Jawhari[1079] as refinou, e Al-Akhfash[1080] adicionou mais uma escala à qual denominou *Al-Mutadarak*[1081].

Hamza ibn Al-Hassan Al-Asbahani[1082] diz:

> O Governo do Islam não produziu um estudioso árabe melhor do que Al-Khalil. Evidência disso é a invenção da disciplina da prosódia. Ele não a aprendeu de um sábio, nem a assimilou de uma matéria similar que a antecedeu. Se ele fosse muito antigo e seus traços fossem distantes, alguns iriam duvidar sobre a originalidade de seu ofício, que jamais alguém no mundo criou desde a criação do Universo. Ele também é autor de *Kitab Al-'Ayn*, que lista totalmente a língua de uma nação inteira. Ele também ajudou Sibawayh a escrever seu famoso livro, que é um minarete para o Governo islâmico[1083].

Al-Yafi'[1084] também diz: "Ele é Al-Khalil, que inventou a disciplina da prosódia, que é muito crucial para determinar o que é correto e incorreto na poesia. Ele é como Aristóteles, que escreveu sobre a lógica, que define a medida dos significados e a validez do argumento"[1085].

1078 Veja Umar Al Asa'd: *Malim Al Qafiyah wal Urud*, p. 11, Muhammad Ali Al Shawabkah e Anwar Abu Suwaylim: *Dicionário de termos Arud e Qafiyah*, p. 177, *Al Khatib Al Tabrizi: Al Wafi fi Al Urud wal Qawafi*, p. 32, 33.

1079 Al Jawhari: Ele é Abu Nasr Ismail ibn Hamad Al Jawahri Al Farabi (falecido em 398 d.H.-1007 d.C.), ele é de Farab (atualmente na Turquia). Escritor do mais famoso dicionário árabe. Seu tio é o famoso filósofo Al-Farabi. Veja Al Safadi, *Al Wafi bel Wafiyat* 9 / 69.

1080 Al Akhfash Al Kabir: Ele é Abdul Hamid ibn Abdul Hamid, servo de Qays ibn Tha'laba (177 d.H.-793 d.C.). Um dos grandes sábios da literatura árabe. Veja Al Zirikli: *Al A´lam* 3/288).

1081 Al Qanugi: *Ahjad Al Ulum* 2/381-382.

1082 Hamza ibn Al Hassan Al Asbahani (280 – 360 d.H./ 893 – 970 d.C.), historiador e literato. Tem muitas obras, entre elas: *Tarikh Asbahan*. Veja Mustafa Jalabi, Kashf Al Zunoun 1/282, 285, 301, e Al Zirikli: Al A'lam 2 / 277.

1083 Ibn Khillikan: *Wafiyat A´aian* 2 / 245.

1084 Al Yafi': Ele é Afif Al Din Abdullah ibn As'ad ibn Ali (698-768 d.H./1298-1367 d.C.), pesquisador, historiador, sufi, do shafi'itas do Iêmen. Nasceu em Aden e morreu em Makkah. Tem um livro famoso intitulado *Miraat Al Jinan*. Veja Ibn Hajar, *Al Durar Al Kaminah* 3/18-20.

1085 Al Ya'fi: *Miraat Al wa Jinan Ibrat Al Yaqzan Marifat fi Hawadith Al Zaman* 1 / 165.

Foi relatado que Al-Khalil Ibn Ahmad pediu a Deus quando estava em Makkah para ajudá-lo a estabelecer uma ciência, na qual ninguém o antecedeu e que só pode ser ensinada por ele. Quando ele voltou de sua peregrinação, Deus o ajudou a inventar esta disciplina. Al-Khalil tinha conhecimento sobre tons e harmonia e este conhecimento o ajudou muito na criação da ciência de *al árudh* por serem muito próximas uma da outra[1086].

O assunto da prosódia é a poesia árabe, que é medida em escalas específicas. Seu propósito é a distinção entre poesia e prosa e também assegurar o poeta de misturar entre diferentes linhas *(bahr)*, por serem muito semelhantes, e fazê-lo evitar que quebre a medida. Também é propósito desta disciplina garantir a leitura da poesia de maneira correta de acordo com a medida[1087].

Al-Khalil listou 16 *bahr* (linhas) na poesia árabe, ao reunir as palavras dos árabes: Al-Tawil, Al-Madid, Al-Bassit, Al-Wafir, Al-Kamil, Al-Hazaj, Ar-Rajaz, Ar-Raml, As-Sari', Al-Munsarih, Al-Khafif, Al-Mudari', Al-Muqtadab, Al-Mujtath, Al-Mutaqarib, Al-Mutadarak, (este último foi estabelecido por Al Akhfash).

Os estudiosos escreveram muitos livros sobre prosódia, entre os quais: *Árudh* (prosódia) de Ibn Al-Hajib[1088] e de Al-Khatib Al-Tabrizi[1089], *Árudh Al-Khazraji* e *Shifa Al-Álil fi Ílm Al-Khalil*, de autoria de Amin Al-Din Al-Mahalli[1090]. E o que foi citado por Al-Sakaki em seu livro *Takmilat Muftah Al-Úlum* é o bastante para quem quer saber sobre esta arte[1091].

1086 Ibn Khillikan: *Wafiyat A´aian* 2 / 244, Al Qanuji: *Abjad Al Ulum* 04/03.

1087 Amr Al Asad: *Malim Qafiyah wa Al Urud*, p. 16, Muhammad Abdel Muneim Khafaji e Abdel Aziz Sharaf: *Al Al Usul Faniyah le Awzan Al Shir Al Arabi* p. 20, 21.

1088 Ibn Al Hajib: Ele é Amr Abu Uthman ibn Amr ibn Abi Bakr (570 - 646 d.H. / 1174 - 1249 d.C.). Jurisprudente *(faqih)* daescola Maliki, um professor sênior de língua árabe. Ele nasceu no Alto Egito, e morreu em Alexandria. Seus livros incluem *Al Kafiyah fel Nahw*. Veja Ibn Al Imad: *Shazarat Al Zahab* 5 / 234.

1089 Al Khatib Al Tibrizi: Abu Yahia Zakariya ibn Ali ibn Muhammad Al Shibani, linguista famoso (421-502 d.H./ 1030-1109 d.C.), ele era um mestre sênior em língua e literatura. Ele nasceu em Tibriz e cresceu em Bagdá. Seus livros incluem *Sharh Diuan Al Hamasa li Abi Tamam*. Veja *Al A'lam Al Zirikli* 8 / 157, *Wafiyat Al aian* por Khillikan Ibn 6 / 191.

1090 Amin Al Din Al Mahalli: Ele é Abu Bakr Muhammad ibn Ali ibn Mussa ibn Abdel Rahman Al-Anssari (600-673 d.C.), escreveu ótimas poesias e muitos livros, incluindo *Urjuzah fel Árudh*. Veja Al Suiuti: *Bughiiat Al Wua'a* 1 / 192.

1091 Veja *Kashf Al Zunun* 2 / 1133, 1134.

3 – Os Dicionários (Al Ma'ajim)[1092]

Dr. Adnan Al-Khatib diz:

> Se cada idioma tiver orgulho do seu dicionário, então todo o orgulho é da língua árabe, porque o mundo não conhece uma nação como a nação árabe, que superou todas as nações em cuidar de sua língua, escrevendo-a, recolhendo-a, pesquisando os seus sinônimos e rastreando o significado de uma única letra com base em sua localização em uma palavra[1093].

Um dicionário é uma coleção de palavras em uma linguagem específica, muitas vezes, listados em ordem alfabética, com informações de uso, definições, etimologias, fonética, pronúncia e outras informações. A importância de um dicionário reside no fato de que ele contém um monte de palavras que nenhuma pessoa nativa daquela língua pode reunir, por mais habilidosa e cuidadosa que ela seja.

A ideia de criação de dicionários entre os árabes teve início depois da revelação do Alcorão Sagrado, no qual muitos sotaques dos árabes estavam representados. Também os não-árabes começaram a abraçar o Islam e era difícil para muitos deles compreender os significados de algumas palavras do Alcorão, o que tornou necessário interpretar os termos raros do Alcorão, do *hadith* e da língua árabe em geral.

O ofício de escrever dicionários entre os sábios árabes foi um fruto do patrimônio árabe, por isso foi considerado uma inovação dos estudiosos da língua árabe e um pioneirismo deles. Eles superaram outros estudiosos na criação de dicionários e usaram diferentes abordagens, o que enriqueceu os estudos sobre o dicionário árabe. Linguistas estrangeiros admitiram a excelência dos estudiosos árabes neste domínio. O orientalista alemão August Fischer (1865-1949) disse:

> Se excluirmos o povo chinês, nenhum povo tem direito a ter orgulho pela fartura de livros sobre as ciências de sua língua e pelo seu sentimento inicial de necessidade de ordenar as suas palavras de acordo com regras e princípios, como os árabes podem ter[1094].

1092 Veja Al *Al Mawsu'ah Al Arabiyah Al Alamiyah*, 1425 d.H./2004 d.C., edição digital da Arábia Saudita.

1093 Adnan Al Khatib: *Al Mu'jam Al Arabi bain Al Madi wal Al Hader*, p. 5.

1094 *Al Majallah Al Arabiya*, edição 334, 29 de zhul-qui'dah de 1425 d.H./ Janeiro 2005 d.C.

E o grande arabista John A. Haywood, professor sênior de estudos árabes na British Durham University, também acrescenta em seu livro *Criação de dicionários em língua árabe*: "Os árabes tinham um dicionário detalhado chamado Lisan Al-Arab"[1095]. Os dicionários escritos em todas as outras línguas antes do século XIX eram menos precisos e menos abrangentes"[1096].

As primeiras mensagens de dicionário sobre as palavras raras do Alcorão são atribuídas a Abdullah ibn Abbas (falecido em 68 d.H./687 d.C.), nelas ele respondeu às perguntas de Nafi' ibn Al-Azraq (falecido em 65 d.H./684 d.C.), um homem dos khawarij. Estas mensagens foram denominadas: *Masail Nafi' ibn Al-Azraq fi Gharib Al Qur'an (Questões de Nafi' ibn Al-Azraq sobre as palavras raras do Alcorão)*. Depois, sucederam outros livros sobre o assunto, como por exemplo: *Gharib Al-Qur'an* por Abu Sa'id Iban ibn Taghlub[1097], *Tafsir Gharib Al-Qur'an* por Imam Malik, *Gharib Al-Qur'an* por Abu Fid Mu'arrij ibn Amr Al-Sadusi[1098] e outros.

Os dicionários de significado geral e abrangente surgiram em meados do segundo século *hijri* com a autoria de Al-Khalil ibn Ahmad, que escreveu *Kitab Al-'Ayn*. O dicionário não estava em ordem alfabética, mas sim pela fonética, seguindo o padrão de pronúncia do alfabeto árabe[1099]. Em seguida, Abu Ali Al-Qali (falecido em 356 d.H./966 d.C.) seguiu os seus passos em seu dicionário *Al-Bari'i*, que também foi organizado pela fonética e é o primeiro dicionário que surgiu na Andaluzia. Outros dicionaristas também seguiram Al-Khalil no método de ordem fonética: Abu Mansur Al-Azhari[1100] em seu livro *Tahzib Al-Lughah* e Al-Sahib ibn Abbad (falecido em 385 d.H./995 d.C.), em seu livro *Al-Muhkam wal Muhit Al A'azam*. Ibn Duraid Al-Azdi, no entanto, tentou usar uma abordagem diferente em seu dicionário *Jamharat Al-Lughah*. Ele ordenou as palavras em ordem alfabética, no entanto, não aplicou este método completamente. E Ahmad ibn Faris[1101], em seu dicionário *Maqayis Al-Lughah*, também mistu-

1095 *Lisan Al Arab,* por Ibn Mandhur, falecido em 750 d.H.

1096 Adnan Al Khatib: *Al Mu'jam Al Arabi bain Al Hader wal Madi,* p. 5.

1097 Iban ibn Taghlub: Abu Said Iban ibn Taghlub ibn Rabah Al Bakri Al Jariri Al Kufi (141 d.H./758 d.C.), foi um linguista e homem de letras, xiita. Veja Al Zirikli: *Al A'lam* 26/01.

1098 Abu Fid Mu'arrij: Abu Fid Mu'arrij ibn Amr Al Sadusi (195 d.H./810 d.C.), ele era um mestre em língua árabe e gramática. Veja Al Fayruz Abadi: *Al Bulgha fi Tarajum Aimat Al Nahw wal Lugha* 1 / 56.

1099 Veja Al Khalil ibn Ahmad: *Mu'jam Al-'Ayn*, verificada por Abdel Hamid Hindawi 15/01.

1100 Al Azhari: Abu Mansour Muhammad ibn Ahmad ibn Al Azhari Al Harawi (282 - 370 d.H. / 895 - 981 d.C.). Ele é um dos mestres da língua e da literatura, nasceu e morreu em Hara, em Khurasan. Dentre os seus livros: *Tahzib Al Lughah*. Veja Ibn Khillikan: *Wafiyat Al'aian* 4 / 334.

1101 Ibn Faris: Abu Al Hussain ibn Ahmad ibn Faris Zakaria (329-395 d.H./941-1004 d.C.), ele é um dos mestres da língua e da literatura. Ele nasceu no mar Cáspio e mudou-se para Rie e morreu ali. Dentre os seus

rou entre o método de ordem alfabética e o título conforme a construção fonética das palavras.

Abu Nasr Al-Jawahri (400 d.H./1009 d.C.) utilizou um método diferente em seu dicionário *Al-Sihah*. Ele ordenou as palavras em ordem alfabética, porém dentro de capítulos de acordo com a última letra pronunciada.

E no final do século V *hijri* e início do século VI, Al-Zamakhshari escreveu *Assas Al-Balaghah*, utilizando somente o método de ordenagem em ordem alfabética, listando as palavras conforme a primeira letra, em seguida a segunda e a terceira letra, que é a forma utilizada pelos dicionários modernos. Ali ibn Al-Hassan Al-Hunaí, mais conhecido como Kura' Al-Naml[1102], o precedeu por mais de dois séculos, quando ele escreveu seu léxico *Al-Munaddad*, que ordenou em ordem alfabética (أ , ب , ت , ث), como foi mencionado por Yaqut Al-Hamawi em seu dicionário e por outros tradutores.

Em seguida, a escrita de dicionários de uso geral continuou, com base nas experiências anteriores. Ibn Mandhur escreveu o seu dicionário *Lisan Al-Arab* seguindo o método de Al-Jawahri em seu dicionário *Al-Sihah*. Al-Fayruzabadi também seguiu o mesmo método ao escrever seu livro *Al-Qamus Al-Muhit*. E Al-Murtada Al-Zubaidi[1103] se apoiou em *Al-Qamus Al-Muhit* na criação de seu dicionário *Taj Al-Arus min Jawahir Al-Qamus*, no entanto, ele acrescentou uma explanação sobre a letra de cada capítulo de seu dicionário, detalhando as características desta letra e seu uso linguístico.

Os léxicos (dicionários de vocabulários) são outro tipo de dicionários, visam a explicar o significado de uma palavra e revelar os seus mistérios. O principal trabalho dos léxicos é encontrar palavras e fórmulas a serem utilizadas para explicar o significado de certos sentidos ou coisas novas que recentemente entraram em sua vida. Esse tipo de dicionários teve uma abordagem diferente e foi ordenado pelo tema. O primeiro a escrever um livro desse gênero foi Ibn Al-Sakit (244 d.H./858 d.C.), autor de um livro chamado *Al-Alfadh*. Abdul Rahman ibn Issa Al-Hamazani[1104]

---

livros: *Maqayis Al Lughah*. Veja Ibn Khillikan: *Wafiyat Al'aian* 1 / 118.

1102 Kura' Al Naml: Abu Al Hassan Ali ibn Al Hassan Al Hunai (310 d.H./921 d.C.). Ele era um linguista árabe do Egito. Seu livro é Al Munaddad. Veja Al Safadi: *Al Wafi bel Wafiyat* 20/209.

1103 Al Murtada Al Zubaidi: Abu Al Fayd Muhammad ibn Muhammad ibn Abdel Al Razzaq Al Zubaidi, conhecido como Al Murtada, (1145-1205 d.H./1732-1790 d.C.). Ele era um mestre da língua, *hadith*, a disciplina de avaliação biográfica (Ilm Al Rijal) e ancestralidade. Nasceu na Índia, foi criado em Zubaid e morreu no Egito. Seus livros incluem *Uqud Al Jawahir Al Manifa fi Adillat Mazhab Al Imam Abu Hanifa* e *Mu'jam Taj Al Arus*.

1104 Abdul Rahman ibn Issa Al Hamazani (falecido em 320 d.H./932 d.C.). Ele era um escritor sênior. Foi o autor das mensagens enviadas pelo príncipe Bakr ibn Abdel Aziz Al Ugli. Dentre seus livros: *Al Alfadh Al*

também escreveu um livro chamado *Al-Alfadh Al-Kitabiyah*, seguindo o caminho utilizado por Ibn Al-Sakit. Qudamah ibn Jaafar[1105] foi autor de um livro chamado *Jawahir Al-Alfadh* após verificar o livro de Al-Hamazani, que não era suficiente para ele. Abu Hilal Al-Askari[1106] também escreveu um livro mestre a este respeito chamado *Al-Talkhis*. Pode ser visto como um dicionário, embora seja conciso. Abu Mansur Al-Tha'alibi[1107] também escreveu seu livro *Fiqh Al-Lugha*. Ibn Sidah Al-Andalusi também escreveu *Al-Mukhassas*, conseguindo um alto nível de abrangência e ordenação. É o maior léxico árabe até agora, rico em significados e material[1108].

O lexicógrafo europeu Hay Wood diz sobre a importância dos dicionários para os muçulmanos: "Na elaboração de dicionários e outras obras lexicográficas, os árabes, ou melhor, aqueles que escreveram em árabe, foram inigualáveis no mundo antigo e moderno, seja no Oriente ou no Ocidente"[1109].

Desta maneira, os dicionários árabes, em seus diferentes tipos, são da criação do pensamento árabe islâmico e resultado dos esforços feitos por estudiosos muçulmanos desde o segundo século islâmico.

Kitabiyah. Ibn Sahib Al Ibad disse sobre ele: "Ele recolheu os fragmentos da língua árabe em poucas páginas". Veja Al Zirikli: *Al A'alam* 3 / 321.

1105 Qudamah ibn Jaafar: Abu Al Faraj Qudamah ibn Jaafar ibn Qudamah (falecido em 337 d.H./948 d.C.), ele era um escritor em lógica e filosofia. Faleceu em Bagdá. Veja Ibn Kathir, *Al Bidaiah wa Al Nihayah* 11/220.

1106 Abu Hilal Al Askari: Abu Hilal Al Hassan ibn Abdullah ibn Sahl (falecido depois de 395 d.H./ 1005 d.C.), sábio em poesia, literatura e jurisprudência. Dentre os seus livros: *Al Talkhis*. Veja: Al Safadi: *Al Wafi bel Wafiyat* 12/50.

1107 Al Tha'alibi: Abu Mansour Abd Al Malik ibn Muhammad ibn Ismail: (350 - 429 d.H. / 961 - 1038 d.C.), um dos mestres da língua e da literatura. Ele nasceu em Naisabur. Dentre os seus livros *Yatimat Al Dahr*. Veja: Al Safadi, *Al Wafi bel Wafiyat* 19/130.

1108 Veja: Adnan Al Khatib: Al Mu'jam *Al Árabi bain Al Hadhir wal Madhi,* p. 37-46.

1109 Ahmad Mukhtar Omar: *Al bahth Al Lughawi Inda Al Árab*, p. 343.

A CIVILIZAÇÃO ISLÂMICA é um exemplo singular que inovou na crença e pensamento, nas artes e educação, nas ciências e experiências, na moral e valores, nos sistemas e fundações. Com o intuito de defender a história islâmica das suspeitas, abolir os erros atribuídos a ela, destacar para a humanidade o que os muçulmanos ofereceram e esclarecer ao ser humano o quanto os muçulmanos contribuíram em suas vidas, o Dr. Ragueb El Serjani escreveu esse livro que resume tais contribuições que nasceram a partir da revelação de Deus ao Seu último Mensageiro, Muhammad (a paz de Allah e Suas bênçãos estejam com ele), e continuam na vida de milhões de muçulmanos e influenciam a vida de milhões de pessoas.



www.islamstory.com

ISBN 978-85-923056-0-4